GUIA

DE

PECCADORES

E EXHORTAÇÃO Á VIRTUDE

NA QUAL SE TRATA COPIOSAMENTE

Das grandes riquezas, e formosura da Virtude; e do caminho, que se ha de seguir para a alcançar

COMPOSTA NA LINGUA HESPANHOLA

PELO VENERAVEL PADRE MESTRE

Fr. LUIZ DE GRANADA

Da ordem dos Prégadores

E TRADUZIDA NA PORTUGUEZA POR HUM ZELOSO DA SALVAÇÃO DAS ALMAS

OFFERECIDA, E CONSAGRADA

A S. VICENTE DE PAULO

Fundador da Congregação da Missão, e Filhos da Caridade

Ajuntase hum resûmo da Vida do Ven. P. M.; e hum appendix de dous Tratados, dos Sacramentos da Penitencia, e Communhão, tirados do Memorial da Vida Christãa, que elle mesmo compôz.

LIVRO II

NOVA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, Livreiro-Editor do Instituto

69, Rua do Ouvidor, 69.

PARIZ

E. BELHATTE, 14, Rua de l'Abbaye.

1873.

† Livros Católicos para Download

Ficão reservados os direitos de propriedade.

† Livros Católicos para Download

GUIA
DE
PECCADORES
E
EXHORTAÇÃO Á VIRTUDE

LIVRO II

Em que se trata dos vicios, e seus remedios: e das Virtudes, dando-se diversos avisos, e documentos para fazer a hum homem virtuoso.

PROLOGO

Por quanto não basta persuadir a hum homem, que queira ser virtuoso, se lhe não ensinamos o modo, como haja de o ser; por isso já que no livro passado allegámos tantas, e tão graves razões, para mover o nosso coração ao amor da Virtude, agora será razão, que desçamos a sua prática, e exercicio; dando diversos avisos, e documentos, que sirvão para fazer a hum homem verdadeiramente virtuoso. E porque (como diz hum Sabio) a primeira Virtude he carecer de vicios

(depois do que póde o homem insistir no exercicio das virtudes); por isso dividiremos este livro em duas partes; na primeira trataremos dos mais communs vicios, e de seus remedios: e na segunda, das Virtudes. Mas antes que entremos nesta materia, poremos primeiramente dous préambulos; que são dous presupostos muy necessarios, para quem quer que se determinar a emprender este caminho.

PARTE I

Dos vicios, e seus remedios.

CAPITULO I

DA PRIMEIRA COUSA, QUE HA DE PRESUPPÔR, O QUE QUER SERVIR A DEOS, E DAR-SE Á VIRTUDE.

1. Primeiramente, o que de novo se resólve offerecer-se ao serviço de Nosso Senhor, e mudar de vida, a primeira cousa, que lhe convêm fazer he, que sinta bem desta emprêza que toma; e a estime no que ella merece. Quero dizer, que entenda ser este o mayor negocio, o mayor thesouro, a mayor emprêza, e a mayor sabedoria, de quantas ha no mundo; antes deve estar persuadido, de não haver outro thesouro, nem outra sabedoria, nem outro negocio, senão este; como o significou o Propheta, quando disse *Aprende, ó Israel, aonde está a prudencia, aonde a fortaleza, aonde o juizo, e a discrição; para que juntamente vejas aonde está a vida dilatada, a provisão de todas as cousas, a luz dos olhos, e a paz.* Pelo que, com muita razão disse o Senhor por Jeremias: *Não se glorîe o Sabio em sua sabedoria, nem o forte em sua fortaleza, nem o rico em suas riquezas; mas o que se quizer gloriar, glorie-se em saber, e conhecer-me a mim* (porque aqui está a summa de todos os bens). Assim que, se algum for consumado entre os filhos dos homens, e não tiver este conheci-

mento, acompanhado da virtude, não tem de que se possa gloriar.

2. A isto nos convidão com especialidade todas as Divinas Escripturas, as quáes por tantas vias, e modos nos encommendão, e engrandecem este negocio: a isto todas quantas creaturas ha no Ceo, e na terra; a isto nos chamão todas as vozes, e clamores da Igreja; a isto todas as leys divinas, e humanas; a isto os exemplos de innumeraveis Santos, que cheyos desta luz do Ceo, desprezárão o mundo, e abraçárão tanto do coração a emprèza da virtude, que muitos delles se deixárão antes arrastar, e assar nas grélhas, e padecer outros mil generos de tormentos, do que fazer huma só offensa contra Deos, e estar por hum só instante em sua desgraça. Finalmente, a isto nos chamão, e obrigão todas as cousas, que no livro precedente havemos tratado; porque todas ellas nos convidão á *Virtude*, e declarão a grandeza de seu valor. Cada cousa destas, profundamente considerada, basta para declarar a importancia deste negocio; e muito mais todas ellas juntas; para que por isto entenda, o que se resolve a seguir este partido, quão grande, e gloriosa seja a emprèza, que tem tomado; e a quanto he razão, que se ponha por ella, como logo se dirá. Seja pois este o primeiro preâmbulo, e presuppôsto deste negocio.

CAPITULO II

DA SEGUNDA COUSA, QUE HA DE PRESUPPÔR, O QUE QUER SERVIR A N. SENHOR.

1. A segunda cousa he, que (sendo este hum negocio de tanta dignidade, e merecimento) te offereças a elle com hum coração esforçado, e prompto para supportar

todos os encôntros, e debates, que se te offerecem por sua causa; tendo tudo em pouco, só por sahir com huma emprêza tão gloriosa; presuppondo, que não quiz a natureza houvesse neste mundo cousa alguma grande, que não encerrasse em si algum tanto de difficuldade, que vencer. Porque no mesmo ponto, que a isto te resolveres, logo o poder do inferno porá em campo todas as suas forças contra ti; logo a carne amiga de deleites, e mal inclinada desde seu nascimento depois que se insicionou com o mortifero veneno daquella venenosa serpente) e te ha de importunamente solicitar, e convidar a todos os seus costumados passatempos, e regalos. Logo tambem o costume depravado (não menos poderoso, que a mesma natureza) recusará esta mudança, e ta pintará muy difficultosá; porque assim como he cousa de grande trabalho, tirar da madre a hum rîo, depois que por ella tem corrido muitos annos; assim tambem o he (em seu modo) tirar a hum homem da carreira, por onde o máo costume até agora o tem levado, e fazer-lhe tomar outro caminho. Logo tambem o mundo (poderosissima, e crueliss-ima besta) armado com a authoridade de tantos máos exemplos, como nelle ha, acudirá, convidando-nos, humas vezes com suas pompas, e vaidades; outras, solicitando-nos com máos exemplos, e peccados; outras tambem desanimando-nos com as perseguições, e murmurações dos máos: e como se tudo isto fosse pouco, sobrevirá tambem o demonio (astutissimo, poderossimo, e antiquissimo enganador) e fará o que costuma, que he, perseguir mais cruelmente, aos que de novo se lhe declarão por inimigos, e se rebéllão contra elle.

2. Por todas estas partes se te hão de mover difficuldades, e contradicções; e tudo isto has de ter já preme-

ditado, e presuppôsto, para que se te não faça novo, quando vier; lembrando-te daquelle prudente conselho do Sábio que diz; *Filho, quando te chegares ao serviço de Deos, conserva-te em justiça, e temor, e prepára a tua alma para a tentação.* E assim has de suppôr, que não és aqui chamado a féstas, jógos, ou passatempos; mas sim a embraçar o escudo, vestir o arnez, e empunhar a lança para pelêjar. Porque aindaque seja verdade, que tenhamos muitas, e grandes ajudas para seguir este caminho (como acima declaramos) com tudo não se póde negar, que se encontra aqui aos principios hum pouco de difficuldade. O que tudo deve ter o servo de Deos já previsto, e presuppôsto (para que se lhe não faça novo) tendo entendido, que a joya, porque milita, he de tão grande preço, que tudo isto merece, e muito mais. E para que o temor de todos estes inimigos atéqui ditos, te não faça desmayar, lembra-te (como acima dissemos) que são muito mais, os que são por ti, que os que são contra ti. Porque aindaque da parte do peccado estejão todos esses contradictores, da parte da virtude estão outros mais poderosos que elles. Porque contra a natureza corrupta, está (como dissemos) a graça divina; contra o demonio, Deos; contra o máo costume, o bom; contra a multidão dos malignos espiritos, a dos bons; contra os máos exemplos, e perseguições dos homens, os bons exemplos, e exhortações dos Santos; contra os deleites, e gôstos do mundo, os deleites, e consolações do Espirito Santo: e manifesta cousa he, ser cada hum destes ajudadores mais poderoso, que o seu contrario; porque mais poderosa he a graca que a natureza; mais poderoso Deos que o demonio; mais poderosos os Anjos bons que os máos; e finalmente mayores, e mais efficazes as consolações espirituáes que as sensuáes, sem comparação alguma.

CAPITULO III

DO FIRME PROPOSITO, QUE O BOM CHRISTÃO DEVE TER, DE NUNCA FAZER COUSA, QUE SEJA PECCADO MORTAL.

1. Presuppôstos pois estes dous preâmbulos, como principáes fundamentos de todo este edificio; a primeira, e mais principal cousa, que deve fazer, o que devéras se resolve offerecer-se ao serviço de N. Senhor, e ao estudo da virtude, he, plantar em suá alma hum *firmissimo proposito* de nunca já mais fazer cousa, que seja peccado mortal, pelo qual só se perde a amizade, e graça de N. Senhor, com todos os outros bens, que no Tratado do *Sacramento da Penitencia* dissemos, que por elle se perdião. Este he o principal fundamento da vida virtuosa; com isto he, que se conserva a graça, e a amizade de Deos, e o direito ao Reyno do Ceo; nisto consiste a caridade, e a vida espiritual da alma; isto he, o que faz aos homens filhos de Deos, templos do Espirito Santo, e membros vivos de Christo; e como táes, participantes de todos os bens da Igreja. Em quanto a alma conservar este proposito, estará em caridade, e em estado de salvação; mas tanto que este lhe faltar, logo he riscada do livro da vida, e escrita no da morte eterna, e trasladada ao reino das trévas.

2. De sorte, que bem considerado este negocio, parece, que assim como em todas as cousas, assim naturáes, como artificiáes, ha substancia, e accidentes; entre as quáes ha esta differença, a saber, que, mudados os accidentes, fica todavia a substancia (como quando desfeitos os lavôres, e pinturas de huma casa, esta fica em pé, aindaque imperfeita; porêm caîda a casa, que he como a substancia, não fica em pé cousa alguma

della); assim tambem em quanto este santo proposito estiver fixo, e gravado na alma, permanece em pé a substancia da virtude; porem faltando este, nenhuma cousa ha, que não fique por terra. A razão disto he; porque todo o ser da vida virtuosa consiste na caridade, que he amar a Deos sobre todãs as cousas; e aquelle o ama deste modo, que aborrece o peccado mortal sobre todas ellas; porque só por este se perde a caridade, e amizade de Deos. Pelo que, assim como a cousa, que mais se oppõem, e repugna ao matrimonio, he o adulterio, assim tambem o que mais repugna á vida virtuosa, he o peccado mortal; porque este só dá a morte á caridade, em a qual esta vida consiste.

3. Esta he a causa, pela qual todos os Santos Martyres se deixárão padecer tão horriveis tormentos por isto se deixárão assar, esfolar, arrastar, atenazar, e despedaçar, só por não commetter hum só peccado mortal, com que estivessem hum só instante fóra da amizade, e graça de Deos; aindaque muito bem sabião, que acabando de peccar, se podião arrepender de seu peccado, e alcançar perdão delle (como fez S. Pedro acabando de negar a Christo); mas com tudo isso escolhêrão antes passar por todos os tormentos do mundo, do que estar por espaço de hum só *Credo* em desgraça deste Senhor.

4. Entre os quáes exemplos são muy assinalados os de tres mulheres; huma do Testamento Velho, mãy de sete filhos; e duas do Novo, huma das quáes se chamava *Felicitas*, e a outra *Simphorósa*, mãy tambem cada huma de outros sete; as quáes todas se achárão presentes aos seus tormentos, e martyrios; e vendo-os despedaçar diante de seus ólhos, não só não desmayárão com este tão doloroso espectáculo, mas antes os estiverão esforçando, e animando a morrer constantissi-

mamente pela Fé, e obediencia de Deos N. Senhor; e assim ellas juntamente com os filhos, morrêrão com grande animo por esta causa.

5. Porem não sei se anteponha a estes tão illustres exemplos hum, que escreve S. Jerónymo na vida de S. Paulo, primeiro Eremita, de hum santo mancebo por nome *Nicetas;* ao qual, depois de intentados outros muitos meyos, quizerão os tyrannos quasi por força, obrigar a que offendesse a Deos. Para isto o fizérão deitar de cóstas, despojado de seus vestidos, em huma branda cama, á sombra das arvores de hum muy améno jardim, atando-lhe com humas muy brandas ligaduras os pés, e as mãos, para que não podesse fugir, nem defender-se. O que feito, introduzîrão allî huma má mulher bem adornada, para que usando de todos os meyos possiveis, pudesse vencer a virtude, e constancia do santo mancebo. Que faria aqui o valeroso soldado de Christo? que meyo tomaría para evitar tão grande deshonra, estando nû, e atado de pés, e mãos? Mas com tudo isso não faltou aqui a virtude do Ceo, e a assistencia do Espirito Santo; o qual lhe inspirou, que para defender-se do presente perigo, fizesse huma cousa a mais nova, e estranha de todas, quantas até hoje se achão escritas nas historias dos Gregos, e Latinos. Porque o santo moço, com a grandeza do temor de Deos, e odio do peccado, cortou a lingua com seus proprios dentes (que só tinha livres) e a cuspio na cára daquella deshonesta mulher; e assim a espantou, e lançou de si com esta tão estranha acção; e temperou o natural ardor de sua carne com a força desta dôr: Isto basta, para que em summa se veja por aqui o gráo, em que todos os Santos aborrecêrão hum só peccado mortal. Podia tambem contar aqui os exemplos de outros, que nûs se revolvêrão entre as çarças, e espi-

nhos; e de outros no meyo do Inverno se deitárão entre as pelas de neve, para mitigar os incendios da carne, atiçados pelo demonio.

6. Pois o que quizer caminhar por este caminho, procure ter bem fixo, e gravado em sua alma este firme proposito, estimando em mais (como justo estimador das cousas) a amizade de Deos, que todos os thesouros do mundo, deixando perder o menos pelo mais, quando para isso se offerecer occasião. Nisto funde, e estabeleça a sua vida; a isto dirija, e encaminhe todos os seus exercicios, isto peça ao Senhor em todas as suas orações; para este fim frequente os Sacramentos; isto tire dos Sermões que ouvir, e dos bons livros que lêr; isto aprenda da fabrica, e formosura de todas as creaturas deste mundo; este fruto côlha com especialidade da Paixão de Christo, e de todos os outros beneficios divinos, convêm a saber, o não offender a quem tanto deve; e confórme a firmeza deste santo temor, e proposito meça o gráo de seu aproveitamento, tendo-se por mais, ou menos aproveitado, quanto mais, ou menos tiver de firmeza desta resolução.

7. E assim como o que quer prêgar hum prégo, para que fique bem seguro, não se contenta com dar-lhe huma, nem duas, nem tres martelladas, mas ajunta huma, e outras muitas até cançar; assim o homem não deve contentar-se com este proposito assim de qualquer modo; mas trabalhe cada dia por tomar occasião de quantas cousas vir, ouvir, lêr, ou meditar, para criar em si mais, e mais amor de Deos; mais, e mais odio ao peccado; porque á proporção que crescer neste odio, aproveitará tambem naquelle divino amor; e por conseguinte em toda a virtude.

8. E para estar mais firme nisto, persuada-se, e creya

firmemente, que se todos quantos desastres, e males de pena tem havido no mundo, desde que Deos o creou, até hoje; e quantas penas padecem no Inferno todos os condenados que ha nelle, se puzessem em huma balança, e hum peccado mortal em outra, sem comparação alguma he mayor mal só este peccado, e mais digno de ser fugido, que todas aquellas penas; aindaque a cegueira, e trévas horriveis deste Egypto não o deixão praticar assim, mas de outra muy differente maneira. Porem não he de admirar, que os cégos não vejão este tão grande mal; nem que os mortos não sintão esta tão grande lançada, pois não he dado aos cégos vêr cousa alguma, por grande que seja; nem aos mortos sentir qualquer ferida, aindaque seja mortal.

§.

9. Pois como neste segundo Livro se trate da *Virtude*, e seu exercicio (cujo contrario he o peccado); a primeira parte delle se empregará em tratar do ódio, que se deve ter ao peccado; e especialmente de seus remedios; porque arrancadas da alma estas más raizes, facil cousa será plantar em seu lugar as plantas das virtudes, das quáes se trata na segunda parte. E não sómente se tratará aqui dos peccados mortáes, mas tambem dos veniáes; não porque estes tirem a vida da alma, mas porque a enfraquecem, e entibião; e assim a dispõem para a morte. E por esta mesma razão se trata aqui tambem daquelles sete vicios, a que commumente chamão *Capitáes*, ou *mortáes* (que são cabeças, e raizes de todos os outros); não porque sempre sejão mortáes; mas porque muitas vezes o podem ser, quando por elles se chega a transgredir algum dos

mandamentos de Deos, ou da Igreja; ou se faz alguma cousa contra a Caridade.

10. Servirá esta doutrina, para que o que se sentir muy tentado, e acoçado de algum vicio, acuda a ella, como a huma espiritual botica; e entre diversas medicinas, que aqui se apontão, escôlha a que mais fizer á seu proposito. Verdade he, que entre estes remedios, huns são geráes contra todo o genero de vicios (dos quáes tratamos no *Memorial da vida Christãa*, aonde se puzêrão quinze, ou desaseis sortes de remedios contra o peccado); e outros ha particulares contra particulares vicios, como contra a soberba, avareza, ira, etc. E destes trataremos neste lugar; applicando a cada vicio seu remedio; e provendo de armas espirituáes contra elle.

11. Mas aqui he muito de notar, que para esta batalha, não temos tanta necessidade de braços para pelêjar, nem de pés para fugir, quanta de olhos para vêr; porque estes são os principáes instrumentos, e armas desta milicia; a qual não he contra a carne, nem sangue, mas sim contra os perversos demonios, que são creaturas espirituáes. A razão disto he; porque a primeira raiz de todo o peccado he o erro, e engano do entendimento, que he o conselheiro da vontade: por cuja causa procurão sempre os nossos adversarios perverter o entendimento; porque pervertido este, logo he tambem pervertida a vontade, que se rege por elle. Por isso trabalhão por vestir o mal com a côr, e capa de bem; e vender o vicio debaixo da imagem, e apparencia de virtude; e encobrir de tal sorte a tentação, que não pareça tentação, mas razão. Porque se nos querem tentar de ambição, de avareza, ou de ira, e desejos de vingança, procurão fazer-nos entender, que he cousa pósta em razão, desejar o que desejamos;

e que seria contra a mesma razão, fazer outra cousa; encobrindo o laço da tentação com a capa da razão; para que assim possão melhor enganar ainda áquelles, que se regem por vîa de razão. Para isto pois he necessario, que o homem tenha ólhos, com que veja o anzol debaixo da isca; e não se engane com só a imagem, e apparencia do bem.

12. Tambem são necessarios ólhos para vêr a malicia, a fealdade; o perigo, e os danos, e inconvenientes, que consigo traz o vicio, de que somos tentados; para que com isto se refrêe, e reprima o nosso appetîte, e tema de gostar, o que gostado, lhe ha de causar a morte. Por donde aquelles misteriosos animáes de Ezechiel (que são figura dos varões Santos) com ter todos os outros membros singelos, estavão por todas as partes cheyos de ólhos, para dar a entender quanta necéssidade tem os servos de Deos destes espirituáes ólhos para se defenderem dos vicios. Deste remedio pois usaremos principalmente nesta materia; com o que ajuntaremos tambem todos os outros, que parecerem ser necessarios, como no progresso se verá.

CAPITULO IV

REMEDIOS CONTRA A SOBERBA.

1. Havendo pois de tratar nesta primeira parte dos vicios, e de seus remedios, começaremos por aquelles sete, que chamão *Capitáes;* porque são cabeças, e fontes de todos os outros: por quanto assim como cortada a raiz de huma arvore, logo se secção todos os ramos, que della recebião vida, assim tambem cortadas estas sete universáes raizes de todos os vicios, logo cessarão

todos os outros, que dellas procedem. Por esta causa escrevêo Cassiano com tanta diligencia oito livros contra estes vicios (o que tambem tem feito com muito estudo outros muy graves Authores) por ter muito bem entendido, que, vencidos estes inimigos, não poderião levantar cabeça todos os mais.

2. A razão disto he; porque todos os peccados (como diz S. Thomaz) tem a sua origem, e principio no amor proprio; pois todos se commettem por desejo de algum bem particular, que este amor nos faz desejar. Deste amor pois nascem, como de raiz, aquelles tres ramos, que S. João diz em sua Epistola, a saber; *Concupiscencia da carne*, *Concupiscencia dos ólhos*, *e Soberba da vida*: que por termos mais claros são, amor de deleites, amor de riquezas, e amor de honras; porque estes tres amores procedem daquelle primeiro amor. Assim que, do amor dos deleites nascem tres vicios capitáes, que são; *Luxuria*, *Gula*, e *Preguiça*. Do amor de honras nasce a *Soberba*: e do amor das riquezas a *Avareza*. Os outros dous vicios, que são *Ira*, e *Inveja*, servem a qualquer destes máos amores; porque a *Ira* nasce, de que nos impeção qualquer destas cousas, que desejamos; e a *Inveja*, de que alguem se nos adiante em prosperidade, e alcance aquillo, que o amor proprio quizera antes para si, do que para os seus visinhos. Sendo pois estas as tres universáes raizes de todos os males, de que procedem estes sete vicios, daqui he, que, vencidos estes, ficará tambem logo vencido o esquadrão de todos os outros. Pelo que, todo o nosso estudo se ha de tambem agora emprêgar em combater contra estes tão poderosos gigantes, se queremos ficar vencedores de todos os outros inimigos, que nos tem occupada a terra da promissão.

3. Entre os quáes o primeiro, e mais principal,

he a *Soberba*; a qual he hum *desordenado appetite da propria excellencia*. Esta (dizem os Santos) he a mãy, e rainha de todos os vicios; e por isso com muita razão aquelle Santo Tobias entre outros avisos, que dava a seu filho, hum era, dizendo: *Nunca permittas, que a Soberba tenha dominio sobre teu pensamento, nem sobre tuas palavras; porque della teve principio toda a nossa perdição*. Quando pois este pestilencial vicio tentar teu coração, podes valer-te contra elle das armas seguintes.

4. Primeiramente, considéra o espantoso castigo, com que forão castigados aquelles mãos Anjos, que se ensoberbecêrão; porque em hum momento forão derribados do Ceo, e lancados nos abysmos. Vê pois como este vicio escurecêo, ao que resplandecia mais que todas as estrellas do Ceo; e como não só fez demonio, mas o peyor de todos os demonios, ao que não só era Anjo, mas o mais principal entre os Anjos. Pois se isto se fez com os Anjos, que se fará contigo pó, e cinza? Não he Deos contrario a si mesmo, nem aceitador de pessoas; mas assim no Anjo, como no homem lhe desagrada a soberba, e agrada a humildade. Por cuja causa, diz Santo Agostinho: *A humildade faz dos homens Anjos; e a soberba faz dos Anjos, demonios*. E S. Bernardo diz: *A soberba derriba do mais alto até ao mais baixo; e a humildade levanta do mais baixo até ao mais alto. O Anjo ensoberbecendo-se no Ceo, cahio nos abysmos; e o homem humilhando-se na terra, he levantado sobre as estrellas do Ceo*.

5. Com este castigo da soberba, considéra tambem o exemplo daquella incomparavel Humildade do Filho de Deos, que por teu amor tomou tão baixo natureza; e por amor de ti obedecêo a seu Eterno Padre até a morte, e morte de Cruz. Aprende pois, homem, a

obedecer; aprende, terra, a estar debaixo dos pés; aprende, pó, a ter-te em nada; aprende, ó Christão, de teu Senhor, e teu Deos, que foi manso, e humilde de coração. Se te desprezas de imitar o exemplo do outros homens, não te desprezes de imitar o de Deos, que se fez homem, não só para nos remir, mas tambem para nos fazer humildes.

6. Põem tambem os ólhos em ti mesmo; porque dentro de ti acharás cousas, que te préguem humildade. Considéra pois o que eras, antes que nascesses; e o que és agora depois de nascido; e o que serás depois de morto. Antes de nascer, eras huma materia immunda, e indigna de nomear-se; agora és hum monturo coberto de néve; e depois serás manjar de bichos. Pois de que te ensoberbeces, homem, sendo o teu nascimento *culpa*, a tua vida *miseria*, e o teu fim *podridão*, e corrupção? Se te ensoberbeces pelo esplêndor dos bens temporáes que possûes, espéra hum pouco, que virá a morte, e nos fará iguáes a todos; porque assim como todos (quanto á condição natural) nascemos iguáes; assim tambem todos (pela commua necessidade) morremos iguáes excepto só, que depois da morte terão mais, de que dar conta, os que mais tiverão. Conforme ao que diz S. João Chrysóstomo: *Observa com attenção as sepulturas dos mortos, e procura nelles algum rasto da magnificencia, com que viverão; ou das riquezas, e deleites de que gozárão. Dize-me, aonde estão allí os ornatos, e vestidos preciosos? aonde os passatempos, e recreações? aonde a companhia, e multidão de criados? Acabarão-se os gôstos dos banquetes, os risos, os jógos, e a alegria mundana. Chega-te mais de perto á sepultura de cada hum delles, e não acharás mais que pó, cinza, bichos, e óssos hediondos.* Este pois he o fim dos corpos, aindaque em muitos prazêres, e regalos hajão

sido creados. E quizesse Deos que todo o mal parasse só nisto : porem muito mais he para temer, o que depois se segue, que he o tremendo tribunal do divino juizo; a sentença, que allî se ha de dar; o pranto, e ranger de dentes ; as trévas sem remedio ; os bichos roedores da consciencia, que nunca morrem ; e o fogo que nunca se apagará.

7. Considéra tambem o perigo da vangloria (filha da soberba) da qual diz S. Bernardo *Ligeiramente vôa, e ligeiramente penetra, mas não faz ligeira ferida.* Por isso se alguma ver os homens te louvarem, e honrarem, deves logo vêr se cabem, ou não em ti essas cousas, de que és louvado; porque se nenhuma cousa destas tem lugar em ti, nada tens, de que te gloriar. Mas se por ventura se acha em ti, dize logo com o Apostolo : *Pela graca de Deos sou, o que sou.* Assim que, não deves ensoberbecer-te, mas humilhar-te, e dar a gloria a Deos, a quem deves tudo, o que tens, para que te não faças indigno delle : pois he certo, que assim a honra que te fazem, como a causa porque a fazem, he de Deos : pelo que, toda a honra e gloria, que ati aproprías, a elle a furtas. Pois que servo póde haver mais desleal, que o que furta a gloria a seu senhor? Vê tambem quão grande loucura seja, pezar a tua estimação pelo juizo, e parecer dos homens, em cuja mão está, inclinarem a balança para a parte que quizerem, e tirarem-te daqui a pouco aquillo mesmo, que agora te derão; e deshonrarem-te aquelles mesmos, que agora te honrárão. Se pões a tua estimação em suas linguas, humas vezes serás grande, outras pequeno, e outras nada, como o quizerem as linguas dos homens mudáveis. Pelo que, não já mais deves medir-te pelos louvôres alhêos, mas sómente pelo que tu sabes de ti e aindaque os outros te levantem até ao Ceo, vê o que de ti

diz a tua consciencia; e dá-te mais credito a ti mesmo, que te conheces melhor, do que aos outros, que te olhão de longe, e julgão como de ouvida. Deixa-te pois dos juizos dos homens, e deposîta a tua gloria nas mãos de Deos; o qual he sabio para guardal-a, e fiel para restituil-a.

8. Considéra tambem, homem ambicioso, a quanto perigo te expões, desejando mandar a outros. Porque como os poderás mandar, náo tendo tu primeiro obedecido a ti? Como darás conta de muitos, pois apenas a pódes dar de ti só? Vê o grande perigo, a que te expões, ajuntando aos teus peccados os de teus subditos, que se assentão á tua conta? Pelo que diz a Escriptura *Hum durissimo juizo se ha de fazer sobre os que mandão, e governão; e os poderosos serão poderosamente atormentados.* Mas quem poderá declarar os grandes trabalhos, em que vivem, os que tem a seu cargo o cuidado de muitos? Isto declarou muito bem certo Rey, que havendo de ser corôado, primeiro que lhe puzessem a corôa na cabeça, a tomou em as mãos, e a teve assim por hum pouco de tempo, dizendo *Oh corôa, corôa, mais preciosa que ditosa! Se te conhecessem bem, ainda que te achassem no chão, não te levantarião.*

9. Considéra tambem, ó soberbo, que a ninguem agradas com tua soberba: não a Deos, a quem tens por contrario; porque elle resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes. Não aos humildes, porque claro está, que estes aborrecem toda a altivez, e soberba. Nem tão pouco aos outros soberbos semelhantes a ti; porque pelas mesmas razões, que tu te clévas, elles te aborrecem; porque não querem vêr a outro mayor que elles. Nem ainda a ti mesmo contentarás neste mundo, se reflectindo a ti, conheceres a tua vaidade, e loucura;

e muito menos no outro, quando por tua soberba padeceres eternamente. Pelo que, fallando S. Bernardo na pessoa de Deos, diz assim *Ó homem, si tu te conheceras bem, de ti te descontentarias, e me agradarias a mim; mas porque te não conheces, estás ufano em ti, e me descontentas a mim : tempo virá, quando nem a mim, nem a ti contentarás; a mim não, porque peccaste; e a ti tão pouco, porque arderás para sempre.* Ao diabo só parece bem a tua soberba ; o qual por ella de formosissimo Anjo se fez abominavel demonio; e por isso naturalmente folga com seus semelhantes.

10. Ajudará tambem para humilhar-te, e considerar quão poucos serviços, e merecimentos tens diante de Deos, que sejão puros, e verdadeiros serviços; porque muitos vicios ha, que tem imagem, e apparencia de virtude; e muitas vezes a vangloria destróe a obra, que de si he boa; e não poucas o que aos ólhos dos homens se móstra formoso, e resplandecente, he feyo, e escuro em os de Deos. Outros são, e diversos dos nossos, os juizos daquelle rectissimo Juiz ; ao qual desagrada menos o peccador humilde , que o justo soberbo ; aindaque este não se póde com verdade chamar justo, se he soberbo. E se por ventura tens feito algumas obras boas, lembra-te que talvez serão mais as más, que as boas ; e essas boas que fizesse, por ventura forão feitas com tantos defeitos, e tibieza, que póde ser, tenhas mais razão de pedir por ellas perdão, que recompensa. Por cuja causa diz S. Gregorio : *Ay da vida virtuosa, se a julgar Deos, pondo de parte a sua piedade : porque pelas mesmas cousas, com que imagina que agrada, póde ser que por essas seja confundida; porque nossos males são puramente males; mas nossos bens, nem sempre são puramente bens* (porque muitas vezes vão acompanhados de muitas imperfeições). Por cuja causa mais razão

tens para temer tuas boas obras, que para gloriar-te dellas; como o fazia aquelle Santo Job, o qual dizia *Receava eu, Senhor, todas as minhas obras, sabendo que não perdoáis ao delinquente.*

§ ÚNICO.

DE OUTROS REMEDIOS MAIS PARTICULARES CONTRA A SOBERBA.

11. Mas porque assim como o principal fundamento da humildade, he o conhecimento de si proprio, assim o da soberba, he a ignorancia de si mesmo por tanto, o que deseja de verdade humilhar-se, trabalhe por se conhecer, e assim se humilhará. Porque como não abaterá seus pensamentos, o que vendo-se sem lisônja á luz da verdade, se acha cheyo de peccados, immundo com as fezes dos deleites carnáes, involto em mil erros, espantado com mil vãos temôres, cercado de muitas perplexidades, carregado com o pêso do corpo mortal, tão facil para todo o mal, e tão pesado para todo o bem? Por tanto, se deligentemente, e com attenção te olhares, verás claramente como não tens cousa, por que te ensoberbeças.

12. Porem ha alguns, que aindaque vendo-se a si mesmos, se humilhão, pondo os olhos nos outros, se ensoberbecem, fazendo comparação de si a elles, e achando-se melhores que elles. Os que por esta via se levantão, e presumem de si, deverião considerar, que dado caso, que em alguma cousa sejão melhores que os outros, com tudo, se bem se conhecessem, em muitas cousas se acharião menores. Pois porque presumes de ti, e desprézas a teu proximo? por seres mais absti-

nente, ou mais trabalhador que elle? Pois elle (aindaque não tenha isso será por ventura mais humilde, ou mais prudente, ou mais soffrido, ou mais caritativo que tu. Por tanto, mayor cuidado deves pôr em attender, ao que te falta, que ao que tens; e ás virtudes que o outro tem, que as que tu possûes: porque este pensamento te conservará em humildade, e despertará em ti o desejo da perfeição. Mas se pelo contrario, pões os olhos no que tens, e no que aos outros falta, ter-te-has em mais que elles, e te farás negligente no estudo da virtude. Porque parecendo-te (em comparação dos outros) que és alguma cousa, virás a estar contente, e satisfeito de ti mesmo; e a perder deste modo o desejo de passar adiante.

13. Se por alguma boa obra sentires, que teu pensamento se levanta, então he que hás de vigiar mais sobre ti, para que o contentamento de ti mesmo não destrûa o bem, que fizeste; e a vangloria (pestilencia das boas obras) o não corrompa: mas sem attribuir cousa alguma aos teus merecimentos, refere, e agradece tudo á Divina Clemencia; e reprime tua soberba com as palavras do Apostolo que diz: *Que tens, que não hajas recebido? e se o recebeste, porque te glorias, comò se o não tiveras recebido?* As boas obras, que sem obrigação, e para mayor perfeição fazes (se não és Prelado) trabalha por escondêl-as de sorte, que não saiba a tua mão esquerda, o que faz a direita; porque a vangloria muy facilmente acomete as obras, que se fazem em publico. Quando vires, que teu coração se começa a levantar logo deves applicar-lhe o remedio, e este será, trazer á memoria teus peccados; e especialmente o mayor, ou os mayores, que tiveres commettido; e deste modo curarás huma peçonha com outra, como fazem os medicos. De sorte, que olhando, como o pavão, para

a mais feya cousa, que tens em ti, logo desfarás a róda de tua vaidade.

14. Quanto mayor fôres, tanto mais humildemente te deves tratar; porque se na realidade és baixo, não he muito, que sejas humilde; porem se és grande, e honrado, e com tudo isso te humilhas, alcançarás huma muy rara, e muy grande virtude; porque a humildade na honra, he honra da mesma honra, e dignidade da dignidade; e se esta falta, perde-se essa mesma dignidade.

15. Se desejas alcançar a virtude da humildade, segue o caminho da humiliação; porque se não quizeres ser humilhado, nunca chegarás a ser humilde. E dado, que muitos se humilhão, que na verdade não são humildes, toda via he sem duvida, que (como diz S. Bernardo) a humiliação he caminho para a humildade; assim como a paciencia para a paz, e o estudo para a sabedoria. Obedece pois humildemente a Deos, e (como diz S. Pedro) a toda a humana creatura por amor de Deos.

16. Tres temores quer S. Bernardo, que morem sempre em nosso coração: hum, para quando se tem a graça; outro, para quando se pérde; e outro, para quando se recupéra. Teme (diz) quando estás em graça, para que não faças alguma cousa indigna della; teme, quando a perdes, porque faltando esta, ficas tu desamparado da guarda, que te defendia; e teme, se depois de perdida, a recobrares, para que a não tornes a perder. E temendo desta sorte, não presumirás de ti, estando cheyo de temor de Deos.

17. Procura ter paciencia em todas as tuas perseguições; porque no soffrimento das injurias se conhece o verdadeiro humilde. Não desprezes os pobres, e necessitados; porque á miseria do proximo mais se deve com-

paixão, que desprezo. Procura que teus vestidos não sejão curiosos; porque quem estima muito o vestido precioso, nem sempre tem o coração humilde; e o que isto faz, respeito móstra ter aos olhos dos homens; pois não os veste, senão quando póde ser visto. Porem juntamente adverte, que não seja o vestido o mais vil, do que te convêm, para que fugindo da gloria, e não procures; como fazem muitos, que querem agradar aos homens, mostrando que não fazem caso de lhes agradar; e assim fugindo os louvores, astutamente os procurão. Nem tão pouco has de desprezar os officios baixos; porque o verdadeiro humilde não fóge dos exercicios humildes, como indignos da sua pessoa; mas antes de sua propria vontade se offerece a elles, como quem em seus proprios olhos se reputa, e tem por baixo.

CAPITULO V

DOS REMEDIOS CONTRA A AVAREZA.

1. *Avareza* he hum desejo desordenado de fazenda. Pelo que, com razão he tido por avarento, não só o que rouba, senão tambem o que desordenadamente cobiça as cousas alhêas, ou desordenadamente guarda as suas. Este vicio condenou o Apostolo, quando disse : *Os que desejão ser ricos, cahem em tentações, e laços do demonio, e em muitos desejos inuteis, e danosos, que levão os homens á perdição. Porque a cobiça he a raiz de todos os males.* Não se podia mais encarecer a malicia deste vicio, que com estas palavras; pois por ellas se dá a entender, que quem a este vicio está sujeito, de todos os outros he escravo.

2. Pois quando este vicio tentar teu coração, poder-te-

has armar contra elle com as considerações seguintes. Primeiramente considéra, ó avarento, que teu Senhor, e teu Deos, quando descêo do Ceo a este mundo, não quiz possuir estas riquezas, que tu desejas; antes de tal sorte amou a pobreza, que quiz tomar carne humana de huma pobre, e humilde Virgem, e não de huma muy alta, e poderosa Rainha. E quando nascêo, não quiz ser aposentado em grandes palacios, nem reclinado em cama branda, nem em berço delicioso, mas em hum duro, e vil presépio sobre humas pobres, e humildes palhas. Depois disto, em quanto vivêo neste mundo, sempre amou a pobreza, e desprezou as riquezas; escolhendo para seus Embaixadores, não a Principes, nem a grandes Senhores, mas a huns rûdes, e pobres pescadores. Pois que mayor abuso, e desordem, que querer o vil bichinho da creatura ser rico, havendo-se por seu amor feito tão pobre o Senhor de todo o creado?

3. Considéra tambem, quanta seja a vileza de teu coração; pois sendo a tua alma creada á imagem, e semelhança de Deos, e remîda com seu Sangue (em cuja comparação he nada todo o mundo) a queres tu perder por hum pouco de interêsse. Não déra Deos a sua vida por todo o mundo, e dêo-a pela alma do homem: logo de mayor valor he huma álma, que todo o mundo. As verdadeiras riquezas não são ouro, nem prata, nem pedras preciosas, mas as virtudes, que consigo traz a boa consciencia. Põem de parte a falsa opinião dos homens, e verás não ser outra cousa o ouro, e a prata, que terra branca, e amarélla, que o engano dos homens tem feito preciosas. O que todos os Philosophos do mundo desprezárão, tu discipulo de Christo, chamado para mayores bens, o tens por cousa tão grande, que te fazes seu escravo? Porque (como diz S. Jerónymo) aquelle he servo das riquezas, que as guarda como servo; mas

quem de si sacudio este jugo, reparte-as como senhor.

4. Considéra tambem, que (como diz o Salvador) ninguem póde servir a dous Senhores, isto he, a Deos, e ás riquezas; e que não póde o espirito do homem contemplar livremente a Deos, se corre ancioso atráz das riquezas do mundo. Os deleites espirituáes fogem do coração occupado com os temporáes; e não se poderão ajuntar em hum as cousas vãas com as verdadeiras, as altas com as baixas, as eternas com as temporáes, e as espirituáes com as carnáes, para que possas ao mesmo tempo gozar de humas, e de outras. Considéra tambem, que quanto mais prosperamente te succedem as cousas terrenas, tanto mais por ventura és miseravel, pelo motivo, e occasião, que nisto se te dá, de fiar-te dessa falsa felicidade, que se te offerece. Oh se bem soubesse quanta desventura tráz consigo esta pequena prosperidade! O amor das riquezas mais atormenta com seu desejo, que deleita com seu uso; porque enlaça a alma com diversas tentações, a enreda, e embaraça com muitos cuidados, a convîda com vãos prazêres, a provoca a peccar, e lhe impede a sua quietação, e socêgo. E de mais disto, nunca as riquezas se adquirem sem trabalho, nem se possûem sem cuidado, nem se perdem sem dôr; e o peyor he, que poucas vezes se alcanção sem offensas de Deos; porque (como diz o adagio) o rico ou he máo, ou herdeiro de máo.

5. Considéra tambem, quão grande desatino seja, desejar continuamente aquellas cousas, que, aindaque se ajuntem todas em hum, he certo que não podem saciar o teu appetite; mas antes o atição, e augmentão mais, assim como o beber ao hydrópico, a sêde; porque por muito que tenhas, sempre desejas, o que te falta, e sempre estás suspirando por ter mais. De sorte, que dis-

correndo o triste coração pelas cousas do mundo, cança-se, e não se farta; bebe, e não mata a sêde; porque não faz caso do que tem, senão do mais que podéra ter; e não padece menos molestia, pelo que não alcança, que contentamento, pelo que possûe; nem se farta mais de ouro, que seu coração de ar. Do que com muita razão se admira Santo Agostinho, dizendo: *Que cobiça he esta tão insaciavel dos homens, pois ainda os brutos animáes tem termo, e medida em seus desejos? Porque então cação, quando padecem fóme; mas quando estão fartos, logo deixão de caçar. Só a avareza dos ricos he insaciavel em seus desejos; porque sempre rouba, e nunca se satisfaz.*

6. Considéra tambem, que aonde ha muitas riquezas, tambem ha muitos, que as consumão; muitos que as gastem, e muitos que as disperdicem, e furtem. Que tem de suas riquezas o homem mais rico do mundo, do que o necessario para a sua vida? Pois disto te poderias descuidar, se puzesses a tua esperança em Deos, e te encomendasses á sua Providencia; pois nunca este Senhor, desampara aos que esperão nelle; porque quem creou o homem com necessidade de comer, não permittirá, que pereça de fóme. Como póde ser, que sustentando Deos as aves do ar, e vestindo as açucênas do campo, desampare ao homem, que creou para o Ceo? principalmente sendo tão pouco, o que basta para remedio da necessidade. A vida he breve e a morte caminha a toda a préssa em nosso alcance; que necessidade tens tu de tanta provisão para tão curto caminho? Para que queres tantas riquezas, pois quanto menos tiveres, tanto mais livre, e desembaraçado caminharás? e quando chegares ao fim da jornada, não te irá menos bem se chegares pobre, que aos ricos, que chegarão mais carregados; excepto só, que acaba a jornada, será menor

q teu sentimento pelo que deixas, e menor tambem a conta, que darás a Deos por elle : ao mesmo tempo que os muy ricos deixarão no fim della (não sem grande angustia sua) os montões de ouro, que muito amárão; e não sem muito perigo darão conta do muito, que possuírão.

7. Considéra tambem, ó avarento, para quem amontôas tantas riquezas; pois he certo, que assim como vieste a este mundo nû, assim sahirás delle. Pobre entraste nesta vida, e pobre a deixarás. Isto deverias considerar muitas vezes; porque (como diz S. Jerónymo) facilmente despreza todas as cousas, o que sempre se lembra que ha de morrer. No artigo da morte deixarás todos os bens temporáes, e levarás sómente contigo as boas, ou más obras, que tiveres feito; então perderás todos os bens celestiáes, se tendo-os em pouco em quanto viveste, todo o teu trabalho emprêgaste em adquirir os temporáes. Porque as tuas cousas serão então divididas em tres partes; o corpo será entregue aos bichos; a alma aos demonios; e os bens temporáes aos herdeiros; os quáes por ventura serão ou ingratos, ou pródigos, ou máos. Pois logo melhor será (segundo o conselho do Salvador) distribuil-os aos pobres, para que os levem a diante (como fazem os grandes Senhores, quando fazem jornada, que envião a diante seus thesouros). Porque que mayor desatino póde ser, que deixar cá teus bens, para onde nunca has de voltar, e não os enviar, para onde sempre has de viver.

8. Considéra tambem, que aquelle Soberano Governador do universo de tal sorte repartio (como hum prudente Pay de familias) os emprêgos e bens deste mundo, que a huns destinou para que regessem, e a outros para que fossem regidos; a huns para que distribuissem o necessario, e a outros para que o recebessem. Pois tu és

hum, dos que estão destinados para dispenseiros da fazenda, que te sóbra; e parece-te que será licito, guardar para ti só, o que recebeste para muitos? Porque, como diz S. Basilio *Dos pobres he o pão, que tu guardas; dos nûs o vestido, que escondes; dos miseraveis o dinheiro, que enterras. Pois tem por certo que a tantos furtaste seus bens, a quantos podéras aproveitar.* Por tanto adverte, que os bens, que recebeste de Deos, são remedios da humana miseria, e não instrumentos da má vida. Olha pois, que succedendo-te todas as cousas prosperamente, não te esqueças de quem tas dá; nem convertas em materia de vangloria os remedios da alhêa miseria. Não queiras, irmão, amar mais o desterro que a patria; nem dos apparelhos, e provisões para caminhar, faças estôrvos do caminho; nem tão pouco amando muito a claridade da Lua, desprezes a luz do meyo dia; nem convertas os soccorros da presente vida em materia de eterna morte. Vive contente com a sorte que tens, lembrando-te que diz o Apostolo: *Com que tenhamos o que baste para sustentar, e cobrir o corpo, teremos tambem o que basta para estar contentes.* Porque (como diz S. João Chrysostomo) o servo de Deos não se ha de vestir, nem para parecer bem, nem para regálo de sua carne, senão só para cumprir com a sua necessidade. Procura primeiramente o Reyno de Deos, e sua justiça, e todas as outras cousas te serão concedidas; porque Deos, que te quer dar as cousas grandes, não te negará ás pequenas. Lembra-te, que a pobreza não he virtude, mas sim o amor á pobreza.

9. Os pobres, que voluntariamente são táes, são semelhantes a Christo, que sendo rico, se fez pobre por amor de nós. Mas os que vivem em pobreza necessaria, e a soffrem com paciencia, e desprezão as riquezas, que não tem, dessa mesma pobreza necessaria fazem vir-

tude. E assim como os pobres com sua pobreza se conformão com Christo; assim os ricos com suas esmólas se reformão para Christo; porque não sómente os pobres pastores achárão a Christo, mas tambem os sábios, e poderosos, quando lhe offerecêrão seus thesouros. Pois tu, que tens bastante fazenda, dá esmóla aos pobres; porque dando-a a elles, a recebe Christo. E tem por certo, que no Ceo (aonde ha de ser a tua perpetua morada) te está guardado, o que agora lhes deres: mas se nesta terra esconderes teus thesouros, não esperes achar cousa alguma lá, aonde nada puzeste. Pois como se chamarão bens do homem, os que não póde levar consigo, mas antes os perde contra sua vontade? Mas pelo contrario, os bens espirituáes são verdadeiramente bens; porque não desamparão a seu dono, ainda em sua morte; nem ninguem lhos póde tirar, se elle não quizer.

§ UNICO

DE COMO NÃO DEVE NINGUEM RETER O ALHÊO.

10. A cerca deste peccado convêm advertir do perigo, que ha em reter o alhêo. Para o que he de saber, que não só he peccado tomar o alhêo, senão tambem retêl-o contra a vontade de seu dóno. E não basta que o homem tenha proposito de restituir para o futuro, se logo póde; porque não só tem obrigação de restituir, senão tambem de logo restituir: verdade he, que se não podesse logo, ou de todo se achasse impossibilitado, por haver chegado a grande pobreza, em tal caso não estaria por então obrigado a huma, nem a outra cousa; porque Deos não obriga a impossiveis.

11. Para persuadir isto, não me parece ter necessi-

dade de mais palavras, que as que S. Gregorio Magno escreve a hum Cavalheiro, dizendo : *Lembrai-vos, Senhor, que as riquezas mal adquiridas hão de cá ficar, e o peccado que fizeres em assim as adquirir, ha de ir com vosco para lá.* Pois que mayor loucura, que ficar cá o proveito, e levar contigo o dano; e deixar a outro o gosto, e tomar para ti o tormento, e obrigar-te a penar na outra vida, pelo que outros hão de lograr nesta?

12. De mais disto, que mayor desatino, do que ter em mais as tuas cousas, que a ti mesmo? a padecer detrimento na alma, pelo não padecer na fazenda? e offerecer o corpo ao golpe da espada, pelo não receber na capa? Alem disto, quão perto está de parecer-se com Judas, o que por hum pouco de dinheiro vende a justiça, a graça, e a sua mesma alma. E finalmente se he certo (como o he) que á hora da morte has de restituir (querendo salvar-te) que mayor loucura, que tendo por fim de pagar o que deves, queiras estar daqui até então em peccado, deitar-te em peccado, levantar te em peccado, confessar-te, e commungar em peccado, e perder tudo, o que perde quem está em semelhan-te estado; cuja perda prepondéra mais que todos os interêsses do mundo? Não parece ter juizo de homem, o que passa por aqui, sem reflectir a tão grandes males.

13. Trabalha pois, irmão, por ter muito bem pagas as tuas dividas; e por não fazer aggrávo a pessoa alguma. Procura tambem que não durma em tua casa o trabalho, e suór de teu jornaleiro; não o faças ir, e vir muitas vezes, e andar tantos caminhos para cobrar sua fazenda; trabalhando mais em cobral-a, que em ganhal-a, como não poucas vezes acontece com a dilação dos máos pagadores. Se és executor de algum testamento, adverte não defraudar as almas dos defuntos de seu devido soccôrro; para que não paguem a culpa da

tua negligencia com a dilação de suas penas ; e carregue depois tudo sobre a tua alma. Se tens criados, a quem sejas devedor, cuida em ter muito bem assentadas, e claras as suas contas; e desembaraça-te, ou ao menos declara-te muito bem com elles em vida, para que não deixes embaraços para depois da morte. O que poderes cumprir de teu testamento, não o deixes a outros executores; porque se tu és descuidado em tuas proprias cousas, como tens para ti que os outros serão diligentes em alhêas?

14. Préza-te de não dever nada a ninguem; e assim terás o sono socegado, a consciencia quieta, a vida pacifica, e a morte descançada. E para que possas conseguir isto, e meyo he, pôr freyo a teus appetîtes, e desejos; e não fazer tudo, o que desejas; nem gastar mais do que tens e deste modo medindo o gasto, não com a vontade, mas com a possibilidade, nunca terás occasião de endividar-te. Todas as nossas dividas procedem de nossos appetîtes; cuja moderação vale mais que muitos mil cruzados de renda. Tem por summas, e verdadeiras riquezas, as que diz o Apostolo, a saber, *Piedade, e contentamento com a sorte, que Deos te déo.* Se os homens não quizessem ser mais, do que Deos quer que sejão, sempre vivirião em paz; mas quando querem passar este limîte, sempre hão de perder muito da sua paz, e quietação : porque nunca tem bom exito, o que se faz contra a divina vontade.

CAPITULO VI

DOS REMEDIOS CONTRA A LUXURIA.

1. *Luxuria* he hum appetîte desordenado de sujos, e deshonestos deleites. He este hum dos vicios mais ge-

ráes, mais cossários, e furiosos em acometer, de quantos ha. Porque (como diz S. Bernardo) entre todas as batalhas dos Christãos, as mais duras são as da castidade, aonde sendo quotidiana a luta, he muy rara a victoria.

2. Pois quando este fêyo, e abominavel vicio tentar teu coração, poder-lhe-has sair ao encôntro com as considerações seguintes. Primeiramente considéra, que este vicio não só mancha a alma, que o Filho de Deos alimpou com seu Sangue, senão tambem o corpo, em que (como em hum Sagrado relicário) he depositado o Sacratissimo Corpo de Christo. Pois se tão grande culpa he profanar, e manchar o templo material de Deos, quanta será, profanar este templo, em que Deos móra? Por isso diz o Apostolo : *Fugí, irmãos, do peccado da fornicação; porque qualquer outro peccado, que o homem fizer, fica fóra do corpo; porem o que cahe neste, pecca contra o seu mesmo corpo* (profanando-o, e manchando-o com o peccado carnal). Considera tambem, como este peccado não se póde pôr em execução sem escândalo, e ruîna de outros muitos, que commumente entrevêm nelle: que he a cousa, que á hora da morte costuma mais agudamente ferir a consciencia. Porque se a Ley de Deos manda, que se dê vida por vida, ôlho por ôlho, e dente por dente, que poderá dar a Deos, o que tantas almas arruinou? e com que pagará, o que este Senhor remîo com seu proprio sangue?

3. Considera alem disto; que este lisonjeiro vicio tem muy doces, e suaves principios, mas muy amargos, e desabridos fins; muy fáceis entradas, porem muy difficeis saîdas. Por cuja causa disse o Sabio: *A má mulher he como huma cóva muy funda; e como hum poço de boca estreita* (aonde sendo facil a entrada, he muy difficil a saîda). Porque na verdade não ha cousa, em que mais facilmente se enredem os homens, que neste

lisonjeiro vicio, segundo o que aos principios se lhes representa; mas depois de enlaçados nelle, e travadas as amizades, e roto o véo da vergonha, quem os tirará dahi? Pelo que, com muita razão se compara ás nassas dos peccadores, das quáes, por terem muy largas as entradas, porem muy estreitas as saîdas, por milagre sahe o peixe, que huma vez nellas entrou. E por aqui entenderás, quanta seja a multidão de peccados, que este tão prolixo, e fecundo peccado produz: porque em todo este tão dilatado tempo, he sem duvida, que assim por pensamento, como por obra, e por desejo ha de ser Deos quasi infinitas vezes offendido.

4. Considéra alem disto, como diz um Doutor, quanta multidão de outros males traz consigo esta suave, e attractîva pestilencia. Porque primeiramente rouba a fama (que entre as cousas humanas, he a mais formosa possessão que podes ter); porque nenhum rumôr de vicio cheira mais mal, nem traz consigo mayor infamia que este. E de mais disto, debilita as forças, amortece a formosura, tira a boa disposição, estraga a saûde, causa enfermidades sem numero, e estas muito asquerosas, e immundas; arruína antes de tempo a frescura, e flôr da mocidade, e faz vir mais cedo huma feya, e torpe velhîce; tira a força do engenho, embôta a agudêza do entendimento, e quasi que o torna brutal; aparta o homem de todos os honestos estudos, e exercicios; e assim o submerge todo no lodo deste deleite de sorte, que já não gósta de cuidar, fallar, nem tratar cousa, que não seja vileza, e immundicia; faz louca, e infame á mocidade; aborrecivel, e miseravel a velhîce. Mas não se contenta este vicio com todo este estrágo, que faz na pessoa do homem; porque passa tambem a fazel-o em suas cousas; não havendo patrimonio tão rico, nem thesouro tão grande, que a lascivia não dissîpe, e con-

suma em breve tempo : por quanto o ventre, e as partes vergonhosas estão visinhos; e assim se ajudão mutuamente, e confórmão em os vicios. Donde vêm, que os homens dados a carnalidades, são commummente comilões, e bebedores; e assim em banquetes, e vestidos gastão tudo quanto tem. E de mais disto, as mulheres deshonestas nunca se fartão de joyas, de aneis, de vestidos, de olandas, de perfûmes, de cheiros, e cousas semelhantes; e mais amão a estes presentes, que aos mesmos amantes, que lhos dão. Para cuja confirmação basta o exemplo daquelle filho prodigo, que nisto gastou toda a legitima, que seu pay lhe déra.

5. Vê tambem, que quanto mais entregares teus pensamentos, e corpo a deleites carnáes, tanto menos acharás nelles satisfação; porque o desafogo desta paixão não causa fartura, mas fóme; por quanto o amor do homem á mulher, e o da mulher ao homem já mais se perde; antes huma vez extincto, torna de novo a accender-se. E vê tambem, que este deleite he breve; e a pena, que por elle se dá, eterna : e por conseguinte fica sendo huma muy desigual tróca, qual he, perder nesta vida por hum brevissimo tempo de prazêr torpissimo, a paz, e gôzo da boa consciencia; e depois da morte a gloria, que dura para sempre; e padecer a pena, que nunca se acaba. Por cuja causa diz S. Gregorio : *Hum momento dura, o que deleita*; *e eternamente, o que atormenta.*

6. Considéra tambem por outra parte a dignidade, e aprêço da pureza virginal, que este vicio arruina, e destróe; porque os virgens nesta vida começão a viver vida de Anjos; e com especialidade são por sua limpeza semelhantes aos espiritos Celestiáes; porque viver em carne sem obras de carne, mais he virtude de Anjos que de homens. *Só a virgindade* (diz S. Jeró-

nymo) *he, a que neste lugar, e tempo da mortalidade, representa o estado da gloria immortal. Só ella guarda o costume daquella soberana Cidade, aonde não ha bôdas, nem casamentos; e assim dá aos homens terrenos huma móstra, e prôva daquella Celestial conversação.* Por esta se dá no Ceo certo, e especial prémio aos virgens; dos quáes escreve S. João em seu Apocalypse, dizendo: *Estes são, os que não manchárão seus corpos com mulheres; mas permanecérão virgens: e estes são, os que seguem o Cordeiro, por donde quer que vai.* E porque neste mundo se avantajárão aos outros homens em parecer-se com Christo na pureza virginal, por isso no outro se chegarão mais familiarmente a elle; e com especialidade se deleitarão em a pureza de seus corpos.

7. Esta virtude não só faz os homens semelhantes a Christo, senão tambem os faz templos vivos do Espirito Santo; porque este Divino Espirito, amador da pureza, assim como hum dos vicios, que mais aborrece, he a deshonestidade, assim tambem em nenhuma outra parte repousa mais gostoso, que nas almas puras, e limpas. Por cuja causa o Filho de Deos, concebido por obra do Espirito Santo, amou, e honrou tanto a virgindade, que por ella fez hum tão novo, e grande milagre, qual foi, nascer de Mãy Virgem. Mas tu já que tens perdido a virgindade, ao menos depois do naufragio, teme os perigos, que já experimentaste: e já que não quizeste conservar inteiro o bem da natureza, ao menos depois de arruinado, procura reparal-o; e voltando-te a Deos depois do peccado, procura com tanta mayor diligencia, e fervor applicar-te em obras boas, quanto pelas más, que tens feito, te reconheces mais digno, e merecedor de castigo. Porque muitas vezes acontece (como diz S. Gregorio) fazer-se depois

da culpa mais fervorosa a alma, que no estado da innocencia estava mais frôxa, e descuidada. E já que Deos te guardou, tendo commettido tantos males, não faças agora cousa, por donde pagues o presente, e o passado; e assim venha a ser o ultimo erro peyor que o primeiro.

Pois com estas, e outras semelhantes considerações deve o homem estar apercebido, e armado contra este vicio: e este seja o primeiro genero de remedios, que contra elle damos.

§ UNICO.

DE OUTRO GENERO DE REMEDIOS MAIS PARTICULARES CONTRA A LUXURIA.

8. De mais destes communs remedios, que se dão contra este vicio, ha outros mais particulares, e efficazes, de que tambem será justo que tratêmos. Entre os quáes o primeiro he, resistir aos principios da tentação (como já em outra parte dissemos); porque se ao principio se não procura rebater o inimigo, logo este cresce, e se faz mais forte; pois (como diz S. Gregorio) depois que a golosîna do deleite se apodéra do coração, não o deixa cuidar em outra cousa, que naquillo que o deleita; por isso se deve resistir ao principio, lançando fóra os pensamentos torpes; porque assim como o fogo se sustenta com a lenha, assim tambem os desejos se fomentão com os pensamentos; e se estes são bons, accende-se o fogo da Caridade; e se máos, o da Luxuria.

9. Convêm de mais disto, guardar com diligencia todos os sentidos; especialmente os ólhos, para não vêr

cousas, de que possa resultar algum perigo: porque muitas vezes ólha o homem singélamente, e sem máo animo, e só por esta vista acontece ficar a alma ferida. E porque o olhar inconsideradamente para mulheres, ou inclina, ou abranda a constancia de quem as vê, nos aconselha o Ecclesiastico, dizendo: *Não queiras vaguear com os ólhos pelos cantos das rûas, e praças da Cidade. Aparta a vista da mulher enfeitada, e não queiras ver a sua formosura.* Para o que nos deveria bastar o exemplo do Santo Job; o qual (com ser homem de tanta santidade) com tudo guardava côm grande cuidado seus ólhos, como elle mesmo confessa; não se fiando de si, nem de tão largo uso, e exercicio, como tinha, da virtude. E quando este não fosse bastante, ao menos o deveria ser o de David, que sendo varão santissimo, e tão feito á vontade de Deos, com tudo bastou a vista de huma mulher, para o fazer precipitar em tres tão grandes peccados, como forão, homicidio, escândalo, e adulterio.

10. E não menos deves tambem guardar os ouvidos, para não ouvir cousas deshonestas: e quando te acontecer ouvil-as, recebe-as com desagrado, e rôsto triste; porque facilmente se faz, o que com gôsto se ouve. Guarda tambem tua lingua de proferir qualquer palavra torpe; porque os bons costumes se corrompem com as más conversações. He a lingua o mostrador das affeições do homem; pois tal se conhece estar seu coração, quáes costumão ser suas palavras; porque a lingua falla, do que o coração está cheyo.

11. Procura trazer teu coração occupado em santos pensamentos; e teu corpo empregado em honestos exercicios; porque (como diz S. Bernardo) os demónios envião á alma ociosa máos pensamentos, em que se entretenha; para que aindaque se abstenha de

obrar mal, não césse porem de considerar em cousas más.

12. Em toda a tentação (especialmente nesta) põem diante dos ólhos de teu coração ao Anjo de tua guarda, e ao demonio teu accusador; os quáes estão sempre observando todas as tuas acções, e as representão ao Juiz, que tudo vê: porque se assim o praticáres, como será possivel, que diante de teu Custodio, de teu accusador, e de teu Juiz te atrevas a fazer cousa tão feya, que ainda na presença de outro homemsinho como tu, não ousarias fazer? Põem tambem diante dos ólhos o espantoso rigor do divino juizo, e as chammas dos tormentos eternos; porque qualquer pena se vence com o temor de outra mais grave; assim como hum crávo se tira com outro crávo; e deste modo muitas vezes o fogo da luxuria se apága com a memoria do fogo do inferno. Escusa-te de mais disto, quanto te fôr possivel, de fallar só por só com mulheres de suspeitosa idade; porque (como diz S. João Chrysóstomo) então costuma o nosso adversario acometer mais atrevido aos homens, e ás mulheres, quando os vê sós; porque aonde se não teme reprehensor, chega mais ousado o tentador. Pelo que, nunca te ponhas a tratar com mulher sem testemunhas; porque isto só incita, e convida a todos os males. Nem tão pouco confies em tua passada virtude, aindaque seja muito antiga; pois bem sabes, que aquelles velhos, que conta Daniel, se abrasárão no amor de Susanna, porque a virão muitas vezes só em seu jardim. Fóge pois de toda a suspeitosa companhia de mulheres; porque o vêl-as, corrompe os corações; ouvil-as, os attrahe; fallar-lhes, os inflamma; tocal-as, os estimúla; e finalmente qualquer cousa sua he laço, para os que tratão com ellas. Por isso diz S. Gregorio: *Os que dedicárão*

seus corpos á continencia, não se atrevão a habitar com mulheres; porque em quanto no corpo vive o calor, ninguem presuma ter já de todo apagado o fogo de seu coração.

13. Fóge tambem de aceitar presentinhos, visitas, e cartas de mulheres; porque tudo isto he liga, com que se prendem os corações; e sôpros, com que se accende o fogo do máo desejo, quando por ventura a sua chamma se vá por si apagando. E se amas a alguma mulher honesta, e virtuosa, ama-a em tua alma, sem procurar visital-a a miúdo, nem tratar com ella com familiaridade. E porque a chave de todo este negocio consiste principalmente em fugir de semelhantes occasiões, ajuntarei aqui dous exemplos, que S. Gregorio escreve em seus *Dialogos;* os quáes fazem grandemente a este proposito.

14. Conta pois o Santo Doutor, que na Provincia de *Mysia* havia hum Sacerdote, que com muito temor de Deos regia huma Igreja, que lhe fôra encommendada. Havia allî huma mulher virtuosa, que tinha a seu cargo tratar da roupa, e cousas da Igreja; elle a amava como a irmãa; porem guardava-se della, como de inimiga; de sorte, que de nenhum modo permittia se chegasse a elle; e com isto tinha atalhado toda a occasião de familiaridade, e communicação; porque proprio he dos varões santos, para estarem mais longe das cousas illicitas, apartarem-se ainda das que são licitas: e por esta causa não consentia, que o servisse em necessidade alguma. Sendo pois este veneravel Sacerdote de muita idade; e passados já quarenta annos de seu Sacerdocio, veyo a cahir enfermo de huma tão rîja enfermidade, que chegou á ultima; e estando neste estado, aquella boa mulher (para vêr se ainda respirava, ou se estava já defunto) lhe chegou a pôr seus

ouvidos junto ao nariz. O que como elle sentisse, indignando-se muito disso, lhe gritou com quanta força pôde, dizendo *Aparta-te, aparta-te daqui, mulher; porque ainda o fogosinho está vivo; tira a palha.* E apartando-se ella, e esforçando-se mais o moribundo, começou a dizer com huma grande alegria: *Em boa hora venhão, meus senhores; em boa hora venhão: e como vos haveis dignado vir a este tão pequenino servo vosso? Já vou; já vou: eu vos dou muitas graças; eu vos dou muitas graças.* E repetindo elle estas palavras muitas vezes, os que allî se achavão lhe perguntárão com quem fallava; ao que admirado respondêo, dizendo: *Por ventura não vedes aqui aos Bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo?* E voltando-se de novo para os Santos, tornou a dizer: *Já vou; já vou;* e ditas estas palavras, dêo a alma a seu Creador. Este exemplo de varão tão recatado escreve S. Gregorio no quarto livro de seus *Dialogos*, com este fim tão glorioso; porque tal convinha fosse a morte, de quem com tanto temor tinha vivido.

15. Porem outro exemplo escreve o mesmo Santo no terceiro livro dos mesmos *Dialogos*, de hum virtuoso Bispo, aindaque não tão recatado; o qual tambem referirei aqui para instrucção, e escarmento dos que o não são. Do qual exemplo diz, que forão tantas as testemunhas, quasi quantos erão os moradores da Cidade, aonde o caso acontecêo. Diz pois que em huma Cidade de Italia houvera hum Bispo, por nome *André*; o qual havia vivido sempre huma vida muy religiosa, e cheya de virtudes. Tinha este em sua casa, e companhia huma mulher tambem virtuosa, por estar muy certo, e pago de sua virtude, e castidade. Porem aproveitando-se o inimigo desta occasião, achou entrada para tentar seu coração; e assim começou a imprimir nos ólhos de sua

alma a figura daquella mulher, e a incital-o a ter máos, e feyos pensamentos. Acontecêo pois, que caminhando neste tempo hum Judeu de Campania para Roma, e tomando-o a noite junto da Cidade deste Bispo, e não tendo lugar, em que se recolher, veyo dar a hum templo antigo de hum idolo, que allî estava, aonde se deitou a dormir. Porem temendo elle a má visinhança da casa do idolo (aindaque não cria na Cruz) como tudo pelo costume, que tinha visto, de se presignarem os Christãos no tempo dos perigos, fez tambem sobre si o sinal da Cruz. Mas como não pudésse dormir de medo por causa do lugar, vio entrar nelle a meya noite hûma grande quadrilha de demonios, e entre elles hum mais principal, que assentado em huma cadeira no meyo do templo, começou a perguntar áquelles malvados espiritos, que males tinhão feito pelo mundo. E como cada hum respondesse, o que tinha obrado, sahio hum delles ao meyo, e disse, que havia solicitado o coração do Bispo *André* com a imagem de huma mulher virtuosa, que tinha em sua casa. E como aquelle malvado presidente ouvisse isto com grande attenção, e o tivesse por mayor ganancia, quanto mais virtuosa era a pessoa tentada; então o espirito máo, que isto narrára, ajuntou, que o dia passado á hora de vesperas tentára tão fortemente seu coração, que chegando-se á virtuosa mulher com semblante alegre, lhe déra huma palmadinha nas cóstas. Então aquelle antigo inimigo do genero humano começou a exhortar a este tentador, a que desse fim, ao que tinha começado, para que com isto alcançasse huma singular corôa entre todos os seus companheiros. Estando pois o Judeu vendo todas estas cousas; e tremendo com o grande pavôr do que via, aquelle malvado espirito, que allî presidia, mandou aos outros, que fossem vêr quem era, o que se tinha atrevido a dormir

naquelle lugar; e olhando-o elles com grande attenção, começárão a gritar, dizendo: *Ay, ay, vaso vasio, porem bem sellado*: e dito isto, desaparecêo logo toda aquella quadrilha de malignos espiritos. Feito isto, o Judeu se levantou logo, e vindo com grande préssa á Cidade, achando o Bispo na Igreja, tomou-o de parte, e lhe perguntou, se era molestado de alguma tentação. E como quer que por vergonha lhe não quizesse confessar a verdade, o Judeu lhe replicou, dizendo, que em tal dia tinha pôsto os ólhos com má tenção em huma serva de Deos. E como o Bispo todavia negasse isto, elle accrescentou, dizendo: para que negas, o que te pergunto; pois hontem á hora de vesperas chegaste a dar-lhe huma palmada nas cóstas? Do que admirado o Bispo, e vendo-se comprehendido naquella culpa, confessou o que d'antes tinha negado. Então o Judeu lhe declarou o modo, com que havia sabido isto. O que entendido, o Bispo se prostrou em terra, fazendo oração a Deos; e logo despedio de sua casa não só aquella boa mulher, mas tambem qualquer outra, que estivesse em seu serviço. E naquelle mesmo templo de Apóllo erigio huma Capella com o titulo de Santo André; e ficou livre de toda aquella tentação; e juntamente com isto trouxe ao conhecimento de Deos ao Judeu; porque instruindo-o nos mysterios da Fé, e levando-o com a agua do Santo Baptismo, o pôz no grémio da Santa Igreja. E assim succedêo, que procurando o Judeu a salvação alhêa, alcancasse a sua propria; e que Deos N. Senhor pelo meyo, que encaminhou a boa vida de hum, conservasse em a boa vida ao outro. Atéqui S. Gregorio. Outros muitos exemplos de semelhantes historias, assim passadas, como presentes, podéra referir neste lugar; porem bastem estes por agora.

CAPITULO VII

DOS REMEDIOS CONTRA A IRA; E CONTRA OS ODIOS, E INIMISADES, QUE DELLA PROCEDEM.

1. *Ira* he hum appetite, e desejo desordenado de vingança, contra quem imaginamos, que nos offendêo. Contra este pestilencial vicio nos provê de medicina o Apostolo, dizendo: *Toda a amargura, toda a ira, indignação, clamor, e blasfemia esteja longe de vós, juntamente com toda a malicia. E sede entre vós benignos, e misericordiosos, perdoando-vos huns aos outros, assim como Deos vos ha perdoado por Christo.* Deste vicio diz o Senhor por S. Matheus: *Todo o que se irar contra seu irmão, ficará obrigado á dar conta no divino juiz: e quem lhe disser, e chamar* louco, *ou outra qualquer palavra injuriosa, será condenado ás penas do Inferno.*

2. Pois quando este furioso vicio tentar teu coração, lembra-te de sair-lhe ao encontro com as considerações seguintes. Primeiramente considéra, que ainda os mesmos brutos pela mayor parte vivem em paz com os da sua mesma especie. Os elefantes andão juntos com os elefantes; as vacas, e ovelhas vivem juntas em seus rebanhos, e manadas; as aves vôão em bandos; as gralhas se revezão para velárem de noite; e andão juntas de companhia; o mesmo fazem as cegonhas, os veádos, os delfins, e outros muitos animáes. Pois a união, e concêrto, que entre si guardão as formigas, e abêlhas, a todos he manifesta. E entre as mesmas feras, por mais cruéis que sejão, he commua a paz. A ferêza dos Leões cessa com os de sua especie; o pôrco montez não acomete a outro pôrco; hum Lynce não pelêja contra outro Lynce; hum dragão não se embravece contra outro dragão;

finalmente, os mesmos espiritos malignos (que são os primeiros authores de toda a nossa discordia) tem entre si liga; e de commum consentimento conservão a sua tyrannia: sómente os homens (a quem mais convinha a humanidade, e a paz; e a quem esta he tão necessaria) tem entre si discordias, e ódios entranhaveis; o que sem duvida he muito para sentir. E não he menos para notar, que dando a mesma natureza a todos os animáes armas para pelèjar, ao cavallo pés, ao touro pontas, ao javalî dentes, ás abelhas ferrão, ás aves bicos e unhas; e tanto, que até ás pulgas, e mosquitos dêo habilidade para morder, e tirar sangue; só a ti, homem (porque te creou para a paz, e concordia) te gerou nû, e desarmado; para que não tivesses, com que fazer mal. Vê pois quanto contra a tua mesma natureza he, o vingar-te de outro; é fazeres mal, a quem te offende; mayormente com armas buscadas fóra de ti; as quáes a natureza te tem negado.

3. Considéra tambem, que a ira, e appetîte de vingança he vicio proprio de bestas féras (de cujas iras diz o Sabio, que lhe déra Deos conhecimento); e que por conseguinte bastardêas, e degenéras muito da generosidade, e nobreza de tua condição, imitando á dos Leões, e Serpentes, e de outras féras. De hum Leão escreve Eliano, que havendo recebido huma lançada em certa montaria, ao fim de hum anno, passando o que o ferîra por aquelle mesmo lugar em companhia del Rey Juba, e de outra muita gente que o seguia, o Leão o conhecêo, e rompendo por toda a gente, sem que o podessem impedir, não parou até chegar ao que o tinha ferido, e o fez em pedaços. O mesmo vemos, que fazem cada dia os touros, com os que os trazem muito acossados, e perseguidos, para tomarem nelles vingança. Destes são imitadores o homens ferozes, e

irados; os quáes podendo amansar a ira com a razão, e discrição de racionáes, querem antes seguir o impeto, e furôr das bestas, prezando-se, e usando antes da parte mais vil, que tem commua com ellas, que da mais divina, que he propria dos Anjos. E se dizes ser cousa muy difficil, e dura, amansar o coração embravecido, como não vês quanto mais duro foi, o que por ti padecêo o Filho de Deos? Quem eras tu, quando elle por teu amor derramou o seu Sange? por ventura não eras seu inimigo? Não consideras tambem, quanta seja a mansidão, com que te soffre, peccando tu cada hora? e com quanta misericordia te recebe, quando te convertes a elle? Dirás, que não merece perdão o teu inimigo; e por ventura mereces tu, que Deos te perdôe? Desejas que o Senhor use contigo de misericordia? e tu queres usar com teu proximo de justiça? Adverte que se teu inimigo he indigno de perdão; tu porem és digno de que lhe perdões; e Christo dignissimo, de que por seu amor lhe devas perdoar.

4. Considéra tambem, que todo o tempo que estás em odio, não pódes offerecer a Deos sacrificio, que lhe seja agradavel. Pelo que, diz o Salvador *Se fores offerecer teu dom ao pé do altar, e ahi te lembrar, que teu proximo tem de ti alguma offensa, vai primeiro reconciliar-te com elle; e então torna a offerecer-me teu dom.* Do que pódes claramente conhecer, quão grande seja o peccado da discordia entre nossos irmãos; pois em quanto esta dura estás em discordia com Deos; e nada, do que fazes, lhe he grato. Conforme ao que diz S. Gregorio *De nada valem os bens, que fazemos, se não soffremos com animo tranquillo os males, que padecemos.*

5. Considéra alem disto, quem he esse, a quem tens

por inimigo : porque forçosamente ha de ser hum de dous, ou justo, ou injusto; se justo, por certo que he cousa muito para sentir, quereres tu mal a hum justo; e seres inimigo, de quem Deos se tem por amigo. Mas se he injusto, não menos he cousa miseravel, quereres vingar a maldade alhéa com a tua propria; e que querendo tu ser Juiz na tua causa, castigues a injustiça alhêa com a propria. Mayormente, que se tu pertendes vingar as tuas injurias, e o outro as suas, que fim terão as discordias? Muito mais glorioso modo de vencer he, o que nos ensina o Apostolo, dizendo, que vençamos os males com os bens, isto he, os vicios alhêos com as virtudes proprias. Porque muitas vezes intentando tornar mal por mal, e não querendo ser vencido em cousa alguma, vens a ser mais feamente vencido; pois és atormentado da ira, e vencido da paixão ; que se a vencesses, serias mais forte, que o que por armas conquistasse huma Cidade; porque menor victoria he subjugar as Cidades, que estão fóra de ti, que as paixões, que estão dentro de ti; e pôr-te a ti mesmo leys, e refrêar, e domar a bravissima féra da ira, que dentro de ti está encerrada; á qual se não quizeres reprimir, levantar-se-ha contra ti, e te incitará a fazer cousas, de que depois te hajas de arrepender. E o peyor he, que apenas poderás entender o mal que fazes; porque ao que está irado, toda a vingança parece justa; e as mais das vezes se engana, crendo ser zelo da justiça, o que he estîmulo da ira : e deste modo se vêm a encobrir o vicio com a côr, e capa da virtude.

§.

6. Pois para melhor vencer este vicio, hum dos mais efficazes remedios he trabalhar por arrancar de

tua alma a má raiz do amor desordenado de ti mesmo, e de todas as cousas que te pertencem; porque de outra sorte, facilmente te accenderás em ira, sendo tu, ou os teus tocados com a mais leve palavra. E alem disto, quanto mais te sentires naturalmente inclinado á ira, tanto mais deves estar preparado para a paciencia, prevenindo d'antes todo o genero de aggravos, que em qualquer negocio te possão sobrevir; porque sempre são menos penetrantes as feridas, quando as settas se vêm de longe. Para o que deves ter fixamente assentado em teu coração, que quando em teu peito ferver a cólera, não digas, nem faças cousa alguma, nem te creyas a ti mesmo; mas tem por suspeitoso tudo, o que neste tempo te dictar teu coração, aindaque pareça muy conforme á razão. Differe a execução para quando se passe a cólera; ou reza devotamente huma, ou mais vezes a oração do Padre nosso, ou outra semelhante. Refere Plutarco, que certo homem muy sabio, e experimentado, despedindo-se de hum Emperador grande seu amigo, não lhe déra outro conselho mais, que quando estivesse irado, não mandasse fazer cousa alguma, atê que passasse primeiro entre si todas as letras do abcedario, para dar-lhe a entender, quão desatinados são os conselhos da ira ao tempo, que ferve no coração.

7. E he muito para notar, que não havendo no mundo peyor tempo que este, para deliberar o que se deve obrar, nenhum ha, em que o homem tenha mayor desejo de o fazer. Pelo que, convêm resistir com grande discrição, e animo a esta tentação. Porque na verdade, assim como o que está tomado do vinho, não póde fazer cousa, que seja conforme á razão, e de que não deva depois arrepender-se (como se escreve de Alexandre Magno); assim tambem o que está tomado do vinho da ira, e cégo com os fumos desta paixão, nenhum conse-

lho, nem resolução póde tomar, que por (muy acertado que lhe pareça) ao outro dia pela manhãa o não condene. Porque he sem duvida, que a ira, o vinho, e o appetîte deshonesto são os peyores conselheiros que possão haver. E por isso disse Salomão, que o vinho, e a mulher fazião sair fóra de seu juizo aos sabios. E por vinho, entende aqui não só este material, que costuma offuscar a razão, mas qualquer outra vehemente paixão ; a qual tambem em seu modo a offusca; aindaque não deixa de ser culpa tudo, o que desta sorte se obra.

8. He tambem muito bom conselho, quando estiveres irado, occupar-te em outros negocios, divertindo o pensamento da indignação; porque tirando a lenha do fogo, logo se apagará a sua chamma. Procura tambem amar, aos que forçosamente has de soffrer; porque se o soffrimento não he acompanhado do amor, a paciencia, que se móstra por fóra, muitas vezes se torna em rancôr. Por cuja causa dizendo S. Paulo, que a Caridade era *paciente* ajuntou logo, e *benigna*, porque quando esta he verdadeira, não cessa de amar com benignidade, aos que soffre com paciencia. He tambem muy louvavel conselho, dar lugar á ira de nosso irmão; porque se te apartares do que está irado, dar-lhe-has lugar, para que deponha o enôjo; ou ao menos responde-lhe com brandura; porque a *repósta branda* (diz Salomão) *quebranta a ira.*

CAPITULO VIII

DOS REMEDIOS CONTRA A GULA.

1. *Gula* he hum appetîte desordenado de comer, e beber. Deste vicio nos aparta Christo, dizendo : *Vede*

não se façáo pesados os vossos corações com o demasiado comer, e beber, e com os cuidados desta vida.

2. Pois quando este feyo vicio tentar teu coração, poderás resistir-lhe com as considerações seguintes. Primeiramente considéra, que por hum peccado de gûla veyo a morte a todo o genero humano. E daqui vêm ser esta a primeira batalha, que convêm vencer; porque quanto menos a venceres, tanto mais terriveis serão as outras; e tu te farás mais fraco para com ellas. Por isso começa pela gûla, se queres conseguir victoria; porque se primeiro não vences esta, debalde trabalharás em vencer as outras. Porque então poderás subjugar os inimigos, que te combatem por fóra, quando tiveres vencido, aos que nascem de dentro. E com pouco fructo faz guerra aos estranhos, quem dentro de sua casa tem os inimigos. Por isso o demonio tentou primeiro a Nosso Salvador de gûla, querendo logo apoderar-se da porta de todos os outros vicios.

3. Põem tambem os ólhos naquella singular abstinencia de Christo Nosso Salvador; o qual não só depois do jejum do deserto, senão tambem em outras muitas occasiões tratou muy asperamente sua Santissima carne; e padecêo fóme, não só para nosso remedio, senão tambem para nosso exemplo. Pois se aquelle, que com sua presença sustenta os Anjos, e dá de comer ás aves do ar, padecêo fóme por teu amor, quanta mayor razão será, que tu tambem a padeças por amor de ti? Com que titulo te prézas de servo de Christo, se soffrendo elle fóme, consómes tu a vida em comer, e beber? e se padecendo trabalhos por tua salvação, não queiras tu padecellos pela tua? Se te he pesada a cruz da abstinencia, põem os ólhos em o fel, e vinagre, que o Senhor gostou na Cruz; porque (como diz S. Bernardo) não ha manjar tão desabrido, que não se torne

saborôso, se fôr temperado com o fel, e vinagre que derão a beber a Christo.

4. Considéra tambem a abstinencia de todos aquelles Santos Padres do Ermo; os quáes apartando-se aos desertos, crucificárão com Christo sua carne com todos os seus appetites, e podérão com o favôr deste Senhor sustentar-se muitos annos de raizes de hervas, e fazer tão grandes abstinencias, que parecem incriveis aos homens. Pois se estes assim imitárão a Christo, e por este caminho fôrão ao Ceo, como queres tu ir para onde elles fôrão, caminhando por delicias, e regalos?

5. Considéra tambem, quantos pobres haverá neste mundo, que terião por grande felicidade, fartar-se de pão, e agua; e por aqui entenderás, quão liberal foi para comtigo o Senhor, provendo-te por ventura com mais larga mão, do que a elles. Pelo que, não he justo, que convertas a liberalidade da sua graça em instrumento da tua gûla. Considéra alem disto, quantas vezes tens recebido em tua boca aquella Sagrada Hostia; e não consintas, que pela mesma porta, por onde entra a vida, entre a morte, e o alimento dos outros peccados. Olha tambem, que o deleite da gûla apenas occûpa o espaço de dous dedos, e dura por dous instantes de tempo; e he muito fora de razão, que para tão pequena parte do homem, e para tão breve deleite não bastem o ar, a terra, e o mar. Por esta causa muitas vezes se roubão os pobres, e se fazem muitos insultos, para que a fóme dos pequenos se converta em regalo dos poderosos. Miseravel cousa he por certo, que o deleite de huma tão pequena parte do homem precipite ao homem todo inteiro no inferno! e que todos os membros, e sentidos do corpo padeção eternamente pela golosina, e appetite de hum só! Não vês, quão cégamente erras nesta parte? pois regalas com manjáres delica-

dos o corpo, que daqui a breve tempo ha de ser pásto de bichos; e deixas de tratar da alma, a qual será logo, appresentada perante o tribunal de Christo; e que se fôr achada faminta, e pobre de virtudes (estando o ventre cheyo de delicados manjares) será condenada aos tormentos eternos: e sendo esta castigada, não ficará tambem o corpo sem castigo; porque assim como este foi creado para a alma, assim tambem será com ella juntamente castigado. Assim que, desprezando o que em ti he mais principal, e regalando o que merece menos estimação, vens a perder huma, e outra cousa, e a degollar-te com a tua mesma espada; porque da carne, que te foi dada por adjutorio, vens a fazer laço para a tua alma; a qual te acompanhará nos tormentos, assim como aqui te seguio nos vicios.

6. Lembra-te da pobreza, e fóme de Lazaro, que desejando comer as migalhas, que cahião da mesa do rico, não havia quem lhas désse; e com tudo morrendo foi levado ao seyo de Abrahão por mãos de Anjos; mas pelo contrario, o rico glotão, que vestia de purpura, e olanda, foi sepultado nos Infernos. Porque não podem ter hum mesmo fim, e successo a fome, e a fartura; a sensualidade, e a continencia; e assim na morte succede a miseria aos deleites; e estes á miseria. Comêste, e bebeste com abundancia os annos passados, dize-me agora, que ganhaste com tantos regálos? por certo que nenhuma outra cousa, senão remorsos de consciencia, que por ventura eternamente te atormentarão. De sorte, que tudo quanto desordenadamente comêste, o perdeste; e o que não quizeste para ti, mas o repartiste pelos pobres, isso he, o que tens guardado, e depositado em a Cidade Celestial.

7. Mas para que te não enredes com este vicio, deves primeiramente considerar, que muitas vezes quando a

necessidade busca a sua satisfação, o deleite (que debaixo desta capa está escondido) pertende cumprir com o seu desejo; e tanto mais facilmente engana, quanto com côr de mais honesta necessidade encôbre o seu appetîte. Por isso he necessaria grande cautela, e prudencia para refrêar o appetîte do deleite, e sometter a sensualidade ao imperio da razão. Se queres pois que tua carne sirva, e se sujeite á alma, faze que tua alma se sujeite a Deos; porque he necessario, que esta seja regida por Deos, para que assim possa reger a sua carne: e por esta ordem vimos a ser maravilhosamente reformados; e saber, senhoreando Deos a razão, e esta á alma, e a alma ao corpo; vindo a ficar deste modo todo o homem reformado. Porem o corpo resiste ao imperio da alma, se esta se não somette ao da razão; e se a razão se não conforma com a vontade de Deos.

8. Quando fôres tentado da gûla, suppõem que já gozaste desse breve deleite, e que já passou aquella hora; porque o deleite do gôsto he como o sôno da noite passada: se não he que acabado este, deixa a alma triste; mas vencido, alegre, e contente. Pelo que, com muita razão he celebrada aquella nobre sentença de hum Sabio que diz: *Se fizeres alguma obra virtuosa com trabalho, este passa; porem a virtude persevéra; mas se fizeres alguma cousa torpe com deleite, este passa; porem a torpeza permanece.*

CAPITULO IX

DOS REMEDIOS CONTRA A INVEJA.

1. *Inveja* he huma tristeza do bem alhêo, e hum pesar da felicidade dos outros; a saber, dos mayores,

por vêr o invejoso, que não póde igualar-se com elles; dos menores, porque se igualão com elle; e dos iguáes, porque competem com elle. Deste modo pois tiverão inveja Saul a David, e os Phariseus a Christo, pela qual lhe procurárão a morte; pois tal he esta besta féra, que a táes pessoas não perdoou. Este peccado de seu genero he mortal; porque direitamente milita (assim como o odio) contra a Caridade. Porem muitas vezes não chegará a ser tal, quando a inveja não fosse consumada; como acontece em qualquer outra especie de peccado. Porque assim como ha odio, e tambem ha rancôr, que não he odio formado, aindaque caminha para elle; assim tambem ha huma inveja perfeita, e outra imperfeita, que se encaminha para ella.

2. He este vicio hum dos mais poderosos, e mais prejudiciáes de quantos ha; e que mais dilatado tem pelo mundo o seu imperio; especialmente pelas Côrtes, Palacios, e casas de Senhores, e Principes; sem que deixe de correr tambem pelas Universidades, Cabidos, e Religiões. Quem pois se poderá defender deste monstro? quem será tão ditoso, que escape, ou de ter inveja, ou de a padecer? Porque quando o homem considera, a que houve, não digo já entre os dous primeiros irmãos, que fundárão Roma, mas entre os que povoárão o mundo; a qual foi tão grande, que bastou para matar hum ao outro; e a que houve entre os irmãos de Joseph, que fez que o vendessem por escrávo; e a que houve entre os mesmos discipulos de Christo, antes que sobre elles descesse o Espirito Santo; e de mais disto, a que Aarão, e Maria irmãos, e escolhidos de Deos, tiverão a Moysés seu irmão; quando o homem, digo, tudo isto lê, que poderá imaginar dos outros homens do mundo, em quem se não acha esta santidade, nem este vinculo de parentesco? He este verdadeiramente hum vicio, dos

que pela calada tem grandissimo imperio sobre a terra; e o que a tem assolado, e destruido. Porque o seu proprio officio he perseguir os bons, e os que por suas virtudes, e talentos são estimados; porque aqui he, que especialmente endireita as suas settas, e procura emprêgar seus tiros. Por cuja causa diz Salomão: *Todos os trabalhos, e industrias dos homens estão sujeitos á inveja de seus proximos.*

3. Por esta causa pois convêm amar-te com todo o estudo, e diligencia contra este inimigo; pedindo sempre a Deos soccôrro contra elle; e sacudindo-o de ti com todo o cuidado. E se todavia perseverar solicitando teu coração, persevéra tu tambem sempre pelèjando contra elle; porque não consentindo com a vontade, nada faz que a carne maliciosa sinta em si os estímulos deste feyo, e desabrido movimento. E quando vires a teu visinho, ou amigo mais prosperado, e aventajado que tu, dá graças ao Senhor por isso; e persuade-te, que ou não mereceste outro tanto, ou que ao menos, não convêm que o tenhas; lembrando-te sempre, que não soccôres a tua pobreza, tendo inveja da felicidade alhèa, mas antes a accrescentas.

4. E se queres saber, com que genero de armas poderás combater contra este vicio, digo-te, que com as considerações seguintes. Primeiramente considera, que todos os invejosos são semelhantes aos demonios, que grandemente lhes pésa das boas obras, que fazemos, e dos bens eternos, que alcançamos; não porque elles os possão ter, aindaque os homens os perdessem (porque já os perdêrão sem remedio); mas porque estes, levantados do pó da terra, não gozem do que elles perdêrão. Pelo que diz Santo Agostinho no livro da *Disciplina Christãa. Aparte Deos este vicio não só do coração de todos os Christãos, senão tambem do de todos*

os homens: porque este he, ó de que especialmente se faz cargo ao demonio; e pelo qual arderá para sempre sem remedio. Por quanto não he elle reprehendido, porque tivesse cahido em adulterio, ou commettido algum furto, ou roubado a fazenda do proximo; mas sim porque achando-se cahido, teve inveja ao homem, que estava em pé. Deste modo pois os homens invejosos costumão, á maneira de demonios, ter inveja aos outros homens, não tanto porque pertendão alcançar a sua prosperidade, quanto porque quererião, que todos fossem miseraveis como elles. Adverte pois, o invejoso, que dado caso, que o outro não tivesse os bens, de que tens inveja, tanto pouco os tiveras tu; e tendo-os elle sem damno teu, não ha porque a ti te pêse por isso. E se por ventura tens inveja da virtude alhêa, ólha que nisso és inimigo de ti mesmo; porque de todas as boas obras de teu proximo és participante, se estiveres em graça com Deos, e quanto mais elle aproveita, e merece, tanto mais te aproveitas a ti mesmo. Pelo que, sem razão tens inveja á sua virtude; antes deverias gozar-te com ella, assim pelo seu, como pelo teu proprio proveito; pois participas de seus mesmos bens. Vê por tanto quanta miseria seja; que donde teu proximo se melhóra, tu te faças peyor, ao mesmo tempo que se amasses nelle os bens, que não pódes ter, esses mesmos serião teus pelo motivo da caridade; e assim gozarias dos trabalhos alhêos, sem o teu proprio.

5. Considera tambem, que a inveja abrasa o coração, desécca o corpo, atormenta o juizo, rouba a paz da consciencia, faz tristes os dias da vida, e desterra da alma todo o contentamento, e alegria. Porque ella he como o caruncho, que a primeira cousa que rôe, he a madeira, aonde nasce: e assim a inveja (nascendo do coração) o primeiro que atormenta, e corrompe

he o mesmo coração; e depois destes estrágos, pássa tambem a desbotar a côr do rôsto; porque a pallidêz, que se deixa vêr por fóra, dá bem a conhecer, quão grande seja o tormento, e a afflicção que causa por dentro. Porque não ha juiz mais rigoroso que a inveja contra si mesma; a qual continuamente afflige, e castiga a seu proprio author. Pelo que, não sem causa chamão alguns Doutores a este vicio *justo;* não porque o seja (pois he peccado gravissimo); mas porque elle mesmo castiga com seu proprio tormento, e faz justiça, em quem em si o admitte.

6. Considera alem disto, que sendo Deos Caridade (como diz S. João) he cousa muito oppósta, e contraria a esta mesma Caridade, e ao bem commum (que este Senhor tanto procura) o ter inveja dos bens alhêos, e aborrecer aos que elle creou, e remîo, e a quem sempre está fazendo bem: porque isto he estar condenando, e (ao menos com a vontade) destruindo, e desfazendo, o que Deos faz.

7. E se queres huma muy certa, e efficaz triága contra este veneno, ama a humildade, e aborrece a soberba; pois esta he a mãy desta pestilencia. Porque como o soberbo não póde soffrer superior, nem admittir igual, facilmente tem inveja áquelles, que em alguma cousa lhe fazem ventágem, por lhe parecer, que fica abatido, se vê aos outros em mais alto lugar. Muito bem entendêo isto o Apostolo, quando disse: *Não sejamos desejosos da gloria vãa, competindo huns com outros, e tendo inveja huns aos outros.* Nas quáes palavras, pertendendo cortar os ramos da inveja, arrancou primeiro a má raiz da ambição, donde ella procedia. E pela mesma razão deves tu tambem apartar teu coração do amor desordenado dos bens do mundo, e amar sómente a herança do Ceo, e os bens espirituáes;

os quáes não se tornão menos, por serem muitos os seus possuidores, antes tanto mais se augmentão, quanto mais cresce o numero dos que os possûem. Mas pelo contrario, os bens temporáes, tanto mais se diminûem, quanto entre mais possuidores se repartem. E por esta causa a inveja atormenta a alma de quem os deseja; porque recebendo outro, o que elle cobiça, ou de todo lho tira, ou ao menos lho diminûe: porque com difficuldade póde este tal deixar de ter pena, se outro chega a possuir, o que elle deseja.

8. E não te deves contentar com carecer de pesar do bem do proximo; mas trabalha por lhe fazer todo o bem que podéres; e roga ao Senhor, que lhe faça, o que tu não podéres fazer. A nenhum homem do mundo aborreças; a teus amigos ama em Deos; e a teus inimigos, por amor de Deos; pois sendo tu primeiro seu inimigo, te amou tanto, que para resgatar-te do poder de teus inimigos, chegou a dar a vida por ti. E aindaque o proximo seja máo, nem por isso deve ser aborrecido; antes neste caso deves imitar ao medico; o qual aborrece a enfermidade, e ama a pessoa do enfermo: e assim virás a amar, o que Deos fez; e a aborrecer, o que o homem fez. Nunca digas em teu coração: Que tenho eu que vêr com este, ou com aquelle? ou em que lhe sou eu obrigado? não o conheço, nem he meu parente; nunca me aproveitou, nem fez bem algum; antes alguma vez me fez mal. Mas lembra-te sómente, que sem nenhum merecimento teu, te ha feito Deos grandes mercês: por cuja causa te pede, que em pága disso uses de liberalidade, não com elle, que não necessita de teus bens; mas com o proximo, que elle tanto te encommendou.

CAPITULO X

DOS REMEDIOS CONTRA A PREGUIÇA.

1. *Preguiça* he huma frôxidão, e descahimento do coração para bem obrar: e he especialmente, huma tristeza, e tédio das cousas espirituáes. O perigo deste peccado se conhece daquellas palavras, que disse o Salvador: *Toda a arvore, que não dér bom fructo, será cortada, e lançada no fogo.* E em outro lugar, exhortando-nos a viver com cuidado, e diligencia (que he a virtude contraria a este vicio) diz assim: *Abri os olhos, velai, e orai; porque não sabeis, quando sereis chamados.*

2. Pois quando este feyo vicio tentar teu coração, podes armar-te contra elle com as considerações seguintes. Primeiramente considera, quantos trabalhos passou Christo por teu amor, desde o principio até ao fim de sua vida; como passava as noites sem dormir, fazendo oração por ti; como discorria de huma a outra Provincia, ensinando, e sarando os homens; como se occupava sempre nas cousas, que pertencião á nossa salvação; e de mais de tudo isto, como no tempo de sua Paixão levou sobre seus sacratissimos hombros, cançados pelos muitos trabalhos passados, aquelle grande; e pesado madeiro da Cruz. Pois se o Senhor da Magestade tanto trabalhou por tua salvação, quanto será razão, que tu trabalhes por ella? Por livrar-te de teus peccados, padecêo aquelle tão delicado Cordeiro tantos, e tão grandes trabalhos, e tu não queres soffrer por elles, nem ainda os pequenos? Considera tambem, quantos trabalhos soffrêrão os Apostolos, quando forão prégando por todo o mundo; quantos padecêrão os Martyres,

quantos os Confessores, quantos as Virgens, quantos todos aquelles Padres, que vivião apartados nos desertos; e quantos finalmente todos os Santos, que agora reinão com Deos; por cuja doutrina, e suóres a Fé Catholica, e a Igreja se tem dilatado até ao dia de hoje.

3. Considera tambem, como nenhuma das cousas creadas está ociosa porque os exercitos Celestiáes cantão sem cessar louvores a Deos; o Sol, a Lua, as Estrellas, e todos os corpos Celestes dão cada dia huma volta ao mundo para nossa utilidade. As hervas, e as arvores, de huma pequena planta, vão crescendo até a sua justa grandeza. As formigas no Verão ajuntão em seus celleiros grãos, com que se sustentão no Inverno. As abelhas lavrão seus fávos de mel; e com grande diligencia matão os zangãos negligentes, e preguiçosos: e o mesmo acharás em todas as outras especies de animáes. Pois como tu, homem capaz de razão, não te envergonharás de ter preguiça, á qual por instincto da natureza aborrecem todas as creaturas irracionáes?

4. Considera tambem, que se os negociantes deste mundo passão tantos trabalhos para ajuntar as suas caducas riquezas (as quáes depois de adquiridas com tantos trabalhos, se hão de guardar com muitos perigos) que será razão faças tu, negociante do Ceo, para adquirir thesouros eternos, que hão de durar para sempre?

5. Considera mais, que se não queres trabalhar agora, quando tens forças, e tempo, talvez depois te faltará huma, e outra cousa, como cada dia vemos, que acontece a muitos. O tempo da vida he breve, e cheyo de mil estôrvos: por tanto, quando tiveres opportunidade para obrar bem, não a deixes passar

por preguiça; porque chegará a noite, isto he, o tempo da morte, quando ninguem póde trabalhar.

6. Considera alem disto, que teus muitos, e grandes peccados pedem muita penitencia, e grande fervor de devoção, para satisfazer a Deos por elles. Tres vezes negou S. Pedro a seu Divino Mestre, e todos os dias de sua vida chorou este peccado, aindaque já estava perdoado. Santa Maria Magdalena até ao ultimo instante de sua vida, não cessou de chorar seus peccados, aindaque tinha ouvido da boca do Salvador aquella tão doce palavra : *Os teus peccados te são perdoados.* E por abbreviar, deixo de referir aqui outros, que acabárão a penitencia com a vida, muitos dos quáes tinhão mais leves peccados que tu : pois como accumulando cada dia dia peccados a peccados, tens por pesado o trabalho necessario para satisfazer por elles? Pelo que, no tempo da graça, e da misericordia trabalha por fazer fructos dignos de penitencia, para que com os trabalhos desta vida venhas a remir os da outra. E aindaque as nossas obras, e trabalhos pareção pequenos, com tudo em quanto prodecem da graça, são de grande merecimento: assim que, no trabalho são temporáes; porem no prémio, eternos; breves no espaço da carreira; mas perpetuos na corôa. Por isso não consintamos, que este tempo de merecer se nos passe sem fructo; pondo diante dos ólhos o exemplo de hum devoto varão, o qual todas as vezes que ouvia dar o relógio horas, dizia : *Oh Senhor, Deos meu, já se passou outra hora, das que vós tendes contadas de minha vida, e de que tenho de vos dar conta!*

7. Se alguma vez nos virmos cercados de trabalhos, lembremo-nos, que nos convêm por muitas tribulações entrar no Reyno de Deos; e que não será corôado, se não o que pelejar varonilmente. E se te parece, que tens

pelêjado, e trabalhado bastantemente, lembra-te, que está escripto *O que perseverar até o fim, este será salvo*. Porque sem perseverança nem a obra e finalmente fructuosa; nem o trabalho premiado; nem o que corre consegue a victoria; nem o que serve, a graça final do Senhor. Por cuja causa não quiz Nosso Salvador descer da Cruz, quand lho pediáõ os Judeus, por não deixar imperfeita a obra de nossa Redempção. Por tanto, se queremos seguir a nossa cabeça, trabalhemos com toda a diligencia até á morte; porque o prémio do Senhor permanece para sempre. Não cessemos de fazer penitencia; não cessemos de levar nossa Cruz em seguimento de Christo; porque de outra sorte; que nos aproveitará ter feito huma larga, e prospera navegação, se por fim vimos a naufragar no porto?

8. Nem te deve espantar a difficuldade dos trabalhos, e combates; porque Deos, que te exhorta a que pelêjes, te ajuda tambem para que venças; elle vê tuas batalhas, e te soccôrre quando desfaleces, e te corôa quando vences. E quando te affligirem os trabalhos, toma este remedio: não compáres o trabalho da virtude, com o deleite do vicio contrario; mas sim a tristeza, que agora sentes na virtude, com a que sentirás, depois de haver peccado; e o prazer, que podes ter no tempo da culpa, com o que depois terás na gloria: e logo verás, quanto melhor seja o partido da virtude, que o dos vicios. Vencida huma batalha, não te descuides; porque (como diz hum Sabio) nascem muitas vezes descuidos de hum bom successo; mas antes então te deves aperceber, como se houvessem logo de tocar a arma para outra: porque nem o mar póde estar sem ondas, nem esta vida sem tentações. E de mais disto; o que começa huma boa vida, costuma ser mais fortemente tentado do inimigo; o qual não tanto se préza de tentar, e fazer cahir, aos

que já possúe com pacifico dominio, quanto aos que se achão fóra da sua juridição. Deves por tanto velar em todo o tempo, e estar álérta, e armado, em quanto estiveres nesta fronteira. E se alguma vez sentires ferida a tua alma, guarda-te de largar logo as armas, e o escudo, e de cruzar os braços, e de entregar-te ao inimigo. Antes então deves imitar aos Cavalleiros esforçados; aos quáes muitas vezes a vergonha de serem vencidos, e a dôr das feridas, não só não faz fugir, mas antes os estimúla mais a pelêjar. Deste modo pois, cobrando novo esfórço com a quéda, verás como logo fogem aquelles mesmos, de quem fugias; e perseguirás aos que te perseguião. E se por ventura fores (como acontece nas batalhas) outra vez ferido, nem ainda então deves perder o animo, lembrando-te ser esta a condição dos que pelêjão varonilmente, não que nunca sejão feridos, senão que nunca se rendão aos seus contrarios : porque não se diz vencido aquelle, que foi muitas vezes ferido, mas só o que sendo ferido, perdêo as armas, e o animo. E sendo ferido, procura curar logo a chaga; porque mais facilmente curarás huma, que muitas; e com mais brevidade a fresca, que a que já está afistulada.

9. Quando alguma vez fores tentado, não te contentes com não consentir na tentação; mas antes procura tirar della estímulos para a virtude : e com esta diligencia, e com a divina graça, não te farás peyor com a tentação, mas melhor; e assim tudo redundará em teu mayor bem. Se fores tentado de luxuria, ou de gûla, priva-te hum pouco dos costumados regálos, aindaque sejão licitos, e accrescenta mais alguma cousa aos jejuns, e santos exercicios. Se fores combatido de avareza, augmenta mais as esmolas, e boas obras, das que costumas fazer. Se fores estimulado de vangloria, tanto

mais então deves procurar humilhar-te em todas as tuas cousas. Deste modo por ventura temerá o demonio tentar-te, por te não dar occasião de aproveitares na virtude, e fazeres boas obras; pois sempre deseja, que as faças más. Fóge quanto poderes da ociosidade; e nunca estejas tão ocioso, que na ociosidade não te appliques a algúma cousa de proveito; nem tão occupado, que não procures na mesma occupação levantar teu coração a Deos, e negocear com elle.

CAPITULO XI

DE OUTRO GENERO DE PECCADOS, DE QUE DEVE PROCURAR FUGIR O BOM CHRISTÃO.

1. Alem destes sete peccados, que chamão *Capitães*, ha tambem outros, que se derivão delles; os quáes, não menos que os passados, deve trabalhar por evitar todo o bom Christão.

Entre estes, hum dos mais principáes he, o *jurar o Nome de Deos em vão*: porque este peccado he direitamente contra Deos; e assim de sua natureza he mais grave que qualquer outro, que se commetta contra o proximo, por muy grave que seja. E isto não só he verdade, quando se jura pelo mesmo Nome de Deos, senão tambem, quando se affirma pela Cruz, pelos Santos, e pela propria vida: porque qualquer destes juramentos (se cahe sobre mentira) he peccado mortal; e peccado grandemente reprehendido nas Sagradas Escripturas, como tão injurioso á Magestade Divina.

2. Verdade he, que quando o homem, sem advertir, jura com mentira, escusar-se-ha de peccado mortal;

porque aonde não ha advertencia da razão, nem deliberação da vontade, não ha este genero de peccado. Porem isto não se entende, em os que tem costume de jurar a cada passo, sem fazer caso, nem vêr como jurão; e nem lhes peza de ter tal costume, nem procurão fazer da sua parte por arrancal-o porque estes táes não se escusão de peccado, quando por causa deste máo habito jurão com mentira, sem que o advirtão, podendo, e devendo attender por isso. Nem podem allegar por si, dizendo, qne não advertírão; e que a sua vontade não era jurar com mentira; porque supposto que querem ter este máo costume, querem tambem o que delle se segue, que são este, e semelhantes inconvenientes: e por isso não deixão de se lhe imputar a culpa, e chamarem-se voluntarios.

3. Por isso deve o Christão trabalhar todo o possivel, por desaraigar de si este máo costume; para que assim não se lhe imputem estes descuidos a culpa mortal. E para isso não ha outro melhor meyo, que tomar aquelle tão saudavel conselho, que primeiramente nos dêo o Salvador, e depois o seu Apostolo S. Tiago, dizendo: *Ante todas as cousas, irmãos meus, não queirais jurar, nem pelo Ceo, nem pela terra, nem outro qualquer juramento, mas seja o vosso modo de fallar Sim, sim Não, não, para que não venhais a incorrer em juizo de condenação* (isto he, para que o costume de jurar vos não leve a affirmar com juramento alguma mentira, por donde sejais julgados, e sentenciados á morte eterna). E não só de sua propria pessoa, mas tambem de seus filhos, familia, e casa trabalhe por desterrar este tão perigoso vicio, reprehendendo, e admoestando a todos o seus familiares, quando os ouvir jurar qualquer juramento que seja. E quando elle mesmo se descuidar nisto, tenha

por costume dar alguma esmola, ou rezar ao menos hum Padre Nosso, e huma Ave Maria; para que isto lhe sirva, não tanto de penitencia pela culpa, quanto de lembrança; e despertador para não cahir mais nella.

§ I

DO VICIO DA MURMURAÇÃO; E DE ESCARNECER, E JULGAR TEMERARIAMENTE.

4. O outro peccado, que se deve tambem evitar com muito cuidado, he o da *Murmuração*: o qual não menos reyna hoje no mundo, que o passado; sem que haja casa forte, nem Congregação Religiosa, nem lugar sagrado, em que não entre. E aindaque que vicio seja familiar a todo o genero de pessoas (porque o mesmo mundo com os desatinos, que cada dia commette, assim como dá materia para chorar aos bons, assim tambem a dá para murmurar aos fracos); com tudo ha algumas pessoas por natural paixão mais inclinadas a elle, que outras. Porque assim como ha paladáres tão estragados, que não tem appetencia a cousas doces, nem as podem comer, senão a cousas amargosas, e azedas; assim tambem ha pessoas de vontade tão corrupta, e tão cheyas de humor triste, e melancólico, que em nenhuma materia de virtude, nem louvor alhêo achão gôsto, senão só em mofar, dizer mal, e tratar de males alhêos. De sorte, que para todas as outras práticas, e materias estão mudos, e adormecidos; porem em se tocando nesta técla, logo parece que despértão, e cóbrão novos espiritos para tratar desta materia.

5. Pois paraque concebas em teu coração odio a hum

vicio tão prejudicial, e odioso como he este, considera tres grandes males, que comsigo traz. O primeiro he, estar muito pérto de peccado mortal; porque da murmuração á detracção vai muito pouco caminho que andar; e como estes dous vicios são tão visinhos, facil cousa he, passar de hum a outro; assim como dizem os Philósophos, que entre os elementos, que concordão em alguma qualidade, he facil a passagem de hum para outro. E assim vemos muitas vezes, que quando os homens começão a murmurar, facilmente passão dos defeitos communs aos particulares, dos publicos aos ocultos, dos pequenos aos grandes; com o que deixão denigrida, e desdourada a fama de seus proximos porque depois que a lingua se começa a aquecer, e o ardor, e desejo de encarecer as cousas, vai crescendo, apenas se póde reprimir o appetite de continuar por diante; assim como não he facil deter o impeto da chamma, quando he assoprada do vento; ou o do cavallo desbocádo, quando dá em correr a toda a furia. E já então o murmurador não attende a ninguem, nem cessa de ir por diante, até não penetrar o mais escondido canto da casa. E por esta causa desejava tanto o Ecclesiastico a guarda desta pequena porta, dizendo *Quem dera á minha boca huma guarda, e puzerá em meus labios hum sello, para não vir a cahir por sua causa, e a minha mesma lingua me condene*! Quem isto dizia, muito bem conhecia a importancia, e difficuldade deste negocio; pois só de Deos (que he o verdadeiro medico deste mal) desejava, e esperava o seu remedio, como o testifica Salomão, dizendo *Ao homem pertence preparar a alma*; *mas a Deos, o governar a lingua* tão grande, e difficil he este negocio.

6. O segundo mal, que tem este vicio he, ser muito

prejudicial, e danoso: porque ao menos não se podem escusar nelle tres males; hum he do mesmo, que murmura; o outro, dos que ouvem, e consentem murmurar; e o outro, dos ausentes, de quem se diz o mal: porque (como dizem) as paredes tem ouvidos, e as palavras azas, e os homens naturalmente desejão grangear amigos, e congraçar-se huns com os outros, levando, e trazendo estas novas (com côr, e pretexto, de que tem muita conta com a honra dos ausentes); daqui nasce, que quando estas chegão aos ouvidos do infamado, se escandalize, e embraveça, e tome paixão, contra quem disse mal delle: do que costumão resultar inimisades eternas, e ainda ás vezes desafios, e mortes. Por cuja causa disse o Sabio: *O homem escarnecedor, e maldizente será maldito; porque turbou a muitos, que vivião em paz.* E tudo isto (como vês) nascêo de huma palavra desmandada: porque como diz o mesmo Sabio: *De huma faisca se levanta ás vezes hum grande incendio.*

7. Por causa destes danos he comparado este vicio na Escriptura, humas vezes ás navalhas affiadas, que cortando os cabellos, não se sentem; outras ás settas, que despedidas do arco, férem de longe aos ausentes; e outras ás serpentes, que mordendo á caláda, deixão a peçonha na ferida; com as quáes comparações nos quiz o Espirito Santo dar a entender a malicia, e danos deste vicio; a qual he tão grande, que disse o Sabio: *A ferida do açoute deixa hum vergão na carne; porem a da má lingua deixa os ossos moídos.*

8. O terceiro mal, que este vicio encerra, he, ser muy odioso, e infame entre os homens; porque todos naturalmente fogem das pessoas de má lingua, como de serpentes venenosas. Por cuja causa disse o Sabio: *He terrivel na sua Cidade o homem, que falla muito.*

Pois que mayores inconvenientes queres, para aborrecer hum vicio, que por huma parte he tão danoso; e por outra, tão sem fructo? Para que queres tu sem causa, nem proveito algum, fazer-te infame, e odioso para com Deos, e os homens? especialmente em hum vicio tão quotidiano, e tão usado, em que quasi tantas vezes has de perigar, quantas fallares, e praticares com outros.

9. Faze pois agora de conta, que a vida do proximo he para ti, como huma arvore vedada, em que te não he licito tocar. Com igual cuidado has de procurar, nunca dizer bem de ti, nem mal de outros; porque o primeiro he de vaidosos; e o segundo, de malédicos. Sejão todos da tua boca virtuosos, e todos honrados; e tenha todo o mundo entendido, que ninguem pelo teu dito ha de perder. Desta sorte escusarás infinitos peccados, e outros tantos escrupulos, e remôrsos de consciencia; e te farás amavel a Deos, e aos homens; e do modo que honrares a todos, assim serás honrado de todos. Põem hum freyo em tua lingua, e está sempre attento a engulir as palavras, que se revólvem em teu peito, quando vires, que trazem sangue. Crê ser esta huma das grandes prudencias, e discrições, que póde haver; e hum dos grandes imperios, que podes alcançar, se o tiveres sobre a tua lingua.

10. E não imagines, que te escusas deste vicio, quando murmuras com artificio, louvando primeiro, ao que queres condenar: porque alguns murmuradores ha, que imitão aos barbeiros; os quáes quando querem sangrar, untão primeiro brandamente com azeite a vêa, e depois metem a lanceta, e tirão o sangue. Destes diz o Propheta: *Fallão palavras mais brandas que o azeite; porem verdadeiramente são settas.*

11. E sendo grande virtude, abster-se hum de toda

a especie de murmuração, muito mais o he para com aquelles, de quem temos recebido alguma offensa. Porque quanto o appetite de fallar mal destes, he mais vehemente, tanto de mais generoso coração he, ser moderado nesta parte. E por isso convêm ter aqui mayor cautela, aondè se reconhece mayor o perigo.

12. E não só te deves abster de murmurar, e dizer mal, senão tambem de ouvir, aos que murmurão, guardando aquelle conselho do Ecclesiastico que diz: *Tapa teus ouvidos com espinhos, e não ouças a lingua do maldizente.* Aonde não se contenta com dizer, que tapes os ouvidos com algodão, ou outra cousa branda; mas quer que seja com espinhos; não só para que não entrem em teu coração táes palavras, gostando de as ouvir, mas tambem para que piques o coração do que murmura, mostrando máo rósto ás suas palavras, como mais claramente o significou Salomão, quando disse: *O vento Norte dissipa as nuvens; e o rôsto triste a lingua do que murmura.* Porque (como diz S. Jerónymo) a setta sacudida do arco, não se finca na pedra dura; mas retrocedendo, fére ás vezes ao mesmo, que a despedio.

13. Por tanto, se o que murmura he subdito, ou pessoa tal, a quem sem escândalo possas mandar calar, o deves fazer: e quando não possas, ao menos procura meter de permeyo com prudencia alguma outra prática, para com ella cortar o fio da murmuração; ou mostra-lhe tão má cara, que o murmurador se envergonhe do que falla; e assim fique cortezmente avisado, e mude de prática; porque de outro modo, se o ouves com gosto, e rôsto alegre, lhe darás occasião, para que continúe por diante, e assim não menos peccarás tu ouvindo, que elle fallando: porque se he grande mal pegar fogo a huma casa, não he menor,

estar-se hum aquentando á chamma, que outro accendêo, estando obrigado a acudir com agua.

14. Porem entre todos os modos de murmurar, o peyor he, o qûe se usa contra os bons: porque com isto se acobárdão os fracos, e pusillânimes; e se cerra a porta a outros mais fracos, para que não se atrevão a entrar com este receyo. Porque aindaque isto não seja escândalo para os fortes, não se póde negar, que o seja para os pequenos, e fracos. E para que não tenhas em pouco este genero de escândalo, lembra-te do que diz o Salvador: *Quem escándalizar a hum destes pequeninos, que crem em mim, mais valéra, que lhe atassem ao pescoço huma pedra de atafona, e o lançassem no profundo do mar.* Por isso tu, irmão meu, repúta por huma especie de sacrilegio, o pôr a boca nos que servem a Deos: porque aindaque fossem, o que os máos dizem, só pelo sobrescrito que trazem, merecem ser honrados; mayormente dizendo Deos delles: *Quem vos tocar, toca-me a mim na menina de meus ôlhos.*

15. Tudo isto, que se tem dito contra os murmuradores, e maldizentes, se deve entender tambem (e ainda muito mais) dos *escarnecedores, e mofadores.* Porque este vicio tem tudo, o que se acha no passado; e alem disto, inclûe ainda mais outra fealdade de soberba, presumpção, e desprêzo dos outros: por cuja causa he muito mais para fugir que o outro; como o mandou Deos na Ley, quando disse: *Não serás maledico, nem escarnecedor nos póvos.* E por isso não será necessario gastar mais palavras em afeyar este vicio; pois para isto deve bastar, o que está dito.

† Livros Católicos para Download

§ II.

DOS JUIZOS TEMERÀRIOS ; E DA OBSERVANCIA DOS MANDAMENTOS DA IGREJA.

Com estes dous peccados se ajunta (como muy proximo) o de *julgar temerariamente*. Porque os murmuradores, e escarnecedores, não só fallão mal das cousas, que realmente passão, mas tambem de tudo, o que elles julgão, ou suspeitão ser assim. Porque, para que lhes não falte materia de murmuração, elles mesmos a levantão, e inventão, quando falta, com os juizos, e suspeitas, que lhes suggére a malignidade de seu coração, lançando á má parte, o que se podia interpretrar á boa ; contra o que o Salvador nos manda, quando diz : *Não julgueis e não sereis julgados ; não condeneis, e não sereis condenados.* Isto póde tambem muitas vezes ser peccado mortal, quando o que se julga he cousa grave, e se faz com pouco, ou nemhum fundamento. Porem quando o juizo fosse mais suspeita, que juizo, então não seria peccado mortal, pela imperfeição do acto.

17. Com estes peccados, que são contra Deos, se ajuntão os que se commettem contra os cinco Mandamentos da Santa Madre Igreja ; os quáes obrigão de preceito ; como são, ouvir Missa inteira Domingos, e dias de festa ; confessar-se ao menos huma vez cada anno ; commungar pela Páscoa ; jejuar os dias que ella manda ; e pagar fielmente os dizimos. O mandamento do jejum obriga de vinte e hum annos por diante (pouco mais ou menos, segundo o parecer do discreto Confessor, ou Cura ;) salvo he se houvesse algum impedimento, ou de enfermidade, ou muita fraqueza, ou velhice ; ou

fossem pessoas de trabalho, ou mulheres que crião, ou andão pejadas, ou os que não tem para comer sufficientemente huma vez no dia. E assim póde haver outros semelhantes impedimentos.

18. Quanto ao preceito de ouvir Missa nos dias de obrigação, procure o Christão assistir a ella, não só com o corpo, senão tambem com o espirito tendo, recolhidos os sentidos, e calada a lingua; mas o coração esteja attento a Deos, e aos mysterios da Missa, ou a algum outro Santo pensamento ou ao menos rezando alguma cousa devota.

19. E os que tem familia, como filhos, criados e escrávos, devem procurar com todo o cuidado e diligencia, que estes oução Missa no dias de festa; e se não poderem assistir á mayor (por terem de ficar em casa para preparar a comida ou occupados em outras cousas necessarias) ao menos procurem, que nesse dia pela manhãa oução huma Missa rezada paraque assim cumprão com esta obrigação. No que ha muitos, dos que tem cargo de familia, grandemente culpados, e negligentes, os quáes darão a Deos estreita conta deste descuido. Verdade he, que quando se offerecesse urgente e racionavel causa pela qual não se podesse ouvir Missa (como seria o estar tratando de hum enfermo, ou cousas semelhantes) então não haveria peccado em deixar a Missa; porque a necessidade não está sujeita a esta ley.

20. Estes são os peccados mais quotidianos, e em que mais vezes costumão cahir os homens; dos quáes todos devemos sempre fugir com summa diligencia; de huns porque são mortáes e dos outros, porque (álem de serem de si mais graves, que outros communs veniáes) estão muy pérto de serem mortáes. Deste modo conservaremos a innocencia, e aquellas candidas vesti-

duras, como nos pede Salomão, quando diz; *Em todo o tempo estejão candidas as tuas vestiduras, e nunca jámais falte óleo a tua cabeça* (isto he, a unção da divina graça;) a qual nos dá luz, e fortaleza para todas as cousas; e assim nos ensina e esforça para todo o bem; que são os principáes effeitos deste celestial óleo.

CAPITULO XII.

DOS PECCADOS VENIAES.

1. Aindaque estes sejão os principáes peccados, de que te deves guardar, nem por isso cuides já, que tens licença para largar a rédea a todos os outros peccados veniáes. Antes te rogo instantissimamente, que não sejas do numero daquelles, que em sabendo, que huma cousa não he peccado mortal, logo sem mais escrupulo se arrojão a ella com grandissima facilidade. Lembra-te que diz o Sábio *O que despréza, e não faz caso das cousas pequenas, pouco a pouco descahirá de sorte, que venha a cahir, e commetter as grandes.* Lembra-te do adagio que diz: Por hum cravo se perde huma ferradura; e por huma ferradura, hum cavallo; e por hum cavallo, hum Cavalleiro. As casas, que pelo tempo vêm a cair, primeiro começão por humas pequenas goteiras; e assim finalmente se arruinão, e dão comsigo em terra. Lembra-te, que posto que seja verdade, não bastarem sete, nem sete mil peccados veniáes, para fazerem hum mortal, com tudo he verdade, o que Santo Agostinho diz por estas palavras: *Não queirais desprezar, e ter em pouco os peccados veniáes, porque são pequenos; porem temei-os, porque são muitos. Por quanto muitas vezes acontece, que os animáes pequenos,*

quando são muitos, matão os homens. Por ventura não são miúdos os grãos de aréa? pois se carregais hum navio de muita quantidade della, logo se irá ao fundo. Quão miúdas são as gôtas de agua! e com tudo não engrôssão com ellas os caudalosos rios, e derribão os soberbos palacios? Isto pois diz Santo Agostinho, não porque muitos peccados veniáes fação hum mortal (como já dissemos); mas porque dispôem para elle; e muitas vezes vêm a dar nelle. E não só isto he assim, senão tambem o que diz S. Gregorio *Em parte he mayor perigo cahir nas culpas pequenas, que nas grandes; porque estas quanto mais claramente se conhecem, tanto mais depréssa se evitão; mas aquellas, como se não faz caso dellas, tanto mais perigosamente se repetem, quanto mais seguramente se commettem.*

2. Finalmente, os peccados veniáes (por pequenos que sejão) damnificão grandemente á alma; porque tirão a devoção, turbão a paz da consciencia, apagão o fervor da caridade, debilitão o coração, amortecem o vigor do animo, entibião o fervor da vida espiritual, e finalmente resistem (em seu modo) ao Espirito Santo, e impedem em nós a sua operação. Pelo que, com todo o cuidado se devem evitar; pois nos consta de certo, não haver inimigo tão pequeno, que desprezado, não seja muy poderoso para fazer mal.

3. E se queres saber, em que genero de cousa se commettão estes peccados, digo-te, que em huma pouca de ira, de gula, ou de vangloria; em palavras, e pensamentos ociosos; em risos, e zombarias immoderadas; em tempo perdido, em dormir demasiado, em mentiras, e adulações em cousas leves, e assim em outras cousas semelhantes.

4. Temos pois aqui assignados tres differenças de peccados; huns, que commumente são mortáes; outros, que pela mayor parte são veniáes; e outros, que estão como no meyo destes dous extremos; que humas vezes são mortáes, e outras veniáes. De todos convêm guardar-nos; porem mais destes, que estão como no meyo; e muito mais dos mortáes; pois por elles só se quebra a paz, e amizade com Deos; e se perdem todos os bens da graça, e todas as virtudes infusas; aindaque a Fé, e a Esperança não se percão, senão por seus actos contrarios.

CAPITULO XIII

DE OUTROS REMEDIOS MAIS BREVES, E FÁCEIS CONTRA TODO GENERO DE PECCADOS; E ESPECIALMENTE CONTRA OS SETE, CHAMADOS CAPITÁES.

1. As considerações, que atéqui temos apontado, servirão para que o homem tenha o seu animo bem disposto, e armado contra todo o genero de peccados: mas para o tempo da pelêja (que he quando alguns destes vicios tentar teu coração) poderás usar destas breves sentenças, que nos deixou escriptas hum Religioso varão; o qual se armava contra cada hum destes vicios da maneira seguinte.

2. Contra a *Soberba* dizia: *Quando considero o grande extremo de humildade, a que por mim se abateo o Altissimo Filho de Deos, nunca qualquer creatura me pôde humilhar tanto, que não me tivesse por digno de mayor abatimento.*

3. Contra a *Avareza* dizia: *Entendendo eu, que com cousa nenhuma podia a minha alma ter fartura, senão só*

em Deos, parecêo-me ser grande loucura, buscar outra cousa, que não fosse Deos.

4. Contra a *Luxuria* dizia *Depois que entendi a grandissima dignidade, que se concede a meu corpo, quando recebe o Corpo Santissimo de Christo, parecêo-me grande sacrilegio, profanar com a immundicia dos peccados carnáes o templo, que elle para si consagrou.*

5. Contra a *Ira* dizia : *Nenhuma injuria de homens será bastante para poder turbar-me, se me lembrar das que tenho commettido contra Deos.*

6. Contra o *Odio*, e *Inveja* dizia : *Depois que entendi, como Deos tinha recebido a hum tão grande peccador, como eu sou, não posso querer mal a ninguem, nem negar-lhe o perdão.*

7. Contra a *Gûla* dizia : *Quem considerar naquelle amargosissimo fel, e vinagre, que no meyo dos tormentos se deo por ultimo refrigerio ao Filho de Deos, ao tempo que padecia pelos peccados alhêos, se envergonharia de buscar manjares delicados, e exquisitos, tendo tanta obrigação de padecer alguma cousa pelos seus proprios.*

8. Contra a *Preguiça* dizia : *Tendo eu entendido, que depois de hum brevissimo trabalho se alcançava a Gloria eterna, parecêo-me ser muy leve outro qualquer, que por esta causa se padecesse.*

§ UNICO

DE OUTROS REMEDIOS MAIS BREVES, QUE SANTO AGOSTINHO DÁ CONTRA TODOS OS VICIOS.

9. Outro genero de remedios, assim mesmo breves, dá Santo Agostinho contra todos os vicios; ainda que

alguns os attribúem a S. Leão Papa: nos quáes por huma parte representa o modo, com que o vicio tenta, e o que propõem; e por outra, as considerações, e palavras, com que lhe havemos de sair ao encôntro as quáes por me parecerem muy proveitosas, quiz aqui ajuntar.

10. Começa pois primeiramente a fallar a *Soberba*, e diz assim: Certamente que tu fazes ventágem a outros muitos em sabedoria, eloquencia, riquezas, e outras muitas prendas; por tanto, a todos he razão, que tenhas em pouco; pois a todos és superior. Responde a *Humildade*: Lembra-te que és pó, e cinza, podridão, e bichos; e supposto que sejas grande, se quanto és mayor, te não humilhares mais, deixarás de ser o que és. Dize-me: Por ventura és tu mayor que o Anjo, que cahio? Por ventura resplandeces mais na terra, que Lucifer resplandecia no Ceo? Pois se aquelle por sua soberba cahio de tão grande altura em tanta miseria; como queres tu de tanta miseria, subir a tão alta gloria, permanecendo na mesma soberba?

11. A *Vangloria* diz Faze todos os bens que poderes, e publica-os a todos, para que todos, te tenhão por bom, e de todos sejas reverenciado, e ninguem te despreze, nem tenha em pouco. Responde o *Temor de Deos* Grande loucura he por certo, dar por honra temporal aquillo, com que se ganha a gloria eterna. Por tanto, trabalha por encobrir (ao menos com a vontade) as boas obras que fazes: porque se assim as esconderes, não será vaidade mostral-as; porque não se póde chamar publico, o que está escondido no coração.

12. A *Hypocrisia* diz: Já que na realidade não tens bem algum, finge ao menos no exterior, o que não tens para que não sejas aborrecido de todos, se por tal fores de todos conhecido. Responde a *Verdadeira Reli-*

gião: Muito mais devès trabalhar por ser, que por parecer o que não és porque o proprio officio de hum verdadeiro Christão he, procurar mais de ser bom, que parecel-o. Porque que outra cousa ganhas em enganar aos homens com esse fingimento, senão a tua propria condenação?

13. O *Desprézo*, e *Desobediencia* diz: Quem és tu, para que sirvas aos outros, que são teus inferiores? A ti te convinha mandar, e a elles obedecer; porque não igualão comtigo nem no engenho, nem na discrição, nem na virtude. Basta que guardes os Mandamentos de Deos; e não se te dê, do que te mandão os homens. Responde a *Sujeição*, e *Obediencia* Se he necessario sujeitar-te aos Mandamentos de Deos, pela mesma razão te deves sujeitar aos preceitos dos homens; porque o mesmo senhor diz *Quem vos ouve a vós, ouve-me a mim: e quem vos despreza, a mim me despréza.* E se dizes ser isto justo, e posto em razão, quando o que manda he bom, e não quando o não he, ouve o que em contrario te diz o Apostolo *Todo o poder, que os homens tem, lhes vêm de Deos; e as cousas que vêm de Deos, são ordenadas.* Assim que, não te pertence a ti saber, quem são os que mandão, senão o que te mandão, para haver de o cumprir.

14. A *Inveja* diz: Em que cousas és tu menor que aquelle, ou aquella? Pois porque não serás tu tido em tanto, ou em mais que elles? Quantas cousas podes tu fazer, que elles não podem? Pois he huma injustiça, o igualarem-se comtigo, ou fazerem-se teus superiores. Responde a *Concordia*: Se a todos excedes em virtude, mais seguro estarás no lugar baixo, que no alto; porque a quéda, que se dá daquelle, sempre he de mayor perigo. E dado, que muitos te sejão iguáes, ou superiores na fortuna, que prejuizo recebes tu por isso? Deverias adver-

tir, que tendo inveja ao que está no lugar alto, te fazes semelhante ao diabo, de quem se escreve : *Por inveja do diabo entrou a morte no mundo, e a elle imitão todos, os que são de seu partido.*

15. O *Odio* diz : Nunca Deos permitta, que tu ames, a quem se encontra comtigo em todas as cousas; e quem sempre de ti murmura; a quem de todas as tuas cousas escarnece; a quem te dá em rôsto com o peccado que fizeste; e finalmente, a quem sempre em todas as suas palavras, e obras se te antepõem; pois he certo, que se elle te não tivesse ódio, não te poria debaixo dos pés. Responde o *Amor verdadeiro* : Dado, que essas cousas sejão aborreciveis do homem, por ventura se ha de por isso aborrecer nelle a imagem de Deos? Por ventura Christo estando na Cruz não amou a seus inimigos? e partindo desta vida, não nos encommendou, que fizessemos o mesmo? Pois lança fóra de teu peito toda a amargura do ódio, e bebe a doçura do amor : porque alem dos respeitos, e razões eternas, que a isto te obrigão) nenhuma cousa ha nesta vida, nem mais doce, nem mais suave que o amor; e nenhuma mais amarga, e desabrida que o ódio; o qual he como hum cancro, que sempre está roendo, e despedaçando as entranhas, de quem em si o admitte.

16. A *Murmuração* diz Quem póde já soffrer? quem póde calar quantos males, este, e aquelle tem commettido senão, que por ventura he seu consentidor? Responde a *Correcção Caritativa:* Nem se hão de publicar os males do proximo, nem se hão de consentir : mas o mesmo delinquente deve ser admoestado com caridade, e soffrido com paciencia. Convêm porem algumas vezes, que os erros dos peccadores es calem e occultem por algum tempo, para que em outra occasião mais opportuna se reprehendão.

17. A *Ira* diz: Como he possivel, que se soffra com paciencia, o que comtigo se pratica? antes o soffrer taes cousas e peccado; e se lhe não resistes com grande indignação, cada dia se farão contra ti outras peyores. Responde a *Paciencia*: Se a Paixão do Redemptor se trouxer a memoria, não haverá cousa, que se não soffra com igual animo: porque (como diz S. Pedro) *Christo padecêo por nós, deixando-nos exemplo para que sigamos as suas pisadas: o qual quando padecia não se irava nem ameaçava, a quem o maltratava.* Principalmente, sendo tão pouco, o que padecemos, comparado com o que elle padecêo: porque soffrêo injurias, escárneos, bofetadas, açoutes, espinhos, e Cruz: e a nós miseraveis qualquer palavra nos turba e qualquer descortezia nos mata.

18. A *Dureza de coração* diz: Por ventura has de fallar com doçura, e palavras brandas a huns homens brutos, nescios, e insensiveis, que ás vezes com isto se ensoberbecem, e levantão as mayores? Responde a *Mansidão;* Não se ha de ouvir nesta parte o teu conselho, senão o do Apostolo que diz: *Não convem ao servo do Senhor litigar, mas ser manso, e affavel para com todos.* Verdade he, que este vicio de contender, he mais danoso nos subditos, que nos Prelados porque muitas vezes acontece desprezarem os subditos as palavras humildes, e doces de seus Prelados e atirão settas de desprezo contra ellas.

19. A *Presumpção*, e *Temeridade* diz: A Deos tens no Ceo por testemunha não faças caso, do que os homens suspeitão de ti cá na terra. Responde *a devida Satisfação.* Não he justo dar aos outros occasião de murmurar nem de publicar, o que suspeitão. Mas se com verdade és reprehendido, confessa tua culpa: e se não he assim, nega-a respondendo com humildade.

20. A *Preguiça*, e *Frôxidão* diz Se te dás de continuo ao estudo da lição, oração, e lagrimas, virás a perder a vista. Se alargas demasiadamente as vigilias da noite, perderás o juizo; e se te fatigas com o trabalho demasiado ficarás inhabil para todo o espiritual exercicio. Responde a *Diligencia*, e o *Trabalho*: Para que te promettes dilatados annos, em que hajas de padecer estes trabalhos? quem te assegurou o dia de a manhãa, ou a hora presente? Estás por ventura esquecido, do que diz o Salvador: *Velai, porque não sabeis o dia, nem a hora*? Por tanto, sacóde de ti toda a negligencia, e preguiça: porque não são os tibios, nem os preguiçosos os que alcanção o Reyno dos Ceos; mas sim os esforçados, e fervorosos.

21. A *Escasseza* diz: Se dás aos estranhos os bens, que possûes, com que poderás sustentar aos teus. Responde a *Misericordia*: Lembra-te do que acontecêo ao rico, que se vestia de purpura, e olenda; o qual foi condenado, não porque roubasse o alhêo, mas porque não dava o seu. Por cuja causa estando no Inferno chegou a tão grande miseria, que pedindo huma gôta de agua, não a alcançou porque pedindo-lhe o pobre Lazaro huma migalha de pão, elle lha não dêo.

22. A *Gûla* diz: Todas as cousas creou Deos para comer logo a que não quer comer, que outra cousa faz, senão desprezar os beneficios de Deos? Responde a *Temperança*: Huma destas cousas que dizes, he verdadeira; porque todas as cousas creou Deos, para que o homem não morresse de fóme; mas para que não excedesse a justa medida, mandou-lhe, que tivesse abstinencia: e a falta desta, se conta por hum dos principaes peccados dos moradores de Sodôma, pelos quáes esta miseravel cidade chegou ao extremo da perdição.

Convêm por tanto que o são tome o alimento do mesmo modo que o enfermo a medicina, isto he, não para deleitar-se com elle, mas para soccorrer a sua necessidade. E aquelle de todo vence este vicio, que não só observa na refeição a justa quantidade mas tambem despreza os delicados, e saborosos manjáres: excepto, quando a enfermidade, ou a caridade pede outra cousa.

23. A *Vãa alegria* diz, para que escondes dentro de ti o gôzo de teu coração? Publîca a todos a tua alegria, e dize em presença de teus companheiros alguma cousa, com que folguem, e rião. Responde a moderada *Tristeza;* Donde ou de que tens tu tanta alegria? Tens por ventura já vencido o demonio? ou acabaste já o tempo de teu desterro, e chegaste já á Patria? Por ventura não te lembras do que diz o Senhor *O mundo se alegrará, e vós vos entristecereis; mas a vossa tristeza se converterá em gôzo, e alegria*? Por tanto refrêa essa tua vãa alegria; porque ainda não tens escapado de todos os males deste tão perigoso gôlfo.

24. A *Loquacidade* diz: Não he peccado fallar muito, se se falla bem; assim como não deixa de o ser, o fallar mal, aindaque seja pouco. Responde o *discreto Silencio*: He verdade o que dizes; porem muitas vezes querendo o homem fallar muitas cousas boas, acontece que degenére em mal a practica, que se começou bem. Por cuja causa disse o Sabio; *No muito fallar não póde deixar de haver peccado.* E se talvez na larga conversação procuras evitar palavras nocivas, não poderás por ventura evitar as ociosas; das quáes has de dar conta no dia do juizo. Convêm pois ter medida no fallar, aindaque as palavras sejão boas, para que não venhão a parar em más.

25. A *Luxuria* diz Porque não gozas agora de teus deleites, e prazêres; pois não sabes o que te está

esperado. Não he justo, que percas este bom tempo; porque não sabes, quão depressa se passará. Porque se Deos não quizera, que os homens gozassem destes deleites, não creára no principio do mundo homens, e mulheres. Responde a *Castidade* Não quero que dissimûles, ou finjas que não sabes, o que te está esperado para depois desta vida. Porque se viveres pura, e castamente, terás prazêres, e alegrias sem fim; e se impura, e deshonestamente, serás levado aos tormentos eternos. E quanto mais conheces que passa ligeiro o tempo, tanto mais te convêm viver castamente; pois muy miseravel he aquella hora de deleite, em que se perde huma vida, que dura para sempre.

26. Tudo o que atéqui se tem dito, serve para prover-nos das armas espirituáes, que para esta malicia são necessarias: com as quáes poderemos conseguir a primeira parte da *Virtude*, que he carecer de vicios; e defender este pôsto, em que Deos nos pôz (e em que elle móra) para que não seja occupado do inimigo. Porque guardada fielmente a pousada, teremos sem duvida nella aquelle Celestial hospede; pois (como diz S. João) *Deos he Caridade; e quem está em caridade, está em Deos, e Deos nelle;* e aquelle está em caridade, que nenhuma cousa faz contra ella; e não ha cousa, que lhe seja contraria, senão só o peccado mortal; contra o qual serve tudo, o que atéqui se tem dito.

PARTE II

Na qual se trata do Exercicio das Virtudes.

CAPITULO XIV

DE TRES GENEROS DE VIRTUDES, NAS QUÆS SE COMPREHENDE A SUMMA DE TODA A SANTIDADE.

1. Tendo-se já na primeira parte deste Livro tratado dos *Vicios*, com que se affêão, e escurecem as almas, resta agora tratar das *Virtudes*, que as adornão, e aformosêão com o espiritual ornato da justiça. E porque assim como a esta justiça compete dar a cada hum, o que lhe pertence, assim a Deos, como ao proximo, e como a si mesmo, assim tambem ha tres generos de virtudes, de que se compõem: humas, que principalmente servem para cumprir, com o que o homem he obrigado a Deos; outras, com o que deve ao proximo; e outras, com o que deve a si mesmo. E feito isto, não resta ao homem outra cousa mais, para cumprir com toda a virtude, e justiça; isto he, para que seja verdadeiramente justo, e virtuoso: que he, o que aqui pertendemos fazer.

2. E se queres saber em poucas palavras, e breves comparações, o modo como isto se possa fazer, digo, que cumprirá o homem perfeitamente com estas tres obrigações, se tiver estas tres cousas; a saber, para com Deos *Coração de filho;* para com o proximo *Coração*

de mãy; e para comsigo mesmo *Espirito, e coração de juiz.* Estas são aquellas tres partes de justiça, nas quáes pôz o Propheta a summa de todo o nosso bem, quando disse: *Ensinar-te-hei, o homem, em que está todo o bem; e o que o Senhor quer de ti: Quer que faças justiça, e ames a misericordia, e que andes solicito, e cuidadoso com teu Deos.* Nas quáes palavras, por *Fazer justiça,* declara o que o homem deve fazer para comsigo. Por *Amar a misericordia,* o que deve obrar para com o proximo. E por *Andar solicito com Deos,* o que deve praticar para com este Senhor. Consistindo pois nestas tres cousas todo o nosso bem, trataremos agora dellas mais largamente porque no *Memorial da vida Christãa,* não fizemos mais que passar por aqui brevemente, reservando a sua declaração para este lugar.

CAPITULO XV

DO QUE DEVE FAZER O HOMEM PARA COMSIGO MESMO.

1. Como a Caridade bem ordenada comece por si mesmo, demos principio por donde o Propheta começou, que he, *Fazer justiça;* o que pertence ao espirito, e coração de juiz; o qual deve ter o homem para comsigo mesmo. Ao officio de hum bom juiz pertence ter bem ordenada, e reformada a sua Republica: e porque nesta pequena Republica do homem, ha duas partes principáes que reformar (isto he, o corpo com todos os seus membros, e sentidos; e a alma com todos os seus affectos, e potencias) convêm que todas estas cousas se reformem, e encaminhem virtuosamente na fórma, que aqui declararemos; e deste modo terá o homem cumprido, com o que a si mesmo he devedor.

§ I

DA REFÓRMA DO CORPO.

2. Para reformar pois o corpo, serve primeiramente a composição, e disciplina do homem exterior, observando o que Santo Agostinho diz em sua Regra, isto he, que no andar, e no vestir não se faça cousa alguma, que escandalize, e offenda os ólhos de ninguem; mas que todas as cousas sejão convenientes, e confórmes á santidade da nossa profissão. E por isso procure o servo de Deos tratar com os homens com tanta gravidade, humildade, suavidade, e mansidão, que todos, quantos o communicarem, fiquem sempre edificados, e aproveitados com seu exemplo. S. Paulo quer que sejamos como huma especie aromática; a qual communica logo a suavidade de seu cheiro, a quem a toca; e assim as mãos, que a houverem tocado, ficão do mesmo modo cheirosas como ella: porque táes hão de ser as palavras, as obras, a composição, e conversação dos Servos de Deos, que todos quantos tratarem com elles, fiquem edificados, e como santificados com seu exemplo, e conversação. He este hum dos principáes fructos, que se seguem desta modestia, e composição exterior; a qual he hum certo modo de prégar mudo: porque sem estrondo de palavras, mas com exemplo de virtudes, convidamos os homens a glorificar a Deos, e a amar a virtude, segundo o que nos encommenda o Salvador, quando diz: *De tal modo ha de luzir a vossa luz diante dos homens, que vejão elles as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pay, que está no Ceo.* Conforme ao que, diz Isaias, que o servo de Deos ha de ser, como huma arvore formosissima, plantada pela mão

de Deos, para que quem quer que o vir, glorifique a Deos por elle. Mas não se entende por aqui, que deva o homem fazer as suas boas obras, para que sejão vistas; antes (como diz S. Gregorio) de tal sorte se ha de fazer a boa obra no publico, que sempre a intenção fique escondida; para que com a boa obra dêmos ao proximo bom exemplo; e com a recta intenção de agradar só a Deos, desejemos sempre occultal-a.

3. O segundo fructo, que se segue desta exterior composição do homem, he a guarda do interior, e a conservação da devoção. Porque he tão grande a união, e liga, que ha entre estes dous homens, que o que ha em hum, logo se communica ao outro. Pelo que, se o espirito anda composto, logo tambem naturalmente se compõem o corpo: e pelo contrario, se o corpo anda inquieto, e descomposto, logo (não sei como) o espirito tambem se descompõem, e inquieta. De sorte, que qualquer dos dous he como espelho hum do outro: porque assim como tudo, o que se faz diante de hum espelho, este o representa: assim tambem tudo, o que passa em qualquer destes dous homens, logo se representa, e communica ao outro. Pelo que, a composição, e modestia exterior ajuda muito á interior: e seria grande maravilha, achar-se espirito recolhido em corpo inquieto, e desassocegado; que por isso disse Salomão: *O que tem os pés ligeiros, ha de cahir;* dando a entender, que os que carecem daquella gravidade, e repouso, que pede a disciplina Christãa, hão de tropeçar muitas vezes, e cahir em muitos defeitos, como costumão cahir, os que movem os pés com muita ligeireza, quando caminhão.

4. A terceira cousa, para que serve esta virtude, he para conservar com ella o homem a authoridade,

e gravidade, que pede o caracter de sua pessoa, e officio, se se acha constituido em dignidade; como a conservava o Santo Job; o qual em huma parte diz, que nunca a luz, e resplendor de seu rôsto cahia em terra por diversas occasiões, e acontecimentos: e em outra diz, que era tanta a sua authoridade, que quando os moços o vião, se escondião; e os velhos se lhe levantavão; e os Principes punhão o dedo na boca, e cessavão de fallar em sua presença; tão grande era o respeito que lhe tinhão. A qual authoridade (para que estivesse muy longe de todo o resábio de soberba) acompanhava este Santo varão com tanta suavidade, e mansidão, que elle mesmo diz de si, que estando assentado em sua cadeira, como hum Rey cercado de seu exercito, era por outra parte o abrigo, e commua consolação de todos os miseraveis.

5. Do que notarás, não ser a falta desta modéstia, e composição exterior tanto reprehendida dos sabios por grande culpa, quanto tida por nota, e final de leviandade porque a demasiada desenvoltura do homem exterior he (como já dissemos) argumento do pouco lástro, e assento do interior. Por cuja causa diz o Ecclesiastico: *O vestido do homem, e o seu modo de rir, e andar, dão logo a conhecer quem elle he.* O que confirma Salomão dizendo *Assim como na agua, quando está clara, apparece o rôsto de quem a ólha, assim os Sabios conhecem os corações dos homens pela móstra das obras exteriores, que nelles vem.*

6. Estes são os proveitos, que comsigo traz esta composição, de que fallamos; os quáes são muito grandes. Pelo que, não me parece bem a demasiada desenvoltura de alguns, que com o pretexto, de que não digão, que são hypócritas, riem, palrão, e se alargão a muitas cousas, com que vêm a perder todos estes proveitos.

Porque assim como (diz muito bem S. João Climaco) não hade o Monge deixar a abstinencia pelo temor da vangloria; assim tambem não he justo, carecer do fructo desta virtude, por amor de respeitos do mundo. Porque assim como não convêm vencer hum vicio com outro vicio, assim tão pouco, desistir de huma virtude, por nenhum respeito humano.

Isto he, o que geralmente pertence á composição do homem exterior em todo o lugar, e tempo. Mas porque esta se requer muito mais particularmente nos banquetes, e na mesa, como isto se haja de observar, o declaramos no parágrafo seguinte.

§ II

DA VIRTUDE DA ABSTINENCIA.

7. Proseguindo pois a tratar, do que pertence á reformma do corpo; o que principalmente para isto serve he, tratal-o com rigor, e aspercza, e não com regalo, e brandura : porque assim como a carne morta se conserva incorrupta com a myrrha, que he amargosissima (sem a qual logo se corrompe, e enche de bichos); assim tambem esta nossa carne com o regalo, e brandura se corrompe, e enche de vicios; e com o rigor, e aspereza se conserva em toda a virtude. Pois para isto nos convêm tratar aqui da *Abstinencia;* porque esta he huma das principães virtudes, que se presuppõem, para conseguir as outras; aindaque ella seja em si muy difficil de conseguir, pela contradição, e repugnancia, que encontra na nossa natureza corrupta. E supposto, que o que acima fica dito contra a gûla, bastava para entender a condição, e valor da abstinencia (pois por hum contrario se conhece o outro); com tudo para

mayor luz desta doutrina, será razão tratar della de per si; declarando assim a sua prática, e exercicio, como os meyos por donde se possa alcançar.

8. Começando pois pela *Disciplina, e modéstia,* que se deve guardar na mesa; esta nos ensina muy particularmente o Espirito Santo pelo Ecclesiastico por estas palavras: *Usa como homem temperado das cousas, que se te põem diante, para que não sejas aborrecido dos homens, se te virem comer desordenadamente. Acaba primeiro que os outros; porque assim o pede a ordem, e disciplina da temperança. E se estiveres assentado no meyo de outros, não sejas tu o primeiro em meter a mão no prato, nem em pedir de beber primeiro que os mais.* Por certo que são muy convenientes para a vida moral estas regras; e dignas daquelle Senhor, que fez todas as cousas com summa ordem, e concêrto; e assim quer, que tambem nós as façamos.

9. Esta mesma disciplina nos ensina S. Bernardo por estas palavras: *No comer havemos de ter conta com o modo, com o tempo, com a quantidade, e com a qualidade dos manjares.* O modo, *ha de ser, não derramando o homem todos seus sentidos sobre a comida.* O tempo, *não anticipando a hora ordinaria da refeição.* A quantidade, *não comendo mais, do que fôr bastante para sustentar a natureza.* A qualidade, *contentando-se com o que os mais comem, não querendo outras particularidades, nem delicadezas, não sendo por enfermidade, ou evidente necessidade.* Esta he a regra, que em poucas palavras nos dá este Santo.

10. E não he muy differente desta, a que nos dá S. Gregorio em seus *Mordes,* dizendo: *Abstinencia he aquella, que não anticipa a hora de comer, como fez Jonathas, quando comêo o favo de mel: nem tão pouco deseja manjares appetitosos, como fizerão os filhos de*

Israel no deserto, desejando os manjáres do Egypto nem quer guisados curiosamente preparados, como os querião os filhos de Heli; nem come até não poder mais, como fazião os Sodomîtas : nem com demasiado gôsto, e sensualidade, como Esaú comêo a escudella de lentilhas, pela qual vendêra o seu morgado. Atéqui são palavras de S. Gregorio; nas quáes comprehende em breve muitas cousas; e as exorna com exemplos muito a proposito.

11. Porem mais copiosamente trata esta materia Hugo de S. Victor: o qual no livro da *Disciplina Monastica* ensina, a que devemos ter no comer, por estas palavras : *Em duas cousas* (diz) *se ha de guardar a disciplina, e modestia ao tempo de comer; isto he, na comida, e no que a cóme. Porque o que cóme, ha de procurar observar modestia no fallar, no olhar, e na composição do corpo, para que refree sua lingua de toda a palraria, abstenha seus ólhos de olhar para todas as partes, e tenha todos os mais membros, e sentidos compóstos, e socegados. Porque ha alguns, que quando se assentão á mesa, descóbrem o appetite da gûla, e a intemperança de seu animo; e com hum inquieto desassocego de membros meneão a cabeça, arregação os braços, levantão as mãos ao alto; e assim verás nestes táes (como se só elles houvessem de devorar toda a mesa) huns acometimentos, e géstos, que (não sem grande fealdade) estão manifestando a fóme, e ancia, que tem de comer. Estando assentados em hum lugar, com as mãos, e com ólhos correm tudo e assim a hum mesmo tempo pedem o vinho, partem o pão, e revólvem os prátos; e (como hum general, que quer conquistar huma praça) assim elles estão como duvidando, porque parte hão de dar o assalto; porque por todas quererião entrar.* Todas estas fealdades ha de procurar evitar, o que cóme,

em sua pessoa. Mas na comida convêm attender, ao que se cóme; e ao modo com que se cóme, como já está declarado.

12. E aindaque em todo o tempo seja necessario chegar-se á mesa com toda esta prevenção; porem mais o he, quando ha fóme; e ainda muito mais, quando a delicadeza, e preciosidade das iguarias despértão o appetite de comer. Porque neste caso são mayores os incentivos da gûla, assim por causa da boa disposição do orgão do gôsto, como pela excellencia do seu objecto. Veja pois o homem com attenção neste tempo, não lhe faça crer a gûla, ter tanta fóme, que possa comer mesa, e toálhas que por esta causa chamou com propriedade S. João Climaco á gûla *hypocrisia do ventre*; porque quando se começa a comer, finge ter mais fóme, que na verdade tem; e assim lhe parece, que ha de devorar tudo: o que dahi a pouco se vê, que era engano; pois com muito menos fica o homem satisfeito.

13. Pois para remedio disto, deve o homem considerar, quando se assenta á mesa, que (como diz muito bem hum Philosopho) tem junto a si dous hospedes, a quem ha de provêr, isto he, o corpo, e o espirito. Ao corpo ha de provêr do seu proprio sustento, dando-lhe o necessario; e ao espirito, do seu; dando-lho com aquella composição, e modestia, que pedem as leys da temperança: e isto he praticar a virtude; a qual he pásto, e alimento da alma.

14. He tambem muy conveniente remedio contra este appetite, pôr em huma balança os fructos da virtude da abstinencia; e em outra, a brevidade do deleite da gûla para que deste modo, veja o homem, que não he justo perder tão grandes bens, por hum tão breve, e bestial deleite.

15. Para cuja intelligencia he muito para notar, que de todos os sentidos corporáes, os mais vîs, e grosseiros são o do *tacto*, e *gôsto* : porque não ha no mundo animal algum tão imperfeito, que os não tenha; havendo muitos, que carecem dos outros tres, vêr, ouvir, e cheirar. Pois assim como estes dous sentidos são os mais vîs, e materiáes de todos, assim tambem os deleites, que delles procedem, são os mais vîs, e bestiáes; não havendo tambem no mundo animal tão imperfeito, que os não tenha. E de mais de serem vilissimos, são tambem brevissimos; porque não durão mais, que em quanto o objecto está materialmente conjuncto, e unido ao orgão daquelle sentido; como vemos, que não dura mais o deleite do gôsto, do que em quanto o manjar tóca o paladar; porque tanto que deixa de o tocar, cessa tambem logo o seu deleite. Pois se este por huma parte he tão vil, e bestial, e por outra tão breve, e momentâneo, que homem haverá tão brutal, que dê de mão á virtude da abstinencia (da qual se pregão tantos, e tão grandes fructos) por hum tão vil, e baixo deleite? Isto só deveria bastar para vencer este appetite; quanto mais se ajuntássemos aqui outras tantas cousas, que a isto mesmo nos obrigão. Ponha pois (como dissemos) o servo de Deos em huma balança a brevidade, e vileza deste deleite, e em outra a formosura da virtude da abstinencia, os bens que della se seguem, os exemplos dos Santos, os trabalhos dos Martyres (que por fogo, e agua fôrão ao Ceo) a memoria dos proprios peccados, as penas do inferno, e tambem as do purgatorio; pois cada cousa destas lhe dirá, que he necessario abraçar a Cruz, affligir a carne, refrêar a gûla, e satisfazer a Deos com a dôr da penitencia, pelo deleite da culpa. E se com esta preparação se assentar á mesa verá claramente, quão facil cousa lhe

será, renunciar, e expellir de si todos estes generos de prazêres, e regalos.

16. E se toda esta precaução he necessaria, quando se cóme, muito mayor se requer, quando se bebe vinho. Porque entre todas as cousas, que ha contrarias á castidade, a mais contraria he este licôr, do qual treme esta virtude, como de hum inimigo capital; pois o Apostolo a tem já advertido, dizendo, que no vinho está a luxuria. O que he tanto mais perigoso, quanto mais ferve o sangue nos annos da mocidade. Por cuja causa diz S. Jerónymo : *O vinho, e a mocidade são dous incentivos da luxuria. Para que deitamos azeite na chamma? para que lançamos lenha no fogo que arde?* Porque como o vinho he tão calido, inflamma todos os humores, e membros do corpo, e especialmente o coração, aonde elle direitamente se encaminha, e aonde está a cadeira, e o assento de todas as nossas paixões ; e assim a todas ellas inflamma, e dá forças ; de sorte, que neste tempo he mayor a alegria, a ira, o furor, o amor, a ousadia, o deleite, e todas as outras paixões. Pelo que parece, que sendo hum dos principáes officios das virtudes, moráes, domar, e mitigar estas paixões, o vinho he de tal qualidade, que faz o officio totalmente contrario ; pois com a vehemencia de seu calor accende, e inflamma, o que estas virtudes apagão e por aqui poderá vêr o homem, quanto se deva guardar delle.

17. Daqui pois costumão proceder as palrarîas, os rîsos immoderados, as porfîas, as contendas, os clamôres desentoados, as revelações dos segredos, e outras semelhantes desordens; assim por se acharem então mais vehementes as paixões, como por estar a razão mais offuscada com os fumos deste licôr : ao que se ajunta a occasião, que o homem tem para desmandar-

se, vendo desmandar aos outros, com quem cóme. Do que tudo junto costumão brotar, e produzir-se semelhantes desordens. Por cuja causa disse discretamente hum Philosopho, que da vide procedião tres cáchos; hum de necessidade; outro de deleite; e outro de furor; dando nisto a entender, que o beber hum pouco de vinho, servia á necessidade natural; o exceder nisto algum tanto, já era servir mais ao deleite, que á necessidade; porem o passar alem desta regra, era servir ao furor, e á loucura. Pelo que, todos os pareceres, que o homem dér, ou tiver neste tempo, os deve ter por suspeitosos pois he sem duvida (regularmente fallando) terem nelles parte, não só a razão, senão tambem o vinho, que he o peyor dos conselheiros. E não menos se deve hum guardar de fallar muito, ou porfiar estando á mesa, ou depois della, se quer estar livre de todos estes perigos: porque muitas vezes se começa a porfia em paz, e se acaba em guerra; e não poucas descóbre o homem com o calor do vinho, o que depois quizera ter muito bem calado; pois (como diz Salomão) não ha segredo algum, aonde o vinho reina.

18. E aindaque todo o excesso em fallar seja reprehensivel neste tempo, muito mais o he, quando a prática he sobre cousas de comer, louvando o vinho, a fruta, o peixe, ou outra qualquer cousa que se cóme, ou ainda queixando-se disso; ou tratando da variedade dos manjáres de táes, ou táes terras; ou dos peixes de táes, ou táes rios; porque todos estes discursos são indicios de hum animo intemperado, e de homem, que todo elle quer estar inteiramente comendo, não só com a boca, senão tambem com o coração, com o entendimento, com a memoria, e com as palavras.

19. Porem muito mais se deve guardar, o que está á mesa, de comer, e devorar as vidas alhêas; porque isto he cousa, que entra mais pelo vivo; pois (como diz S. João Chrysostomo) isto não seria ja comer carne de animáes, senão de homens; o que he contra toda a humanidade. Pelo que, de Santo Agostinho se escreve, que temendo este vicio (que tão familiar costuma ser em algumas mesas) tinha escritos no lugar, aonde comia, estes dous versos que dizião assim:

Quisquis amat dictis absentûm rodere vitam;
Hanc mensam indignam noverit esse sibi.

Querem dizer

Ninguem do ausente aqui murmure,
Antes quem cuida nisto desmandar-se,
Procure da mesa levantar-se.

20. Aqui he tambem de notar, o que S. Jerónymo adverte, escrevendo a *Furia* viuva: *Muito melhor* (diz) *he, comer cada dia pouco, do que depois de passados muitos dias de jejum, comer demasiado. A agua, que a seus tempos cahe pouco a pouco, e sem ruîdo, he mais proveitosa á terra, do que as chùvas grossas, que cahem de pancada; porque estas assólão os campos. Quando comes, lembra-te que não vives para servir ao ventre, mas que logo has de orar, ou ler, ou fazer alguma outra obra boa* (para o que ficarás inhabil, se carregares o estomago demasiadamente). E deste modo todas as vezes que comeres, ou beberes, medirás, não o que pede o appetite, senão o que a necessidade, e a virtude requerem. Pelo que, não te persuadimos, que te mates á fóme, senão que não sirvas ao deleite mais daquillo, que convêm á necessidade da vida. Pois

o teu corpo (assim como qualquer outro animal) necessita de alimento, para que não desfaleça, e tambem de carga, para qua não recalcître. Por cuja causa diz S. Bernardo *Convem apertar a carne, mas não consumil-a, opprimil-a, mas não despedaçal-a; procurar que se humilhe, e não se ensoberbeça ; que sirva, e não seja senhora.*

21. Isto basta para entender, o que pertenee a esta virtude. Quem de mais disto, quizer saber os grandes bens, que della se seguem; e como seja proveitosa para todas as cousas, não só para a alma, senão tambem para o corpo, isto he, para a saûde, para a vida, para a honra, e para a fazenda, lêa hum Tratado, que sobre esta materia escrevemos no fim do livro da *Oração*, e *Meditação.*

§ III

DA GUARDA DOS SENTIDOS.

22. Reformado pois, e concertado o corpo na fórma que fica dito, resta logo reformar tambem os sentidos do mesmo corpo; nos quáes deve o servo de Deos pôr grande cautéla; especialmente nos olhos, que são como humas pórtas, por donde passão as imagens, que entrão em nossa alma; e muitas vezes costumão ser janellas de perdição, por donde nos entra a morte. E com especialidade as pessoas dadas á oração, tem particular necessidade de pôr mayor recato neste sentido; não só pela guarda da castidade, senão tambem pelo recolhimento do coração porque de outra sorte as imagens das cousas, que por estas portas nos entrão, deixão a alma pintada de tantas figuras, que quando se pôem a orar, ou meditar, a molestão, e inquietão de

sorte, que não póde considerar senão naquillo, que tem diante. E por isso as pessoas espirituáes procurão trazer a vista tão recolhida, que não só não querem pôr os ólhos em cousas, que lhes possão prejudicar, mas ainda se abstem de vêr a formosura dos edificios, e os lavôres das ricas tapeçarías, e cousas semelhantes; para que no tempo, que hão de tratar com Deos, tenhão mais pura, e limpa a imaginação : porque he tal, e tão delicado este exercicio, que não só se impéde com os peccados, senão tambem com as representações das imagens, e figuras das cousas, aindaque não sejão más.

23. Nos ouvidos convêm tambem pôr a mesma cautéla, que nos ólhos porque por estas pórtas entrão muitas cousas em nossa alma, que a inquietão, manchão, e distrahem. E não só nos devemos guardar de ouvir palavras prejudiciáes (como já dissemos) senão tambem as novidades, que correm pelo mundo, que nos não tocão porque os que destas cousas se não guardão, depois o vêm a pagar no tempo da oração; aonde se lhes pôem diante as imagens das cousas, que ouvirão; as quáes de tal sorte occupão seus corações, que lhes não deixão cuidar puramente em Deos.

24. Do sentido do *Cheiro* não ha que dizer : porque trazer cheiros, ou ser amigo delles (álem de ser cousa muy lasciva, e sensual) he cousa infame; e não de homens; mas de mulheres; porem nem ainda de boas mulheres.

Do sentido do *Gosto* havia mais que dizer : porem disto já se tratou no § precedente, quando fallámos da virtude da abstinencia.

† Livros Católicos para Download

§ IV

DA GUARDA DA LINGUA.

25. Muito ha, que dizer da lingua; pois como diz o Sábio : *A morte, e a vida estão nas mãos da lingua.* Nas quáes palavras dêo a entender, que todo o bem, e mal do homem consistia na boa, ou má guarda deste membro. E não menos encarecêo este negocio o Apostolo S. Thiago, quando disse; que assim como os grandes navíos se governavão com hum pequeno léme; e os cavallos furiosos com hum pequeno freyo, assim tambem todo, o que trouxer bem governada a sua lingua, será poderoso para reformar, e pôr em ordem toda a sua vida. Para o governo pois deste membro convêm, que quando fallarmos, tenhamos attenção a quatro cousas, a saber, ao que se diz; ao modo, com que se diz; ao tempo, em que se diz; e ao fim, porque se diz.

26. E primeiramente, quanto *ao que se diz* (que he a meteria, de que se trata) convêm guardar (o que o Apostolo aconselha, quando diz : *Toda a palavra má esteja muy longe da vossa boca, e só della se oução, as que forem boas, e proveitosas, e que sirvão de edificação, a quem as ouvir.* E em outro lugar especificandó mais as palavras más, de que hum se deve abster, diz : *Palavras torpes, e loucas, ou chocarrîces, que não dizem com a gravidade de nosso instituto, e profissão, não se oução, nem ainda se tomem em vossa boca.* Pelo que, assim como dizem, que os sábios pilotos tem sinalados nas cartas de marear todos os baixos, em que as náos podem perigar, para se guardarem delles; assim o servo de Deos deve ter notado este genero de palavras más, de que sempre se ha de guardar, para não perigar nellas.

E não menos deves ser fiel no segredo, que te encommendárão, e ter por outro bayxo não menos perigoso que os passados, descobrir o segredo, que se confiou de ti.

27. Quanto ao *modo de fallar*, convêm estar attentos, e que não fallemos com demasiada brandura, nem com demasiada desenvoltura, nem apressada, nem curiosa, e affectadamente, senão com gravidade, repouso, mansidão, candura, e sinceridade. A este *modo* pertence tambem, não ser o homem porfiado, cabeçudo, e amigo de sair com a sua; porque muitas vezes por esta causa se perde a paz da consciencia, e ainda a caridade, a paciencia, e os amigos. De grandes, e generosos corações he, deixar-se hum vencer em semelhantes contendas; e de prudentes, e discretos varões, observar o que nos aconselha o Sábio, dizendo: *Em muitas cousas convem portar-te, como quem não sabe: e procura ouvir calando, e perguntando aos que sabem.*

28. A terceira cousa, a que se deve attender (álem do *modo*) he, que digamos tambem as cousas a *seu tempo*: porque (como diz o Sábio) *da boca do nescio não he bem recebida a palavra sentenciosa; porque não a diz a seu tempo.* A ultima cousa, a que, demais disto, devemos attender he, ao *fim e intenção*, que temos, quando fallamos porque ha huns, que fallão cousas boas, por parecerem discretos; outros, por se venderem por agudos, e bem fallantes; das quáes cousas, huma he hypocrisia, e fingimento; e a outra, vaidade, e loucura. E por isso convêm estar advertido, de que as nossas palavras não só sejão boas, senão tambem, de que o fim o seja; procurando sempre com purissima intenção só a gloria de Deos, e o proveito de nossos proximos.

29. Convêm tambem (de mais de tudo isto) attender quem he, o que falla, e diante de quem: porque he

cousa louvavel, e necessaria calarem os moços na presença dos velhos; os simplices na dos Sábios; os seculares na dos Sacerdotes, e Religiosos; e finalmente todos, aonde quer que não fôr bem recebido, o que se diz, ou parecer presumpção, o dizer-se.

30. A todos estes pontos, e accentos ha de estar attento, o que falla, para que não erre. Mas porque não he de muitos, o attender a todas estas circunstancias, por isto he grande remedio acolher-se hum ao porto do silencio, aonde só com o cuidado, e attenção a calar, cumpre o homem com todas estas regras, e obrigações. Por cuja causa diz o Sábio : *Ainda o nescio, se calasse, seria tido por sábio; e se cerrasse seus lábios, a muitos pareceria discreto.*

§ V

DA MORTIFICAÇÃO DAS PAIXÕES.

31. Reformado deste modo o corpo com todos os seus sentidos, resta-nos agora a mayor parte deste negocio, que he a reforma da alma com todas as suas potencias. Na qual emprêza se nos offerece primeiramente o appetîte sensitivo, que comprehende todos os affectos, e movimentos naturáes; a saber, amor, odio, alegria, tristeza, desejo, temor, esperança, ira, e outros semelhantes affectos.

32. Este appetîte he a mais baixa parte da nossa alma; e por conseguinte, a que nos faz mais semelhantes aos brutos; os quáes em tudo, e por tudo se regem por estes appetîtes, e affectos. Esta he, a que mais nos envilece, e abáte á terra; e que mais nos aparta das cousas do Ceo. Esta he a fonte, e origem de tôdos quantos males ha no mundo; e a causa de toda a nossa

perdição: porque (como diz S. Bernardo) cessando a propria vontade (que são os desejos deste appetite) não haverá inferno. Aqui principalmente está todo o armazem, e munição do peccado: porque daqui toma as forças, e as armas, e aqui as asia, para ferir-nos mais profundamente. Esta he outra nossa Eva (isto he, a parte mais fraca, e mais mal inclinada de nossa alma) pela qual aquella antiga Serpente acomete ao nosso Adão (isto he, á parte superior della, aonde está o entendimento, e a vontade) para que queira pôr os ólhos na arvore vedada. Esta he, aonde mais se descobrem, e manifestão as forças do peccado original; e aonde mais profundamente emprêgou toda a força de seu veneno. Aqui são as batalhas, aqui as quédas, aqui as victorias, aqui as corôas: quero dizer, aqui são as quédas dos fracos, aqui as victorias dos esforçados, aqui as corôas dos vencedores; e aqui finalmente toda a milicia, e exercicio da vida virtuosa porque em domar estas féras, e em refrêar estas béstas ferozes, consiste huma muy grande parte do exercicio, e prática das virtudes moráes.

33. Esta he a vinha, que temos sempre de cavar; esta a horta, que temos sempre de alimpar; estas as más plantas, que temos sempre de arrancar, para plantar em seu lugar, as das virtudes.

34. Pois conforme a isto, o principal exercicio do servo de Deos, ha de ser, andar sempre por esta horta com o sacho na mão, arrancando as hervas nocivas de entre as boas; ou (para usar de outra comparação) estar sempre, como o cocheiro de hum coche, sobre estas paixões para reprimil-as, regel-as, e endireital-as, já affrôxando as rédeas, já tirando por ellas, para que vão, não ao passo que ellas quizerem, senão ao que quer, e a ley de Deos pede.

35. Este he o principal exercicio dos filhos de Deos; os quáes não se regem já por affectos de carne, e sangue, senão pelo espirito do mesmo Deos. Nisto he, em que se differençam os homens carnáes dos espirituáes; a saber, em que estes se regem pelo espirito de Deos, e pela razão; porem aquelles se movem só, á maneira de animáes, por estas paixões, e affectos. Esta he aquella mortificação, e aquella myrrha, que tanto louvão, e engrandecem as Escripturas Divinas.

36. Esta he a morte, e a sepultura, a que tantas vezes nos convida o Apostolo. Esta a cruz, e *o negar-se hum a si mesmo*, que tanto nos prega o Evangelho. Isto, o fazer *juizo, e justiça*, que tantas vezes nos repetem os Psalmos, e os Prophetas. E por isso aqui principalmente convêm empregar todos os nossos trabalhos, todas as nossas forças, orações, e exercicios.

37. E com especialidade convêm, que cada hum tenha muito bem entendida a sua natural condição, e inclinações; e que aqui ponha sempre o mayor cuidado, aonde sentir, que he mayor o perigo. E ainda que sempre havemos de trazer continua guerra com todos os nossos appetites, porem especialmente convêm tel-a com os desejos de honra, deleites, e bens temporáes; porque estas são as tres principáes fontes, e raizes de todos os males. Advirtamos porem de não ser muy appetitosos, isto he, muy amigos, de que se faça sempre a nossa vontade, e se cumprão todos os nossos appetites, e desejos; que he hum vicio muito a proposito para causar grandes quédas, e desassocegos; e muy familiar aos grandes senhores, e a todas as pessoas criadas, e habituadas a fazer sempre a sua vontade. Para o que aproveitará muitas vezes, exercitar-nos em cousas contrarias, e repugnantes aos nossos appetites, e negar a nossa propria vontade, ainda naquellas cou-

sas, que licitamente se podem fazer; para que assim estejamos mais déstros, e fáceis em negal-a nas illicitas. Porque não menos se requerem estes ensayos, e exercicios para ser déstros nas armas espirituáes, que nas carnáes; antes tanto mais são necessarios nestas, quanto mayor victoria he, vencer-se hum a si mesmo, e vencer demonios, que vencer túdo o de mais. Devemos tambem exercitar-nos nos officios humildes, e baixos, sem fazer caso dos ditos do mundo; pois tão pouco he, o que este póde dar, ou tirar, ao que tem a Deos por seu thesouro, e herança.

§ VI

DA REFÓRMA DA VONTADE.

38. Para alcançar pois esta mortificação, de que temos fallado, ajuda em grande modo a refórma, e ornato da vontade superior (que he o appetîte racional); a qual havemos de adornar com estes tres santos affectos (entre outros muitos, que para isto servem) a saber, ***Humildade de coração***, ***Pobreza de Espirito***, *e* ***Odio Santo de si mesmo***. Porque com estas tres cousas se faz mais facil o negocio da mortificação. A humildade he (como a define S. Bernardo) hum desprezo de si mesmo; o qual nasce do profundo, e verdadeiro conhecimento de si proprio. A esta virtude pertence arrancar da alma todos os ramos, e filhos da soberba com todos os appetîtes, e desejos de honra, e pôr-se hum no mais baixo lugar de todos, crendo, que qualquer outro, a quem N. Senhor tivesse dado as mesmas graças, e opportunidades para viver bem, que lhe tem dado a elle, lhe seria mais agradecido, e se aproveitaria mais dellas.

E não basta, que o homem sinta dentro de si este conhecimento, e desprêzo, mas deve procurar tratar-se no exterior (segundo lho permittir a qualidade de seu estado) o mais singéla, e humildemente, que lhe fôr possivel; fazendo pouco caso dos juizos, e ditos dos mundanos, que a isto se oppuzerem. Para o que convêm, que todas as nossas cousas dêm cheiro de pobreza, e humildade, sujeitando-nos por amor de Deos, não só aos mayores, e iguáes, senão tambem aos menores, e inferiores.

39. A segunda cousa, que para isto se requer, he a *Pobreza de espirito;* a qual he hum desprêzo voluntario das cousas do mundo, e hum contentamento com a sorte, que Deos nos dêo, por mais pobre que ella seja. Esta virtude córta de hum golpe a raiz de todos os males, que he a cobiça; e pôem ao homem em tanta paz, e socego do coração, que chegou a dizer della Seneca estas palavras: *O que tem cerrada a porta aos desejos de sua cobiça, bem póde competir com Jupiter na felicidade, e bemaventurança.* Dando nisto a entender, que sendo a felicidade do homem a satisfação, e cumprimento de seus desejos, quem chegou a ter socegados, e satisfeitos estes desejos, tem já subido ao cûme da felicidade; ou ao menos, alcançado grande parte della.

40. O terceiro affecto he, o *Odio Santo de si mesmo;* do qual diz o Salvador: *Quem ama a sua alma, perdel-a-ha; e quem lhe tiver odio, salval-a-ha para sempre.* A qual sentença não se entende do máo odio (como o que tem os homens aborrîdos, e desesperados) senão daquelle, que os Santos tiverão á sua propria carne; como contra quem lhes foi causa de muitos males, e lhes he sempre estôrvo de muitos bens; não a tratando confórme o seu gôsto, e appetite, senão segundo

o que pede a ley da razão; a qual muitas vezes quer que a tragamos arrastada, maltrada, e feita hum estropalho do espirito, para que á sua custa se faça, o que a elle convêm. Porque de outra sorte virá a succeder o que diz o Sábio: *Aquelle, que com delicias, e regálos cria o seu servo desde sua tenra idade, depois o achará rebelde, e contumaz.*

41. Por cuja causa se nos adverte em outro lugar, que como a besta mal domada, a fustiguemos, e lhe tiremos pelo freyo, e a tenhamos pêada, e a façamos trabalhar, para que se não faça soberba, e manhosa, estando ociosa. Este santo ódio pois aproveita especialmente para o negocio da mortificação (isto he, para mortificar, e cortar todos os nossos máos desejos, aindaque nos dôa): porque de outro modo, como será possivel ferir-nos de sorte, que tiremos sangue; e dar grande golpe em cousa, que muito amamos? Porque o braço, e o vigor da mortificação toma as forças emprestadas não só do amor de Deos, senão tambem do ódio santo de si mesmo; e com ellas concebe animo, não de piedoso, mas de sevéro Cirurgião, para cortar sem alguma piedade, por onde quer que o peça a corrupção dos membros podres. Destas tres virtudes sobreditas, a saber, humildade, pobreza de espirito, e ódio santo de si mesmo, como tambem da mortificação de muitas paixões (de que se tratou no § precedente) muito mais havia que dizer; como cousas mais principáes na vida espiritual; porem isto ficará para outros lugares, aonde estas materias se tratarão mais de proposito, do que convêm a Memorial.

§ VII

DA REFÓRMA DA IMAGINAÇÃO.

42. Alem destas duas potencias appetitivas, ha outras duas (se assim soffre dizer-se) cognoscitivas; a saber, *Imaginação*, e *Entendimento*: as quáes correspondem ás duas precedentes, para que cada hum dos dous appetites sobreditos tenha a sua guia, e seu conhecimento proporcionado. A imaginação pois (que he a mais baixa dellas) he huma das potencias de nossa alma, que pelo peccado original ficou mais desordenada, e menos sujeita á razão. Donde nasce, que muitas vezes se nos vai de casa, como escravo fugitivo, sem licença; e primeiro terá dado huma volta ao mundo, do que advirtamos aonde esteja. He tambem huma potencia muito appetitosa, e desejosa de cuidar em tudo, quanto se lhe põem diante, á maneira dos cães gulosos, que tudo andão provando, e revolvendo, e em tudo querem metter o focinho; e aindaque ás vezes os espanquem, e lancem fóra, sempre tornão ao que huma vez provárão. He tambem huma potencia muy livre, e indómita, qual bêsta de serra, que anda de oiteiro em oiteiro, sem querer soffrer pêas, nem cabresto, nem dono que a governe.

43. E de mais de ter de si estas más manhas, ha alguns, que augmentão a sua malicia com a negligencia, tratando-a como a hum filho mimoso, e regalado, que o deixão discorrer por todas quantas cousas quer, sem que lho contradigão: donde vêm, que depois quando a querem ter quieta, e socegada na consideração das cousas divinas, não lhes obedece, por causa do máo habito, que tem contrahido. Por tanto, convêm que,

entendidas as más manhas desta besta, lhe encurtemos os passos, e a atêmos a huma manjadoura, isto he, á consideração só de cousas boas, ou necessarias, pondo-lhe perpetuo silencio em tudo o mais. De sorte, que assim como atámos acima a lingua, para não fallar se não palavras boas, ou necessarias; assim tambem atêmos a imaginação a bons, e santos pensamentos, cerrando a porta a todos os outros.

44. Para este effeito convêm que haja da nossa parte grande discrição, e vigilancia para examinar quáes pensamentos devamos admittir, e quáes rejeitar, para que a huns recebamos como a amigos, e a outros os expulsemos de nós como a inimigos. Porque os que nisto são negligentes, e desprevenidos, deixão muitas vezes entrar em sua alma cousas, que lhe tirão não sómente a devoção e o fervor da caridade, senão tambem a mesma caridade, em que consiste a vida da alma. Adormecêo a porteira del Rey Isboseth (a qual estava escolhendo trigo á porta de sua casa) e entrando nella dous famosos ladrões, cortárão a cabeça ao Rey. Pois deste modo quando dorme a discrição (a qual tem por officio escolher, e apartar a palha do grão, isto he, os bons pensamentos dos máos) táes pensamentos entrão na alma, que muitas vezes lhe tirão a vida.

45. E não só para conservar esta vida, senão tambem para o silencio, e recolhimento da oração vale muito esta diligencia : porque assim como a imaginação inquieta, e andêja não deixa ter oração socegada assim a que he recolhida, e habituada a santos pensamentos, com facilidade persevera, e está nella com socego, e quietação.

§ VIII

DA REFORMA DO ENTENDIMENTO.

46. Depois de reformadas todas estas partes, e potencias do homem, resta reformar a mais alta, e mais nobre de todas, que he o *Entendimento* ; o qual entre outras virtudes) ha de ser adornado com aquella altissima, e rarissima virtude da *Prudencia* e *discrição*. He esta virtude na vida espiritual, o que os ólhos no corpo humano ; o que o piloto na náo ; o que o Rey em seu Reyno ; e o cocheiro em o coche, cujo officio he, ter as rédeas na mão para guial-o, por onde ha de caminhar. Sem esta virtude a vida espiritual será de todo céga, desprovida, desordenada, e cheya de confusão. Por cuja causa aquelle Bemaventurado Padre. Santo Antão, em huma conferencia, que teve com outros Santos Monges, em que se tratou da excellencia das virtudes, veyo a pôr esta em altissimo lugar, como guia, e mestra de todas as outras. Por tanto todos os amadores da virtude devem com especialidade pôr nella os seus ólhos, para que assim possão aproveitar mais em todas as outras.

47. Esta virtude não tem hum só, senão muitos, e diversos officios : porque não sómente he virtude particular, mas tambem géral, que entrevêm nos exercicios de todas as outras virtudes, dando ordem em tudo, o que convêm fazer-se. E confórme a este officio géral, trataremos aqui de alguns actos, que a ella pertencem. Porque primeiramente a *Prudencia* pertence (presuposta a Fé, e a Caridade) dirigir, e endireitar todas as nossas obras a Deos, como a nosso ultimo fim ; examinando com miudeza a intenção, que temos nas obras,

que fazemos, para vêr se nellas buscamos puramente a Deos, ou á nos mesmos: por quanta a natureza do amor proprio (como diz hum Doutor) he muy subtil, e em todas as cousas se busca a sim mesma, ainda nos mais altos exercicios.

48. *Prudencia* he tambem, saber tratar com os proximos, para que lhes sejamos de proveito, e não os escandalizemos. Para o que convêm tomar prudentemente o pulso á condição, e espirito de cada hum, e leval-o por aquelles meyos, por onde possa ser melhor encaminhado.

49. *Prudencia* he, soffrer os defeitos alhêos, e dar passágem ás fraquezas do proximo, e não querer descarnar as chagas até ao ôsso, lembrando-nos que todas as cousas humanas estão compostas de *acto* e *potencia*, isto he, de perfeito, e imperfeito; e que não póde deixar de haver infinitas imperfeições, e defeitos na vida humana; especialmente depois daquella grande quéda da natureza pelo peccado. Pelo que, assim como (diz Aristoteles) não he de homem sabio, pedir igual certeza, e averiguação em todas as materias (por quanto humas se podem claramente averiguar, e outras não) assim tão pouco he de homem prudente, pedir que todas as cousas humanas estejão de tal sorte niveladas, que não haja mais que desejar; porque humas podem permittir isto, e outras não. E o que puzesse os pés á parede, para fazer violentamente o contrario, causaria por ventura mais dano com os meyos, que para isso tomasse, que proveito com o fim pertendido, aindaque sahisse com elle.

50. *Prudencia* he, conhecer-se hum assi mesmo, e ter muito bem entendido tudo, o que ha de suas portas a dentro; a saber, todos os seus resábios, vicios, appetîtes, e más inclinações; e finalmente, seu pouco saber,

e pouca virtude, para que não presuma de si vãamente, e entenda melhor, com que genero de inimigos ha de trazer contínua guerra, até acabar de os expulsar da terra de promissão, isto he, de sua alma; e para que saiba com quanto disvélo, e attenção lhe convêm velar sobre este negocio.

51. *Prudencia* he, saber governar a lingua, confórme as regras, e circunstancias, que acima dissemos; e entender bem, o que se deve fallar, e o que se deve calar; e o tempo de huma, e outra cousa; porque (como diz Salomão) ha tempo de fallar, e tambem tempo de calar; porque nos consta, que na mesa, e nos banquetes, e em outras semelhantes occasiões mais louvavelmente cala, do que falla o homem sábio.

52. *Prudencia* he, não se fiar de todos, nem manifestar logo todo o seu interior com o calor da conversa: nem dizer logo tudo, o que se sente das cousas; pois como diz o Sábio) *todo o seu espirito derrama o nescio: porem o Sábio detem-se, e guarda as cousas para outro tempo*. Mas o que se fia, de quem se não devia fiar, sempre viverá em perigo, e será perpetuo escrávo daquelle, de quem se fiou.

53. *Prudencia* he, saber o homem precaver-se para os perígos, e (como se diz) sangrar-se em saúde; e prêver de longe a guerra, que se poderá levantar em táes, e táes negocios; e prevenir-se d'antes com orações, e considerações, para que o poder succeder. Esta advertencia he do Ecclesiastico que diz: *Antes que venha a enfermidade, prepára a medicina*. Por isso quando fores a féstas, ou banquetes, ou a tratar com pessoas rixosas, e mal acondicionadas; ou a lugares, em que se possa offerecer alguma occasião, ou perigo, sempre deves ir prevenido, e precatado, para o que poder succeder.

54. *Prudencia* he, saber tratar o corpo com discri-

ção, e temperança, para que nem o regalemos, nem o matemos; nem lhe tiremos o necessario, nem lhe dêmos o superfluo; trazendo-o castigado, mas não quasi morto, para que nem nos falte no caminho por fraqueza, nem derribe em terra, ao que vai em cima, com a muita fartura, e abundancia.

55. *Prudencia* he (e muy grande) saber tomar as occupações (por honestas que sejão) com moderação, para que com o demasiado trabalho não afoguemos o espirito; ao qual (como diz S. Francisco em sua Regra) devem servir todas as cousas, e para que de tal sorte nos entreguemos ás cousas exteriores, que não percamos as interiores: e de tal modo nos occupemos nos exercicios do amor do proximo, que não percamos os do amor de Deos. Porque se os Apostolos (que tanto espirito, e sufficiencia tinhão para tudo) se desembaraçárão de algumas cousas menores, para não faltarem ás mayores, ninguem deve presumir tanto de suas forças, que tenha para si que he sufficiente para tudo; sendo pela mayor parte certo, apertar pouco, quem abarca muito.

56. *Prudencia* he, entender as artes, e ciladas do inimigo, suas entradas, e saídas, e todos os seus revézes; e não dar credito a todo espirito; nem deixar-se vencer de qualquer apparencia de bem; pois muitas vezes Satanás se transfigúra em Anjo de luz, e trabalha por enganar sempre aos bons com especie, e côr de bem. E por isso de nenhum perigo nos devemos mais recatar, que do que vêm com côr, e apparencia de virtude. Pelo menos he certo, ser esta a via, por donde o demonio commumente acomete, aos que estão muy determinados, e resolutos no bem.

57. *Prudencia* he finalmente, saber temer, e saber acometer; saber quando he lucro o perder, e quando

he perda o ganhar : e sobre tudo isto, saber desprezar os juizos, e pareceres do mundo, os ditos dos homens, e os latidos dos gôzos, que nunca cessão de ladrar sem proposito algum, lembrando-se do que está escripto : *Se fizesse caso de contentar aos homens, não seria eu servo de Christo.* Pelo menos he certo, que nenhuma loucura mayor póde fazer hum homem, que deixar-se reger por huma besta de tantas cabeças, qual he o vulgo, que nenhum tento, nem consideração tem no que diz. Bom he não escandalizar a ninguem, e temer aonde ha fundamento para temer; e bom he tambem não deixar-se levar de todos os ventos. Pois achar meyo entre estes dous extremos, he obra de singular prudencia.

§ IX

DA PRUDENCIA QUE SE DEVE GUARDAR NOS NEGOCIOS.

58. Não menos se requer prudencia para acertar nos negocios, e não cahir em erros, que depois não se podem emendar sem grandes inconvenientes; por cuja causa se perde muitas vezes a paz da consciencia, e se perturba a ordem da vida. Para o que poderão aproveitar algum tanto os seguintes avisos.

59. O primeiro he do Sábio que diz: *Tua vista esteja sempre attenta á rectidão: e teus ólhos vejão primeiro os passos, que has de dar.* Nas quáes palavras nos aconselha, que nos não arrojemos inconsideradamente ás cousas, que se hão de fazer; mas que antes de qualquer obra deva preceder maduro conselho, e deliberação. Para o que acho serem necessarias cinco cousas. A primeira he, encommendar a N. Senhor os negocios, que se hão de tratar. A segunda he, consideral-os primeiro

muito bem com toda a attenção, e discrição, olhando, e attendendo não só á substancia da obra, senão tambem a todas as suas circunstancias; porque huma só que falte, basta para viciar tudo, o que se faz. Porque aindaque a obra seja muito bem acabada, e muito bem circunstanciada, só o fazer-se fóra de tempo, basta para pôr nella mácula. A terceira he, tomar conselho, e tratar com outros, o que se ha de fazer; porem estes sejão poucos, e bem escolhidos; porque aindaque seja proveitoso ouvir os pareceres de todos para ventilar a causa, porem a resolução ha de ser de poucos, para se não errar na sentença. A quarta, e muito necessaria he, dar tempo á deliberação, e deixar amadurecer o conselho por algum tempo: porque assim como as pessoas se conhecem melhor com a communicação, e trato de muitos dias, assim tambem succede com os conselhos. Muitas vezes huma pessoa á primeira vista parece huma, e depois se descobre outra; e assim tambem o fazem ás vezes os conselhos, e resoluções; porque aquillo, que ao principio agradava, vêm a desagradar, depois que se considerou melhor. A quinta finalmente he, guardar-se de quatro madrástas, que tem a virtude da prudencia, a saber, precipitação, paixão, obstinação no proprio parecer, e alguma ponta, e resábio de vaidade. Porque a *precipitação* não delibéra; a *paixão* céga; a *obstinação* cerra a porta ao bom conselho; e a *vaidade*, aonde quer que entra, tudo macúla, e vicía.

60. A esta mesma virtude pertence fugir sempre dos extremos, e pôr-se no meyo porque a virtude, e a verdade fogem sempre dos extremos, e põem o seu assento, e cadeira no lugar do meyo. Pelo que, nem tudo deves condenar, nem tudo justificar; não negar tudo, nem conceder tudo; não crer tudo, nem deixar de o crer; nem pela culpa de poucos, condenar a muitos,

nem pela santidade de alguns approvar a todos; mas em tudo ólha sempre ao fiel da razão, e não te deixes levar pelo impeto da paixão aos extremos.

61. He tambem regra de prudencia, não olhar para a antiguidade, e novidade das cousas para approval-as, ou condenal-as; porque muitas cousas ha muy usadas, porem muito más; e outras muy novas, mas muito boas: e nem a antiguidade he parte para justificar o mal, nem a novidade o deve ser para condenar o bem; mas em tudo, e por tudo fixa os ólhos nos merecimentos das cousas, e não nos annos. Porque o vicio nenhuma cousa ganha por ser antigo, senão o ser mais incuravel; nem a virtude perde cousa alguma por ser nova, senão o ser menos conhecida.

62. He tambem regra de prudencia, não se deixar hum enganar com o exterior, e apparencia das cousas, para precipitar-se logo a dar a sentença sobre ellas: porque nem tudo o que luz, he ouro; nem bom tudo, o que parece bem: e muitas vezes debaixo do mel se esconde o fel; e debaixo das flores os espinhos. Lembra-te do que diz Aristoteles, que algumas vezes tem a mentira mais apparencia de verdade, que a mesma verdade: e assim tambem poderá succeder, que o mal tenha mais apparencia de bem, que o mesmo bem.

63. De mais de tudo isto, deves assentar em teu coração, que assim como a gravidade, e pêso nas cousas são companheiros da prudencia, assim tambem a facilidade, e leviandade o são da loucura. Por cuja causa deves estar muito sobre avîso, em não ser facil nestas seis cousas, a saber; em crer, em conceder, em prometter, em determinar, em conversar inconsideradamente com os homens, e muito menos na ira. Porque em todas estas cousas ha manifesto perigo, em ser hum facil, e ligeiro para com ellas. Porque *ser facil em crer*, he leviandade

de coração. *Ser facil em conceder*, he ter de que arrepender-se. *Ser facil em prometter*, he perder a liberdade. *Sem facil em determinar-se*, he pôr-se a perigo de errar (como succedêo a David na causa de Miphiboseth) : *Ser facil em conversar com os homens*, he causa de menos estimação e *ser facil em irar-se*, he manifesto indicio de loucura; porque escripto está : *O homem, que sabe soffrer, sabe governar a sua vida com muita prudencia; mas o impaciente não póde deixar de fazer grandes loucuras.*

§ X

DE ALGUNS MEYOS, PELOS QUÀES SE ALCANÇA ESTA VIRTUDE DA PRUDENCIA.

64. Para alcançar esta virtude (entre outros meyos) aproveita muito a experiencia dos erros passados, e tambem a dos acêrtos, e bons successos, assim proprios, como alhêos porque daqui se tomão ordinariamente muitos avisos, e maximas de prudencia. E pela mesma razão se diz, que a memoria do passado he muy familiar ajudadora, e mestra da prudencia e que o dia presente he discipulo do passado; pois (como diz Salomão) *o que foi, he aquillo mesmo, que ha de ser; e o que ha de ser, he aquillo mesmo, que foi.* E por isto pelo passado poderemos julgar o presente; e pelo presente, o passado.

65. Mas alem de tudo isto, serve para alçancar esta virtude a profunda, e verdadeira humildade de coração; assim como o que mais a impede, he a soberba; porque escripto está : *Aonde está a humildade, ahi está a sabedoria.* E de mais disto, todas as Escripturas clamão, que Deos ensina os humildes; e que he Mestre

dos pequeninos; e que a elles communica os seus segredos. Mas com tudo isso não ha de ser tal a humildade, que se renda a quaesquer pareceres, e se deixe levar de todos os ventos: porque então já não seria humildade, senão instabilidade, e fraqueza do coração. A cuja necessidade quiz o Sábio dar providencia, quando disse: *Não queirais ser humilde em tua sabedoria:* dando a entender, que nas verdades, que o homem tem com justos, e catholicos fundamentos assentadas, ha de ser constante; e não se ha de mover (como dizem) a fogo de palhas; nem deixar-se levar de quaesquer pareceres; como costumão fazer alguns fracos, e inconstantes.

66. A ultima cousa, que ajuda para alcançar esta virtude, he a humilde, e devota oração: porque como hum dos principáes officios do Espirito Santo seja alluniar o entendimento com os dons de *Sciencia*, de *Sabedoria*, de *Conselho*, e de *Entendimento*, quanto o homem com mayor devoção, e humildade se appresentar na sua presença com hum coração de discipulo, e de menino, tanto será mais claramente ensinado, e cheyo destes celestiáes dons.

67. Muito nos temos alargado em tratar desta virtude, porem não sem causa: porque como ella seja a guia de todas as outras, era necessario procurar, que esta não fosse céga, para que não ficasse ás escuras, e sem ólhos o de mais corpo das virtudes. E porque tudo isto serve para reformar, e ordenar o homem para comsigo mesmo (que he a primeira parte da justiça, e santidade, que acima propuzemos) será bem, que comecemos já a tratar da segunda, que nos ordena para com o proximo.

CAPITULO XVI

DO QUE DEVE FAZER O HOMEM PARA COM O PROXIMO.

1. A segunda parte da *Justiça* he, fazer o homem, o que deve para com seus proximos; a saber, usar com elles daquella caridade, e misericordia, que Deos nos manda. Quanto principal seja esta parte, e quanto no-la recommendão as Divinas Escripturas (que são os Mestres, e Guias da nossa vida) não o poderá crer, senão o que as houver lido. Lê os Prophetas; lê os Evangelhos; lê as Epistolas sagradas, e verás tão recommendado este negocio, que te porá admiração. Em Isaías põem Deos huma muy principal parte da justiça no bom tratamento, e caridade para com os proximos. E assim quando os Judeus se queixavão, dizendo: *Porque, Senhor, tendo nós jejuado, não attendestes aos nossos jejuns? e tendo affligido as nossas almas, e com tudo nenhum caso fizestes disto?* Responde o Senhor: *Porque nos vossos jejuns fazeis a vossa vontade, e não a minha: apertáis, e opprimis a todos os vossos devedores. Jejuais sim, mas não de pleitos, e contendas, nem de fazer mal a vossos proximos. Não he pois esse o jejum, que me agrada, senão este; a saber, que rompas as escripturas, e contratos usurarios, e que tires de cima dos pobres as cargas, com que os tens opprimidos; e que deixes em sua liberdade os afflictos, e necessitados, e os allivies do jugo, que sobre elles tens posto. De hum pão, que tiveres, parte amétade com o pobre; e seja a tua casa hospicio dos peregrinos, e necessitados. E quando fizeres isto, e abrires tuas entranhas ao necessitado, e o soccorreres, e lhes deres com que matar a sua fóme, então te farei táes, e táes beneficios*; os quáes prosegue

muy largamente até ao fim deste capitulo. Vês pois aqui, irmão, em que Deos pôz huma grande parte da verdadeira justiça, e santidade? e com quanta piedade quiz, que nos houvessemos nesta parte com os nossos proximos?

2. Pois que direi do Apostolo S. Paulo? em qual de suas Epistolas não he este a mayor de suas recommendações? Que louvores não préga da Caridade? quanto a engrandece? quanto pelo miûdo conta todas as suas excellencias? e como a prefére a todas as outras virtudes? dizendo ser ella o mais excellente caminho, que ha para ir a Deos. E não contente com isso, chama em hum lugar a Caridade, o *Vinculo da perfeição*: em outro diz ser o *Fim de todos os mandamentos*: e em outro diz, que o que ama a seu proximo, tem cumprido toda a ley. Pois que mayores louvôres se podião esperar de huma virtude, que estes? Que homem ha, que desejando saber, com que genero de obras possa agradar a Deos, não fique admirado, e namorado desta virtude, e se resolva a ordenar, e dirigir á sua prática todas as suas obras?

3. Pois ainda resta (de mais disto) a Epistola Canonica daquelle tão grande amado, e amante de Christo, S. João Evangelista, na qual nenhuma outra cousa repete mais, nem mais engrandece, nem mais recommenda, que esta virtude. E o que fez nesta Epistola, isso mesmo diz a sua historia, que fazia toda a vida e perguntado porque repetia tantas vezes esta sentença: *Filhinhos, amai-vos huns aos outros*, respondêo: *Porque se isto se cumprir devidamente, basta para nossa salvação.*

§ UNICO

DOS OFFICIOS DA CARIDADE.

4. Pois sendo isto assim, o que devéras deseja acertar em dar gôsto a Deos, entenda, que huma das cousas mais principáes, que para isso serve, he o cumprimento deste mandamento do amor; com tanto que este não seja esteril, e despido de obras, mas acompanhado de todos os effeitos, que se costumão seguir do verdadeiro amor. Porque de outro modo não mereceria o nome de tal, como o significou o mesmo Evangelista, quando disse : *Se algum tendo dos bens deste mundo, e vendo a seu proximo em necessidade, não o soccorrer, como diremos que está nelle a caridade, e amor de Deos? Filhinhos, não seja o nosso amor só de palavras, senão de obras, e verdade.* Confórme a isto, debaixo deste nome de amor (entre outras muitas obras) se encerrão particularmente estas seis, a saber; *amar, aconselhar, soccorrer, soffrer, perdoar, e edificar.* As quáes obras tem tal connexão com a Caridade, que o que mais dellas tiver, mais Caridade terá; e o que menos, menos. Porque alguns dizem que amão, e não passa mais a diante o seu amor. Outros amão, e ajudão com admoestações, e bons conselhos; mas não lançárão mão da bolça, nem abrirão a arca para vos soccorrer. Outros amão, admoestão, e soccorrem com o que tem; mas não soffrem com paciencia as injurias, nem as fraquezas alhêas, nem cumprem com aquelle conselho do Apostolo que diz : *Leve cada hum a carga do outro; e assim cumprirá a Ley de Christo.* Outros ha, que soffrem as injurias com paciencia; mas não as perdoão com misericordia; e aindaque dentro de seu coração não tenhão

ódio, com tudo não querem mostrar bom agrado no exterior. Estes aindaque acertão no primeiro, faltão todavia no segundo, e não chegão á perfeição desta virtude. Outros ha, que tem tudo isto; mas não edificão a seus proximos com palavras, e exemplos, que he hum dos mais altos officios da Caridade. Pois segundo esta ordem, poderá cada hum examinar quanto tem, e quanto lhe falta da perfeição desta virtude. Porque o que ama, podemos dizer, que está no primeiro gráo de Caridade; o que ama, e aconselha, no segundo; o que soccorre, no terceiro; o que soffre, no quarto; o que perdôa, e soffre, no quinto; e o que sobre tudo isto, édifica com suas palavras, e boa vida (que he officio de Varões perfeitos, e Apostolicos) no ultimo.

5. Estes são os actos positivos, ou affirmativos, que em si encerra esta virtude da Caridade; nos quáes se declara, o que devemos obrar para com o proximo. Ha outros negativôs, pelos quáes se declara, o que não lhe devemos fazer, e são; *não julgar* a ninguem; *não dizer mal* de ninguem; *não tocar* na fazenda, nem na honra, nem na mulher de ninguem; não *escandalizar* com palavras injuriosas, nem descortezes, nem desentoadas a ninguem; e muito menos *com máos exemplos, e conselhos*. Quem quer que isto fizer, cumprirá inteiramente com tudo, o que nos pede a perfeição deste divino mandamento.

6. E se de tudo isto queres ter particular memoria, e comprehender tudo em huma só palavra, trabalha por ter (como já dissemos) para com o proximo coração de mãy; e assim poderás cumprir inteiramente com tudo, o que se tem dito. Vê pois de que modo huma boa, e sabia mãy ama a seu filho; como o avisa em seus perigos; como lhe acóde em suas necessidades; como

reléva todas as suas faltas; humas vezes soffrendo-as com paciencia, outras castigando-as com justiça, e outras dissimulando-as, e encobrindo-as com prudencia: porque de todas estas virtudes se serve a Caridade como rainha, e mãy das virtudes. Vê como se gôza de seus bens; como lhe pêsa de seus males; como os tem, e sente como seus proprios; quão grande zelo tem de sua honra, e de seu proveito; com que devoção roga sempre a Deos por elle; e finalmente, quanto mais cuidado tem delle, que de si mesma; e como he cruel para comsigo mesma, por ser piedosa para com elle. Pelo que, se tu pudéres chegar a ter hum tal coração para com o proximo, terás chegado á perfeição da Caridade e quando não possas chegar a tanto, ao menos procura ter isto por alvo de teus desejos; e a isto deves sempre dirigir as accões da tua vida; porque quando mais alto pertenderes subir, menos baixo ficarás.

7. E se me perguntas: Como poderei eu chegar a ter hum tal coração para com hum estranho? A isto respondo, que não has de olhar ao proximo como a estranho, senão como a imagem de Deos, como a obra de suas mãos, como a filho seu, e a membro vivo de Christo; pois tantas vezes nos préga S. Paulo, que todos somos membros de Christo; e que por isso o peccar contra o proximo, he peccar contra Christo; e fazer-lhe bem, he fazel-o a Christo. De sorte, que não has de olhar para o proximo, como para homem, nem como tal homem, senão como para o mesmo Christo; ou como para membro vivo deste Senhor e supposto que o não seja quanto á materia do corpo, que faz isso ao caso, se o he quanto á participação de seu espirito, e quanto á grandeza do prémio; pois o mesmo Christo diz, que pagará este beneficio, como se elle mesmo o recebêra.

8. Considéra tambem todas aquellas recommendações, e louvôres, que acima puezmos, da excellencia desta virtude; e do muito, que pelo mesmo Senhor nos he recommendada. Porque se em ti houver hum vivo desejo de agradar a Deos, não poderás deixar de procurar com summa diligencia huma cousa, que tanto lhe agrada. Observa tambem o amor, que entre si guardão parentes com parentes (e isto só porque communicão em hum pouco de carne, e sangue) e envergonha-te, de que não possa mais em ti a graça, que a natureza; e a união do espirito, que a da carne. Se dizes, que ahi se acha união; e participação em huma mesma raiz, e em hum mesmo sangue, commum entre ambos, olha quanto mais nobres são as uniões, que o Apostolo põem entre os fiéis; pois todos tem hum mesmo Pay, huma mesma Mãy, hum mesmo Senhor, hum mesmo Baptismo, huma mesma Fé, huma mesma Esperança, hum mesmo alimento, e hum mesmo espirito, que lhes dá vida. Todos tem hum mesmo Pay, que he Deos; huma mesma Mãy, que he a Igreja; hum Senhor, que he Christo; huma Fé, que he huma luz sobrenatural, em que todos communicamos, e nos differençamos de todas as outras gentes; huma Esperança, que he huma mesma herança da Gloria; na qual seremos todos huma alma, e hum coração; hum Baptismo, aonde todos somos adoptados por filhos de hum mesmo Pay, e feitos irmãos huns com outros; hum mesmo alimento, que he o Santissimo Sacramento do Corpo de Christo, com que todos somos unidos, e feitos huma mesma cousa com elle; assim como de muitos grãos de trigo, se faz hum pão; e de muitos bagos de uvas, hum só vinho. E de mais disto, participamos de hum mesmo espirito que he o Espirito Santo); o qual móra em todas as almas dos fieis, ou por fé, e graça juntamente, e os

vîvifica, e sustenta nesta vida. Pois se os membros de hum corpo (aindaque entre si tenhão diversos officios, e figuras) tanto se amão, por serem todos animados com huma mesma alma racional, quanta mayor razão será, que os fieis se amem entre si, pois todos são animados com este divino espirito ? o qual quanto he mais nobre, tanto he mais poderoso para causar mayor unidade nas cousas, em que está. Pois se só a unidade da carne, e sangue he bastante para causar tão grande amor entre parentes, quanto mais o serão todas estas unidades, e communicações ?

9. De mais de tudo isto, põem os ólhos naquelle unico, e singular exemplo de amor, que Christo nos teve; o qual nos amou tão forte, e tão docemente, tão gratuita, e tão perseverantemente, e tão sem interêsse seu, nem merecimento nosso, para que animado tu com este tão notavel exemplo, e obrigado com tão grande beneficio, te disponhas segundo a tua possibilidade, a amar ao proximo desta maneira : para que assim cumpras fielmente aquelle mandamento, que este Senhor ao partir deste mundo, te deixou tão encommendado, quando disse : *Este he o meu mandamento; que vos ameis huns aos outros, assim como eu vos amei a vós.* Quem de mais do dito quizer saber, quão grande seja a virtude da *Esmola, e misericordia* para com o proximo; e quantas as suas excellencias, lêa hum Tratado, que desta materia achará escripto no fim do livro da *Oração, e Meditação.*

CAPITULO XVII

DO QUE DEVE FAZER O HOMEM PARA COM DEOS.

1. Havendo tratado já do que devemos fazer para comnosco, e para com nossos proximos, digamos agora o que devemos obrar para com Deos; que he a principal, e mais alta parte da justiça que ha; á qual servem aquellas tres virtudes, que chamão *Theologáes; Fé, Esperança, e Caridade*, que tem por objecto a Deos; e a virtude, que os Theologos chamão *Religião*, que tem por objecto o culto do mesmo Deos.

2. Pois com todas as obrigações, que debaixo de todas estas virtudes se comprehendem, cumprirá o homem inteiramente, se chegar a ter para com Deos o coração, que hum bom filho tem para com seu pay. De sorte, que assim como cumpre comsigo, quem para comsigo tem coração de bom juiz; e com o proximo, quem para com elle tem (como já dissémos) coração de Mãy; assim tambem em seu modo cumprirá com Deos, quem para com elle tiver coração de filho; pois hum dos principáes officios do espirito de Christo, he dar-nos esta sorte de coração para com Deos N. Senhor.

3. Considéra pois agora attentamente o coração, que hum bom filho tem para com seu pay; que amor lhe tem; que temor, e reverencia; que obediencia; que zelo da sua honra; quão sem interésse o serve; com quanta confiança acóde a elle em todas as suas necessidades, com quanta humildade soffre suas reprehensões, e castigos, com tudo o mais: e procura tu tambem ter este mesmo coração para com Deos, e terás cumprido inteiramente com esta parte da justiça.

4. Para ter pois este coração, nove virtudes me parecem ser principalmente necessarias; entre as quáes a primeira, e mais principal he o *Amor;* a segunda, o *Temor*, e reverencia; a terceira, a *Confiança;* a quarta, o *zelo* da honra divina; a quinta, a *Pureza de intenção* nas obras de seu serviço; a sexta, a *Oração*, e recurso a elle em todas as necessidades; a septima, o *Agradecimento* a seus beneficios; a oitava, a *Obediencia*, e inteira conformidade com a sua santa vontade; e a nona, a *Humildade*, e paciencia em todos os açoutes, e trabalhos, que nos enviar.

§ I

DO AMOR, QUE DEVEMOS TER A DEOS.

5. Pois segundo esta ordem, a primeira, e a mais principal cousa, que devemos fazer, he amar a este Senhor do modo, qùe elle o manda, isto he, de todo o coração, de toda a nossa alma, e com todas as nossas forças. De sorte, que tudo quanto ha no homem (cada cousa em seu modo) ame, e sirva a este Senhor : o entendimento considerando nelle; a vontade amando-o; os affectos inclinando-se ao que pede o seu amor; e as forças de todos os membros, e sentidos empregando-se em cumprir tudo, o que ordenar este amor. E porque desta materia ha hum Tratado inteiro na segunda parte do nosso *Memorial da vida Christãa*, nelle poderá vêr, o que quizer della o estudioso Leitor.

§ II

DO TEMOR, QUE DEVEMOS TER A DEOS.

6. A segunda cousa, que depois deste santo amor se requer, he o *Temor;* o qual procede deste mesmo amor. Porque quanto hum ama mais a huma pessoa, tanto mais teme, não só perdel-a, senão tambem dar-lhe enfado assim como vemos, que o faz hum bom filho para com seu pay; e a boa mulher para com seu marido, que quanto mais o ama, tanto mais procura, que em sua casa não haja cousa, que lhe possa dar pena. Este temor he a guarda da innocencia; e por isso convém, que esteja muy profundamente radicado em nossa alma, confórme o pedia o Propheta David, quando dizia: *Traspassai, Senhor, minhas carnes com o vosso santo amor, porque temi os vossos juizos.* De sorte, que não se contentava este Santo Rey com ter o temor de Deos arraigado em sua alma; mas queria tambem traspassadas com elle as suas carnes, e as suas entranhas; para que este tão grande sentimento lhe fosse como hum crávo fincado no coração, que lhe servisse de perpetua memória, e despertador, para se não desmandar em cousa, com que offendesse os ólhos daquelle, a quem temia. Pelo que, com muita razão se diz, que o temor do Senhor lança fóra o peccado; porque quando se teme muito a huma pessoa, natural cousa he tambem temer-se muito, fazer cousa, que a offenda.

7. A este mesmo temor pertence temer, não só as más obras, senão tambem as boas, isto he, se por ventura não vão tão puras, e tão bem circunstanciadas, como seria razão que fossem por cuja causa a obra que de sua natureza he boa, por nossa culpa, o deixe

de ser. Pelo que diz S. Gregorio, que das boas almas he temer culpa, aonde a não ha : como mostra que o fazia o Santo Job, quando dizia : *Temia eu, Senhor, todas as obras, que fazia, sabendo que não dissimulais o castigo nas cousas mal feitas.* A este mesmo temor pertence, que quando assistirmos aos Officios Divinos, e nas Igrejas (principalmente aonde está o Santissimo Sacramento) estejamos allî, não fallando, nem passeando, nem derramando a vista por diversas partes, como fazem muitos ; mas sim com grande temor, e reverencia daquella Imperial Magestade, em cuja presença estamos ; a qual por hum modo especial assiste naquelle lugar. Estas, e outras cousas táes pertencem a este santo temor.

8. E se me perguntares, como se gére este santo affecto em nossas almas, a isto respondo, que a principal raiz donde procede, he o amor de Deos (como acima tocámos) ; depois do qual tambem serve em seu modo para isso o temor servil, que he principio do filial; e assim o introduz na alma, como a agulha a linha, com que se coze o vestido. E de mais disto, ajuda muito a criar, e augmentar este santo affecto a consideração destas quatro cousas, a saber, a *Alteza* da Divina Magestade, a *profundidade* de seus juizos ; a *grandeza* de sua justiça ; a *multidão* de nossos peccados ; e especialmente a *resistencia*, que fazemos ás Divinas inspirações. Pelo que seria bem occupar algumas vezes o nosso coração na consideração destas quatro cousas : porque ella he, a que serve para criar, e fomentar em nossas almas este santo affecto, do qual tratámos mais largamente no Capitulo vinte e seis do livro passado.

§ III

DA CONFIANÇA QUE DÊVEMOS TER EM DEOS.

9. A terceira virtude, que para isto nos serve he a *Confiança*, isto he, que assim como hum filho em todas as tribulações, e necessidades que se lhe offerecem (se tem pay rico, e poderoso) está muy confiado, que lhe não ha de faltar o soccôrro, e providencia de seu pay, assim o homem ha de ter nesta parte hum coração tão de filho para com Deos, que considerando, que tem por pay áquelle, em cujas mãos está todo o poder do Ceo, e da terra, esteja tão confiado em todas as tribulações, que se lhe offerecerem, que voltando-se a elle, e confiando em sua misericordia, o tirará daquelle trabalho, ou o encaminhará para seu mayor bem, e proveito. Porque se este genero de confiança tem hum filho para com séu pays, e com ella dórme seguro, quanta mayor se deve ter para com aquelle, que he mais Pay, que todos os pays, e mais rico que todos os ricos? E se disseres, que a falta de serviços, e merecimentos, e a multidão dos peccados de tua vida passada te faz desmayar, o remedio he, não olhar então para isso, senão só para Deos, e para seu Filho, nosso unico Salvador, e Medianeiro, para nelle cobrar esforço, e confiança. Por tanto, assim como aos que passão hum rio em pé quando se lhes esvaece a cabeça com o impeto da torrente) lhes gritamos, e dizemos que não ólhem para a agua, mas que levantem os ólhos ao alto, que deste modo caminharão seguros; assim tambem se deve aconselhar aos fracos nesta parte, avisando-os, que não ólhem então para si, nem para seus peccados passados. Pois a que devo eu olhar, dirás, para cobrar este genero

de esfôrço, e confiança? Respondo, que ólhes primeiramente para aquella immensa bondade, e misericordia de Deos, que se estende ao remedio de todos os males do mundo; e tambem para a verdade, e fidelidade de sua palavra; pela qual tem promettido favôr, e soccôrro á todos, os que invocarem humildemente seu Santo Nome, e se puzerem debaixo de seu ampáro; pois vemos que ainda os mesmos inimigos, que andão em bandos huns com outros, não negão o seu favor, aos que se vão meter por suas portas dentro, e refugiar em suas casas ao tempo do perigo. Ólha tambem para a multidão dos beneficios, que atégora tens recebido de sua piedosa mão, e aprende da misericordia experimentada nas mercês passadas, a esperar as futuras. E de mais de tudo isto, ólha para Christo com todos seus trabalhos, e merecimentos; os quaes são o principal direito, e titulo, que temos para pedir mercês a Deos; pois nos consta serem estes por huma parte tão grandes, que não pódem ser mayores; e por outra, serem os thesouros da Igreja para o remedio, e soccôrro de todas as suas necessidades. Estes pois são os principáes fundamentos, em que estriba a nossa esperança; e estes, os que fazião aos Santos estar tão firmes, no que esperavão, como o monte de Sião.

10. Porem he muito para sentir, que tendo nós tão grandes motivos para confiar, sejamos tão fracos nesta parte; pois logo, quando vemos o perigo aos ólhos, desmayamos, e nos vamos ao Egypto buscar ampáro na sombra, e carros de Pharáó. De sorte, que achareis muitos servos de Deos grandes jejuadores, e muy amigos de rezar, muito esmoleres, e cheyos de outras virtudes; mas muy poucos, que tenhão aquella sorte de confianca, que tinha a Santa Susâna; a qual estando sentenciada á morte, e levando-a já para se executar a sentença,

fiz a Escriptura, que estava o seu coração confiado em o Senhor. Authoridades para persuadir esta virtude, quem as quizesse allegar, poderia trazer aqui toda a Escriptura Sagrada; principalmente os Psalmos, e os Prophetas; porque apenas ha nelles cousa mais repetida, que a esperança em Deos e a certeza do soccôrro, para com os que esperão nelle.

§ IV

DO ZELO, QUE DEVEMOS TER DA HONRA DE DEOS.

11. A quarta virtude he o *zelo* da honra de Deos; isto he, que o mayor de nossos cuidados seja, vêr prosperada, e adiantada a honra de Deos, e santificado, e glorificado o seu Nome, e feita a sua vontade no Ceo, e na terra: e a mayor de todas as nossas penas seja vêr, que isto se não faz assim, senão muito pelo contrario. Tal era o coração, e zelo, que tiverão os Santos, em nome de quem forão ditas aquellas palavras *O zelo, Senhor, da gloria de vossa casa tem consumidas, e attenuadas as minhas carnes:* porque era tão grande a afflicção, que por esta causa sentião, que a dôr da alma chegava a enfraquecer o corpo, a corromper o sangue, e a dar móstras de si em todo o homem exterior. E se nós tivessemos tal zelo, logo seriamos assinalados nas téstas com aquelle sinal de Ezechiel; pelo qual estariamos livres de todos os castigos, e açoutes da Divina justiça.

§ V

DA PUREZA DE INTENÇÃO, QUE DEVEMOS TER NAS NOSSAS OBRAS.

12. A quinta virtude he a *Pureza de intenção;* á qual pertence de tal sorte dirigir nossas acções, que em todas as cousas que fizermos, não nos busquemos a nós mesmos, nem pertendamos só o nosso interêsse, senão a gloria, e beneplacito deste Senhor: tendo por certo, que assim como os que jogão ao *ganha perde;* perdendo ganhão, e ganhando perdem; do mesmo modo, quanto mais sem interêsse tratamos nesta parte com Deos, tanto mais ganharemos; e assim tambem pelo contrario. Esta he huma das cousas, a que devemos advertir, e examinar em nossas obras; e de que mayores zelos, e receyos havemos de ter, temendo por ventura não se nos vão os ólhos a vêr nellas outra cousa, que não seja Deos: porque a natureza do amor proprio (como já dissemos) he muy subtil, e em todas as cousas se procura a si mesmo. Muitos ha muy ricos de boas obras, as quáes quando forem examinadas no contráste da Divina justiça, se acharão por ventura faltas desta pureza de intenção, que he aquelle *ôlho* do Evangelho, que se fôr claro, faz que todo o mais corpo seja claro, e resplandecente, e se escuro, tudo torna escuro, e tenebroso.

13. Ha muitas pessoas constituidas em dignidade, assim na Republica secular, como na Ecclesiastica; as quáes, vendo como sempre a virtude em semelhantes officios, he favorecida, trabalhão por ser virtuosos, e viver á ley de homens de bem, lavando suas mãos de toda a vileza, e de tudo o que possa pôr mácula em sua honra; porem o motivo de assim obrarem he, por

não cahirem da reputação, em que estão, e por serem bemquistos com seus Principes, por serem favorecidos, e augmentados em seus officios, e elevados a outros mayores. De sorte, que estas obras não procedem de faisca viva de amor, e temor de Deos; nem tem por fim a sua obediencia, e a sua gloria, senão só o proprio interêsse, e gloria do homem. Pois o que assim se faz, aindaque aos ólhos do mundo pareça alguma cousa, nos de Deos he tudo fumo, e sombra de justiça, mas não verdadeira justiça. Porque nem as virtudes moráes por si sós, nem os trabalhos corporáes (aindaque seja sacrificar os proprios filhos) são diante de Deos meritorios, senão só este espirito de amor enviado do Ceo, e tudo o que nasce desta raiz. Não havia no Templo de Salomão cousa, que não fosse ou ouro, ou dourada; e assim não he justo, que no templo vivo de nossa alma haja cousa, que não seja caridade, ou esteja dourada com ella. Por tanto o servo de Deos, não ponha tanto os ólhos no que faz, quanto no que pertende fazer: porque obras baixissimas, feitas com altissima intenção, se tornão altissimas; e altissimas, com baixissima intenção, se tornão muy baixas: porque não attende Deos tanto ao corpo da obra, quanto á alma da intenção, que procede do amor.

14. Isto he (em hum certo modo) imitar áquelle nobilissimo, e graciosissimo amor do Filho de Deos, o qual nos pede em seu Evangelho, que o amemos do modo, que elle nos amou, a saber, de pura graça, e sem algum genero de interêsse. E como entre as circunstancias desta divina caridade, seja esta a mais admiravel na Pessoa de Deos, muy ditoso será aquelle, que em todas as obras que fizer, trabalhar pelo imitar: e o que isso fizer, tenha por certo, que será muito amado de Deos, como seu muito semelhante na nobreza

da virtude, e na pureza de intenção; pois a semelhança costuma ser causa de amor. Por tanto desvîe o homem seus ólhos nas boas obras que faz, de todo o respeito humano, e ponha-os em Deos; e não consinta, que a obra, que tem por prémio a tal Senhor, pérca o seu valor por hum objecto terreno. Porque assim como causaria grande compaixão, vêr a huma nobilissima, e formosissima donzella casada com hum carvoeiro, sendo merecedora de hum Rey, assim tambem o he muito mais, vêr a virtude merecedora de Deos, empregada em adquirir por ella bens do mundo.

15. Mas porque esta pureza de intenção não he facil de conseguir, peça-a o homem instantemente a Deos em todas as suas orações; principalmente naquella perição da oração do Senhor, quando diz: *Seja feita a vossa vontade assim na terra, como no Ceo:* para que assim como todos aquelles exercitos celestiáes cumprem a vontade de Deos com purissima intenção de só lhe agradar; assim procure elle, morando ainda na terra, imitar (quanto lhe fôr possivel) este costume, e policia do Ceo: não porque não seja cousa boa, e santa (de mais de agradar a Deos) o pertender seu Reyno, senão porque tanto será a obra mais perfeita, quanto mais despida fôr de todo o interêsse proprio.

§ VI

DA ORAÇÃO, COM QUE DEVEMOS RECORRER A DEOS.

16. A sexta virtude he a *Oração;* por meyo da qual devemos, como filhos recorrer a nosso Pay no tempo da tribulação (como o fazem os meninos pequeninos, que com qualquer medo, ou sobresalto que tenhão,

logo acódem a seus pays); para que por meyo della tenhamos contînua lembrança de nosso Pay, e andemos sempre em sua presença, e conversemos com elle muitas vezes; pois tudo isto está annexo á condição, e obrigação dos bons filhos para com seus Pays. E porque desta virtude tratamos em outros lugares, ao presente não se offerece mais que dizer.

§ VII

DA ACÇÃO DE GRAÇAS PELOS BENEFICIOS RECEBIDOS.

17. A septima virtude depois desta, he a *Acção de graças;* á qual pertence fazer que tenhamos hum coração muito agradecido a todos os beneficios divinos, e huma lingua, que a mayor parte da vida gaste em dar a Deos as graças por elles, dizendo com o Propheta: *Louvarei eu ao Senhor em todo o tempo; e na minha lingua se achará sempre o seu louvor.* E em outro lugar diz: *Seja, Senhor, a minha boca cheya de vossos louvores, para que todo o dia gaste em cantar a vossa gloria.* Porque se este Senhor sempre nos está dando vida, e conservando-nos o ser, que nos dêo, e chovendo continuamente sobre nós beneficios com o movimento dos Ceos, e com o continuo serviço de todas as creaturas, que muito he, que sempre estejamos louvando, a quem sempre nos está conservando, preservando, governando, e fazendo mil bens? Seja pois este o primeiro de todos os nossos exercicios; e por donde (como aconselha S. Basilio) comecemos ordinariamente as nossas orações de tal sorte, que pela manhãa, á noite, ao meyo dia, e em todos os tempos demos sempre ao Senhor graças por todos os seus beneficios,

assim geráes, como particulares; assim da natureza, como da graça; e muito mais por aquelle beneficio de beneficios, e graça de graças, qual foi, fazer-se homem, e derramar pelos homens todo quanto Sangue tinha; e haver querido ficar, mediante o Santissimo Sacramento do Altar, em nossa companhia. Considerando principalmente nestes beneficios esta circunstancia, que acabamos de dizer; convêm a saber, que quem isto fazia, era Senhor de todo o creado; o qual nenhum interêsse podia em tudo isto pertender; e assim fez tudo o que fez, só por sua pura bondade, e amor. Desta materia havia muito que dizer; porem como já della tratámos em outra parte, fallando dos beneficios divinos, isto bastará por agora para o presente lugar.

§ VIII

DA OBEDIENCIA, QUE DEVEMOS A DEOS E DE QUATRO GRÁOS DE OBEDIENCIA.

18. A oitava virtude, que para com este Celestial Pay nos condiz, e ordena, he huma géral *Obediencia* a tudo, o que elle manda; em a qual consiste o complemento, e summa de toda a justiça, e santidade. Esta virtude tem tres gráos. O primeiro he, obedecer aos divinos mandamentos; o segundo, aos conselhos; o terceiro, ás inspirações, e chamamentos de Deos. A guarda dos mandamentos he de todo necessaria para a salvação; a dos conselhos, ajuda para a dos mandamentos, sem a qual muitas vezes costuma correr perigo. Porque o não jurar (aindaque seja com verdade) serve para não jurar, quando fôr mentira: o não pleitear, para não perder a paz, e a caridade: o não pos-

suir cousa propria, para estar mais longe de cobiçar as alhêas : e o fazer bem a quem nos faz mal, para estar mais livre de o procurar, e de o fazer. Deste modo pois os conselhos servem como de antemuro aos preceitos : e por isso o que deseja acertar, não se contente com a guarda de huma só cousa destas, mas trabalhe (conforme lhe fôr possivel, e segundo a condição de seu estado) por observar a outra. Porque assim como, o que passa hum rîo, que corre arrebatado, não se contenta com atrevessar pelo meyo, mas toma o passo mais acima, e corta a agoa contra a torrente, para mais assegurar-se de não ir atraz della ; assim o servo de Deos não só ha de pôr os ólhos naquillo, que precisamente basta para salvar-se, mas deve tomar este negocio mais de traz ; para que quando não saya com o que pertende (que he o melhor) ao menos chegue, ao que basta para a sua salvação.

19. O terceiro gráo dissemos que era, obedecer ás inspirações divinas ; pois os bons servos não sómente obedecem, ao que seu Senhor lhes manda por palavra, senão tambem ao que lhes significa por sináes. Mas porque nisto poderia haver engano, tomando por inspiração divina, a que poderia ser humana, ou diabolica ; por isso nos convêm aqui fazer, o que S. João diz : *Não queirais crer a todo o espirito ; mas provai os espiritos, se são de Deos.* Para isto (de mais do contraste da Divina Escriptura, e doutrina dos Santos, na qual se hão de examinar estas cousas) poderás guardar esta regra géral ; a saber, que havendo dous generos de serviços de Deos, huns voluntarios, e outros obligatorios, quando succeder encontrarem-se huns com outros, sempre os obligatorios hão de preferir aos voluntarios, por muy grandes, e meritorios que estes sejão : e assim he, que se ha de entender aquella tão celebrada sentença de Samuel que

diz : *Mais vale a obediencia, que o sacrificio* : porque primeiro quer Deos, que o homem obedeça á sua palavra, e depois lhe faça quantos servicios quizer, sem prejuizo da sua obediencia.

20. E por serviços necessarios, entendemos aqui primeiramente a observancia dos mandamentos de Deos, sem a qual não ha salvação. Segundo, a observancia dos preceitos daquelles, que estão em seu lugar ; porque quem resiste a estes, resiste á ordenação de Deos. Terceiro, a observancia de todas aquellas cousas, que andão annexas ao estado de cada hum : como são as obrigações, que o Prelado tem em seu estado ; e o Religioso, e o casado em o seu. Quarto, a daquellas cousas, que aindaque não sejão absolutamente necessarias, com tudo ajudão grandemente á conservação das necessarias; porque tambem estas participão alguma cousa da necessidade por causa das outras. Ponhamos exemplos : sabes tu já por experiencia de muito tempo, que no dia em que tens hum pouco de recolhimento, para entrar dentro de ti mesmo, e examinar a tua consciencia, e tratar com Deos do remedio della, trazes a vida mais concertada, e és mais Senhor de ti, e de tuas paixões ; e estás mais habil, e prompto para toda a obra de virtude ; e pelo contrario conheces, que quando faltas a isto, logo desfaleces, e cahes em muitas faltas, e te vês em perigo de tornar aos costumes passados ; porque ainda não tens sufficiente cabedal de graça ; nem estás ainda de todo fundado na virtude; e por isso o dia, em que te não dão este soccôrro de devoção, ficas em jejum, fraco, e facil para cahir nas cousas menores, que dispõem para as mayores (como o pobre, que o dia, que o não ganha, não o cóme). Pois em tal caso deves entender, que Deos te chama a este exercicio ; pois vês, que commummente por este meyo te ajuda ; e sem elle

costumas desfalecer. Digo isto, não para que entendas por aqui necessidade de preceito, senão a de hum muy conveniente meyo, para melhor corresponder á tua profissão.

21. Alem disto : conheces que és regalado, e amigo de ti mesmo, e inimigo de todo o trabalho, e aspereza; e vês que por amor disto se impede muito o teu aproveitamento espiritual; pois por esta causa deixas de entender em muitas obras de virtude por serem difficultosas, e cahes em muitas culpáveis por serem deleitaveis: neste caso deves entender, que o Senhor te chama á fortaleza, aspereza, e máo tratamento de teu corpo, e ao trabalho da mortificação de todos os teus gastos, e appetites; pois conheces por experiencia, quanto te importa este negocio. Deste modo pódes discorrer por todas aquellas obras, de cujo exercicio te resulta mayor proveito; e de cuja falta te provêm mayor damno; e a essas entende que te chama N. Senhor; aindaque nisto, e em todas as cousas deves sempre seguir o conselho de teus mayores.

22. Do que atéqui está dito parece, que para acertar a escolher, não ha de o homem pôr os ólhos naquillo, que de si he melhor, senão no que lhe he de mayor proveito, e mais necessario. Porque muitas obras ha altissimas, e de grandissima perfeição, as quáes nem por isso serão melhores para mim, aindaque em si sejão as melhores; porque não tenho forças para ellas, nem sou chamado para isso. Por tanto, permaneça cada hum em sua vocação, e tôme as medidas a si mesmo, e ponha os ólhos no que mais lhe arma; e não os estenda, ao que de todo excede as suas forças, como aconselha o Sábio, dizendo : *Não levantes os ólhos para as riquezas, que não pódes alcançar; porque tomarão azas como de aguia, e voarão para o Ceo.* E aos que fazem o contrario

reprehende o Propheta dizendo : *Puzestes os ólhos no que era mais, e convertéo-se-vos em menos* : *abarcástes muito, e apertastes pouco.*

23. Esta he a regra, que se ha de guardar entre os exercicios voluntarios, e os obligatorios : porem entre os que são voluntarios, poderás ter a seguinte. Entre este genero de exercicios, huns são publicos, e outros occultos; de huns se nos segue honra, interêsse, e deleite ; e de outros não. Pois (senão queres errar) deves sempre ter hum pouco mais de receyo dos publicos, que dos occultos ; e dos que trazem algum interêsse, que dos que carecem delle. Porque (como já muitas vezes dissemos) a natureza do amor proprio he muy subtil, e sempre se busca a si mesma, ainda nos mais altos exercicios. Pelo que dizia hum Religioso varão *Sabeis aonde está Deos? aonde não estais vós :* dando a entender, ser mais puramente obra de Deos aquella, aonde se não achava proprio interesse; porque aqui não parece, que se busca, nem pertende outra cousa mais que a Deos. Não digo isto, para que de tal sorte declinemos a este extremo, que hajamos sempre de acudir a elle (pois no outro pôde haver, e ha muitas vezes, não obstante todos esses contrapêsos, maior merecimento, e maior razão de obrigação) mas para advertir as malicias, e resábios do amor proprio ; para que nem todas as vezes se fie o homem delle, aindaque venha com máscara, e apparencia de virtude.

24. Estes tres gráos encerra em si a perfeita obediencia; os quáes por ventura significou o Apostolo, quando disse : *Não queirais, irmãos meus, ser imprudentes mas discretos, e avisados, para entender qual seja a vontade de Deos, boa, agradavel, e perfeita.* Nas quáes palavras parece comprehender estes tres gráos de obediencia :

porque *boa*, he a obediencia dos preceitos; *agradavel*, a dos conselhos; e *perfeita*, a das inspirações, e chamamentos divinos. Porque então terá o homem chegado a perfeição da obediencia, quando tiver pôsto por obra tudo, o que Deos lhe manda, aconselha, e inspira.

25. A estes gráos se ajunta o quarto, que he huma perfeitissima *conformidade* com a divina vontade em tudo aquillo, que ordenar de nos; caminhando com igual animo por honra, e por deshonra; por infamia, e por boa fama; por saúde, ou por enfermidade; por morte, ou por vida; abaixando humildemente a cabeça a tudo, o que elle ordenar de nós; e tomando com igual coração os açoutes, e os regálos; os favôres, e os desfavôres de sua mão; não olhando ao que nos dá, senão a quem he, que o dá; e ao amor, com que o dá: pois não com menor amor açouta o pay a seu filho, do que o regála, quando vê, que lhe convêm.

26. O que tiver estes quatro gráos de obediencia, terá alcançado aquella resignação, que tanto engrandecem os mestres da vida espiritual; a qual de tal sorte sujeita, e põem a hum homem nas mãos de Deos, como huma pouca de cera branda nas mãos de hum artifice. E chama-se *resignação;* porque assim como hum Clerigo, que resigna hum beneficio, totalmente se desapóssa delle, e o põem nas mãos do Prelado, para que disponha delle á sua vontade, sem contradicção do primeiro possuidor; assim o varão perfeito de tal sorte se entrega, e põem nas mãos de Deos, que não quer já mais ser seu, nem viver para si, nem comer, nem dormir, nem trabalhar para si, mas só para gloria de seu Creador, conformando-se com a sua santissima vontade em tudo aquillo, que delle dispuzer:

e tomando da sua mão com igual animo todos os açoutes, e trabalhos, que lhe vierem; despojando-se de si, e de sua propria vontade para cumprir inteiramente a daquelle Senhor, cujo escravo conhece ser por mil titulos, que para isto ha. Assim móstra que estava resignado David, quando dizia: *Assim como hum jumento sou, Senhor, diante de vós: e eu sempre estou com vosco.* Porque assim como o jumento não vai por onde quer, nem descança quando quer, nem faz o que quer, senão que em tudo, e por tudo obedece a quem o rege; assim tambem o ha de fazer o servo de Deos, sujeitando-se perfeitamente a elle. Isto mesmo significou o Propheta Isaias, quando disse: *O Senhor me fallou ao ouvido, e eu não o contradigo, nem dou passo atráz* (recusando o que elle me manda, por muy aspero, e difficultoso que seja). Isto mesmo nos ensinão em figura aquelles mysteriosos animáes de Ezechiel, dos quáes se escreve, que aonde quer que sentião o impeto, e movimento do Espirito Santo, logo se movião com grande ligeireza, sem tornar atráz: para significar nisto com quanta promptidão, e alegria deve o homem acudir a tudo aquillo, que entender ser a vontade de Deos. Para o que não só se requer promptidão de vontade, mas tambem discrição de entendimento, e de espirito (como dissemos) para que nos não enganemos, abraçando a nossa propria vontade pela sua. Antes (regularmente fallando) tudo aquillo, que for mais conforme ao nosso gôsto, o devemos ter por suspeitoso; e o que lhe for contrario, por mais seguro.

27. Este he o mayor sacrificio, que o homem póde fazer a Deos; porque nos outros sacrificios offerece as suas cousas, mas neste offerece-se a si mesmo: e quanto vai do homem ás cousas do homem, tanto vai deste sacrificio aos outros sacrificios. E neste tal

sacrificio se cumpre o que Santo Agostinho diz, conviem a saber: *Que aindaque Deos seja Senhor de todas as cousas, mas não he de todas dizer aquellas palavras de David:* Eu sou vosso, Senhor; *mas sómente daquelles que desapropriados de si mesmos, se entregárão totalmente ao serviço deste Senhor, e deste modo se fizerão seus.* He tambem esta a mayor disposição, que ha para alcançar a perfeição da vida Christãa; porque como Deos N. Senhor por sua infinita bondade esteja sempre prompto para enriquecer, e reformar ao homem, quando este da sua parte lhe não resiste, nem contradiz, antes se entrega todo á sua obediencia, facilmente póde obrar nelle tudo, o que quizer, e fazel-o (como a outro David) hum homem segundo o seu coração.

§ IX

DA PACIENCIA NOS TRABALHOS.

28. Para alcançar pois este ultimo gráo de obediencia aproveita muito a ultima virtude, que ao principio deste Capitulo propuzêmos, que he a *Paciencia* nos trabalhos, que nosso piedoso Pay nos envia muitas vezes, assim para nosso exercicio, como para materia de merecimento. Á qual paciencia nos convida Salomão em seus Proverbios, dizendo: *Filho meu, não lances de ti a disciplina, e o castigo do Senhor: nem desmayes, quando és por elle castigado: porque elle castiga aos que ama: e se alegra com elles, como faz o pay com seus filhos.* A qual sentença prosegue, e declara muito por extenso o Apostolo na Epistola, que escreve aos Hebreos, exhortando-os á paciencia por

estas palavras: *Perseverai, irmãos, na disciplina, e castigo paternal de Deos, considerando que nisto vos tráta como filhos: porque que filho ha, que não seja castigado por seu pay? Porque se careceis deste castigo, pelo qual tem passado todos os filhos de Deos, segue-se que sois filhos de outro pay, e não de Deos. Lembrai-vos que nossos pays carnáes nos castigávão, e ensinávão; aos quáes tinhamos reverencia; pois não será mais razão, que obedeçamos ao Pay dos Espiritos?*

29. Todas estas palavras nos dão claramente a entender, como o officio de pay, he castigar, e corrigir a seus filhos; e assim o dos bons filhos há de ser abaixar humildemente a cabeça, e ter aquelle castigo por hum grande beneficio, e por testemunho de amor, e coração paternal. Isto nos ensinou com o seu exemplo o unigenito Filho do Padre Eterno, quando querendo S. Pedro livral-o da morte, disse; *Não queres que eu beba o Caliz, que me dêo meu Pay?* Como se dissera: Se este Caliz viera de outra mão, tiveras alguma côr para contradizel-o; mas vindo pela mão de hum tal Pay, que tão bem sabe, póde, e quer ajudar aos que tem por filhos, como se não beberá tal Caliz a olhos fechados, sem querer saber mais, senão que vem da sua mão?

30. Mas com tudo isso ha alguns, que no tempo da paz estão (ao seu parecer) sujeitos a este Pay, e confórmes em tudo com a sua vontade; mas no tempo da adversidade desmayão, e dão bem a entender, que era falsa, e enganosa aquella conformidade; pois ao tempo, que era necessaria, a perdêrão; como fazem os homens pusillánimes, e cobárdes, que em tempo de paz mostrão grande valor, porem na occasião do conflicto perdem o ánimo, e as armas. Sendo pois os combates, e tribulações desta vida tão continuos, será bem armar

a estes de espirituáes armas, das quáes se possão ajudar nos táes tempos.

31. Pois para isto podes primeiramente considerar; que não igualão os trabalhos desta vida com a grandeza da gloria, que por elles se alcança. Porque tanta he a alegria daquella luz eterna, que, aindaque não podessemos gozar della mais que por huma só hora, deveriamos abraçar de boa vontade todos os trabalhos, e desprezar todos os contentamentos do mundo por amor della. Porque como diz o Apostolo: *O trabalho momentaneo, e leve de nossa tribulação, he materia de hum inestimavel péso de gloria, que por elle se nos dá no Ceo.*

32. Considéra tambem, que as cousas prósperas muitas vezes estrágão o coração do homem com a soberba: e pelo contrario, as adversas o purificão com a dôr, e a afflicção: naquellas se levanta o coração; nestas, aindaque esteja levantado, se humilha; naquellas se esquece o homem de si mesmo; e nestas, ordinariamente se lembra de Deos: por aquellas, muitas vezes as boas obras feitas se perdem; por estas, as culpas comettidas em muitos annos se purificão, e a alma se preserva para não cahir em outras.

33. E se por ventura te apertão algumas enfermidades, deves presuppôr, que muitas vezes entendendo N. Senhor os males, que fariamos, tendo saûde, nos córta as azas, e inhabilita para elles com a enfermidade: e muito mais nos importa estar assim quebrantados com a doença, do que perseverar sãos em nossa malicia: pois *mais vale* (como o mesmo Senhor diz) *entrar na vida eterna côxo, ou manco, do que com dous pés, e duas mãos ser lançado nos fógos eternos.* Porque claro está, que o nosso misericordioso Senhor não se deleita com nossos tormentos; mas gosta de curar as nossas

enfermidades com medicinas contrarias; para que nós, que adoecemos com deleites, convaleçamos com dôres; e os que cahimos comettendo cousas illicitas, nos levantemos carecendo ainda das licitas. Por donde entenderás como aquella Soberana Bondade se ira neste mundo, para se não irar no outro; e por isso usa agora misericordiosamente de rigor, para que depois não tóme justa vingança. Porque (como diz S. Jerónymo) muito grande ira he, não irar-se Deos contra os peccadores: e assim quem não quizer aqui ser açoutado com os filhos, será no inferno condenado com os demonios. Pelo que, com muita razão exclama Santo Agostinho, dizendo: *Senhor, aqui queima, aqui corta, para que eternamente me perdôes.* Nisto pois verás com quanta diligencia attende por ti o Creador de todas as cousas; pois não te deixa da sua mão, nem te sólta a rêdea, para cumprires teus máos desejos. Os medicos do corpo facilmente concedem áquelles, em quem não conhecem esperança de melhóra, tudo quanto desejão: mas aos que tem remedio, lhes ordenão diéta, e lhes mandão abster-se de tudo o que lhes póde fazer mal. Do mesmo modo os pays tirão aos filhos travêssos o dinheiro, com que jogão; mas depois lhes deixão toda a sua fazenda. O mesmo pois faz (em seu modo) com nosco aquelle Soberano Medico de nossas almas; e aquelle que he Pay sobre todos os pays.

34. Alem disto, considéra quantas, e quão grandes affrontas soffrêo N. Redemptor daquelles mesmos, que elle tinha creado; quantos escárneos, quantas bofetadas, com quanta paciencia teve descoberto o seu rôsto áquellas infernáes bocas dos que o cuspião; com quanta mansidão deixou traspassar sua cabeça com os espinhos, que lhe fincárão; de quão boa vontade recebêo para refrigerio de sua sêde aquella amarga bebida, que lhe

dérão; com que silencio soffrêo ser adorado por escarneo; e finalmente com quanto fervor, e paciencia correo até á morte, por livrar-nos da morte. Pois não te deve parecer aspero, que tu vil homem sinho soffras os açoutes, que elle tè quizer dar por teus peccados; pois elle tantos soffrêo; e não quiz sahir desta vida sem açoutes, tendo vindo a ella sem peccados; porque assim convinha, que Christo padecesse, para assim entrar na sua gloria, e ensinar-nos por obra, o que o Apostolo nos diz por palavra: *Não será coróado, senão o que pelejar legitimamente.* Pelo que, muito melhor he soffrer aqui os males presentes com paciencia, aonde aproveitão para perdão da culpa, e augmento de gloria, que padecêl-os com impaciencia, e com mayor trabalho, e sem esperança de fructo; pois queiras, ou não queiras, os tens de soffrer, quando Deos quizer, a cujo podêr nenhuma cousa resiste.

35. Porem a todas estas considerações, e remedios, ajuntarei o ultimo, e mais efficaz, e vêm a ser; que para conservar esta paciencia, deve o homem andar sempre armado, e prevenido para todas as adversidades, e desgostos, que de qualquer parte lhe possão sobrevir. Porque, que outra cousa se póde esperar de hum mundo tão máo, e de huma carne tão fragil, e da inveja dos demonios, e malicia dos homens, senão contînuos desgostos, e sobresaltos não pensados? Pois contra todos estes acontecimentos ha de andar apercebido, e armado o varão prudente, como quem anda em terra de inimigos; do que tirará dous grandes proveitos. O primeiro he, levar com mais suavidade os trabalhos, tendo-os desta modo prevenidos; porque (como diz Seneca) *mais ligeira costuma ser a ferida do golge, que se ve de longe.* E isto mesmo nos aconselha o Ecclesiastico, quando diz, *que preparemos a medicina antes da enfermidade;*

que he o mesmo, que sangrar-se hum em saûde. O segundo proveito he, que todas as vezes, que isto obrar, saiba que faz a Deos hum sacrificio muy semelhante ao do Patriarcha Abrahão, quando esteve preparado, e dispôsto para sacrificar a seu filho Isaac. Porque todas as vezes que o homem prevê, que, ou por parte de Deos, ou dos homens, lhe podem vir táes, ou táes trabalhos, ou desgôstos; e elle, como servo de Deos, se dispõem, e prepára para os receber com toda a humildade, e paciencia; e para isto se resigna, e põem todo nas mãos de seu Senhor, aceitando, e tomando dellas tudo, o que por qualquer destas vias lhe vier (como fez David com as injurias de Semei, as quáes tomou, como se Deos lhas enviasse) tenha por certo, digo, que cada vez que isto fizer, offerece a Deos hum sacrificio muy agradavel; e que tanto merece com a promptidão da vontade sem a obra, como com a mesma obra.

36. Para o que deve lembrar-se o homem, ser esta huma das principáes partes da profissão Christãa. Assim o testifica o Apostolo, dizendo, *que nenhum desmaye nos trabalhos; pois todos sabemos, que para isto estamos deputados*. Considére pois o Christão, que está neste mundo, que he como huma rocha no meyo do mar, a qual he continuamente combatida de diversas ondas; porem persevéra sempre immovel em hum lugar. Isto se tem tratado aqui tanto por extenso; porque como toda a profissão da vida Christãa (segundo diz S. Bernardo) se divide em duas partes, isto he, em fazer bens, e padecer males, claro está, que a segunda he mais difficil que a primeira; e por esta causa convinha pôr mayor cuidado, aonde se reconhece ser mayor o perigo.

37. Mas aqui se deve notar, que nesta virtude da *Paciencia* assignão os Santos Doutores tres excellentes

gráos, cada hum mais perfeito que o outro. Entre os quáes o primeiro he, levar os trabalhos com paciencia; o segundo, desejal-os por amor de Christo; e o terceiro, alegrar-se nelles, pela mesma causa. Por tanto não deve o servo de Deos contentar-se só com o primeiro gráo de paciencia; mas do primeiro trabalhe por subir ao segundo; e pôsto neste, não descance até não chegar ao terceiro. O primeiro gráo desta virtude se vê manifestamente na paciencia do Santo Job; o segundo, no desejo, que alguns Martyres tiverão de padecer martyrio; e o terceiro, na alegria, que recebêrão os Apostolos, por terem sido dignos de padecer pelo Nome de Christo. Este teve o Apostolo, quando em huma parte diz, que se gloriava nas tribulações em outra, que se alegrava nas suas enfermidades, angustias, açoutes, etc. por Christo: e em outra, aonde tratando da sua prisão, pede aos Philippenses lhe sejão companheiros na alegria, de que gozava, por vêr-se prêso naquellas cadeyas, por Christo. E esta mesma graça escreve elle, que fôra dada naquelles tempos aos fieis das Igrejas de Macedonia; os quáes gozárão de huma abundantissima alegria, no meyo de huma tribulação, que lhes sobreveyo. Este he hum dos mais altos gráos de paciencia, de caridade, e de perfeição, a que póde chegar huma creatura; ao qual chegão muy poucos; e por isso Deos não obriga a ninguem a elle debaixo de preceito; assim como nem ao passado.

38. Verdade he, que não se quer dizer por isto, que nos hajamos de alegrar nas mortes, calamidades, e trabalhos de nossos proximos, nem menos de nossos parentes, e amigos, e muito menos nos da Igreja. Porque a mesma caridade, que de nós pede a alegria em huma causa, nos móve á tristeza, e compaixão na outra; pois ella he, a que sabe gozar-se com os que se gózão; e

chorar com os que chórão; como vemos que o fazião os Prophetas; os quáes gastavão toda a vida em chorar, e sentir as calamidades, e açoutes dos homens.

Quem pois tiver estas nove condições, ou virtudes, terá para com Deos coração de filho; e haverá cumprido inteiramente com esta ultima, e summa parte da justiça, que dá á Deos, o que se lhe deve.

CAPITULO XVIII

DAS OBRIGAÇÕES DOS ESTADOS.

1. Tendo já tratado em géral, do que convêm a todo o genero de pessoas, convinha descer em particular, a tratar do que convêm a cada hum em seu estado. Mas porque isto seria huma larga emprèza, por agora bastará advertir brevemente, que (alem do que está dito) deve cada hum attender ás leys, e obrigações de seu estado; as quáes são muitas, e diversas, segundo a diversidade dos estados, que ha na Igreja. Porque huns são Prelados, outros subditos, outros casados, outros Religiosos, outros pays de familias, etc. E para cada hum destes estados ha sua ley particular.

2. O *Prelado*, diz o Apostolo, cumpra com seu offício com todo o cuidado, e vigilancia. O mesmo aconselha Salomão, quando diz *Filho meu, se ficaste por fiador de algum teu amigo, suppõem, que tens a mão pregada em poder de hum estranho, a quem o fiaste; com as palavras da tua mesma boca te prendeste. Por tanto, filho meu, faze o que te aconselho, e livra a tua alma, já que cahiste na mão do proximo corre, dá-te prèssa; acorda a este teu amigo; não durmas descuidado sobre este negocio, nem ainda toscanejem teus ólhos* (até pôr o

negocio em táes termos, que sayas bem dessa obrigação). Nem te deves admirar, de que este Sábio peça tanta vigilancia sobre este caso : porque por duas causas costumão os homens ter grande cuidado na guarda das cousas; ou porque são de grande valor; ou porque estão em grande perigo : e ambas concorrem no negocio das almas em tão subido gráo, que nem o prêço póde ser mayor, nem tão pouco o perigo : por tanto, convêm serem guardadas com grandissimo recato.

3. O *Subdito* ha de olhar a seu Prelado, não como a homem, senão como a Deos, para o reverenciar, e fazer o que lhe manda com aquella promptidão, e devoção, que o fizera, se lho mandasse o mesmo Deos. Porque, se o Senhor, a quem eu sirvo, me manda obedecer a seu mordômo, quando obedeço ao mordômo, a quem obedeço, senão ao Senhor? Pois mandando-me Deos obedecer ao Prelado, quando faço o que o Prelado manda a quem obedeço, ao Prelado, ou a Deos? E se S. Paulo quer, que o servo obedeça a seu senhor, não como a homem, senão como a Christo, quanto mais deve o subdito obedecer a seu Prelado, a quem se sujeitou pelo vinculo da obediencia?

4. Nesta mesma obediencia se assignão tres gráos; o primeiro he, obedecer com a obra; o segundo, com a obra, e com a vontade; e o terceiro, com a obra, com a vontade, e com o juizo. Por quanto ha alguns, que fazem, o que se lhes manda; mas não lhes parece bem a cousa mandada, nem a fazem com boa vontade; outros, que o fazem sim, e de boa vontade, porem não lhes parece acertado, o que se lhes manda; e outros ha, que (captivando o seu entendimento em obsequio de Christo) obedecem ao Prelado, como a Deos, isto he, com a obra, com a vontade, e com o juizo; fazendo o que se lhes manda com boa vontade, e approvando hú-

mildemente o que se manda, sem que queirão fazer-se juizes daquelles, de quem hão de ser julgados.

5. Assim que, irmão meu, trabalha com todo o cuidado por obedecer a teu Prelado, lembrando-te que está escripto : *O que vos ouve a vós, ouve-me a mim; e o que vos despréza a vós, despréza-me a mim.* Não ponhas já mais a boca nelles, para que não te seja dito da parte do Senhor *Não he a vossa murmuração contra nós, senão contra Deos.* Não os tenhas em pouco, para que não te diga o mesmo Senhor : *Não te desprezárão a ti, senão a mim para que não reynes sobre elles.* Não trates com elles com falsidade, e dobrêz ; para que não te seja dito : *Sabe que não mentiste aos homens, senão a Deos;* e assim venhas a pagar com morte arrebatada a culpa de teu atrevimento, como succedêo aos que isto fizerão.

6. A *mulher casada* attenda ao governo de sua casa ; á provisão dos seus, e ao contentamento de seu marido, e a tudo o mais de sua casa : e quando tiver satisfeito a tudo isto, estenda ás vélas a toda a devoção que quizer, tendo porem cumprido primeiro com as obrigações de seu estado.

7. Os *Pays,* que tem filhos, tenhão sempre diante dos ólhos aquelle espantoso castigo, que recebêo Heli por haver sido negligente em castigar, e ensinar seus filhos; cuja negligencia castigou Deos, não só com as mortes arrebatadas delle, e dos mesmos filhos, mas tambem com a privação do Summo Sacerdocio, que por esta causa lhe foi tirado. Advirtão, que os peccados dos filhos são tambem, em hum certo modo, peccados dos pays; e a perdição dos filhos he juntamente perdição dos pays; e que não merecem o nome de táes, os que havendo gerado a seus filhos para este mundo, não procurão crial-os para o Ceo. Por tanto cuidem de castigal-os,

admoestal-os, apartal-os das más companhias, buscar-lhes bons mestres, crial-os nas virtudes, ensinal-os desde seus tenros annos (como fazia Tobias) a temer a Deos; quebrar-lhes muitas vezes as proprias vontades; e pois ja que antes que nascessem, lhes forão pays quanto aos corpos, sejão-lhes depois de nascidos, pays quanto ás almas porque não he justo contentarem-se os homens só com ser pays do modo, que o são as aves, e as féras, as quáes depois de nascidos seus filhos, não fazem outra cousa mais que dar-lhes de comer, e sustentallos sejão-lhes pays como homens, e como Christãos, e como servos de Deos, que crião a seus filhos para serem filhos de Deos, e herdeiros do Ceo, e não para escrávos de Satanáz, e moradores do Inferno.

8. *Os Senhores*, que tem cargo de familia, como criados, e escravos, lembrem-se daquella ameaça de S. Paulo, quando diz: *Se algum não tem cuidado dos seus domesticos, e familiares, este tal tem negado a fé* (isto he, a fidelidade que deveria guardar); *e he peyor que hum homem desleal.* Lembrem-se, que estes são como ovelhas de seu rebanho; e elles como os pastores, e guardas dellas; principalmente dos que são seus escravos: e saibão que algum tempo lhes pedirão conta delles, e lhes dirão: *Aonde está o rebanho, que vos foi encommendado, e o gado nobre, que tinheis a vosso cargo?* E com muita razão lhe chama *nobre*, por causa do prêço, com que foi remido; e pela Sacratissima Humanidade de Christo, com que foi ennobrecido; pois nenhum escravo ha tão baixo, que não seja livre, e nobre pela Humanidade, e Sangue de Christo. Tenha pois o bom Christão cuidado, de que os que estão em sua casa, vivão isentos de vicios manisfestos, como são inimisades, jógos, juramentos falsos, blasfemias, e

deshonestidades. E de mais disto, procure que saibão a Doutrina Christãa, e guardem os Mandamentos da Igreja; e principalmente o de ouvir Missa os Domingos, e festas; e jejuar os dias, que são de preceito; excepto, quando tiverem algum legitimo impedimento, que os escuse, segundo o que acima se declara.

CAPITULO XIX

PRIMEIRA ADVERTENCIA, DA ESTIMAÇÃO DAS VIRTUDES, PARA MAYOR INTELLIGENCIA DESTA REGRA.

1. Assim como ao principio desta Regra puzemos alguns preambulos, que para antes della se requeria; assim depois della convêm dar algumas advertencias, para que melhor se entenda, o que nella se contêm. Porque primeiramente (tendo-se aqui tratado de diversos generos de virtudes) he necessario declarar a dignidade, que humas tem sobre as outras; para que saibamos estimar cada cousa como em si he, e dar a cada huma o seu devîdo lugar. Porque assim como o que negocêa em pedras preciosas, convêm (para não se enganar no prêço) que entenda o seu valor; e assim como o mordômo de hum Senhor convêm, que saiba os merecimentos dos que tem em sua casa, para que os trate confórme ao que cada hum merece (porque o contrario seria desordem, e confusão); assim tambem o que negocêa nas pedras preciosas das virtudes, e o que (como bom mordômo) ha de dar a cada huma a sua devîda estimação, convêm, que para isto tenha muito bem conhecido o seu valor; para que quando as cousas se encontrarem, saiba quáes haja de antepôr, e pre-

ferir; para que não venha a ser (como dizem) aproveitador dos farélos, e desperdiçador da farinha, como a muitos acontece.

2. Para isto pois he de saber, que todas as virtudes, de que atéqui temos tratado, podem reduzir-se a duas ordens, ou classes: porque humas são mais espirituáes, e interiores; e outras mais visiveis, e exteriores. Na primeira ordem, ou classe pômos as virtudes *Theologáes*, com todas as que assinámos para com Deos; e principalmente a *Caridade*, que (como Rainha) occupa o primeiro lugar entre todas ellas. E com estas se ajuntão outras virtudes muy nobres, e muy chegadas a ellas; a saber, Humildade, Castidade, Misericordia, Paciencia, Discrição, Devoção, Pobreza de espirito, desprezo do mundo, abnegação da propria vontade, amor á Cruz, e á imitação da vida aspera, e penitente de Christo, e outras semelhantes a estas, que (ampliando aqui este vocabulo) chamamos *virtudes*. E chamamo-las *espirituáes, e interiores;* porque residem principalmente no animo, aindaque procedem tambem a obras exteriores, como se vê na *Caridade*, e *Religião* para com Deos; as quáes, aindaque sejão virtudes interiores, produzem tambem seus actos exteriores para honra, e gloria do mesmo Deos.

3. Outras virtudes ha, que são mais visiveis, e exteriores, como são o jejum, a disciplina, o silencio, o encerramento, e solidão, o lêr, rezar, cantar, perigrinar, ouvir Missa, assistir aos Sermões, e Officios Divinos, com todas as mais observancias, e ceremonias corporáes da vida Christãa, ou Religiosa porque aindaque estas virtudes residão no animo, com tudo os seus actos proprios sahem mais fóra, que os das outras; os quáes muitas vezes são occultos, e invisiveis, como são crer, amar, esperar, contemplar, humilhar-se interiormente,

doêr-se dos peccados, julgar com discrição, e outros actos semelhantes.

4. Entre estes dous generos de virtudes, he sem duvida, que as primeiras são mais excellentes, e necessarias que as segundas com grandissima ventágem. Porque como disse o Senhor á Samaritana : *Cre-me, mulher, que está chegada a hora, em que os verdadeiros adoradores adorarão ao Pay em espirito, e verdade porque, táes quer o Pay, que sejão os que o adórem. Deos he espirito; e por isso convêm, que os que o adórão, o adórem em espirito, e verdade.* O que em bom romance quer dizer o mesmo, que nas escólas cantão os meninos naquella celebrada letra que diz *Sendo Deos espirito, como as Escripturas nol-o ensinão, por isso convem, que seja honrado com pureza, e limpeza de espirito.* Por isso o Propheta David, descrevendo a formosura da Igreja, ou de huma alma, que está em graça, diz *Toda a sua graça, e formosura esta lá dentro escondida, aonde esta adornada com guarnições, e bordaduras de ouro; e por fóra vestida de roupas de varias côres* (isto he, de diversas virtudes). O mesmo nos significou o Apostolo, quando disse a seu discipulo Thimótheo : *Exercita-te na piedade; porque o exercio corporal para poucas cousas he proveitoso porem a piedade para todas he util; pois a ella estão promettidos os bens da presente vida, e os da futura.* Nas quáes palavras, por *Piedade* entende o culto de Deos, e a miserícordia para com o proximo e por *exercito corporal*, a abstinencia, e as outras asperezas corporáes, como declara Santo Thomas sobre este lugar.

5. Até os mesmos Philosophos Gentios conhecêrão esta verdade por quanto Aristoteles (que tão pouco escrevêo de Deos) com tudo disse *Se os Deoses tem*

cuidado das cousas humanas (como he razão, que assim deva crer-se) he verosimil, que se gozem com a cousa melhor e mais semelhante a elles : e esta he a mente, ou o espirito do homem ; e por isso os que adornarem este espirito com o conhecimento da verdade, e com a reforma de seus affectos, estes hão de ser muito agradaveis a Deos. O mesmo sentio admiravelmente o Principe dos Medicos Galeno ; o qual tratando em hum livro da composição, e fabrica do corpo humano, e do uso, e utilidade de suas partes, chegando a hum passo, em que singularmente resplandecia a grandeza da sabedoria, e providencia daquelle Soberano Artifice, arrebatado em huma profunda admiração de tão grandes maravilhas, e como esquecido da profissão de Medico, e passando á de Theologo, exclamou dizendo : *Honrem a Deos os outros com suas hecatombes (que são sacrificios de cem boys) que eu o honrarei, reconhecendo a grandeza de sua sabedoria (que tão altamente soube ordenar as cousas;) e a grandeza de seu poder (que tão inteiramente póde por obra tudo, o que ordenou;) e a grandeza de sua bondade, a qual nenhuma cousa negou as suas creaturas, provendo a cada huma tão completamente de tudo, o que lhe era necessario, sem lhe faltar em cousa alguma.* Isto disse este Philosopho gentio. Dize-me pois agora; que mais podéra dizer hum perfeito Christão? Que mais disséra, se tivera lido aquella sentença do Propheta que diz : *Antes quero a misericordia, que o sacrificio; e mais o conhecimento de Deos, que os holocaustos*? Muda as *hecatombes* em *holocaustos*, e verás como concordou aqui aquelle Philosopho gentio com este Propheta.

6. Mas não obstante todos estes louvores, que se dão a estas virtudes, as outras que puzemos, na segunda ordem (aindaque menores na dignidade) são porem

importantissimas para conseguir, e conservar as mayores; e ainda algumas dellas necessarias por causa do preceito, ou voto, que nellas intervêm. Isto se prova claramente, discorrendo por aquellas mesmas virtudes, que dissemos. Porque o *encerramento*, e a *solidão* livra ao homem de vêr, ouvir, fallar e tratar mil cousas, e de tropeçar em mil occasiões; nas quáes não só se arrisca e pôem em perigo a paz, e socego da consciencia, senão tambem a castidade, e a innocencia. O *silencio*, já se vê quanto ajuda para conservar a devoção, e evitar os peccados, que se costumão cometter fallando pois como diz o Sábio: *No muito fallar não podem faltar peccados*. O *jejum* (alem de ser acto da virtude da temperanca e obra satisfactoria, e meritoria se se faz em caridade) enfraquece o corpo, levanta o espirito, debilita o nosso adversario, dispõem para a oração, lição, e contemplação, e poupa os gastos, e desejos em que vivem os comilões, e bebedores; evita as chanças, palrarias, porfias, e dissoluções, em que se entretem depois de fartos. Pois o lêr livros santos, e ouvir semelhantes Sermões, o rezar, cantar, e assistir aos Divinos Officios, bem se vê serem todos actos de religião, e estimulos para despertar a devoção, e meyos para illustrar mais o entendimento, e inflammar mais o affecto nas cousas espirituáes.

7. Prova-se tambem isto mesmo por huma experiencia tão clara, que se os hereges a considerassem, não virão a dar no extremo, em que dérão. Porque cada dia vemos com os ólhos, e tocamos com as mãos, que em todos os Mosteiros, em que florece a observancia regular, e a guarda de todo o exterior, sempre ha mais virtude, mais devoção, caridade, vigor, e ser nas pessoas, e mais temor de Deos, e finalmente mais Christandade: e pelo contrario, aonde não se tem conta com isto, assim

como a observancia anda arruinada, assim tambem o anda a consciencia, os costumes, e a vida: porque como ha mayores occasiões de peccar, assim tambem ha mais peccados, e desconcêrtos. De sorte, que assim como na vinha bem guardada, e bem cercada, tudo está seguro; e a que carece de guarda, e de séve, de todo está roubada, e vendimada, assim tambem o está a Religião, quando se guarda, ou não a observancia regular. Pois que mais clara próva, e argumento queremos para vêr a utilidade, e importancia destas cousas, que o que procede de huma tão manifesta experiencia?

8. Pois já se hum pertende conseguir, e conservar sempre aquella soberana virtude da *Devoção* (a qual faz ao homem habil, e prompto para toda a virtude, e lhe serve como de espóra, e estímulo para todo o bem) como será possivel conseguir, e conservar este affecto tão sobrenatural, e tão delicado, se hum se descuida na guarda de si mesmo? Porque este affecto he tão delicado, e (se assim soffre dizer-se) tão fugitivo, que em hum voltar de cabeça, não sei como logo desapparece. Porque hum riso desordenado, huma conversa demasiada, huma cêa larga, huma pouca de ira, ou de porfia, ou de outra qualquer distracção, hum pôr-se a querer vêr, ouvir, ou a entender em cousas não necessarias (ainda que não sejão más) basta para consumir em grande parte a devoção. De sorte, que não só os peccados, senão tambem os negocios não necessarios, e qualquer outra cousa, que nos faça distrahir de Deos, faz diminuir em nós a devoção. Porque assim como o ferro, para que esteja em brasa, convem estar sempre, ou quasi sempre na frágoa (porque se se tira della, dahi a pouco se tórna á sua natural frialdade); assim este nobre affecto depende tanto do andar o homem sempre unido com Deos por actual amor, e considera-

ção, que em o divertindo dahi, logo se tórna ao seu natural, isto he, ao antigo estado, e disposição, que d'antes tinha.

9. Por tanto, o que trata de conseguir, e conservar este santo affecto, ha de andar tão solicito da guarda de si mesmo, isto he, dos ólhos, dos ouvidos, da lingua, e do coração; ha de ser tão temperado no comer, e no beber; tão circunspecto, e grave em todas as suas palavras, e movimentos; deve amar tanto o silencio, e a solidão; e procurar tanto a assistencia aos Officios Divinos, e a todas aquellas cousas, que o possão despertar, e provocar á devoção, que mediante estas diligencias possa conservar, e ter seguro este tão precioso thesouro. E se isto não fizer, tenha por certo, que não lhe succederá prosperamente este negocio.

10. Tudo isto nos declara bastantemente a importancia destas virtudes, deixando em seu lugar, e não derogando na dignidade das outras, que são mayores. Do que tudo se poderá colligir a differença, que ha entre humas, e outras; porque humas são como fim; e as outras, como meyos para este fim; humas são como saûde, e as outras como medicina, com que se alcança a saude; humas são como espirito da Religião, e as outras como o corpo della; o qual aindaque he menos perfeito que o espirito, he com tudo parte principal do composto, e de que o espirito tem necessidade para as suas operações: humas são como thesouro, e as outras como chave, com que se guarda este thesouro; humas são como a fruta da arvore, e as outras como as folhas, que adornão a arvore, e lhe conservão a fruta; aindaque nisto falta a comparação; porque as folhas de tal sorte guardão o fructo, que não são parte do fructo; mas estas virtudes de tal modo são guarda da justiça, que tambem são partes dessa justiça; pois todas estas

são obras virtuosas, que praticadas em caridade, são merecedoras de graça, e gloria.

11. Esta he pois, irmão, a estimação, que deves fazer das virtudes, de que nesta regra temos tratado (que he o que ao principio deste Capitulo propuzemos) : e com esta doutrina estaremos seguros de incorrer nos dous extremos viciosos, isto he, em dous grandes erros, que nesta parte tem havido no mundo, hum antigo dos Phariseus; e outro moderno dos hereges deste tempo. Porque os Phariseus, como gente carnal, e ambiciosa, e como homens criados na observancia daquella ley, que ainda era de carne, não fazião caso da verdadeira justiça (que consiste nas virtudes espirituáes) como toda a historia do Evangelho no-lo-mostra. E assim ficavão (como diz o Apostolo) só com a imagem, e apparencia da virtude, sem possuir a sua substancia; parecendo bons no exterior, e sendo abomináveis em seu interior. Mas pelo contrario, os hereges d'agora, entendendo este engano, por fugir de hum extremo, vierão a dar em outro, que foi, desprezar totalmente as virtudes exteriores, cahindo (como dizem) no perigo de Scylla, querendo evitar o de Carybdis. Mas a verdadeira, e catholica doutrina fóge destes dous extremos, e busca a verdade no meyo : e de tal sorte a busca, que dando o seu lugar, e preeminencia devîda ás virtudes interiores, dá também o seu ás exteriores; pondo humas como na ordem dos Senadores, e as outras como na dos Cavalleiros, e Cidadãos, que constituem huma mesma Républica; para que se saiba o valor de cada cousa, e assim se dê a cada huma o seu devîdo aprêço, e estimação.

† Livros Católicos para Download

CAPITULO XX

DE QUATRO DOCUMENTOS MUITO IMPORTANTES, QUE SE SEGUEM DA SOBREDITA DOUTRINA.

1. Desta doutrina sobredita se inferem quatro documentos muito importantes para a vida espiritual. O primeiro he, que o varão perfeito, e servo de Deos, não se ha de contentar com buscar só as virtudes espirituáes (aindaque estas sejão as mais nobres); se não deve tambem ajuntar com ellas as outras, assim para a conservação daquellas, como para conseguir inteiramente o complemento de toda a justiça, a santidade. Para o que deve considerar, que assim como o homem não he só alma, nem só corpo, senão corpo, e alma juntamente (porque a alma só sem o corpo, não faz ao homem perfeito; e o corpo sem a alma, não he mais que hum saco de terra); assim tambem entenda, que a verdadeira, e perfeita Christandade não consiste só no interior, nem só no exterior, senão em huma, e outra cousa juntas: porque o interior só, nem se póde conservar sem algum pouco, ou muito do exterior (segundo a obrigação, e estado de cada hum); nem tão pouco basta para o complemento de toda a justiça: mas o exterior sem o interior não he mais parte para fazer a hum homem virtuoso, que o corpo sem alma, para formar a hum homem. Porque assim como todo o ser, e vida, que o corpo tem, o recebe da alma, assim todo o valor, e estimação, que tem o exterior, se recebe do interior, e principalmente da caridade.

2. Por tanto, o que quizer viver desenganado, assim como não separaria o corpo da alma, se quizesse formar a hum homem, assim tão pouco deve apartar o corpo-

ral do espiritual, se quer fazer hum perfeito Christão. Abráce o corpo com a alma juntamente, abráce o cófre com o seu thesouro, abráce a vinha com a sua séve, abráce a virtude com os seus repáros, e defensivos (que tambem são parte da mesma virtude); porque de outra sorte, creya-me que ficará sem huma cousa, nem outra; porque não podera conseguir huma, e não lhe aproveitará a outra, aindaque a consiga. Lembre-se, que assim como a natureza, e a arte (imitadora da natureza) não fazem cousa alguma sem sua casca, e vestidura, e sem seus repáros, e defensivos para conservação, e ornato das cousas; assim tambem he razão, que o faça a graça; pois he mais perfeita fórma que estas, e faz com mayor perfeição as suas obras. Lembre-se, que está escripto: *O que teme a Deos, nada despreza;* e *Quem não faz caso de cousas pequenas, depréssa virá a cahir nas grandes.* Lembre-se do que acima dissemos, que por hum crávo se perde huma ferradura; e por huma ferradura hum cavallo, etc. Lembre-se dos perigos, que alli apontámos, de não fazer caso de cousas pequenas; porque esse era o caminho para o não fazer das grandes. Veja que na ordem das prágas do Egypto, depois dos mosquitos, vierão as moscas; para que se entenda por aqui, que a transgressão das cousas menores, abre a porta para as mayores, de sorte, que o que não faz caso dos mosquitos que picão, depréssa virá a parar nas moscas, que enchem de immundicia.

§ I.

SEGUNDO DOCUMENTO.

3. Por aqui tambem se conhecerá, em quáes virtudes devemos de pôr mayor diligencia, e em quáes menor.

Porque assim como os homens fazem mais por huma peça de ouro, que por outra de prata; e mais por hum olho da cara, que por hum dedo da mão; assim tambem convêm que repartamos a diligencia, e a applicação das virtudes segundo a dignidade, e merecimentos de cada huma. Porque de outra sorte, se fôrmos diligentes no menos e negligentes no mais, todo o negocio espiritual irá desordenado. Por cuja causa obrão prudentissimamente os Prelados, que assim como em seus Capitulos, e ajuntamentos repetem muitas vezes estas palavras: *Silencio, jejum, retiro e ceremonias, modestia, Côro etc,* assim tambem (e muito mais) repetem estas: *Caridade, humildade, oração, devoção, consideração, temor de Deos, amor do proxîmo,* e outras semelhantes. E tanto mais convêm fazer isto, quanto he mais occulta a falta do interior, que a do exterior; e por isto ainda mais perigosa. Porque como os homens costumão acudir mais depressa aos defeitos que vêm, que aos que não vêm, corre perigo, não venhão por esta causa, a não fazer caso dos defeitos interiores, porque se não vêm, fazendo-o muito dos exteriores, porque, se vêm. E de mais disto; as virtudes exteriores, assim como são mais visiveis, e manifestas aos ólhos dos homens, assim são mais honrosas, e por elles mais conhecidas; como o são a abstinencia, as vigilas, as disciplinas, o rigor, e aspereza corporal: porem as virtudes interiores, como a esperança, a caridade, a humildade, a discrição, o temor de Deos, o desprèzo do mundo, etc. são mais occultas aos ólhos dos homens pelo que, aindaque sejão de grandissima honra diante de Deos, não o são porem no juizo, e conceito do mundo; porque (como diz o mesmo Senhor) *os homens vem só, o que apparece de fóra; eu porem vejo o coração, e o que está dentro.* Confôrme o que diz o Apostolo: *Não*

he agradavel a Deos aquelle, que sómente he fiel no publico; e o que traz publicamente circumcidada a sua carne; mas sim o que no interior de sua alma he fiel, e traz circumcidado o seu espirito, não com o ferro material, senão com o temor de Deòs, cujo louvor não he dos homens (os quáes não tem ólhos para verem esta espiritual circumcisão) *senão só de Deos.* Pois como estas cousas exteriores sejão tão apparentes, e honrosas; e o appetîte da honra, e da propria excellencia seja hum dos mais subtîs, e poderosos appetîtes do homem, corre grande perigo não nos léve este affecto a olhar, e a zelar mais aquellas virtudes, de que se segue mayor honra, qua as de que se segue menor. Porque ao amor de humas nos convîda o espirito; mas ao das outras, espirito e carne juntamente, a qual he vehementissima, e subtilissima em todos os seus appetîtes. E sendo isto assim razão ha para temer, não prevaleção estes dous affectos contra hum; e assim venhão a ficar victoriosos, e senhores do campo. Contra o que se oppôem a luz desta doutrina, que advóga pela melhor causa; e pede que não obstante tudo isto, se lhe dê o seu devîdo lugar; advertindo que se zéle, e recommende com mayor diligencia, o que nos consta ser de mayor importancia.

§ II

TERCEIRO DOCUMENTO.

4. Daqui se entenderá tambem, que quando alguma vez succeder encontrarem-se de tal sorte humas virtudes com as outras, que não se possa cumprir ao mesmo tempo com todas, em tal caso deve (confórme a regra, e ordem, que ha nos mesmos mandamentos de

Deos, quando acertão a encontrarem-se) a menor ceder o lugar á mayor ; porque o contrario seria grande desordem, e preversão. Isto diz S. Bernardo no livro da *Dispensação* por estas palavras : *Muitas cousas instituirão os Padres para guarda, e augmento da caridade. Pois todo o tempo, que estas cousas servirem á caridade, não se devem alterar, nem variar. Mas se por ventura alguma vez acontecesse serem-lhe contrarias, não está claro, que seria muito justo, que as cousas, que se ordenárão para a caridade (quando não soffrem compativeis com ella) ou se deixassem, ou se interrompessem, ou se mudassem em outras, por authoridade daquelles, a quem isto tóca? Porque de outro modo seria cousa preversa, se o que se ordenou para a caridade, se observasse contra a ley da caridade. Seja pois esta a conclusão, que todas estas cousas devem permanecer estáveis, e firmes, em quanto servem, e militão para esta virtude, e não de outro modo.* Atéqui são palavras de S. Bernardo; o qual alléga em confirmação do dito dous Decretos, hum do Papa Gelasio, e outro do Papa Leão.

§ III

QUARTO DOCUMENTO.

5. Daqui tambem se póde colligir, que ha dous generos de justiça, e santidade ; huma verdadeira, e outra falsa. A *verdadeira* he, a que abraça as cousas interiores com todas aquellas exteriores, que são necessarias para sua conservação. A *falsa* he, a que retem algumas das exteriores sem as interiores, isto he, sem amor, nem temor de Deos, sem humildade, sem devoção, e sem outras semelhantes virtudes : qual era a dos Phariseus, a quem disse o Senhor : *Ay de vós*

Escribas, e Phariseus, que pagais com muito escrupulo o dizimo da ortelãa, do endro, e dos cominhos; e desprezais, e quebrais os preceitos da Ley mayores, e de mayor necessidade, e importancia, como são a justiça, a misericordia, e a verdade. E em outro lugar diz, que erão muito solicitos no lavar os pratos, e as mãos, e em outras cousas semelhantes, tendo os corações cheyos de rapina, e maldade. Por cuja causa os compãra em outro lugar com as sepulturas branqueadas, que por fóra parecião formosas aos ólhos dos homens; mas por dentro estavão cheyas de óssos de mortos, e de toda a corrupção, e horrores.

6. Este he aquelle genero de justiça, e santidade, que o Senhor tantas vezes reprehende nas Escripturas dos Prophetas; pois por hum delles diz assim: *Este pôvo louva-me com a boca, mas o seu coração está muito longe de mim; sem causa, e em vão me honrão, observando as doutrinas, e leys dos homens; e desamparando a ley, que eu lhes hei dado.* E em outro lugar diz assim: *Para que quero eu, e de que me serve a multidão de vossos sacrificios? Já estou cheyo, e enfastiado dos holocaustos de vossos carneiros, e das gorduras de vossas rezes. Não me offereçais mais daqui por diante sacrificios de balde: o vosso incenso he para mim abominação os vossos ajuntamentos são perversos: as vossas calendas* (que são as festas, que se fazião no principio de cada mez) *e as outras festividades do anno, a minha alma as tem aborrecido; e me são molestas, e tediosas, e pásso trabalho em soffrel-as.*

7. Pois que he isto? Condena Deos aquillo, que elle mesmo ordenou, e tão encarecidamente mandou que se observasse? principalmente sendo estes actos daquella nobilissima virtude, chamada *Religião*, que tem por officio venerar a Deos com actos de adoração, e religião?

Não por certo; mas condena aos homens, que contentando-se só com isto, não tinhão conta com a verdadeira santidade, e temor de Deos, como logo o declara, dizendo *Lavai-vos, estai limpos, tirai diante de meus ólhos a maldade de vossos pensamentos; cessai de obrar mal, e aprendei a fazer bem; e então eu vos perdoarei vossos peccados, e desterrarei a fealdade de vossas almas.*

8. Em outro lugar ainda mais encarecidamente repete o mesmo por estas palavras, dizendo: *Quem me sacrifica hum boy, he para mim, como se matasse hum homem: o que me sacrifica outra qualquer rez, he como se despedaçára diante de mim a hum cão o que me offerece alguma offerta, he como se me offerecera sangue de pórcos: o que me offerece incenso, he como o que abençoára hum idolo.* Pois que he isto, Senhor? porque tendes por abominaveis aquellas mesmas obras, que vós mandastes? logo dá a causa disto, dizendo: *Estas cousas escolhérão em seus caminhos, para agradar-me com ellas, e com tudo isso se deleitárão em suas maldades, e abominações.* Vês pois quão pouco vale todo o exterior sem o fundamento do interior? A este mesmo proposito diz por outro Propheta assim *Aparta de meus ouvidos o ruído de teus cantos; que não quero ouvir a melodia de teus instrumentos.* E ainda em outro lugar diz mais encarecidamente: *Eu lançarei sobre vós o esterco de vossas solemnidades.* Pois que mais he necessario que isto, para que homens entendão o pouco, que valem todas estas cousas exteriores (por altissimas, e nobilissimas que sejão) quando lhes falta o fundamento da justiça, que consiste no amor, e temor de Deos, e ódio do peccado?

9. E se perguntares qual seja a causa, porque Deos tanto afêa este genero de serviços, comparando os

sacrificios com homicidios, e o incenso com a idolatria; e chamando ao canto dos Psalmos ruído, e ás féstas de suas solemnidades estêrco? a repósta he: porque de mais de serem estas cousas de nenhum merecimento (quando carecem do fundamento que dissémos) muitos tomão della occasião para a soberba, para a presumpção, e para o desprêzo dos outros, que não fazem, o que elles fazem: e (o que peyor he) por aqui vêm a ter huma falsa segurança, causada daquella falsa justiça, e santidade: o que he hum dos grandes perigos, que póde haver neste caminho; porque contentes com isto só, não trabalhão, nem procurão o mais importante. Queres vêr isto mais claramente? Observa a oração daquelle Phariseu do Evangelho que dizia assim *Senhor, eu vos dou muitas graças, porque não sou como os mais homens, roubadores, adulteros, injustos, assim como he este publicano. Jejúo dous dias na semana, e pago fielmente os dizimos de tudo, o que possúo.* Observa pois quão manifestamente se descóbrem aqui aquelles tres perigosissimos escôlhos que dissemos. A *presumpção*, quando diz: *Eu não seu como os mais homens.* O *desprezo* dos outros, quando diz: *Como este publicano. E a falsa segurança*, quando diz: *Que dá graças a Deos por aquelle genero de vida que vivia;* parecendolhe, que estava seguro nella, e que não tinha porque temer.

10. E daqui nasce, que os que deste modo são justos, vêm a dar em hum certo genero de hypocrisia muy perigosa. Para o que he de saber, que ha duas sortes de hypocrisia, huma muy baixa, e grosseira, que he a daquelles, que claramente vêm que são máos; e no exterior se móstrão bons, para enganarem ao pôvo. Outra mais subtil, e delicada, com a qual o homem não só engana aos outros, mas tambem se engana a si

mesmo; e tal era a deste Phariseu, o qual na realidade com aquella sombra de santidade tinha não só enganado aos outros, senão tambem a si mesmo: porque sendo verdadeiramente máo, elle com tudo se estimava por bom. Esta he aquella especie de hypocrisia, da qual disse o Sábio: *Ha hum caminho, que parece ao homem direito; mas o seu fim se remata na morte.* E em outro lugar, entre quatro generos de males, que reynão no mundo, conta tambem este, dizendo: *A geração, que amaldiçôa a seu pay, e não abençôa á sua mãy. A geração, que se tem por pura, e com tudo não está limpa de seus peccados. A geração, que traz os ôlhos altivos, e levantados ao alto. A geração, que tem por dentes espadas, e devóra os pobres da terra.* Estes quatro generos de pessoas conta aqui o Sábio entre as mais infames, e perigosas do mundo; e entre ellas pôem esta, de que aqui fallamos, que são os *hypocritas* para comsigo mesmo, que se tem por limpos, sendo immundos, como o era este Phariseu.

11. He este hum estado de tão grande perigo, que na verdade seria menos mal, ser hum homem máo, e ter-se por tal, que ser deste modo justo, e ter-se por seguro. Porque dado, que hum homem esteja mal, quanto estiver; em fim já he principio de saúde o conhecimento da enfermidade: porem o que não conhece o seu mal, o que estando enfermo, se tem por são, como soffrerá a medicina? Por esta causa disse o Senhor aos Phariseus, que os publicanos, e más mulheres os precederião no Reyno dos Ceos. No Grego lêmos *Precedem*, de presente: donde se vê, que ainda está mais claro o que dizemos. Isto mesmo nos representa muy claramente aquellas tão escuras, e temerosas palavras, que o Senhor disse no Apocalypse: *Oxalá fôras tu ou bem frio, ou bem quente: mas porque és tibo*

começar-te-hei a lançar, e a vomitar da minha boca. Pois como he possivel, que caya no desejo de Deos, o ser hum homem frio? E como póde ser, que seja de peyor condição o tibio, que o frio? pois está mais pérto do quente. Ouve agora a repósta. *Quente* he aquelle, que com o fogo da caridade, que em si tem, possúe todas as virtudes, assim interiores, como exteriores, de que já fallámos. *Frio* he aquelle, que assim como carece de caridade, assim tambem carece de huma, e outra cousa, isto he, do interior, e do exterior. *Tibio* he aquelle, que tem alguma cousa do exterior, e nenhuma do interior, ao menos de caridade. Pois dá-nos aqui a entender o Senhor, que este tal he de peyor condição, que o que está de todo frio; não porque talvez tenha mais peccados, que elle; mas porque he mais incuravel o seu mal: porque tanto está mais longe de remedio, quanto se tem por mais seguro; pois daquella justiça, e santidade superficial que tem, toma occasião para crer de si, que he alguma cousa, não sendo na verdade cousa alguma. E que este seja o sentido literal destas palavras, se vê evidentemente pelo que immediatamente se segue: porque explicando o Senhor com mais clareza, a quem chama tibio, ajunta: *Tu dizes, que és rico, e que não te falta nada para a verdadeira santidade; e não sabes, que és misero, e miseravel, e pobre, e cégo, e nû.* Não te parece, que vês nestas palavras debuxada a imagem daquelle Phariseu que dizia: *Senhor, eu vos dou muitas graças, porque não sou como os mais hómens etc.* Verdadeiramente este he aquelle, que se tinha em seu coração por abastado de riquezas espirituáes; que por isso dava graças a Deos: mas sem duvida, que era pobre, cégo, e nû; pois por dentro estava vazio de justiça, cheyo de soberba, e cégo para conhecer a sua propria culpa.

12. Temos pois aqui declarado haver dous generos de justiça, e santidade; huma falsa, e outra verdadeira; e quão grande seja a excellencia desta, e quão grande o perigo daquella. E não tenha algum para si, ter-se perdido o tempo em gastar nisto tantas palavras. Porque se o Santo Evangelho (que he a mais alta de todas as Divinas Escripturas, e a que singularmente he o espelho, e regra de nossa vida) tantas vezes reprehende este genero de santidade; e outras tantas fazem o mesmo os Prophetas (como acima declaramos) não era justo, que nesta Doutrina passassemos de corrida por huma cousa, que tantas vezes repetem, e encarecem as Divinas Escripturas. Principalmente, porque os perigos claros, e manifestos (como os rochêdos, que estão no meyo do mar descobertos) quem quer os conhece; e por isso tem menos necessidade de doutrina: porem os occultos, e dissimulados (como os baixos, que estão cobertos com a agua) esses he justo, que estejão mais claramente apontados, e sinalados na carta de marear, para não perigar nelles.

13. E não se engane alguem com dizer, que então era necessaria esta doutrina, pois reynava muito no mundo este vicio; porem agora não; porque antes creyo ter sido sempre este quasi de huma mesma maneira: porque sendo huns mesmos homens, huma mesma natureza, humas mesmas inclinações, e hum mesmo peccado original, em que todos somos concebidos (o qual he a fonte de todos os peccados) forçosa cousa he, que produza huns mesmos delictos; porque aonde ha tanta semelhança nas causas dos males, tambem a ha de haver nos mesmos males. E assim os mesmos vicios, que havia em táes, e táes generos de pessoas, esses mesmos ha agora, aindaque mudados algum tanto os seus nomes; assim como as Co-

medias de Plauto, ou Terencio são as mesmas agora, que forão mil annos ha, aindaque cada dia (quando se representão) se mudem as pessoas, que as representão.

14. Pelo que, assim como então aquelle pôvo rûde, e carnal cuidava ter (como dizem) a Deos por hum pé, quando offerecia aquelles sacrificios, observava aquelles jejuns, e guardava aquellas festas literal, e não espiritualmente, assim acharéis agora muitos Christãos, que ouvem cada Domingo a sua Missa, rezão pelas suas horas, e pelas suas contas; jejuão todas as Semanas os Sabbados em honra de Nossa Senhora, e gostão de ouvir Sermões, e outras cousas semelhantes; e com fazer isto (que na verdade he cousa boa) tem tão vivos os appetîtes da honra, da cobiça, e da ira, como todos os mais homens, que nada disto fazem. Esquecem-se das obrigações de seus estados; tem pouca conta com a salvação de seus domesticos, e familiares; conservão seus ódios, paixões, e pundonôres; e não se humilharão, nem darão o seu braço a torcer por todo o mundo. E ainda alguns delles ha, que tem negada a falla a seus proximos, e ás vezes por bem ligeiras causas; e não poucos tambem, que pagão muito mal as dividas, que devem a seus criados, e a outros: e se por ventura lhes tocais em qualquer ponto de honra, ou interêsse, ou de cousa semelhante, vereis logo desarmado, e pôsto por terra todo este negocio. A alguns destes acharéis, que sendo por huma parte muy largos em rezar muitas corôas de Ave Marias, por outra são muy escassos, e apertados em dar esmólas, e soccorrer aos necessitados. E a outros, que por todo o mundo não comerão carne á quarta feira, e em outros dias de devoção, e com tudo murmurão sem nenhum temor de Deos, e dególlão cruelissimamente seus proximos. De sorte,

que sendo muy escrupulosos em não comer carne de animáes, que Deos lhes concedêo que comessem, nenhum escrupulo fazem em comer, e devorar as carnes, e vidas dos homens, que Deos tão estreitamente lhes prohibio. Porque verdadeiramente huma das cousas, que mais havia de zelar o Christão, he a fama, e honra de seus proximos, de que estes fazem muito pouco caso, ao mesmo tempo que o fazem tanto de cousas sem comparação menores.

15. Estas, e outras semelhantes cousas ninguem me poderá negar, que passão cada dia entre os homens do mundo, e ainda entre os de fóra do mundo. Pelo que, sendo este engano tão grande, e tão universal, necessaria cousa era dar este desengano; especialmente, quando nem todos, a quem por seu officio compete dállo, o costumão dar. E por isso convinha, que com doutrina clara se soubesse esta falta, para instrucção dos que desejão acertar este caminho.

16. E para que o Christão Leitor se aproveite melhor, do que temos dito, e não venha a enfermar com a medicina, convêm que primeiramente tóme o pulso ao seu espirito, e condição, para vêr ao que se sente mais inclinado. Porque ha humas doutrinas geráes, que servem para todo o genero de pessoas, como as que se dão da caridade, humildade, paciencia, obediencia etc., e ha outras particulares, que são para remedio de particulares pessoas, e que de tal sorte fazem para huns, que não armão tanto para outros. Porque a hum, que he muito escrupuloso, convêm alargar-se-lhe algum tanto a consciencia porem ao que he largo della, se lhe faz preciso apertar-lha ao pusillánime, e desconfiado convêm prégar da misericordia de Deos, ao presunçoso da justiça; e assim a todos os mais, segundo nos aconselha o Ecclesiastico,

dizendo: *Com o injusto trata da justiça; com o tímido da guerra; com o invejoso do agradecimento; com o inhumano da humanidade; com o preguiçoso do trabalho; e assim com todos os mais.*

17. Pois confórme a isto, como sejão duas as differenças de pessoas; humas, que se encostão mais ao interior, sem fazer caso do exterior; e outras, que se inclinão mais ao exterior, sem ter tanta conta com o interior; a huns convêm recommendar, e inculcar huma cousa; e a outros outra, para que assim venhão a reduzir-se os humores á sua justa, e devîda proporção. Nesta doutrina de tal sorte temos temperado o estilo, que procurámos pôr cada cousa em seu lugar, levantando as mayores sem prejuizo das menores; e recommendando estas, sem aggrávo daquellas. E deste modo estaremos livres daquelles dous perigosissimos escôlhos, que aqui temos pertendido derribar; hum, daquelles, que fazem tanto aprêço do interior, que desprézão o exterior; e o outro, dos que abraçando muito o exterior, se descuidão do interior; principalmente do temor de Deos, e ódio ao peccado.

18. Seja pois a summa de todo este negoeio, o fundar-nos em hum profundissimo temor de Deos de sorte, que nos faça tremer só do nome do peccado. E quem este tiver bem radicado em sua alma, tenha-se por ditoso; e sobre este fundamento edifique o que quizer: mas o que se achar facil para commetter hum peccado, tenha-se por miseravel, cégo, e malaventurado; ainda que tenha todas as apparencias de santidade, que ha no mundo.

CAPITULO XXI

SEGUNDA ADVERTENCIA ÁCERCA DOS DIVERSOS MODOS DE VIDA, QUE HA NA IGREJA.

1. A segunda advertencia serve para não julgar huns aos outros ácerca do modo de vida, que cada hum segue. Para o que he de saber, que como sejão muitas as virtudes, que se requerem para a vida christãa, huns se applicão mais a humas, e outros a outras. Porque huns se dão mais, ás que ordenão o homem para com Deos; as quáes pela mayor parte pertencem á vida contemplativa; outros, ás que nos ordenão para com o proximo; as quáes pertencem á vida activa; e outros finalmente, ás que ordenão o homem para comsigo mesmo; e estas são mais familiares á vida monastica.

2. Alem disto, como todas as obras virtuosas sejão meyos para conseguir a graça, huns a procurão por hum meyo, e outros por outro. Porque huns a buscão com os jejuns, disciplinas, e asperezas corporáes; outros com esmólas, e obras de misericordia; e outros com orações, e continuas meditações; no qual meyo ha tanta variedade, quantos são os modos de orar, e meditar; porque huns se achão bem com hum genero de orações, e meditações; e outros com outro; e assim como ha muitas cousas que meditar, assim tambem ha muitos modos de meditação; entre os quáes aquelle he melhor. o em que cada hum acha mais devoção, e tira mais proveito.

3. Pois ácerca disto costuma haver entre pessoas virtuosas hum commum engano, e he, que os que tem aproveitado por algum destes meyos, cuidão não haver

outro caminho para medrar com Deos, senão só aquelle, por donde elles medrárão; e esse quizerão ensinar a todos e julgão que vão errados, os que não vão por elle, parecendo-lhes não haver mais que hum só caminho para o Ceo. O que se applica muito á oração, imagina que sem esta não ha salvação. O que se dá muito aos jejuns, parece-lhe ser tudo zombaria, excepto o jejuar. O que se entregua á vida contemplativa, crê que todos, os que não são contemplativos, vivem em grandissimo perigo; e estão nisto tão fixos, que alguns vêm a ter em pouco a vida activa. Pelo contrario, os que se exercitão na vida estiva (como por huma parte não sabem por experiencia, o que passa entre Deos e a alma naquelle suavissimo ócio da contemplação; e por outra vêm o palpavel fructo, que se segue da vida activa) desfazem quanto podem na contemplativa, e apenas podem approvar vida contemplativa pura, se não he mixta de huma, e outra; como se isto fosse facil a qualquer. Do mesmo modo, o que se dá á oração mental, parece-lhe que toda a oração sem esta he infructuosa; e o que á vocal, diz ser esta de mayor trabalho, e que assim será de mayor proveito.

4. De sorte, que assim como cada bofarinheiro (como diz o adágio) louva seus alfinetes, assim tambem cada hum com huma tacita soberba, e ignorancia (sem advertir ao que faz) se louva a si mesmo, engrandecendo aquillo, em que tem mais cabedal. E assim vêm a ser o negocio das virtudes, como o das sciencias; nas quáes cada hum levanta até ás estrellas aquella faculdade, em que he excellente, apoucando, e desfazendo em todas as outras. O *Orador* diz; que não ha no mundo outra arte, que iguale com a *Eloquencia*. O *Astrólogo* diz não haver outra, como a que trata dos Ceos, e das estrellas. O *Philosopho* diz outro tanto da Philosophia.

O que se dá ao estudo da Sagrada Escriptura, diz desta muito mais, e com mayor razão. O que se applica ao estudo das linguas (por quanto esta servem para o da Escriptura) diz o mesmo. O *Theologo Escolastico* não se contenta com o lugar do meyo, mas põem a sua cadeira sobre todos os mais e a nenhum lhe faltão razões, e grandes razões para crer, que a sua sciencia he a melhor, e a mais necessaria que todas as outras.

5. Isto pois que tão manifestamente se acha nas sciencias, se acha tambem (aindaque mais dissimuladamente) nas virtudes. Porque cada hum de seus amadores deseja por huma parte acertar com o melhor, e por outra busca o que mais arma, e diz com a sua natureza e daqui nasce o crêr, que o que está melhor a hum, seja tambem o melhor para os mais; e o vestido, que lhe vêm justo ao corpo, venha tambem á medida do de todos os outros.

6. Desta raiz pois nascem os juizos das vidas alhêas, as divisões, e cismas espirituáes entre os irmãos, crendo huns dos outros que vão desencaminhados; porque não vão pelo caminho, por onde elles vão. Quasi neste engano vivião os fieis de Corintho; os quáes tendo recebido de Deos, muitos, e diversos dons, cada hum tinha o seu pelo melhor; e assim se antepunhão huns aos outros, preferindo huns o dom de linguas, e outros o de Prophecia; huns o de Interpretação das Escripturas, e outros o de fazer milagres, e assim todos os mais.

7. Contra este engano pois não ha outro melhor remedio, que o de que o mesmo Santo Apostolo usa nesta mesma epistola contra esta doença. Porque nella primeiramente iguala a todas as graças, e dons em sua origem, e principio, dizendo que todos elles são rîos, que manão de huma mesma fonte, que he o Espirito

Santo; e que por esta parte participão todos de huma certa igualdade na sua causa, aindaque entre si sejão diversos : assim como os membros do corpo de hum Rey, aindaque sejão entre si differentes, todos em fim são membros de Rey, e de sangue Real. Deste modo pois diz o Apostolo, que todos no baptismo recebemos hum mesmo espirito de Christo, para que por seu meyo todos fossemos membros de hum mesmo corpo. E assim quanto a isso todos participamos de huma mesma dignidade, e gloria; pois todos sômos membros de huma mesma cabeça. Por isso logo o mesmo Santo Apostolo ajunta, dizendo *Se o pé disser : Eu não sou mão, e por isso não sou deste corpo ; deixará por isso de ser do corpo? E se o ouvido disser : Porque não sou ólho, não sou deste corpo, deixará por isso de ser do corpo?* Assim que, por esta parte em todos ha igualdade, para que em todos haja unidade, e fraternidade; aindaque com isto se compadeça alguma variedade.

8. A qual variedade nasce em parte da natureza, e em parte da graça. Dizemos que nasce da *natureza;* porque aindaque o principio de todo o ser espiritual seja a graça, com tudo esta recebida, toma (como a agua em diversos vasos) diversas figuras, accommodando-se á condição, e natnreza de cada hum. Porque ha huns homens naturalmente quietos, e socegados; os quáes, segundo isto, são mais aptos para a vida contemplativa: outros mais coléricos, e laboriosos; os quáes são mais hábeis para a vida activa e outros mais robustos, e sãos, e menos amorosos, e afeiçoados para comsigo mesmo e estes são mais a proposito para os trabalhos da penitencia. No que admiravelmente se vê resplandecer a bondade, e misericordia de Nosso Senhor; que como deseja tanto communicar-se a todos, não quiz que hou-

vesse para isto hum só, mas muitos, e diversos caminhos, segundo a diversidade das condições dos homens; para que o que não tivesse aptidão, e capacidade para ir por hum, fosse por outro.

9. A segunda causa desta variedade he a *Graça:* porque o Espirito Santo (que he o Author della) quer que haja nos seus esta variedade, para mayor perfeição, e formosura da Igreja. Porque assim como para a perfeição, e formosura do corpo humano se requer, que haja nelle diversos membros, e sentidos; assim tambem para a perfeição, e formosura da Igreja convinha, que houvesse esta diversidade de virtudes, e graças. Porque se todos os fieis soffrem de hum mesmo modo, como se podéra chamar a isto, corpo? *Se todo o corpo* (diz S. Paulo) *fôsse ólhos, aonde estarião os ouvidos? e se todo fosse ólhos, aonde estaria o nariz?* E por isso quiz Deos, que os membros fossem muitos, e o corpo hum só; para que assim havendo multidão com unidade, houvesse proporção, e conveniencia de muitas cousas em huma, donde resultasse a perfeição, e formosura da Igreja. Assim vemos que convêm, que haja na musica esta mesma diversidade, e multidão de vozes, com unidade de consonancia, para assim haver nella suavidade, e melodia. Porque se todas as vozes fossem de huma mesma sorte, todas tiples, ou todas tenôres etc., como podéra haver musica, e armonia?

10. Pois nas obras da natureza, he cousa maravilhosa vêr, quanta variedade pôz nellas aquelle Soberano Artifice, e como repartio as habilidades, e perfeições por todas as suas creaturas com tal ordem, que com ter cada huma dellas sua particular ventágem sobre a outra, esta não tivesse, de que ter-lhe inveja; tendo tambem sua particular perfeição, em que a excedesse. O pavão he muy formoso para a vista, mas não he

suave para o ouvido. O rouxinól he muy suave para o ouvido, porêm não he formoso para a vista. O cavallo he bom para a carreira, e para a guerra, mas não o he para a mesa. O boy he bom para a mesa, e para a eyra, porêm não serve para o mais. As arvores fructiferas são boas para fructificar, mas não para edificar: pelo contrario, as silvestres são boas para edificar, porêm não para fructificar. Deste modo pois em todas as cousas juntas se achão todas as cousas repartidas; e em nenhuma todas juntas; para que assim se conserve a variedade, e formosura no universo; e se conservem tambem as especies das cousas, e se enlacem humas com as outras, pela mutua necessidade, que entre si tem.

11. Pois esta mesma ordem, e formosura, que ha nas obras da natureza, quiz o Senhor, que a houvesse tambem nas da graça: e para isto ordenou por seu Espirito, que na sua Igreja houvesse mil differenças de graças, e virtudes; para que de todas ellas resultasse huma suavissima consonancia, e hum perfeitissimo mundo, e formosissimo corpo, composto de diversos membros. Daqui nasce o haver na Igreja huns muy dados á vida contemplativa, e outros á activa; huns ás obras de obediencia, e outros ás de penitencia; huns a orar, e outros a cantar; huns a estudar para aproveitar ao proximo, e outros a servir aos enfermos, e a acudir aos hospitáes; huns a soccorrer aos pobres, e necessitados, e outros finalmente a outros muitos generos de exercicios, e obras virtuosas.

12. A mesma variedade vemos nas Religiões; as quáes, aindaque todas tendem, e se encaminhão para Deos, com tudo cada huma segue o seu proprio, e particular caminho. Humas vão pelo caminho da pobreza, e outras pelo da penitencia; humas pelo das obras da

vida contemplativa, e outras das da activa. E por isso humas buscão o publico, e outras o retiro; humas procurão rendas para seu instituto, e outras amão a pobreza; humas buscão os desertos, e outras as praças, e os povoados; e tudo isto religiosamente, e por caridade.

13. E em huma mesma Ordem, e Mosteiro vereis esta mesma variedade porque huns estão no Côro cantando, e outros em suas officinas trabalhando; huns em suas cellas estudando, e outros na Igreja confessando, e outros fóra de casa negoceando. Pois que he isto? Muitos membros em hum corpo, e muitas vozes em huma musica, para que assim haja na Igreja formosura, proporção, e consonancia. Porque por isso ha em huma cîthara muitas cordas, e em hum orgão muitos canudos, para que assim possa haver consonancia, e armonîa de muitas vozes. Esta he aquella tunica, que o Patriarcha Jacob fez a seu filho Joseph, tecida de varias côres; e estas são aquellas cortinas do Tabernáculo, que mandou Deos pintar com maravilhosa variedade, e formosura.

14. Pois sendo isto assim (e sendo necessario que assim seja para a ordem, e formosura da Igreja para que nos andamos mordendo, e moendo; julgando, e sentenciando huns aos outros, porque não fazem huns aquillo, que os outros fazem? Isto he dilácerar o corpo da Igreja; isto isto he romper a tunica de Joseph; isto he desconcertar esta musica, e consonancia celestial; isto he querer, que os membros da Igreja sejão todos pés, ou todos mãos, ou todos ólhos. Pois se todo este corpo fosse ólhos, aonde estarião os ouvidos? e se todos ouvidos, aonde estarião os ólhos?

15. Do que ainda mais claramente se vê, quão grande erro seja o condenar ao outro, porque não tem,

o que eu tenho; ou porque não he, para o que eu sou. Que seria, se os ólhos desprezassem aos pés, porque não vêm e os pés murmurassem dos ólhos, porque não andão, e os deixão a elles sós com toda a carga do corpo? Porque verdadeiramente assim he necessario que trabalhem os pés, e descancem os ólhos; e que aquelles andem arrastando pela terra, e estes estejão póstos em o alto, limpos de pó, e de argueiros. E não fazem menos os ólhos descançando, que os pés andando: assim como em huma náo não faz menos o piloto, que está ao léme com os ólhos na agulha, que os outros, que sóbem á gávea, trepão pelas cordas, estendem as velas, e acódem á bomba: antes aquelle, que parece fazer menos, esse he o que verdadeiramente faz mais; porque não se méde a excellencia das cousas pelo trabalho, senão pelo valor, e importancia delles; salvo se quizermos dizer, que faz mais na Republica o que cava, e o que lavra, que o que a governa com seu conselho, e prudencia.

16. Quem pois considerar isto attentamente, deixará a cada hum na sua vocação; isto he, deixará ao pé ser pé, e a mão, ser mão; e não quererá que todos sejão pés, nem todos mãos. Isto he o que tão largamente pertendêo persuadir o Apostolo na sobredita Epistola: e isto mesmo he, o que nos aconselha, quando diz: *O que não cóme, não despreze ao que cóme.* Porque por ventura aquelle, que cóme, terá por huma parte necessidade de comer, e por outra talvez terá outra virtude mais alta que essa, que tu tens, ou de que por ventura carecerás; assim que, em huma cousa não terá culpa, e na outra te fará ventágem. Porque assim como não menos servem no canto as notas, estão na linha, que as que estão no espaço; assim não menos serve para a consonancia e armonia espiritual da Igreja o que,

cóme, que o que não cóme; e o que parece estar ocioso, que o que está occupado, se no seu ócio trabalha por alcançar, com que possa depois edificar ao seu proximo.

17. Isto mesmo nos encommenda muito encarecidamente S. Bernardo, dizendo, que excepto aquelles, a quem he dado serem Juizes, e Presidentes na Igreja, nenhum se entremetta a querer esquadrinhar, nem julgar a vida dos outros, nem comparar a sua com a de ninguem; para que lhe não succeda o mesmo, que ao outro Monge, que tinha por aggrávo, que a sua pobreza se igualasse com as riquezas de S. Gregorio, a quem foy dito, que mais rico era elle com huma gatinha, que possuia, que S. Gregorio com quantas riquezas tinha.

CAPITULO XXII.

TERCEIRA ADVERTENCIA; DO CUIDADO E VIGILANCIA, COM QUE DEVE VIVER O VARÃO VIRTUOSO.

1. A terceira advertencia seja: Que havendo-se posto nesta Regra muita diversidade de virtudes, e documentos para regular bem a vida; e não podendo o nosso entendimento comprehender muitas cousas juntas; para isto convêm escolher huma virtude géral, que abrace a todas, e supra (quanto fôr possivel) as vezes de todas: e seja esta, hum perpetuo cuidado, e vigilancia, e huma contínua attenção a tudo, o que houvermos de fazer, e dizer; para que todas as nossas cousas vão reguladas, e niveladas pelo juizo, e dictame da razão.

2. De sorte, que assim como quando hum Embaixador faz huma falla diante de hum grande Senado, está

a hum mesmo tempo attento ás cousas, que ha de dizer, ás palavras com que as de dizer, á voz, e acções do corpo, e a outras cousas semelhantes; assim o servo de Deos deve procurar (quanto lhe seja possivel) trazer comsigo huma perpetua attenção, e vigilancia, para olhar por si, e por tudo, o que faz; para que ou falle. ou cale, ou pergunte, ou responda, ou negocêe, ou se ache á mesa, ou na praça, ou na Igreja, ou em casa, ou fóra della, esteja como com hum compasso na mão, medindo, e compassando as suas obras, as suas palavras, e seus pensamentos, com tudo o mais, para que tudo vá confórme á Ley de Deos, ao juizo, e dictame da razão, e ao decóro, e decencia de sua pessoa. Porque como seja tanta a distancia, que ha entre o bem, e o mal; e Deos tenha impresso em nossas almas huma luz, e conhecimento de ambas as cousas, apenas ha homem tão simples, que (se olhar attentamente ao que faz) não se lhe transluza ou mais, ou menos o que deva fazer em cada cousa : e assim esta attenção, e vigilancia serve por todos os documentos desta regra, e de outras muitas.

3. Este he aquelle solicito cuidado, que nos encommendou o Espirito Santo, quando disse *Guarda-te, homem, a ti mesmo, e a tua alma solicitamente*. Esta he a terceira parte das tres, que assignou o Propheta Micheas segundo o que acima dissemos) a saber; *andar o homem solicito com seu Deos :* a qual he hum contínuo cuidado, e attenção de não fazer cousa, que seja contra a sua vontade. Isto nos significa a multidão de ólhos, que tinhão aquelles mysteriosos animáes de Ezechiel; com os quáes se nos dá a entender a grandeza da attenção, e vigilancia, com que devemos militar nesta milicia, aonde ha tantos inimigos, e tantas cousas, a que acudir, e dar providencia. Isto nos representa a postura, com que

estavão aquelles setenta esforçados Cavalleiros, que guardavão o leito de Salomão; os quáes cingidos com as suas espadas, estavão a ponto de tirar por ellas; para darnos a entender este genero de attenção, e vigilancia, com a qual convêm estar, o que anda sempre entre tantos esquadrões de inimigos.

4. A causa deste tão grande cuidado he (álem da multidão dos perigos) a alteza, e delicadeza deste negocio, principalmente naquelles, que aspirão, e procurão chegar á perfeição da vida espiritual. Porque conversar, e viver como Deos merece, e guardar-se limpo, e sem mancha deste seculo, e viver nesta carne, sem sinal algum de carne, e conservar-se sem cousa digna de reprehensão, e sem queixa para o dia do Senhor (como diz o Apostolo) são cousas tão altas, e tão sobrenaturáes, que tudo isto he necessario, e muito mais; posto que Deos não falta com sua graça, e ajuda.

5. Vê pois a attenção, que tem hum homem, quando está fazendo alguma obra muy delicada; porque verdadeiramente esta he a mais delicada obra, que se póde fazer, e a que pede mayor attenção, que qualquer outra. Vê tambem, de que modo caminha, o que leva na mão hum vaso muito cheyo de algum precioso licôr, para que se lhe não entórne nada e vê tambem o tento, que leva o que passa hum rîo por algumas pedras mal assentadas, para que se não mólhe na agua: e sobre tudo vê o sentido, com que vai o que anda por cima de huma marôma, para não declinar hum ponto, nem á direita, nem á esquerda, a fim de não cair em terra; e deste modo trabalha sempre por andar (principalmente aos principios até fazer habito) com tanto cuidado, e attenção que não falles huma palavra, nem tenhas hum pensamento, nem faças hum gésto, que desdiga hum ponto (quanto for possivel) do nivel, e

regra da virtude. Para isto dá Seneca hum muy familiar, e admiravel conselho, dizendo, que devia o homem desejoso da virtude, imaginar, que tem diante de si alguma pessoa de grande veneração, e a quem tem muito respeito; e fazer, e dizer todas as cousas, do mesmo modo que as faria, e diria, se realmente estivera em sua presença.

6. Outro meyo ha para isto mesmo não menos conveniente, que o passado, e he, suppôr o homem, que não tem mais, que aquelle dia só de vida, e fazer todas as cousas, como se crêsse, que aquelle mesmo dia á noite havia de apparecer diante do tribunal de Christo, e dar conta de si.

7. Porem muito mais excellente meyo he, andar sempre (quanto seja possivel) na presença do Senhor, e trazel-o diante dos ólhos (pois na verdade elle está presente em todo o lugar) e fazer todas as cousas, como quem tem tal Magestade, tal testemunha, e tal Juiz diante de si; pedindo-lhe sempre graça para portar-se de tal sorte, que não se faça indigno de tal presença. De sorte, que esta attenção, que aqui aconselhamos, ha de atirar a dous alvos; hum delles he, olhar interiormente para Deos, e estar diante delle, adorando-o, louvando-o, reverenciando-o, amando-o, dando-lhe graças, e offerecendo-lhe sempre sacrificio de devoção no altar de seu coração; e o outro he, attender a tudo, o que obramos, e dizemos, para que de tal modo façamos as nossas obras, que em nenhuma cousa nos desviemos da verêda da virtude. De sorte, que com hum ólho havemos de attender a Deos, pedindo-lhe graça, e com o outro, á decencia, e honestidade da nossa vida, usando bem della. E assim deste modo havemos de empregar a luz, que Deos nos dêo, assim na consideração das cousas divinas, como na rectificação das obras hu-

manas; estando por huma parte attentos a Deos; e por outra a tudo, o que devemos fazer. E aindaque isto não se possa fazer sempre, ao menos procuremos que seja com a mayor continuação, que podermos; por quanto este genero de attenção não se impede com os exercicios corporáes, antes nelles está o coração livre para furtar-se muitas vezes aos negocios, e esconder-se nas Chagas de Christo. Quiz repetir aqui este documento, por ser tão importante, aindaque já estava apontado no nosso *Memorial da vida Christãa*.

CAPITULO XXIII

QUARTA ADVERTENCIA, DA FORTALEZA, QUE SE REQUER PARA ALCANÇAR AS VIRTUDES.

1. A precedente advertencia nos tem provîdo de ólhos, isto he, de *attençãp*, para vêr o que devemos obrar; e esta nos ha de provêr de braços, isto he, de *fortaleza*, para o poder fazer. Porque como na virtude haja duas difficuldades, huma em distinguir, e separar o bem do mal; e outra, em vencer o mal, e ir em alcance do bem; para huma destas se requer attenção, e vigilancia; e para a outra, fortaleza, e diligencia: e qualquer destas duas cousas que falte, fica imperfeito o negocio da virtude; porque ou ficará cego, se lhe falta a vigilancia, ou aleijado, se lhe falta a fortaleza.

2. Esta fortaleza pois não he huma daquellas quatro virtudes cardeáes, que tem por officio temperar, e moderar as ousadîas, e temores; mas he huma fortaleza geral, que serve para vencer todas as difficuldades, que nos impedem a prática, e exercicio das virtudes, e por isso anda sempre em sua companhia, como com a es-

mada na mão, abrindo-lhes o caminho, por onde quer que vão. Porque a virtude (como dizem os Philosophos) he cousa ardua, e difficultosa; e por esta causa convem, que tenha sempre a seu lado esta fortaleza, para que a ajude a vencer esta difficuldade. Pelo que, assim como o ferreiro tem necessidade de trazer sempre na mão o martello, por ser a materia que lavra, dura, e difficil de domar; assim tambem o homem virtuoso tem necessidade desta fortaleza, como de hum espiritual martello para domar, e superar esta difficuldade, que se acha na virtude. Pelo que, assim como o ferreiro sem martello não faria cousa alguma, assim tão pouco o amador das virtudes sem fortaleza, pela mesma razão. Se não dize-me, qual he a virtude, que não traga comsigo algum especial trabalho, e difficuldade? Considera-as todas, huma por huma; a oração, o jejum, a obediencia, a temperança, e pobreza de espirito, a paciencia, a castidade, e humildade; todas ellas finalmente sempre tem annexa alguma difficuldade, ou por parte do amor proprio, ou por parte do demonio, ou do mesmo mundo. Tirada pois de permeyo esta fortaleza, que poderá fazer o amor, e desejo da virtude nû, e desarmado? Pelo que parece, que sem esta virtude todas as outras estão como atadas de pés, e mãos, para se não poderem praticar.

3. E por isso tu, irmão meu, que desejas aproveitar nas virtudes, faze de conta, que o mesmo Senhor das virtudes te diz tambem a ti aquellas palavras, que disse a Moysés, aindaque em outro sentido: *Toma esta vára de Deos na tua mão, que com ella farás todos os sinães, e prodigios, com que has de tirar a meu povo do Egypto.* Tem por certo, que assim como aquella vára foi, a que obrou aquellas maravilhas, e a que dêo fim áquella tão gloriosa emprêza; assim esta vára de virtude, e forta-

leza he, a que ha de vencer todas as difficuldades, que o amor da nossa carne, e o commum inimigo nos hão de pôr diante, e fazer-nos sahir em fim com esta emprèza tão gloriosa. E por isso nunca esta vára se ha de largar da mão; pois nenhuma destas maravilhas se póde obrar sem ella.

4. Pelo que, parece-me advertir aqui hum grande engano, que costuma acontecer, aos que começão a servir a Deos, e he, que como estes lêm em alguns livros espirituáes, quão grandes sejão as consolações, e gôstos do Espirito Santo; e quanta seja a suavidade, e doçûra da caridade, crem que tudo neste caminho são deleites, e que não ha nelle fadiga, nem trabalho; e assim se dispõem para elle, como para huma cousa facil, e deleitavel; de sorte, que não se armão como para entrar em batalha, mas vestem-se, como se houvessem de ir a alguma festa. E não vêm estes, que aindaque o amor de Deos de si seja muy suave, e doce, porem o caminho para elle, he aspero, e desabrido: porque para isto convêm vencer ao amor proprio, e pelêjar sempre comsigo mesmo, que hè a mayor lûta, que pôde haver. Huma, e outra cousa significou o Propheta Isaias, quando disse: *Sacóde-te do pó, levanta-te, e assenta-te, Jerusalem.* Porque no *assentar*, he certo que não ha trabalho, mas sim no *sacûdir* o pó das affeições terrenas, e em *levantar-nos* do peccado, e sôno, em que dormimos; que he, o que se requer para chegar a este genero de assento.

5. Aindaque tambem he verdade, que o Senhor provê de grandes, e admiraveis consolações áquelles, que fielmente trabalhão, e a todos os que trocárão já os prazêres do mundo pelos do Ceo. Porem se esta tróca se não faz, e o homem todavia não quer largar das mãos a preza que tem, creya que não lhe darão este refrigerio; pois sabemos, que não se dêo o manná aos filhos de

Israel no deserto, até que se lhes acabou a farinha, que tinhão trazido do Egypto.

6. Tornando pois ao proposito : os que não se armarem desta fortaleza, tenhão-se por despedidos do que buscão; e tenhão por certo, que em quanto não mudarem de animo, e de proposito, nunca o acharão. Saibão que com o trabalho se ganha o descanço, com as batalhas a corôa, com as lagrimas a alegria, e com o ódio de si mesmo o amor suavissimo de Deos. E daqui nascêo, o reprehender-se tantas vezes nos Proverbios a preguiça, e negligencia ; e louvar-se tanto a fortaleza, e diligencia (como em outra parte declaramos) ; porque sabia muito bem o Espirito Santo, Autor desta doutrina, quão grande impedimento para a virtude era huma cousa, e quão grande ajuda para ella, era a outra.

§ UNICO.

DOS MEYOS POR ONDE SE ALCANÇA ESTA FORTALEZA.

7. Mas por ventura perguntarás : Que meyo ha para alcançar esta fortaleza? pois tambem ella he difficil de conseguir, como as outras virtudes. Por quanto não sem mysterio começou o Sabio aquelle seu abecedário tão cheyo de espiritual doutrina, por esta sentença *Mulher forte quem a achará? o seu valor he sobre todos os thesouros, e pedras preciosas, trazidas dos ultimos fins da terra.* Pois porque meyos poderemos alcançar cousa de tanto valor? Primeiramente, considerando este mesmo valor ; porque sem duvida he cousa de grande preço, e valor, a que tanto ajuda para alcançar o inestimavel thesouro das virtudes. Se não dize-me ; qual he a causa, pela qual os homens do mundo fogem tanto

da virtude? Não he outra, senão a difficuldade, que nella achão os cobardes, e preguiçosos. *Diz o preguiçoso O Leão está no caminho, no meyo das praças, tenho de ser morto.* E em outro lugar ajunta o mesmo Sabio, dizendo : *O louco mete as mãos no seyo, e cóme as suas carnes, dizendo: Mais vale hum poucachinho com descanço, que as mãos cheyas com afflicção, e trabalho.* Pois como não haja outra cousa, que nos aparte da virtude, senão só esta difficuldade, tendo fortaleza, com que a vencer, logo he conquistado o reyno das virtudes. Quem pois não cobrará animo, e se esforçará a conquistar esta fortaleza, a qual ganhada, he ganhado tambem o reyno das virtudes; e com elle o dos Ceos? o qual não podem conseguir senão os valerosos, e esforçados. Com esta mesma fortaleza he vencido o amor proprio com todo o seu exercito; e lançado fóra este inimigo, logo allî he aposentado o amor de Deos, ou (para melhor dizer) o mesmo Deos : pois (como diz S. João) quem está em caridade, está em Deos.

8. Aproveita tambem para isto o exemplo de muitos servos de Deos, que agora vemos no mundo, pobres, nús, descalços, palidos, faltos de sono, de regalo, e de todo o necessario para a vida. Alguns dos quáes desejão, e amão tanto os trabalhos, e asperezas, que assim como os mercadores vão buscar as feiras mais ricas, e os estudantes as Universidades mais illustres; assim elles procurão os Mosteiros, e Provincias de mayor rigor, e aspereza, aonde achem, não fartura, mas fóme, não riquezas, mas pobreza, não regalo, mas Cruz, e máo tratamento de seus corpos. Pois que cousa póde haver mais contraria, e opposta ás maximas, e dictámes do mundo, e desejos dos mundanos, que ir buscar hum homem por terras estranhas a arte, e

modo de como ande mais faminto, mais pobre, mais remendado, e mais nû? obras são todas estas contrarias á carne, e ao sangue, mas muy conformes ao espirito de Christo.

9. E ainda mais particularmente condena os nossos regalos o exemplo dos martyres, que com táes, e tão crueis generos de tormentos conquistárão o Reyno dos Ceos. Apenas ha dia, em que não nos proponha a Igreja algum exemplo destes; e isto não tanto para honrallos com a festa que lhes faz, quanto para nos animar com o exemplo que nos dão. Cada dia nos propõem a hum Martyr assado, a outro esfolado, a outro afogado, a outro despenhado, a outro atanazado, a outro despedaçado, a outro com as carnes abertas com garfos de ferro, a outro feito hum ouriço pela multidão de settas cravadas em seu corpo, a outro lançado a frigir em huma tina de azeite, e a outros de outros modos atormentados. E muitos delles passárão não por hum só genero de tormentos, mas por todos aquelles, que a natureza, e compósto do corpo humano podia soffrer. Porque a muitos passavão dos carceres para os açoutes; e destes para as brázas; e destas para os pentes de ferro; e daqui para a espada; a qual só bastava para tirar-lhes a vida, mas não a fé, nem a fortaleza.

10. Pois que direi das artes, e invenções, que a engenhosa crueldade, não já dos homens, mas dos demonios, inventou para combater a fé, e fortaleza dos espiritos, com o tormento dos corpos? Porque a huns, depois de cruelissimamente chagados, fazião deitar em cama de abrólhos, e de pedaços de telha muito agudos, para que por todas as partes o corpo estendido recebesse em hum mesmo tempo mil feridas, e padecesse huma universal dôr em todos os membros; e

assim fosse combatida a Fé com hum exercito de dôres estranhas, e terriveis. A outros fazião passear descalços sobre carvões acesos; a outros arrastavão por cardos, e lugares asperos, atados ás caudas de cavallos indómitos. Para huns inventavão rodas horriveis, cercadas de navalhas muy agudas, para que estando no ar fixo o corpo do Martyr, esperasse o encôntro de toda aquella ordem de navalhas, e o despedaçassem. A outros estendião em humas máquinas de madeira, que para isto tinhão engenhosamente fabricado; e estirados nellas fortemente os corpos, erão abertos de alto abaixo com garfos de ferro. Que mais direi? Não contente ainda a ferocidade dos tyrannos com todas estas invenções de tormentos, veyo a excogitar outro mais novo, e foy, atar pelos pés ao Martyr aos ramos de duas grandes arvores, abaixando-os violentamente até ao chão, para que soltando-os depois, e tornando a seus lugares, levassem voando pelos ares, cada hum seu pedaço de corpo. Martyr houve em Nicomédia (e com este outros innumeraveis) a quem depois de haverem açoutado tão cruelmente, que não só lhe tinhão rasgado a pelle, mas tambem os açoutes lhe tinhão já comido muita parte da carne, e chegado a descobrir por muitas partes os ossos brancos entre as purpûreas feridas: e acabado este tormento, lhe lavárão as chagas com vinagre, e lhas esfregárão com sal; e não contentes com isto, vendo que ainda vivia, o deitárão em humas grélhas sobre o fogo, e allî o voltavão de huma para outra parte com forcádos de ferro, até que assim assado já e tostado o sagrado corpo, enviou o espirito a Deos.

11. De sorte, que os perversos homicidas pertendião outra cousa ainda mais cruel que a morte (que he a ultima das cousas terriveis); porque não pertendião

tanto matar, quanto atormentar com tantos, e tão horriveis martyrios, que sem ferida alguma mortal, fizessem partir as almas dos corpos a poder, e força de tormentos. Não erão pois estes Martyres de outros corpos diversos dos nossos, nem de outra massa, e composição que a nossa; nem tinhão por ajudador a outro Deos, que o que nós temos; nem esperavão outra gloria, que a que nós esperamos. Pois se estes com táes, e tantas mortes comprárão a vida eterna, como não mortificaremos nós pela mesma causa, se quer os máos desejos de nossa carne? Se aquelles morrião de fóme, porque não jejuarás tu hum dia? Se aquelles perseverávão encravados na Cruz orando, porque não perserverarás tu hum pouco de joelhos em oração? Se aquelles tão facilmente deixárão cortar, e despedaçar seus membros, porque não cercearás, e mortificarás tu em alguma cousa teus appetîtes, e paixões? Se aquelles estavão tanto tempo fechados nos carceres escuros, porque não estarás tu ao menos hum pouco recolhido na cella? Se aquelles assim deixavão rasgar suas costas, porque não disciplinarás tu as tuas alguma vez por amor de Christo?

12. E se ainda estes exemplos não bastão, levanta os olhos áquelle Santo madeiro da Cruz, e vê quem he o que allî está padecendo não crueis tormentos por teu amor. *Considerai* (diz o Apostolo) *áquelle, que tão grandes encontros soffrêo dos peccadores, para que não canceis, nem desmayeis nos trabalhos.* Espantoso exemplo he este, por qualquer parte que o quizeres considerar. Porque se fazes reflexão aos *trabalhos*, não podem ser mayores; se á *Pessoa* que os padece, não póde ser mais excellente; se a *causa* porque os padece, não he por sua culpa (pois elle he a mesma innocencia) nem por necessidade, que tenha (pois he Senhor de todo o Creado)

senão só por sua pura bondade, e amor. E com ser isto assim, padecêo em seu corpo, e alma tão grandes tormentos, que tudo o que padecêrão os Martyres, e todos os homens do mundo, não igualão com elles. Cousa foy esta, de que se espantárão os Ceos, tremêo a terra, se despedaçárão as pedras, e sentírão todas as creaturas insensiveis. Como será pois o homem tão insensivel, que não sinta o que sentírão os elementos? E como será tão ingrato, que não procure imitar alguma cousa, do que se obrou para dar-lhe exemplo? Pois por isto (como disse o mesmo Senhor) convinha que Christo padecesse, e assim entrasse na sua Gloria : porque tendo vindo ao mundo para guiar-nos ao Ceo (sendo o caminho para elle era a Cruz) convinha, que fosse a diante crucificado, para que assim cobrasse animo, e esforço o vassallo, vendo tão maltratado a seu Rey, e Senhor.

13. Quem pois será tão ingrato, ou tão amigo do regálo, ou tão soberbo, ou tão impudente, que vendo ao Senhor da Magestade com todos os seus amigos, e escolhîdos, caminhar com tanto trabalho, queira elle ir em liteira, e gastar a vida em regálos? Mandava El-Rey David a Urias que vinha da guerra, que fosse dormir, e descançar a sua casa, e cear com sua mulher; e o bom servo lhe respondêo: *A Arca de Deos está nas tendas, e os servos d'El-Rey meu Senhor dormem sobre a face da terra, e eu hei de ir para minha casa comer, beber, e dormir? Por tua saûde, e pela de tua alma, que tal cousa não farei.* Oh fiel, e bom servo, tão digno de ser louvado, quão indignamente morto? Pois como tu, Christão, vendo do modo, que vês a teu Senhor na Cruz, não terás este mesmo respeito, e reverencia para com elle? A Arca de Deos de madeira de cedro incorruptivel padece dôres, e morte, e tu buscas regálos, e descanço? Aquella Arca, em que estava o manná

escondido (isto he, o pão dos Anjos) gostou por teu amor fel, e vinagre, e tu buscas deleites, e golosinas? Aquella Arca, em que estavão as táboas da Ley (isto he, todos os thesouros da Sabedoria, e Sciencia de Deos) he vituperada, e tida por loucura, e tu buscas honras, e louvores? E se não basta o exemplo desta mystica Arca para confundir-te, ajunta com ella os trabalhos dos Servos de Deos, que dormem sobre a face da terra, isto he, os exemplos, e trabalhos de tantos Santos, de tantos Prophetas, Martyres, Confessores, e Virgens, que com tantas dôres, e asperezas passárão esta vida, como o conta hum delles, dizendo assim : *Os Santos padecêrão escárneos, açoutes, prisões, e carceres forão apedrejados, serrados, tentados, e mortos á espada : andárão pobremente vestidos de pelles de ovelhas, e de cabras, necessitados, angustiados, afflictos; dos quáes não era merecedor o mundo : vivião nas soledades, e desertos, nas grutas, e concavidades da terra; e todos elles no meyo destes trabalhos forão provados, e achados fieis a Deos.*

14. Pois se esta foi a vida dos Santos, e (o que he mais) a do Santo dos Santos, não sei eu por certo, por que titulo, ou privilegio cuida algum de ir para onde elles forão, se vai pelo caminho dos deleites, e regálos. Por tanto, irmão meu, se desejas ser companheiro da sua gloria, procura sel-o tambem da sua pena; e se queres reynar com elles, procura do mesmo modo padecer com elles.

15. Tudo isto serve para exhortar-te a esta nobre virtude da *Fortaleza*, para que assim sejas imitador daquella santa alma, de quem se diz, que cingíra seus lombos de fortaleza, e esforcára seus braços para o trabalho. E para conclusão deste Capitulo, e da doutrina de todo este segundo livro, acabarei com aquella nobilissima sentença do Salvador que diz : *Quem quizer vir*

apôs de mim, negue-se a si mesmo, e tome sua Cruz, e siga-me. Nas quáes palavras comprehendêo aquelle Celestial Mestre a summa de toda a doutrina do Evangelho.; a qual se ordena a formar hum homem perfeito, e Evangelico ; o qual tendo huma certa especie de paraiso no homem interior, padece huma perpetua Cruz no exterior; e com a doçura de huma abraça voluntariamente os trabalhos da outra.

FIM DA GUIA DE PECCADORES.

PROLOGO

DO VENERAVEL P. M.

Fr. LUIZ DE GRANADA

AO CHRISTÃO LEITOR.

Quiz, amigo Leitor, que esta Carta do Santo Bispo Eucherio, Discipulo de Santo Agostinho, se ajuntasse a esta nossa Guia; porque trata do mesmo argumento, que ella, isto he, do desprezo do mundo, e amor á Virtude. E não só por esta causa, mas tambem por me haver esta escriptura summamente agradado. Nella achará o discreto Leitor tanta gravidade de sentenças, tanta agudeza de razões, tanta elegancia no estilo, e sobre tudo, tanto espirito, e efficacia em persuadir o que pertende, que não deixa ao entendimento humano cousa, com que se possa escusar da força de suas persuasões. Pelo que, succeder-lhe-ha o mesmo, que a mim me tem acontecido, que por muitas vezes que lêa esta escriptura, não me canso, nem sinto tédio. Porque esta he a condição das cousas perfeitas, e acabadas no seu genero, que sempre deleitão, por muito

que se tratem. A verdade disto remetto eu ao juizo do prudente Leitor, que souber estimar o que merece estimação. E porque não quero para mim a gloria desta traducção (que he muy elegante) o Traductor foi o R. P. Fr. João da Cruz, que está na Gloria; o qual para isto tinha especial graça, como se vê por outras traducções suas.

VALE.

† Livros Católicos para Download

CARTA

DE

SANTO EUCHERIO

Bispo de Leão de França, Discipulo de Santo Agostinho, a Valeriano seu parente, Varão illustre; na qual o exhorta ao desprezo do mundo, e desejo na verdadeira Bemaventurança.

1. Quão bem se ajunta o parentesco áquelles, que se ajuntão com o laço do amor. Nesta mercê de Deos nos podemos gloriar nós, a quem não só o sangue, senão tambem a Caridade fez juntamente companheiros; e duas affeições nos ajuntão em hum; a saber, a que trazemos dos pays da nossa carne, e a que nós mesmos com o favor de Deos gerámos em nossos corações. Este dobrado vinculo, com que de huma parte nos ata o parentesco, e da outra o amor, me obrigou, a que te escrevesse, e largamente recommendasse a teu mesmo coração o bem de tua alma, e te mostrasse, que só pela profissão da Fé, e da Virtude se alcança a verdadeira bemaventurança, possuidôra de bens eternos. Porque amando-te eu igualmente como a mim mesmo, forçoso he, que não menos deseje para ti, do que para mim, o soberano Bem. E muito me alegro, que a tua inclinação não seja contraria ao religioso voto da santa vida,

que eu te quero persuadir. Porque a tua ditosa idade, desde seus tenros annos, brotou flores em muita parte conformes ao desejado fructo dos virtuosos costumes, provendo a divina graça por ministerio da natureza, de como achasse em teu coração a sua doutrina grande principio, quando te quizesse communicar o que te falta. Bem vejo, quão altos sejão os titulos, que te fazem illustre no século pela dignidade, e antiga nobreza, assim de teu pay, como de teu sogro; porém muito mais alta he a gloria, que eu te desejo; pois te chamo não para dignidade terrena, mas Celestial; não para honra de hum século, mas de séculos eternos. Esta he a gloria certa, e digna de se desejar, ser o homem sublimado a bens, que nunca se acabão. A qual cousa não te persuadirei eu com a sabedoria secular, mas sim com aquella excellente Philosophia, escondida aos mundanos, a qual determinou Deos revelar para nossa gloria naquelle tempo, que foi de seu agrado. E fallar-te-hei ousadamente, pelo grande zelo, que tenho de teu bem, descuidado do que a mim me convêm; attendendo mais ao muito, que para ti desejo, que ao pouco para que eu présto.

§ I.

2. A primeira obrigação, meu carissimo Valeriano, que o homem recen-nascido tem, he, conhecer a seu Creador; e reconhecêl-o por seu Senhor; e converter em seu serviço o dom da vida, que delle recebêo: de sorte, que o que por sua bondade começou a ser, para elle se prosiga, e continûe, e nelle se remate, e termîne; e a mercê, que sem a merecer se recebêo, servindo-o com ella, a venha depois a merecer. Que verdade mais certa se nos póde dizer, que sermos nós

devidos áquelle, que do não ser, fez que fossemos? Aquelle por certo sabiamente conhece a intenção de quem o creou, que tem por averiguado, ser elle quem o creou, e que o creou para si. Depois disto, o que mais convêm ao homem he, attender pelo valor de sua alma; a qual sendo na nobreza a primeira, não he razão que seja de nossos cuidados a ultima. Mas antes sim primeira, e principalmente se ha de ter conta, com o que em nós he principal; e da saûde mais necessaria convêm, que tenhamos mais attento cuidado. E para melhor dizer, não principalmente, mas este só ha de occupar todo o nosso sentido, e attenção, isto he, como a nobreza de nossa alma haja de ser defendida, e de que modo conservada. Nem isto se oppõem, nem contradiz ao que d'antes disse; porque he bem verdade, que a Deos devemos a primeira, e mais profunda attenção; e á nossa alma, a segunda. Porem são tão irmãas estas duas diligencias, que sendo ambas necessarias, não se póde conservar huma sem outra. Porque não he possivel, que quem satisfez a Deos, não tenha tambem provîdo, e attendido á sua alma; e que quem teve cuidado desta, não tenha tembem contentado a Deos. De tal sorte se entende nestes dous espirituáes negocios, e estão entre si tão encadeados, que quem diligentemente tratar hum terá cumprido com ambos; pois a ineffavel bondade de Deos quiz, que o nosso proveito fosse seu sacrificio. Oh quanto tempo, e trabalho emprégão os mortáes em curar seus corpos, e conservar sua saûde! E por ventura a sua alma não merece ser curada? Se tantas, e tão diversas cousas se consómem em serviço da carne, não he justo que a alma esteja pósta a hum canto, e desprovîda em suas necessidades; e que só ella seja despojada de suas proprias riquezas. Mas antes, se para o regálo do corpo

somos tão liberáes, procuremos provêr nossa alma com mais alegre liberalidade. Porque se alguns chamárão sabiamente á nossa carne *serva*, e á alma *Senhora*, não havemos de ser tão pouco attentos, que honremos a escrava, e desprezemos a sua Senhora. Com razão nos pede mayor diligencia a nossa melhor parte; e mayor cuidado a principal dignidade da nossa natureza. Nem he justo, que na reverencia necessaria posponhamos a mais nobre, e prefiramos a vil. E que a carne seja mais vil, o manifestão seus naturáes vicios, com os quáes nos abáte á terra, donde ella nascêo; levantando-nos a alma, como fogo, ao alto, donde nos foi enviada. Esta he no homem a Imagem de Deos. Este precioso penhor temos da gloria, que nos está promettida. Pois defendamos a sua authoridade, e amparemo-la com todas as nossas forças. Se a esta sustentamos, e regemos, guardamos o deposito, que nos ha de ser demandado. Que homem ha, que querendo levantar hum edifício, não lance primeiro os alicérses? Que homem ha, que não procure primeiro a sua vida, que abundantes bens, dos quáes sem vida não póde gozar? Como amontoará os bens ultimos, quem não possûe os primeiros? De que modo imagina viver bemaventurado, o que não tem o necessario para viver? O necessitado de vida, como póde ter vida feliz? ou que vida lhe podem dar os saborosos, e abundantes manjáres, se não tem com que possa prover a fóme de sua alma; dizendo N. Salvador no Evangelho: *Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se por fim vêm a perder a sua alma*? Porque não se póde ter por ganancia, o que se adquire com detrimento do bem espiritual: antes padecendo-se damno no espirito, nenhum bem da carne se deve estimar; porque o verdadeiro bem consiste só na alma. Por tanto, com toda a diligencia, e industria

negociemos a segura, e certa grangearía de nossa alma, antes que se passe o termo de sua negociação. Nestes poucos dias podemos negocear a vida eterna, não nos contentando delles; pois aindaque encerrassem em si a verdadeira, e certa bemaventurança, merecem (por durarem tão pouco) ser tidos em pouco. Porque nenhuma cousa he digna de chamar-se grande, se em breve tempo acaba; nem se póde dizer longo o tempo, cujo prazo não póde deixar de chegar. Breve he o contentamento desta vida, cujo uso he breve; antes só por este respeito se deve antepôr ao deleite deste século a vida futura; porque aquelle he temporal, e esta eterna; e manifesta cousa he, ser melhor gozar dos bens eternos, que dos caducos. Porem mais ha, que considerar, e que desejar. Só a vida futura he beatissima, só felicissima. Esta presente, assim como passa de prêssa, assim tambem no pouco espaço que dura, está cheya de miserias, e dôres, não só das naturáes, e forçosas, mas ainda de outras muitas, que desastradamente acontecem aos mortáes. Porque que cousa ha tão duvidosa, tão infiel, tão mudavel, e tão vidrenta, como a presente vida? a qual está cheya de trabalhos, de afflicções, de perigos, e de cuidados; afflicta com enfermidades, triste com temores, incerta, e dessassocegada como o mar, que em todo o tempo serve com tormentos.

3. Pois que razão, ou que interêsse póde persuadir ao homem, a que desprêze os bens eternos, e siga os temporáes tão falsos, e tão fugitivos? Por ventura não vês, como os homens deste século em a terra, em que esperão morar a mayor parte da vida, procurão ajuntar fazenda, e augmentar seus patrimonios; e na Cidade donde cuidão partir de prêssa, trabalhão pouco por enriquecer, e fazem em sua casa pequena provisão?

Deste modo pois nós, que conhecemos a estreiteza do mundo, e a velocidade do tempo; e sabemos que os séculos futuros nunca se acabão; e que a patria que esperamos, he dilatadissima, procuremos radicar-nos nella, para que vivamos prósperos, aonde sempre havemos de morar. Não pervertamos os cuidados, pondo o mayor desvélo no breve, e miseravel proveito, e o menor no eterno, e só verdadeiramente bemaventurado. Tanto he certo o que digo, que não sei resolver, qual respeito seja mais efficaz para levantar nossos corações aos desejos da vida do Ceo, se a consideração dos bens. que nella possuiremos, ou a experiencia dos males. que nesta nos perseguem; porque aquella nos chama com castos deleites, e esta nos lança de si com perpetuos desabrimentos. Por tanto, os mesmos males nos ensinão a verdadeira prudencia: Se a doçura, e suavidade dos bens Celestiáes nos não enamóra, ao menos aborreçamos a amargura, e afflicção dos trabalhos do século. Senão abraçamos os honestos prazêres, fujamos ao menos os crudis tormentos; pois huns, e outros ajuntão á huma suas forças para levantar nossos corações á verdadeira vida; pela qual se nos fará doce qualquer trabalho presente.

4. Porque, se hum homem rico, e poderoso nos chamasse, promettendo amar-nos, e fazer comnosco obras de pay, o seguiriamos sem demóra a terras estranhas. rompendo por quaesquer difficuldades, e estôrvos do caminho; e chamando-nos Deos (Senhor do universo. e de quem são todos os thesouros) para nos amar. e para se nos communicar (só com a condição, de que lhe aceitemos o doce titulo de filhos, com o qual chama a seu Unigenito, Nosso Senhor Jesu Christo) e tu te entorpêces, e não estendes se quer a mão com viveza. e alegria para receber dignidade tão gloriosa? Espe-

cialmente não te sendo preciso para conseguir tão alto estado, perigrinar a muy remotas terras, nem arriscar-te aos perigos do mar: aonde, e quando quizeres, já estás adoptado. Por ventura seremos por isso mais ociosos, e menos cobiçosos de grande mercê, porque quanto he mayor que as deste mundo, tanto está mais prompta? Antes por isso mesmo nos será mais nociva a nossa cobardía; porque seremos tanto mais culpados em desprezal-a, quanto mais facilmente a podéramos alcançar, se nos não entorpecêra o amor, e prazêres desta vida. Pois se amas vida, para vida te convido. Com que melhor razão te persuadirei, que asseguran-do-te o que desejas? Para dar-te vida te envia Deos por mim sua embaixada; não podes negar, que desejas viver. Porem advirto-te, que em lugar da vida temporal, ames a eterna: porque de outro modo, como póde ser verdade, que amas a vida, se não desejas, que esta dure o mais que possa? Pois o mesmo, que nos agrada, sendo caduco, agrade-nos muito mais, sendo eterno; e o que tanto estimamos, acabando-se de prêssa, estimemo-lo mais, carecendo de fim. Vivamos de modo, que não nos seja esta vida impedimento de outra melhor, mas sim caminho, e escada para ella. Não seja o principio da vida contrario á sua perfeição. Contra toda a justiça prejudiça á vida o amor da mesma vida. Pelo que, não te fica que responder, nem tens escusa para não acudir ao chamamento divino, por qualquer affeição, que tenhas á vida. Porque se a desprezas por seus desgostos, com que causa mais justa a aborrecerás, que por amor de outra melhor? E se a amas, tanto mais deves desejar, que seja perpetua. Porem destes dous affectos, mais quizera que tivesses o primeiro; a saber, que, segundo experimentas a vida, assim a tenhas por molestissima; e segundo suas mise-

rias, assim tambem por sua causa a desprezes, e aborreças. Quebre-se pois já a cadeya tão comprida dos negocios seculares, que unidos huns aos outros com mil difficuldades, trazem comsigo huma continua fadiga. Rompamos os laços dos infructuosos cuidados, que atados huns aos outros augmentão nossas occupações, como se cada hora começassem de novo. Desatemos as intrincadas contendas, que travando-se humas com outras, trazem inutilmente fatigada a attenção, e estudo dos mortáes (como a quem continuamente tecesse, e destecesse huma têa) cuja perseverante, e violenta attenção faz mais breve a vida, que de si he curta, distrahindo seus corações, humas vezes a vãos prazêres, e outras a tristes temôres; já a anciosos desejos, e já a timidas suspeitas; e sempre a irremediaveis fadigas, que fazem a idade do homem breve para a vida, e dilatada para as dôres. Sacudamos de nós o amor do século, que em qualquer gráo, que nos ponha, he perigoso, e infiel; porque sua altura he suspeitosa, e sua baixeza inquieta. Porque o estado baixo he pisado dos mayores, e o alto por si mesmo cahe desvanecido. Põem ao homem no lugar, que quizeres; não descançará no cûme, nem na falda do monte; em qualquer parte he combatido. O fraco está sujeito á injuria; o poderoso á inveja. Porèm prosigamos os danos do estado próspero, que estão mais encobertos; e por isso mais perigoso: porque o miseravel manifestas tem as suas miserias.

§ II

DOS DANOS DO ESTADO PRÓSPERO.

4. Duas me parecem ser as principáes cousas, que sustentão os homens no amor do século, e que com

tão lisônjeira, e affavel suavidade encantão seus sentidos, e os tirão fóra de si, e os levão presos com branda cadêa aos viciosos tormentos; convêm a saber, o deleite das riquezas, e a honra das dignidades. E chamo-as pelo nome, que lhes pôz o mundo; sendo assim, que o primeiro não he deleite, mas escravidão; e o segundo não he honra, mas vaidade. Estes dous inimigos se põem diante dos homens, e ajuntando, e atravessando os pés, lhes impedem o passo para a virtude, e com seus infernáes hálitos inficionão os peitos dos mortáes, e com venenosos unguentos recreão as almas chagadas, e cansadas dos trabalhos da sua mesma natureza. Porque (fallando primeiramente das riquezas) que cousa ha mais prejudicial? Por ventura não são estas a seus possuidores causa de muitas injustiças, como hum dos nossos affirmou, dizendo: *Que cousas são as riquezas, senão prenda para receber injurias?* Por ventura não estão os grandes thesouros chamando pelos ladrões, e homicidas, convidando-os com o prémio de sua ousadia? Por ventura não ameação a seus senhores descahimentos de privanças, e desterros? Porèm dissimulemos que isto assim possa acontecer. Acabada a vida do homem, de que servirão as riquezas? aonde irão? Estamos certos, que não seguirão a seus possuidores. *Enthesoura o homem* (diz o Psalmista) *e não sabe, para quem ajunta o seu thesouro*. E se queres, esperemos; e seja assim, que te succeda nellas, quem tu desejas. Quantas vezes destruirão os herdeiros as casas de seus antepassados? E quantas as riquezas, ajuntadas com grande ancia, forão desperdiçadas, ou pelo filho mal disciplinado, ou pelo genro mal escolhido? Pois aonde está o prazer das riquezas, cuja possessão anda cheya de cuidadosos trabalhos; e cuja successão he tão duvidosa? Aonde corres fóra da carreira, ó desenfreado

amor dos homens? Sabes amar o que tens, e não te sabes amar a ti mesmo? Fóra de ti está, o que amas; estranho he, o que te deleita. Torna, torna sobre ti; e ama-te ao menos do modo, que amas as tuas cousas. Sem duvida que te pesaría, se teus companheiros amassem mais a tua fazenda, que a tua pessoa; e se puzessem os ólhos mais no resplendor de tuas riquezas, que em tua saúde. Quererias que o teu amigo fosse mais leal á tua vida, que cobiçoso de teus thesouros. Pois para que negas a ti mesmo aquillo, que pedes aos outros? Guardemos a fé, e amor, que devemos a nós mesmos; as nossas cousas não nos merecem. Não digo mais ácerca das riquezas.

6. Das honras direi, o que não me poderás negar, e he, não poder chamar-se dignidade aquillo, que os bons possûem promiscuamente com os máos; nem fórma glorioso triumpho aos vencedores a corôa, com que cingem tambem sua tésta os cobardes! Confusão, e não dignidade he, a que comsigo invólve aos dignos, e aos indignos, e iguála os virtuosos (que por direito hão de ser superiores) com os viciosos. E he muito de admirar, que em nenhum estado se distinguem menos os bons dos máos, que na pompa. Rogo-te me digas; não he mais honrado, o que despreza tal honra, e aquelle, a quem suas proprias virtudes exaltão, e o fausto não ensoberbece? E (se queres que te diga mais) sejão as honras, quaes o mundo as julga, quão ligeiramente vôão? quão de prèssa desapparecem! Vimos em nossos dias muitos varões honrados, póstos nas pontas da Lua; os quáes dilatavão seu patrimonio pela redondeza da terra; cujas felicidades vencião a sua cobiça; e sua prosperidade passava álem de seus desejos. Mas para que faço menção de particulares estados? Vimos Reys gloriosos cujo Imperio era de muitos temido; cujas

purpuras resplandecião com pedras preciosas; cujos ricos diadêmas affórmoseavão flores, e ramos de ouro lavrados, cujos reáes Palacios adornavão sumptuosas tapeçarias, e a seus custosos madeiramentos cobrião tectos dourados; e (o que he mais) suas vontades erão o direito dos póvos, e suas palavras se chamavão leys commuas. Porêm quem por mais que se empine, poderá subir sobre a medida, e termo dos mortaes? Vemos, que em nenhuma parte se acha agora aquelle seu pomposo orgûlho, e que os inestimáveis pêsos de ouro se fundirão com seus possuidores. Em nossos tempos são fabula as historias de muitos inclitos Reynos. Todas aquellas cousas, que então se tinhão por grandes, já agora estão reduzidas a nada, de sorte que nem na terra as conhecemos, nem imagino (antes sei de certo) que lá aonde elles estão, não as gozão, se com ellas não ganhárão algum cabedal de virtude. Porque só esta os poderia seguir, partindo daqui faltos de outro soccôrro; só esta fiel amiga os acompanharia, quando por outra parte caminhassem desamparados de todos os seus bens. Este he o alimento, com que agora se sustentarão; esta a excellencia, com que serão sublimados. Não perdem os sabios, e virtuosos as honras temporáes, e possessões terrenas, mas trocão-nas pela gloria celestial, e thesouro infinito. Por tanto, se desejamos valer, se anhelamos a honras, escolhamos as verdadeiras honras, e verdadeiras riquezas. Allî queiramos ser honrados, e ricos, aonde ha verdadeira discrição, e distinção de males, e bens; aonde o bem não tem mistura de mal; aonde o que huma vez se alcança, sempre se possúe; e o que huma vez se ganha, nunca já mais se perde.

7. Mas porque acima dissemos, que os bens desta vida se perdem com a morte, vejamos se por ventura temos algum tempo seguro; ou se convêm, que viva-

mos em hum continuo sobresalto. Nenhuma cousa vêm os homens mais a miudo, que o morrer; e de nenhuma cousa se esquecem mais, que da morte. Passa a geração humana de geração em geração arrebatadamente, até que (segundo a ley dos séculos) se acabe toda a successão dos homens. Nossos pays forão diante; e nós os seguiremos de préssa; e assim corre toda a multidão dos homens, como o rîo de agua, que desce dos montes; ou como as ondas do mar, que (em quanto outras se levantão) se desfazem chegando á cósta: assim as nossas idades se acabão, chegando ao seu termo, e começão outras, que tambem a seu tempo fenecerão. Sôe pois continuamente em nossos ouvidos o ruîdo desta corrente; e o impeto destas ondas despérte dia, e noite nossa memoria: nunca percamos de vista a mutabilidade de nosso estado. Tenhamos por presente o fim necessario da nossa vida; pois tanto mas visinho o temos, quanto mais se ha detido. Tenhamos por visinho o dia, que não sabemos se está longe. Apercebamo-nos para a partida com táes propositos, e meditações, que temendo a morte, antes que venha, não a temamos quando chegar. Bemaventurados os seguidores de Christo, a quem não afflige o receyo da morte; e esperão com socêgo, e conveniente apparelho o seu ultimo dia, em que desejão, e confião ser soltos, e estar com seu amado; porque os táes terão por melhor acabar antes hoje, que a manhãa; pois passão da vida temporal, á que permanece para sempre. Muitos são os que isto entendem, e poucos os que o considerão: mas aonde se trata de vida, não sigamos o partido dos negligentes; nem em negocio tão importante imitemos os erros alhêos com dano da propria salvação. Porque no juizo divino não nos escusará a multidão dos enganados, quando, sem fazer conta de outro pôvo, fôr cada hum em particu-

lar examinado; e segundo seus proprios merecimentos condenado, ou absolvido. Cessem pois, cessem as vãas consolações, que nos fazem como insensiveis aos nossos danos. Porque melhor será perpetuar a nossa vida com os poucos, que perdel-a com os innumeraveis. Muy cego por certo, e desvariado he aquelle, que dissimúla a sua perda, por seguir a quem depois o não pode remediar. Por tanto não nos leve ao descuido dos peccados o exemplo dos peccadores, nem tenha em nós authoridade a prudencia dos loucos, que não attendem ao que lhes convêm. Antes eu te rogo, que vejas as obras de táes homens, como a borrão, e não como a exemplar.

§ III

8. E se queres para a imitação a algum destes modélos (aindaque em comparação dos errados acharás poucos, se bem que alguns ha, a quem attendas, cujo exemplo te seja saudavel); observa com attenção aos que diligentemente considerão o fim para que nascêrão, e em quanto vivem tratão com prudente applicação os negocios da sua vida; e com úteis trabalhos de virtuosas obras lavrão, e semeão na terra, para colher o fruto no Ceo; do que não só tens muitos, porêm magnificos exemplos. Porque já (louvado Deos!) vemos, que a nobreza do mundo, as honras, as dignidades, a sabedoria, os engenhos, a eloquencia, e as letras se passão cada dia aos arrayáes da Fé, e eschóla de Christo. Vemos já, que a elevada alteza do século abaixa seu pescôço, e com devoção toma sobre sua cerviz o suave jugo do Senhor. Como poderia (se não fosse necessario largo tratado) contar por seus nomes a muitos varões illustres, que seguírão, e agora seguem esta

verêda estreita, e familiar conversação, na qual Deos he honrado, e servido? Mas por não deixar todos, referirei alguns dos muitos, que calo. Clemente da antiga geração dos Senadores, e do mesmo tronco dos Cesares, dotado de todas as sciencias, e flórido com as artes liberáes, andou este caminho dos justos, e aproveitou tanto nelle, que merecêo ser successor do Principe dos Apostolos. Gregorio Bispo do Ponto, primôr da Philosophia, e da eloquencia, por este exercicio se fez mais resplandecente, não só em santidade, mas tambem em obras maravilhosas. Porque delle contão as historias (entre outros testemunhos de seu merecimento) que por suas orações transferio hum monte de hum lugar a outro, para dar sitio a hum templo, que os fieis querião edificar em huma serra, aonde estavão escondidos por medo da perseguição; e secou huma lagôa, para pacificar os que contendião sobre a repartição de seus peixes. Outro Santo tambem do mesmo nome Gregorio, muito instruido nas sciencias humanas, as desprezou por amor desta celestial Philosophia; do qual não calarei, o que delle se escreve; porque tambem faz ao nosso proposito, e foy, que tirou pela mão a Basilio, seu companheiro nos estudos seculares, da eschóla, aonde ensinava Rhetórica, dizendo assim : *Deixa já essa vaidade, e entende em o negocio de tua salvação.* E não o disse a surdo; porque logo o seguio, e ambos forão Bispos de gloriosa memoria; e ambos deixárão á Igreja Catholica nos livros, que escrevêrão, claros testemunhos de sua fé, santidade, e subidos engenhos. Paulino Bispo de Nola, resplendor da nossa França, desprezadas grandes dignidades do século, e muy copiosas riquezas, e com ellas o flórido da eloquencia, se passou a este exercicio, e instituto de vida; no qual florecêo tanto, que em todas as partes do mundo se goza o seu fruto. Que direi

de Hilario, que poucos dias ha foi Bispo em Italia; e de Petronio, os quaes ambos descendêrão de insignes, e antigas familias? Por ventura não antepuzêrão ao seu estado, hum a Religião, e o outro o Sacerdocio? Oh quando acabarei de referir (com outros muitos que deixo) a Firmiano, a Minucio, a Cypriano, a Evagrio, a Chrysostomo, e a Ambrosio! Parece que todos juntamente praticárão, o que a outro seu semelhante foi agudo estimulo para tiral-o do século a esta ditosa vida: *Levantão-se os ignorantes, e arrebatão o Ceo, e nós com as nossas doutrinas nos andamos revolvendo na carne, e no sangue.* Tratárão isto entre si; e porque desprezárão o que era pouco, forão enriquecidos com o muito em o gozo de seu Senhor. Pois não tenho ainda feito menção, se não de huma pequena parte, dos que dêrão de mão a particulares honras, e estados, e á flor da eloquencia, ou á gravidade da Philosophia. Mas porque não tocarei ao menos em Reys, e Cabeças do mundo, aindaque não para numerar todos, os que forão amantes da nossa Religião, e discretos estimadores de sua Real dignidade? Não deixarei em silencio os do tempo antigo, a David, a Josias, e a Ezechias, a cujas veneraveis historias te remetto. Porque de nossos tempos não faltão exemplos frescos de Principes, assim homens, como mulheres, que familiarmente se ajuntão ao Rey verdadeiro, e louvão, e servem com maravilhosa devoção ao Senhor, Soberano Rey dos Reys, engrandecendo só a Sua Magestade. Por ventura que os lavôres destes modêlos te contentarão mais; e por serem de tua idade moverão mais teu affecto, a procurar a vida verdadeira, que elles procurão.

9. E se queres passar a diante, e pôr os ólhos em outros exemplos de alhêa natureza, attende aos dias, aos annos, ao Sól, á Lua, e a todas as luzes do Ceo,

como cumprem, sem se cançar, as palavras, e mandamentos divinos; e servem com seus movimentos á sua sapientissima ordenação, sem faltar hum ponto ás leys, que lhes tem pôsto. Por ventura nós (para cujo uso forão creadas todas estas cousas e póstas todas diante de nossos sentidos, e que sabemos a fabrica dos Ceos, e não ignoramos a intenção de seu Creador, que para nossa instrução assim as dispôz) por ventura nos digo, cerraremos os ouvidos a seus mandamentos? Grande vergonha he por certo, que ouvindo as creaturas insensiveis, dadas para a ajuda dos homens, huma só palavra de Deos no principio de sua creação, do que havião de fazer em todos os séculos futuros, nunca della se esqueção, nem já mais lhe desobedeção; e nós para quem estão escriptos tantos volumes da Escriptura Sagrada, e estabelecidas tão repetidas leys (o que he singular privilegio dos homens) não obedeceremos ao Nosso Creador, ao menos guiados pelas cousas, que forão feitas para nosso serviço? mayormente sendo grande desvario atrever-se o homem a desobedecer a seu Deos, sabendo, que aindaque não ame a seu Bemfeitor, não se livrará por isto das mãos de seu Senhor. Porque aonde se esconderão os que fogem de Deos? *Aonde me esconderei de vosso espirito* (dizia David;) *ou para onde fugirei, que não me veja a vossa face? Se subir ao Ceo, vós alli estais; se descer ao Inferno, alli estais presente: se voar tão ligeiro como a pomba, e passa álem do mar, alli a vossa mão direita me prenderá, e trará.* Por tanto, queirão, ou não queirão os que com a vontade se apartão do universal Senhor, por direito, e effectivamente cahirão em suas mãos. Elles se achão distantes de Deos com seus affectos, mas Deos está sobre elles com o seu poder. Com grandes desatino lhes parece que fógem e escapão da sua jurisdição; e ao mesmo tempo

estão dentro della : vagueão por fóra com seus pensamentos, e ficão dentro de seu tribunal. Porque se o homem tem direito para seguir a seu escravo fugitivo, e reduzil-o á servidão, não guardará a si mesmo este direito o Senhor dos Senhores, a quem por si só pertence o legitimo Senhorio sobre todos os mortaés ? Porque não fará justiça por si, como a faz pelos outros o justo Juiz ?

§ IV

10. Porém não só hão de inclinar nossos affectos as cousas que vemos; tambem temos ouvidos, com que ouçamos as divinas promessas; as quaes não tem menor força para nover nossos corações. Consideremos com attenção, e diligencia o que se nos ensina; e esperemos com firmo credito, e entranháveis desejos, o que se nos promette. O creador de todas as cousas que vemos, nos dá fé das que não vemos. E se usamos dos olhos sabia, e proveitosamente; se dirigimos a admiração, que nos causa a maquina do mundo, ao conhecimento de seu Author (e por esta via contemplamos, quão resplandecente luz se representará a nossos olhos na Celestial Cidade, pois na terra vil huma pequena faisca reverbera em nossa vida ; se conjecturamos quão deleitavel formosura terão as cousas eternas, pois tanta belleza tem as caducas) os mesmos sentidos corporáes nos levantarão poderosamente ao desejo dos bens, que não percebemos. Não usemos pois dos sentidos de nossa carne só em seus baixos officios, sirvão-nos ordenadamente para ambas as vidas; e de tal sorte nos approveitem na temporal, que não nos sirvão de impedimento, mas sim de adjutorio para a que esperamos, que he eterna. E se nos attrahe, e leva para si o amor,

e deleite das creaturas (porque na verdade he muy poderoso para alvoraçar os corações humanos) o bem eterno, soberano, clarissimo, e deleitabilissimo, esse he o que tem, não só razão para ser amado, mas tambem causa sufficientissima, para que só seja amado. Este he o nosso Deos, a quem não podemos amar tanto, que mais não devamos amar. E assim acontece (que he o que acima disse das honras) que em lugar dos prazêres mundanos, succedem aos bons outros mais entranháveis, e mais justos prazêres. Por tanto, se te affeiçoava a grandeza do mundo, nenhuma cousa ha mais magnifica que Deos; se alguma cousa no século te parecia digna de gloria, nenhuma ha mais gloriosa: se te hias atraz do resplendor das cousas claras, nenhuma ha mais resplandecente: se te enamoravão as cousas formosas, nenhuma ha tão formosa: se em alguma cousa tinhas para ti achar verdade, nenhuma ha mais fiel, nem mais verdadeira: se em algum esperavas achar liberalidade, nenhum ha mais magnifico; admiravas-te do que he puro, e singélo? nenhuma cousa ha mais pura, nem mais sincéra, que a sua bondade: desejavas abundancia de bens? ninguem tem riquezas mais copiosas: amavas a quem tinhas por fiel? ninguem a que mais leal, e fielmente guarde a sua palavra? buscavas o que te he proveitoso? nenhuma cousa ha mais util que o seu amor. Contentava-te algum, porque nelle vias grande severidade? nenhum ha mais severo nem mais suave. Nas adversidades quererias achar benegnidade em teus amigos, e nas prosperidades prazer? delle só podes ter a unica consolação nas tribulações, e gôzo em a saûde. Dize-me pois agora, se he justo, que ames sobre todas as cousas áquelle, em quem tens todas ellas; e que estimes sobre todos os bens, áquelle, em quem estão todos os bens,

não só os soberanos, e divinos, mas ainda estes temporaes (de que os homens usão mal) delle mesmo os tens?

11. Pois se assim he, entrega agora todo junto ao serviço de Deos o amor, que atéqui tem sido mal repartido; e a casta caridade, que andava errada atraz das affeições sensuáes, occupe-se daqui por diante só nos exercicios sagrados; e o coração que delirava com diversas opiniões, seja castigado com o freyo da verdadeira sabedoria; especialmente, porque quanto amas, e quanto sabes, tudo he de Deos: seu he, aindaque tu não o ames. Porque Deos he tão grande, e tão universal Senhor, que os que o não amão (aindaque não queirão) hão de amar, o que he seu. Porèm considere o que tem o juizo são, se he cousa pósta em razão, que desprezado o Creador das cousas, se amem suas obras; e que o homem corra a torto, e a direito por todas as partes apôs das creaturas, contra a vontade de quem as creou, havendo-as creado, para que usando dellas, caminhe para Deos o nosso coração? Mas o homem de juizo desvariado converte seus amores, e desejos ás creaturas vis; e desordenando a sua mesma inclinação, engrandece a arte, desprezando ao Artifice; e ama a imagem formosa, e deixa de amar a seu Auctôr, de cuja universal bondade fallámos acima. Mas que dissemos? ou que se póde dizer de tão grande thesouro de bondade? ou quando poderá algum homem, ou Anjo igualar com palavras a alteza de tão profundo mysterio?

12. Pelo que, já não te quero dizer, que amar a Deos, he cousa deleitavel, mas que he necessario; porque álem da obrigação, que temos de amal-o, por ser elle quem he, necessariamente amamos as suas cousas; e assim como não podemos amal-o, quanto he digno de ser amado, assim tão pouco basta o nosso amor

para recompensar os bens, que delle recebemos. Por tanto, assim mesmo he grande injustiça, não amar ao menos a quem ainda amando-o, não lhe podemos satisfazer. Injustissima cousa he, não querer servir o pouco que podes áquelle, a quem não podes servir quanto estás obrigado. *Que darei ao Senhor* (dizia David) *por todos os bens, que me tem dado?* Que lhe retribuiremos, se quer por isto só? pois em cousas tão fáceis pôz o principio da nossa salvação, e abrio a porta a todos os moradores da terra, para dar-lhes a herança do Ceo, sem desprezar, ou rejeitar a alguma nação, terra, ou remota llha. Porque outra razão imaginas tu, que a possessão de toda a terra, as nações, e Reynos do mundo vierão á sujeição dos Romanos, e a mayor parte do mesmo mundo se fez hum pôvo, se não para que mais facilmente penetrasse a Fé por todo elle: e para que assim como o alimento, ou a medicina se diffunde por todo o corpo, assim tambem a Fé, derramada na cabeça das gentes, se communicasse por todos os membros. Porque de outra sorte não corrêra tão veloz por Gentes, e Provincias tão remotas, differentes em costumes, e linguas; nem passára tanto a diante. e com tanta velocidade, se em cada lugar encontrára hum novo tropêço, e contradição. Por isso o Apostolo S. Paulo diz, que a Fé dos Romanos se annunciava em todo o mundo e pela mesma razão, teve elle liberdade para discorrer, prégando o Evangelho desde Jerusalem até ao Illirico. E como podéra fazer isto. se não estiverão juntas debaixo de hum só dominio a multidão innumeravel de Regiões, e Cidades, e se domesticára a fereza das barbaras nações? Assim se cumprio o que agora vemos; que do Oriente até ao Poente, do Septentrião até ao Meyo dia por todos os lados do mundo sôão os louvores de Christo, abraçando a sua Fé.

o Tracense, o Africano, o Syro, e o Hespanhol. O que foi maravilhosamente significado, e se começou a cumprir, quando em tempo da Republica Romana, tendo o Sceptro de todo o mundo o Imperador Octaviano, descêo Deos á terra. Para cuja vinda, e prospera dilatação de seu Nome se provêo, fundou, e accrescentou em diversos tempos a policia dos Romanos, assim no tempo do governo dos antigos Reys, como no dos Consules, segundo podéra claramente mostrar com mediano engenho, qualquer que affirmar o que quizer. E tu o podes melhor conhecer, pois te são familiares as historias de tua nação. Por tanto, deixado agora isto, torno ao proposito, que desde o principio emprendî. *Não queirais amor o mundo, nem as cousas, que estão no mundo;* diz o Discipulo amado do Senhor. E com razão; porque todas as cousas mundanas enganão os nossos ólhos com enfeites, e côres postiças. Pelo que, não se deve applicar ao erro a virtude dos ólhos, a qual se nos dêo para gozar da luz; e não nos seja occasião de morte, a que nos foi dada para o uso da vida. *Os desejos da carne* (diz o Apostolo S. Pedro) *pelejão contra a nossa alma;* e estão sempre póstos em fronteira contra o espirito. E (como se costuma nos arrayáes dos inimigos) tanto mais a carne se esforça, quanto o espirito mais se enfraquece.

§ V

13. Porem atégora, Illustre Valeriano, tenho tratado dos carinhosos, e lisônjeiros prazêres das riquezas, e das fingidas, e falsamente estimadas honras, como se o mundo estivera ainda em seu vigor, e tivesse forças para enganar-nos. Pois quanto mais se poderá arguir o engano, e a allucinação dos homens, quando já o

resplendor do mundo (que d'antes com seus relámpagos deslumbrava os mundanos, e com cara cheya de rîso, e adulterinos adôrnos requestava suas almas. mostrando falsos armores) se tem escurecido; e descóbre claramente a sua fealdade, e mentiras? Se ha tornado em negrura aquelle formoso rôsto, com que transportava os sentidos dos homens. De primeiro nos queria enganar com imagens sophisticamente compostas; e ainda com quem tinha melhor juizo, não o podia fazer: agora estão os tempos de tal sorte mudados, que todos os que quizerem, conhecerão seus embustes. D'antes carecia de bens certos, agora carece ainda dos apparentes: a penas tem já côres com que se enfeite. Já não está adornado de tantas flores; e quanto menos terá fructo, que permaneça? Se nós nos não embaraçamos, já o mundo não tem laços, com que nos prenda. Mas para que tardamos em dizer, o que faz mais força? Dizemos, que perecêrão as prosperidades, e que se desvanecêrão suas pompas. O mundo todo perece, e quasi que dá os ultimos alentos; pois para que nos cansamos em mostrar, que todo o seu valor, e contentamento se acaba, quando vemos claramente que elle mesmo se acaba? Não lhe faltão os seus bens, e forças antes de tempo; porque sua mesma velhîce traz consigo a sua debilidade. A ultima idade do mundo está chêa de males, do mesmo modo que a do homem he seguida de doenças. Temos visto, e cada dia nos passão diante dos ólhos nestas cãas do mundo, fómes, pestilencias, desástres, guerras, tremores de terra, desordem de temporáes, e monstruosos partos de animáes. Pois que he isto, senão pronósticos do fim do século, que se cança correndo, e quasi que já desfalece? O que não só affirmão as nossas fracas palavras, mas a authoridade Apostolica o confirma, quando lemos:

Vós sômos aquelles, em cujo tempo chegarão já os ultimos fins dos séculos. E havendo já muitos annos, que isto se disse, nós em que confiamos? Chega-se de préssa o dia derradeiro, não digo o nosso, mas o de todo o mundo. Cada hora nos ameaça a morte, assim a de nosso corpo, como a de todo o genero humano, pelos particulares, e pelos geráes perigos, em que cada dia cahimos. Carrega sobre mim, homem desgraçado, o temor da morte do século, como se não bastasse para fazer-me miseravel o medo da minha. Para que dissimulamos nossos espantos? Não podemos estar seguros, porque nem da nossa particular morte podemos escapar, nem da commua. Pelo que, mal afortunada he por certo a condição dos homens mundanos; e ainda agora mais na despedida do mundo, e no desfalecimento de todas as cousas; pois das presentes não podem gozar, porque perecem; nem se recreão com a esperança das futuras, porque não as merecem. O prazer da vida passa como sombra, que não se póde ter, passando seu corpo; e a futura, que he perpetua, não tem em que confiem alcançal-a: não se aproveitão dos bens temporáes, nem gozarão dos eternos. Aqui tem pouco de possessão, e para o Celestial não tem titulo. Por certo que he desgraçado, e muito para ser sentido tal estado, se o homem não faz desta cruel necessidade proveitosa virtude, mudando a affeição, e dirigindo os seus caminhos ao Soberano Bem. Porque de outra sorte os interêsses desta vida estão de tal modo destruidos, que quem não busca os bens eternos, perde a ambos. E posto que em alguma cousa se podessem gozar nesta vida, e alguma cousa valessem (como a seus amadores parece) mais he de estimar a esperança certa dos grandes bens, que a possessão dos pequenos, como te mostrarei por este exemplo. Se hum grande Senhor pro-

mettesse dar a escolher a hum homem, ou cincoenta moêdas hoje, ou a manhãa quinhentas; ou hum vaso de cobre neste dia, ou a manhãa huma peça de ouro: certamente que este escolheria o mais precioso, ainda que fosse com alguma pequena tardança. Pois considerando tu desta sorte a brevidade da presente vida, não te contentes com o vil, podendo esperar o que he de muito valor. O mundo não tem mais que dar, que o que vemos, e recebemos; e por isso não se ha de esperar delle outra cousa de mayor prêço; porque o que possuimos, já o não esperamos. Aos bens futuros se hão de trasladar todas as esperanças do século; pois em o temporal não ha mais que esperar; e (segundo acima mostrei) vale mais a esperança das cousas celestiáes, que a possessão das terrenas. E quem sente o contrario, não julga sãamente dos bens do mundo; porque os traz tanto sobre os ólhos, que os não vê; como claramente experimentamos succeder, quando unimos alguma cousa com a menina dos ólhos, que a não podemos vêr; mas se a pômos em conveniente distancia, a vemos distintamente. Assim acontece na estimação dos bens mundanos, que pelos trazer tão dentro de nós, aggravão o nosso entendimento, e não os conhecemos; e dos celestiáes, que estão mais apartados, julgamos com mais clara vista. E has de saber, que a esperança, que te tenho dito, dos bens futuros, não he vãa, pois N. Senhor Jesu Christo (assaz abonado promettedor) no-la certificou; o qual promettêo aos pobres, renunciadores do mundo, o Reyno dos Ceos, e os copiosissimos prémios da eternidade. E para inteira segurança disto, veyo em sua mesma Pessoa a tratar comnosco pelo ineffavel Sacramento da nossa humana natureza, que ajuntou com a sua Divina, restituindo-nos á amizade do Pay, fazendo-se Medianeiro entre

Deos, e os homens, como participante de ambas as naturezas, e livrou o mundo da grande divida, a que estava obrigado, pelo alto Mysterio de sua Paixão, nunca cabalmente conhecido. E (como diz o Apostolo) foy a sua Incarnação manifesta pelo Espirito Santo por cuja virtude foi concebido) descobrio-se aos Anjos, pregou-se ás gentes, crêo-a o mundo, e assim foy collocada na sua gloria; aonde tanto o exaltou seu Eterno Pay, e lhe dêo hum Nome sobre todo o nome, que todas as creaturas, quantas ha no Ceo, na terra, no mar, e nos abysmos, confessão que N. Senhor Jesu Christo he Rey, e Deos ante todos os séculos.

§ VI

14. E se queres gozar disto, deixa a doutrina dos Philosophos, em que emprégas os teus estudos, e lição, e occupa as tuas boas horas; e espirito na doutrina de Christo; na qual tão pouco te faltará campo para dilatar teu engenho; antes tenho por averiguado, que em gostando-a, conhecerás quanto se deva antepôr a sciencia da piedade, e temor de Deos aos preceitos dos Philosophos. Porque nas sentenças destes se acha a virtude só contrafeita, e a sabedoria sómente debuxada; e nesta nossa disciplina se ensina a perfeita justiça, e sólida virtude. E tanto he isto assim, que com razão affirmarei, que elles usurpárão o nome de Philosophos, e nós abraçámos a vida. Rogo-te me digas, que preceitos de viver podem dar, os que não conhecem o Author da vida? Como levarão a outros pela mão a verdadeira virtude, os que ignorão a Deos, e tropeção logo no umbral da justiça? Porque, errando ao principio, necessariamente irão sempre desencaminhados, e em

vão correrão por diante. E assim parece ser; porque os mesmos, que entre elles determinão as mais honestas regras dos costumes, não pertendem senão vaidade, e arrogancia; e por esta trabalhão de sorte, que em se absterem de vicios, não carecem de vicio. Estes são os de quem se escreve, que *sabem as cousas terrenas;* porque da terra tratão, e de seus gostos; e esta só desejão. Pois pertendendo este fim, manifesta cousa he, não possuirem a verdadeira sabedoria, nem a verdadeira virtude. Poderá por ventura ensinar a verdade algum discipulo de Aristipo, cujo entendimento não olha para o alto mais, que os ólhos dos porcos, constituindo a felicidade do homem nos deleites do corpo, e fazendo seu Deos ao seu ventre, e sua gloria a seus membros vergonhosos? Este tal julgará alguma cousa justa, e honesta, por cuja Philosophia o glotão, o prodigo, o deshonesto, e o amontoador de dinheiro são beatificados? Porèm contra os taes outro lugar haverá para disputar.

15. Cheguemo-nos ás sentenças dos mais justificados, e que a ti mais te contentão; porque desejo que deixes ainda aquellas geráes admoestações, determinadas só pela humana sciencia, e convertas teus estudos á Escripturas dos nossos, adornadas, e fortalecidas de espirito; nas quáes acharás, com que sacíes teu peito das razões, e doutrina, com que elles sómente te untão os labios; das quáes referirei algumas. Nas escripturas dos nossos (para fazer-te dar credito ás promessas divinas) acharás o que lá vés, aindaque não pelas mesmas palavras, mas a mesma sentença. As palavras de Deos não as entende, quem não as crê. Nellas serás admoestado, que se conheces a Deos por Pay, o has de amar. Allí aprenderás quáes sacrificios sejão agradaveis a Deos; porque os verdadeiros são *justiça, e misericordia.* Allí te ad-

moestarão, dizendo : *Se te ámas a ti, ama teu proximo;* porque em nenhuma cousa acharás mais o teu proveito, que no bem, que a teu proximo fizeres; e entenderás que nenhuma cousa ha tão justa, que justifique o damnificar injuriosamente a outro homem. Allí contra a deshonestidade acharás este aviso : *Resiste á luxuria; porque depois que te vencer, e tiver injuriado tua carne, escarnecerá de ti.* E para que não cobices demasiadas riquezas, acharás *Mais bemaventurado he, quem não deseja, o que não tem, que o que tem o que deseja.* E para que refrêes a ira, te dirão quão importuna senhora seja esta. Porque quem por qualquer occasião se enfada, sempre o fizéra, se sempre se lhe offerecêra occasião disso. E para que ames a teus inimigos, serás admoestado : *Ama a quem te não ama, se queres fazer mais que os máos;* porquanto estes amão a quem lhes quer bem. E para ajudar com teus bens aos pobres, acharás : *Aquelle guarda bem seu thesouro, que o repartio com os pobres;* já não o poderá perder, porque dando-lho, o assegurou. E para mais perfeita justiça, acharás : *O fructo do fiel matrimonio he a continencia.* Allí entenderás a razão, porque os desástres do mundo são communs aos bons, e aos máos; e conhecerás ser mayor miseria enfermar a alma com vicios, que o corpo com doenças. E para inculcar-te a paciencia, lerás : A *semelhança de costumes* (que costuma ser causa de amizade) *he aos impacientes occasião de discordia.* E para que não imites aos viciosos, acharás escrito *Ao homem prudente avisão os bons, e os máos; huns, o que ha de abraçar; e os outros, o que ha de fugir.* E para que consideres, e agradeças a bondade, que o Senhor usa com os homens, acharás, que recebemos muitos bens, sem que os conheçamos. Donde parece, que não nos ama mais no publico, que no occulto; e que não menos

deves dar a Deos graças na adversidade, que na prosperidade; e conhecer, que justamente te succede o adverso, e que não mereces o prospero. Allî conhecerás como a todas as cousas se estende a Providencia Divina; e que nenhuma cousa faz o homem por fado, mas por sua propria vontade. Por cuja causa ainda as leys humanas castigão os delinquentes, e premêão os virtuosos. O que muito mais justamente fará Deos, se não agora, ao menos no seu ultimo juizo. E por não conhecerem isto os ignorantes, tem por injusta a Providencia Divina, que permitte, que os máos sejão nesta vida prosperados, e os bons afflictos. Aparte Deos de nós tal pensamento. E para que perseveremos em temor de Deos, te admoestarão, dizendo *O que não queres que vejão os homens, não o faças; e o que não queres que veja Deos, não o cuides.* E contra toda a injustiça, acharás quem affirma : *Mayor miseria do homem he enganar a outro, que ser enganado.* E contra a soberba acharás advertido : *Tanto mais foge a vangloria, quanto mais aproveitares na virtude;* porque todos os vicios crescem com outros vicios, só a soberba se gèra com as boas obras. Estas, e outras sentenças philosophicas acharás muito melhor ensinadas pelos nossos, álem da sua singular, e proveitosa doutrina, com outros mais perfeitos gráos de virtude. E se depois chegares a beber da fonte da Escriptura Divina, allî convirá que esquadrinhes, e te admires mais do interior, que do que por fóra sôa. Porque a Escriptura Sagrada de tal sorte resplandece aos ólhos, que com seus clarissimos rayos (como preciosissimo carbunculo) reverbera na vista dos que a lêm. A esta maravilhosa luz deves fazer familiar o teu engenho, e com este saudável manjar matar a fóme de tua alma.

16. A qual cousa pela misericordia do Senhor espero

vêr cumprida em ti; e que, desprezado os teus costumados exercicios, e amando os nossos, aborreças a vaidade, e cobices só a medulla da virtude. Porque imprudentissimo he por certo aquelle, que pelo bem de sua alma se esforça a menos exercícios, aindaque lhe sejão difficultosos, tendo o Senhor feito por ella tantas obras; e que procurando com tanto cuidado os proveitos do homem, se dê este ao ócio, e preguiça em cousa, que tanto importa. E certamente o que mais nos convêm he, que nos restituamos ao serviço, e honra de Deos, e pertendamos a verdadeira bemaventurança, desprezadas as que chamão boas venturas do século; e que pisando as cousas terrenas, nos levantamos com ardentes desejos ás celestiáes. Eya pois, daqui por diante dirige todas as tuas obras, e palavras a Deos. Faze que em todas as tuas acções seja sempre tua companheira a innocencia, e esta será tua fiel guarda. E não temas as rêdes do máo costume passado; de préssa com a ajuda de Deos, e com os bons exercicios te desembaraçarás de seus laços; entrega-te a tal Medico que te cure; que juntamente póde dar-te a compleição, e disposição para alcançar a saûde, de que necessîtas. E (o que he summa misericordia) dar-te-ha depois o mesmo Senhor o prémio, do que por sua virtude tiveres obrado.

17. O prémio digo da vida eterna; cuja excellencia não póde agôra a alma comprehender; nem o juizo humano estimar a grandeza dos bens, que nos estão preparados. Porque se a divina magnificencia concedêo nesta vida a todos os homens o uso da luz tão amavel; se ao bom, e ao máo he licito vêr o Sol; e a todos indifferentemente servem as creaturas; e dos justos, e injustos he commua a possessão deste mundo; finalmente, se tão excellentes dons dá Deos aos virtuosos;

consideremos que quem tão gratuitamente dêo tão grandes thesouros sem devêl-os, quanto mayores serão os que pagará, a quem os tiver merecido? Quem tão liberal he em fazer mercês, quanto mais o será em pagar dividas? Se tão estimavel he a liberalidade de quem dá, quanta será a magnificencia de quem restitûe? Não se podem explicar os bens, que Deos tem preparado para os que o amão; nem comprehender a gloria, que dará aos agradecidos, quando táes cousas dêo ainda aos ingratos.

18. Levanta pois já os ólhos, e do pélago dos negocios, em que estás engolfado, ólha para a praya da nossa profissão, e a ella endireita a prôa. Só este porto ha, a que te acôlhas das perigosas ondas do mundo, e aonde descances das contînuas tormentas do século. A este convêm, que endireitem o lême, os que se achão fatigados das tempestades do mar bravo. Aqui não se ouvem os espantosos bramîdos das aguas; nem suas levantadas ondas chegão a esta enseáda; mas sempre se acha nella tempo sereno, e socegada bonança. Quando chegares a este porto, depois dos infructuosos trabalhos passados, lança a ancora da esperança, cólhe a véla na antena, posta em a figùra da Cruz do Senhor, e respira seguro. Porèm sendo isto Carta, já a sua justa grandeza pede, que lhe ponhamos fim. Recebe esta summa de celestiaes preceitos, e ramalhête de mandamentos divinos resumidos em breve doutrina, para gloria do mesmo Senhor; e do que houver errado, perdôa.

FIM DA CARTA DE SANTO EUCHERIO

APPENDIX

QUE CONTEM

DOUS TRATADOS

DOS

SACRAMENTOS DA PENITENCIA E COMMUNHÃO

TIRADOS DO

MEMORIAL DA VIDA CHRISTAA

que compôz o mesmo veneravel

P. M. Fr. LUIZ DE GRANADA

PROLOGO

DO MESMO VENERAVEL PADRE

1. Entre todos os males, que agora reinão no mundo, nenhum ha, que mereça ser mais deplorado, que o modo, que alguns Christãos tem de confessar-se, quando o manda a Igreja; porque (excepto aquelles, que vivem em temor de Deos, e tem conta com suas almas) vemos quão mal se preparão outros muitos para receber este Sacramento; e quão sem arrependimento, e sem exame de consciencia se chegão a recebel-o: donde nasce, que acabando de se confessar, e commungar, logo tornão ao passado; e apenas acabada aquella semana de penitencia, quando logo tornão ao mesmo lôdo, em que d'antes se revolvião; e como caens, apro-

veitão o mesmo, que vomitarão. He isto na verdade hum grande desprezo de Deos, de sua Igreja, de seus Ministros, e Sacramentos; e parece que he andar cada anno jogando com Deos, pedinho-lhe perdão das injurias commettidas, e protestando emendar-se, e depois a hum voltar de cabeça tornar a fazer outras mayores.

2. O castigo, que estes merecem he o mesmo, que Deos lhes dá (que he o mayor que se possa dar) e vem a ser, deixal-os andar neste jogo toda a vida; até que chegue a morte, aonde lhe aconteça o que costuma succeder, aos que nunca fizerão verdadeira penitencia até aquella hora; cujo fim regularmente fallando (como diz o Apostolo) será confórme ás suas obras; das quáes nunca fizerão verdadeira, mas falsa penitencia, como o mesmo Senhor se queixa por hum Propheta, dizendo: *Não se voltárão a mim com todo o coração, mas com mentira.* E chama aqui mentira á falsa, e apparente penitencia que estes fazem; a qual parece penitencia, mas não o he: com a qual não enganão a Deos, mas a si mesmos, pois lhes parece que tem feito verdadeira penitencia; sendo assim, que tudo, quanto tem feito, seja sem fructo.

3. Se algum pois deseja converter-se a Deos de véras e fazer verdadeira penitencia, aqui lhe declaremos em poucas palavras, o que para isto deva fazer, pondo-lhe diante dos ólhos os mais communs documentos, que para isto dão os Doutores; os quáes aindaque aos Theologos sejão muy claros, porem aos simplez (para cuja edificação se ordena esta doutrina) são muy escuros; e porisso convém, que estejão delles bem advertidos. E porque este Sacramento tem tres partes principáes; a saber, Contrição, Confissão, e Satisfação, em cada huma destas declararemos summariamente, o que se deve fazer, para que a penitencia seja perfeita.

TRATADO I

Do Sacramento da Penitencia

CAPITULO I

DA PRIMEIRA PARTE DO SACRAMENTO DA PENITENCIA, QUE HE A CONTRICÇÃO; E DOS MEYOS POR ONDE ESTA SE ALCANÇA.

1. Aquelle pois que de véras, e de todo o coração deseja voltar-se a Deos; aquelle, que entendida a vaidade do mundo, e a obrigação, que tem de servir a Nosso Senhor, quer converter-se a elle; e á imitação do filho prodigo deseja voltar á casa de seu pay, saiba, que a primeira porta, por onde ha de entrar, he a *Contrição;* porque este he hum dos mais preciosos, e estimáveis sacrificios, que podemos offerecer a Deos, segundo aquillo do Psalmo que diz: *Sacrificio he para Deos o espirito attribulado; e vós, Senhor, não desprezareis o coração contrito, e humilhado.*

2. Esta contrição tem duas partes principáes; huma he, o arrependimento, e pesar dos peccados passados; e a outra, hum firme proposito da amenda para o futuro. A razão disto vêm a sêr; porque a Contrição (propriamente fallando) he huma detestação, e aborrecimento do peccado, sobre tudo o que se póde detestar, e aborrecer, em quanto este he offensivo da Divina Magestade. Por tanto, o que tem este aborrecimento,

assim aborrece os peccados passados, como os futuros; porque assim huns, como os outros são offensivos desta Soberana Magestade. Mas os passados, como já não póde deixar de os ter commettido, peza-lhe de os haver feito; e os futuros, que ainda estão em sua mão, propõem firmemente evital-os. Do que se vê claramente, que (como diz Santo Agostinho no livro da *Medicina da Penitencia*) não basta que o homem, para aplacar a Deos, mude de vida, e se apparte dos peccados passados; mas he necessario tambem que satisfaça por elles com a dôr da penitencia, com o gemido da humildade, com o sacrificio do coração contrito, e humilado, e com obras de misericordia.

3. Pois conforme a isto, a primeira cousa, que deve procurar o verdadeiro penitente, he a dôr, e arrependimento de seus peccados, fazendo o que praticava aquelle santo penitente que dizia: *Revolverei, Senhor, na minha memoria, diante de vós todos os annos de minha vida passada, com amargura de meu coração.* Esta dôr, e amargura não ha de ser principalmente, porque merecêo por seus peccados o Inferno, e perdêo o Ceo, com todos os outros bens, que por esta causa se perdem (aindaque isto seja bom) mas sim porque perdêo, e offendêo a Deos por elles; e assim como Deos merece ser amado, e estimado sobre todas as cousas, assim tambem he razão, que sintamos têl-o perdido, e offendido sobre todas ellas; porque a mayor das offensas pede o mayor dos sentimentos; e a mayor das perdas, a mayor das dôres. Bem he verdade, que a piedade de N. Senhor, e o desejo que tem da nossa salvação, he tão grande, que aindaque a dôr não seja tão qualificada como esta, ajuntando-se com ella a virtude do Sacramento (o qual dá graça a quem não põem algum impedimento para a receber) bastará para conseguir a sal-

vação. E isto he, o que commummente costumão dizer os Theologos, que os Sacramentos da Ley da Graça fazem ao homem de *attrito contrito* porque assim como huma véla apagada de pouco, e que ainda fuméga, com hum pequeno sôpro se accende, e se faz (para assim dizer) de morta, viva; assim tambem a alma, que com a virtude da attrição está como fumegando ainda que não accêsa) sobrevindo o sôpro, e a virtude do Sacramento, vêm a accender-se de todo, e a fazer-se de morta, viva. Mas qual seja a attrição, que aqui chegue, não he dado aos homens sabêl-o, mas só áquelle Senhor, a cujos ólhos nada se esconde.

4. Deve-se tambem aqui notar, para consolação dos fracos, que não he necessario, que está dôr, que aqui pedimos, seja sempre como as outras dôres sensiveis, que residem na parte sensitiva da nossa alma, e que se resolvem em lagrimas; porque sem isto póde ser verdadeiro o arrependimento, e a dôr, quando a nossa vontade aborrece, e detésta o peccado sobre tudo, o que se póde aborrecer, e detestar; o que muitas vezes se faz sem lagrimas, e sem este genero de dôr sensivel. Mas como e porque meyos se deva procurar este genero de arrependimento, e dôr, se tratará a diante em seu proprio lugar.

5. A segunda parte (e tambem muito principal que para esta contrição se requer, he hum *firme proposito* de nunca mais offender a Deos em cousa, que seja peccado mortal; e este tambem (como a dôr) não ha de ser principalmente pelo Ceo, nem pelo Inferno, nem por algum outro proprio interêsse, mas por amor de Deos; como vemos que faz a boa, e honesta mulher; a qual tem assentado em seu coração de antes morrer, que faltar á fé, e lealdade, que deve a seu marido; não tanto pelo temor, ou interêsse, que delle espera, quanto

pelo amor, que lhe tem; aindaque o temer, e desejar as táes cousas, não seja cousa reprovada, mas proveitosa, e louvavel, e ainda dom de Deos.

6. E estando assim obrigado a ter proposito de evitar os peccados futuros, tambem he necessario que se aparte dos presentes, em que está se são mortáes; porque de outro modo a confissão não seria confissão, mas sacrilegio, e injuria do Sacramento: e por conseguinte, assim o que se confessasse, como o que absolvesse, serião sacrilegos, e profanadores do Sacramento: e assim a tal confissão não seria remissão de peccados passados, mas sim accrescentamento de outros novos. Por isso o que não quizer fazer da medecina peçonha, nem usar para sua condenação daquillo mesmo, que Deos instituio para seu remedio, trabalhe mais que tudo, por apartar-se de qualquer peccado mortal, se por ventura se acha nelle. Por tanto, o que tem ódio, e inimisade formal contra seu proximo deve sahir desta má vontade, e reconciliar-se com elle, e restituir-lhe a falla, se lha tem negado, quando, de não fazel-o assim, se houvesse de seguir algum notavel escandalo, segundo o juizo do prudente Confessor; como (por exemplo) quando o que contra vós peccou, vos pedisse perdão no foro, que chamão da consciencia, e lho negásseis; porque com isto mesmo o escandalizarieis, e provocarieis a ódio, e má vontade contra vós.

7. Do mesmo modo, o que retem o alhêo contra a vontade de seu dôno, he obrigado a restituil-o logo: e digo *logo;* porque se logo póde pagar, logo está obrigado a fazel-o; e não basta que tenha proposito, e tenção de restituir para o futuro, ou deixal-o declarado em testamento, para que se cumpra, se logo o póde fazer; aindaque seja pondo-se em necessidade; mayormente quando aquelle, a quem se deve, está constituido em outra tal.

E porque ácerca desta obrigação de pagar logo, ha muito que dizer, e tambem muito engano nos máos pagadores, quem quizer ter segura a sua consciencia, aconselhe-se com quem o saiba desenganar : e advirta-se que não só está obrigado a restituir aquelle, que tomou o alhêo, ou fez algum dano, se não tambem, o que foi causa, de que se fizesse, ou seja acompanhando, ou aconselhando, ou consentindo, ou recebendo em sua casa ao malfeitor, como a tal, ou comprando a pessoas suspeitosas, ou escondendo o furto em sua casa, ou não atalhando o mal, que se fazia, se era pessoa que o devia e podia fazer; porque todos estes, e cada hum estão *insolidum* obrigados a restituir ao danificado o dano quando este na realidade se seguio por algum dos sobreditos modos : e restituindo hum, ficão os outros obrigados a restituir a este, que pagou por todos.

8. E assim como ha restituição de fazenda, assim tambem a ha de fama ; como (por exemplo) se publiquei algum delicto grave, e occulto de meu proximo. Do mesmo modo ha tambem restituição de honra ; e isto succede, quando se lhe houvesse feito alguma injuria de palavra, ou de obra. No primeiro caso está o homem obrigado a restituir-lhe a fama, tornando a dourar com boas palavras, o que d'antes tinha desdourado (quando disto se espera fructo) : e no segundo, he necessario satisfazer ao offendido, pedindo-lhe perdão, ou recompensando a injuria ; ou com huma, e outra cousa, quando o caso assim o requeira, segundo o juizo do prudente Confessor. Pelo que temos aqui tres generos de restituição, huma de fazenda, outra de fama, e outra de honra ; em cada huma das quáes convêm attender muito á obrigação, que o homem tem, para o descargo de sua consciencia.

9. Assim mesmo aquelles, que se achão em alguma

communicação deshonesta, amisade, ou affeição desordenada, estão obrigados a despedir, e lançar de si esta pestilencia, para gozar da graça deste Sacramento. E não basta apartar o coração do peccado, he necessario tambem remover a occasião delle; porque de outra sorte mal se póde evitar este peccado; no que se enganão muitos, os quáes justificados (ao seu parecer) com o proposito, e tenção, crêm que tudo já está seguro; e não vêm, que lhes fica em casa a raiz do mal; a qual ao melhor tempo tornará a brotar. Por cuja causa diz S. Bernardo em hum Sermão sobre os Cantáres: *Queres todos os dias conversar com huma mulher, e ser tido por casto? e dado que o fosses, não podes ao menos evitar a mácula, e nota da má suspeita. Se isso fazes, digo-te que me és escandalo; por isso tira a mentira, e a causa delle; porque escrito está: Ay daquelle, por quem vem escandalo.* Porem muito mais he para temer, o que este Santo diz neste mesmo Sermão por estas palavras *Por ventura não he mayor maravilha, o morar sempre com huma mulher, e não perder a castidade, que resuscitar hum morto? Logo se não podes, o que he menos, como queres que te creya, o que he mais?*

10. Por esta causa pois convêm tirar de permeyo todas as occasiões de peccados; e especialmente quando já huma vez se rompêo o vêo á vergonha, e se abrio o caminho ao mal; porque, aberta esta porta, he impossivel (moralmente fallando) deixar de passar o mal a diante. E se dizes, que te he muy difficultoso apartar essa occasião; porque para o fazer, he necessario lançar fóra de casa tal, ou tal pessoa, a quem deves grandes obrigações, ou de quem tens grande necessidade, a isso não sei que te responda, se não o que o Salvador diz: *Se o teu pé, ou a tua mão te fôr occasião de mal, córta*

o pé, e a mão, que te dá esta occasião; porque mais vale, que vás para o Ceo côxo, ou aleijado, que para o Inferno com dous pés, ou duas mãos, etc. Bem vejo que he aspera esta cura; mas assim como ha algumas enfermidades corporáes, que não se podem curar, senão a ferro, e a fogo; cortando ás vezes hum membro, para livrar todo o corpo, assim tambem te confesso haver algumas enfermidades espirituáes, que não soffrem mais brandos remedios que este: e disto não tem culpa a Ley de Deos (que he rectissima, e suavissima) mas tu, que rompeste o véo á vergonha, e abriste a porta ao mal; e te puzeste a provocar, e a irritar huma fera dentro de seu mesmo aposento, aonde não havia pés para fugir, nem lugar, a que te acolher; e por isso não he muito que agora pagues o que mereces, e côlhas o fructo do que semeaste; e padeças muito trabalho, e difficuldade em lançar fóra de casa o inimigo; pois tu mesmo lhe abriste a porta.

Isto he quanto ao que diz respeito ás duas principáes partes da contrição; agora trataremos dos meyos, por onde esta virtude se alcança; e especialmente a sua primeira parte; isto he, a dôr, e o arrependimento do passado.

CAPITULO II

DOS PRINCIPÁES MEYOS, POR ONDE SE ALCANÇA A CONTRIÇÃO; E ESPECIALMENTE A DÔR DOS PECCADOS.

1. Aquelle pois, que de véras, e de todo o coração deseja alcançar esta pedra preciosissima da contrição, saiba, que o primeiro meyo, que ha para isto he, pedil-a a Deos com toda a humildade, e instancia possivel; porque arrepender-se o homem de seus peccados, como

convêm, he huma especialissima graça, e dom seu; e huma obra, que excede a toda a virtude, e faculdade da humana natureza: porque pelo peccado original ficou esta fóra da rectidão, e ordem natural, em que Deos a creára; sendo assim, que a creou direita, e levantada a si por amor; mas o peccado a torcêo, e inclinou para si mesma, isto he, para o amor dos bens visiveis; aos quáes ama, e estima mais que ao mesmo Deos. Por cuja causa, assim como hum homem, que das entranhas de sua mãy nasce torto, e corcovado, não ha medicina, nem virtude natural, que baste para restituil-o á sua natural rectidão, e figura, assim tambem, nascendo a nossa vontade com este genero de corcôva, e tortûra espiritual, não ha quem possa ordenal-a, e endireital-a para Deos, fazendo que o ame sobre todas as cousas, se não o mesmo Senhor, que a creou. Pois assim como não póde o homem ter este amor sobre todas as cousas sem Deos, assim tão pouco póde doêr-se do peccado, sobre todas ellas por seu amor, sem especial ajuda do mesmo Deos; porque de huma cousa se segue a outra: e por isto diz o Senhor em seu Evangelho: *Ninguem póde vir a mim, se meu Pay o não trouxer*: porque a vir a Christo nenhuma outra cousa he, que amal-o sobre todas as cousas, e doer-se do peccado sobre todas ellas; e este tal amor, e dôr ninguem o póde ter de si mesmo, como convêm ter-se, se o mesmo Deos lho não dá.

2. Obrar pois isso o Senhor com hum peccador, he a mayor graça, e mayor bem, que se lhe possa fazer; porque aindaque seja mayor bem dar gloria, que graça. com tudo mayor cousa he, tirar a hum homem do peccado, e pôl-o em graça, que depois de posto nella, dar-lhe a gloria; pois he mayor distancia, a que vai do peccado a graça, que desta á gloria. E ainda Santo Tho-

mas (tratando das obras de Deos) diz que mayor obra he a justificação, e santificação de hum peccador, que a creação de todo o mundo; porque todo o ser deste não he mais que hum bem limitado (como o são todas as cousas creadas); mas a justificação do peccador de huma participação da dignidade, e gloria de Deos, que he bem infinito.

3. Pois se esta he obra de Deos, e tão grande obra, e misericordia sua, segue-se que a este Senhor se ha de pedir com toda a humildade, e instancia possivel, perseverando nesta petição com aquella piedosa Cananéa, dizendo: *Tende, Senhor, Filho de David, misericordia de mim; porque a minha filha* (isto he, a minha alma) *he gravemente atormentada do demonio.* E aindaque o Senhor se nos mostre ao principio aspero, e rigoroso (como se mostrou com esta mulher) não afrouxemos por isso, nem desmayemos nesta pertenção; porque por isso o Senhor se mostrou tal para com ella, para que de seu exemplo aprendessemos a não desconfiar, quando assim o vissemos, mas antes perseverássemos, como ella perseverou; porque (como diz o Apostolo) fiel de Deos, e não se póde negar a ninguem. E para ajudar a fazer isto mais facilmente, se põem a diante algumas devotas orações, e considerações, para que os que por si não sabem fallar com Deos, e manifestar-lhe suas necessidades, lhas possão por aqui melhor expôr, e pedir-lhe esta misericordia,

4. O segundo meyo, que para isto serve, he recolher-se o homem dentro de si mesmo em lugar, e tempo accommodados, e considerar todas aquellas cousas, que o podem inclinar a esta dôr, e arrependimento; porque quanto mais considerar as causas, que para isto tem, tanto mais claramente verá, quanta razão tem para chorar, e sentir o seu mal; porque não

sem causa ordenou a natureza, que o mesmo sentido, que serve para vêr, sirva tambem para chorar; pois de huma cousa se segue a outra; porque o que bem vê, bem chora; isto he, o que sabe vêr os males, como elles devem ser vistos, esse os sabe chorar, como merecem ser chorados. Abra pois o homem os ólhos, e ponha-os primeiramente na multidão de seus peccados; e depois em Deos, contra quem peccou; porque cada cousa destas lhe mostrará, quanta razão tenha para doêr-se delles.

CAPITULO III

DAS CONSIDERAÇÕES, QUE NOS PODEM AJUDAR A TER DÔR DOS PECCADOS; E PRIMEIRAMENTE A SUA MULTIDÃO.

1. Para excitar pois a tua alma a esta dôr, deves primeiramente pôr diante dos ólhos a carreira de tua vida passada, isto he, todos os peccados, que nella commetteste, juntamente com o abuso de todos os beneficios, e mercês, que recebeste de Deos. E porque o peccado he hum desvio, e separação do Summo Bem, e do fim, para que o homem foi creado, considere primeiramente este fim, e verá mais claramente quão desviado tem delle andado. O fim para que Deos creou neste mundo o homem, por certo que não foi para plantar vinhas, nem edificar casas, nem amontoar riquezas, e viver em prazêres (como as obras de alguns dão a entender); mas sim para que conhecendo a Deos, o amasse, e guardasse seus mandamentos; e por este meyo conseguisse o Summo Bem, para que foi creado. Para isto lhe dêo ley, em que vivesse; Mestre que lha ensinassem; graça, com que a guardasse; Sacra-

mentos, que lha communicassem ; e inspirações, que a isto o estimulassem e de mais isto, se dêo a si mesmo em preço, e remedio de todos os seus males. Para este mesmo fim lhe dêo tambem os bens da natureza, que são a vida, a saúde, as forças, as potencias da alma, os sentidos, e membros do corpo, para que empregasse todas estas cousas em serviço de quem lho havia dado. E para isto mesmo o provêo tambem daquelles bens, que chamão da fortuna, para que com elles conservasse a vida, e soccorreste a alhêa necessidade; e delles finalmente se ajudasse tambem para merecer a gloria.

2. Estes, e outros semelhantes são os bens, e soccorros, que Deos te tem dado, para que por meyo delles o amasses, e conhecesses, e com elles o servisses. Vê pois agora de que modo tens usado de todos estes beneficios, e como tens cumprido com todas estas leys, e obrigações. Porque primeiramente, se reflectes ao fim para que Deos te creou, e consideras o que tens feito, verás claramente, quão desencaminhado tens andado, e quanto te tens delle afastado; porque Deos creou-te para si, isto he, para que nelle empregasses todo o teu entendimento, memoria, e vontade ; como tambem todo o teu amor, a tua fé, e a tua esperança ; e tu esquecido de tudo isto, te tens empregado todo em a vileza das creaturas, desprezando ao Creador; applicando, e attribuindo a ellas, o que só a elle se devia. A ellas amaste, e adoraste; nellas puzeste a tua confiança, a tua esperança, o teu descanço, e todo o teu contentamento ; que foi o mesmo, que dar ás creaturas, o que era proprio do Creador ; e pôr nas cousas da terra, o que devias pôr nos bens do Ceo. Por aqui tambem verás, quão mal tens cumprido com a primeira de tuas obrigações, isto he, com o primeiro dos Mandamentos de

Deos, que a este fim se dirige. Se não considera, quão esquecido tens vivido deste Senhor, pois quasi toda a vida se te ha passado sem lembrar-te delle; quão ingrato tens sido a seus beneficios, tendo-lhe dado tão poucas graças por elles; quão pouco caso tens feito de seus mandamentos, havendo-os tantas vezes quebrantado; quão pouco amor tens tido, a quem tanto merecia ser amado, tendo-o tão grande ás pouquidades, e ninharias deste mundo; e finalmente, quão pouco temor tens tido áquella tão grande Magestade, temendo tanto aos vis bichinhos da terra.

De mais disto, quantas vezes juraste, e perjuraste o seu Santo Nome em vão, trazendo-o arrastado em tua boca immunda, para testemunho, e confirmação de tuas porfias, e mentiras? Como santificaste as festas, instituidas para o glorificar, e louvar, e para chorar os peccados da vida passada; pois estavas esperando por estes dias para accrescentar peccados a peccados, e celebrar festa aos demonios.

4. Que honra tens dado a teus pays naturáes, e aos espirituáes isto he, a teus Prelados e Superiores, tendo feito tão pouco caso de todas as suas leys, e preceitos? Que amor, e fraternidade tiveste para com teu proximo, tendo-o tantas vezes por teus pundonôres, e cousas de nenhuma entidade, pisado, desprezado, maltratado, e desejado-lhe a morte? Como guardaste teu corpo, e alma do vicio carnal; havendo-te tantas vezes por obras, palavras, pensamentos, desejos, e voluntarias deleitações cravado neste lôdo; e tendo profanado o templo que Deos para si tinha consagrado? Quem explicará aqui a soltura de teus olhos? a torpeza de teus pensamentos? a deshonestidade de tuas palavras? tuas galas? teus passeyos? teus tratos, conversações, e invenções de maldade? E que direi dos furtos de tua avareza,

pois nenhuma outra cousa estimavas, nem adoravas mais que o dinheiro, fazendo delle ultimo fim, servindo-o, amando-o, e obrando por elle, o que só por Deos se devia fazer? Pois á soltura de tua lingua, tuas murmurações, detrações, infamias, injurias, lisônjas, maldições e mentiras, quem as poderá explicar, pois quasi todas as tuas práticas, e conversações nisto se consomem?

5. Depois dos divinos mandamentos, discorre tambem por aquelles sete peccados, que chamão *Capitães*, e verás quanta parte te cabe delles. Quanta tem sido a ambição, a presumpção, a vangloria, e soberba de teu coração? Quanta a jactancia de tuas palavras? e quanta a vaidade de tuas obras? Quantas tem sido as tuas iras? Quantas tuas invejas? Tuas glotonarîas, e regálos de teu corpo? Quanta a tua preguiça, e negligencia para todo o bem? E quanto a ligeireza, e promptidão para todo o mal? Discorre tambem pelas obras de misericordia, assim corporáes, como espirituáes; e quão pouca conta tens tido com ellas? e quão pouco caso fizeste das necessidades, e miserias alhêas, sendo tão piedoso para com as tuas?

6. Pois entrando a discorrer pelos beneficios divinos, rogo-te me digas, como tens usado delles? A vida, que Deos te dêo, em que a occupaste? O engenho, as forças, e habilidades naturáes, em que as empregáste? A fazenda, e os outros bens temporáes, em que os gastaste? Porque (se queres confessar a verdade) tudo isto consumiste em vaidades, e offensas suas. De sorte, que dos mesmos bens, que recebeste de Deos, fizeste armas contra Deos; e por onde estavas obrigado a fazer-lhe mayores serviços, lhe fizeste mayores offensas, tomando motivo para mais o offender, donde o havias de tomar, para mais o amar. Finalmente de tal sorte tens vivido,

como se nenhuma obrigação devêras a Deos; como se nada recêberas de sua mão; ou como se tu mesmo te crearás, e não dependêras de Deos.

7. Pois quem tiver ólhos para vêr todas estas miserias e entender quão perdidos, e errados tem sido seus caminhos, e quão mal tem cumprido com todas estas obrigações, e mandamentos, não será razão que chore, e se desfaça todo em lagrimas com a consideração de males tão grandes? Que sente quem isto não sente? que chora, quem isto não chora? só se he quem não tem ólhos, para vêr tão grande estrago, que elle mesmo tem feito em todos os bens de sua alma.

§ I

SEGUNDA CONSIDERAÇÃO, DO QUE SE PERDE PELO PECADO.

8. Considerada assim a multidão de teus peccados, reflecte logo ao que por elles se perde; para que vejas por aqui o muito, que perdeste, e quantas vezes o perdeste; para que ao menos isto te despérte, e mova á dôr, e penitencia; pois em nenhuma outra cousa he mais bem empregado o pêsar, que nesta; porque (como diz S. João Chrysostomo) nenhuma perda ha no mundo, que se restaure com a dôr, e pêsar, senão só a do peccado: pelo que em todas as outras materias he mal empregada, excepto só nesta. O que quizer pois alcançar esta tão saudavel dôr, considere com toda a humildade, e attenção, o que se perde por hum peccado mortal; e por aqui verá quanta razão tem para dôer-se delle.

9. Porque primeiramente, pelo peccado se perde a graça do Espirito Santo; a qual he hum dos mayores dons, que Deos póde dar a huma creatura nesta vida.

Perde-se a caridade, e amor de Deos, que anda sempre em companhia desta mesma graça; e se he muito perder a de hum Principe da terra, bem se vê quanto mais o será, perder a do Rey do Ceo, e da terra. Perdem-se as virtudes infusas, e dons do Espirito Santo (ainda que não se pérca a fé, nem a esperança) com os quáes a alma estava afformoseada, e ornada em os ólhos de Deos; e armada, e fortalecida contra todo o poder, e forças do inimigo. Perde-se o direito ao Reyno dos Ceos (que tambem procede desta mesma graça;) pois por ella se dá a gloria. Perde-se o espirito de adopção, que nos faz filhos de Deos; com o qual no dá espirito e coração de filhos para com elle; e junto com este espirito se perde o tratamento de filho e a paternal providencia, que Deos tem daquelles, que recebe por táes; o que he hum dos grandes bens, que neste mundo se podem possuir. Perde-se por aqui a paz, e serenidade da boa consciencia, juntamente com os regálos, e consolações do Espirito Santo; e o fructo, e mérito de todos quantos bens se tem feito em toda a vida até áquella hora. Perde-se finalmente a participação dos bens de toda a Igreja, dos quáes não se goza do modo que se gozava, quando se estava em graça. Tudo isto se perde por hum peccado mortal; e o que por elle se ganha he, ficar o homem condenado ás penas do Inferno para sempre; ser riscado por então do livro da vida; e de filho de Deos, fazer-se escravo do demonio; e de templo, e morada da Santissima Trindade, cóva de ladrões, e ninho de basiliscos.

10. Entre as quáes perdas, a mayor, e mais digna de chorar-se he, ter perdido a Deos; porque esta he a raiz, e causa de todas as outras perdas. Porque perder a Deos, he deixar hum de o ter por Pay seu especial, por seu Tutor, Pastor, Defensor, e por todas as cousas; e de piedo-

sissimo Pay, fazêl-o inimigo, e sevéro juiz. Pois quem tão grande bem como este, tem perdido, não será razão que chore, e que sinta tão grande mal? *Não te alegres, ó Israel* (diz o Propheta) *não te gozes como os outros póvos, pois foste infiel a teu Deos.* Caminhando huma vez o exercito do Tribu de Dan para conquistar certa Cidade, alguns delle entrárão dentro de huma casa, que estava no caminho, e furtárão hum idolo de prata que, nella havia, e indo atraz delle seu dôno chorando, perguntarão-lhe os ladrões, porque chorava; ao que respondêo; *Pois como? Tendes-me levado o meu Deos, e perguntais-me porque choro?* Pois se este malaventurado chorava tanto por lhe haverem tirado hum Deos de metal, que elle tinha fabricado (tendo por tão justas, e devîdas as lagrimas derramadas por esta perda) que será razão sinta hum Christão; pois sabe de certo, que todas quantas vezes peccou, outras tantas perdêo, não a hum Deos falso, que elle mesmo tivesse feito, mas ao verdadeiro Deos, que fez todas as cousas?

11. Pois este tão grande bem (com todos os mais) se perde pelo peccado; para que vejas, se tem razão de gemer do coração, quem tantos bens perdêo; e quem de tão grandes riquezas, e tanta gloria cahio em tão grande pelágo de miserias. Pois como não chorará, como não se confundirá, quem assim se despenhou em tantos males? Abre, alma miseravel, os ólhos (diz hum Santo Doutor) e vê, o que eras, e o que és; aonde estavas, e aonde estás. Eras *Esposa* do Altissimo, eras *Templo* de Deos vivo, eras *Vaso* de eleição, eras *Thálamo* do Rey eterno, eras *Throno* do verdadeiro Salomão, eras *Cadeira* da Sabedoria, eras *Irmãa* dos Anjos, e *herdeira* dos Ceos. Tudo isto eras, e cada vez que digo *eras, eras*, he necessario que gemas. Pois que

mudança tão grande tem sido esta? A esposa de Deos se fez adultera de Satanaz? o templo do Espirito Santo mudou-se em cóva de ladrões? o vaso de eleição, em vaso de corrupção? O thálamo de Christo, em lamaçal de animáes immundos? A cadeira de Deos, em cadeira de pestilencia? A irmãa dos Anjos, em companheira dos demonios? e a que voava como pomba pelo Ceo, se arrasta agora como serpente pela terra? Chora-te pois, ó alma miseravel, chora-te, pois te chorão os Ceos, te chora a Igreja, e te chorão todos os Santos: chorão-te as lagrimas de S. Paulo, porque peccaste, e não fizeste penitencia dos males, que obraste; chorão-te as lagrimas dos Prophetas, porque vêm vir já sobre ti o furor da divina justiça; chorão-te (muito mais que aos muros de Jerusalem caidos por terra) as lagrimas de Jeremias, por vêr derribada do Ceo á nobre Israel; por vêr que a filha de Sião perdêo toda a sua formosura.

§ II

TERCEIRA CONSIDERAÇÃO DA MAGESTADE, E BONDADE DE DEOS, CONTRA QUEM PECCAMOS.

12. Pois se passas mais adiante, e consideras a grandeza da Magestade, e Bondade de Deos, contra quem peccaste, aqui acharás ainda mais abundante materia para a dôr; porque he cousa certa, que quanto a pessoa offendida he mayor, tanto he mayor a offensa, que se lhe faz; e daqui nasce, que se a pessoa offendida he de infinita dignidade, tambem a offensa feita contra ella, será de infinita gravêza, como na realidade o he. Pelo que, quanto o homem penetrar mais a immensidade da Divina Magestade, tanto mais pene-

trará tambem a gravêza, e malicia de seu peccado. Levanta pois os ólhos ao alto, e vê (se podes) quão grande seja a nobreza, a riqueza, a dignidade, a sabedoria, a formosura, a gloria, a bondade, a magestade, a benignidade, e poder deste Senhor; e quão grandes sejão as obrigações, que todas as creaturas lhe tem; e por aqui de algum modo entenderás a gravêza das culpas, que contra elle commetteste.

13. Mas entre todas as grandezas, e perfeições, a que mais costuma mover os corações dos verdadeiros penitentes, he a da divina bondade, especialmente a quem tem já alguma experiencia, e conhecimento della : a qual bondade, aindaque se conheça por outros muitos meyos, porem principalmente se deixa vêr pelo inestimavel beneficio da Incarnação, e Paixão do Filho de Deos; e pela instituição do Santissimo Sacramento do Altar; no qual todos os dias se offerece por nós, e se nos communica, e móra em nossa companhia. Porem isto se poderá conhecer algum tanto mais em particular, considerando o modo, com que este Senhor trata a seus escolhidos, e amigos, aos quáes muitas vezes visita com tantas, e tão grandes consolações, com tantos, e tão grandes favôres, com tão grande luz, e tanta abundancia de paz, e alegria espiritual, que muitas vezes não póde a fraqueza do coração humano soffrer o impeto de tão grandes consolações. E assim se escreve de hum daquelles Santos Padres do Ermo, que estando algumas vezes em oração, dizia : *Senhor, detende hum pouco as ondas de vossa consolação.* E ainda outras vezes dizia *Senhor, apartai-vos de mim, porque não posso soffrer a grandeza de vossa suavidade.* Este pois he Deos, e estes os favôres, os regalos, e beneficios, que os bons costumão receber de tal nobreza, de tal bondade, de tal suavidade, e de tal

misericordia; porque não he muito, que lhes dê a beber do Caliz de suas delicias, quem por elles bebêo o da Paixão.

14. Pois quem pondo diante dos ólhos esta tal bondade, e se lembra de quantas vezes a offendêo, não será razão que chore, e ainda deseje fazer-se todo ólhos para chorar tão grande mal? De hum daquelles Monges antigos, escreve S. João Climaco, que (por causa de huma culpa, em que cahíra) pedio ao Abbade do Mosteiro, o deixasse ir para á casa dos penitentes, que se chamava *Carcere*, para fazer penitencia daquelle peccado; e alcançada a licença (aindaque contra a vontade do Prelado, porque a sua culpa era merecedora de misericordia) foi tão grande a dôr, que allí recebêo a sua alma, por ter offendido a hum tal Senhor, que dentro de oito dias (traspassado o seu coração com a espada da dôr, aguçada pela caridade) dêo o espirito a Deos. Vê agora tu, quão grande seria a dôr, que em tão breve tempo bastou para tirar-lhe a vida. Deste modo pois sentem o peccado aquelles, a quem Deos abre os ólhos, para vêr a grandeza da malicia, que nelle se encerra. Pois se este Santo penitente sentio tanto hum só peccado, que commettêra, que será razão sinta, quem a mayor parte da vida gastou em accrescentar peccados a peccados, e multiplicar sempre offensas contra Deos?

§ III

QUARTA CONSIDERAÇÃO, DA INJURIA QUE SE FAZ A DEOS COM O PECCADO.

15. Considera tambem (alem disto) a grande injuria, que se faz a Deos com o peccado; para que

vejas por aqui, quanto o deves sentir: porque todas as vezes que peccamos, passa em nosso coração este juizo practico (aindaque nós o não sentimos) e he, que de huma parte se nos põem diante o proveito do peccado (isto he, o deleite, ou interêsse porque peccamos); e de outra a offensa, que fazemos a Deos, cuja amizade perdemos por aquelle peccado; de modo, que em huma balança se põem Deos, e em outra o tal interêsse; e pôsto o homem no meyo, determina-se antes perder a amizade de Deos, só por não perder aquelle interêsse.

16. Que cousa pois póde haver mais horrivel que esta? Que cousa mais indigna para com aquella tão grande Magestade, que antepol-a a huma cousa tão baixa? Que cousa mais similhante a que fizerão os Judeus, quando póstos diante de seus ólhos Christo, e Barrabás, para que elegessem hum dos dous, disserão, que antes querião a Barrabás, que a Christo? Que he isto, se não (quanto he da parte da nossa má obra) tirar a Deos a corôa, e a gloria, que como a ultimo fim se lhe deve, e dal-a ao interêsse, ou ao deleite? Porque quem estima em mais o deleite, que a Deos, e o antepõem a Deos, já (quanto he da sua parte) tira a este Senhor a dignidade de ultimo fim, e a dá ao deleite; que he como tirar a corôa ao Creador, e pôl-a em sua creatura. Pois que cousa mais horrivel que esta? Aos mesmos Ceos manda Deos, que se espantem disto, dizendo por Jeremias: *Espantai-vos, Ceos, sobre este caso, e vossas portas cayão de pasmo; porque dous males tem feito este meu pôvo; a mim me desamparárão, que sou fonte de agua viva, e forão-se a beber a humas cisternas rotas, que não podem conter as aguas.* Pois quem considera quantos milhares de vezes tem feito a Deos esta injuria, como não tremerá?

Como não desejará que seus ólhos se fação fontes de lagrimas, para chorar dia, e noite tão grande mal? Vè pois, ó miseravel de ti, contra quem peccaste? e porque peccaste? que deixaste? e que tomaste? que perdeste? e que ganhaste: e envergonha-te agora, que ainda he tempo, para que depois não fiques eternamente confuso em o divino juizo.

§ IV

QUINTA CONSIDERAÇÃO; DO ÓDIO, QUE DEOS TEM CONTRA O PECCADO.

17. Ajudar-te-ha tambem para alcançar esta santa dôr, e aborrecimento ao peccado, a profunda consideração da grandeza do ódio, que Deos lhe tem; o qual he tão grande, que não ha entendimento humano, que o possa comprehender. E ainda he certo, que se de todos os entendimentos creados se fizesse hum só entendimento, e de todas as linguas huma só lingua, tudo isto não bastaria para entender, e declarar a grandeza deste ódio. E a razão he manifesta; porque he certo, que quanto hum he mais bom, tanto mais ama a bondade, e aborrece a maldade; pelo que, sendo Deos bom, e não de qualquer modo, mas infinitamente bom, daqui nasce ter elle hum infinito amor á bondade, e hum infinito ódio á maldade; e assim premêa áquella com gloria eterna, e castiga esta com tormento eterno, e com privação de bem infinito. E alem disto he certo, que aborrece Deos tanto o peccado, quanto elle merece ser aborrecido, isto he, confórme a malicia, e deformidade, que nelle ha; e sendo esta malicia infinita (pois he contra Deos, cuja Magestade he infi-

nita) segue-se, que he infinito o ódio, e aborrecimento, que lhe tem.

18. Mas para entender a grandeza deste ódio, fará muito ao caso, considerar profundamente a alguns dos mais espantosos castigos, que Deos tem feito neste mundo contra o peccado; porque como pelas obras se conhece o coração, por estes castigos de Deos conheceremos alguma cousa da grandeza do ódio, que lhe tem. Dize-me pois agora, quão grande foi o castigo daquelle formosissimo Anjo com todos os seus sequazes? pois por hum só peccado, sendo huma tão nobre creatura, se fez a mais abominavel do Inferno; e sendo tão grande amigo de Deos, se fez o mayor de seus inimigos. Que castigo não foi tambem o do primeiro homem, com toda a sua posteridade? o de todo o universo mundo, afogado nas aguas do diluvio? o daquellas cinco Cidades, que ardêrão com chammas vindas do Ceo? o de David por seu adulterio? o de Saul por sua desobediencia? o de Heli pela negligencia em castigar seus filhos? o de Nabuchodonosor por sua soberba? o de Ananîas, e Saphîra por sua avareza? e finalmente o das penas do Inferno, que durarão para sempre, que he castigo proprio de peccados? Mas sobre tudo isto, quão grande foi o castigo, e satisfação, que Deos tomou sobre as cóstas de seu Filho pelos peccados do mundo? He este ainda muito mais digno de espanto, que todos os passados, pela infinita dignidade da pessoa, em que foi executado. Cada hum destes castigos (se attentamente se considera com todas as suas partes, e circunstancias) nos ajudará grandemente, para entender o espantoso rigôr da divina justiça; e o grande ódio, que Deos tem contra o peccado: com o que se despertará em nossos corações o temor do mesmo Deos, e a dôr, e aborrecimento aos peccados; pois verdadei-

ramente tanto merecem ser aborrecidos, quanto Deos os aborrece. Mas já que tu, nem outro qualquer, lhes póde ter este grande aborrecimento, ao menos aborrece-os quanto te seja possivel; e pede sempre ao Senhor augmente em ti este ódio; porque nelle está huma muy grande parte da verdadeira penitencia, e da justiça, e perfeição Christãa.

§ V

SEXTA CONSIDERAÇÃO, DA MORTE, E DO QUE DEPOIS DELLA SE HA DE SEGUIR.

19. Tambem lhe razão, que a memoria das penas do Inferno (que são tão terriveis); e a daquelle juizo universal (que será tão rigoroso); e a do particular logo depois de nossa morte (que a cada hora nos espera) nos mova a esta dôr, e temor de nossos peccados; pois cada cousa destas pela sua parte ameaça tão grandes males, a quem for culpado; e isto tanto mais proximo, quanto menos lhe póde restar de vida. Porque quando este prazo chegar (e cada hum deve ter para si, que está muy pérto) que fará? que dirá? que sentirá? Porque então allí he, quando cada hum dos máos poderá com verdade dizer: Ó alma minha, já se chegou o termo de tua soberba, de tuas vaidades, de tuas loucuras, e dos deleites de tua carne, aos quáes amaste, e obedeceste mais que a Deos; pois por elles tantas vezes o offendeste: aonde estás pois agora vaidade, e soberba minha? aonde fostes, deleites, e regalos meus? que me déstes? que me deixastes nas mãos por tantos annos, que gastei em vosso serviço? Por vós troquei a vida eterna; perdi o Ceo, e ganhei o Inferno; por vós perdi

bens infinitos, e mereci ser perpetuo companheiro dos demonios. Pois que he, o que me tendes deixado em recompensa de tantos males? Pois se isto ha de passar assim; se todos estes espinhos, e remórsos de consciencia hão de então atormentar teu coração (e por ventura em vão) quanto melhor será, que os padeças, e sintas agora com grande proveito; e entres em juizo comtigo, para que não sejas então allí julgado por Deos?

§ VI

SETIMA CONSIDERAÇÃO, PROCEDIDA DOS BENEFICIOS DIVINOS.

20. Mas sobre todas estas cousas augmentará este aborrecimento, e dôr, a consideração da multidão dos divinos beneficios; porque quanto mais profundamente considerares, quão bom tem sido Deos para comtigo, tanto mayor será a confusão, que conceberás, vendo. quão máo hajas sido para com elle: porque por aqui pertendião muitas vezes os Prophetas excitar o povo de Deos á dôr de suas culpas; e por aqui começou Nathan a encarecer o peccado de David, quando antes que o reprehendesse do adulterio, em que cahíra, lhe trouxe á memoria as mercês, e beneficios, que de Deos tinha recebido.

21. Pois confórme a isto, podes tambem trazer á memoria a multidão destes divinos beneficios, e especialmente o da Creação, Conservação, Redempção. Baptismo, Vocação á Religião Christãa, inspirações divinas, preservação do mal, com outros innumeraveis, que N. Senhor te haverá feito: porque, se lhes souberes bem fazer a conta, acharás, que quantas cousas ha no Ceo, e na terra; quantos membros, e sentidos tens

em teu corpo; e quantos momentos vives de vida, são beneficios seus; e finalmente beneficios seus são, o pão que comes, a terra que pisas, o Sol que te aquenta, o Ceo que te allumîa, com tudo o mais. E para dizer tudo em huma palavra; todos os bens, e males do mundo são beneficios seus; porque todos estes bens creou para ti, e de todos estes males, ou da mayor parte delles, te tem livrado; sendo certo não haver mal, que padeça hum homem, que o não possa tambem padecer outro homem. Pois que cousa mais digna de sentir-se, que ter vivido com tão grande esquecimento, e ingratidão para com hum Senhor, em cujos braços andavas? a cujos peitos te sustentavas? com cujo espirito vivias! cujo Sol te aquentava? cuja providencia te regia? e em quem finalmente te movias, vivias, e eras? Que mayor maldade póde ser, que haver perseverado tanto tempo em offender, a quem sempre perseverava em beneficiar-te, e ter commettido tantos males, contra quem te fazia tantos beneficios?

22. Mas sobre tudo isto, que mayor maldade póde ser, que offender, a quem por ti andou tantos caminhos, fez tantos jejuns, derramou tantas lagrimas, fez tantas orações, soffrêo tantas injurias, padecêo tantos trabalhos, tantas deshonras, tantas infamias, e tantas, e tão grandes dôres? Porque certo he, que tudo isto padecêo pelos peccados, assim para satisfazer por elles, como para dar-nos a entender o ódio, que lhes tem; pois tanto fez para destruil-os. Olha pois agora tu, quanta razão terás para desfazer-te em lagrimas, vendo quantas vezes com teus peccados tens de novo esbofeteado, açoutado, e crucificado a hum tal Senhor, que tudo isto padecêo por ti.

3. Considerando pois o homem por huma parte esta tão maravilhosa piedade, e liberalidade de Deos para

comsigo; e por outra, esta sua tão grande ingratidão, e rebeldîa para com hum tal Senhor, volte-se a elle com hum coração contrito, e humilhado, e diga assim.

CAPITULO IV

ORAÇÃO PARA DESPERTAR NA ALMA A COMPUNÇÃO, E DÔR DOS PECCADOS.

1. Oh Unigenito Filho de Deos, grandes, e ineffaveis são os beneficios, que de vós tenho recebido. Levantaste-me do lôdo, e pó da terra, e creaste a minha alma de nada a vossa imagem, e semelhança, e a fizeste capaz da vossa gloria. Déste-me entendimento, memoria, vontade, e livre arbîtrio com todos os membros, e sentidos, para que com elles vos conhecesse, e amasse. Guardaste-me na estreiteza do ventre de minha mãy, para que não morresse allî sem a agua do Santo Baptismo. Soffreste-me tanto tempo depois de tantos peccados, até á hora presente, havendo outros muitos menos culpados que eu, os quáes (pelos não haver esperado tanto) estarão por ventura agora ardendo no inferno. E sobre tudo isto, tiveste por bem fazer-vos homem, e conversar entre os homens por amor de mim; e ser por meu amor angustiado, afflicto, entristecido, coberto de suór de Sangue, preso, atado, esbofeteado, cuspido, desprezado, blasfemado, escarnecido, e vestido por zombaria de branco, e purpura por amor de mim. Por meu amor quizeste ser despedaçado com açoutes, corôado com espinhos, ferido com huma cana, ter cobertos os ólhos com hum veo, ser sentenciado á morte, e levado ao lugar della com a Cruz ás costas, na qual foste com duros cravos traspassado, e

pôsto entre ladrões, reputado como máo, e refrigerado em vossa sêde com fel, e vinagre; e finalmente morto com cruelissima morte. Deste modo, Senhor, me remiste com tantos trabalhos, e eu vilissimo, e perversissimo peccador, sendo a todos estes beneficios ingrato, outras tantas vezes vos esbofetiei, e crucifiquei com meus peccados; por cuja causa merecia, que todas as creaturas se levantassem contra mim, e tomassem vingança de vossas injurias.

2. Pois que direi (de mais de tudo isto) do abuso de vossos Sacramentos, e das medicinas, que com vosso precioso Sangue para mim ordenaste? lavaste-me, e recebeste-me por vosso em o Santo Baptismo; allî fui adoptado por filho, e consagrado como templo vosso, e ungido como Sacerdote, Rey, e lutador, que sempre havia de lutar com o inimigo; allî desposaste minha alma comvosco, e me déste todos os adôrnos, que para esta dignidade se requerião. Pois que fiz eu de todas estas joyas, que me déste? que côbro puz eu em guardar tanta riqueza? Tomaste-me por filho, e eu fiz-me escravo do peccado; consagraste-me por templo vosso, e fiz-me morada do demonio; armaste-me Cavalleiro, e passei-me ao bando de vosso inimigo; fizeste-me Rey, e levantei-me com o reyno, que me déste; desposaste minha alma comvosco em perpetua caridade, e eu amei mais a vaidade que a verdade, e á creatura mais que ao Creador. Razão pois fôra, Senhor, que tivéra começado a chorar, quem tudo isto tem feito. Isto he, o que esperais de mim ha tanto tempo, quanto he o que me dais de vida: para isto tantas vezes me tendes chamado, e soffrido, açoutado, e acariciado, e por todas as vias querido trazer-me a vós. Tendes-me esperado, e eu tenho abusado da vossa paciencia; haveis-me chamado, e tenho-me feito surdo ao vosso chamamento; deste-me

tempo de penitencia, e eu me aproveitei delle para minha soberba; feriste-me, e eu não o senti; affligiste-me, e não quiz receber a correcção: Suaste, Senhor, e trabalhaste para alimpar-me, e com tudo isso não se despedio de mim a ferrûgem dos vicios, nem ainda com o fogo de vosso amor. Endureci-me com os castigos, e com os affagos; rebelde para huma cousa, e ingrato para a outra. Mas com tudo isto, Senhor, já que vós tantas cousas por meu amor tendes soffrido, e me mandais, que não desconfie, de todo me volto á vossa misericordia, e vos supplico me deis graça para emendar-me; para que daqui por diante de tal sorte vos agrade, que nunca já mais me aparte de vós por todos os séculos dos séculos. Amen.

CAPITULO V

SEGUE-SE OUTRA ORAÇÃO PARA PEDIR A DEOS PERDÃO DOS PECCADOS.

1. Soberano Creador de todas as cousas, reflectindo entre mim mesmo, quão gravemente tenho offendido com meus peccados a vossa infinita Magestade, me espanto da minha loucura, considerando a quão benigno, e magnifico Pay tenho deixado; mal digo á minha ingratidão, vendo de quão nobre liberdade tenho cahido em tão miseravel escravidão; condeno o meu desatino, e não sei que possa pôr diante de meus ólhos, senão juizo, e inferno; porque a vossa justiça (da qual não posso fugir) atemoriza a minha consciencia. Mas pelo contrario, quando considero aquella vossa grande misericordia, que (segundo o testemunho de vosso

Propheta) supéra a todas as vossas obras, logo huma suave esperança recrêa, e alenta a minha triste, e afflicta alma. Porque como perderei eu a esperança de achar perdão naquelle, que pelas Escrituras de seus Prophetas tantas vezes convîda o peccador á penitencia, dizendo, que não quer a sua morte, mas sim que se converta, e viva? E de mais disto, vosso unigenito Filho nos manifestou por muitas comparações, quão prompto, e apparelhado está o vosso perdão para todos os arrependidos. Isto nos significou pela drachma perdida, e achada; isto pela ovelha desgarrada, e trazida sobre os hombros de seu Pastor; e muito mais pela parábola do filho pródigo, cuja imagem reconheço em mim; porque eu sou o que injustissimamente vos desamparei a vós, Pay meu amantissimo; e dissipei gastando mal a minha fazenda; e obedecendo aos appetîtes de minha carne, fugí da sujeição de vossos mandamentos, e cahí no torpissimo captiveiro dos peccados; e fiquei reduzido a extrema miseria, da qual não sei outro, que me possa tirar, senão só aquelle, a quem eu desamparei.

2. Receba pois, Senhor, vossa misericordia ao humilde, que vos pede perdão, já que tão benignamente atégora o tendes esperado. Não mereço levantar os ólhos a vós, nem chamar-vos Pay; mas vós, que verdadeiramente sois Pay, tende por bem olhar-me com ólhos de tal; porque só a vossa vista resuscita os mortos; e ella he, a que faz tornar a si os perdidos, pois ainda até o mesmo pêsar que tenho, não o podéra ter, se vós me não houvereis pôsto os ólhos. Quando andava longe de vós perdido, olháste-me desde o Ceo, e abriste-me ôs ólhos, para que eu me visse, e achasse cheyo de tantos males; e agora sahís a receber-me, dando-me conhecimento, e lembrança da innocencia

perdida. Não peço, Senhor, vossos abraços, nem vossos ósculos; não peço a vestidura rica, que costumava vestir-me, nem o anel de minha antiga dignidade; nem que me admittais ao estado, e honra de vossos filhos, assaz bem me irá, se me contares entre vossos escravos, marcado com o vosso sinal, e atado com vossas cadêas, para que não possa já mais fugir de vós. Não me pezará ser nesta vida hum dos mais desprezíveis escravos de vossa casa, com tanto que para sempre me não veja eu separada de vós. Ouví-me pois, Pay piedoso, e dai-me o favor de vosso unigenito Filho, e o remedio de sua morte. Concedei-me o vosso espirito, o qual purifique o meu coração, e o confirme em vossa graça; para que não torne por minha ignorancia ao desterro, donde me chamou a vossa clemencia; vós que viveis, e reinais em os séculos dos séculos. Amen.

CAPITULO VI

OUTRA ORAÇÃO PARA PEDIR A DEOS PERDÃO DOS PECCADOS.

Esta oração, Christão Leitor, deve rezar por alguns dias com todo o socêgo, e devoção possivel, o que deseja alcançar a contrição, e perdão de seus peccados; porque nella verá claramente o muito, que deve a Deos; e quanto deva arrepender-se, por ter offendido a hum tal Senhor.

1. Quem dará á minha cabeça, e a meus ólhos fontes de lagrimas, e chorarei dia, e noite meus peccados, e a ingratidão contra Deos, meu Creador? Muitas cousas ha, Senhor, muy poderosas para compungir os cora-

ções dos homens, e trazel-os ao conhecimento de seus peccados; mas nenhuma tanto como o considerar a grandeza de vossa bondade, e a multidão de vossos beneficios, ainda para com os mesmos peccadores. Pois para que a miseravel de minha alma deste modo se confunda, começarei, Senhor, a contar alguma cousa de vossos bens, e de meus males, para que se veja por aqui mais claramente quem sois vós, e quem sou eu; e qual haveis vós sido para comigo, e qual eu para com-vosco.

2. Tempo houve, Deos meu, em que eu não era, e vós me déste o ser, e me levantáste do pó da terra, e me creáste á vossa imagem, e semelhança. Desde o ventre de minha mãy, vós sois meu Deos; porque desde o primeiro instante de meu ser atégora, tendes sido meu Pay, meu Salvador, meu Defensor, e todo o meu bem. Vós allî formaste meu corpo com todos os seus sentidos, e creaste minha alma com todas as suas potencias; e atégora tendes conservado a minha vida com os beneficios, e regalos de vossa providencia. Tudo isto era pouco para a vossa grandeza; porque aindaque em si era muito (pois era tudo) mas como vos não custava nada, quizéste dar-me alguma cousa, que vos custasse muito, para ter-me mais obrigado. Desceste do Ceo á terra, para buscar-me por todos os caminhos, por onde eu me havia perdido. Ennobrêceste a minha natureza com a vossa humanidade; livraste-me do captiveiro com vossas prisões; tiraste-me do poder do demonio, pondo-vos em mãos de peccadores, e destruiste o meu peccado, tomando a imagem de peccador. Quizeste obrigar-me com esta graça, enamorar-me com este beneficio, alentar minha esperança com estes merecimentos, e fazer-me aborrecer o peccado, mostrando-me o que fizeste contra elle. Lançaste brázas vivas sobre os car-

vões mortos de meu coração, para que com tanta multidão de beneficios, como neste se encerrão, amasse eu a quem tanto fez por mim, e tanto amor mostrou para comigo.

3. Eis-me aqui, Senhor, já remîdo; mas que me aproveitára ser tal, se não fôra baptizado? Entre tanta multidão de infieis, como por todo o mundo estão dispérsos, quizeste, que eu fosse do numero dos Fieis, e daquelles, a quem coube tão ditosa sorte, como he serem vossos filhos, regenerados com a agua do Santo Baptismo. Aqui fui recebido por vosso; e aqui se celebrou, e assentou aquelle admiravel concêrto, isto he, que vós fosses meu Deos, e eu vosso servo; vós meu Pay, e eu vosso filho; e assim contendessemos á porfia, vós a fazer-me obras de Pay, e eu a tributar-vos serviços de filho. Que direi dos outros Sacramentos, que ordenaste para meu remedio, compondo a medicina para minhas chagas com o Sangue das vossas?

4. Com todos estes generos de soccôrro, foi tão grande a minha malicia, que perdi esta primeirá graça da innocencia; e tem sido tão grande a vossa misericordia, que atégóra me haveis soffrido. Oh esperança minha, e remedio meu! e como posso eu sem lagrimas lembrar-me, de quantas vezes me podéra ter levado a morte em todos aquelles tempos tão mal empregados, e não me levou? Quantos milhares de almas ardem por ventura agora no inferno por menores culpas, que as que então commetti, e eu não ardo? Que fôra de mim, se me houvéras levado naquelle tempo, como levaste a outros? Que rigoroso juizo me estaria preparado, se a morte me apanhára com o furto nas mãos, e se a justiça me tomára em fragante delicto? Quem pois atou naquella hora as mãos á vossa justiça? Quem vos rogou por mim, quando eu dormia? Quem deteve o castigo

de vosso furor ao tempo, que eu com meus males o provocava? Que viste em mim, para que quizesses, que eu fosse de melhor condição que aquelles, a quem arrebatou a morte no meyo dos fógos, e perigos da mocidade? Contra mim davão vozes meus peccados, e vós vos fazieis surdo a seus clamôres. Crescia cada dia mais contra vós a minha malicia; e o prazo da vossa misericordia se dilatava para comigo. Eu a peccar, e vós a esperar-me; eu a fugir, e vós a buscar-me; eu cançado de offender-vos, e vós já mais cançado de esperar-me. E como se os meus peccados forão serviços, e não offensas, ainda assim no meyo delles, recebia de vós muito boas inspirações, e me dáveis muy amorosas sofreâdas, que reprehendião, e condenavão as minhas solturas. Quantas vezes me chamaste, e deste vozes dentro de mim, dizendo *Tu te has deshonestado com quanto amantes tens querido; mas volta-te a mim, que eu te receberei.* Quantas vezes com estas, e outras amorosas palavras me chamaveis? e quantas com temores, e ameaças me espantaveis? trazendo-me á memoria o perigo da morte, e o rigor de vossa justiça. Quanta diversidade de prégadores, e Confessores ordenaste, para que com suas palavras, e conselhos me avisassem, e despertassem? Quantas vezes, não já com palavras, mas com obras me seguieis? convidando-me todos os passos (como fazem os caçadores, quando seguem a caça) para que não podesse fugir de vós.

5. Pois que vos poderei eu, Senhor meu, dar por todos estes beneficios? Porque me creaste, vos devo tudo o que sou, pois tudo tendes feito. Porque me conservais, vos devo tudo o que sou, e vivo, pois tudo sustentais. Pois porque vós mesmo vos déste a mim em preço, que me fica para dar-vos? Se todas as vidas dos Anjos, e dos homens fossem minhas, e todas as offerecesse em sacrificio, que

era tudo isto para huma só gôta do Sangue, que por mim derramaste?

6. Quem dará pois agora lagrimas a meus ólhos, para que possa chorar a má correspondencia a tantos beneficios? Ajudai-me, Senhor, nesta hora, e dai-me graça, para que eu saiba confessar minhas injustiças contra mim. Eu sou aquelle malaventurado, que (ainda que o não pareça) sou creatura vossa, creada á vossa imagem, e semelhança. Reconhecei, Senhor, esta imagem, que vossa he; tirai diante, o que eu fiz, e achareis o que vós fizeste com vossa piedosa mão. Eu tenho empregado todas as minhas forças em vossas injurias; e com as mesmas obras de vossas mãos vos offendi. Meus pés corrêrão á maldade; minhas mãos se estendêrão á avareza; meus ólhos se derramárão por toda a vaidade; e meus ouvidos estiverão sempre attentos á mentira. Aquella nobilissima parte de minha alma, que tinha ólhos para vêr-vos, os tirou de vossa formosura, e os pôz na flôr desta miseravel vida. A que havia de meditar em vossos mandamentos, meditava dia, e noite como os quebrantaria a seu salvo. Pois estando tal o meu entendimento, qual havia de estar a minha vontade? Vós, Deos meu, lhe offereceis as delicias do Ceo, e ella trocou o Ceo pela terra; e os braços, que tinheis consagrado para vós, os abrio, e estendêo ao amor das creaturas.

7. Esta he, Senhor, a paga de vossos beneficios; e este o fructo, que tem dado os sentidos, que vós creaste. Pois que vos poderei eu responder, quando entreis comigo a juizo, e me digais: *Eu te plantei como huma vinha escolhida de muy boas plantas, pois como te perverteste, e tens feito tão estranha?*

8. E se a esta primeira pergunta não poderei responder, que direi á segunda, sobre o beneficio da

Conservação? Vós, Senhor, estaveis com vossa providencia conservando, a quem a outra cousa não attendia mais. que a transgredir vossa ley, a perseguir vossos servos, a escandalizar vossa Igreja, e a fortalecer contra vós o reyno do peccado. Movieis a lingua, que vos blasfemava; regieis os membros, que vos offendião; e daveis de comer, a quem servia a vossos inimigos á vossa custa. De sorte, que não só fui ingrato aos vossos beneficios, mas ainda destes mesmos fiz armas contra vós. Deputaste todas as creaturas para meu serviço, e namoreime de todas ellas, e com todas tenho adulterado, pois tantas vezes por allas vos offendi. Estimei mais o dom, que o seu dador; e donde havia de tomar occasião para conhecer vossa formosura, cegueí-me com o que vi; e não levantei os ólhos a vêr, quanto mais formoso seria o Artifice, que a sua obra. Todas as cousas me déste, para que me déste a vós; e de todas ellas me tenho aproveitado; e nunca vos dei, nem a gloria, nem o tributo, que vos devia. Ellas vos forão obedientes em servir-me sempre, porque vós asssim lho mandaste; e eu attendi a offender sempre áquelle, por cujo respeito tudo me servia. Vós me daveis saúde, e o demonio levava o fructo della; vós me daveis forças, e eu as empregava em serviço do vosso inimigo. Que direi mais? E como não bastárão tantos generos de trabalhos, e miserias, como vi em outros homens, para entender, que todos aquelles males alhêos erão beneficios meus, pois de todos elles me livraveis? Por ventura he só licito não agradecer o beneficio de vós recebido?

9. E quem ha, que não deva render as graças pelos beneficios recebidos? Se a fereza dos Leões, e Serpentes se dóma com beneficios, como não bastárão os vossos para domar-me, e para que alguma vez se quer dissesse

com o Propheta : *Temamos ao Senhor, que nos manda agua do Ceo, a temporãa, e a serôdia a seus tempos, e nos dá cada anno abundancia de todos os bens*? Por certo, Senhor, que bastava para conhecer quem vós sois (aindaque não houverão outras móstras, e testemunhos de vossa bondade) o teres soffrido, o que eu sou. E se tão rigorosa ha de ser a conta, que me haveis de pedir destas cousas, que tão pouco vos custárão, qual será a que me pedireis, das que vos custarão o vosso Sangue? Como perverti todos os vossos conselhos? Como (quanto foi da minha parte) desfiz todo o mysterio de vossa Incarnação? Fizeste-vos homem, para fazer-me Deos, e eu (amigo da vileza) fiz-me besta, e filho de Satanaz. Desceste á terra, para levar-me ao Ceo, e eu indigno de tal chamamento, como não o merecia, não o conheci, e fiquei-me sumido no lôdo de minhas vilezas. Resgataste-me, e tornei-me a meu captiveiro; resuscitaste-me, e tornei a abraçar a morte: encorporaste-me comvosco, e tornei-me outra vez a ajuntar com o demonio. Nem bastárão táes beneficios para conhecer-vos; nem tal demostração de amor para amar-vos; nem táes merecimentos para esperar em vós; nem tal justiça, como em vós foi executada, para temer-vos. Humilhaste-vos até ao pó da terra, e eu fiquei levantado em minha soberba; estiveste na Cruz despido, e para a minha avareza não basta o mundo todo. A vós sendo Deos, vos derão bofetadas, e a mim não me hão de tocar na roupa, sendo eu hum bicho vilissimo.

10. Que direi, Salvador meu, senão que foi tão grande a misericordia, e amor, que comigo usaste, que vos puzeste a morrer, só por matar o meu peccado; e eu confiado nessa mesma bondade, e amor me atrevia a peccar contra vós. Pois que mayor blasfemia póde

ser que esta? Tomei occasião de vossa mesma bondade, para perseverar em minha maldade; e do mesmo meyo, que vós tomaste para matar o peccado, tomei eu motivo para peccar. Deste modo perverti vossos conselhos; e fiz invenções de minha malicia, ás invenções de vossa misericordia. Por vós seres tão bom, achei eu que podia ser máo; e por me haveres feito tão grandes beneficios, conclui, que podia fazer-vos tão grandes aggrávos. De sorte, que a mesma medicina, que ordenaste contra o peccado, a fiz eu incentivo do mesmo peccado, e a espada, que me déste para fazer-lhe guerra, lha pûz eu nas mãos, para que me tirasse a vida.

11. Finalmente, vós tomáste por meyo o morrer, para senhorear-vos de vivos, e mortos; para que (como diz o Apostolo) os que vivem, já não vivão para si, mas para vós, que morreste por elles; mas eu (como filho de Jezabel) tomei por meyo a vossa mesma morte, para despojar-vos de vossa fazenda, fugindo de vosso serviço, e fazendo-me escravo de vosso inimigo. Pois que merece quem tal fez? Se o cães comêrão as carnes de Jezabel por amor deste peccado, como estão ainda inteiras as minhas, pois tenho feito o mesmo? E se o Apostolo tanto encarece a malicia do coração humano, por haver tomado occasião da mesma ley para quebrantar a ley, quanta mayor malicia será, tomar occasião da graça, para afrontar a mesma graça? Oh Senhor pacientissimo, por teres soffrido bofetadas pelos peccadores, e muito mais por soffrer peccadores! Mas por ventura durará muito esta paciencia? Vejo que dizeis pelo vosso Propheta: *Calei, tenho tido sempre silencio, e soffri muito; mas agora fallarei, como quem tem dôres de parto.*

12. Vejo que a terra, que depois de haver recebido

a agua do Ceo, não fructifica, he excommungada, e maldita; e que a vinha, que depois de amanhada, e cultivada, em lugar de uvas, dá agraços, he por vosso mandado destruida, e desamparada. Pois ó Sarmento seco, e infructuoso, como não temeste a voz daquelle tão Sábio podador, que corta da vida o sarmento esteril, e o lança no fogo? Aonde tinha o juizo, quem táes juizos não temia? Quanto se havia endurecido, quem a táes vozes não acudia? Quão profundamente dormia, quem não despertava ao trovão de tão grandes ameaças? Contentava-me esta terrena morada, tão indigna de minha alma; e tinha por delicias a estar entre os espinhos; queimava-me o fogo de minhas paixões; picavão-me os espinhos de minhas cobiças; despedaçava-me a distracção de meus cuidados: remordia-me o bicho de minha consciencia, e tudo isto sonhava eu ser liberdade, e descanço; e a táes, e tão grandes males chamava eu paz. Oh miseravel de mim, que tão enganado andava para conhecer-me, quanto rebelde para servir-vos!

13. Pois que farei, Deos meu, que farei? Conheço verdadeiramente, que não mereço apparecer diante de vós, nem levantar os ólhos para vêr-vos. Mas aonde irei? aonde me esconderei de vós? Por ventura não sois vós meu Pay, e Pay de misericordias, as quáes não tem taxa, nem medida? Porque aindaque eu tenho deixado de ser filho, vós não tendes por isso atégora deixado de ser Pay; e aindaque tenha feito por onde me podeis condenar, nem por isso tendes vós perdido o modo, pelo qual me podeis salvar. Pois que outra cousa posso fazer, senão lançar-me a vossos pés, e pedir-vos misericordia? A quem chamarei? a quem recorrerei, senão a vós? Por ventura não sois vós meu Creador, meu Governador, meu Redemptor, meu Libertador, meu Rey, meu Pastor,

meu Sacerdote, e meu Sacrificio? Pois a quem buscarei, ou para onde fugirei, senão para vós? Se me lançais fóra, quem me receberá? Se me desamparais, quem me amparará? Reconhecei, Senhor, esta ovelha desgarrada, que se torna a vós. Se venho chagado, vós me podeis sarar; se cégo, allumiar; se morto, resuscitar; e se immundo, alimpar. *Aspergime-heis, Senhor, com o hysopo, e serei limpo; lavar-me-heis, e tornar-me-hei mais branco que a neve.* Mayor he a vossa misericordia, que a minha malicia; e mais podeis vós perdoar, que eu peccar. Não me desprezeis pois, Senhor, nem attendais á multidão de meus peccados, mas sim a de vossas misericordias, vós que viveis, e reinais em os seculos dos seculos. Amen.

CAPITULO VII

DOS GRANDES FRUCTOS, E PROVEITOS, QUE SE SEGUEM DA VERDADEIRA CONTRIÇÃO.

1. Estas são, Christão Leitor, as Orações, e Considerações, que nos pódem ajudar para esta tão grande graça da Contrição. Tenho-me detido tanto nesta parte, por ser esta a chave, e o fundamento de todas as outras partes da penitencia, e de todo o nosso bem. Estas pois deve o homem lêr com a mayor devoção, recolhimento, e apparelho, que lhe for possivel, em tempo conveniente, e em lugar apartado; porque muitas vezes succederá, que assim como entrando hum na oração sem devoção, a vêm depois a achar, assim tambem começando a lêr alguma oração, ou consideração destas sem contrição, depois no meyo da oração lhe seja concedida. Porque assim como lêmos, que o Senhor se transfigurou (segundo escreve S. Lucas) estando em oração, assim muitas vezes

nesta se fazem grandes mudanças nas almas, recebendo no fim da oração, o que ao principio se lhes não dêo : por cuja causa se diz ser melhor o fim da oração, que o seu principio.

2. Pois tanto que o penitente por estes, ou outros quaesquer meyos, chega a ter o espirito de verdadeira contrição, logo no mesmo ponto se lhe restitûe a graça do Espirito Santo, e o mesmo Espirito se lhe dá por hospede, por ayo, e por governador de sua vida ; para que como hum muy sabio, e fiel piloto o guie seguramente pelo meyo das ondas do tempestuoso mar desta vida. Neste mesmo instante he logo unido com Christo por caridade, como membro vivo com sua cabeça ; para que estando encorporado com elle se faça participante das influencias de sua graça, dos méritos, e trabalhos de sua morte, e vida santissima. He logo tambem recebido, e adoptado por Filho de Deos, e nomeado por herdeiro de seu Reyno, e tratado como filho ; tomando Deos delle aquelle cuidado, e providencia, que costuma ter dos que assim recebe por filhos. Aqui o Pay piedoso recólhe em sua casa ao filho pródigo, e o manda vestir do primeiro vestido da graça ; e dar-lhe o anel dos segredos da divina sabedoria, isto he, hum novo conhecimento, que se lhe dá das cousas de Deos, escondidas aos ólhos mundanos.

3. Então se alegrão os Ceos, e cantão os Anjos louvôres a Deos, e se faz festa naquella Corte soberana pela volta do novo irmão ; e todas as creaturas, que então se entristecêrão pela offensa do Creador, e pela perda de sua creatura, agora se alegrão, e docemente cantão *Allelûia* pela sua nova reparação. E entre todas ellas o bom Pastor (que com tanto trabalho buscou a ovêlha perdida, e a trouxe sobre seus hombros ao rebanho) ajunta agora todos os seus amigos, e visinhos.

e lhes diz : *Gozai-vos todos comigo, porque já achei a ovelha, que se tinha perdido.*

4. E aqui he de notar, que quanto mayor he a contrição, e humildade do penitente, tanto mayor he a disposição para mais alta graça, e tanto costuma ser vespera de mayor misericordia. Porque assim como nos edificios, quando se fazem muy fundos os alicérses, entendemos, que a obra será muy alta ; e a arvore, que lança mais fundas raizes, costuma crescer mais que as outras ; assim tambem quando aquelle Soberano Senhor previne o homem com mayor humildade, e arrependimento de sua má vida he sinal que o dispõem para mais alta graça.

5. O *juizo*, e a *justiça* (diz o Propheta) *são o prepáro para a cadeira de Deos.* Ao juizo pertence examinar a causa ; e á justiça, executar a sentença. Pois a alma, que faz huma, e outra cousa ; que entrando em juizo comsigo mesma, reconhece logo humildemente o que fez (que foi desprezar ao Creador pelo prazer da creatura) e confórme a isto executa a sentença ; a qual he, que todo, o que assim deshonrou a Deos, se humilhe, e abaixe até ao pó da terra ; e o que se deleitou desordenadamente na creatura, se dôa, e castigue asperamente por este deleite ; este tal se prepára para ser cadeira, e assento de Deos ; e casa daquella divina sabedoria, que quer fazer nella sua morada.

6. Dous pés, diz S. Bernardo, tem Deos, hum de temor, e outro de amor ; e quando quer entrar em huma alma, primeiramente costuma pôr o pé do temor, e depois o do amor ; e quanto he mayor o temor, que precede tanto costuma ser mayor o amor, que depois se segue. O *Senhor* (diz o propheta) *mortifica, e vivifica ; sepulta nos infernos, e tira outre vez delles.* Porque esta he a condição, e o commum estilo deste Senhor,

isto he que depois que os homens tem chegado a conceber tão grande temor, e dôr de seus peccados, que lhes parecem estar já nos infernos por amor delle, os resuscita, e tira dahi misericordiosamente ; e lhes envia tão grande consolação, quanta foi a multidão das dôres, em que se virão.

7. Por tanto, irmão meu, quando assim te vires turbado com estas desconfianças, não desmayes por isso; antes então reconhece, que te dão huma rija purga, para que com ella fiques mais são ; e te lavão com huma agua forte, para que fiques mais limpo; e te metem em huma frágoa muy ardente, para que despeças de ti toda a ferrugem, que dos vicios se te havia criado. Então deves clamar a Deos com o Propheta, dizendo : *Commoveste, Senhor, a terra, e turbaste-a; sarai suas aberturas, pois assim foi commovida;* e logo verás em ti, o que o mesmo Propheta disse : *Tremeo a terra, e socegou-se, quando Deos se levantou a juizo.* Porque quando tu mesmo movido de Deos, começares a fazer em ti aquelle juizo, que acima dissemos, então tremerá a terra de tua alma com o temor, e espanto da divina justiça; porem socegar-se-ha depois com a paz, e confiança, que o Senhor te enviará de sua misericordia; o qual lava as manchas das filhas de Sião, e tira do meyo dellas o sangue com o espirito de juizo, e de ardor, iste he, atemorizando primeiro a alma com espirito de juizo, e temor da divina justiça, e consolando-a depois com espirito de amor, e com a esperança de sua divina misericordia. Primeiro sentio Elias o estrondo, e tremor de terra, e o vento tempestuoso, que transtornava os montes; e depois desta tempestade se seguio aquella ténue, e suave viração, em que vinha Deos.

8. Esta he a ordem, que commumente costuma ha-

ver na conversão das almas ; que he a mesma, que N. Senhor guardou na santificação do mundo ; o qual primeiramente recebêo a ley, e depois o Evangelho.. E confórme a isto, primeiro ha de a alma sentir em si a obra, e rigor da ley, e depois a paz, e consolação do Evangelho. A obra da ley he, atemorizar, e espantar, como foi significado nos terrores, com que ella se dêo no monte Sinâi ; mas a obra do Evangelho he, consolar, e esforçar, como se fez quando se dêo no dia de Pentecostes no monte Sião. Quem pois quizer chegar a este monte, ha de primeiro passar pelo outro ; quero dizer que quem quizer receber o espirito de amor, primeiro ha de sentir o de temor ; e quem quizer sentir em sua alma a obra, e consolação do Evangelho, primeiro ha de passar pela obra, e temor da ley. E a alma, que assim está disposta, se promettem, e offerecem todas as graças, e thesouros do Evangelho como o significou o Propheta, quando fallando em pessoa do Salvador disse : *O Espirito do Senhor está em mim ; porque elle me ungio com sua graça, e me enviou a prégar aos mansos ; para que curasse aos que tinhão o coração ferido, e quebrantado ; e prégasse aos captivos redempção, e aos encarcerados liberdade ; conso lasse os tristes, e esforçasse aos que chorão a Sião, e lhes désse corôa por cinza, e óleo de alegria em lugar de pranto, e palio de louvor pelo espirito de sua tristeza.* Vê aqui por quantos generos de metáphoras se nos significão por huma parte as obras da ley, e da penitencia ; e por outra, as do Evangelho, e da graça e como humas se promettem pelas outras. Quem por tanto quizer entrar no Palacio de Christo, e na casa dos vinhos preciosos do verdadeiro Salomão, saiba que a porta he a amargura da penitencia, e a afflicção dos trabalhos ; e se quizer entrar por outra, será salteador,

e ladrão. Sóbe pois, irmão, primeiro com a esposa ao monte da myrrha, isto he, amargura da dôr, e mortificação, e ouvirás aquellas palavras, que logo se seguem: *Toda és formosa, amada minha, e em ti não ha mácula alguma.*

9. He bem verdade, que algumas vezes succede inverter o Senhor esta ordem, e prevenir primeiro com bençoes de doçura, aos que quer trazer a si, para que se não retirem, e retrocedão com os golpes da desconfiança, e com os temôres da penitencia: mas depois de confirmados, e esforçados já com estas prêndas de sua misericordia, logo lhes envîa hum espirito de grande dôr; depois do qual segue-se a graça da paz, e consolação, de que acima tratámos. Isto significou o mesmo Senhor pelo Propheta Oseas, quando fallando com a alma de hum verdadeiro penitente, diz assim: *Eu lhe darei leite a meus peitos, e a levarei á solidão, e lhe fallarei ao seu coração; e dar-lhe-hei o valle de Acor* (que quer dizer *turbação*) *para abrir-lhe os caminhos da esperança, e allî cantará do modo que cantava nos dias da sua mocidade.* De sorte, que primeiro se dá aqui o leite da doçura espiritual, e depois o valle de *Acor*, isto he, a turbação, e amargura da contrição; e feito isto, logo se seguem os Canticos da mocidade, que são as alegrias, e louvôres da alma, que recebe em si as prêndas do novo amor, e graça, que N. Senhor lhe envia, como arrhas de casamento, e primicias de sua gloria.

10. E he muito para notar, que esta mesma ordem. atéqui declarada, que commumente se guarda para mudar de vida, e subir do peccado á graça, se observa (pela mayor parte) tambem para subir de huma graça menor a outra mayor: porque quando N. Senhor quer levantar huma alma a cousas mayores, primeiro a dis-

põem com gemidos, desejos, temôres, dôres, afflicções de espirito, e trabalhos de corpo, para dar-lhe seus dons, querendo, que preceda sempre este chuvoso, e tempestuoso Inverno ao florîdo, e fructuoso Verão de seus dons, e graças; e quanto mayores hão de ser estas, tanto mayores costumão ser tambem as afflicções, e desejos, que lhes hão de preceder. Por tanto ninguem desmáye, nem se desconsóle, quando assim se achar; antes tome isto por sinal, e penhôr das novas mercês, que N. Senhor lhe quer fâzer.

CAPITULO VIII

DA SEGUNDA PARTE DO SACRAMENTO DA PENITENCIA, QUE HE A CONFISSÃO; E DE SETE COUSAS, QUE SE DEVEM OBSERVAR NELLA.

1. Havendo atéqui tratado da primeira parte da *Peniteneia*, que he a *Contrição*, trataremos agora da segunda, que he a *Confissão*. Quem pois quizer acertar em confessar-se como convêm (cousa que muy poucos sabem fazer) depois que tiver feito, o que está dito ácerca da contrição, deve observar as cousas seguintes.

§ I

PRIMEIRA ADVERTENCIA PARA A VERDADEIRA CONFISSÃO; QUE HE O EXAME DE CONSCIENCIA.

2. A primeira cousa, que deve fazer o verdadeiro penitente, he, tomar tempo, antes que se confesse, para examinar sua consciencia, e trazer á memoria

todos os peccados, especialmente se ha dias, que se não tem confessado; na qual cousa (como dîz hum Doutor deve entender com aquelle cuidado, e diligencia, com que entenderia em hum negocio grave, e de muita importancia: pois na verdade he este dos negocios o mais grave, e mais importante. E he esta diligencia tão necessaria, que faltando a ella (se o Confessor não suprisse a sua falta) a confissão seria nulla, como o seria aquella, em que de proposito se deixasse de confessar algum peccado; porque (como dizem os Doutores) tudo vêm a ser huma mesma cousa, ou calar de proposito algum peccado na confissão, ou confessar-se tão negligentemente, e tão sem preparação, que como por força haja de ficar algum. He esta huma cousa, que se havia de prégar a vozes pelas praças, por serem tantas as pessoas, que vivem nesta parte tão enganadas, que sem algum genero de exame, ou appárelho se chegão aos pés do Confessor; as quáes (alem do sacrilegio que commettem) estão obrigadas a confessar-se outra vez, como se de proposito calassem algum peccado, pela razão sobredita: porque o esquecimento nesta parte não as escusa, mas antes as accusa; pois não procede isto por defeito da natureza, mas sim por notavel negligencia da propria pessoa.

3. Pois para não incorrer nestes inconvenientes, deve o homem (como já dissemos) preparar-se, e examinar primeiro sua consciencia. O modo, e ordem do exame póde ser, discorrendo pelos mandamentos, e peccados mortáes, vendo quantas vezes peccou em cada hum delles, por pensamento, palavra, ou obra, com todas as circunstancias, que interviérão no peccado, quando estas são táes, que necessariamente se devão confessar; do que tudo trataremos a diante.

§ II

SEGUNDA ADVERTENCIA, DE COMO SE DEVE CONFESSAR O NUMERO DOS PECCADOS.

4. A segunda cousa, que deve fazer, he, que quando se confessar, esteja advertido de declarar o numero dos peccados, a saber, quantas vezes commetêo tal, ou tal peccado; porque se este numero se não declarasse, não seria a confissão inteira: e quando deste se não podesse lembrar distinctamente, declare-o ao menos do modo, que lhe for possivel, pouco mais, ou menos, segundo o que se lembrar. E se ainda disto não poder ter lembrança, e fôr algum peccado continuado, como huma inimisade, ou hum peccado carnal, declare quanto tempo perseverou nelle; porque por aqui se poderá conjecturar pouco mais, ou menos, o numero dos peccados, que pôde fazer neste tempo. Mas se he peccádo, que não tem esta continuação, mas se repete muitas vezes (como seria perjurar, dizer mal dos proximos, ou rogar pragas, e cousas similhantes) e não se poder lembrar de quantas vezes nisso peccou, diga ao menos, se tinha por costume cair neste genero de culpas todas as vezes, que se lhe offerecia occasião; ou se em alguma tornava sobre si, e resistia; para que ao menos por aqui entenda o medico a disposição do enfermo, e assim o saiba curar.

† Livros Católicos para Download

§ III

TERCEIRA ADVERTENCIA, DE COMO SE DEVEM CONFESSAR AS CIRCUNSTANCIAS DOS PECCADOS.

5. Não basta confessar sómente a espécie, e numero dos peccados; he necessario tambem declarar as suas circunstancias, quando estas são táes, que tem especial repugnancia com algum mandamento de Deos, ou de sua Igreja. Porque aindaque a obra do peccado mortal seja huma só, com tudo póde esta ir acompanhada de algumas fealdades de tal qualidade, que necessariamente se hajão de confessar; como (por exemplo) se hum furtasse armas para matar a hum homem, a fim de lhe tomar a mulher, bem se deixa vêr, que aindaque isto seja huma só obra, e acção, isto he, furtar, e por conseguinte hum só peccado (porque não he mais que huma obra) com tudo essa mesma tem outras duas fealdades annexas, a saber, a vontade de matar, e adulterar; as quáes se oppõem áquelles dous mandamentos: *Não matarás. E: Não desejarás a mulher de teu proximo.* Por cuja causa este genero de circunstancias. que assim acompanhão, e affêão o peccado, necessariamente se devem confessar.

6. Porem as outras circunstancias, que não são desta qualidade (como o murmurar na Igreja, ou fazer tal peccado em dia de jejum, ou de festa) não he necessario que se confessem; aindaque he muito bom conselho confessal-as, assim como se confessão os peccados veniáes. E porque o saber fazer differença de humas circunstancias a outras, he cousa algum tanto difficil. por isso porei aqui as que mais commummente somos obrigados a declarar na confissão.

7. Primeiramente; nos peccados carnáes he necessario declarar a circunstancia da pessoa, com quem se peccou: porque segundo são diversas as qualidades das pessoas, assim são tambem diversos os peccados; porque peccar com solteira, he *simples cópula;* com casada, *adulterio;* com donzella virgem, *estúpro;* com parenta, *incésto;* com pessoa Religiosa, e dedicada a Deos, *sacrilegio*, ou *adulterio espiritual.* E por isso sempre se ha de declarar este peccado com similhantes circunstancias, não só quando se commette por obra, mas tambem só por pensamento, e desejo; pois para com Deos tudo vêm a ser huma mesma maneira de peccado.

8. Tambem neste mesmo genero de peccados (e em qualquer outro) se ha de declarar a circunstancia do *escandalo*: e por escandalo entendemos aqui, o ter dado occasião com alguma má obra, ou palavra, a que outro peccasse, como o que solicitasse huma mulher para peccar, ou a hum homem para jogar, ou a outro para vingar-se de seu inimigo &c. E por isso em todos os peccados carnáes (álem do dito) se ha de tambem declarar se trabalhou por induzir ao cômplice a que peccasse; ou se elle mesmo se offerecêo voluntariamente para isso; porque no primeiro caso ha escandalo (que he peccado grave), e no segundo não. Assim mesmo se deve attender, se quando se commettêo o peccado, se fez em tal lugar, e na presença de táes pessoas, que com o máo exemplo que se dêo, lhes foi occasião efficaz de fazerem outro tanto; como se huma pessoa de authoridade se puzesse a comer carne sem necessidade em dia prohibido; ou a fazer outro qualquer peccado diante de pessoas, que daqui podessem tomar licença para fazer outro tanto; porque neste caso seria necessario confessar essa circunstancia do escandalo,

e máo exemplo que lhes dêo. E a isto deverião attender muito os senhores, que dão tabolagem, e jogo em suas casas; e os pays, e mãys de familias, cujas obras, e palavras são leys para seus filhos; porque basta que os mayores fação huma cousa, para que pelo mesmo caso os inferiores a tenhão por licita, e honrosa. Matou-se El-Rey Saul com sua propria espada, e como visse isto o pagem da lança, que o seguia, desembaînhou tambem a sua, e fez o mesmo, parecendo-lhe, que não obrava mal em fazer, o que seu Rey fazia, aindaque fosse matar-se a si mesmo.

9. He necessario tambem algumas vezes declarar-se a circunstancia do lugar Sagrado; e especialmente em tres casos, a saber, no furto de lugar Sagrado, effusão de sangue, e semen humano; quando huma, e outra cousa se fizesse com peccado: porque qualquer acção destas, por causa do tal lugar, muda de espécie de peccado, e faz que seja sacrilegio, que he peccado mais grave.

10. Tambem se algum tivesse feito voto, ou juramento de fazer, ou não fazer huma cousa (á qual por outra parte estivesse obrigado por especial mandamento de Deos) como de não jurar, de não matar, ou de não fornicar &c. se depois fizesse o contrario, seria obrigado a declarar a circunstancia do juramento, ou voto que precedêo; porque esta faz, que o que era peccado por huma razão, o seja tambem pela outra.

§ IV

QUARTA ADVERTENCIA, DE COMO CONFESSADO O NUMERO, E CIRCUNSTANCIAS SOBREDITAS, NÃO SE HA DE CONFESSAR MAIS QUE A ESPÉCIE DO PECCADO.

11. A quarta cousa, que se deve observar, he, que feito, o que está dito á cerca do numero, e circunstancias dos peccados, no que resta, não se ha de confessar mais que a espécie só do peccado, isto he, o nome que tem, de furto, odio, adulterio, ou cousa similhante. Do que primeiramente se infere não ser necessario para declarar hum peccado, contar toda huma historia, mas basta dizer o nome do tal peccado, e quantas vezes se commettêo, sem narrar a historia de como passou. O que se entendessem bem os penitentes, poderião com muita limpeza, e brevidade confessar-se de innumeráveis peccados, reduzindo-os todos ás suas espécies, dizendo : *Mil vezes furtei, ou matei, ou adulterei, etc.* E para saber fazer isto, veja o Christão, quando quer contar huma historia destas, a causa, ou causas, porque a conta, que he para accusar-se de algumas cousas más, que nella intervierão, e tire estas de todo o corpo da historia, e accuse-se dellas; e assim acertará a confessar-se como convêm mas quando não soubesse fazer isto, accuse-se como souber; porque Deos não pede a ninguem mais do que sabe, e póde fazer.

12. Daqui tambem se infere não ser necessario explicar pelo miûdo os modos, e maneiras, com que o peccado se commettêo, principalmente se he carnal; mas basta sómente (como dissemos) declarar a sua especie. E aindaque esta materia seja torpe, com tudo para tratar do remedio de nossas fealdades, será necessario

meter-nos hum pouco neste lôdo, e offender algum tantos os castos ouvidos, declarando isto mais em particular. Para cuja intelligencia he de saber, que hum peccado deshonesto se póde commetter, ou por pensamento, ou por palavra, ou por tocamento, ou por obra consummada. Se foi por obra consummada, basta dizer o nome da obra, por exemplo : *Commetti adulterio, ou incésto, ou simples fornicação tantas vezes*, sem declarar aquellas particularidades, que se deixão entender, entendida a espécie da obra. Se foi por tocamento, basta dizer *Toquei deshonestamente a tal espécie de pessoa tantas vezes*, sem ajuntar outras particularidades, se do tocamento se não seguio alguma outra cousa, que fizesse mudar a espécie deste peccado. Se foi por palavra. basta dizer : *Disse palavras torpes, para provocar a mal, ou para me deleitar nellas;* sem explicar : *disse tdes, e tdes palavras.* Se foi por pensamento, basta dizer : *Tive hum pensamento deshonesto, e consenti, ou deleitei-me, ou demorei-me nelle;* sem dizer, *imaginei em tal, e tal cousa*, como alguns fazem com grande vergonha sua, e sem necessidade do Sacramento. Todas estas cousas são tão claras, e manifestas, que seria superfluo tratar dellas, se não vissemos, que se obrava o contrario : porêm ha alguns homens tão rudes, que no meyo do claro dia tem necessidade de luz para verem. Nem os escrupulosos devem querer explicar de outra sorte seus peccados; porque basta que os digão daquelle modo, que os Doutores dizem ser bastante; e com isto se devem aquietar, pois não são obrigados a mais.

§ V

QUINTA ADVERTENCIA, DE COMO SE HÃO DE CONFESSAR OS PECCADOS DE PENSAMENTO.

13. E porque se acha especial difficuldade em confessar os peccados de pensamento, declararei tambem aqui summariamente, como isto se haja de fazer. Para cuja intelligencia he de saber, que com hum máo pensamento se póde o homem portar em hum de quatro modos, a saber, ou lançando-o de si com diligencia; ou detendo-se algum tanto nelle; ou determinando-se a pôl-o por obra; ou ao menos querendo de proposito estar-se deleitando nelle.

14. Quanto ao primeiro modo, he cousa manifesta não haver peccado algum, mas antes merecimento, e corôa; e por isso não ha aqui que confessar. E aindaque o combate do pensamento durasse todo o dia, se com tudo o homem resistisse varonilmente, não haveria aqui culpa alguma; mas sim (como se disse) corôa, e merecimento.

15. No segundo, ha peccado venial, mais, ou menos grave, segundo foi mayor, ou menor a detença, que nelle houve. O modo de confessar este peccado he, dizendo *Accuso-me que tive hum pensamento deshonesto, ou de ira, ou de odio, etc., e não o lançei de mim tão depressa, como devéra; mas antes me detive algum tanto nelle.*

16. No terceiro, que he, quando houve consentimento, e determinação de pôr por obra o máo pensamento, aindaque o não puzesse, claro está, que neste caso ha peccado mortal, e da mesma especie, que seria a obra; porque (como dizem os Theologos) o

acto exterior nenhuma cousa essencial accrescenta ao interior.

17. No quarto caso, que he, quando hum voluntariamente se quer, ou deixa estar cuidando, e deleitando em hum máo pensamento (como de huma vingança, ou de huma deshonestidade, aindaque não tenha tenção de pôl-a por obra) tambem ha peccado mortal, a que os Doutores chamão *deleitação morosa;* que he (como costumão dizer) : *Se não bebo na taverna, folgo nella.* He este hum genero de peccado, em que pela mayor parte costumão cahir pessoas viciosas, e desalmadas, e dadas a deleites sensuáes; porque aindaque isto não seja consentir na obra do peccado, he porem consentir no deleite della, e pôr-se em manifesto perigo de consentir nella : o que se entende, quando o homem adverte no que imagina, e não o despéde de si porque se quando conhece isto, trabalha por sacudir de si esta chamma, já então não seria peccado mortal; porque não advertia no que imaginava; porem será venial, porque deveria estar mais sobre aviso para o advertir. Este genero de culpa póde acontecer em toda a espécie de peccados mortáes; aindaque mais de ordinario succede nos da carne, ódio, e desejos de vingança; os quáes commummente são mais vehementes, e pegajosos que quaesquer outros.

18. Neste peccado costumão commummente cahir as pessoas viciosas, e deshonestas; as quáes, quando não tem commodidade para cumprir seus máos desejos, fazem o que podem, que he revolverem-se com o pensamento no lôdo da deleitação, principalmente quando, ou por sua honra, ou por seu recolhimento tem tomadas as portas para a execução do mal.

19. Assim mesmo estão muito a perigo de cahir neste peccado as pessoas possuidas da affeição deshonesta para

com alguma outra pessoa, pela grande força, que esta paixão tem para tyrannizar o coração, e leval-o apôs si, e tèllo fixo no objecto, que ama. Por cujo motivo não ha cousa mais perigosa, que dar entrada a huma affeição destas; porque he meter de portas a dentro a hum cruelissimo tyranno, a hum destruidor da innocencia, e a hum incentivo, e causa de innumeráveis peccados. Estão tambem em perigo de cahir neste peccado, os que andão muy influîdos em tratos de casamentos; porque aindaque os deleites dos casados sejão licitos, quando já são casados, mas não assim antes que o sejão; porque o deleite está presente, e o casamento por vir; o qual por muitas vias se póde impedir; e por esta causa não he licito em aquelle tempo, em que se recebe.

20. Entendidas pois estas quatro differenças de pensamentos, será cousa facil saber accusar-se delles, declarando o penitente se se *deteve*, se *consentio*, ou *se se deleitou morosamente* em o máo pensamento.

§ VI

SEXTA ADVERTENCIA, DE COMO, QUANDO SE CONFESSÃO OS PECCADOS PROPRIOS, SE DEVE GUARDAR A FAMA DO PROXIMO.

21. A sexta advertencia seja, que o penitente procure guardar a fama do proximo, confessando de tal sorte os seus peccados, que não descubra os alhêos, nem nomèe a ninguem pelo seu nome, mas diga *Pequei com certa pessoa casada, ou solteira, etc.* E se a circunstancia da pessoa fosse tal, que por ella podesse o Confessor vir em conhecimento de quem he, deve então, para evitar este inconveniente, buscar outro Con-

fessor, que a não conhecesse. E quando esta diligencia lhe não fosse possivel, então (sendo o Confessor pessoa tal) bem poderá dizer esta circunstancia; porque isto propriamente não seria infamar, mas declarar o seu peccado.

22. Esteja assim mesmo advertido, de não desculpar seus peccados, nem accrescentar mais do que ha nelles: nem diga o duvidoso por certo, nem o certo por duvidoso; mas ponha cada cousa em seu lugar, sem desviar-se da verdade.

§ VII

SETIMA ADVERTENCIA, DE COMO SE DEVE PROCURAR BOM CONFESSOR.

23. Seja a ultima advertencia; que para mayor complemento de tudo o dito, trabalhe por ter tão bom medico para sua alma, como o buscaria para seu corpo, se estivesse enfermo, pois nisto lhe vai muito mais. Porque buscar Confessor ignorante, he eleger huma guia certa para o inferno; pois (como diz o Salvador) se hum cégo guia a outro cégo, ambos cahem na mesma cóva. E os que isto não fazem, não estão sem grandissimo perigo; porque (como diz S. João Chrysostomo) não se podem desculpar com a ignorancia aquelles, que tiverão opportunidade de achar, se tivessem vontade de buscar: porque se a verdade he saúde, e vida dos que a conhecem, não he razão, que esta busque a ninguem, mas sim, que ella seja buscada de todos.

CAPITULO IX

DOS CASOS, EM QUE A CONFISSÃO HE NULLA, E SE DEVE REPETIR.

1. E para que mais claramente se veja o quanto importa cada cousa, das que temos dito, será bem apontar aqui summariamente os casos mais communs, em que a Confissão he nulla, e assim seja muito necessario repetil-a outra vez. Entre os quáes o 1 he, quando o penitente mentisse na Confissão em materia de peccado mortal, 2; quando de proposito calasse algum peccado mortal; o que se entende, quando a pessoa tinha o que calou, por peccado grave; porque se o não tinha por tal, e depois entende que o he, basta que se accuse disto, sem que torne a repetir a Confissão, 3; se havendo muito tempo, que se não confessou, não examinasse a sua consciencia, para haver de se confessar; porque neste caso o esquecimento não escusa o penitente mas antes o accusa mais, como acima se declarou, 4; quando o penitente não tivesse proposito de sair do peccado, em que se acha, como (por exemplo) da inimizade, deshonestidade, ou outro qualquer peccado, em que vive; ou quando não quizesse restituir, o que deve, 5; quando estando excommungado, não procurasse primeiro a absolvição da excommunhão, 6; quando o Confessor fosse ignorante, não sendo letrado o penitente, e havendo cousas graves que averiguar na Confissão; porque neste caso não póde deixar de haver erros, que tenhão necessidade de outra cura melhor, como acima se disse.

2. E he de notar, que em qualquer destes casos, em que he necessario repetir a Confissão, se esta se

fizer com o mesmo Confessor, não he necessario tornar a dizer todos os peccados já confessados, se ainda tem delles lembrança; mas basta dizer *Accuso-me de todos aquelles peccados, que tal occasião vos confessei. e alem disto, de tal, ou tal culpa, pela qual sou agora obrigado a repetir esta Confissão.* Porem isto não terá lugar no ultimo caso, quando nem o Confessor, nem o penitente tivessem melhorado de sciencia; porque nestas circunstancias não se póde tornar a confessar com elle.

3. E porque muitos poderão com fundamento temer, se por ventura terá havido em suas Confissões passadas algum dos sobreditos defeitos, por isso me parece muy saudavel conselho, que o homem faça, ao menos huma vez na vida, huma Confissão geral bem feita, para que assim com ella remedêe todas estas negligencias, e dahi por diante attenda por si com maior cuidado.

4. Agora fará bem, para soccôrro da memoria, pôr aqui hum breve *Memorial* dos peccados, para que por elle possa mais facilmente o penitente examinar sua consciencia, e preparar-se para este Sacramento, que he a primeira advertencia, das que acima apontámos. Porem isto será, não desenterrando infinitos generos de exquisitos peccados (como alguns fazem) mas discorrendo só pelos mais communs, e ordinarios, que costumão acontecer.

MEMORIAL DOS PECCADOS

CAPITULO X

DE ALGUMAS ACCUSAÇÕES PARA O PRINCIPIO DA CONFISSÃO.

§ I

1: Deve primeiramente accusar-se de não vir tão preparado para este Sacramento da Penitencia, como convèm, isto he, de não trazer aquella dôr, e arrependimento de seus peccados, nem aquelle proposito tão firme de apartar-se delles, como devêra.

De não trazer tão examinada a consciencia; e de não ter cuidado tanto em seus peccados, como devêra.

De não ter tido no dia da Communhão passada aquelle recolhimento que devêra, assim antes, como depois della.

De não ter cumprido a penitencia, que lhe foi imposta, com aquella diligencia, e devoção que devêra.

De não ter satisfeito tão perfeitamente ao que o Confessor lhe mandára. E aqui será bem declarar, se em particular lhe mandou restituir alguma cousa, ou cumprir algum voto, ou apartar-se de algum peccado, ou de alguma perigosa occasião, que não houvesse cumprido. Isto se deve dizer, para que o Confessor saiba melhor, como se deva portar nesta parte com o penitente.

Depois disto, comece a accusar-se dos peccados pela ordem que se segue.

Primeiro Mandamento

HONRARÁS A DEOS SOBRE TODAS AS COUSAS.

§ II.

2. Supposto que (como diz Santo Agostinho) Deos he honrado com as tres virtudes Theologáes, Fé, Esperança, e Caridade, convêm tratar aqui das obras, que contra estas tres virtudes houver feito. E conforme a isto, accuse-se o penitente primeiramente ácerca da *Fé;* se duvidou em algum de seus artigos; porque o que duvida na Fé, he infiel. E se não tem duvidado, se tem ao menos vacillado, ou titubado algum tanto nas cousas della; o que seria peccado venial. Se se tem posto a querer esquadrinhar com curiosidade as cousas da fé. Se tem dado crédito, a sonhos, agouros, sortilégios, ou feitiçarías, ou usado de alguma cousa destas. Se dá credito, ou traz comsigo nóminas supersticiosas, com figuras, e nomes escuros, e não conhecidos. Se fez algumas devoções para algum máo fim, ou dano, como para que alguem morresse, etc.

Ácerca das *blasfemias* tocantes á Fé, accuse-se, se blasfemou de Deos, ou de seus Santos. Se se indignou contra Deos, ou murmurou, ou se se queixou delle pelos trabalhos, que lhe envia, como se não fosse justo, ou misericordioso, etc. Se com esta indignação desejou a si mesmo a morte, e a pedio, ou disse a Deos, que não lhe agradecia a vida, que lhe dava, etc.

Ácerca da *Esperança*, veja se nos trabalhos, e adversidades, que lhe vêm, tem aquella confiança em Deos N. Senhor que deve ter, acompanhada com

aquelle esforço, e consolação, que traz comsigo a esperança viva. Se pelo contrario, pôz toda a sua confiança nas creaturas, e nos favôres, e valîas do mundo. Se desconfiou de alcançar perdão de seus peccados, ou de emendar sua vida. Se pelo contrario, com a esperança do perdão delles perseverou na má vida; ou differio a penitencia para a velhice, ou para a hora da morte.

Ácerca da *Caridade*, accuse-se, senão amou a Deos sobre todas as cousas com todo o seu coração, e alma, como he obrigado. Se faz todas as suas obras boas mais por interêsses, e respeitos humanos, que por amor de Deos. Se tem cuidado de encommendar-se a Deos todos os dias. Se lhe dá graças pelos beneficios, que delle tem recebido, e principalmente pelo ter creado, remîdo, e feito Christão, e não Mouro, nem Hereje etc. Se sabe as orações convenientes a hum Christão, e a Doutrina Christãa. Se persegue os servos de Deos, e os que se confessão, ou commungão, ou rezão; e se escarnece, ou murmura delles. Se se pôz em perigo de offender a Deos, fazendo cousa, de que duvidava ser peccado mortal.

Segundo Mandamento

NÃO JURARÁS O NOME DE DEOS EM VÃO.

§ III

3. Se jurou com mentira, sabendo, ou duvidando que o era, ou não vendo bem se era verdade o que jurava. Se jurou promettendo alguma cousa licita, a qual não cumprio, ou não tivesse tenção de cumprir, quando jurou. Se jurou ameaçando a seus criados, sem

tenção de fazer o que jurava; o que tambem he peccado mortal. Porem se depois lhe parecesse, que era melhor perdoar-lhes, e usar antes de misericordia, que de rigor, não será obrigado a cumpril-o. Se jurou ameaçando, aos que não erão seus criados, de fazer cousa, què fosse peccado mortal; o que tambem he culpa grave. Se jurou de não fazer algum bem, como emprestar, fiar, visitar, ou prégar etc.; o qual juramento não obriga, como nem o seguinte. Se pelo contrario. jurou de fazer algum mal. Aqui tambem deve accusar-se dos juramentos execratorios (que são muy communs) se por ventura tem caido nelles, como dizendo: *Tal, ou tal cousa me venha, ou me aconteça etc.* Se foi causa, de que algum jurasse falso, ou de não cumprir o juramento licito que fez. Se tem por costume jurar a miúdo; o que he cousa muy perigosa, pelo perigo em que se vive de jurar algumas vezes com mentira. Se deixa de reprehender seus filhos, ou criados, quando os ouve jurar muitas vezes.

Ácerca dos *Votos* accuse-se, se quebrou algum. ou differio por muito tempo a sua execução. Se fez voto de fazer algum mal, ou de não fazer algum bem; nenhum dos quáes votos obriga. E veja bem, que quando se lhe commutar algum voto, seja com grande prudencia.

Terceiro Mandamento

SANTIFICARÀS AS FESTAS.

§ IV

4. Se não tem guardado as festas, fazendo, ou mandando fazer nellas obras servís, salvo se fosse cousa

pouca. Se deixou de ouvir Missa inteira nos táes dias, em legitima causa. Se assiste á Missa, e Officios Divinos, e lugares Sagrados com aquella devoção, e reverencia que se deve; ou se está allî olhando, fallando, rindo, ou murmurando, como se não deve. Se não procurou, que seus escravos, criados, e filhos a houvissem. Se gastou todo o dia de festa em jógos, e vaidades. Se foi negligente em ouvir Sermões. Se estando excommungado assistio aos Officios Divinos, ou recebêo algum Sacramento.

Quarto Mandamento

HONRARÁS A TEU PAY, E A TUA MÃY.

§ V

5. Nestem andamento se trata 1; do cuidado dos *filhos* para com seus pays, e dos *pays* para com seus filhos, 2; dos *servos* para com seus senhores, e dos *senhores* para com seus servos, 3; dos *Prelados* para com seus subditos, e dos *subditos* para com Prelados, 4; da *mulher* para com seu marido, e do *marido* para com sua mulher, 5; dos *genros* para com seus sôgros, e dos *sôgros* para com seus genros; porque tudo isto vai aqui quasi por huma mesma regra. E neste mesmo preceito convêm tambem examinar, como cada hum se tem portado com os mais velhos, e com os bemfeitores.

Pois confórme a isto, examine primeiramente o *filho;* se desprezou, faltou ao respeito, ou amaldiçoou a seus pays. Se lhes desobedecêo em cousas licitas. Se os não soccorrêo em suas necessidades. Se se envergonhou, ou afrontou delles, por serem de baixa sorte, ou po-

bres. Se não cumprio seus testamentos. Se lhes desejou a morte, para haver de os herdar. Vejão tambem os *pays*, se tem cuidado de seus filhos, isto he, se lhes ensinão as Orações, e Doutrina Christãa. Se os reprehendem, e castigão, quando fazem, o que não devem, ou andão com más companhias. Se os occupão em alguma cousa, para que não vivão ociosos, e vagabundos. Se os tratão com demasiado mimo, e os crião segundo as suas vontades, deixando-os cumprir todos os seus appetites.

O mesmo hão de examinar os *senhores* para com seus criados, e escravos, pela mesma ordem. E alem disto vejão, se os provêm competentemente do necessario. Tambem, se tem cuidado de os curar, e de que recebão os Sacramentos em suas enfermidades. Se consentem, que vivão amancebados, ou em outro peccado mortal, podendo-o remediar.

Entre *sogros*, *genros*, e *noras*, examine-se se ha desgostos, e más palavras, ou desejos de morte, para serem herdeiros, etc.

Entre os *casados*, veja o marido se trata mal a sua mulher de palavra, ou obra, ou a não provê, do que he necessario.

Tambem, se a *mulher* trata mal a seu marido, desobedecendo-lhe, injuriando-o, ou dando-lhe motivo para perder a paciencia, e fazel-o blasfemar. Se tem zelos, sem haver causa para isso.

O *subdito* veja se desobedecêo a seus mayores, ou ás leys, e preceitos, que lhe tem posto. Se os desprezou em seu coração. Se murmurou, ou se queixou delles. Se lançou suas acções temerariamente a má parte, dizendo que as fazem por paixão, por interêsse, ou por outros humanos respeitos. Se por palavra, ou obra faltou ao respeito ás pessoas constituidas em dignidade.

Se desprezou, on não honrou os velhos, se escarnecêo, ou fez zombaria delles. Se foi ingrato a seus bemfeitores, esquecendo-se de seus beneficios, ou (o que he peyor) dando-lhes mal por bem.

Quinto Mandamento

NÃO MATARÁS.

§ VI

6. Quanto á *alma,* veja primeiramente, se matou espiritualmente a seu proximo, incitando-o, ou dando-lhe conselho, ou occasião para peccar mortalmente; o que he peccado de escandalo. Se o acompanhou, ou deo favor, ou ajuda para fazer alguma cousa má.

Quanto ao *corpo*, se matou, ou procurou, ou desejou a morte a seu proximo; ou se pedio a Deos, que lha désse. Se teve ódio verdadeiro, e formado contra alguem; ou desejando tomar delle vingança, e quanto duraria este ódio. Se tem negada a falla a alguem com escandalo dos proximos. Se anda em bandos, ou parcialidades, ou as favorece. Se ameaçou a outro (que não fosse seu subdito) com más palavras. Se não quiz perdoar (ao menos no fôro da consciencia) a quem humildemente lhe pedio perdão. Se tendo offendido a outro por palavras, ou por obra, não lhe quiz pedir perdão por si, ou por terceira pessoa; ou não satisfez cabalmente á offensa feita.

Sexto Mandamento

NÃO FORNICARÁS.

§ VII

7. Como seja verdade, que em todos os peccados se possa peccar por pensamento, palavra, e obra, porem neste mais expressamente costuma acontecer isto, que em qualquer outro. E de qualquer destes tres modos que se peque, se ha de declarar a qualidade, e circunstancia da pessoa, com quer se peccou, como acima se declarou.

Pois segundo esta ordem, ácerca dos *pensamentos*, accuse-se, se foi negligente em resistir com promptidão aos pensamentos deshonestos. Se consentio nelles, desejando-os pôr por obra, se podesse. Se se deleitou morosamente nelles, advertindo o que fazia.

Á cerca das *palavras*, se proferio palavras torpes, e deshonestas, deleitando-se em semelhantes práticas. Se por palavra, ou por escrito, ou por terceira pessoa solicitou outros a peccar.

Á cerca das *Obras;* se peccou neste mandamento por obra consummada. Se peccou por obras não consummadas, como por tocamentos deshonestos comsigo, ou com segunda pessoa. Se voluntariamente cahio, ou procurou alguma pollução, ou se cahio nella entre sonhos; da qual se ha de julgar segundo a causa que precedêo, ou segundo o pezar, ou prazer que se seguio. Se fez cousas para provocar a outros a este peccado, como enfeitar-se, vestir-se, pôr-se em lugares, ou janellas para ser vista, ou cousa semelhante. Se por dadivas, ou promessas falsas, ou verdadeiras, ou por

outros alguns meyos, procurou violar a castidade alhêa. Se não se quiz apartar das occasiões deste peccado, como são, companhias, ou conversações perigosas, ou cohabitação de portas a dentro, que he a mayor de todas as occasiões. Se lê livros deshonestos, que o possão provocar a mal. Se não se armou com jejuns, orações, Sacramentos, ou outros remedios espirituáes, quando se vio muito tentado deste vicio.

Casados.

Entre os casados se deve examinar, se pagão hum ao outro o debito conjugal. Se por algum modo procurão impedir o fructo da géração. Se guardão a ordem, e uso natural. Se ha alguma pollução fóra delle. Se conhecêo parenta de sua mulher dentro dos gráos prohibidos, o que he impedimento, que dirime o matrimonio, se isto acontecesse antes; porèm se fosse depois, não se póde pedir a divida do matrimonio, sem dispensa do Prelado.

Septimo Mandamento.

NÃO FURTARÁS.

§ VIII

8. Se tomou alguma cousa alhêa por engano, rapina, usura, ou simonía. Se retem alguma cousa alhêa contra a vontade de seu dôno, e não lha restitue. E não basta ter tenção de restituir depois, se com effeito não restitûe logo; ainda que seja cortando por alguma cousa das que pertencem á decencia de seu estado, mayormente quando o crédor padece grave damno.

Se retem o salário a seus criados, ou trabalhadores: ou não pága aos mercadores, contra sua vontade. Se retem alguma cousa, que tivesse achado, ou vindo ás suas mãos, sem saber de quem era. Se comprando, ou vendendo usou de algum engano, ou na mercadoria, ou no prêço, ou no pêso, ou na medida. Se comprou a quem não podia vender, como a escravos, ou menores &c. Se aceitou delles assim mesmo alguma cousa, que não podião dar. Se só pela razão de vender fiado, vendêo a cousa por mais do justo prêço, não havendo outra causa legitima para isso, a juizo do prudente Confessor. Se contrata em companhia de outro á perda, e ao ganho, porèm salvo sempre o principal. Se no jogo usou de enganos, e ganhou com elles. Se jogou quantidade excessiva á condição de seu estado. Se jogou com menores, o que elles não podião jogar. Se no jogo jurou, pelèjou, ou disse más palavras &c. Se não fez bem, e fielmente o officio, de que recebia salário, ou seja trabalhador, ou depositario, ou mordòmo, ou guarda, ou official de algum senhor; porque este tal estará obrigado aos damnos, que procedêrão de seu descuido. Se o que ha de distribuir officios publicos, ou beneficios, ou algumas outras cousas, he aceitador de pessoas, dando-as por humanos respeitos, e não conforme as leys da justiça distributiva. Se por seu voto se dêo algum officio, ou beneficio a pessoas indignas. Se não pagou os dizimos á Igreja.

† Livros Católicos para Download

Oitavo Mandamento.

NÃO LEVANTARÁS FALSO TESTEMUNHO.

§ IX

9. Este mandamento tem dous grandes ramos; em hum estão os peccados, que se fazem nos tribunáes por parte do Juiz, dos Procuradores, das Testemunhas, do Autor, e do Réo: no outro, estão as infamias, detracções, murmurações, escárneos, juizos temerarios, suspeitas, mentiras, e lisônjas.

Quanto á primeira parte, considere o penitente se he Juiz, ou Procurador, ou testemunha etc., e conforme a isto accuse-se do que toca a seu officio.

Quanto á segunda, veja primeiramente, se levantou algum falso testemunho. Se a mulher por zelos, ou ira pôz a boca em outra, dizendo, que era má mulher, ou medianeira para obras deshonestas, feiticeira, ou ladra, quando lhe faltava alguma cousa de sua casa; porque isto he tambem falso testemunho, quando se diz com pouco fundamento. Se disse mal de alguem com má vontade, ou com tenção de lhe fazer mal; o que se chama *detracção*. Se disse de alguem delicto grave, e occulto, com que a pessoa ficasse infamada, ainda que o não dissesse com tenção de fazer-lhe mal; e dado caso, que o que se diz seja verdade, todavia está obrigado a restituir a fama, que tirou. Se ouvio com gôsto, ao que detrahia de seu proximo, ou o ajudou a isso. Se disse o mal, que de outro ouvíra, com leviandade. Se não defendêo a fama do proximo, quando o infamavão, sabendo que estava innocente. Se murmurou das vidas alhêas. Se escarnecêo, ou fez mófa dos

defeitos naturáes, ou moráes de seus proximos. Se julgou temerariamente os ditos, ou feitos do proximo, lançando á má parte, o que se podia tomar á boa. E se (o que he peyor) disse a outros como cousa certa, o que julgou em seu coração. Se he suspeitoso, tomando occasião de qualquer cousa, ainda que ligeira, para suspeitar mal. Se semeou discordias entre os proximos, malquistando huns com outros, dizendo os defeitos de huns contra os outros; do que se costumão seguir grandes ódios. Se disse alguma mentira em prejuizo, ou em proveito do proximo, ou de outro qualquer modo. Se com informações falsas alcançou, o que por direito não podia. Se descobrio o segredo, que se lhe encommendou. Se abrio cartas alhêas.

O nono, e decimo mandamento já ficão acima declarados no sexto, e septimo.

CAPITULO XI

DOS SETE PECCADOS CAPITÁES, OU MORTÁES.

§ 1

DA SOBERBA.

1. *Soberba* he hum appetîte desordenado da propria excellencia. Deste peccado procedem outros muitos; entre os quáes os principáes são: *Vanglória*, *Ambição*, *Presumpção*, *Jactancia*, *e Hypocrisia*. Pois conforme a isto, poder-se-ha accusar de cada huma destas especies, do modo seguinte.

Á cerca da *Vangloria*, veja se se gloriou de cousas

más, como em se ter vingado, ou dado pancadas em outro, ou deshonrado &c. Se se gloriou de cousas vãas, ou indignas de gloria, como da formosura de rôsto, gentileza de corpo, adôrnos de pessoa, acompanhamento de criados, riquezas, nobreza de sangue, ou outras cousas semelhantes, que são de pouca valîa. Se se gloriou vãamente de cousas boas, ou dignas de gloria, como são, virtude, sciencia, prudencia, havendo de dar a gloria destas cousas a Deos. Se se gloriou das linsônjas, ou louvôres humanos, tomando nelles demasiado contentamento, e não dando a Deos a gloria de tudo.

Á cerca da *Ambição;* se he ambicioso, e demasiadamente desejoso de honra, e gloria, e faz por ella o que não deve. Se he tão temeroso da ignominia, ou infamia, ou de ser malquisto, que por fugir destes inconvenientes, faz o que não deve, ou deixa fazer o que deve. Se por medo do que poderão dizer, deixa de fazer algumas cousas boas, como confessar-se, commungar, ouvir Missa, tratar com os bons etc.

Á cerca da *Presumpção;* se presume vãamente do que não he, tendo-se por mais virtuoso, letrado, prudente, e nobre do que he. Se presume muito do que he, não dando disso a Deos a gloria. Se confia muito no seu proprio parecer, sabedoria, e virtude. Se por esta causa não recebe o conselho, correcção, ou castigo de outro. Se pela mesma causa defende os seus defeitos manifestos, buscando escusas nos peccados. Se por não ficar vencido, porfia contra o que entende ser verdade, e razão. Se tem desprezado aos outros, e tido-os em pouco, proferindo algumas palavras em seu desprezo. Se com esta presumpção se rîo, e escarnecêo das ignorancias, ou faltas alhêas.

Á cerca da *Jactancia;* se se jactou, ou louvou a si

mesmo, ou suas cousas vãamente. Se se louvou de algum peccado que fizesse, como de haver deshonestado a alguma mulher, ou de ter injuriado, ou maltratado a oütro. Se se gabou do que não fez, mayormente sendo peccado, por parecer homem de valor, ou ser tido em mais.

Á cerca da *Hypocrisîa;* se procurou parecer o que não he, ou mais santo do que he, para ser vãamente honrado, e tido por bom entre os homens.

§ II

DA AVAREZA.

2. Se he avarento, ou escásso, ou enthesoura sem causa racionavel. Se pelo contrario he prodigo, e desperdição. Se gasta mais do que tem; por cuja causa vêm a pôr-se em necessidade, e a faltar ás obrigações de sua casa; e não provê a seus criados, e filhas; ou as mete Freiras por força. Se tem grande, e desordenado affecto ao dinheiro, por cuja causa se esquece de Deos, e das cousas de sua alma, por attender desordenadamente ás cousas da fazenda. Se desejou a morte a alguem por alguma herança, ou proveito, que delle esperava.

§ III

DA LUXURIA.

Desta se tratou já no sexto Mándamento.

§ IV

DA IRA.

3. Á cerca da *Ira*, veja primeiramente se se irou *contra si mesmo*, desejando, ou pedindo a morte. Se com ira, ou raïva pôz as mãos em si mesmo. Se se dêo ao demonio, ou lançou maldições, ou pragas a si mesmo.

Para com *seu proximo*; se teve ira, ou indignação contra elle, sem causa. Se lhe disse palavras de ira, e desentoadas. Se lhe disse palavras injuriosas, como chamando-lhe ladrão, bêbedo, nescio etc., não sendo seu criado, ou escravo; o que hé peccado mortal. Se lhe disse com ira faltas, ou culpas, em que havia cahido, para o afrontar. Se com a mesma ira disse as mesmas palavras, ou descobrio as mesmas culpas na ausencia da pessoa. Se tem amaldiçoado, ou dêo aos demonios as creaturas de Deos, ou rogou pragas contra ellas, ou sejão seus criados, ou não; aindaque seja differente huma culpa da outra. Se he porfiado, colérico, turbulento, e inquieto, ou desentoado em suas palavras, e porfias. Se pôz por obra a ira do coração, pondo as mãos em outro.

§ V

DA GULA.

4. Se quebrou os jejuns da Igreja. Se comêo carne em dias prohibidos, sem sufficiente causa. Se comêo tão excessivamente, ou táes manjares, que lhe fizesse damno á saude. Se come, ou bebe muito, ou muitas

vezes com demasiada sensualidade, e appetîte. Se he muy amigo de manjáres preciosos, e exquisitamente preparados; e se gasta muito nisto.

§ VI

DA INVEJA.

7. Se deliberadamente teve pêsar do bem alhêo, ou de que alguem lhe levasse ventágem; como (se he cortesão) de que outro prive mais, ou seja primeiro, ou mais bem despachado que elle etc. Se se alegrou do mal do proximo, ou de o vêr descahido de sua honra. Se disse mal delle, por desfazer em sua pessoa, e fama, e augmentar a sua propria á custa alhêa. Se descobrio alguma falta delle, que estivesse encoberta, para que publicados os seus defeitos, não seja estimado. Se por esta causa lhe pezou, quando ouvio dizer bem delle.

§ VII

DA PREGUIÇA.

6. Se por preguiça deixou de fazer obras boas, como ouvir Missa, rezar, principalmente quando erão cousas de obrigação. Se faz as obras de Deos friamente, com tibieza, e negligencia. Se he inconstante em praticar os bons propositos que faz; e se deixa as suas devoções, e santos exercicios por qualquer occasião. Se os anda differindo de dia em dia. Se dorme mais do necessario. Se gasta mal o tempo em pensamentos vãos, palavras ociosas, e obras inuteis. Se com as adversidades, e tra-

balhos se entristece demasiadamente. Se pelo contrario, se levanta, e ensoberbece demasiadamente com as prosperidades, favores, e bons successos, não dando por isso a Deos a gloria.

CAPITULO XII

DAS OBRAS DE MISERICORDIA.

1. Ácerca destas accuse-se primeiramente, se foi negligente em praticar as *Obras de misericordia espirituáes;* especialmente em deixar de aconselhar, admoestar, ou reprehender ás pessoas, que podéra aproveitar com alguma cousa destas; mayormente ás que elle tivesse obrigação. Se quando isto fez, foi com tanta ira, e tão pouca moderação, que causasse mais damno, que proveito. Se se compadece de tantas calamidades, heresîas, e males, como hoje reynão no mundo, e se roga a Deos por elles. Acerca das *Obras de Misericordia corporáes*, veja se ajúda a seus proximos em seus trabalhos, e necessidades; e se faz esmola aos pobres conforme a sua possibilidade. Se se enfada com elles, ou murmura delles; ou se quando o importunão, lhes dá más repóstas, ou escarnèce delles.

CAPITULO XIII

DE OUTRAS ACCUSAÇÕES MAIS PARTICULARES.

1. Depois destas accusações, que são commuas a todo o genero de pessoas, ha outras especiáes, que pertencem a táes, ou táes estados, ou pessoas, como são, Bispos, Curas de almas, Clerigos, Religiosos, Mercadores, Medicos, Procuradores, Juizes, Testemunhas,

Senhores de Vassallos, Pays de familias, e outras semelhantes; as quáes, depois destas accusações géraes, se devem accusar, do que toca ás obrigações de seus estados, e officios. E assim os *Prelados*, *e Curas de almas* devem accusar-se da falta de residencia, e cuidado que tem de apascentar suas ovelhas com a doutrina, exemplo, e oração.

Os *Clerigos*, da sua réza, e celebração da Missa.

Os *Religiosos*, de seus votos, e obrigações da sua Ordem.

Os *Juizes*, se por sobôrnos, ou humanos respeitos torcêrão a justiça, ou a demorárão etc.

Os *Procuradores*, se tratárão causas injustas, ou procurárão dilatal-as, ou não puzérão a devida diligencia em defendel-as.

Os *Réos*, e os *Autores*, se trazem demandas injustas, ou procurão dilatal-as contra justiça, ou escondem ou rompem as escrituras que a declarão ; ou pervertem os officiáes com sobôrnos, favôres, ou adherencias.

As *Testemunhas*, se jurão lhanamente a verdade, sem restricções, nem calumnias etc.

Os *Mercadores*, accusem-se dos contratos illicitos, em que negocêão, e das compras, e vendas injustas etc. E assim todos os mais, cada hum em seu estado.

CAPITULO XIV

AVISOS GERÁES PARA CONHECER, QUE COUSA SEJA PECCADO MORTAL, E O QUE VENIAL.

1. Em todas estas espécies de peccados, que aqui se tem apontado, convinha declarar o que era peccado

mortal, e o que venial, pois nos consta, que de necessidade somos obrigados a confessar o peccado mortal, mas não o venial se não se quizermos. Mas porque esta differença não se póde bem declarar em poucas palavras, bastará por agora dar alguns avisos, e regras geráes para isto, deixando o mais ao juizo do prudente Confessor.

2. Para conhecer pois o que he peccado mortal, e o que venial, se costumão assinar as duas seguintes regras. A primeira, e muy geral he, que tudo aquillo, que he contra a Caridade, he peccado mortal: e por Caridade entendemos aqui o amor de Deos, e do proximo. Pois segundo esta regra, tudo o que for contra a honra de Deos, ou bem do proximo em materia grave, será peccado mortal, como he, fazer-lhe damno na honra, fazenda, ou em cousa semelhante; porque isto extingue a Caridade, na qual consiste a vida espiritual da alma: e por isso com razão se chama *peccado mortal*, porque tira a vida espiritual. Mas o que não he contra a Caridade, mas fóra della, he peccado venial, como são palavras ociosas, que a ninguem fazem damno, ou alguma vãa-gloria, ira, preguiça, ou gula, que he comer mais do necessario, ou cousas semelhantes.

3. A segunda regra mais particular he, que tudo o que he contra algum dos preceitos de Deos, ou de sua Igreja, he peccado mortal, como o que se faz contra o preceito que diz: *Não furtarás;* ou: *Não fornicarás etc.;* ou contra o mandamento da Igreja, que manda pagar os dizimos, ou confessar-se ao menos huma vez no anno; ou commungar pela Paschoa etc.

4. Mas aqui he muito de notar, que o que de sua natureza he peccado mortal, póde ser venial por huma de duas razões; ou por ser a cousa de pouco valor,

como que furtasse hum cácho de uvas, ou cousa semelhante; ou por ser a obra imperfeita, por faltar-lhe o pleno consentimento, e inteira deliberação, como póde acontecer nos máos pensamentos não consentidos, porem mal resistidos: donde ó que de sua natureza era peccado mortal, pela imperfeição do acto não he mais que venial.

5. Aqui tambem se deve advertir, que ha tres generos de preceitos; huns são negativos, como *Não matarás etc.*, os quáes obrigão *semper*, *e pro semper*, isto he, em todo o tempo. Outros ha affirmativos, como dar esmolas, ter contrição dos peccados, amar a Deos; e estes obrigão *semper*, mas não *pro semper*; se não em tempo de necessidade; porque então corre a sua obrigação. Outros são compostos de ambos, isto he, de affirmativos, e negativos, como he o restituir o alhêo; porque este manda que se restitua, e manda que se não retenha o alhêo e estes táes mandamentos obrigão de ambos os modos, *semper*, *e pro semper*: e por isso não basta que o que deve, tenha proposito de restituir para o diante; mas he necessario, que logo restitua, para que não retenha o alhêo contra a vontade de seu dôno; porque he mandamento negativo, o qual obriga (como dissemos) *semper*, *e pro semper*. E o que deste modo tem o alhêo, attenda por si, e procure restituil-o, como está declarado.

CAPITULO XV

DA TERCEIRA PARTE DO SACRAMENTO DA PENITENCIA, QUE HE A SATISFAÇÃO.

1. Depois da *Contrição*, e *Confissão*, segue-se a *Satisfação*, que he a terceira parte do Sacramento da Peni-

tencia, á qual pertence satisfazer á honra de N. Senhor, pelas offensas feitas contra elle, tomando justa vingança, de quem assim o offendêo. A razão disto tratámos em outra parte, fallando do jejum, a qual repetimos aqui, pois este tambem he o seu proprio lugar. Para cuja intelligencia he de saber, que assim como o que quebranta as leys da Républica, está obrigado ás penas, que estão impóstas aos seus transgressores ; assim tambem o que quebranta as leys de Deos fica obrigado a certo genero de penas, que para isto estão taxadas, e determinadas pela Divina Justiça.

2. Estas penas forçosamente se hão de pagar nesta, ou na outra vida; isto he, ou no inferno, ou no purgatorio, ou neste mundo. No inferno pagão-se com pena eterna; no purgatorio, não se pagão com esta pena, mas com huma tão rija, e tão intensa, que (como diz Santo Agostinho) nenhuma ha nesta vida, que se possa comparar com ella, aindaque nesta conta entrem todas as penas, e tormentos dos Martyres, que forão as mayores do mundo. Pois desta tão grande, e tão terrivel pena nos livrão os jejuns, e asperezas corporáes, aindaque sejão sem comparação menores; porque como Deos nestas cousas não attenda tanto á grandeza do trabalho, quanto á vontade do sacrificio (porque o que neste mundo se padece, he voluntario, mas no outro, necessario) daqui vêm, que huma pena voluntaria desta vida vale, e satifaz mais sem comparação, que muitas necessarias da outra.

3. Porem dir-me-has : Pois o Sacramento da Penitencia não vale para isso, como o do Baptismo, que tira tudo, absolvendo ao homem de culpa, e pena? A isto se responde, que ha grande differença entre hum, e outro Sacramento; porque o de Baptismo he huma espiri-

tual *Regeneração*, e nascimento do homem interior. Pelo que, assim como huma cousa, que nasce de novo, deixa logo de ser o que era, e recebe outro novo ser, sem ficar allî nada, do que d'antes era (como quando de huma semente nasce huma arvore, a semente deixa de ser, e a arvore recebe hum novo ser); assim tambem quando hum homem nasce espiritualmente, logo deixa de ser aquelle homem velho, que d'antes era (isto he, filho de ira, e de perdição), e começa a ser outro novo homem (isto he, filho de graça) e assim fica livre de culpa, e de pena. Mas o Sacramento da Penitencia não livra dos peccados passados como *regeneração*, senão como *medicina;* a qual humas vezes sára perfeitamente, e outras não; mas deixa algumas reliquias da enfermidade passada, que depois com o tempo, e bom regimento se hão de gastar. Desta sorte a penitencia, humas vezes sára perfeitamente, livrando ao homem da culpa, e da pena, quando nella intervêm alguma perfeitissima contrição (como foi a da Magdalena, e outras semelhantes); mas outras vezes (quando a contrição não he tão perfeita) aindaque risca toda a culpa, nem por isto tira toda a pena; e esta que fica, se ha de purgar nesta, ou na outra vida. Disto temos exemplo ainda nas cousas humanas; porque se hum Cavalheiro commette hum delicto contra seu Rey, pelo qual merecia pena de morte, póde este depois fazer-lhe tão grandes serviços, que mereça a graça do Rey, e o perdão geral de toda esta pena; e póde tambem fazer-lhos táes, que não mereça tanto, senão alguma cousa menos, a saber, a graça do Rey, e a commutação da pena de morte em algum desterro temporal. Assim lemos que o fez David com seu filho Absalão : porque tendo este morto a seu irmão Amnon, e estando o pay tão justamente indignado contra elle, depois de tres annos de ausencia, e desterro, lhe perdoou

a culpa passada, com tal condição porem, que não entraria em seu real palacio, nem appareceria em sua presença: Deste modo pois, quando a contrição do penitente não he tão consummada, e perfeita, perdoa Deos ao homem por virtude do Sacramento a culpa, e tambem a pena eterna, que por ella merecia, e parte da temporal: porêm não quer que este entre logo em seu Celestial Palacio, e veja sua face, até que esteja perfeitamente purgado nesta vida, ou na outra. Deste modo se houve tambem Deos com o mesmo David, a quem, por causa de sua confissão, e arrependimento, perdoou a culpa do adulterio, em que cahíra, e o restituîo á sua amizade, e graça, que perdêra; mas depois disto lhe enviou grandes açoutes, e calamidades pelo peccado perdoado.

4. Mas que peccado houve no mundo, que fosse mais perdoado, que o de Moysés, e Aarão nas *Aguas da Contradicção?* e com tudo isso, perdoado o peccado, ficou sempre viva a pena, que a Divina justiça promulgára contra elle, que foi privar áquelles dous tão santos irmãos da entrada na terra da promissão.

5. Assim pois acontece pela mayor parte neste Sacramento; no qual por virtude da Paixão de Christo, que nelle obra, se perdôa a culpa, e se alcança a Divina graça; fica porem o homem obrigado, pela imperfeição de sua contrição, a certos gráos de pena, segundo a taxa da Divina justiça. E havendo muito genero de obras virtuosas, que ajudão para o descargo desta pena, singularmente servem para isto as que são mais penosas, e trabalhosas ã nossa carne; porque (como diz S. Gregorio) já que esta com seus appetites, e deleites nos trouxe á culpa, está pôsto em razão, que ella mesma affligida, e flagelada nos descarregue della; e já que por lhe dar contentamento, desgostámos a Deos, a

razão pede tambem, que a contristemos, e afflijamos. para assim aplacar a Deos.

CAPITULO XVI

DA ORIGEM, E CAUSA DA SATISFAÇÃO.

1. Vista já a necessidade, que temos da satisfação. vejamos agora a sua origem, e principio, para que por aqui entendamos melhor, qual ella deva ser. Para isto pois nos devemos lembrar, do que dissemos ao principio deste Tratado, a saber, que a verdadeira penitencia. e a graça da conversão de hum peccador, era a mayor graça, e misericordia, que se podia fazer nesta vida. Porque aindaque seja mayor cousa a gloria que a graça (pois huma he graça começada, e a outra consummada porem mayor graça he, tirar Deos a hum homem do peccado, e pôl-o em estado de graça, que depois de pôsto em graça, dar-lhe a gloria.

2. De mais disto; assim como o Baptismo (que he a porta dos mais Sacramentos, e principio da regeneraçãc do homem) traz comsigo (quanto he da sua parte) todas as virtudes, e dons do Espirito Santo justamente com a graça, da qual todos estes bens procedem; assim tambem a verdadeira penitencia (que he principio da nossa resurreição) traz comsigo todos estes dons, e thesouros, e particularmente huma nova luz, e conhecimento das cousas espirituáes, e divinas; para as quáes estava o homem d'antes quasi cégo, como quem vivia na região das trêvas, e sombra da morte; e traz tambem huma nova Caridade, e amor de Deos, que he a forma da verdadeira penitencia, e de todas as virtudes; e a que

causa em nossa alma admiráveis affectos, e sentimentos pertencentes a esta virtude porque como o amor natural he principio de todos os affectos, e paixões naturáes, assim o amor sobrenatural de Deos, o he de todos os affectos, e sentimentos espirituáes; e tanto mais, quanto elle for mayor. E assim como são differentes as graças das conversões, em huns mayores (como foi a de Santo Agostinho, S. Paulo, e outros muitos) e em outros menores (como pela mayor parte costumão ser as ordinarias, e quotidianas); assim tambem são mayores, ou menores os affectos, e interiores movimentos, que esta virtude produz.

3. Esta virtude pois causa na alma hum tão grande arrependimento, e displicencia por haver offendido a Deos, que quizera o homem ter antes padecido mil generos de tormentos, que ter aggravado a tal Senhor. Causa tambem hum grande temor da Divina Magestade; á qual vê que desprezou, e provocou sua ira com tantas offensas, pelas quáes conhece ter incorrido na indignação de seu furor. Causa álem disto huma grandissima vergonha de apparecer diante de sua Divina presença, como a que teria huma mulher, que tivesse offendido a seu marido, quando depois de perdoada, a recebesse em sua casa; como era a que tinha aquelle Publicano do Evangelho, que não ousava levantar os ólhos ao Ceo de pura vergonha, e confusão. Causa finalmente hum grandissimo desejo de satisfazer a Deos com a devîda penitencia, pela offensa que lhe fez; e de tomar vingança, de quem lhe foi occasião della, isto he, de sua propria carne. Porque quando considera, que esta foi, a que com seus appetîtes, e affagos lhe fez estender os braços ao desordenado amor das creaturas, e apartar do amor, e obediencia de seu legitimo Espôso, e Senhor, embravece-se de tal sorte contra ella, que a

quereria despedaçar, e martyrizar, como a causadora de todo o seu mal.

4. E para que melhor se entenda tudo isto, imagina o que faria huma castissima donzella, se depois de desposada em ausencia com hum homem nobre, e principal, huma má mulher a enganasse, fazendo-lhe crer. que outro diverso daquelle era o seu espôso; e assim crendo ella tudo isto, se lhe entregasse, e o tratasse como a tal; dize-me pois, a que tal engano tivesse padecido, e visse que aquella má mulher foi a que assim a enganou, e deshonrou, que faria? que diria? e que corágem conceberia contra ella? Sem duvida que lhe pareceria pouco beber o sangue, a quem assim a tivesse enganado; se bem que isto não deixe de ser peccado. A alma pois, a quem Deos abrio os ólhos, e communicou huma nova, e particular luz, com a qual por huma parte conhece tão perfeitamente ser elle o seu verdadeiro, e legitimo Espôso, e o ultimo fim, para que fôra creada; e por outra vê, que por engano desta tão má mulher (isto he, de sua propria carne) veyo a estender os braços de seu amor ás creaturas, abraçando-as com aquelle amor, que só a elle se deve; quando vê, que a causa deste adulterio foi sua carne, como ha de ter paciencia com ella? como a não ha de affligir, maltratar, e tomar vingança, de quem tanto mal lhe fez? Pois daqui nascem os excessos, que alguns penitentes costumão fazer ao principio de sua conversão; aos quáes não podeis tirar das mãos a disciplina, nem o cilicio, nem o jejum, nem outras semelhantes asperezas, com que muitas vezes vêm a fazer grandes excessos, e a estragar a saúde, se não procurão ter nisto muito cuidado, e discrição.

5. Tal era o espirito de penitencia, que declara o Santo Job naquellas palavras, quando dizia: *Pequei, que*

quereis que faça, ó guarda dos homens? como se mais claramente dissera, segundo expõem Santo Agostinho: *Eu confesso, Senhor, o meu peccado, e he tão grande o pesar, que por isto tenho, que nenhuma pena recusarei padecer por elle. Vede, Senhor, que quereis que faça, que para tudo, o que quizerdes fazer de mim, estou prompto, e apparelhado. Não tenho outra cousa que offerecer-vos, senão hum coração disposto para tudo, o que me mandares fazer. Se me mandares que arda em vivas chammas, ou que este meu corpo seja despedaçado, ou que padeça outro qualquer tormento, por grande que seja, apparelhado tenho o coração para o fazer. Aqui me offereço atado de pés, e mãos, e derribado a vossos pés, não fujo, nem appello da vossa sentença, não declino jurisdição, não ponho excepções, nem supplico, que me alivies das penas, senão que me sentencieis á vossa vontade. Sede vós o cutélo, e eu serei a carne; cortai, Senhor meu, por onde quizerdes, com tanto que me perdoeis as culpas, que contra vos tenho commettido.*

6. Deste mesmo modo se affligia o Santo Rey David, quando em hum de seus Psalmos penitenciáes dizia assim: *Afflicto estou, e humilhado, e dou bramidos do intimo de meu coração: Senhor, diante de vós está o meu desejo, e de vós tambem não está escondido o meu gemido. Meu coração se turbou, e as minhas forças desfalecêrão, e até já me falta a luz dos ólhos.* Deste modo se affligia este Santo penitente; e assim tambem se havião de affligir, humilhar, e castigar os que offendêrão a tal Senhor. Porque (como diz hum Doutor) justo he que a alma, que contra a vontade de Deos, desamparado o seu Creador, se deleitou desordenadamente na creatura, purgue, e pague com trabalhos voluntarios o voluntario deleite, com que se cegou. E porque á culpa naturalmente se deve pena (com a qual se corrige, e ordena

a culpa) justo he que abrace, e procure as penas, quem teve a ousadía de commetter tantas culpas. E já que o homem peccando, desamparou o Summo Bem, e o trocou por huma vilissima creatura (o que he grandissima injuria, e desprezo daquella Soberana Magestade) justo he, que voluntariamente se humilhe, despreze, e abaixe até ao pó da terra, quem assim desprezou a tão grande Senhor.

7. Deste modo pois, trabalhão por satisfazer a Deos aquelles, a quem o Senhor abrio os ólhos com esta luz do Ceo; com a qual conhecendo a immensidade, e grandeza da Divina Bondade, conhecem nella a grandeza de sua malicia; e confórme a isto lhe desejão satisfazer. Para confirmação do que, e ainda para exemplo, e confusão da tibieza de nossos tempos, me parecêo pôr aqui hum pedaço de historia, que contêm o rigor, e aspereza admiravel de huns Santos Penitentes, que S. João Climaco vio em hum daquelles antigos Mosteiros; a qual refere este Santo, como testemunha de vista, quasi por estas palavras.

8. « Como eu viesse (diz) a este Mosteiro, vi nelle » cousas, que nem os ólhos do preguiçoso virão, nem » os ouvidos do negligente ouvirão, nem poderão » jámais entrar no coração do tibio, e descuidado. » Ouvi palavras, e vi obras poderosas para fazer (se » dizer se póde) forca ao Omnipotente, e inclinal-o á » misericordia. Vi muitos daquelles Santos Penitentes, » que estavão toda a noite póstos ao sereno velando, » sem se moverem de hum lugar; e quando já o sôno » os vencia, pelejavão comsigo mesmos, e deshon- » rando-se com palavras injuriosas, afugentavão á » força de braços o sôno dos ólhos, por não darem a » seus corpos aquelle pouco de repouso. A outros vi » com os ólhos póstos no Ceo, pedindo sempre com

» lagrimas, e suspiros perdão, e misericordia : e outros
» pelo contrario, dizião com o Publicano, que não erão
» dignos de os levantar ao Ceo, nem fallar com Deos ;
» e assim tinhão seus róstos inclinados para a terra,
» offerecendo-lhe suas almas caladas, emmudecidas, e
» cheyas de temor, e confusão. Outros estavão vestidos
» de sacco, e cilicio, escondendo entre os joêlhos seus
» rôstos, e ferindo muitas vezes com as téstas a terra
» com amargura de seus corações. Entre estes havião
» alguns, que tinhão bahanda a terra com muitas
» lagrimas : e outros que com grande dôr se lamen-
» tavão, porque estas lhes faltavão. Muitos delles fazião
» (como se costuma sobre os mortos) pranto sobre suas
» almas, chorando e lamentando a quéda, e a morte
» dellas. Outros havia, que a modo de Leões, bramião,
» e rugião no intimo de seus corações, reprimindo
» dentro de si a voz dos gemidos ; e ás vezes (quando
» já não se podião conter mais) subitamente prorom-
» pião em grandes vozes, e alarídos. Vi alli alguns
» delles, que na figura do corpo, nas obras, e pensa-
» mentos parecião estar como alienados de si mesmos,
» como se fossem humas estatuas de pedra ; porque a
» grandeza da dôr os tinha feito quasi insensiveis a
» todas as cousas desta vida ; os quáes tinhão suas
» almas como sumidas no abysmo da humildade, e se
» lhes havião já secado as fontes das lagrimas com o
» continuo fogo da tristeza.

9. E hum pouco mais abaixo prosegue o Santo Varão, dizendo assim : « Verieis allí áquelles Santos Penitentes
» andar tristes, e inclinados para a terra ; os quáes
» (desprezado já o cuidado de sua carne) misturavão
» com cinza o pão que comião, e com lagrimas a agua
» que bebião. Não se ouvião entre elles outras palavras,
» se não estas : *Ay, ay miseravel de mim, ay miserav!*

» *de mim : justamente justamente ; perdoai, Senhor ;*
» *perdoai, Senhor.* Verieis a muitos destes, que tinhão
» as linguas deitadas fóra, a modo de cães sequiosos,
» traspassados, e consumidos com a vehemencia da
sêde. Outros que se estavão queimando á mayor
torreira do Sol no Estîo ; e outros pelo contrario,
» que se deixavão estar enregelando no meyo do
» Inverno ao frio, e ao sereno. Outros havia, que
tomavão huma pequena bochêcha de agua para
refrescar a lingua, e com isto só se contentavão, sem
» beber toda a que lhes era necessaria ; e outros assim
mesmo comião hum pouco de pão, e arrojavão de si
o mais, dizendo, que não erão merecedores de comer
» manjar de homens, pois havião feito obras de bestas.
10. » Entre táes exercicios como estes, que lugar
» teria allî o riso, ou as palavras ociosas, a ira, ou o
furor ? Aonde estevão allî as festas? aonde o cuidado,
e serviço do corpo? aonde se quer algum pequeno
fumo de vangloria ? aonde os regalos, e deleites da
gula ? Todo o seu cuidado era, clamar ao Senhor
dia, e noite ; e só se ouvia entre elles a voz da oração.
Alguns havia, que batendo rijamente seus peitos
(como se estiverão chamando ás portas do Ceo) davão
vozes, e dizião : *Abri-nos, piedoso Juiz, a porta, que
nós com nossas maldades temos cerrado.* Outro dizia :
Mostrai-nos, Senhor (sómente) *vossa face, e seremos
salvos.* Outro dizia *Apparecei, Senhor a estes*
(pobres e miseraveis) *que estão assentados nas trévas
e sombra da morte.* Outra dizia : *Senhor, fazei que*
» *sem demóra sejamos prevenidos com as vossas mise-
ricordias, porque temos chegado, a huma grande
pobreza.* Outros dizião *Porventura terá o Senhor*
» *por bem algum dia de se alegrar sobre nós ? Porven-*
» *tura ouviremos algum dia aquellá doce voz, que diga*

» *aos presos* : Sahi livres; *e aos que estão nas trévas*:
» Recebei a luz?

11. « Tinhão sempre a morte diante dos ólhos, e fallando huns com os outros, dizião : *Que vos parece,*
» *que nos succedera nesta hora? que fim será o nosso?*
» *Estará porventura já revogada a sentença de nossa condenação? Porventura haverá já chegado á pre-*
» *sença do Senhor a nossa oração? e se houver chegado, como terá sido recebida? Quanto nos terá aprovei-*
» *tado? quanto o haverá aplacado? porque sahindo esta de corpos, e lábios tão immundos, pouca força, e*
» *graça havia de achar diante delle. Quem saberá, se por ventura os Santos Anjos, a quem sômos encom-mendados, estarão já aproximados a nós? ou se ainda toda via estão de nos apartados, pelo máo cheiro de nossas culpas*? alguns delles a estas, e outras per-guntas respondião : *Quem sabe, irmãos (como disserão*
» *os Ninivitas) quem sabe, se o Senhor nos perdoará, e se se voltará para nós, e não tenhamos de perecer,*
» *Por tanto perseveremos agora clamando até ao fim de nossa vida; porque o Senhor he misericordioso, e com a nossa perseverança se aplacará. Corramos.*
» *irmãos, corramos; porque he necessario correr, e*
» *correr com muita préssa para voltar ao lugar donde*
» *cahimos. Corramos sempre para elle, e não perdoemos*
» *a esta nossa immunda carne, mas tomemos della*
» *sempre vingança, e crucifiquemo-la; pois ella primeiro nos crucificou a nos.*

12. « Pois que era vêr allí, depois de tudo isto, a
» figura, e máo tratamento de seus corpos? Tinhão os rostos como de defuntos, e os ólhos sumidos de fra-queza; tinhão as faces feridas, e queimadas com o
» ardor das ferventes lagrimas ; e os cabellos dos ólhos
» cahidos com o continuo chorar. Nos joêlhos tinhão

» creado callos a modo de camêlos, pelo contínuo uso
» da oração. Tinhão os peitos tão quebrantados do
» contínuo bater, que alguns delles cuspião a saliva
» misturada com sangue.

13. « Rogavão estes bemaventurados Penitentes
» muitas vezes ao Padre do Mosteiro (que era hum
» verdadeiro Anjo entre os homens) que lhes lançasse
» cadêas ao pescôço, e ás mãos, e lhes metesse os pés
» em hum cêpo, e os não tirasse dalí, até que os leva-
» sem á sepultura; e ainda desta mesma se tinhão por
» indignos.

14. « Mas quando chegava já a hora de espirar,
» então era para vêr outra cousa de grande temor, e
» espanto: porque todos naquelle ponto, se punhão ao
» redor da cama do que estava para morrer, e com
» muy ardentes desejos, com os rôstos, e palavras dolo-
» rosas lhe perguntavão, dizendo: *Como te vai, irmão?*
» *Como se faz comtigo? que nos dizes? que esperanças*
» *tens? que sentes? que será de ti? tens porventura*
» *alcançado o que com tanto trabalho buscavas? Tens*
» *chegado ao porto da salvação? hão-te dado algum*
» *penhor de segurança? tens sentido dentro de teu*
» *coração alguma nova luz? tens ouvido lá dentro*
» *alguma voz, que te dissesse*: Teus peccados te são
» perdoados? *Ou*: A tua fé te fez salvo? *ou porventura*
» *tens ouvido outra voz que te diga*: Desção os pecca-
» dores ao Inferno, e todas as gentes, que se esquecem
» de Deos? *Ou*: Atado de pés, e mãos, seja lançado
» nas trévas exteriores? *Ou*: Seja tirado o máo, para
» que não veja a gloria do Senhor? *Que nos respondeis,*
» *irmão? Vos rogamos que nos digais alguma cousa,*
» *para que de vós saibamos, o que nos está apare-*
» *lhado. O vosso pleito está já para concluir-se; e o que*
» *agora receberes, nunca já mais para sempre o muda-*

» *reis*; *mas a nossa causa ainda está pendente, e fica* » *por sentenciar*. A estas perguntas alguns delles » respondião : *Bemdito seja o Senhor, que não per-* » *mittio, que fossemos levados em os dentes dos inimigos.* » Porem outros respondião com mais tristeza dizendo : » *Ay daquella alma, que não guardou inteiramente a* » *sua profissão ! porque nesta hora saberá bem, o que* » *lhe está apparelhado.*

» 15. Pois como eu visse, e ouvisse as cousas, que » atéqui temos dito, fiquei tão attónito, e pasmado, » que pouco faltou para não cahir em hum abysmo de » tristeza, e desesperação, considerando a negligencia » de minha vida, e a tibieza de minha penitencia, com- » parando-a com a destes Santos. Pois que direi de » mais disto, do aposento, e casa, em que moravão? » Era tão disforme, tão escura, e hedionda; e estava » tão chêa de horror, que verdadeiramente, como se » chamava, assim o era *Carcere;* e só a sua vista, e » figura bastava para mestra da penitencia.

» 16. Tuto isto porventura parecerá incrivel, ou » impossivel aos negligentes; mas aos verdadeiros peni- » tentes, e áquelles que sabem sentir o bem, que pelo » peccado perdêrão, outra cousa parecerá. Porque a » alma que, perdida aquella primeira paz, e amizade » que tinha com Deos, quebrou aquelles pactos, e con- » certos, que com elle capitulára; e perdêo o thesouro » inestimavel da graça, e as consolações do Espirito » Santo; e apagou o fogo da Caridade (donde proce- » dião as doces lagrimas); quando de tudo isto se lem- » bra, he tão fortemente traspassada de dôr, que não » só leva estes trabalhos com paciencia, mas ainda se » quereria despedaçar, e crucificar, se lhe fôra per- » mittido. Pois deste modo revolvendo estes Bemaven- » turados Padres em seu coração a felicidade do antigo

» estado, em que vivêrão; e daquelles tão santos, e tão
» suáves exercicios, em que se criárão, dizião com o
» Santo Job *Quem me fizera tão ditoso, que estivesse*
» *eu agora naquelle estado, em que vivi os primeiros*
» *dias, em que me guardava Deos? Quando resplande-*
» *cia a sua candeya sobre minha cabeça, e com sua luz*
» *andava eu entre as trévas? E como quando estive nos*
» *dias da minha mocidade, quando secretamente estava*
Deos em minha morada? Quando com leite lavava eu
» *meus pés, e a pedra me manava rios de azeite?*
» 17. Deste modo pois lembrando-se em particular
» de cada hum de seus exercicios passados, e dos fa-
» vôres, e consolações, que de Deos tinhão recebido,
» choravão amargamente, e dizião entre si: *Aonde está*
» *aquella antiga pureza de nossa oração? aonde aquella*
» *tão grande confiança com que orávamos? aonde aquel-*
» *las doces lagrimas no meyo de nossas amarguras?*
» *aonde a esperança daquella purissima e perfeitis-*
» *sima castidade, e daquelle beatissa quietação, que*
» *esperávamos alcançar? aonde aquella fé, e lealdade*
» *para comnosso Prelado? aonde aquella virtude, e effi-*
» *cacia de nossas orações? Perecêrão todas estas cousas,*
» *e como se nunca forão se desvanecêrão.* E dizendo
» estas palavras, era tão grande a dôr, que destas per-
» das tinhão, junto com o aborrecimento de si mesmos,
» que pedião a Deos lhes desse todo o genero de tor-
» mentos nesta vida, para tomar vingança de seus
» corpos, pois lhes forão occasião de tanto mal. Huns
» lhe pedião, que lhes désse aqui alguma gravissima
» enfermidade; outros, que os privasse da vista dos ólhos,
» e que ficassem feitos hum espectáculo de miserias ao
» mundo; outros finalmente, que viessem a ser toda a
» vida tolhidos de pés e mãos; para que com estes
» males presentes merecessem escapar dos futuros.

» 18. Porem eu, irmãos meus, não sei como pude » perseverar tanto tempo entre tantas lagrimas; por- » que trinta dias estive com elles, no fim dos quáes me » tornei áquelle Santo Padre, que presidia no Mosteiro; » e como elle me visse tão attonito, e demudado, e en- » tendendo a causa de minha turbação, disse : *Que he* » *isso, Padre João? Vistes as batalhas dos que pelejão?* *Vi, Padre* (respondi) *e estou admirado; e tenho por* » *mais ditosos, aos que depois da quéda chorão deste* » *modo, que a outros, que nunca cahirão, e não chorão como estes; porque aos táes me parece, que a sua quéda* (*dispondo-o assim a Divina graça*) *lhes foi occasião de* » *tão maravilhosa exaltação.* » Quasi todas estas são palavras de S. João Climaco, que de todas estas cousas, e de outras ainda mais admiráveis, e espantosas dá testemunho, como pessoa, que as vîo com seus próprios ólhos.

19. Por muitos motivos quiz escrever aqui todas estas cousas, 1 ; para que nos confundamos, e humilhemos, vista a tibieza das penitencias de nossos tempos, comparando-as com o fervor; e rigor daquelles antigos Padres, 2; para que vejamos até onde chega a virtude da Caridade, e a luz do Espirito Santo; a qual está sempre prompta, e apparelhada para todos os fieis, assim para os que então forão, como para os que agora são, e serão, se se animarem a trabalhar, como elles fizerão, 3; para que com esta esperança, e exemplo nos estimulássemos a fazer alguma cousa mais do que fazemos, attendendo ao muito, que estes Santos fazião; pois não tinhão outros corpos diversos dos nossos; nem tão pouco outro Senhor, ou ajudador em seus trabalhos : porque por isso se propõem exemplos de cousas mayores, para que ao menos não estranhemos as menores.

20. He bem verdade, que nem por isso deve log(

ninguem desmayar, se não fizer o que os Santos fizerão : porque assim como no corpo humano ha muitos membros, huns mais nobres, e outros menos nobres, e no Ceo muitas cadeiras, humas mais altas, e outras mais baixas; assim tambem na Igreja ha diversos gráos de merecimentos, diversas vidas, e diversas penitencias, que servem de disposição para ellas; e o que he necessario para huma vida, não o he para a outra.

21. Nem tão pouco devemos logo querer fazer tudo, e que os Santos fizerão : porque muitas cousas suas se nos propõem mais para a admiração, que para a imitação : porque o que diz bem para hum gigante, não vêm bem para hum pygmeu; e o que se compadece com hum espirito muy alto, e elevado, não se conformа com o baixo, e rasteiro.

CAPITULO XVII

DAS TRES PRINCIPAES OBRAS, COM QUE SATISFAZEMOS A DEOS

1. Sendo pois mais proprio das obras penáes, e trabalhosas serem satisfáctorias, daqui he, que (segundo a doutrina dos Santos, e da Igreja) assignamos tres generos de obras satisfáctorias, a saber, jejuns, esmólas, e orações ; porque todas estas obras (de mais de serem santas, e virtuosas) são tambem penosas á nossa carne: e assim com a dôr da pena satisfazem pelo deleite da culpa. De mais disto, como no homem ha tres cousas principáes, com que offendemos muitas vezes a Deos, a saber, fazenda, corpo, e alma, justo he, que com todas ellas lhe satisfaçamos, e que de todas lhe façamos sacrificio; o que se faz com estas tres virtudes; porque com a esmola lhe sacrificamos a fazenda, com o jejum o corpo, e com a oração a alma.

2. De mais disto, como todos os peccados sejão contra Deos, ou contra nós, ou contra nossos proximos, a todos estes generos de pessoas dizem respeito estas tres virtudes : porque o jejum respeita a nós, a fazenda a nossos proximos, e a oração a Deos.

§ I

DA PRIMEIRA OBRA SATISFACTORIA, QUE HE O JEJUM.

3. Por tanto, o que deseja satisfazer a Deos de véras, e de todo o coração, deve exercitar-se principalmente nestas tres virtudes, e primeiramente comece pelo *Jejum;* o qual (como dissemos) com a dôr da pena, paga pelo deleite da culpa; e castiga a carne, que pela mayor parte tem sido a causa de todos os nossos peccados. *De mais disto abstendo-nos nós por meyo do jejum das cousas licitas* (diz S. Bernardo) *alcançamos o perdão das illicitas; e deste modo com hum breve jejum remîmos o tormento dos eternos jejuns : porque pelo peccado merecemos o inferno, aonde não ha manjar, nem consolação, nem termo algum : aonde o Rico avarento tantos annos ha pede huma só gôta de agua, e não a alcança. Ditoso pois he o jejum, com o qual se rimem tães jejuns, e se escapa de tães tormentos. O jejum* (continûa o Santo) *não só he lavatório de peccados, senão tambem extirpação de vicios; não só impétra o perdão da culpa, mas tambem merece a graça; não só tira os peccados passados que commettemos, mas tambem preserva dos futuros, que poderamos commetter. O jejum* (diz S. Pedro Chrysólogo, Arcebispo de Ravena) *he Palacio de Deos, arrayal de Christo, muro do Espirito Santo, bandeira da Fé, final de castidade, e estan-*

darte de santidade. O jejum (diz Santo Agostinho *purga a alma, eléva os sentidos, sujeita a carne ao espirito, géra coração contrito, e humilhado, desfaz as trévas da concupiscencia, apága os ardores da luxuria, e accende a luz da castidade.* O jejum he freyo de nossos appetîtes, mortificação das paixões, disciplina da vida, e temperança da cobiça. O jejum he irmão da pobreza, filho da penitencia, mãy da castidade, companheiro da oração, cutélo do amor proprio, guarda de nossa saûde, e meyo efficacissimo para aplacar a Deos, e alcançar mercês de sua liberal mão. Com este o aplacárão os Ninivitas; com este se humilhavão, e armavão sempre os filhos de Israel em seus trabalhos; com este se amparárão, e defendêrão aquelles tres Santos moços do furor do Rey de Babylónia: com este foi arrebatado Elias em o carro de fogo: com este recebêo Moysés a ley de Deos; com este se preparou o Filho de Deos para a prégação do Evangelho. não por necessidade que disso tivesse, mas por nos dar exemplo.

4. Por tanto, o que deveras deseja satisfazer a Deos. e tomar vingança de seus inimigos, e gozar de todos estes privilegios, arme-se com hum santo, e forte ódio contra si mesmo, isto he, contra sua carne, fazendo nella justiça, castigando-a com jejuns, vigilias, disciplinas, cilicios, vestidos asperos, cama dura, e com todas as mais asperêzas que puder; porque com isto não só satisfará a Deos, mas tambem triunfará do mais poderoso de seus inimigos, e fará a seu corpo, e espirîto, templo vivo do Espirito Santo. Porem tudo isto se ha de fazer com discrição, e moderação, para que de tal sorte castiguemos o inimigo, que não matemos o homem, nem destruamos o sujeito, do qual temos necessidade para o serviço de Deos: que por isso man-

dava este Senhor na Ley, que em todos os sacrificios se offerecesse sal, para com isto significar a discrição, e temperança que devemos ter em todos estes espirituáes sacrificios. E por falta disto muitas pessoas espirituáes vierão de tal sorte a estragar, e destruir a compleição, e a faltar no meyo do caminho, que depois para recuperar a saúde, foi necessario affrôxar em todos os exercicios espirituáes, e (o que he peyor) na mesma virtude, que delles depende.

§ II

DA SEGUNDA OBRA SATISFACTORIA, QUE HE A ESMÓLA.

5. Mas para que este jejum seja mais proveitoso, he necessario acompanhal-o com obras de misericordia; porque (como diz Santo Agostinho) o jejum sem Caridade, e sem esmóla he tal, qual he a lâmpada sem azeite. E em outro lugar diz o mesmo Santo: *Vós, irmãos, dai esmola, para que vossas orações sejão ouvidas, e para que Christo vos ajude a emendar a vida, e vos perdôe os peccados passados, e vos livre dos males futuros, e vos de os bens eternos.* A este proposito diz tambem S. Pedro Chrysólogo: *Aindaque o jejum tira as enfermidades dos vicios, as paixões da carne, e as causas dos peccados, não dará porem perfeita saúde sem o unguento da misericordia, sem o rîo da piedade, e sem o soccôrro da esmóla. O jejum* (diz mais) *sára as feridas dos peccados, mas não tira os sindes delles, sem o balsamo da misericordia. Esta* (diz o Santo Tobias) *livra do peccado, e da morte, e não permitte, que a alma vá parar ás trévas.* E o Ecclesiastico diz: *Assim como a agua extingue o fogo, assim a esmóla resiste aos pec-*

cados. Sobre as quáes palavras diz Santo Ambrosio: *Grande he por certo a força, e virtude da esmóla, que com a fonte de sua benevolencia apaga de tal sorte as chammas dos peccados, e com o rio de sua liberalidade extingue o incendio dos vicios, que, aindaque Deos esteja offendido, e provocado á ira, perdôa por virtude das esmólas áquelle, a quem determinava castigar por suas culpas.* E Santo Agostinho diz: *Assim como o fogo do inferno se apaga com o lavatório da saudavel agua do Baptismo, assim tambem a chamma dos peccados se extingue com as esmólas, e obras de justiça. De sorte, que o perdão dos peccados, que huma vez se dêo no Baptismo, no lo dá cada dia o exercicio das esmólas, como outro segundo Baptismo.* He bem verdade, que a comparação não he em tudo semelhante; mas nem por isso deixa de ser grande louvor, e gloria da esmóla, o ser comparada com este celestial lavatório, que he fonte, e porta da vida. Por cuja causa o Propheta Daniel não achou outro meyo mais a proposito, para livrar a El-Rey Nabuchodonosor daquella tão rigorosa sentença, que contra elle fulminára o Ceo, que aconselhar-lhe, que se acolhêsse a esta sagrada áncora da esmóla, dizendo-lhe assim: *Toma, Rey, o meu conselho: rîme os teus peccados com esmolas, e tuas maldades com obras de misericordia feitas aos pobres.* Porque muito bem sabia este Santo Propheta, quão grande parte era para achar misericordia diante de Deos usar de misericordia com os homens; pois he certo que pela medida, que medirmos os outros, por essa mesma havemos de ser medidos. Por isso no dia do Juizo se ha de fazer tão grande caso das obras de misericordia: porquanto ellas hão de ser allí os artigos, por onde se hão de examinar, e julgar nossas vidas. Sobre as quáes palavras diz Santo Agostinho: *Escrito está:*

Rime teus peccados com esmólas. *Por esta razão faz principalmente caso o Senhor das esmólas; porque por ellas finalmente vem a premiar os seus, como se mais claramente dissera: Difficultosa cousa he examinar com diligencia vossas vidas, e usar comvosco de misericordia; mas com tudo isso ide para o Reyno eterno, porque tendo eu fóme, me destes de comer etc. De sorte, que não ides para o Reyno, porque não peccastes, mas porque remîstes vossos peccados com esmólas. Porem pelo contrario dirá aos máos; Ide para o fôgo eterno, não só porque peccastes, mas tambem porque não remistes vossos peccados com esmólas; porque se as tivesseis feito, ellas vos livrarião deste castigo.* Atéqui são palavras de Santo Agostinho. Porem ainda mais que isto accrescenta S. Pedro Chrysólogo, dizendo: *Admiravel cousa he por certo ver, quão saborôso seja a Deos o sustento do pobre; pois no Reyno do Ceo, e na presença dos Anjos, e naquelle tão grande ajuntamento, e multidão de resuscitados não se faz menção, nem da morte, que padecêo Abel; nem do mundo, que salvou Noé; nem da Fé, que teve Abrahão; nem da Ley, que dêo Moysés; nem da Cruz, a que subio Pedro, mas só do pão, que se dêo ao pobre.* Por cuja causa admirado S. João Chrysóstomo da efficacia, e formosura desta virtude, diz assim em huma Homilîa: *A esmola he amiga de Deos, e sempre se acha junta a seu lado: ella alcança graça para quem quer. Tanta he a sua virtude, e efficacia. Quebra as ligaduras dos peccados, affugenta as trévas, extingue as chammas do inferno, mata o bicho roedor da consciencia, e livra do ranger de dentes. A ella estão patentes as portas do Ceo; e como a Rainha que entra, nenhum dos porteiros se atreve a perguntar quem seja, nem donde venha; antes todos a sahem a receber benignamente. He virgem,*

e tem azas de ouro, e seus vestidos são de grande formosura. Seu rôsto he branco, e affavel; e com as azas. e ligeireza que tem, assiste sempre diante do thrôno de Deos.

6. Pois sendo tão grande a efficacia desta virtude, o que deseja satisfazer a Deos, e alcançar a desejada misericordia, procure vestir-se desta vestidura, exercitando-se em obras de misericordia, compadecendo-se das miserias dos pobres, e ajudando-os, se puder, com sua fazenda; e se não, com seu conselho, com sua industria, com sua oração, e com sua intercessão; e (quando mais não possa ser) ao menos com a compaixão de seus trabalhos; pois, como diz S. Gregorio, não dá menos, o que se compadece do coração, que o que dá do que tem; porque hum dá sua fazenda; porem o outro, a sua alma.

7. Mas aqui he muito de notar, o que Santo Agostinho escreve a este proposito, dizendo : *Como haja muitas maneiras de misericordias, com as quáes alcançamos o perdão dos peccados, nenhuma ha mayor, que perdoar de coração aos que peccárão contra nós.* Conforme ao que diz S. Pedro Chrysólogo : *Olha, homem, que não pódes estar sem peccado; e queres que sempre te perdôem os teus peccados? Pois para isto perdôa sempre quanto queres, que te perdoem a ti. E se assim o fizeres, entende, que perdoando a outro, tu mesmo déste a ti o perdão.* Quasi o mesmo diz tambem Cesario por estas palavras : *O que não tem com que remir captivos, nem vestir núa. trabalhe por não ter em seu coração ódio contra seus proximos, e de não dar mal por mal a seus inimigos: mas antes ame-os, e faça oração por elles, e póde estar muy confiado na misericordia, e promessas de seu Senhor. dizendo-lhe : Dai-me, Senhor, porque dei; e perdoai-me. porque perdoei.*

§ III

DA TERCEIRA OBRA SATISFACTORIA, QUE HE A ORAÇÃO.

8. Alem de tudo isto, ajuda a *Oração*, não só a terceira parte da Penitencia, que he a satisfação, mas tambem á primeira, que he a Contrição; pois por ella muitas vezes infunde o Senhor nas almas dos peccadores este espirito; e por ella tambem conseguem o perdão de seus peccados, como por este meyo o alcançou aquelle Publicano do Evangelho, e tambem o fllho Prodigo. Por cuja causa nos aconselha o Propheta, que nos voltemos a Deos por este meyo, dizendo: *Levai com vosco palavras, e voltai-vos ao Senhor, e dizei-lhe: Tirai de nós, Senhor, toda a maldade, e recebei nossos bons corações, e vos offerecemos o sacrificio de nossos lábios.* Pois com esta sorte de palavras negocêa com Deos a oração, e aplaca aquelle Divino peito, mais que de diamante para os soberbos, e mais que de branda cera para os penitentes, e humildes. Se não dize-me, quem atégora chamou ao Senhor com este coração, que não sentisse logo em sua alma os indicios, e mensageiros de sua Clemencia? Assim o tem elle promettido pelo Propheta, dizendo: *Quem quer que deste modo invocar o Nome do Senhor, será salvo.*

9. Mas para que esta oração possa melhor subir ao alto, he necessario pôr-lhe as duas azas, de que já tratámos, a saber, o *Jejum*, e a *Esmóla;* porque com estas vôa mais ligeiramente, e não pára até chegar ao thrôno de Deos. A razão desta combinação, e fraternidade he, porque a misericordia faz, que a oração não appareça diante de Deos com as mãos vazias, nem se possa chamar oração seca, e estéril. E assim mesmo usando o

homem de misericordia com o proximo, provoca a Deos, a que a use com elle, como o diz S. João Climaco por estas palavras: *Se és amigo da oração, tambem o has de ser da misericordia; porque esta fará, que sejas misericordiosamente ouvido de Deos; pois tambem ouviste ao proximo por seu amor.* Mas o jejum ajuda á oração, dispondo o homem para ella; porque aliviando o corpo do pêso dos manjares, o faz mas ligeiro para vôar ao alto. Pelo que, a oração do que jejua (álem de ser mais satisfactoria) he tambem mais espiritual, e mais pura. Por cuja causa diz o mesmo Santo: *A alma do que jejua, ora com sobriedade, e attenção; mas a do glotão, e intemperado he cheya de imaginações, e torpes pensamentos.*

10. E assim como o jejum ajuda á oração, assim tambem esta ajuda ao jejum: *porque* (como diz S. Bernardo) *a oração alcança virtude para jejuar, e o jejum merece a graça de orar.* De sorte, que a fortaleza, de que o homem necessita para castigar a carne, lha dá o gosto, e espirito da oração; pois cada huma destas virtudes toma a seu cargo a parte, que lhe toca na santificação do homem: *porque* (como diz S. Jerónymo) *com o jejum se curão os vicios do corpo, e com a oração as enfermidades da alma.*

11. Achamos pois, conforme a isto, que a oração, álem de ser obra satisfactoria (que he o que faz ao presente caso) he tambem obra meritoria, impetratoria, e causadora de devoção. Pela parte que he *satisfactoria*, descarregamos com ella as dividas de nossos peccados; pela que he *meritoria*, merecemos augmento de graça, e de gloria; pela que he *impetratoria*, alcançamos o que humildemente pedimos; e em quanto *géra, e causa devoção*, conseguimos nova luz, gôsto de Deos, renovação de bons propositos, desejos, paz, e quietação da

alma, alento, e promptidão para obrar bem, que he o que propriamente se chama *devoção*. Estes quatro fructos tão principáes, são os que comsigo traz a virtude da oração; e por isso convêm, que nella nos exercitemos com toda a perseverança, e attenção que for possivel. Mas porque desta virtude se trata mais copiosamente nos livros duodecimo, e decimo terceiro do nosso *Memorial*, não farei ao presente mais, que remetter o Christão Leitor ás orações, e considerações, que acima puzémos, tratando da *Contrição*, exercitando-se nellas alguns dias antes, e depois da confissão para despertar por seu meyo a dôr, e arrependimento de seus peccados, e satisfazer por elles a Deos, que he o que aqui pertendemos. E porque huma das cousas, que mais servem para isto, he a consideração dos beneficios Divinos, e a de nossos peccados; nesta principalmente se deve o Christão occupar, como allî está declarado; e depois de ter gastado nisto alguns dias, poderá passar a outro genero de orações, e considerações, que se põem no livro da *Oração*, para que com a variedade dos exercicios receba mais luz, mais gôsto, e menos tédio em as cousas de Deos.

CAPITULO XVIII

SEGUE-SE HUM BREVE MÉTHODO DE CONFESSAR-SE PARA AS PESSOAS, QUE SE CONFESSÃO A MIUDO.

1. Depois de haver tratado da Confissão para as pessoas, que se confessão de tarde em tarde, segue-se que digamos do modo que se devem preparar, e examinar para isto, as que se confessão a miûdo; muitas das quáes padecem grande trabalho, e escrûpulos; porque examinando suas consciencias, não achão ás vezes

cousa, de que hajão de confessar-se; porque como por huma parte crem, e sabem de certo, que não carecem de peccados; e por outra, ao tempo de confessar-se, os uão achão, se affligem por isto demasiadamente; e tem para si, que nunca jámais se confessão bem.

2. Disto poderiamos assignar duas causas; huma he, porque na verdade he difficil negocio conhecer-se o homem a si mesmo, e entender os escondrijos de sua consciencia; póis não em vão disse o Propheta : *Quem ha que conheça os delictos? Livrai-me, Senhor, de meus peccados occultos.* A outra causa he, porque os peccados dos justos (nos quáes diz o Sábio que cahem sete vezes *em o dia*) são mais peccados de *omissão*, que de *commissão*, os quáes são muy difficeis de conhecer. Para cuja intelligencia he de saber, que todos os peccados se commettem por hum de dous modos, a saber, ou por via de *commissão*, isto he, fazendo algumas obras más, como são furtar, matar, deshonrar, etc., ou por via de *omissão*, isto he, deixando de fazer algumas boas, como deixando de amar a Deos, de jejuar, de rezar, etc. Pois entre estes dous generos de peccados, os primeiros, como consistem em *obrar*, são mais sensiveis, e mais fáceis de conhecer; mas os outros, como não consistem em obrar, mas sim em *deixar de obrar*, são mais difficeis de perceber; porque aquillo que não he, não tem vulto para se deixar vêr. Pelo que, não he de admirar, que as pessoas espirituáes (mayormente quando são simplez, e singelas) não achem ás vezes peccados, de que se accusem; porque como estas pessoas não cahem tantas vezes naquelles peccados de *commissão* que dissemos, e os outros, que são por via de *omissão*, não os entendem, daqui nasce o não acharem de que se confessar, e tomarem por isto grande afflicção.

3. Pois para remedio disto, me parecêo ordenar este

Memorial para as táes pessoas ; no qual se trata principalmente deste genero de peccados. E porque estes pódem ser, ou contra Deos, ou contra nós mesmos, ou contra nossos proximos, por isso vai dividivo em tres partes; as quáes tratão destas tres maneiras de negligencias; muitas das quáes não serão as vezes, nem ainda peccados veniáes; mas todavia não deixão de ser imperfeições, e faltas ; e muitas vezes poderão chegar a ser peccados veniáes. Pelo que, todos os que caminhão á perfeição, não devem deixar de todo de accusar-se dellas; aindaque não convêm fazer-se isto sempre, mas algumas vezes, especialmente nas festas principáes, para que os Confessores se não cancem com a nossa demasiada prolixidade : mas nas confissões ordinarias poderá cada hum tomar daqui, o que lhe parecer faz mais para descargo de sua consciencia.

§ I

MEMORIAL DOS PECCADOS PARA AS PESSOAS, QUE SE CONFESSÃO A MIUDO.

4. Dita a confissão géral, antes que comece a accusação particular de suas culpas, accuse-se destas quatro cousas seguintes, 1 ; de não chegar a este Sacramento tão preparado, nem ter pôsto tanta diligencia em examinar sua consciencia, como era devîdo, 2; de não trazer aquella dôr, e arrependimento de suas culpas, nem aquelle tão firme proposito de se apartar dellas, como devêra, 3; de se não ter chegado ao Santo Sacramento da Communhão com aquella pureza de consciencia, e com aquella reverencia, e devoção que convinha: e depois de commungar, de não haver tido aquelle re-

colhimento, que para tão Soberano hospede se requeria, 4; de não ter pôsto tanta diligencia na emenda de sua vida, e procurado aproveitar cada dia mais no serviço de N. Senhor; mas antes permanecido em huma mesma tibieza, e negligencia, e ainda tornado atraz. Dito isto, comece a accusar-se pela ordem seguinte.

§ II

DOS PECCADOS, QUE SE PODEM TER COMMETTIDO POR OMISSÃO.

5. Para *com Deos* somos obrigados a ter aquellas tres virtudes Theologáes, Fé, Esperança, e Caridade; e ácerca de cada huma destas se póde hum accusar na fórma seguinte.

Á cerca da *Caridade* accuse-se, de não ter amado a Deos com todo o seu coração, e a alma, como era obrigado; mas antes ter pôsto desordenadamente seu amor nas creaturas, e vaidades deste mundo, esquecendo-se de seu Creador.

Á cerca da *Fé* accuse-se, se a não tem tido tão firme, como devêra; e se não tem lançado de si tão depréssa as imaginações, e pensamentos, que contra esta virtude lhe haja trazido o demonio.

Á cerca da *Esperança* accuse-se, se nos trabalhos, e necessidades, que se lhe tem offerecido, não tem recorrido a N. Senhor com aquella segurança, e confiança que devêra; e se tem desmayado, e affligido-se demasiadamente com elles; porque isto nasce de fraqueza de confiança.

Á cerca da *Pureza de intenção* accuse-se, de não fazer as obras do serviço de N. Senhor com aquella pureza de intenção, só por amor de Deos, como devia; mas

algumas vezes por comprimento, outras só por costume, e outras porque são confórmes a seu gosto, e appetite, e outros semelhantes respeitos.

Accuse-se tambem, de se haver portado muy frôxo, e negligente em conresponder ás inspirações de N. Senhor, e a seus chamamentos, resistindo nisto muitas vezes ao Espirito Santo, por se não fazer força a si mesmo, e pôr-se a hum pouco de trabalho. He esta huma culpa muito espiritual, muito secreta, e muito digna, que della se faça sempre escrúpulo.

Accuse-se assim mesmo, de não ter sido tão agradecido aos divinos beneficios, nem dado a Deos por elles tantas graças, nem aproveitado-se delles para mais amar, e servir ao Dador de todas as cousas, como devêra fazer.

Accuse-se tambem, de se ter esquecido de N. Senhor, trazendo-o muitas vezes como desterrado de seu coração, devendo andar sempre em sua presença, e trazel-o diante dos ólhos.

A cerca da *Paciencia* nas adversidades, accuse-se, se porventura não tem tido aquelle soffrimento nos trabalhos, que Deos lhe envîa; nem reconhecido como enviados da sua mão para seu bem; nem dado-lhe por elles as devidas graças. Isto se póde especificar mais, se a consciencia lhe remorde de alguma cousa em particular.

Accuse-se, de mais de tudo o dito, de não ter assistido á Missa, Officios Divinos, e lugares Sagrados em presença do Santissimo Sacramento, com aquella devoção, e reverencia que devêra.

§ III

DOS PECCADOS, QUE SE PÓDEM TER COMMETTIDO POR OMISSÃO PARA COMSIGO MESMO.

6. Consta o homem em si de muitas partes; porque tem corpo com todos os seus sentidos, e alma com todos os seus appetîtes, e espirito com todas as suas potencias, a saber, Entendimento, Memoria, e Vontade; e assim póde ter peccado contra a rectidão, e ordem, que havia de haver em cada cousa destas.

Accuse-se pois primeiramente, de não tratar seu *corpo* com aquelle rigor, e asperêza que devêra, assim no comer, beber, vestir, e dormir, como em todas as outras cousas; mas antes ser muy brando, e piedoso para com elle, e amigo de si mesmo.

De não trazer tambem assim a *imaginação*, como os outros sentidos exteriores, tão recolhidos, e guardados, como devia; mas muito distrahîdos, e derramados, ouvindo, vendo, fallando, imaginando muitas cousas ociosas, e escusadas, que depois lhe impedem o recolhimento do coração, e a attenção na oração.

De não ter mortificado os seus *appetites* e quebrado sua propria vontade, como devia; mas antes seguindo-a, e cumprindo-a em quasi todas as cousas. De não ser tão *humilde* de coração, e obra, como devia; e de não conhecer-se por tão vil, e tão miseravel, como na verdade he, e de não se haver tratado como tal.

De se ter portado *tibia*, e *preguiçosamente* na oração; e de ter muitas vezes cortado o fio della por ligeira causas; e de não ter estado nella com tanto recolhimento, e attenção, como devia.

§ IV

DOS PECCADOS, QUE SE PÓDEM TER COMMETTIDO POR OMISSÃO CONTRA O PROXIMO.

7. Accuse-se, de não ter amado a seus proximos com aquelle amor, com que quizera ser amado delles, como Deos manda.

De lhes não ter acudido em suas necessidades com o favor, e soccôrro que devêra, e podéra.

De se não ter compadecido tanto de suas miserias, e rogado tanto a Deos por elles, quanto era obrigado.

De não ter sentido (como era razão) as calamidades publicas da Igreja, como são guerras, heresîas etc. e de não as ter encommendado a Deos tanto, quanto podéra, e devêra.

Os que tem Superiores, accusem-se, de lhes não ter obedecido, e reverenciado, como devêrão. E os que tem subditos, filhos, e criados, de os não ter ensinado, castigado, provîdo do necessario, e tido d'elles aquelle cuidado que era razão.

§ V

DOS PECCADOS DE COMMISSÃO.

8. Depois que assim se tiver accusado dos peccados de *omissão*, póde accusar-se logo dos que são de *commissão*, discorrendo pelos dez Mandamentos, e sete Peccados Mortáes, accusando-se do que em cada hum delles lhe remorder a consciencia. E se quizer mais brevemente, póde discorrer pelos pensamentos, pala-

vras, e obras, em que possa ter peccado, e accusar-se delles.

E depois de tudo isto, deve accusar-se de todas as culpa annexas, e pertencentes ao proprio officio, e estado. declarando o que tiver feito contra as suas leys, e obrigações, como, se he Religioso, dos tres votos, e das cousas de sua Regra; se he Juiz, Medico, Mercador. ou Advogado etc. das cousas de seu officio; e se he Principe, do seu.

Acabadas todas estas accusações, conclûa, dizendo: De todas estas culpas, e de todas as mais, em que tenho cahîdo, por pensamento, palavra, e obra, geralmente me accuso, e digo a Deas minha culpa, minha culpa, minha muito grande culpa; e peço a vós, Padre, a absolvição, e penitencia dellas.

† Livros Católicos para Download

TRATADO II

De como nos havemos de preparar para receber a Sagrada Communhão.

CAPITULO I

DA PREPARAÇÃO PARA SE RECEBER A SAGRADA COMMUNHÃO.

1. Tendo já tratado do Sacramento da *Penitencia,* será razão que fallemos agora da *Sagrada Communhão,* que depois delle se costuma seguir. A primeira cousa pois, que se deveria tratar, era da virtude, e admiraveis effeitos deste Santissimo Sacramento; mais porque desta materia ha muito que dizer, e a brevidade deste *Memorial* não permitte tratar materias tão diffusas, sómente tratarei aqui do apparelho, que se requer para chegarmos a este Mysterio; pois vai tanto nisto, que á proporção do apparelho de quem o recebe, assim será a graça, que se lhe communicará. Porque este Sacramento he de infinita virtude; assim porque contêm em si a Christo, que he fonte de graça; como porque por elle se nos communica a virtude de sua Paixão, que tambem he de infinito valor: e por isso quanto mayor for a preparação, com que nos chegarmos a elle, tanto mayor será a graça que receberemos. Vamos, que o que vai buscar agua ao mar, tanta traz, quando he mayor o vaso, que leva; porque pela parte do mar não

póde faltar a agua, se não faltar pela pequenhêz do vaso. Pois o mesmo acontece aos que se chegão a este Divino Sacramento, que he o mar de todas as graças e assim vêm aqui a cumprir-se aquillo do Psalmo que diz : *Abre bem a boca de teu coração, porque eu encherei todo o lugar, que nelle me déres.*

2. Regra he tambem de Philosophia, que todas as cousas obrão confórme a disposição, que achão nos sujeitos, a que se applicão : e por isso arde o fogo no madeiro seco, e não no verde; porque aquelle esta disposto para isso, e este não. Como pois neste Sacramento esteja Christo, que he a causa geral de todas as graças. claro está, que conforme a disposição, que achar na alma que o recebe, assim obrará nella, e lhe communicará a sua graça. Isto vêm por experiencia os que celebrão, e commungão a miúdo, os quáes experimentão cada dia ser tal a devoção, e o fructo que tirão deste Sacramento, qual he o apparelho, com que se chegão a elle.

3. E não só a esperança deste fructo, senão tambem o temor do nosso damno, nos deve fazer diligentes nesta preparação. Porque geral cousa he em todos os Sacramentos da Ley da Graça, que assim como são de grandissimo proveito aos que dignamente os recebem. assim tambem podem ser occasião de grandissimo damno aos que chegão a recebel-os indignamente. Confórme a isto, diz hum Doutor, que assim como o Sol, a agua, e o ar ajudão a crescer, e fructificar as plantas. quando estão vivas, e arraigadas na terra; mas se pelo contrario, o não estão, essas mesmas causas, e influencias as fazem secar, e apodrecer mais depréssa; assim tambem este Santissimo Sacramento (que he causa de todas as graças) faz crescer, e medrar as almas, que estão vivas, e arraigadas em Caridade; mas pelo contra-

rio, as que o não estão, quanto mais a miûdo o recebem, tanto mais se cegão, endurecem, e peyorão; não por causa do Sacramento, mas pela sua má disposição, e apparelho.

4. He isto ainda muy confórme á natureza deste Sacramento, o qual realmente he alimento espiritual das almas; porque assim como o alimento corporal sustenta, e faz crescer os corpos dos sãos, e causa grande damno aos mesmo corpos, quando estão enfermos, e cheyos de máos humores; por cuja causa ordenão então os Medicos aos doentes, que jejuem, e guardem dieta; assim tambem faz este divino alimento; o qual por esta causa he verdadeira vida de huns, e occasionalmente morte de outros, segundo a diversidade de seu bom, ou máo apparelho.

5. Mas qual haja de ser o que para este tão alto Mysterio se requer, a mesma Philosophia, e ordem natural no-lo demostra. Porque vemos que as fórmas naturáes, quanto mais excellentes são, tanto mais nobre disposição requerem; como se vê claramente no mesmo alimento corporal, de que fallamos; o qual primeiramente se coze, e prepára no estómago para ir ao figado; e neste se dispõem com outra fórma mais nobre de sangue, para passar ao coração; e aqui ultimamente se aperfeiçôa com outra ainda mais nobre, para se encaminhar ao cérebro, aonde recebe a sua ultima perfeição. De sorte, que em cada hum destes lugares se refina, e aperfeiçôa mais, para alcançar outra mais nobre fórma: e isto com tal ordem, que a perfeição da fórma precedente, he disposição para a que se segue; e o que he termo de huma, he disposição para a outra. Pois assim tambem havemos de presuppôr, que essa mesma ordem, e proporção se requer para as cousas espirituáes, e particularmente para os Sacramentos; os quáes, quanto mais

excellentes são, tanto mayor apparelho, e pureza pedem para haver de receber-os. Porque ha alguns Sacramentos, que para se receberem dignamente, basta que lhes preceda a dôr, e verdadeiro arrependimento dos peccados, sem ser necessaria a confissão: mas não succede assim neste Sacramento, de que fallamos; o qual he de tanta pureza, e excellencia (por estar nelle encerrado o mesmo Deos) que álem do dito, pede por apparelho outro Sacramento, que he o da confissão, quando tenha precedido algum peccado mortal. E ainda de mais disto, pede álem da confissão, actual devoção, e reverencia para receber-se mais dignamente; a qual devoção não póde estar sem actual attenção, e consideração das cousas de Deos. E para isto convêm despedir por então de nossa alma todas as imaginações, e cuidados das cousas do mundo; para que deste modo se possa livremente, e sem impedimento fixar o coração em Deos. Pelo que, parece neste tempo não dever contentar-se o homem, com chegar a este Sacramento limpo de todos os peccados, mas deve trabalhar por ir livre de todos os pensamentos, e cuidados, que lhe possão impedir esta attenção, e devoção. Isto nos representa muito ao claro aquella solidão, com que Moysés sobio ao monte a fallar com Deos, a quem foi mandado, que só elle subisse ao alto; e que por todo o monte não apparecesse homem, nem besta, nem gado, senão elle só. E ainda a esta solidão ajuntou o Senhor huma grande névoa, e escuridade, na qual entrando Moysés, havia de fallar com elle; para que assim a névoa, como a solidão lhe tirasse a vista de tudo, o que não era Deos, quando havia de tratar com Deos. Porque deste modo he, que se ha de chegar a este Senhor, o que dignamente quizer chegar-se a elle, a saber, com hum coração tão solitario, tão recolhido, tão esquecido de todas as cousas terrenas, e tão absôrto em

Deos, que por então lhe pareça não haver outra cousa no mundo mais que Deos, e elle. Isto mesmo nos significou tambem o mesmo Propheta naquelle descalçar dos çapatos, para pôr os pés na terra, em que se lhe mostrava Deos; porque de todas as cousas mortáes, e terrenas ha de ir despojado, e despido, o que quizer chegar-se a Deos.

6. E aindaque isto pareça impossivel á humana natureza, não o he porem á Caridade, nem á Divina graça; porque (como diz a Esposa nos Cantáres) *o amor he forte como a morte;* porque assim como a morte corporal faz o corpo insensivel a todas as cousas do mundo, assim tambem a perfeita Caridade de tal sorte occupa o coração do homem, e o transporta, e eléva em Deos, que o faz esquecer de tudo, o que não he Deos.

7. Bem vejo não ser esta morte de todos, mas só desta Esposa celestial (que he a alma, que merece este nome, e dignidade); porem pede-se, e propõem-se a todos, pela dignidade deste Sacramento; o qual assim como he Pão de Anjos, assim tambem pede pureza Angelica para se receber. Mas com tudo isso contenta-se o Senhor, com que tenhamos alguma cousa della, que será com fazer o que está da nossa parte, para ter então este esquecimento de todas as cousas, e esta actual devoção, e attenção a elle.

E descendo a tratar mais em particular deste apparelho, digo, que o que quizer chegar-se a este Santissimo Sacramento, como convêm, deve procurar levar comsigo as cousas seguintes.

CAPITULO II

DA PRIMEIRA COUSA, QUE SE REQUER PARA COMMUNGAR BEM, QUE HE A PUREZA DE CONSCIENCIA.

1. A primeira cousa pois, que se requer para dignamente commungar, he, que o Christão reconheça com grande humildade, não ser bastante qualquer diligencia, nem de homens, nem de Anjos, para este apparelho, se aqui não entrevêm a mão de Deos, que com especialidade nos ajude para este effeito. Porque assim como ninguem se póde dispôr para o augmento da graça sem graça, assim tambem ninguem se póde dispôr para receber dignamente a Deos sem o mesmo Deos. E por esta causa ha de ser invocado, e chamado com humildes, e ardentes desejos, para que por sua mão alimpe, e órne a casa, em que ha de ser aposentado. Vemos que quando hum Rey vai de jornada a pousar em huma aldêa, não espera, que os aldeãos lhe preparem a pousada como elle merece, por não serem capazes para isso; mas envîa a diante a sua recâmara, e seus aposentadores com o conveniente prepáro para a sua Real pessoa. Sendo pois isto assim, temos bom titulo para supplicar a este Senhor, que já que pela grandeza de sua bondade, e misericordia quer vir aposentar-se á nossa aldêa, seja servido por esta graça fazer-nos outra, que he, enviar o Espirito Santo com a recâmara de todas suas virtudes, e Celestiáes dons; para que desse modo com a graça, e virtude Omnipotente de Deos, se prepáre a casa, em que ha de morar o mesmo Deos.

2. Pois para que isto se faça como convêm, a primeira cousa, que se requer, he a *Pureza de consciencia;*

isto he, que vamos limpos de todo o peccado mortal: porque por isto disse o Propheta: *Lavarei minhas mãos entre os innocentes, e me chegarei, Senhor, ao vosso Altar:* aonde primeiramente diz, que lavará suas mãos (que são as culpas de suas obras); e depois, que se chegará ao Altar, que he a mesa deste Senhor. E por esta mesma causa nos ameaçou tão espantosamente o Apostolo, quando disse: *Quem quer que comer o pão, ou beber o Caliz do Senhor indignamente, será réo do Corpo, e Sangue do Senhor;* nas quáes palavras dá a entender, que os qué se chegão em peccado mortal a este Mysterio, commettem huma culpa semelhante á dos que crucificárão a Christo; pois huns, e outros peccão contra o mesmo Corpo, e Sangue de Christo, ainda que seja em differente modo.

3. De mais disto: que se póde seguir de se ajuntar em hum duas cousas tão contrarias (como são Christo, e o peccador) se não a destruição, e ruîna de huma dellas? Porque as cousas semelhantes facilmente se ajuntão entre si, como hum ferro com outro ferro, e huma agua còm outra agua: mas as contrarias (como são a agua, e o fogo) de nenhum modo se podem ajuntar, e unir entre si, sem que huma destrûa, e arruîne a outra. Pois como por meyo deste Santissimo Sacramento se ajunte o homem com Christo, que se póde esperar deste ajuntamento, senão a corrupção, e ruîna da parte mais fraca? Como se ajuntará em huma mesma cousa o bom, e o máo? o limpo, e o immundo? o humilde, e o soberbo? o manso, e o irado? o misericordioso, e o cruel? Por esta causa pois convêm, que haja algum genero de semelhança entre Christo, e o Christão, para ajuntar-se dignamente a elle: e tudo isto destrôe o peccado, quando se não tem purgado pela penitencia.

4. E como quer que todos os peccados mortáes fação isto, porem particularmente dous, que com mais especialidade repugnão á condição deste Sacramento, que são *ódio, e deshonestidade*. Porque quanto ao primeiro, este Sacramento, he Sacramento de amor, e união; porque nelle participão os fieis de hum mesmo alimento, e de hum mesmo espirito; o qual faz que todos elles sejão huma mesma cousa por amor. E para significar isto, diz Santo Agostinho, que instituíra N. Senhor este Sacramento em tal genero de cousas, que de muitas vêm a fazer-se huma, como são o vinho, e o pão: porque de muitos grãos de trigo se faz o pão, e de muitos bagos de uvas o vinho: para dar com isto a entender, que o Sacramento, que debaixo destas duas espécies se administrava, obrava este mesmo effeito. nos que o recebião, que he fazer de muitos corações hum só coração, communicando a todos elles hum mesmo espirito, quando o recebem. Pois sendo isto assim, que cousa póde haver mais fóra de razão, que chegar-se a receber hum Sacramento de união com o coração dividido? Que he isto, se não por huma parte pedir ao Cirurgião, que vos cerre a ferida, e por outra trabalhar pela ter sempre aberta? Pois não he menos alhêo da razão, chegarmos nós por huma parte á receber esta espiritual medicina (que tem virtude para cerrar as chagas dos ódios, e más vontades, e ajuntar em hum os corações divididos) querendo por outra resistir de proposito a este beneficio, e romper com particulares ódios, e dissenções a união da paz, que esta medicina obra.

5. Por tanto, o que quizer evitar este inconveniente, não se atreva a chegar a esta mesa, sem resolver-se a pôr por obra, o que o Salvador nos encommenda, dizendo: *Se offerecendo a tua offerta diante do alta-*

ahi te lembrar, que teu irmão tem alguma queixa contra ti, deixa a offerta ao pé do altar, e vai primeiro reconciliar-te com elle; e feito isto, poderás tornar a offerecer o teu dom. Pois com este genero de satisfação, ou com'a firme resolução de o fazer (segundo o juizo do prudente Confessor) deve o homem chegar-se a esta Celestial mesa: porque de outro modo he cousa manifesta, que lhe dirá o Senhor do banquete: *Amigo, como entraste aqui, sem ter vestidura de bôdas;* isto he, sem a virtude da Caridade: a qual (como diz o Apostolo S. Pedro) encobre a multidão dos peccados. E deve com muita razão temer, que não tendo que responder a isto, mande o Senhor fazer, o que se segue, isto he, atal-o de pés, e mãos, e lançal-o no fogo.

6. O outro peccado contrario a este Divino Sacramento, he qualquer *torpeza*, e *deshonestidade;* porque este Sacramento (que encerra em si aquella virginal carne formada das purissimas, e virgináes entranhas de N. Senhora) pede huma tão grande limpeza de corpo, e alma, que ainda o ter-se padecido entre sonhos alguma illusão do demonio, tem os Santos por impedimento para chegar-se a este Divino Sacramento; se não fosse quando a obediencia, ou alguma especial solemnidade a isto nos obrigasse; ou quando não menos devoto, e preparado se achasse o homem com isto, como sem elle. E não só de commungar, mas ainda de ajudar á Missa nos aconselha S. Bernardo, que nos abstenhamos, quando isto tenha precedido; tão grande he a pureza, que se requer para chegar-se a este Mysterio. Porque se só para vacar á oração, quer o Apostolo, que os casados se abstenhão da vida conjugal, quanto mais para chegar-se a este Sacramento, aonde realmente se recebe ao mesmo Deos? E se na Ley antiga hum só sonho deshonesto desterrava ao homem

por todo aquelle dia das tendas, e companhia do pôvo de Deos, quanto mais o deve apartar da Communhão, e participação do mesmo Deos?

7. E não só convêm, que nos cheguemos a este Sacramento livres de peccados mortáes, mas tambem limpos dos veniáes; porque ainda que este genero de culpas não apaguem o fôgo da Caridade, com tudo sempre diminûem o fervôr da devoção, que he o mais proprio apparelho, que para este divino Sacramento se requer. E para alcançar a limpeza deste genero de peccados, convêm, que preceda a Confissão antes da Communhão, ou ao menos o arrependimento, e dôr delles; ou alguns outros santos exercicios de amor, e devoção, para que com elles se nos restitûa o fervôr, e actual devoção, que com os táes peccados se perdêra. E quem deixasse de fazer alguma cousa destas, não se escusaria ao menos, por esta negligencia, de peccado venial grave, e perderia muito da suavidade, e refeição deste Sacramento, a qual he o proprio effeito, que obra nas almas dos que se chegão a recebel-o com esta preparação. Porem o que houvesse cahido em peccado mortal (de mais do arrependimento sobredito) he necessario, que se confesse sacramentalmente, sob pena de peccado mortal, como expressamente está mandado pelo Santo Concilio Tridentino.

CAPITULO III

DA SEGUNDA COUSA, QUE SE REQUER PARA COMMUNGAR, QUE HE A PUREZA DE INTENÇÃO.

1. A segunda cousa, que se requer para commungar dignamente he, *Rectidão, e pureza de intenção*, que he

fazer isto pelo fim, que se deve fazer. Porque como a intenção seja a principal circunstancia de todas as nossas obras, esta he, á que principalmente se deve olhar em todas ellas, e muito mais nesta, para que não pervertamos as cousas de Deos, usando para hum fim daquillo, que elle instituîo para outro. E para que isto melhor se entenda, será bem pôr aqui os fins dos que bem, ou mal commungão, para que assim se veja mais claramente, o que nos convêm seguir.

2. Alguns Sacerdotes ha, aos quáes principalmente móve a celebrar o lucro temporal, que esperão pelo sacrificio. Estes parecem ser semelhantes aos dous filhos de Aarão, que offerecêrão a Deos sacrificio com fôgo alhêo; por quanto os móve a celebrar, não o fôgo do amor divino, mas o ardor, e cobiça do dinheiro. Pelo que, assim como então sahîo fôgo do Santuario, que abrasou a ambos em hum momento, assim deverião estes temer, não lhes succedesse outro tanto.

3. Outros ha, que commungão por mais não poder ser, por pura força, ou por temor da pena, como fazem alguns máos Christãos na Communhão da Páscoa; os quáes vão como pelos cabellos, e como quem vai para a força, e não para a mesa do Senhor. Deverião estes considerar, que assim como ninguem entrava no Palacio d'El-Rey Assuero vestido de sayal, assim tambem nenhum deve entrar neste Sacro Palacio, e receber este Sacramento com hum tal animo, e coração servil. Com amor se ha de receber, o que por amor se instituîo; porque não he razão, que se receba com animo puramente de servo, o que Deos ordenou com amor de Pay.

4. Outros ha tambem, que vão a commungar atraz do fio da gente, por fazerem o que vêm fazer aos

outros; sem terem aquella fóme, nem procurar aquelle apparelho, nem aquella emenda de vida, que para isto se requer. E não são muy differentes destes, os que commungão só por costume, como fazem alguns, que porque tem de costume commungar de tantos em tantos dias, sem ter, nem procurar aquella devoção que devião, se chegão a este Mysterio. Deverião os táes attender, que ainda que este costume seja bom, não he porem negocio este, que se haja de fazer só por costume, senão pelo fructo, que daqui se espera, e com aquelle apparelho, que se requer para gozar deste mesmo fructo.

5. Outros ha tambem, que se chegão a esta mesa com huma certa golosina espiritual, isto he, com hum appetite, e desejo de sentir alguma suavidade, e devoção sensivel neste Sacramento, tendo isto como por ultimo fim deste negocio, sem dirigir este genero de devoção áquelle fim, que se deve, que he abraçar a mortificação, e a Cruz de Christo, e servir ao Senhor com mayor promptidão, e vontade.

6. Todos estes fins são torcidos, e humas como portas falsas para entrar a furtar como ladrão, e não a receber como fiel servo as mercês do Senhor. Entremos pois pelas portas, por onde entrárão os Santos, procurando levar aquella intenção, que elles levárão; a qual não he sempre de hum mesmo modo, mas de muitos, e diversos, como declara S. Boaventura por estas palavras.

7. *Muitos são os affectos, e intenções dos que se chegão a celebrar, ou a commungar. A alguns móve o amor de Deos, para que por meyo deste Sacramento tragão mais vezes o Amado á casa de sua alma, e alli dentro docemente o abracem, e tenhão comsigo, e com esta Sagrada união se accendão mais em seu amor. A outros móve o conhecimento de sua propria enfer-*

midade, e fraqueza, para que com o favor, e soccôrro deste Celestial Medico sejão curados, e livres de suas enfermidades. A outros leva o conhecimento de suas dividas, e peccados, para que por meyo desta Divina Hostia, e Sacrificio de saûde, sejão purgados, e perdoados. A outros estimúla a préssa de alguma tribulação, ou tentação, para que por virtude daquelle, que tudo póde, sejão livres de suas adversidades, e emparados do inimigo. A outros inclina mais o desejo de alguma graça particular, para que por meyo daquelle, a quem o Padre não póde negar cousa alguma, alcancem o que desejão. A outros móve o agradecimento dos beneficios recebidos, considerando, que não podemos da nossa parte offerecer ao Padre cousa mais agradavel pelo que nos tem dado, que receber o Caliz da saûde, que elle nos communicou. A outros incita o desejo de louvar a Deos, e a seus Santos; pois não os podemos honrar com outra mayor honra, que com offerécer da nossa parte em sua memoria este sacrificio de louvor. A outros finalmente móve o desejo da salvação dos proximos, e a compaixão de seus trabalhos, sabendo, que nenhuma cousa advógada cóm mayor efficacia diante dos ólhos do Pay pela saûde de vivos, e mortos, que o Sangue precioso de seu Filho, que por huns, e por outros se derramou. Atéqui são palavras de S. Boaventura.

7. Quem pois deseja acertar com a pura, e recta intenção, que para isto se requer, escôlha qual destes fins mais lhe agradar, e a esse dirija a sua intenção. E muito melhor seria considerar antes todos estes fins, que são os admiraveis fructos deste Sacramento, e pôl-os todos diante dos ólhos, e pertender por este divino meyo conseguir todos. Porem o fim mais principal, e mais proprio, he procurar por meyo deste Sacramento (no qual está Christo) receber em nossas

almas o espirito de Christo, mediante o qual, nos transformemos nelle, e vivamos como elle vivêo, isto he, com aquella Caridade, humildade, paciencia, obedencia, pobreza de espirito, mortificação do corpo, e desprezo do mundo, como o mesmo Senhor vivêo porque isto he comer, e beber a Christo espiritualmente, transformando-se nelle, e fazendo-se huma cousa com elle, por imitação de sua vida, como o tinha feito aquelle, que dizia : *Vivo eu, mas ja não eu; mas Christo vive em mim.* Por tanto este ha de ser o nosso principal fim ; procurando juntamente fazer, o que este Senhor nos encommendou, que he renovar neste Sacramento a memoria de sua Paixão, e dar-lhe graças pelo inestimável beneficio de nossa Redempção.

CAPITULO IV

DA TERCEIRA COUSA, QUE SE REQUER PARA RECEBER ESTE SACRAMÉNTO, QUE HE A ACTUAL DEVOÇÃO.

1. A terceira cousa, que para este Sacramento se requer, he a *Actual Devoção.* Para o que he de saber, que este veneravel Sacramento (assim como todos os outros) tem hum effeito commum, e outro particular. O commum he, causar graça (que he tambem effeito de todos os outros Sacramentos da Ley da Graça); mas o particular he, o que os Theologos chamão *Refeição espiritual*, que he hum novo esfôrço, e alento para bem obrar, e hum gôsto, e suavidade das cousas de Deos, que nelle se dá. Porque assim como o alimento corporal, não só sustenta a vida de quem cóme, mas tambem lhe dá gôsto, e esfôrço com a comida, assim tambem este Divino manjar, não só conserva a vida espiritual

com a graça que causa, mas tambem esforça, e alenta o espirito, e deleita o gôsto com sua propria virtude. E esta suavidade, diz S. Thomaz, he tão grande (ao menos naquelles, que tem purgado o paladar de sua alma) que com nenhumas palavras se póde explicar; porque a doçura, e suavidade espiritual se gôsta aqui na sua propria fonte, que he Christo Nosso Salvador, fonte de toda a suavidade, e doçura.

2. Pois para gozar deste tão grande beneficio, dizemos, que particularmente se requer *actual devoção*; porque como entre a fórma, e a sua disposição haja de haver alguma semelhança, não póde haver mais conveniente disposição para receber augmento de devoção, que ir com actual devoção; como vemos por experiencia, que a melhor disposição, que póde ter hum madeiro para fazer-se fogo, he estar quente, e seco, que são as propriedades do mesmo fogo.

3. E se me perguntares, que cousa seja esta *actual devoção*, não sei como melhor o possa explicar, que com dizer-te ser ella huma como agua de Angeles, a qual assim como se destilla de diversas hérvas cheirosas, assim tambem tem em si diversos, e suaves cheiros. Porque esta devoção he hum affecto espiritual, composto de outros espirituáes affectos, e santos desejos, dos quáes ha de ir chêa a alma, quando se chega a este veneravel Sacramento. *Porque com quanta contrição, e arrependimento* (diz Santo Ambrosio) *e com que fontes de lagrimas, com que temor, e reverencia, com. que castidade de corpo, e com que pureza de espirito se ha de celebrar, Deos meu, este Divino Mysterio, aonde verdadeiramente se come a vossa carne, e verdadeiramente se bebe o vosso Sangue; aonde as cousas altas se ajuntão com as baixas, e as divinas com as humanas; aonde estão presentes os Santos Anjos; e aonde vós*

mesmo sois (por hum modo admirável, e ineffável) o Sacerdote, e o sacrificio? Quem pois poderá dignamente tratar este Mysterio, se vós, Senhor o não fizeres digno?

4. E descendo mais em particular a tratar desta *devoção*, que aqui pedimos, digo, que para corresponder da nossa parte ao que pede a condição, e nobreza deste Sacramento, convêm que nos cheguemos a elle por huma parte com grandissima *humildade*, e *reverencia*; por outra, com grandissimo *amor*, e *confiança*; e por outra com grandissima *fóme*, e *desejo* deste pão Celestial. Toda esta variedade de affectos pedem as excellencias deste Sacramento; e cada hum delles tem suas considerações, com que se despértem.

§ I

DO TEMOR, E REVERENCIA, COM QUE SE HA DE CHEGAR A ESTE SACRAMENTO.

5. Porque primeiramente para despertar o *Temor*, e *Reverencia*, deve o homem levantar os ólhos para considerar a Immensidade, e Grandeza do Senhor; que neste Sacramento se encerra; porque realmente debaixo daquelle Sagrado véo, e daquellas espécies de pão esta encerrada aquella Divina Magestade, creadora, conservadora, e governadora do mundo, diante de cuja presença tremem as columnas do Ceo; diante de cujo acatamento está prostrada toda a natureza creada; a quem louvão as estrellas da manhãa; de cuja formosura se admirão o Sol, e a Lua; diante de cujos ólhos não estão limpos os Espiritos celestiáes; e em cuja comparação esta tão maravilhosa fabrica do mundo não he mais (como diz o Sábio) que huma gôta de orvalho da manhãa, ou hum

grão de pêso, que se põem sobre a balança. Pois como não temerá, o que com os ólhos da Fé vê tão certo, que vai a receber dentro de si a hum Senhor de tão grande Magestade?

6. Não trato agora aqui da grandeza de seus juizos, e de sua justiça, e do aborrecimento, que tem ao máo, e á sua maldade; mas só do que pede a grandeza de tão alta Magestade, para que não só o peccador, mas tambem o justo veja quanta razão tem para temer, quando se chega a commungar. Nem deve ninguem assegurar-se com a virtude deste Sacramento, por ser vida das almas, pois (como já dissemos) póde tambem occasionalmente ser de castigo, ás que estiverem mal dispostas. Enviárão os filhos de Israel a buscar a Arca do Testamento, para dar huma batalha aos Philisteus com o favor da sua presença, parecendo-lhes, que com isto terião segura a victoria; porem não só a não alcançárão, mas antes forão nella desbaratados, e mortos, e captiva a mesma Sagrada Arca, de tal sorte, que foi muito mayor o damno, que recebêrão depois de vir a Arca, que o que tinhão recebido antes da sua vinda. E assim veyo a succeder, que o que elles imaginárão seria para seu remedio (considerada a virtude da Arca) fosse para sua ruîna por culpa da sua má vida. Assim tambem acontecêo áquelle grande privado d'El-Rey Assuero, chamado Aman; o qual sendo convidado para hum banquete real pela Rainha Esther, e havendo elle tomado isto por hum grande favor, sé lhe tornou o sonho ao revez; porque no convîte se tratou da sua morte, e daquella real mesa foi logo por mandado do Rey levado á forca. Pois por esta causa clama o Apostolo, dizendo: *Examine primeiro o homem sua consciencia, e deste modo coma daquelle Sagrado pão, e beba daquelle Caliz; porque quem o come, e bebe indignamente, come, e bebe*

o juizo para sua alma; pois não trata como deve o corpo do Senhor. Porque se aquella Arca do Testamento (que não era mais que huma figura deste Sacramento) pedia tanta reverencia, quanta será, a que se ha de ter ao mesmo Sacramento. Vemos, que por terem os Bethsamîtas olhado com curiosidade a esta Arca, tirou Deos a vida a cincoenta mil homens delles; que será pois receber sem respeito áquelle, que por esta mesma Arca era figurado? Quando esta abria o caminho aos filhos de Israel pelas aguas do rîo Jordão, lhes mandou Josué, que attendessem muito, a que se não avisinhassem a ella, mas que houvesse sempre pelo menos dous mil covados de espaço entre elles, e a Arca, para que Deos os não matasse. Pois se tão grande reverencia se devia áquella Arca (que não era mais que huma sombra deste Mysterio) qual será necessario se tenha, para receber dentro de si ao mesmo Senhor, que por aquella Arca era significado? especialmente, quando voltando hum para dentro de si os ólhos, e vendo-se a si mesmo, e lembrando-se que por parte da natureza foy nada, e pela da culpa ainda menos que nada, pois o peccado he menos que nada. Pois quanto será razão que tema, quem tantas vezes se tem feito nada? Quem tantas culpas, tantas fealdades, tantas torpezas, e tantas abominações tem commettido contra Deos? Quem não temerá receber a hum tão grande Senhor em hum coração, que tantas vezes tem sido cóva de dragões, e ninho de serpentes, e basîliscos?

7. Pois com estas considerações humilhe o homem, quanto poder, seu coração; e venha como o filho Prodigo á casa de seu piedoso pay, clamando, e dizendo: *Pay pequei contra o Ceo, e contra vós; já não mereço chamar-me filho vosso; fazei-me ao menos como hum de vossos criados.* Venha com o coração daquelle Publi-

cano do Evangelho, que não ousava chegar-se ao Altar, nem ainda levantar os ólhos ao Ceo, mas feria seus peitos, dizendo *Deos, apiedai-vos de mim peccador*. Venha com o coração, com que viria huma mulher, que tivesse faltado á fidelidade de seu marido, e este lhe perdoasse, e tornasse a receber em sua casa; a qual (se tivesse vergonha) não se atreveria nem ainda a levantar os ólhos para vêllo; lembrando-se por huma parte da infidelidade, em que cahíra, e por outra da nobreza do marido, que ainda depois de tal quéda a admittia á sua amizade; porque outro tanto na realidade, e muito mais faz aquelle Espôso Celestial, quando neste Sacramento torna a admittir em sua casa, á sua mesa, e a seus braços áquella alma, que pelo peccado o offendêo, e adulterou, fazendo a vontade ao demonio, e depois se torna a elle. Pois com estas considerações se despérta em nossa almas a humildade, e reverencia, que para este divino Sacramento se requer.

§ II

DO AMOR, E CONFIANÇA, COM QUE SE HA DE CHEGAR A ESTE SACRAMENTO, E DÁ-SE DOUTRINA ESPECIALMENTE PARA OS PUSILLANIMES.

8. Mas o *Amor*, e *Confiança* se accenderá, considerando por outra parte, que quanto este Senhor he grande na Magestade, na Justiça, e no aborrecimento que tem ao peccado, tanto o he tambem na Bondade, Misericordia, e Piedade para com os peccadores; porque esta o fez descer do Ceo á terra, e vestir-se de nossa carne, andar por caminhos, e carreiras em busca delles, comer em sua companhia, e dizer que o remedial-os era a sua comida, e as suas delicias. Por estes

jejuou, caminhou, suou, trabalhou, velou, madrugou, e soffrêo infinitas perseguições, e contradições do mundo : por estes caminhava, e prégava de dia; e por estes velava, e orava de noite ; para estes tinha sempre abertas as portas de suas entranhas, de tal sorte, que a nenhum lançou, nem despedio de si, aindaque fosse o mais miseravel, e desprezivel de todos. E finalmente, tanto desejou a saûde, e remedio dos peccadores, que para os vêr remediados, não descançou até pôr-se em huma Cruz entre dous ladrões, e derramar por elles todo quanto Sangue tinha. E não contente com este excesso, para que acabado o curso desta vida mortal, não faltasse outro, que como elle nos recebesse, instituio este Divino Sacramento; no qual está elle mesmo, para que todo o genero de pessoas necessitadas de medicina, tivesse sempre a mesma porta, e botica abertas para o seu remedio. De sorte, que a mesma causa, que o obrigou a morrer, essa mesma o fez instituir este Sacramento ; porque assim como o amor foi, o que o trouxe do Ceo á terra, e o fez pôr em mãos de peccadores, assím o amor he, o que agora o faz por este modo vir outra vez ao mundo, e o que o obriga a pôr em as mesmas mãos.

9. Em o que parece, que da sua parte não foi outra a causa desta tão grande obra, que a sua immensa Caridade ; e da nossa, nenhuma outra, que a nossa grande necessidade; da sua, só a Misericordia; e da nossa, só a miseria. Donde vêm, que este Divino Sacramento he commum remedio de justos, e peccadores; porque não só he manjar de sãos, mas tambem medicina de enfermos; não só he vida de vivos, mas tambem resurreição de mortos; porque (como diz Santo Agostinho) este pão não só sustenta, os que acha vivos, mas tambem ás vezes resuscita os mortos.

10. Pois porque titulo me poderá alguem impedir a participação deste Mysterio? He este hum Hospital Real, instituîdo pela Divina Misericordia, e dotado com o Sangue de Christo, para universal remedio de todos os enfermos, e necessitados. Pois porque razão, sendo eu enfermo, me terei por exclûso delle? Antes pelo mesmo caso, que sou enfermo, se desejo sarar, tenho mais obrigação de chegar-me a elle : porque se estou enfermo, aqui me curarão; se fraco, aqui me esforçarão; se cégo, aqui me allumiarão; se pobre, aqui me enriquecerão; se faminto, aqui me saciarão; e se nû, aqui me vestirão, e cobrirão minha desnudez.

11. Isto he o que não acabão, ou não querem entender, os que com semelhantes escusas se apartão a si, e aos outros do uso deste Sacramento, não attendendo, que este Divino Mysterio foi instituîdo, não só para manjar, e alimento de sãos, mas tambem para medicina de enfermos; não só para regalo, e fortaleza de justos, mas tambem para remedio, e esfôrço de penitentes; do qual aquelle tem mais necessidade, que se sente mais fraco; e por esta causa muito menos póde viver sem elle o fraco, que o forte; porque este póde perseverar por mais tempo sem este soccôrro, mas aquelle, que anda como exhalando a alma, e está tão fraco, e tão sem forças, que em desviando hum pouco os ólhos de Deos, logo começa a desfalecer, este tal em que parará, se não se aproveita deste soccôrro? E por isto particularmente se compadecia o Salvador deste genero de pessoas, quando fallando em figura deste Mysterio, dizia *Se os deixo ir em jejum, desfalecerão no caminho; porque alguns delles viérão de longe.* Porque he sem duvida, que assim como então padecião mayor perigo, os que tinhão vindo de longe, que os que viérão de perto (porque tinhão mais larga jornada);

assim tambem aqui o padecem os que são mais fracos, e os que tem mais caminho que andar, até chegar á perfeição do amor de Deos. E havendo-se para remedio destes ordenado este pão Celestial, não he atrevimento mas conselho muy saudável, que o desejoso de seu remedio se chegue a seu Remediador, e se aproveite da medicina, que para este effeito lhe ordenou, não com menor amor, que com o preço de seu Sangue.

12. Antes huma das grandes culpas dos homens, e de que mayor cargo se lhes ha de fazer no dia da conta, ha de ser do Sangue de Christo; isto he, de nos não ter querido aproveitar dos remedios, que por meyo daquelle precioso Sangue nos forão instituídos; o mayor dos quáes he este Divino Sacramento. Se hum Rey tivesse fundado hum famoso hospital, e tendo-o provído abundantissimamente de todas as cousas necessarias para a cura dos enfermos; e depois de acabada a obra com muito gasto, e diligencia sua, não houvessem enfermos, que se quizessem curar nelle, não o teria por má dita, vendo, que lhe sahião frustrados todos os seus desîgnios, e trabalhos? Pois não menos se offende aquelle Rey do Ceo, vendo, que depois de nos ter preparado com seu mesmo Sangue hum tão grande, e tão custoso remedio como este, não nos queiramos aproveitar delle; pois pelo mesmo caso (quanto he da nossa parte) fazemos infructuosos todos os seus desîgnios, e trabalhos. E esta he aquella tal offensa, que o mesmo Senhor significou na Parábola da Cêa, quando, preparado já tudo, o que era necessario para o banquete, mandou chamar os convidados, e elles não quizerão vir; contra os quáes fulminou aquella tão terrivel sentença de excommunhão, dizendo: *Digo-vos de verdade, que nenhum daquelles homens, que forão chamados, comerá já mais desta minha Cêa.*

13. Pois sendo isto assim, que razão terás tu para escusar-te deste convite? Se dizes que és peccador, já o não he, quem deseja ser justo, e lhe peza de ter sido peccador; porque (como diz S. Jerónymo) os peccados passados não te fazem mal, se não te agradão. Se dizes, que te achas cahido, e derribado, já se não póde chamar tal, a quem lhe peza de ter cahido, e estende a mão para que o levantem. Se dizes, que és indigno de chegar a tão alto Mysterio, muito louco és, se imaginas poder-se achar no mundo, quem seja perfeitamente digno de chegar-se a elle; porque por isso o Senhor quiz communicar-se aos pequininos, para que mais se declarasse por aqui a gloria de sua Bondade; pois se quiz communicar a táes. Assim que, tudo isto bem considerado, verás claramente, que não só não offendes a este Senhor em te chegares a elle, mas antes o offenderias muito mais, em te não quereres aproveitar do remedio, que instituio para táes como tu. Pois com estas, e semelhantes considerações se despérta o desejo, com que devemos chegar a este Divino Mysterio.

§ III

DA FÓME, E DESEJO DO PÃO CELESTIAL DESTE SACRAMENTO.

14. Mas a terceira cousa, que he a *Fóme*, e *desejo* deste Pão Celestial, se excita, e despérta, considerando as influencias, e virtudes deste nobilissimo Sacramento, e os effeitos que obra nas almas, que devotamente o recebem. Para cuja intelligencia has de saber, que assim como contra aquelle primeiro homem (que foi a origem, e principio de todos os nossos males) provêo Deos de outro segundo homem (que foi JESUS Christo, principio de todos o nossos bens); assim tambem con-

tra o pômo venenoso daquella arvore, que foi a raiz de todo o nosso damno, provêo do manjar deste Santissimo Sacramento, que he a fonte de todo o nosso remedio. Pelo que, assim como todos os males, que nos viérão pela desobediencia daquelle primeiro homem, se remediárão pela obediencia do segundo; assim tambem todos, os que nos viérão por aquelle manjar venenoso, se remedeão por este Santissimo Sacramento; porque elle he como huma espiritual triága, ordenada por conselho daquelle Sapientissimo Medico do mundo, para remedio de humana natureza, inficionada com o veneno, e silvo daquella antiga serpente. Pois conforme a isto, quem quizer saber quantos sejão os bens, que se nos communicão por este Divino manjar, ponha-se a contar quantos sejão os males, que pelo outro nos viérão; porque todos os bens contrarios a elles, nos vêm por seu meyo. Pelo que, assim como daquelle manjar se disse: *Em qualquer dia, que delle comeres, morrerás;* assim pelo contrario, se diz deste: *O que comer deste pão viverá para sempre.* Vês pois quão directamente se contrapõem este áquelle manjar, como medicina ordenada contra aquella doença?

15. He este hum meyo, pelo qual se conhece alguma cousa dos effeitos deste Santissimo Sacramento. O outro he, considerar o que nelle se contêm: porque debaixo daquellas espécies está realmente a propria carne de Christo, a qual por estar unida com o Verbo Divino, participa das suas virtudes, e influencias; assim como o ferro em bráza, e unido com o fogo, párticipa das suas mesmas propriedades. Por cuja causa diz S. João Damasceno, que aquelle Verbo de Deos Eterno, que dá vida a todas as cousas, unindo-se com a carne humana, a fez dadora de vida. Donde se segue, que este Sacramento contem em si todas as virtudes, e effeitos

de Christo; pois nelle se recebe a Carne de Christo, que unida com o Verbo Divino, participa de todas as suas virtudes.

16. Pois por aqui podes facilmente conhecer, que he o que obra em ti este Senhor, quando o chegas a receber. Porque vêm honrar-te com sua presença, ungir-te com sua graça, curar-te com sua misericordia, lavar-te com seu Sangue, resuscitar-te com sua morte, allumiar-te com sua luz, inflammar-te com seu amor, regalar-te com sua infinita suavidade, unir-se, e despôsar-se com tua alma, e fazer-te participante de seu espirito, e de tudo quanto para ti ganhou em a Cruz com essa mesma carne, que te dá. E assim este Divino Sacramento perdôa os peccados passados, esforça contra os futuros, debilita as paixões, diminûe as tentações, despérta a devoção, allumîa a Fé, inflamma a Caridade, confirma a Esperança, fortalece a nossa fraqueza, repára a nossa virtude, alegra a consciencia, faz ao homem participante dos merecimentos de Christo, e lhe dá penhôres da vida eterna. Este he aquelle Pão, que confirma o coração do homem; que sustenta os caminhantes, levanta os cahîdos, esforça os fracos, arma os fortes, alegra os tristes, consóla os atribulados, allumîa os ignorantes, affervóra os tibios, despérta os preguiçosos, cura os enfermos, e he commum soccôrro de todos os necessitados. Pois se táes, e tão admiráveis são os effeitos deste Sacramento, e tal a bondade, e amor de quem no-lo dá, quem não será cobiçoso de táes riquezas? quem não terá fóme de tão excellente manjar?

17. E aindaque este Sacramento seja de tanta dignidade, nem por isso deve o homem apartar-se delle, considerando a propria indignidade, e pobreza: porque (como acima dissemos) para pobres se provêo este thesouro, para enfermos se ordenou esta medicina, para

necessitados se dêo este soccôrro, e para famintos se preparou este manjar. Verdade he, que elle he Pão de Anjos, mas tambem he Pão de penitentes; verdade he, que he Manjar de sãos, mas tambem he Medicina de enfermos; verdade he, que he Banquete de Rey, mas tambem he Pão de trabalhadores; verdade he, que he Manjar de robustos, mas tambem he Leite de meninos. Assim que, para todos he todas as cousas; e nenhum (por imperfeito que seja) se deve abster desta medicina, se de todo o coração deseja sarar. Não tem os sãos necessidade de medico, mas sim os enfermos; e vindo particularmente para estes Christo ao mundo, para estes com especialidade vêm agora neste Sacramento. Pois com que fóme, com que desejo, com que alegria será razão, que seja esperado, e desejado hum Senhor, que vêm a fazer-te táes mercês? Vê o desejo, que aquelles antigos Padres tinhão da vinda deste Senhor, quando rompião o Ceo com clamores, pedindo-lhe que viesse; por cuja causa lhe chamavão o *Desejado de todas as Gentes*. Pois se este mesmo Senhor he, o que ha de vir a tua alma a obrar nella, o que obrou no mundo; porque (como diz S. Thomás) assim como quando veyo ao mundo, dêo a este vida de graça, assim tambem quando vêm á alma, dá a esta a mesma vida; como não ha de ser esperado, e desejado com o mesmo desejo?

18. Vê tambem o desejo, que os Apostolos tinhão da vinda do Espirito Santo, e as orações, e clamores, com que pedião, e suspiravão por ella; e por aqui verás, quanto deves tu tambem desejar esta vinda; pois nella esperas receber o mesmo Espirito, ainda que por outro differente modo.

19. Vê alem disto o desejo, com que huma mulher casada, carregada de filhos, e de necessidades, deseja a vinda do marido, que está nas Indias, com a qual es-

pera receber toda a consolação, amparo, companhia, honra, e remedio de todos os seus males. Pois como não desejarás tu com mais ardentes desejos a vinda daquelle Espôso dulcissimo das almas, que vêm das Indias Celestiáes, cheyo de todos os bens, para dar-te muito mais, que todo o mundo te póde dar?

Estas, e outras semelhantes considerações servem para despertar na alma a devoção actual, a qual dissemos ser necessaria, para receber este Divino Sacramento.

CAPITULO V

DE COMO SE DEVE TOMAR TEMPO, PARA ENTENDER NESTA PREPARAÇÃO.

1. Pois para que o homem se possa preparar deste modo convêm, que tóme tempo por alguns dias antes da Sagrada Communhão, para que nelle se occupe, assim nestas santas considerações, como em purificar, e alimpar sua consciencia por meyo do exame, e arrependimento de suas culpas, e confessando-se dellas Sacramentalmente. No que he muito de reprehender o atrevimento de alguns Sacerdotes, que sem ter precedido nada disto, ou estejão palrando, e rindo, ou occupados, e distrahidos em outros negocios temporáes, donde quer que os tóma a palavra, dahi mesmo se levantão, e vão a celebrar. De sorte, que com o mesmo coração, e descuido, com que se chegarião a comer hum pedaço de pão material, com esse mesmo vão assentar-se á mesa do Senhor, e comer o Pão dos Anjos; o que não deixa de ser hum muy grande desacato. E esta he huma das causas, porque depois de tantos annos, que usão desta medicina, se achão tão pouco aproveitados com o seu uso. Porque de outro

modo, se cada vez que dizem Missa, recebessem notavel augmento de graça, claro está, que ao fim de vinte annos que celébrão, havião de ter já recebido hum grande thesouro de graça, o que não parece vemos; pois sempre estão em hum mesmo ser, isto he tão sensuáes, e indevotos como sempre forão, e ainda muitas vezes, peyores. Pois que cousa mais para temer, que chegar-se cada dia á Fonte da graça, á Mesa dos Anjos, e á botica de todas as medicinas, e ao fim de tantos annos estar tão seco, tão em jejum, e tão cheyo de enfermidades, e fraquezas como sempre?

2. E não são menos dignos de reprehensão alguns máos Christãos, os quáes depois de terem vivido em todo o genero de vicios quando, ao fim do anno vêm a confessar-se, apenas tem acabado de vomitar mil maneiras de abominações, e peccados, quando logo em se levantando dos pés do Confessor, se vão assentar á mesa do Senhor, e a comer o Pão dos Anjos, para o qual seria necessario (se nos fóra possivel) pureza de Anjos. Pois não seria razão, gastar primeiro algum dia em aplacar a Deos, e em lavar, e regar com lagrimas a casa em que este Senhor ha de ser aposentado? Não seria razão celebrar antes a vigilia, e depois a fésta, e preparar-se primeiro para tão grande solemnidade? Porque se para receber o pôvo de Israel a Ley de Deos, mandou Moysés, que todos se preparassem tres dias antes, e que lavassem seus vestidos, e se abstivessem do trato com suas mulheres, quanto mais que isto se deveria fazer para receber ao mesmo Deos, dador não só da Ley, mas de graça, que he mais que a Ley? Pois como estando tão fresca a memoria dos peccados passados, e exhalando ainda o máo cheiro de tantas torpezas, queira o homem chegar-se a hum Mysterio de tanta pureza, e receber a hum Senhor de tão grande Magestade?

3. He este hum grande abuso de muitas pessoas; o qual quem o quizer ponderar bem como elle he, pêsando as cousas, não com o pêso de Chanaan (isto he, com pêso falso) mas sim com o do Santuario (isto he, com o juizo de Deos, e de seus Santos) lêa o Tratado *de Lapsis* de S. Cypriano; e allí verá, quão reprehensivel seja este genero de ousadía. Porque fallando dos Christãos, que pouco tempo depois de terem sacrificado aos idolos, se chegavão a commungar, diz assim: *Partindo dos mesmos altares do diabo, e tendo ainda as mãos inficionadas, e immundas com o contacto dos profanos sacrificios, se chegão a este Sacramento; e estando ainda arrotando aos manjares mortiferos dos idolos, e cheirando-lhes ainda mal as gargantas áquellas immundas, e pestilenciáes comidas, se atrevem a arrebatar o Corpo do Senhor, não obstante estar escrito;* Todo o homem, que estiver limpo, comerá deste manjar; e o que não estiver, morrerá por isso: *e sem fazer caso de nada disto, se chegão a fazer força, a violencia ao Corpo, e Sangue do Senhor. Mayor he o peccado, que agora fazem com as mãos, e com a boca, que o que antes fizerão, quando o negárão.* Atéqui são palavras de Cypriano. Vê, se podéra dizer cousa mais para temer, que esta. Bem vejo ser isto em parte exaggeração; porem por aqui toda via se entenderá, o que este Santo sentiria deste nosso tão ordinario, e quotidiano atrevimento.

4. E se me dizes, que já estás reconciliado com Deos por meyo da Confissão precedente; ainda que isto assim seja, não he razão, que logo nessa mesma hora, em que acabaste de vomitar tantos peccados, o recebas, sem que concedas hum pouco de tempo ás lagrymas, e á dor, e attendas a purificar tua consciencia, para que assim te chegues com mayor pureza a este Senhor. Sete dias esteve Maria, irmãa de Moysés, sem entrar

nos arrayáes, ainda que já arrependida, e perdoada de seu peccado. E dous annos esteve Absalão sem entrar no Palacio de El-Rey David seu pay, ainda que já perdoado da morte de seu irmão Amnon. Pois se a este (depois de já perdoado) se dilatou por dous annos a vista do pay offendido, não he muito, que se te dilate a ti, ao menos por tres dias; pois tanto mais gravemente offendesse ao Pay Celestial, havendo-lhe tantas, e tantas vezes crucificado a seu Filho com teus peccados.

5. E se por outra parte dizes, que neste tempo não te poderás conter de peccar; e que por esta causa he melhor chegar-te logo a commungar, antes que os novos peccados te tornem a fazer indigno deste Mysterio, a isto respondo: Que se os peccados são veniáes, não são estes de impedimento; pois sete vezes ao dia cahe o justo; e facil he o remedio deste mal. Mas se temes, ou tens para ti, que serão mortáes, que mayor perigo, nem que peyor apparelho póde ser, que chegares a commungar com huma consciencia tão inconstante, e de tão pouca firmeza, que não te promettas estar, ao menos por tres dias, sem peccado mortal? Aonde está aqui o firme, e verdadeiro proposito de nunca mais offender a Deos, ainda que fosse perdendo a vida? Aonde o amor de Deos sobre todas as cousas, que teme o peccado mais que todas ellas? Não são tão débeis as forças da graça; nem he tão facil de commetter hum peccado mortal, que se o homem puzesse da sua parte huma mediana diligencia, não pudesse por muitos dias, e annos (e ainda por toda a vida) viver isento deste genero de culpas, ajudado com a Divina graça, a qual já mais falta a quem a busca.

6. Porem querer obrigar a isto aos homens carnáes, e sensuáes, ainda que seja por tão breve tempo, he co-

mo quem quizesse tirar hum grande rio da sua madre; porque tendo este por tantos annos aberto, e profundado o canal por onde corre, he cousa muy difficil tiral-o dalî; e se com tudo isso por força, e arte se chega a tirar, em vendo o seu primeiro caminho, logo corre, e rompe por onde póde, e se torna a meter nelle. Do mesmo modo estes; porque como ha tantos annos, que estão habituados a viver com aquella miseravel liberdade de fazer, e dizer quanto se lhes antója, e de deixar ir seu coração apôs da corrente de seus appetîtes, o querer tiral-os desta carreira, e obrigal-os a resistir a estes desenfreados movimentos, lhes he hum tão grande tormento, que não vêm já a hora de sahirem daquella obrigação, e de se tornarem á corrente da sua antiga liberdade: e por isso se dão tanta préssa a deitar de si aquella carga; para poderem tornar logo á soltura de vida, que d'antes tinhão. De sorte, que averiguado bem este negocio, a causa de tanta acceleração, he o grande tormento, que padecem em obrigal-os a ser bons, ainda por espaço de tres dias; tão habituados como isto estão em o mal. Malaventurados pois de vós; e como presumís por outra parte salvarvos, e ser companheiros dos que fielmente pelêjão, fazendo-se-vos tão pesado o trazer, ao menos por tres dias, embraçado o escudo da virtude, e empunhadas as armas desta espiritual milicia? pois (como diz o Apostolo) não será corôado, se não o que legitimamente pelêjar.

7. E não tenha algum para si,. que isto se opponha ao que acima dissemos da Confiança, com que havemos de chegar a este Mysterio; porque aquillo se disse para animar os pusillânimes, e fracos, que com demasiados, e indiscretos temores se abstem deste Sacramento; mas isto se diz para refrear os atrevidos; não para que

se apartem deste remedio, mas para que com mais pureza, e preparação se cheguem a elle.

Mas qual haja de ser esta preparação, alem do que está dito, o Capitulo seguinte o declara mais em particular.

CAPITULO VI

DO QUE EM PARTICULAR SE DEVE FAZER ANTES DA COMMUNHÃO.

1. Pois o que nesta parte deseja fazer o que deve, tome algum tempo (como dissemos) para este apparelho, e (fallando agora mais familiarmente com os que frequentão mais a miûdo este Sacramento) seria bem, que assim como Moysés mandou aos filhos de Israel (como acima dissemos) que se preparassem tres dias antes, para sahirem a receber a Deos, quando lhes vinha dar a Ley, assim nós tambem tomassemos este mesmo tempo, para nos dispôr a receber ao mesmo Senhor, que nos vêm dar a Ley, não de morte, mas de vida; não de letra, mas de espirito; não de temor, mas de amor.

2. Cousa he por certo de grande confusão vêr, o que a Divina Escriptura conta, que fazião as mulheres de El-Rey Assuero, para apparecerem huma só vez no anno diante delle. Porque diz que gastavão os primeiros seis mezes em preparar o rôsto com hum certo ólêo; e os outros seis, não sei com que unguentos, e confeições. Pois se tanto se fazîa por cahir em graça nos ólhos de hum homem terreno, que se deveria obrar, para hum se fazer grato aos de Deos? Não foi porventura este hum dos principáes louvôres, que o Anjo dêo á Sacratissima Virgem, quando a saûdou, dizendo: *Achaste graça nos ólhos de Deos*? Pois que

muito seria fazer tanto por esta dignidade, quanto se fazia por aquella vaidade? Que muito seria, que toda a nossa vida fosse huma continua preparação, para cahir em graça nos ólhos de Deos? pois toda a daquellas miseráveis mulheres o era, para conciliar o agrado nos de hum homem?

3. Mas já que isto se não faz assim, ao menos nestes sobreditos dias, será conveniente, que nos comecemos a dispôr para este tão grande Sacramento, fazendo da nossa parte tudo, o que boamente pódermos. E se me perguntas, que cousa se ha de fazer, digo, que a primeira cousa ha de ser, olhar neste tempo com mais attenção por ti, e por tuas obras, e por teu modo de conversar, e tratar, para que te não desmandes em cousa, que possa offender os ólhos deste Senhor, não só mortal, mas nem ainda venialmente, quanto seja possivel. E não só nos devemos guardar dos peccados, mas tambem de todas as occasiões delles, como são, risos, práticas, e vãas conversações, e de todas aquellas cousas, que poucas vezes se fazem sem peccado. De sorte, que assim como huma mulher enfeitada, e acêada (quando se veste de fésta para sahir de casa) guarda-se quanto póde, de pôr as mãos em cousa, em que possa contrahir alguma mancha, ou immundicia; assim tambem nós deviamos neste tempo andar mais solicitos, que em qualquer outro (como quando nos costumamos vestir de festa) para ir receber ao Senhor dos Anjos, e assentar-nos á comer com elle á sua mesa.

4. Convêm pois, que neste tempo guardemos com especialidade a boca, e attendamos com todo o cuidado, a que nos não desmandemos em palavras vãas, ou danosas, para que assim esteja mais limpa a porta, por onde ha de entrar em nossa alma aquella Celestial

Hostia. E ainda muito mais convêm guardar o coração de todo o pensamento immundo, vão, ou inquieto; porque sendo este o thálamo, em que Deos ha de ser collocado, não convêm, que haja nelle cousa, de que se possão offender seus Divinos ólhos.

5. E porque a cousa mais propria do lugar, em que este Senhor móra, he a paz (como diz o Psalmista) será razão dar neste tempo de mão a todos os negocios, que comsigo trazem desassocego, e anxiedade; porque sendo o leito deste Celestial Espôso (como diz a Esposa nos Cantáres) florído, não o tenhamos nós por outra parte cheyo de espinhos, e abrólhos de semelhantes pensamentos. E se a necessidade nos obrigasse a tratar destes negocios, isto se faça com tal tento, e discrição, que não se nos apegue a elles o coração, e assim nos perturbem, e empeção a paz, e socêgo da alma.

6. E nestes mesmos dias convêm, que se dê mais tempo a todos os exercicios espirituáes de meditações, e orações; porque este he o incenso, com que ha de estar perfumada a casa, em que se ha de aposentar este Celestial Hóspede. E convirá particularmente que nestes tres dias occupemos nosso pensamento naquellas tres sortes de considerações, que acima puzemos, para com ellas despertar em nossas almas o temor, o amor, e a fóme deste Celestial Pão. E nestes mesmos dias poderemos tambem fazer oração á Santissima Trindade, cada dia a huma das tres Divinas Pessoas, para que nos concedão aquella purêza, e graça, que para esta Santissima Communhão se requer. E particularmente poderemos recorrer á Sacratissima Virgem N. Senhora, supplicando-lhe, que por aquella devoção, com que concebêo em suas virgináes entranhas ao Filho de Deos, e o recebêo em seus braços depois de nascido, nos alcance graça, para que dignamente o recebamos

em nossas almas. Suppliquemos-lhe tambem, que por aquella mesma devoção, com que depois que seu Filho subio ao Ceo, commungava, e recebia seu Sacratissimo Corpo, nos impétre amor, e graça, com que nós tambem assim o recebamos. Por tanto pedindo isto, será bem, que consideremos a fé, a devoção, o amor, as lagrimas, e a alegria, com que esta Santissima Virgem commungaria, e receberia o Corpo de hum Filho tão amado, e tão desejado, coberto com o véo daquellas espécies Sacramentáes, entre tanto que se lhe dilatava a vista clara de sua formosura. Porque quem considerar a alteza da fé, e amor desta Virgem, isto he, a grande firmeza, e certeza, com que cria estar naquelle Pão Consagrado o Preciosissimo Corpo de seu Filho; e o grande amor, que lhe tinha, e o desejo de o vêr, e abraçar em suas entranhas, não poderá deixar de entender alguma cousa da alegria, e grandes maravilhas, e sentimentos, que naquelle Santissimo Coração havia ao tempo que commungava. Peçamos-lhe pois desta devoção huma faisca; porque esta bastará para chegarmos, como devemos, a este banquete.

7. Á noite antes da Communhão, será bem deixar a cêa, se for possivel; ou ao menos procurar, que seja muy moderada, e sem conversações depois della; para que assim o sôno seja mais quieto, e mais puro; e tambem para que haja mais commodidade de gastar hum pedaço de noite nestes, e outros semelhantes exercicios, com os quáes a alma se prepare para a festa do dia seguinte.

8. E quando se for deitar, seja com o mesmo cuidado, e pensamento, supplicando ao Senhor, que o livre aquella noite das fantasmas, e cilladas do inimigo, para que com mayor pureza de corpo, e alma chegue a recebel-o. E quantas vezes despertar, seja com este

mesmo pensamento, e súpplica, com que se deitou. E pela manhãa, apenas abrir os ólhos, esteja já abraçado com a Cruz de Christo, e com a memoria de sua Paixão; na qual especialmente nos havemos de occupar neste dia, considerando aquella immensidade de amor, com que o Filho de Deos se offereceô por nós em a Cruz, e expôz suas cóstas para receber ao açoutes, que nossos furtos merecião; e tambem a Caridade, com que nesta mesa se offerece a todos, para commum remedio de nossos males. Por quanto sendo este Sacramento instituído em memoria da Paixão de Christo, este he o principal pensamento, que da nossa parte deve haver, para que assim cumpramos nisto com a intenção do Testador.

CAPITULO VII

DO QUE EM PARTICULAR SE DEVE FAZER AO TEMPO DA COMMUNHÃO, E DEPOIS DELLA.

1. Tendo pois já declarado, o que se deve fazer antes da Communhão, digamos agora em particular, o que se ha de fazer ao tempo de commungar, e depois de ter commungado. Ao tempo pois de commungar, quando já te queres chegar ao Altar, faze de conta que sôa em teus ouvidos aquella voz do Evangelho que diz: *Eisaqui vêm o espôso, sahi ao encôntro a recebel-o.* Porque verdadeiramente em nenhum outro Sacramento se mostra Deos tão claramente ser Espôso de nossas almas, como neste; pois o seu effeito he unir a alma comsigo, e fazer de ambos huma mesma cousa; o que propriamente he hum matrimonio espiritual. Pois para sahir ao encôntro a este Celestial Espôso, he necessario vêr attentamente do modo que elle vêm, para que

conforme a isto, o sayas tu tambem a receber. Vêm pois a ti cheyo de Caridade, de suavidade, de bondade, e de misericordia, dizendo, que com desejo tem desejado celebrar comtigo esta Páscoa, na qual se come o cordeiro Paschal. Tu pois da tua parte estás obrigado a sair-lhe ao encôntro com toda a devoção, amor, temor, e alegria, que te for possivel; pois vás a receber ao verdadeiro Espôso da tua alma, a teu Deos, a teu Creador, a teu Senhor, e a todo o teu bem. Para o que deves considerar a grandeza da devoção, e alegria, com que aquelle Santo Simeão recebêo em seus braços ao Menino JESUS, quando a Virgem lho offerecêo (para cuja vista só desejava a vida); porque essa mesma he razão tenha, o que por meyo deste Sacramento vai receber ao mesmo Senhor.

2. Considera tambem a devoção, e alegria com que a mãy do Santo Baptista recebêo a deste Senhor em sua casa; quando disse aquellas palavras de tanta devoção: *Donde a mim tão grande bem, que venha á minha casa a Mãy de meu Senhor*? Porque com essa mesma he razão, que recebas tu a este Senhor, dizendo com esta santa mulher Donde a mim tão grande bem, que vós, Senhor dos Anjos, e gloria do Ceo, queirais vir a mim? Ó Pay! ó Pastor! ó Senhor! Deos meu, e todas as cousas! que não contente com haver-me creado á vossa imagem, e semelhança, e remîdo, com vosso Sangue, de mais disto queirais ainda vir agora a mim, e morar em mim, e transformar-me em vos, e fazer-me huma cousa com vosco como se vós, Senhor, dependesseis de mim, e não eu de vós! Donde isto, Senhor, a mim? será por ventura por meus merecimentos, ou porque ganhais alguma cousa comigo? Não por certo, Senhor; mas só por vossa bondade, e misericordia, pela qual vós gostais mais de estar

comigo, que eu comvosco ? porque eu vos desejo a vós, como miseravel; mas vós a mim, como misericordioso : eu a vós para ter quem me dê; e vós a mim, para terdes a quem dar; e porque vós desejais mais dar, que eu receber (pois sois mais bom, que eu necessitado) daqui vêm, que mais gostais vós de vir a mim, que eu a vós; e por isso dissestes, que as vossas delicias erão estar com os filhos dos homens; porque assim como o gosto, e deleite natural da ave he voar, e o do peixe nadar, assim o do Summo Bem, he fazer bem, e communicar-se a todos.

3. Nestes, e outros semelhantes pensamentos deve occupar o homem seu coração antes, e depois de ter recebido a este Celestial Hospede, para avivar, e fomentar com elles a devoção, que para isto se requer. Porem como este Espôso he de grande dignidade, e muy amigo de que sua Espôsa seja vergonhosa, por isso convêm, que esta devoção, e alegria vá acompanhada de huma grande reverencia, e humildade, considerando a dignidade do Senhor, que se recebe, e a indignidade de quem o recebe; e assim se cumprirá com o que diz o Psalmo : *Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos em sua presença com tremor.* Para o que será bem, que nos lembremos daquellas tão grandes ameaças, com que Deos mandou prevenir seu povo ao tempo, que dava a Ley, mandando que ninguem fosse ousado a chegar ao monte, em que Deos fallava, nem homem, nem besta, nem gado, sob pena de ser por isso logo apedrejado. Ao mesmo Aarão (com ser Summo Sacerdote, e escolhido por Deos) e a outros homens dos mais principáes, a quem dêo licença, para que subissem ao monte, mandou, que adorassem de longe, e não se chegassem a elle, senão só Moysés. Considerando pois isto o homem, encolha-se dentro de si

mesmo, e humilhe-se em seu coração até ao pó da terra, e até aos abysmos, quando chega a receber dentro de seu corpo, e de sua alma, a hum Senhor de tão grande Magestade.

§ UNICO

DO QUE EM PARTICULAR SE DEVE FAZER, DEPOIS DE TER COMMUNGADO.

4. Depois que tiver recebido esta Sagrada Hostia, detenha-a hum pouco de tempo na boca, até se humedecer, para que assim possa com mais facilidade consumil-a; porque se se não faz isto, muitas vezes acontece pegar-se ao Ceo da boca, e pôr-se tanto cuidado em despegal-a, que por attender a isto, deixa o homem de cuidar, no que áquelle tempo convêm.

5. E procure tambem não cuspir logo depois de ter commungado, senão he que tivesse especial necessidade; e então seja em lugar honesto, e limpo, aonde se não possa pisar.

6. Nem deve comer logo, acabando de commungar; porque não deixa de ser irreverencia, que estando ainda inteiras em o peito as especies Sacramentáes, se occupe logo este de outros manjares; mayormente, sendo aquelle tempo, que se segue depois da Communhão, o melhor que ha, para negocear com Deos, e para abraçal-o dentro do coração. E assim deve o homem estar neste tempo na Igreja, ou aonde commungou, dando ao Senhor as graças por este beneficio, e occupando seu coração em santos pensamentos, e orações, que para este effeito se põem a diante no fim deste Tratado.

7. E de nenhum modo faça o que muitos fazem, e

he, que acabando de commungar, se põem logo a palrar, e a rir com outros. Tenho isto por hum grande desacato, e digno de muy grande reprehensão: porque que mais má creação póde haver, do que acabando de receber hum tal Hospede em vossa casa lhe volteis logo as costas, e o deixeis (como dizem) com a palavra na boca, e vos ponhais a fallar com outros?

8. E de mais disto, diz o Cardeal Caetano, que este Sacramento communica a sua virtude á alma que o recebe, não só quando actualmente o communga, mas tambem por todo aquelle tempo, que as espécies Sacramentáes se conservão inteiras em o peito do homem para que assim tambem se possa dizer aquillo, que o Senhor disse: *Em quanto estou no mundo, sou luz do mundo.* E se isto he assim, como presuppõem este Doutor (ainda que não falta quem o contradiga) he muito justo, que por tudo este tempo esteja o homem muy recolhido, e devoto, para que assim se lhe communique com mayor abundancia esta Celestial graça; pois como acima dissemos) este Sacramento obra confórme a disposição, que acha nas almas. E porque as principáes portas, por onde muitas vezes entrão em nossa alma as influencias do Espirito Santo, são o entendimento, e a vontade, dando áquelle mayor luz, e a esta mayor sentimento das cousas de Deos, não he razão, que estas estejão cerradas a este tempo; e isto fazem, os que de proposito se divertem, e distrahem então a outras cousas. E sendo este hum dos principáes fructos da Sagrada Communhão, e hum dos melhores bocados desta Celestial mesa, he cousa muito alhéa da razão, que estando já feito o gasto, e recebido este manjar Divino, se despeça o homem a tempo, em que havia de estar abrindo os seyos de sua alma, e recebendo o fructo da sua preparação, e deste Santissimo Sacramento.

9. E se me perguntas, em que poderás melhor occupar este tempo, digo-te, que em louvores, e exercicios de amor de Deos. Porque (como diz S. Bernardo) aqui são os abraços, aqui os ósculos de paz, mais doces que todos os favos de mel: e aqui finalmente está a doce união da alma com o Espôso Celestial. Por tanto aqui tem principalmente lugar o exercicio daquellas santas aspirações, que não são outra cousa mais, que actos de Caridade, e desejos entranháveis daquelle Summo Bem; quáes erão os do Propheta, quando dizia: *Eu vos amarei, Senhor, fortaleza minha, etc.*, e quando dizia: *Da maneira que o Veádo sequioso deseja a fonte das aguas, assim a minha alma vos deseja a vós, Deos meu.*

10. Aqui tambem he conveniente dar ao Senhor as graças por todos os seus beneficios, e particularmente por este, em o qual se nos dá o mesmo dador, e Senhor de todos os bens. E para que melhor entendas a obrigação, que a isto tens, lembra-te do que mandou Deos a Moysés, quando depois de ter enviado o manná aos filhos de Israel, lhe disse, que tomasse hum vaso de ouro, e o enchesse de Manná, e o puzesse dentro da Arca do Testamento, e que se guardasse allî perpetuamente, para que todas as gerações vindouras soubessem, com que genero de alimento sustentára a seus pays quarenta annos em o deserto. Pois dize-me agora, que comparação póde haver entre aquelle Manná (que era manjar corruptivel) e este Santissimo Sacramento, que he manjar de vida eterna? Pois se tal agradecimento, e memoria pedia Deos por aquelle manjar corruptivel, qual pedirá por este, que he manjar de vida, e vida eterna? Cousa he esta, que com nenhum genero de palavras se póde explicar.

11. Neste mesmo dia deve tambem o homem ter sobre si a guarda, que pede huma tão solemne hospedá-

gem, como he o ter recebido a Deos dentro de si. E se o Propheta David dizia, que tinha reverencia ao lugar, em que estiverão os pés de Deos, não será tambem razão, que o homem tenha neste dia hum certo modo de reverencia a seu peito, em o qual recebêo ao mesmo Deos? Mas esta reverencia se ha de encaminhar, a que por aquelle dia não entre nelle (quanto nos seja possivel) cousa, que não seja de Deos. E neste mesmo dia convêm com especialidade cerrar a boca do forno, para que não se vá o calor da devoção, que o fogo do amor de Deos tiver nelle deixado; pois sabemos quão delicado he o espirito da devoção, o qual facilmente se vai, e não torna, senão com muita difficuldade. Pois assim este Santo Sacramento nos será causa de andar todos estes dias recolhidos, assim antes, como depois da Communhão. Pelo que, assim como o Sol allumia, e esclarece o mundo, não só quando sahe, mas tambem huma hora antes que nasça, e outra depois que se põem; assim tambem o Sol de Justiça, que neste Sacramento se encerra, não só allumiará nossas almas, quando o recebermos, mas tambem antes, e depois de o ter recebido; primeiro com a esperança de o receber, e depois com a memoria do beneficio recebido.

12. E para que o homem se possa ajudar em tudo isto, se põem no fim deste Tratado algumas orações, e meditações, as quáes poderão servir muito, a quem as ler com toda a devoção, e recolhimento, que lhe for possivel, sentindo o que diz, e detendo-se naquillo, em que achar mais gôsto.

CAPITULO VIII

DO USO DOS SACRAMENTOS, E DO PROVEITO, QUE SE RECEBE COM A SUA FREQUENCIA.

1. Tendo já tratado do modo, com que nos devemos preparar para este Santissimo Sacramento, digamos agora brevemente do fructo, que do uso dos Sacramentos se nos póde seguir, se dignamente os frequentamos.

2. Para isto pois he de saber, que não são outra cousa os Sacramentos da Ley da Graça, senão huns aqueductos do Ceo, por onde se derivão as graças do Espirito Santo, as quáes originalmente nascem da fonte do lado de Christo. E por isso o que se chega a commungar (como diz S. João Chrysóstomo) ha de suppôr, que põem sua boca na chaga deste precioso lado, e que dalî bebe agua de vida. São os Sacramentos medicinas, e remedio de nossa fraqueza; a qual conhecia muito bem aquelle, que foi enviado ao mundo para seu remedio; e assim soube muito bem ordenar, o que para isto lhe convinha. Porque não era razão, que havendo tanto genero de medicinas para curar nossos corpos, não as houvesse tambem para curar nossas almas; não estando estas menos sujeitas a enfermidades, que aquelles; nem indo menos na sua cura; antes tanto mais, quanto são de mayor preço as almas, que os corpos. Pois para este fim he que forão instituîdos os Sacramentos da Ley da Graça; a qual (como Ley perfeita) era razão, que provesse inteiramente de tudo, o que era necessario para a nossa salvação. E por esta causa são muitos os Sacramentos, porque são tambem muitas, e diversas as enfermidades de nossas almas.

3. E não só ajudão para isto os Sacramentos da sua

parte, mas tambem o que nós fazemos da nossa, para dignamente os receber. Porque o que se vai confessar, primeiramente se accusa do passado, e se arrepende do que tem feito, e se humilha aos pés do que faz as vezes de Christo; e pede perdão de seus erros, e propõem emendar-se delles; e allî finalmente he recebido por Deos, e por mão da Igreja reconciliado com elle. O que tudo nos ajuda grandemente a trazer a vida concertada; porque deste modo traz o homem conta com suà consciencia, tendo de a dar tanto a miûdo; e como quem caminha por entre dous vallados (que não póde desviar-se para huma, nem para outra parte) anda com cuidado em si mesmo por causa da confissão passada, e tambem da futura; e assim não se atreve tão facilmente a desmandar-se em cousa que seja má, e desordenada.

4. Para isto pois ajuda muito o Sacramento da Confissão, cuja necessidade verião claramente os homens, se ao menos fizessem tanta estimação das cousas espirituáes, quanta fazem das corporáes. Se não dize-me; porque causa se faz preciso alimpar continuamente o jardim, varrer todos os dias a casa, e lavar cada semana a camisa, se não porque cada cousa destas se mancha frequentemente, e enche de immundicia? Pois se vivendo nós neste mundo tão máo, e manchando-se tantas vezes a pureza de nossa alma, porque não procuraremos, que haja para isto frequente remedio, pois he tão frequente, o perigo? Porque se não lavará cada semana a alma, como se lava a camisa? pois tanto mais vay na limpeza de huma, que da outra, quanto mais vale a nossa alma, que o nosso vestido.

5. Do mesmo modo vemos, quão frequente he o cuidado, que tem os navegantes de acudir á bomba da náo, para esgotar a agua, que sempre recebe, principalmente em tempo de chuva; porque a não fazel-o assim.

tomaria a náo tanta agua, que se hiria ao fundo, e se perderia. Pois se tão frequentes são os peccados veniáes, que cada dia commettemos (os quáes são como gôtas de agua, que cahem na náo de nossa alma, e nos dispõem para os mortáes, com que ella se vai a pique) não será razão acudir sempre ao remedio destes peccados menores, para não vir a cahir nos mayores, com que por fim se pérca tudo?

6. Vemos alem disto, como muitas vezes a natureza provê nos corpos cheyos de máos humores, de alguma fonte, ou de outro semelhante desaguadouro, por onde se purgem; com o que costumão viver sãos, os que de outro modo apenas poderião viver. E por isto os Medicos não querem cerrar estas fontes (aindaque possão) por lhes não tirar este remedio. Pois o que neste caso inventou a natureza para remedio dos corpos, achou a Divina graça para o das almas, a fim de que (gerando-se dentro dellas tantos máos humores de peccados) houvesse esta medicina para purgal-os, isto he, a fonte da confissão, por onde as almas purgão todo, quanto mal se géra nellas.

§ I

DOS EFFEITOS DO SACRAMENTO DA COMMUNHÃO.

7. Deste modo pois se purgão, e cobrão saúde as almas por meyo do Sacramento da confissão; mas quem conserva esta saúde, e vida he o da Sagrada Communhão; o qual por isso se instituío em espécie de alimento; porque assim como deste he proprio sustentar a vida corporal, assim tambem deste Sacramento he, sustentar a espiritual, que consiste na caridade, para que esta não desfaleça com as grandes contradições, que

neste mundo padece. Pelo que disse o Senhor, que a sua Carne era verdadeira comîda, e o seu Sangue verdadeira bebîda. Sobre as quáes palavras dizem commummente os Doutores, que todos os effeitos, que obra o alimento corporal nos corpos, obra espiritualmente este Divino manjar nas almas. Porque elle nos sustenta na vida espiritual, delcita o gôsto interior, refaz as forças sobrenaturáes, repára a virtude enfraquecida, fortalece o homem contra as tentações do inimigo, e faz que cada dia cresça até á sua devida perfeição, se elle por sua culpa não falta da sua parte.

8. E se me perguntas, como he possivel, que huma substancia, e comîda corporal obre hum effeito tão espiritual, qual he, conservar, e accrescentar a Caridade, e sustentar o homem na vida espiritual? A isto se responde, que a causa he a virtude sobrenatural dos Sacramentos, aos quáes Deos instituîo para remedio de nossa fraqueza; e quiz que debaixo de fináes, e fórmas corpóreas, e visiveis, obrassem effeitos invisiveis; como claramente se vê na agua do Santo Baptismo, a qual lavando exteriormente o corpo, lava interiormente a alma, e a põem em estado de graça. Pois o mesmo (em seu modo) faz este Divino Sacramento, em quanto he Sacramento, e o mayor de todos elles. Mas alem de tudo isto, tem ainda duas muy grandes excellencias, e ventágens sobre todos os outros Sacramentos, por onde mais altamente obra este effeito. Huma he, que nelle juntamente com a Carne de Christo, está a Alma de Christo, e o Verbo Eterno de Deos vivo, e vida de todas as cousas; o qual por meyo deste Sacramento entra na alma do que communga; e obra nella este tão admirável effeito, como he dar-lhe vida espiritual. Por onde, assim como o Medico, que quer curar o enfermo com alguns pós medicináes, os ajunta com huma pouca de agua di-

stillada, e lhos dá a beber, para que este, que he liquida, leve a medicina por todas as vêas do corpo, em que ha de fazer a sua operação; assim tambem aquelle Celestial Medico ordenou, que o verbo Divino se unisse com esta carne humana, para que entrando por este meyo em os homens, que são de carne, obrasse nelles este genero de saûde, e de vida.

9. E de mais disto, não só o Verbo Divino per si, mas tambem a mesma carne, que unio a si, participa esta mesma virtude; e assim tambem ella (como seu instrumento) he causadora de vida, segundo o que acima largamente declaramos.

10. E por esta causa o Salvador, acabando de resuscitar a filha daquelle Principe da Synagóga, lhe mandou dar de comer, para que a vida, que lhe déra com sua virtude, se conservasse com o alimento: dandonos nisto a entender, ser tambem conveniente, que ás almas já resuscitadas pela virtude de Deos (que obra no Sacramento da Confissão) se administre este Divino alimento, para que a vida já recebida por hum Sacramento, se conserve pelo outro. No que se vê, quão necessarios sejão para a vida espiritual estes dous Sacramentos, hum para a dar, e outro para a conservar. Por cuja causa, o que deseja alcançar esta vida, deve confessar-se muitas vezes, e não menos commungar, o que a deseja conservar.

11. E por serem tão poucos no dia de hoje, os que isto fazem, por isso são tambem tantos, os que espiritualmente morrem: e por esta mesma causa está tão apagada a chamma da Caridade (em a qual consiste esta vida) por serem tantos, os que se não aproveitão destes defensivos, e remedios, que Deos para este effeito ordenou. Porque (como muito bem disse o Cardeal Cactano) a Caridade neste mundo está fóra de seu lugar

natural, que he o Ceo, aonde tendo presente o Summo Bem, arde sem cessar no seu amor; mas neste mundo está como estrangeira, e peregrina, e como fóra de seu lugar natural, aonde tem mil cousas, que lhe são contrarias; por cuja causa tem necessidade de grandes reparos, e defensivos para se poder conservar. Vemos, que huma gôta de agua, lançada no mar, dura para sempre; porque está no seu elemento, no qual se conserva com toda a outra agua, que he sua semelhante; mas derramada pela terra, depréssa se seca, por causa da natural secura do elemento, em que está, que lhe he contrario. Do mesmo modo a Cidade situada no centro, e coração de hum Reyno, está segura dos inimigos, e não tem necessidade de gente armada, nem de guarnição para conservar-se: porem a que está nas fronteiras, se não estiver muito bem petrechada, guardada, e guarnecida, facilmente se perderá. Pois neste mesmo perigo está a Caridade nesta vida, aonde se acha fóra de seu lugar natural, e entre tantos inimigos; contra os quáes a provêo aquelle Soberano Emperador (que isto tanto conhecia) do repáro, e defensivo deste Santissimo Sacramento; do qual se pódem muito bem entender aquellas palavras do Psalmista, que dizem: *Preparaste, Senhor, diante de mim huma mesa, que me dá virtude, e fortaleza contra todos, os que me perseguem.* Pois se todos estamos sujeitos aos combates destes inimigos, que faremos sem o soccôrro desta mesa, que Deos para isto nos preparou? Ay daquelles (diz S. Bernardo) que sendo chamados para obras de fortes, não comem manjar de fortes! E quem são estes, que são chamados para táes obras, senão os que no dia, que forão baptisados, se declarárão por Cavalleiros, e Soldados de Christo, e por inimigos de Satanaz, e de todas as suas pompas? E qual

he o manjar, que dá forças contra estes inimigos, senão este Santissimo Sacramento, do qual diz S. João Chrysóstomo, que faz Leões, que respirão fogo pela boca, aos que se chegão a esta Divina mesa? E daqui he, que aonde (segundo a nossa versão) diz David: *O homem comêo pão de Anjos;* traslada S. Jerónymo *O homem comêo pão de Fortes*: porque tal he por certo o Sacramento, que por este manjar he figurado.

12. Pois sendo isto assim, com muita razão chóra este Santo, aos que sendo chamados para esta quotidiana batalha, e não tendo para ella outras melhores armas que estas, não se querem aproveitar dellas. E daqui que outra cousa se póde seguir, senão a quéda, e morte de tantas almas, como vemos? Porque nos tempos passados com a virtude deste Sacramento (que com tanta frequencia se administrava) prevalecião os Christãos contra todas as furias, e rayvas dos tyrannos, e davão de boa vontade a vida pela justiça: mas agora he tão grande a nossa fraqueza, que apenas damos por ella hum passo. Pois o que no meyo de tantas mortes, e perigos deseja o seu remedio, chegue-se a esta Celestial mesa, sustente-se deste *Pão de Fortes*, e trabalhe por imitar, não os erros dos presentes, mas sim os exemplos dos passados, se quer pelêjar legitimamente, e ser corôado com elles.

§ II

RESPONDE-SE A ALGUMAS OBJECÇÕES DE ALGUNS, QUE POR NEGLIGENCIA DILATÃO MUITO TEMPO A CONFISSÃO, E A COMMUNHÃO.

13. Os homens carnáes, e amigos de viver á sua vontade, dizem: Para que he tanta Confissão, e Com-

munhão? basta confessar-nos huma vez no anno, como manda a Igreja, Estes não tem ainda chegado a conhecer, nem a enfermidade da natureza humana, nem a virtude desta Celestial medicina, nem a necessidade que della temos. Se o homem huma só vez enfermára no anno, huma só bastaria que usasse destes remedios; mas se toda a vida humana he huma perpetua têa de enfermidades; se tantas vezes nos fatiga o ardor, e fogo da cobiça, a inchação da soberba, as postêmas da inveja, a comichão, e lepra da luxuria, as chagas canceradas de nossos ódios, o fastio das cousas espirituáes, e a fóme canina das carnáes, como queremos acudir no fim do anno a males tão quotídianos com remedios tão tardíos? Muy fracas costumão ser as medicinas, quando cahem sobre chagas afistuladas; porque aindaque o Sacramento da confissão cure de todo os peccados, porem não tira de todo suas raizes, que são os máos habitos, em que estamos envelhecidos, e acostumados; os quáes são difficultosissimos de curar.

14. Que homem (álem disto) ha, que quando a casa arde, ou os inimigos batem o muro, espera pelo fim do anno, para se provêr de remedio? Pois se a carne arde com tantas chammas de desejos, quantos são os seus appetîtes desordenados; e se os demonios (que são nossos capitáes inimigos) batem continuamente os muros de nosso coração (contra os quáes não ha outro mais poderoso remedio que o dos Sacramentos) como esperamos para usar delle no fim do anno, sendo o perigo tão quotidiano? sem duvida que quem assim obra, não sabe estimar a dignidade de sua alma, nem entende a malicia, e perversidade de sua carne, nem conhece a virtude, e efficacia dos Sacramentos, nem o fim para que forão instituidos: pois he certo, que não

menos o foi o Sacramento da Confissão para curar as almas, e o da Communhão para as sustentar, que a medicina para curar os corpos enfermos, e o pão para sustental-os.

15. E se me dizes, que no fim do anno perdôa Deos tudo; que me respondes á tyrannia do máo costume, que fica arraigado em tua alma? que, das offensas de Deos, que podéras ter evitado? as quáes pesão mais, que a perda de mil mundos? que, dos outros peccados, que se seguirão desse peccado? pois (como diz S. Gregorio) *o peccado, que se não cura com a penitencia, logo pucha, e tira por outro com o seu proprio peso*? Pois quanto mais acertado conselho fôra, prevenir as chagas antes, que cural-as depois de feitas. Quanto melhor fôra á mulher casada não commetter o adulterio, que depois de commettido, perdoar-lhe seu marido.

16. E dado caso, que a Igreja nos não obrigue a commungar mais que huma só vez no anno, isto fez como piedosa Mãy, que não quiz dar occasião aos fracos de commungarem indignamente, ou de quebrantarem seu mandamento, deixando de todo de commungar, como fazem alguns; e por isto não quiz fazer mais ley, que desta só vez, por amor destes fracos, deixando por outra parte aberta a porta, e posta a mesa todo o anno para os devotos.

17. Outros ha, que entendem isto, e conhecem por experiencia a virtude destes Sacramentos; mas deixão de os receber a miúdo por medo do mundo. Estes parecem ser semelhantes áquelles Phariseus, de quem escreve S. João, que conhecêrão a Christo, mas que não se atrevêrão a confessal-o por medo do mundo; dos quáes diz, que amárão mais a gloria dos homens, que a de Deos. Dizei-me pois, se vós mesmos confessais,

que este Sacramento foi instituído, e encommendado por Christo, que outra cousa he ter vergonha de o receber, senão ter vergonha de parecer bom Christão, e Discipulo de Christo? Esse mesmo temor padecêo S. Pedro, quando negou a Christo, porque teve temor, e vergonha de parecer seu Discipulo; e por isso se diz que o negará. Pois agora já reina no Ceo, e he adorado do mundo; e com tudo se afrontão os homens de fazer cousas, com que pareção ser Discipulos seus. *Que honra he* (diz Salviano) *a que Christo tem entre os Christãos, quando o parecer hum homem muito seu, he caso de menos estimação*? Até onde pódem chegar mais os males do mundo, que a ter-se por deshonra a Religião, e a virtude, sendo só esta, a que merece ser honrada, e para a qual deputárão a honra todas as Leys divinas, e humanas?

18. Dir-me-has, que te retrahem deste Mysterio as vozes, e clamores do mundo. Pois como? Se tu confessas, que entre os tres inimigos, e perseguidores, que nossa alma tem, hum dos principáes he o mundo, o qual perseguio a Christo, perseguio os Apostolos, perseguio os Prophetas, e a todos os Santos, que caso deves tu fazer de quem isto obrou, e de quem assim está apregoado, e declarado por teu inimigo? Quem já mais teve por seguro o conselho de seu inimigo? e inimigo que sempre lhe faz mortal guerra?

19. Pois se este inimigo por huma parte te retrahe destes Mysterios, e por outra te chama Christo a elles, dizendo: *Vinde a mim vós todos, os que andais cançados, e opprimidos, e eu vos darei refeição, e alivio.* A qual destas vozes será mais justo acudir? Se chamando-nos Christo, e o mundo, acudimos ao mundo, e deixamos a Christo, como nos poderemos chamar seus servos? porque daquelle he servo o homem, cuja

vontade faz, e a quem deseja agradar. E assim diz o Apostolo: *Se eu desejasse agradar aos homens, não seria servo de Christo.* E se o mundo nos chamára para descanço, e Christo para trabalho, algum genero de escusa podéramos allegar: mas não he assim, senão do modo, que no-lo representa Santo Agostinho por estas palavras: *O mundo clama: Eu desfaleço: Christo diz: Eu esforço; e com tudo isso a miseravel de minha alma mais quer seguir ao que desfalece, que ao que nos esforça.*

20. Dize-me mais; Que te fazem estas vozes do mundo? que te dão? que te tirão? somos muitas vezes como as bestas espantadiças; pois tememos as sombras, e cousas aérias, e fantásticas. O artifice destes temores he o amor proprio, que quer ter sempre seguros os seus interêsses; e que não só recêa os perigos verdadeiros, mas ainda os imaginados.

21. Mas dado, que houvesse que temer e as perseguições dos homens fossem bastantes para tirar-nos sangue: porque não passariamos esse pouco de trabalho, por gozar de hum tão grande bem? Parece-te caro este bocado por tal prêço? Quando o Urso vai abraçado com a colmêa, não se lhe dá nada, que por todas as partes o piquem as abelhas, só por gozar do mel que leva. Pois levando tu comtigo huma colmêa cheya de tantos bens, qual he esta Hostia Consagrada, e hum favo de mel tão suave, qual é a consolação deste Divino manjar, porque não soffrerás estas ferretoadas das linguas maldizentes, só por gozar de hum tal bocado?

22. Outros ha ainda não menos culpados que estes; os quáes por preguiça de se prepararem para este Sacramento, deixão de o receber, e de receber nelle a Christo, que he todo nosso bem. Como pois te parece

tão pequeno este thesouro, que se te faz caro passar esse pouco de trabalho por amor delle? Rogo-te, que vejas em quão differente estimação o tinha o Bemaventurado Martyr Ignacio, o qual em huma epistola diz assim: *Fógos, cruzes, bestas, despedaçamento de membros, e todas as penas do mundo, e as que possão inventar os demonios, venhão dar todas sobre mim, com tanto que mereça eu gozar de Christo.* Pois se este Santo se offerecia a todos os tormentos dos demonios, por gozar de Christo (que he o mesmo, que se te dá neste Sacramento) porque te não porás tu a hum tão pequeno trahalho, como he confessar-te, e encommendar-te a Deos, para gozar deste mesmo thesouro? Que mayor loucura, que deixar-se o homem morrer de fóme, só por não estender a mão para tomar o manjar, que tem diante de si? *Esconde* (diz o Sabio) *o perguiçoso a mão no seyo, e parece-lhe grande trabalho chegal-a até á boca.* Pois que cousa póde ser mais reprehensivel, nem ainda mais abominavel que esta? Que escusa terá diante de Deos á hora da conta, o que assim desprezou o remedio, que se lhe offerecia tão de graça, e com tão pequeno trabalho.

23. Nem tão pouco se devem escusar as pessoas de baixo de côr de reverencia, dizendo, que por isso querem commungar de tarde em tarde, para o fazer com mayor reverencia. Para o que deves saber, que huma das maravilhas deste Sacramento, (entre outras muitas) he, que ainda que entre os homens a muita familiaridade seja causa de menos estimação, não porem succede assim neste Sacramento, quando dignamente se recebe: porque como nelle se confére graça, quanto mais a miúdo se communga, mais graça se recebe; e quanto esta mais cresce, mais cresce tambem o amor, o temor, a devoção, a reverencia, e todas as mais virtudes, que

della procedem; as quáes são os principáes apparelhos, que para este Sacramento se requerem. Do que tudo carece, o que menos vezes o recebe; e assim o virá a receber com menos devoção.

24. Isto mesmo se próva tambem pela differença, que S. Gregorio aponta entre o gôsto do deleites espirituáes (qual he o deste Celestial manjar) e o dos mundanos, e sensuáes; e he, que os gôstos, e deleites sensuáes, quando se não tem, causão desejo; mas depois de alcançados, gerão fastio; como se vê claramente em hum homem faminto, e em outro farto: mas pelo contrario, os espirituáes, quando se não tem, não se desejão, porque se não conhecem; mas depois de alcançados, e experimentados, quanto mais se possûem, tanto mais se desejão, e mais fóme causão, confórme o que a Divina Sabedoria protestou, dizendo: *Os que me comem, terão mais fóme, e os que me bebem, terão mais séde.* Pois se o desejo, e a fóme deste Celestial Pão he hum dos principáes apparelhos, que para elle se requer; e este desejo cresce com o gôsto, e experiencia delle, claro está, quanto mais a miûdo se receber, mais se desejará; e assim mais dignamente se receberá. Do que claramente se infere, que tanto mais dignamente commungará o homem, quanto mais a miûdo commungar. Mas os que dilatão isto para muito tempo, como por huma parte carecem deste soccôrro, e por outra se carregão de peccados por falta delle, daqui nasce, que quanto mais tardão em o receber, menos dignamente o recebem.

25. E se me allegas que és peccador, e fraco, e por isso indigno desta comida, a isto respondo, que não estando tu em peccado mortal, pela mesma razão que tu desvias, por essa te deverias chegar. Porque este Sacramento he perdão de peccados, mantimento

de fracos, medicina de enfermos, thesouro de pobres, e commum remedio de todos os necessitados e assim foi instituîdo por Christo, não só para que fosse manjar de vivos, e fortaleza de sãos, mas tambem para medicina de enfermos, e resurreição de mortos. Por isso dizem os Santos, que muitas vezes por virtude deste Sacramento se faz o que o recebe de *attrito contrito*, que he como se dissessemos, de morto vivo.

26. Lembra-te tambem, que Christo comia com publicanos, e peccadores; e que aos que murmuravão deste convîte, respondêo, dizendo: *Não tem necessidade de Medico os sãos, mas sim os enfermos: e não vim eu a chamar os justos, mas sim os peccadores.*

27. Bom he abster-se hum deste Sacramento por temor, e bom he tambem chegar-se a elle por amor; porque huma, e outra cousa he honrar a Deos. Porem (como resolve S. Thomaz) melhor he chegar-se com amor, que retirar se por temor; porque (absolutamente fallando) melhores são as obras de amor, que as de temor. Conforme ao que, lemos que David, quando vio morto a Oza pela irreverencia, que commettêo contra a Arca do Testamento, não se atrevêra a hospedel-a em sua casa, mas que a mandára depositar na de Obededom. Mas depois que soube que o Senhor prosperára a casa de seu hóspede com abundancia de bens, animado mais com este bom successo, que a témorizado com aquelle castigo, determinou leval-a sua casa; e não o enganou a sua esperança.

CAPITULO IX

QUAL SEJA A CAUSA DO POUCO GÔSTO, E DEVOÇÃO, QUE ALGUNS SENTEM, QUANDO CELEBRÃO, OU COMMUNGÃO.

1. Ácerca do que se tem dito, se poderão perguntar algumas cousas, ás quáes será necessario satisfazer. Entre as quáes a primeira he, qual seja a causa, porque muitas pessoas que celébrão, e commungão a miúdo, não sentem em suas almas aquelle gôsto, e consolação, que deverião sentir, comendo este Pão Celestial; e outras, que não só não sentem isto, mas nem ainda parece, que aproveitão na virtude com o uso deste Sacramento, mas que estão sempre quasi de hum mesmo modo.

2. Respondo pois ao primeiro, que humas vezes falta isto por culpa da pessoa; porque esta se não prepára para commungar como convêm; ou porque não vive como he razão; e por isso não he muito, que não sinta o que sentem os que vivem melhor, e vão mais bem preparados; e assim tem mais puro, e são o paladar de suas almas; e deste modo gostão mais das cousas de Deos.

3. Porem outras vezes falta este genero de consolação, não por culpa da pessoa, mas só por divina dispensação; porque assim convêm á mesma pessoa. Porque assim como muitas vezes os justos não achão na oração aquelle gôsto, e consolação, que outras vezes costumão achar, sem terem feito por onde o perdessem (porque com isto os purga Deos, os próva, os exercita, e os humilha) assim tambem lhes a ontece o mesmo na Sagrada Communhão sem culpa sua.

4. Outras vezes acontece isto, por não saberem os ho-

mens buscar a devoção com aquella discrição, que se deve buscar, como S. Boaventura declara por estas palavras: « Acontece (diz) ás pessoas espirituáes, que quanto » mais procurão a graça da devoção (que chamão sen- » sivel) menos a achão; e quanto mais préssa se dão » por ella, tanto mais se lhes alonga : como acontece » nas principáes féstas do anno (em que mais se pro- » cura a devoção) e singularmente, quando se preparão » para commungar. E muitos por esta causa se entri- » stecem grandemente, e com huma pusillanimidade » de coração julgão, que por ventura Deos não quer, » que estando assim, se cheguem a elle; ou que os » lança de si, como a indignos deste Sacramento : donde » vêm a succeder, que ás vezes por esta causa se apar- » tão da medicina, e remedio de sua saúde, que he este » Sacramento. Do que podem ser muitas as causas; » humas por culpa, e outras tambem sem culpa do » homem, mas por especial dispensação de Deos. Po- » rem quanto ao que respeita á presente materia, huma » das mais commuas he, buscar-se nos táes dias a » devoção com demasiada força, e vehemencia : por- » que com isto parece, que se tira á alma a sua liberdade, » e se affóga a virtude da natureza, quando o homem » trabalha demasiadamente por tirar como por força, » e esprimido o súco da devoção : e daqui vêm, que se » não a póde logo alcançar como deseja, se entristece, e » afflige por esta causa; e assim fica mais endurecido, » e inhabilitado para ella. Donde nasce, que com quanta » mais força, e affinco trabalha pela alcançar, menos a » alcança, e mais se sécca, segundo o que está escrito: *O que aperta muito os peitos, para espremer leite,* » *tirará sangue.* Vemos, que não sahe tão puro o çumo » de huma laranja, ou de outras cousas táes, quando » se apertão, e espremem com muita força, como

» quando as espremem moderadamente, para que dem o
» que suavamente podem dar. Pois isto mesmo acontece
» áquelles, que procurão a devoção : donde nasce, que
» quanto o coração está mais livre, tanto he mais doce,
« e mais copioso o affecto da devoção. E por esta causa
» acontece achar-se o homem em outros tempos mais
» devoto, do que nas féstas mais solemnes porque nes-
» tas parece, que affogamos mais o espirito com o cui-
» dado, e vehemencia deste desejo; mas nos outros
» tempos, assim como o desejo he mais moderado,
» assim o espirito procede neste exercicio com mais
» liberdade, e pureza; com o que está mais disposto para
» alcançar o que deseja.

5. A outra pergunta, que he, donde procede não vermos a alguns dos que celébrão, ou commungão a miúdo, tão aproveitados, não só na devoção, mas nem ainda nas outras virtudes; antes parece que perseverão sempre quasi em huma mesma tibieza, e negligencia. A isto responde hum Doutor, que (regularmente fallando) isto costuma acontecer por huma de duas causas. A primeira he, por culpa de sua má preparação, como tambem dissemos da falta de devoção; isto he, porque não se chegão a este Sacramento com aquelle fervor de Caridade, e fóme deste Pão Celestial, senão por hum certo genero de costume, ceremonia, comprimento, ou necessidade; e depois de o ter recebido, abrem logo a porta, e soltão a lingua, e o coração sem razão, nem freyo a todos os seus appetites. De sorte, que nem antes de o receber se preparão com tanta devoção, nem depois de o ter recebido se recolhem, e attendem por si com tanto cuidado. Por cuja causa não he muito, que assim como se chegão em jejum a esta mesa, assim tambem se apartem della, ou ao menos com muy pouco fructo, por haver sido tão fraco o seu apparelho.

O que se confirma pelo que ao principio deste Tratado estabelecemos, a saber, que todas as causas obrão confórme á disposicão, que achão em os sujeitos : e assim este Soberano Sacramento (que he fonte de todas as graças) obra tambem segundo a disposição, que acha nas almas; e assim obra menos nas que estão menos bem preparadas.

6. A outra causa he, por motivo de alguns defeitos, e paixões occultas, e mal mortificadas, que os homens tem em suas almas; as quáes os arrebatão, e levão apôs seus appetites; e assim lhes são grande estôrvo, e impedimento para o seu aproveitamento; como são o demasiado amor de si mesmos, da sua propria vontade, e regalo de seus corpos, e sentidos : as quáes cousas os fazem andar buscando aqui, e allî diversos gôstos, e contentamentos, com o que se derramão pelas creaturas, e vertem com isto a devoção, e ainda muitas vezes a perdem de todo; como vemos que o faz hum vaso de barro mal cozido, que não conserva fielmente o licôr, que se lhe infunde, antes o vérte por muitas partes, até que de todo o perde. E particularmente acontece isto áquelles, que se dão a práticas, rîsos, e vãas conversações, e se distrahem em sahîdas, e negocios escusados; porque todas estas cousas fazem muito má cama a este Espôso Celestial. Nobre cousa he, e muy delicada a amîzade de Deos, e não admitte competidores, mas elle só quer possuir o coração do homem.

† Livros Católicos para Download

CAPITULO X

SE HE BOM COMMUNGAR MUITO Á MIUDO.

1. Por quanto no Capitulo passado exhortámos á frequencia dos Sacramentos, e especialmente ao da Sagrada Communhão; perguntará por ventura algum, com quanta frequencia se deva receber este Sacramento? A reposta desta pergunta por huma parte he muy facil, mas por outra muy difficil. Porque se olhamos só para a virtude, e efficacia do Sacramento, como nelle está Christo, que he a fonte de todas as graças, e por meyo delle se nos applica a virtude de sua Paixão, que he de infinito valor, claro está, que se o podessemos receber infinitas vezes, tantas o deviamos receber; pois tanta mayor graça, e mayores mercês receberiamos por seu meyo. Mas por outra parte considerando a disposição e apparelho, que este Sacramento pede (confórme ao qual communica a sua virtude, como acima se declarou; mayormente não sendo este Sacramento de mortos, mas de vivos, pois o comer presuppõem vida) segundo esta consideração pois, digo, que não he bom commungar muito a miûdo, senão confórme o apparelho, e disposição, que cada hum tiver; para o que convêm ter attenção a muitas cousas.

2. Porque primeiramente, para isto se deve ter respeito ao estado de cada hum : porque as pessoas, que estão dedicadas a Deos (como são os Sacerdotes, Religiosos, e Religiosas) tem mais apparelho (quanto he da parte do estado) para chegarem a este Sacramento, como pessoas mais desembaraçadas dos tratos, e negocios do mundo. Digo, quanto he da parte do estado, sem embargo de que muitas vezes suppre N. Senhor a

falta do estado com abundancia de graça; a qual dá elle a quem quer, e como quer, e em qualquer estado que esteja; como o vemos em David, Abrahão, Job e outros Santos Reys, e Patriarchas, que tiverão grande perfeição, ainda que o estado não os ajudava tanto a isso; porem ajudava-os a Divina graça, a qual póde mais, que todos os soccôrros dos estados, por muy perfeitos que sejão.

3. Tambem se deve ter respeito, a que primeiramente cumpra cada hum com as obrigações, e encargos de seu estado, para que de tal sorte se dê aos exercicios espirituáes, que não deixe de cumprir com elles. Porque a mulher que tem marido, e filhos, que servir, e filhas que guardar, e casa que governar, de tal sorte se ha de dar aos exercicios de devoção, que não deixe os de obrigação; pois aquelles são voluntarios, e estes necessarios; aquelles de conselho, e estes de preceito. E hum dos principáes fundamentos da boa vida ha de ser, nunca deixar as obras de obrigação pelas de devoção; pois (como disse aquelle Santo Propheta) mais vale a obediencia, que o sacrificio: e *Obediencia*, chama aqui a tudo, o que he de obrigação; e *Sacrificio*, ao que he voluntario, e de devoção. Contra o que estão ordinariamente inclinados os homens; porque commummente tem mais gôsto nas cousas, que fazem por sua propria vontade, que nas que fazem pela alhêa. E o que digo da obrigação das mulheres para com seus filhos, e maridos, isso mesmo digo da dos filhos, e filhas para com seus pays, principalmente quando são pobres, velhos, ou enfermos; porque servir a estes em seus trabalhos, pertence ao primeiro Mandamento da segunda taboa, que he a primeira obrigação, que temos aos homens depois de Deos. A qual nos he ainda encommendada pelo exemplo tão antigo, e tão celebrado das cegonhas,

que com grande piedade, e cuidado servem na ultima idade aos pays, que as creárão. Veja pois o homem, que de tal sorte se dê ao uso dos Sacramentos, que não deixe de cumprir com estas tão importantes obrigações; porque de outro modo não aceitará Deos a sua devoção.

4. De mais disto, deve tambem o homem attender ao costume, em que se põem, ácerca de commungar a miúdo; o qual deve ser tal, que possa perseverar nelle, e tenha para isso commodidade. Porque assim como as arvores de regadio, quando lhes falta o costumado rêgo, padecem notavel damno, por lhes faltar este tão grande, e tão usado beneficio; e ainda ás vezes vêm por isto a secar-se; assim as almas costumadas a este celestial pasto, costumão padecer notavel detrimento, quando lhes falta este beneficio, por ser tão grande o beneficio; e tanto, que alguns vêm por isso a affrôxar na vida espiritual, e ainda ás vezes a desistir do proposito começado. Porque geral cousa he, que os corpos fracos costumados a huma medicina proveitosa, se achem muito mal, quando a deixão; e o mesmo acontece ás almas fracas, quando deixão de frequentar esta tão saudável medicina por sua culpa. Por tanto, deve a pessoa neste caso attender tambem á commodidade, e opportunidade, que tem para a frequencia deste Sacramento, para que se ponha em hum theôr de vida, que possa sempre continuar nelle; e assim não venha a faltar de todo, quando lhe falte este beneficio.

5. He tambem razão se attenda, a que com mais liberdade, e menos nota podem sahir de casa os homens, que as mulheres, e discorrer por onde quizerem a buscar os Sacramentos, e os seus Ministros; e entre as mulheres, as de mais idade, e mais anciaãs, que as de menos: porque sempre foi na idade tenra, e suspeitosa

muy louvado, e recommendado por todos os Santos o encerramento, e clausura. Por onde ainda na Ley velha, mandando Deos, que todos os Varões se apresentassem no Templo tres vezes no anno, nunca obrigou a isto ás mulheres, nem ainda huma vez na vida : porque sabia muito bem o perigo destas jornadas; o qual experimentou Dina filha de Jacob; pois com huma que fez, se arruinou a si, e a toda a terra, em que vivia. Pelo que, não sem causa louva Santo Ambrosio á Sacratissima Virgem N. Senhora, que estando tão de espaço em sua casa, caminhava com grande préssa fóra della, quando hia visitar a Santa Isabel sua parenta.

6. Não digo isto, para que ponha perpetua clausura ás donzellas; mas para que se habitûem, quanto possão, a tratar com Deos de suas portas a dentro, e a buscal-o dentro dos cantos de sua casa, e sahir fóra della o menos, que lhes seja possivel ; excepto nos dias, que manda a Igreja ; ou quando o pede o uso deste Sacramento, recebendo-o com esta moderação. Digo esto, geralmente fallando; porque pessoas ha de pouca idade, nas quáes concorrem táes circunstancias, que fazem cessar todos estes inconvenientes; e assim devem sahir desta regra geral.

7. Consideradas pois todas estas cousas, deve cada hum vêr, como lhe vay com a frequencia deste Sacramento. Porque se com esta se sente mais devoto, mais recolhido, mais circunspecto em suas palavras, mais diligente nas boas obras, mais solicito na guarda de si mesmo, mais senhor da ira, e dos outros appetîtes, e paixões desordenadas (ainda que isto não seja com grande ventágem, e eminencia) he argumento, de que aproveita com este Sacramento; e assim deve tanto mais frequental-o, quanto mais isto sentir. De sorte, que se quanto mais o frequenta, se acha melhor, deve neste

caso humildemente continuar o que sente, que lhe aproveita. Mas se nada disto reconhece em si, he indicio do pouco fructo, que tira do Sacramento, e da fraca preparação, com que se chega a elle : e assim parece que, ou deve accrescentar o apparelho, ou diminuir a frequencia do Sacramento.

8. He bem verdade, que algumas vezes obra este Sacramento tão secretamente, que apénas o póde o homem perceber : porque a graça obra commummente como a natureza, pouco a pouco ; como se vê em huma planta, que não se vendo quando cresce, vemos depois que tem crescido. Pelo que, não se deve o homem neste caso fiar de si, mas pôr a sua causa nas mãos do prudente, e virtuoso Confessor, para que elle a determine.

9. Mas aqui he muito de notar, que não só se conta por aproveitamento o passar a diante, mas tambem o não tornar atráz ; ainda que (como diz S. Bernardo) no caminho de Deos o não ir a diante, seja retroceder. Porem com tudo isto, mais claramente vê o homem, quando torna atráz, que quando passa a diante : assim como mais claramente se perceberia huma pedra, que vêm rodando com impeto por huma ladeira abaixo, que a que sóbe cósta a cima : porque (commummente fallando) o crescer he difficil, e o mingoar facil ; assim como se costuma dizer, que he mais facil o derribar, que o edificar ; e assim se deixa vêr mais claramente. Pelo que digo, que ainda que por huma parte pareça ao homem, que não passa a diante com a frequencia deste Sacramento, se por outra vê, que, deixando de o frequentar, retrocede cahindo em muitos defeitos, e se acha mais fraco para resistir ás tentações, mais tibio para a oração, mais tardo para a obediencia, mais preguiçoso para as obras de misericordia, mais facil

para os risos, e palavras ociosas, mais prompto para a ira, mais impaciente nos trabalhos, e finalmente mais descuidado na guarda de si mesmo; quando em todas estas cousas, ou em algumas dellas se acha mais falto, apartando-se do Sacramento, e não tanto, quando o frequenta, he argumento, de que toda via aproveita com o seu uso; porque parte lhe de proveito o incorrer em menos damno; e não lhe menos necessaria a medicina, que nos preserva de enfermidades, que a que nos augmenta a saúde. O que he cousa de grande consolação para todas aquellas pessoas, que não vêm tão palpavel em si o fructo deste Sacramento.

10. E dado caso, que se veja muitas vezes incorrer em alguns peccados veniáes, nem por isso se deve hum apartar deste Sacramento, precedendo o arrependimento delles; porque (como diz Santo Hilario) se os peccados não são mortáes, não deve o homem apartar-se da medicina do Corpo do Senhor; mas antes esta razão nos obriga mais a chegar-nos a elle; pois hum dos effeitos, e virtudes deste Sacramento he o remedio deste genero de peccados, sem os quáes não se passa esta vida.

11. Pois confórme estes presuppostos, poderá facilmente cada hum determinar as vezes que deve chegar-se a este Celestial banquete: porque a huns bastará, que communguem nas principáes féstas do anno; a outros cada mez; a outros cada quinze dias; e a outros tambem cada semana, como aconselha Santo Agostinho: com o que se deverião contentar todas as pessoas, por virtuosas que fossem, senão concorressem algumas particulares causas, ou circunstancias, pelas quáes se houvesse de fazer isto mais vezes: porque assim como não ha regra sem excepção, assim não póde estabelecer-se cousa

perpetua, que não admitta sua limitação. E deste parecer he S. Boaventura em hum Tratado, que escrevêo da *Perfeição* a huma sua irmãa; no qual em substancia diz quasi tudo, o que aqui temos dito, por estas palavras.

12. *Se algum deseja saber, qual seja melhor, se commungar muitas, ou poucas vezes, parece-me, que não se póde assignar nisto regra geral para todos; porque como sejão diversos os merecimentos dos homens, e diversos os seus propositos, e exercicios, e tambem diversas as obras do Espirito Santo, e do mesmo modo os estados de cada hum, não se póde cortar hum vestido, que possa vir bem a todos. E por isso assim como aos enfermos não se dá sempre huma mesma medicina, nem em huma mesma quantidade, mas segundo a qualidade das pessoas, das enfermidades, compleições, tempos, e lugares se applica, e méde a quantidade da medicina; assim tambem convêm fazer-se na medicina espiritual deste Santissimo Sacramento. Porque os que andão involtos em cuidados, e negocios do mundo, menos vezes se podem desembaraçar para o receber, do que aquelles, que livres de todos estes negocios, tem dedicada a sua vida aos exercicios espirituães. Entre estes ha huns mais cuidadosos na guarda de si mesmos, e na pureza da consciencia, do que outros. Alguns ha tambem, que se sentem grandemente inflammados do ardor, e desejo deste Mysterio. Outros pelos contrario, padecem grandes medos, e temores, quando hão de commungar; e se não os apertasse a consciencia, ou o costume da Religião, ou o temor de alongar-se mais de Deos, deixando de commungar, poucas vezes o farião. Porem a mim me parece, que poucas vezes se acharão pessoas (excepto os Sacerdotes, cujo officio he celebrar) ás quáes não baste commungar huma vez na semana, se não houvesse alguma especial causa, ou razão para isto, como seria*

alguma enfermidade, que sobreviesse, ou alguma principal solemnidade, ou algum novo, e desacostumado desejo de receber aquelle, que só póde temperar, e refrigerar o ardor da alma que o ama. E porque o impeto de tal ardor piamente se póde conjecturar ser do Espirito Santo (quando com elle concorrão as outras cousas) parece, que se não deve resistir a tal desejo; o qual se tem visto por experiencia em algumas pessoas, cuja vida era Christo, de tal sorte, que se não gozavão muitas vezes da refeição deste Pão de vida, parecia que desfalecia nellas a mesma vida corporal, como claramente o davão a entender os manifestos indicios de sua fraqueza. E por isso he cousa muy saûdavel, que o homem se prepáre muitas vezes para receber a medicina deste Sacramento com a mayor devoção, que lhe for possivel; e depois de o ter recebido, attenda por si com todo o cuidado. Isto com especialidade pertence aos Religiosos, que estão dedicados a Deos, para que assim alcancem a innocencia, e pureza, que por este Sacramento se consegue. E ainda que algumas vezes o homem não se ache tão devoto, com tudo (confiando na misericordia de Deos) deve chegar-se humildemente a este Pão de vida. E se lhe parecer, que não he merecedor disto, deve ter para si, que quanto mais fraco, e enfermo se achar, tanto mais lhe convêm buscar o remedio de sua saûde; pois (como o mesmo Senhor disse) não tem os sãos necessidade de medico, senão os enfermos. Nem deves imaginar, que te chegas a Christo para o santificar com tua santidade, mas sim para que elle te santifique a ti com a sua. Nem tão pouco se deve o homem acobardar, quando não sente em si aquella especial graça de devoção que quizera (quando elle faz o que está da sua parte); ou quando na mesma Communhão, ou depois della não se acha tão devoto; porque muitas vezes costuma isto acontecer por

especial dispensação de Deos, pelas causas que elle costuma a tempos privar aos seus desta consolação. Tudo isto he de S. Boaventura; cujo testemunho deve ser de muita authoridade para com todos, por ser este glorioso Doutor tão abalisado, assim em letras, como em santidade, e espirito (que o teve muy alto); e assim escrevêo, e soube muito neste materia.

13. Pois assim por isto, como por tudo o mais, que atéqui se tem dito, se entenderá a pouca razão que tem, os que com demasiado zelo, debaixo de côr de reverencia, condemnão, e ainda muitas vezes prégão contra as pessoas, que frequentão os Sacramentos. Porque dado caso, que nisto houvesse algum excesso, ha no mundo outros tantos males mayores que reprehender, que não deverião gastar sobre isto só tantas razões. Tanto mais que, visto bem esse negocio, muito mayor he o mal, que padece o mundo, por andar tão apartado do uso dos Sacramentos, que por chegar-se a elles com demasiada frequencia. Para cuja intelligencia he muito de notar, que como (segundo diz S. Thomás) todas as virtudes moráes consistem no meyo, necessariamente hão de ter dous vicios contrarios, hum por excesso, e outro por defeito, ainda que estes nem sempre tem nomes conhecidos. Pois assim do mesmo modo dizemos, que no uso dos Santos Sacramentos, e geralmente em todos os exercicios espirituáes, póde haver excesso, e póde haver defeito. Pois sendo isto assim, se pômos os ólhos no mayor destes dous extremos, acharemos, que muito mayor mal padece o mundo, por se apartar tanto dos Sacramentos, que por chegar-se a elles com frequencia. Porque o erro nesta parte (posto que o seja) quem não vê, quanto mayor erro he, andarem os homens apartados dos Sacramentos, nos quáes pôz Deos a medicina de nossas chagas, e o remedio de nossas

almas? Que he o que faz, que os homens andem tão perdidos, tão rotos, e estragados das consciencias, senão o viverem tão afastados deste Pão de vida? Observa a differença, que ha deste século, em que vivemos (quando os homens commungão de anno a anno) áquelle, em que commungavão cada dia; e por aqui verás tambem a differença, que vay de commungar a miûdo, ou de anno em anno. Pois o que tem zelo de Deos, e de sua Igreja, sobre isto clame, e isto chore; o vêr andar os homens tão afastados de Deos, e de todos os espirituáes exercicios; pois esta he a principal causa, e fonte de todos os nossos males.

14. Por esta causa pois, assim como os que tem a seu cargo o cuidado, e governo da Républica, dado caso, que entendão muito bem, que assim a demasiada abundancia, como a falta de vîveres, e cousas temporáes, póde ser danosa a Républica; porem todo o seu cuidado emprégão, em que não haja falta, e nunca lhes peza com a abundancia; porque muito mayor damno póde resultar da parte daquella, que da desta: assim tambem os que tem a seu cargo o cuidado, e governo da Igreja, muito mais devem acudir a remediar a falta destes espirituáes vîveres, que impedir a abundancia delles; pois he sem comparação mayor o mal, que resulta da falta, que o da abundancia. Tanto mais, que disto ninguem póde ser bom juiz, pelo que vê por fóra, se não observa, o que passa por dentro; e muy temerario he o homem, que sem ter visto o processo, da sentença sobre a causa.

Isto basta desta materia ao presente; agora poremos aqui algumas devotas orações, e meditações, nas quáes se poderá occupar o devoto Christão antes, e depois da Sagrada Communhão.

CAPITULO XI

PÕEM-SE ALGUMAS ORAÇÕES, E MEDITAÇÕES PARA ANTES DA SAGRADA COMMUNHÃO.

Oração do Angelico Doutor Santo Thomás para antes da Sagrada Communhão.

1. Omnipotente Deos, e Senhor meu, corre o meu coração a buscar, e vôa a receber com summa ancia, e reverencia o Sacramento de vosso Filho, e Senhor meu. Vou, Deos meu, como o veádo á fonte das aguas, o cégo a buscar a luz, o pobre o soccôrro, o necessitado de tudo, ao todo rico, todo poderoso, todo liberal, e todo misericordioso. Supplico-vos pois, Deos meu, esta liberalidade, e largueza sobre toda a largueza, e liberalidade, que cureis minhas enfermidades, sareis minhas feridas, laveis minhas manchas, allumieis minhas trévas, soccorrais minhas necessidades, vistais minha desnudez, governeis minhas potencias, sentidos, e faculdades.

2. Concedei-me, Senhor, que dignamente receba este Pão dos Anjos, Rey dos Reys, Senhor dos Senhores, Creador de todo o Creado, gôzo, consolação, e remedio de todas as creaturas. Receba-vos eu, Senhor, com tanta reverencia, e humildade, com tão grande contrição, com tão pura intenção, com tão terna devoção, com tão constante fé, com tão certa esperança, com tão ardente caridade, com tão profunda humildade, que minha alma seja sãa, e salva. Supplico-vos, Senhor, me concedais que não só receba o Sacramento, mas tambem o mérito, graça, e virtude do Sacramento.

3. Oh misericordioso Deos! concedei-me o Corpo, Alma, Divindade, e Humanidade de vosso Filho JESU Christo, Senhor meu: Dai-me nelle, com elle, e por elle os thesouros da graça, e os penhôres da gloria. Concedei-me aquelle mesmo, que nascêo, e sahio do thálamo virginal de sua Mãy Beatissima, MARIA. Concedei-me, que eternamente me una com elle, me apérte, me enláce, me incorpôre, e seja contado entre os seus espirituáes membros em a Gloria. Concedei-me com vosso Filho preciosissimo o santo dom da perseverança em o bem, e huma efficaz graça para apartar-me, e resistir a todo o mal. Concedei-me, que a esse mesmo JESUS, Senhor, e bem de minha alma, que agora hei de receber Sacramentado, veja na Gloria manifesto, louvado, e adorado de todas as creaturas, por todos os séculos dos séculos. Amen.

§ I

MEDITAÇÃO DEVOTA PARA ANTES DA SAGRADA COMMUNHÃO DESPERTAR NA ALMA O TEMOR, E AMOR DESTE SANTISSIMO SACRAMENTO.

1. Quem sois vós, Deos meu, e quem sou eu, para que me atreva a chegar a vós? Que cousa he o homem, para que possa receber em si a Deos seu Creador? Que he de si o homem, senão hum vaso de corrupção, filho do demonio, herdeiro do inferno, obrador de peccados, desprezador de Deos, e huma creatura inhabil para todo o bem, e poderosa para todo o mal? Que he o homem, senão hum animal em tudo miseravel, cégo em seus conselhos, vão em suas obras; immundo em seus appetites, desvariado em seus dese-

jos, e finalmente pequeno em todas as cousas, e só na sua estimação grande?

2. Pois como huma tão vil, e immunda creatura se atreverá a chegar a hum Deos de tão grande Magestade? As estrellas não estão limpas diante de vosso acatamento; as columnas do Ceo tremem diante de vós; os mais altos Seraphins encólhem suas azas, e se tem por huns vis bichinhos na vossa presença; pois como se atreverá receber-vos dentro de si huma tão vil, e baixa creatura? O Santo Baptista, santificado desde as entranhas de sua Mãy, não se atreve a tocar vossa cabeça, nem se acha digno de desatar a correya de vosso çapato. O Principe dos Apostolos clama, dizendo: *Apartai-vos de mim, Senhor, que sou homem peccador;* e me atreverei eu, tão carregado de peccados, chegar-me a vós? Se aquelles pães, que estavão sobre a mesa do Templo diante de Deos (que não erão mais que huma sombra deste Mysterio) não os podia comer, senão o que estivesse limpo, e santificado; como me atreverei eu a comer do Pão dos Anjos, estando tão pobre de santidade?

3. Áquelle Cordeiro Paschal (que não era mais que figura deste Sacramento) mandava Deos, que se comesse com pão asmo, alfáces amargosas, calçados os çapatos, e cingidos os rins; pois como me atreverei eu chegar ao verdadeiro Cordeiro Paschal, sem ter cousa alguma deste apparelho? Aonde está a pureza do pão asmo sem fermento de malicia? aonde as alfáces amargosas da verdadeira contrição? aonde a pureza dos rins, e a limpeza dos pés, que são os bons desejos? Temo, e muito temo, Senhor, não ser recebido nesta meza, se me falta este apparelho. Desta foi expulso aquelle, que se achou sem vestido de bodas (que he a Caridade) e atado de pés, e mãos foi mandado lançar nas trévas

exteriores. Pois que outra cousa espero eu, se desta mesma sorte me acharem neste convite? Oh ólhos Divinos, a quem estão patentes, e manifestos todos os cantos de nossas almas! que será da minha, se diante delles apparecer sem esta vestidura nupcial?

4. Se só o tocar a Arca do Testamento (que não era mais que figura deste Mysterio) quando queria cahir, foi cousa tão grave, que o Levíta que a tocou, foi logo allí castigado com morte arrebatada; como não temerei eu o mesmo castigo, se receber indignamente áquelle mesmo, que pela Arca era figurado? Não fizerão os Bethsamitas mais que olhar curiosamente para esta mesma Arca, quando passava pelas suas terras; e só por este atrevimento diz a Escriptura, que matára Deos cincoenta mil homens do pôvo. Pois, oh misericordioso, e terrivel Deos! quanto mayor cousa he o vosso Sacramento, que aquella Arca? E quanto mayor o receber-vos, que vêr-vos? Pois como não tremerei eu, quando chegar a receber a hum Deos de tão grande Magestade, e justiça?

5. E se tanta razão tenho para temer, considerando a vossa grandeza, quanto mais o devo fazer, considerando os meus peccados, e a minha malicia? Lembro-me, Senhor, de muitas, e muy graves culpas, que contra vós tenho commettido. Tempo houve (e queira a vossa Divina misericordia não o seja ainda agora) em que a cousa mais esquecida, e de meu coração menos amada, ereis vós, Formosura infinita; e quando tinha eu em mais o pó das creaturas, que o thesouro de vossa graça, e a esperança de vossa gloria. A ley da minha vida erão os meus desejos: havia dado obediencia a meus appetites; e não tinha mais conta comvosco, que se nunca vos conhecêra.

6. Eu sou aquelle nescio, que disse em seu coração:

Não ha Deos; porque de tal sorte vivi hum tempo, como se crêra, que o não havia. Nunca por vosso amor trabalhei, nunca por vossa justiça temi, nunca por vossas leys me apartei do mal; nunca por vossos beneficios vos dei as graças que devia; nunca por saber que estaveis presente em todo o lugar, deixei de pecar na vossa presença. A meus ólhos concedi tudo quanto desejárão e não fui á mão a meu coração, para estorval-o em alguns de seus prazêres. Que genero de maldades ha, por onde não haja passado a minha malicia? Que outra cousa tem sido a minha vida, senão huma perpetua contradição, e guerra contra vós, e huma renovação de todos os martyrios, que padecestes por meu amor? Quantas vezes pela golosîna de hum prazer, ou por hum pouco de interêsse, como outro Judas, vos vendi? Pois que será chegar eu agora a receber-vos, senão dar-vos ósculo de paz, com o mesmo Judas, depois de vos ter vendido? Que fiz as outras vezes que communguei, e acabando de commungar, vos offendi, senão escarnecer-vos com os Soldados, que por huma parte, póstos os joelhos em terra, vos adorávão, e por outra com a cana vos ferião?

7. Pois, oh Salvador, e Juiz meu! Como me atreverei eu a receber vos em huma tão immunda, e vil morada? Como depositarei vosso Sagrado Corpo em a cama de dragões, e em o ninho de Serpentes? Que cousa he a alma cheya de peccados, senão huma casa de demonios, hum estábulo de bestas, hum lamaçal de animáes immundos, e hum muladar de todas as immundicias? Pois como estareis vós, pureza virginal, e fonte de formosura, em lugar tão abominavel? Que tem que vêr a luz com as trévas, e a companhia de Deos com a de Belial? Oh flor do campo, e açucêna dos valles! Como quereis vós agora fazer-vos manjar de

brutos? Como se ha de dar esse Divino manjar aos cães, e essa tão preciosa pérola aos porcos? Oh amador das almas puras, que vos apascentais entre acuçênas, em quanto dura o dia, e se inclinão as sombras! Que pasto vos poderei eu dar neste coração, aonde não nascem estas flores, senão cardos, e espinhos? Vosso leito he de madeira do Libano, com columnas de prata, reclinatorio de ouro, e a subida de purpura. Não ha nesta casa cousa alguma destas : pois que assento vos darei eu, quando nella entrares?

8. Vosso Sagrado corpo foi involto em hum lançol limpo, e sepultado em hum sepulchro novo, no qual ninguem havia sido sepultado; pois que parte ha em minha alma, que seja limpa, e nova, em que vos possa sepultar? Que tem sido a minha boca, senão huma sepultura aberta, por onde exhalava o máo cheiro, e corrupção de meus peccados? Que, o meu coração, senão huma fonte de máos desejos? Que, a minha vontade, senão cama, e casa de inimigo? Pois como me atreverei eu a chegar com estes lábios immundos, e com este apparelho a receber-vos, e a dar-vos paz? Confundo-me, Redemptor meu, de vêr-me tal. Eu me envergonho de vêr qual vou ao leito, e braços do Espôso de Ceo, que de novo me quer receber. Atéqui tem chegado a vossa piedade, que vos não affronteis, ó Rey da gloria, de receber em vossa casa, e tomar por esposa á desonhestada por hum tão vilissimo adultero. Vós me dizeis : *Adulterâste com quantos amantes quizeste; mas com tudo isso volta-te a mim, que eu te receberei.*

§ II

SEGUNDA PARTE DESTA MEDITAÇÃO, EM QUE SE PÕEM ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA DESPERTAR O AMOR A ESTE DIVINO SACRAMENTO.

9. Conheço, Senhor Deos meu, a minha indignidade, e conheço a vossa grande misericordia. Esta he, a que me dá ousadia, para chegar-me a vós tal qual estou : porque quanto mais indigno eu fór, tanto mais glorificado ficareis vós em não desdenhar, nem ter ásco de tão immunda creatura. Não lançais de vós, Senhor, os peccadores; antes os chamais, e attrahis a vós. Vós sois o que dissestes : *Vinde a mim todos, os que andais cançados, e opprimidos, e eu vos darei refrigerio.* Vós dissestes : *Não tem necessidade de Medico os sãos, mas sim os enfermos;* e : *Não vim a buscar os justos, mas os peccadores.* De vós publicamente se dizia, que recebieis os peccadores, e que comieis com elles, não tendes, Senhor, mudado a condição, que então tinheis ; e por isso creyo, que agora tambem chamais desde o Ceo aos que então chamaveis em a terra. Pois eu movido deste precioso chamamento, venho, a vós carregado de peccados, para que me allevieis, e afflicto com minhas proprias miserias, e tentações, para que me deis refrigerio. Venho como enfermo ao Medico, para que me sareis, e como peccador ao Justo, e á Fonte de justiça, para que me justifiqueis.

10. Dizem que recebeis os peccadores, e comeis com elles, e que o vosso manjar he tratar com os táes ; se tanto vos deleita este convite, eisaqui hum peccador, com quem podeis comer desse manjar. Bem creyo eu, Senhor, que vos deleitárão mais as lagrimas daquella

publica peccadora, que o soberbo convite do Phariseu? pois não desprezastes suas lagrimas, nem a lançastes de vós por peccadora; mas antes a recebestes, absolvestes, e defendestes; e por humas poucas de lagrimas lhe perdoastes muitos peccados.

11. Aqui se vos offerece, Senhor, outra nova occasião de mayor gloria, isto he hum peccador com mais peccados, e menos lagrimas. Não foi aquella a ultima, nem a primeira de vossas misericordias; outras muitas táes tendes usado, e outras muitas vos ficão por usar. Entre agora esta no numero dellas, e perdoai a quem mais vos tem offendido, e chóra menos porque vos offendêo. Na verdade, que não tem tantas lagrimas quantas bastem para lavar vossos pés; mas vós tendes derramado tanto Sangue, quanto basta para lavar todos os peccados do mundo. Não vós indigneis, Deos meu, porque estando eu tal, qual me vedes, me atrevo a chegar a vós. Lembrai-vos, que vos não indignastes, quando aquella pobre mulher, que padecia fluxo de sangue, se chegou para receber o remedio de sua enfermidade, tocando a órla de vosso vestido, antes a consolastes, e alentastes, dizendo: *Confia, filha, que a tua fé te fez salva.* Pois como eu padeça outro fluxo de sangue mais perigoso, e mais incuravel que este, que posso fazer, senão chegarme a vós, para receber o beneficio de minha saúde? Não tendes, Deos meu, mudado a condição, nem o officio, que tinheis em a terra, ainda que tenhais subido ao Ceo; porque se assim fôra, de outro Evangelho tiveramos necessidade, que nos declarára a condição, que lá tendes, se fôra differente da que cá tivestes.

12. Leyo pois em vossos Evangelhos, que todos os enfermos, e miseráveis chegavão a tocar-vos, porque de vós sahia virtude, que saráva a todos. Chegavão-se

os leprosos, e vós estendieis a vossa bendita mão, e os alimpáveis; vinhão os cégos, os surdos, os paraliticos, e os mesmos endemoninhados; finalmente a vós acudião todos os monstros do mundo, e a nenhum delles vos negastes. Em vós só está a saûde, em vós a vida, e em vós o remedio de todos os males. Tão piedoso sois para querer dar saûde, como poderoso para dal-a. A quem pois recorreremos os necessitados, senão a vós.

13. Conheço verdadeiramente, Senhor, que este Divino Sacramento, não só he manjar de sãos, mas tambem medicina de enfermos; não só he fortaleza de vivos, mas resurreição de mortos; não só enamóra, e consóla os justos, mas sara, e purifica os peccadores. Chegue cada hum como podér, e tóme dahi a parte, que lhe pertence. Cheguem os justos a comer, e deleitar-se nesta mesa, e sôe voz de confissão, e louvor neste banquete; que eu chegarei como peccador, e enfermo a receber este caliz de minha saûde. Por nenhuma via posso passar sem este Mysterio; e de nenhum modo me posso delle escusar.

14. Se estiver enfermo, aqui me curarão; e se são, aqui me conservarão; se vîvo, aqui me confortarão; e se morto, aqui me resuscitarão; se arder no amor Divino, aqui me abrasarão; e se estiver tibio, aqui me affervorarão. Não desmayarei por vêr-me cégo, porque o Senhor allumîa os cegos; não por vêr-me cahido, porque o Senhor levanta os cahidos. Não fugirei deste Senhor (como fez Adão, por se vêr nû); porque elle he poderoso para cobrir minha desnudez; não por vêr-me immundo, e cheyo de peccados, porque he fonte de misericordia; não por vêr-me com tanta pobreza, porque he Senhor de todo o creado. Não julgo fazer-lhe nisto injuria; antes lhe dou occasião (quanto eu mais mise-

ravel for) para que mais resplandeça a sua misericordia em remediar-me. As trévas do cégo de seu nascimento servirão, para que resplandecesse mais nelle a gloria de Deos; e a baixeza de minha condição servirá, para que se veja quão bom he aquelle, que sendo tão alto, não se desdenha de cousas tão baixas. Especialmente, não se tendo aqui respeito a mim, senão aos merecimentos de meu Senhor JESU Christo; pelos quáes o Padre Eterno tem por bem tomar-me por filho, e tratar-me como a tal.

15. Pois por isto vos supplico, Clementissimo Deos, Pay de N. Senhor JESU Christo, que assim como o Santo Rey David assentava á sua mesa a hum homem tolhido, e aleijado, porque era filho daquelle grande, e muy estimado amigo seu Jonathas (querendo nisto honrar ao filho, não por si, mas pelos merecimentos de seu Pay); assim vós, Eterno Padre, tende por bem assentar este pobre, e disforme peccador á vossa Sagrada mesa. não por si, mas pelos merecimentos daquelle tão grande amigo vosso, JESU Christo, nosso segundo Adão, e verdadeiro Pay. O qual comvosco vive, e reyna em os séculos dos séculos. Amen.

CAPITULO XII

PÕEM-SE ALGUMAS DEVOTAS ORAÇÕES, E MEDITAÇÕES, NAS QUÁES SE PODERÁ OCCUPAR O CHRISTÃO DEPOIS DA SAGRADA COMMUNHÃO.

Oração do Angelico Doutor Santo Thomás para dar graças depois da Sagrada Communhão.

Graças vos dou, Senhor Deos, Pay todo poderoso, por todos os beneficios, que de vos tenho recebido; e par-

ticularmente, porque quizestes admittir-me á participação do Santissimo Corpo de vosso Filho Unigenito. Supplico-vos, Pay Clementissimo, que esta Sagrada Communhão não seja para mim obrigação, nem occasião de castigo, mas sim saudavel intercessão para o perdão. Seja-me armadura de fé, escudo de boa vontade, morte de todos os meus vicios, desterro de todos os meus carnáes appetites, e augmento de caridade, de paciencia, de verdadeira humildade, e de todas as virtudes. Seja perfeito socêgo de meu espirito, firme defensa contra todos os meus inimigos visiveis, e invisiveis, e perpetua união comvosco só, meu verdadeiro Deos, e Senhor; e tende por bem levar-me áquelle banquete ineffavel, em o qual vós sois luz verdadeira, fartura perfeita, e gôzo eterno, por todos os séculos dos séculos. Amen.

§ UNICO

MEDITAÇÃO PARA DEPOIS DE HAVER COMMUNGADO.

1. Oh Deos meu, e misericordia minha! que graças vos poderei eu dar? pois vós, Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores, vos dignastes visitar hoje a minha alma, e entrar na minha pobre casa, e fazer-vos huma cousa comigo, por meyo da inestimavel virtude deste Sacramento. Com que vos pagarei esta honra? Com que corresponderei a este beneficio? Que graças vos poderá dar huma creatura tão pobre por hum tão rico dom? Pois não vos contentastes de fazer-nos aqui participantes da vossa Soberana Divindade, mas nos fazeis tambem da vossa Santa Humanidade, e de todos os merecimentos, que com ella nos ganhastes : pois aqui nos dais vossa Carne, e vosso Sangue; e com elle nos fazeis partici-

pantes de todos os thesouros, e merecimentos, que com esta mesma Carne, e Sangue nos ganhastes. Oh maravilhosa communicação? Oh precioso dom mal conhecido dos homens, e digno de ser agradecido com eternos louvôres! Oh Clementissimo Reparador das nossas almas! com que mayores riquezas as pudéreis enriquecer, que com estas? Bem dissestes, Senhor, fallando em vossa oração com o Padre: *Eu, Pay, me santifico por elles, para que elles sejão verdadeiramente santos.* Oh que novo modo este de santificar, tão custoso para o santificador, e tão facil para o santificado? Porque vossa he a santidade, e meu o fructo; vosso o trabalho, e meu o proveito; vossa a despeza, e meu o lucro; vossa a disciplina, e meu o perdão; vossa a purga e a sangria, e minha a saúde e a vida, que se alcança com ella. Por mim satisfizerão aquellas vossas dôres, aquelles crávos, aquellas bofetadas e espinhos, e aquelle Sangue precioso, que por mim se derramou. Aquellas lagrimas me levárão, aquellas feridas me sarárão, e por mim pagárão aquelles açoutes. Oh ditosa communicação! oh carta de maravilhosa fraternidade! oh companhia de ineffáveis thesouros! Que cabedal puzémos nós, Senhor, da nossa parte para isto? Que vos démos, para que tal dom nos désseis? Nenhuma cousa por certo houve de permeyo mais, que só a vossa Bondade. Porque allumia o Sol? porque aquenta o fogo? porque esfria a agua? Claro está, que porque he natural propriedade destas creaturas, o produzir estes effeitos. Pois de vós, Deos meu, he proprio o ter misericordia, e perdoar, e (o que mais he) perdoar aos outros, e não perdoares a vós. A vossa mesma natureza he bondade, e não qualquer bondade, mas Summa Bondade. Pois assim como á bondade pertence communicar-se, assim á Summa Bondade, summamente communicar-se: e deste modo o fizestes com

nosco; pois em tudo vos déstes a nós. Nascendo vos déstes por Irmão; comendo, por mantimento; morrendo, vos dais em preço; e reynando, em premio.

2. Finalmente, se queres, alma minha, comprehender em huma palavra os bens, que comsigo traz este Divino Sacramento, considéra os que este Senhor trouxe ao mundo, quando a elle veyo. Pois assim como quando veyo, lhe dêo vida de graça com tudo o mais, que della se segue; assim tambem, quando por este meyo vêm á alma, lhe dá esta mesma vida. Oh manjar Divino, pelo qual os filhos dos homens se fazem filhos de Deos, e a nossa humanidade se mortifica, para que Deos viva nella! Oh Pão dulcissimo, digno de ser adorado! vós nutrís a alma, e não o ventre; confortais o coração, e não gravais o corpo; alegrais o espirito, e não embotais o entendimento; com cuja virtude morre a nossa sensualidade, e he degollada a propria vontade, para que em nós se cumpra a Divina.

3. Que graças pois, que louvôres vos darei eu, Senhor, por este beneficio? Se o agradecimento ha de corresponder ao dom, que genero de agradecimento bastará para tal dom? Lêmos no Exodo, que dissestes a Moysés: *Toma hum vaso de ouro, e encheo-o de Mannâ, e põem-o dentro da Arca do Testamento, e esteja ahi sempre guardado, para que as gerações vindouras saibão, com que genero de mantimento sustentei eu a vossos Pays quarenta annos no deserto.* Pois se em tanto quizestes, que se estimasse aquelle manjar corruptivel, que o mandastes guardar por memoria em lugar de tanta veneração, em quanto será razão, que se tenha este manjar incorruptivel, que dá vida eterna a quem o cóme? Vejo claramente, que o que vay de manjar a manjar, isso vay de beneficio a beneficio; e isso he justo que vá de agradecimento a agradecimento.

Aquelle manjar era da terra, este he do Ceo; aquelle era de corpos, este de almas; aquelle não dava verdadeira vida aos que o comião, porem este he vida eterna de quem o cóme. Mas que necessidade ha de fazer comparação de hum a outro; pois a differença, que vay de Creador á creatura, essa vay de hum manjar a outro. Pois se tal lembrança, e agradecimento pedistes por ter sustentado aquelle pôvo com hum manjar mortal, e corruptivel, que pedireis por nos ter sustentado com tanto mais excellente manjar, quanto melhor he Deos, que sua creatura? Não ha agradecimento, nem louvôr que baste para isto. Pois como desconfiado já de poder pagar esta divida, não me fique outro remedio mais, que receber com o Propheta o Caliz de minha saûde, e invocar o Nome do Senhor, isto não he pagar beneficios, mas pedir novos beneficios, e mercês sobre mercês. Peço-vos pois, Senhor, que recebais este Veneravel Sacramento, em satisfação de todas as minhas culpas, e peccados, e para perfeita emenda de minha vida. Reparai por elle todas as minhas quédas, e supprí todas as faltas de minha pobreza. Por meyo delle mortificai em mim tudo, o que desagrada a vossos Divinos ólhos; e fazei-me hum homem, segundo a vossa vontade. Concedei-me por elle o estar sempre firme em vós, amar-vos perfeita, e perseverantemente, e viver sempre com vosco unido, e encorporado, para gloria, e honra de vosso Santo Nome. Tende, Senhor, tambem misericordia de todos os peccadores. Fazei, que tornem á vossa Igreja os herejes, e scismaticos. Allumiai a todos os Fieis, para que vos conheção. Soccorrei a todos, os que estão póstos em tribulações, e necessidades. Ajudai a todos aquelles, pelos quáes eu sou obrigado a rogar-vos. Consolai a todos os meus, pays, parentes, amigos, inimigos, e bemfeitores. Tende misericordia de todos

aquelles, pelos quáes derramastes vosso precioso Sangue. Dai perdão, e graça aos vivos; e aos defuntos descanço, e gloria para sempre. Vós que viveis, e reynais em os séculos dos séculos. Amen.

CAPITULO XIII

OUTRA MUY DEVOTA MEDITAÇÃO, PARA SE OCCUPAR NELLA NO DIA DA SAGRADA COMMUNHÃO, CONSIDERANDO NA GRANDEZA DO BENEFICIO RECEBIDO, E DANDO POR ELLE GRAÇAS A N. SENHOR.

1. Se todas quantas creaturas ha no Ceo, e na terra se convertessem em linguas, e todas ellas me ajudassem, Senhor, a dar-vos as graças pelo beneficio, que hoje me tendes feito, he certo, que não vo-las poderia dignamente dar. Oh Deos meu, e Salvador meu! Que graças vos darei eu, por me terdes querido neste dia visitar, consolar, e honrar com vossa presença? A Santa Mãy do vosso Precursor, cheya do Espirito Santo, quando vio entrar por suas portas á Virgem, que vos trazia em suas entranhas, espantada de tão grande maravilha, exclamou dizendo : *Donde a mim tanto bem, que venha visitar-me a Mãy de meu Senhor?* Pois que farei eu bicho vilissimo, vendo que me tem entrado hoje pelas portas huma Hostia consagrada, na qual está encerrado o mesmo Deos, que allí vinha? Com quanta mayor razão poderei eu exclamar, e dizer : Donde a mim tão grande bem, que não a Mãy de meu Deos, mas o mesmo Deos, e Senhor de todo o Creado, se dignasse vir a mim? a mim, que tanto tempo fui morada de Satanáz? a mim, que tantas vezes o offendi? a mim, que tantas lhe fechei as portas, e despedi de mim, por

onde merecia nunca mais receber, a quem assim lancei de mim? Pois donde a mim, Senhor, que vós, Rey dos Reys, e Senhor dos Senhores (cuja cadeira he o Ceo, cujo estrado real he a terra, cujos ministros são os Anjos, a quem louvão as estrellas da manhãa, e em cujas mãos estão todos os fins da terra) vos dignásseis vir a hum lugar de tão estranha baixeza? Quereis outra vez Senhor, descer aos infernos? Quereis outra vez ser entregue em mãos de peccadores? Quereis outra vez nascer em hum estábulo de brutos? Bem parece, Deos meu, que tendes ainda agora o mesmo coração, que então tinheis; pois o que huma vez fizestes pelos peccadores, isso fazeis por elle cada dia.

2. E se de algum outro modo me visitasseis, toda via fôra esta huma grande misericordia; mas que vós, Senhor, vos dignásseis não só visitar-me, mas tambem entrar dentro de mim, morar em mim, transformar-me em vós, e fazer-me huma cousa com vosco por huma tão admiravel união, que veyo a ser comparada (como vós a comparastes) com aquella altissima união, que tendes com vosso Pay Soberano (para que assim como o Pay está em vós, e vós em o Pay, assim o que cóme de vós, esteja em vós, e vós nelle) que cousa póde haver mais admiravel? Admirava-se El-Rey David, de que vós, Senhor, quizesseis lembrar-vos do homem, e pôr nelle vosso coração; pois quanta mayor maravilha he, que Deos queira, não só lembrar-se do homem, senão tambem fazer-se homem pelo homem, morar com elle, morrer por elle, dar-se-lhe em comida, e fazer-se huma mesma cousa com elle? Admirava-se El-Rey Salomão, de que quizesse Deos morar naquelle Templo, que em tantos annos edificára, e assim dizia *He possivel, que queira Deos morar cá na terra com os homens? Se o Ceo, e os Ceos dos Ceos vos não po-*

dem receber em si, quanto menos o poderá esta casa, que eu vos edifiquei? Pois quanta mayor maravilha he, que esse mesmo Senhor dos Ceos queira, por outro mais excellente modo, morar em huma tão pobre alma, que apenas trabalhou hum só dia em preparar-lhe a morada?

3. Admira-se toda a natureza creada de vêr a Deos feito homem, de o vêr descer do Ceo á terra, e andar nove mezes encerrado nas entranhas de huma donzella; e he razão, que se admire, pois foi esta a mayor das maravilhas de Deos, e a mayor de suas obras. Mas aquellas entranhas virgináes estavão cheyas do Espirito Santo; estavão mais limpas que as estrellas do Ceo, e assim preparárão digna morada para Deos. Mas que este mesmo Senhor queira morar nas minhas, que são mais impuras que o lôdo, mais escuras que a noite, como não será esta huma grande maravilha? Oh! bendigão-vos, Senhor, os Anjos por tão alta graça, por tão grande misericordia, e por tão excellente obra, e móstra de bondade. Bem mostrais, que sois summamente Bom; pois sois summamente communicativo de vós mesmo; pois tal, e tão admiravel meyo buscastes para fazer-nos bons.

4. Pois que será, se a tudo isto se ajunta o beneficio, que em nós obra, e significa este Divino Sacramento? Oh quão alegres novas, e quão dignas de todo o agradecimento, me dá de vós, Senhor, este Veneravel Mysterio! Traz-me tirmado de vosso nome, que sois meu Pay, e não só Pay, mas Espôso dulcissimo da minha alma. Porque ouço dizer, que o proprio, e principal effeito, para que este Sacramento se instituíra, fôra para sustentar, e delcitar as almas com espirituáes delicias, e fazel-as huma mesma cousa com vosco. Pois se isto he assim, e pelas obras se ha de julgar o coração,

de que coração sahio tal obra como esta? Porque a união propriamente pertence aos espôsos; porem o regalo não costuma ser de Senhor para servo, senão de pay para filho, e este pequenino, e ternamente amado. Porque a tal pay pertence, não só provêr a seu filho do necessario para a vida; mas tambem de cousas, que sirvão para sua recreação. Pois tal effeito de amor como este ficava, Senhor, por descobrir ao mundo; e este se guardava para o tempo da vossa vinda, e para a boa nova do Evangelho.

5. De sorte, que nos outros Sacramentos, e beneficios me dais a entender, que sois meu Rey, meu Salvador, meu Pastor, e meu Medico; mas neste (aonde por hum tão alto modo vos quizestes unir com minha alma, e consolal-a com tão maravilhosos deleites) claramente me dais a entender, que sois Espôso de minha alma, que sois meu Pay, e Pay que ternamente ama a seu filho, como Jacob amava a Joseph mais que a todos seus irmãos. Isto me dá a conhecer o effeito deste Sacramento; estas são as novas, que me dá de vós. Não ha, Senhor, dobrêz em vossas obras; o que mostrão por fóra, isso mesmo são por dentro.

6. Pois por este effeito conheço a causa; por esta obra julgo o vosso coração; deste tratamento, e regalo, que me fazeis, tiro eu para conhecer o coração, que tendes para comigo. Porque se daquelle Manná, que chovêo em o deserto, se diz, que declarava a suavidade, e doçura de vosso coração para com vossos filhos, e isto porque encerrava em si todo o genero de sabor, e suavidade; com quanta mayor razão se dirá o mesmo deste Divinissimo Manná, pois tem tanta mayor suavidade? Oh manjar do Ceo, pão de vida, fonte de delicias, mina de virtudes, morte de vicios, fogo de amor, medicina de saûde, refeição das almas,

saúde dos espiritos, convite real de Deos, e gôsto de felicidade eterna!

7. Pois que direi, Deos meu? que graças vos darei? com que amor vos amarei, se tenho de corresponder do mesmo modo ao amor, que aqui me mostrais? Se vós, sendo quem sois, assim me amais vilissimo, e miseravel bicho, como vos não amarei eu a vós, Espôso altissimo, e nobilissimo de minha alma? Amevos pois eu, Senhor, deseje-vos eu, coma-vos eu, e beba-vos eu.

8. Oh doçura de amor! oh amor de inestimavel doçura! coma-vos minha alma, e sejão minhas entranhas cheyas do suavissimo licor de vossa doçura. Oh Caridade, Deos meu, mel doce, leite suavissimo, manjar delicioso, e manjar de grandes! fazei-me crescer em vós, para que dignamente possa eu gozar de vós. Oh doçura, e fartura da minha alma! porque me não inflammo, e abraso todo no fogo de vosso amor? Oh fogo Divino! oh doce chamma! oh suave ferida! oh carcere amoroso! porque não sou eu prêso nesta cadeya? ferido com esta setta? e abrasado com este fogo, de tal sorte, que ardão, e se derretão todas minhas entranhas em amor? Filhos de Adão, geração de homens cegos, e enganados, que fazeis? em que entendeis? que buscais? se buscais amor, este he o mais nobre, e o mais doce, que ha no mundo. Se deleites, estes são os mais suáves, os mais fortes, e mais castos que podem haver. Se riquezas, aqui está o thesouro do Ceo, o preço do mundo, e o pélago de todos os bens. Se honra, aqui está Deos, e com elle toda a Côrte do Ceo, que vos vêm visitar. Pois que mayor honra, que ter tal hospede em casa, e toda a Côrte do Ceo ao redôr della?

§ UNICO

SEGUNDA PARTE DESTA MEDITAÇÃO.

9. Admittido pois eu já a esta companhia, sentado a esta mesa, recebido nestes braços, consolado com táes delicias, obrigado com táes beneficios, e sobre tudo prèso com tão fortes laços de amor, desde já renuncio todos os outros amores por este só amor. Não haja para mim já mais mundo; não mais deleites de mundo para mim; não mais pompas do século para mim. Vão, vão fóra de mim todos estes falsos, e lisônjeiros bens, que só este he o verdadeiro, e Summo Bem. O que cóme Pão de Anjos, não he justo, que se sustente com manjar de brutos; o que recebe a Deos em sua morada, não he razão, que admitta nella outra creatura.

10. Se huma mulher de baixa sorte viesse a desposar-se com hum Rey, logo lançaria de si o sayal, e todas as baixezas passadas, e em tudo se trataria como espôsa de quem era. Pois se a esta dignidade tem chegado a minha alma por meyo deste Sacramento, como se abaixará já mais á vileza do traje antigo dos costumes passados? Como abrirá a porta de seu coração a pensamentos do mundo, quem dentro de si recebèo ao Senhor do mundo? Como dará lugar em sua alma a cousa profana, tendo já sido consagrada, e santificada com a divina presença? Não consentio Salomão, que a filha de El Rey Pharáo, sua mulher, morasse em sua casa, por ter estado nella algum pouco tempo a Arca do Testamento, ainda que então já o não estava. Pois se este tão Sabio Rey não quiz, que sua propria mulher (e mulher tão principal) puzesse os pés no

lugar, em que estivera a Arca de Deos, por descender de geração de Gentios, como consentirei eu, que cousa gentilica, e profana entre no coração, em que esteve o mesmo Deos? Como admittirá pensamentos, e desejos de Gentios o peito, em que morou Deos? Como fallará palavras torpes, e vãas a lingua, por onde Deos passou?

11. Se por ter offerecido o mesmo Rey Salomão sacrificio em o portico do Templo, deixou este lugar santificado, para que não pudesse já mais servir de cousa profana, quanto mais justo será, que o seja a minha alma; pois dentro della se recebêo aquelle, a quem significavão todos os sacrificios, e Sacramentos da Ley? E já que tão honrado me deixais, Senhor, com esta visita, dai-me graça, para que eu possa cumprir com esta honra, que me déstes. Nunca já mais déstes a alguem honra, sem dar-lhe graça para sustental-a: pois já que aqui me tendes honrado tanto com vossa presença, santificai-me com vossa virtude, para que assim possa eu cumprir com esta obrigação.

12. Assim o fizestes sempre em todos os lugares, em que entrastes. Entrastes em as entranhas virgináes de vossa Sacratissima Mãy, e assim como a levantastes a huma inestimavel gloria, assim lhe déstes inestimavel graça para sustental-a. Entrastes (estando ainda nessas mesmas entranhas encerrado) na casa de Santa Isabel, e nella santificastes, e alegrastes com vossa presença a seu filho, e enchestes a Mãy do Espirito Santo. Entrastes no mundo a conversar com os homens, e assim como os ennobrêcestes com vossa vinda, assim os reparastes, e santificastes com vossa graça. Entrastes depois no inferno, e do mesmo inferno fizestes Paraiso, beatificando com vossa presença aos que honrastes com vossa visita.

13. E não só vós, Senhor, mas a Arca do Testamento (que não era mais que sombra deste Mysterio) entrou huma vez em casa de Obededom, e logo lançastes a vossa benção sobre ella, e sobre todas as suas cousas, pagando com tão liberal mão a hospedágem, que allî se vos fazia. Pois já que vós, Senhor, vos tendes tambem dignado entrar nesta pobre, e humilde morada, e ser hospedado nella, começai já a abençoar a casa de vosso servo, e a dar-me com que eu possa conresponder a tal honra, fazendo-me digna morada vossa. Quizestes que eu fosse como aquelle Santo Sepulchro, em que vosso Sagrado Corpo foi depositado; dai-me pois as qualidades, que elle tinha, para que possa ser aquillo, para que me elegestes. Dai-me aquella firmeza de pedra, aquelle sudario de humildade, e aquella myrrha de mortificação, com que morra a todos os meus appetîtes, e proprias vontades, e viva só para vós.

14. Quizestes que eu fosse como huma Arca do Testamento, em que morásseis, dai-me pois graça, para que assim como não havendo naquella Arca outra cousa mais principal, que as Taboas da Ley, assim dentro de meu coração não haja outro pensamento, nem desejo, senão de vossa Santissima Ley. Quizestes dar-me a entender neste Sacramento, que éreis meu Pay (pois assim me trataveis como a filho, e filho ternamente amado) dai-me por tanto a graça, para que possa conresponder a este beneficio, amando-vos, não só com amor forte, mas tão terno, que todas minhas entranhas se derretão em vosso amor; e a memoria só de vosso doce Nome baste para enternecer, e derreter meu coração. Dai-me tambem para com vosco espirito, e coração de filho, isto he, espirito de obediencia, de reverencia, de amor, e de confiança, para que em

todos os meus trabalhos acuda logo a vós com tanta segurança, como o filho fiel acóde a hum pay, que muito ama.

15. Quizestes, alem de tudo isto, descobrir á minha alma neste Sacramento o amor de Espôso á espôsa, e tratar-me como a tal; dai-me pois esse mesmo coração para com vosco, para que assim vos ame com amor fiel, com amor casto, com amor entranhavel, e com amor tão forte, que nenhuma cousa me possa apartar de vós. Espôso castissimo das almas, estendei esses doces, e amorosos braços, e abraçai a minha de tal sorte com vosco, que nem em vida, nem em morte se aparte já mais de vós. Para esta união ordenastes este Sacramento; porque sabieis, quanto melhor estava a creatura em vós, do que em si; pois em vós estava como em Deos; e em si, como em huma fraca creatura. A gôta de agua, que está em si, ao primeiro ar se sécca, mas lançada no mar, e junta com seu principio, permanece para sempre. Tirai-me pois, Senhor, de mim, e recebei-me em vós, porque em vós, vivo; e em mim, morro; em vós permaneço, e em mim desfaleço; em vós sou estavel, e em mim transitorio, e corruptivel. Não vos vades, ó bom JESUS, não vos vades; ficai, Senhor, com nosco, porque vêm a tarde, e se fecha já o dia.

16. E já que me coube tão ditosa sorte, como he o ter-vos em minha casa (aonde tanta opportunidade tenho para tratar com vosco só por só meus negocios) não será razão, que perca esta boa conjunção. Não vos soltarei, Deos meu, dos braços; com vosco luctarei toda a noite, até que me lanceis vossa benção. Mudai-me, Senhor, o nome velho, e dai-me outro novo, isto he, outro novo ser, e outro novo modo de viver. Fazei-me côxo de hum pé, e deixai-me o outro são; para que

desfaleça em mim o amor do mundo, e fique são, e inteiro só o vosso amor, para que desterrados já, e mortos todos os outros amores, e desejos mundanos, a vós só, Senhor, ame; a vós só deseje; em vós só cuide; com vosco só móre; a vós só viva; em vós só estejão todos os meus cuidados, e pensamentos; a vós recorra em todos os meus trabalhos, e de vós só receba todos os soccôrros; e finalmente vós, Senhor, sêde todo meu, e eu seja todo vosso. Que viveis, e reinais em os séculos dos séculos. Amen.

FIM

Regi sæculorum immortali, invisibili, soli Deo honor, et gloria in sæcula sæculorum. Amen.

† Livros Católicos para Download

INDICE

DAS COUSAS NOTAVEIS

QUE SE CONTÊM NOS LIVROS I E II

A letra L *significa Livro*, C *Capitulo*, N *Numero marginal*, Pag. *Pagina*, Ap. *Appendix*, Tr. *Tratado*, Cart. *Carta de Santo Eucherio*, Prol. *Prologo*.

A

Aborrecimento. Veja-se *Negar-se a si mesmo*.

Abstinencia; desta se trata, l. II, c. 15, n. 7 e seq. pag. 89. Regras para a praticar na mesa, n. 8, ibid. e seq. No comer se hão de guardar certas circunstancias; e quáes sejão, n. 9, pag. 90. Mayor temperança se há de guardar no beber (especialmente vinho), n. 16, pag. 94. A melhor abstinencia he, comer cada dia pouco; e qual seja o fim, que se há de ter em comer, n. 20, pag. 96. Dos meyos para alcançar a abstinencia, n. 14 e 15, pag. 92. Veja-se *Jejum*.

Acção de graças, l. II, c. 17, n. 17, pag. 135. Esta ha de ser o primeiro de todos os exercicios, pag. 136.

Agradecimento; pede-o Deos pelos beneficios, que nos faz, l. I, c. 2, n. 3, pag. 62.

Alma, formosura da que está em graça, c. 5, n. 7, pag. 95. Similes para explicar, como fica sem graça, c. 12, n. 23, pag. 198. O que he cheya de peccados, Ap. tr. 2, c. 11, n. 7, pag. 417. Não póde achar felicidade, nem descanço, senão só em Deos; mostra-se com o exemplo da pedra de Cevar, l. I, c. 28, n. 21, pag. 448.

Ambicioso; morte de hum com fumo applicado aos narizes, l. I, c. 18, n. 16, pag. 270.

Amor de Deos. Devemos amar a Deos com todo o coração, etc.,

l. 2, c. 17, n. 5, pag. 126. Donde procede nas almas a enfermidade de amor de Deos, l. 1, c. 15, n. 8, pag. 221. Só na lição da doutrina de Christo se acha a verdadeira sciencia, piedade e temor de Deos. Cart. de S. Eucherio, n. 14, pag. 225. O que quizer receber o espirito de amor de Deos, primeiro há de sentir o de temor. Ap. tr. 1, c. 7. n. 8, pag. 271. Veja-se *Caridade.*

Amor proprio, males que delle nascem, l. 2, cap. 4, n. 2, pag. 14.

Appetite desordenado; o que fazem na alma os appetîtes desordenados, l. 1, c. 18, n. 12, pag. 226. Que cousa seja o appetîte sensitivo : que cousas procedem delle; e como he origem de todos os nossos males, l. 2, c. 15, n. 32, pag. 101.

Asperezas corporáes; discrição, que deve haver nellas, Ap. tr. 1, c. 17, n. 4, pag. 328. Veja-se *Jejum.*

Attrição, qual deva ser, para que aproveite no Sacramento da Penitencia, l. 1, c. 25, n. 27, pag. 384. Esta com o Sacramento faz ao peccador de *attrito contrito*; e explica-se com hum exemplo, Ap. tr. 1, c. 1, n. 3, pag. 234.

Avareza, que cousa seja; e como he raiz de todos os males, l. 2, c. 5, n. 1, pag. 23. Seus remedios, ibid. per tot. Outro remedio, c. 13, n. 3, pag. 75. Em que se póde offender a Deos com a avareza. Ap. tr. 1, c. 11, n. 2, pag. 304.

B

Baptismo, seus effeitos em quem dignamente o recebe, Ap. tr. 1. c. 16, n. 2, pag. 314. Bens que se recebem no Baptismo. c. 4, n. 2, pag. 259. Razão porque tira toda a pena devîda ao peccado : e que graça causa, c. 15, n. 3, pag. 311.

Beneficios de Deos; o da Creação he o fundamento de todos os beneficios Divinos, l. 1, c. 2, n. 3, pag. 62. Os bens da natureza são beneficios de Deos, n. 5, pag. 64. Todas as cousas do mundo são beneficios de Deos para abrazar ao homem no seu amor, c. 3, n. 6. pag. 72. São táes os beneficios de Deos, que quasi tudo, o que Deos tem, pôs nas mãos dos homens, c. 4. n. 12, pag. 87. Dos beneficios Divinos se trata, l. 1, c. 2, até 6. pag. 59. Beneficios que Deos tem feito ao homem, Ap. tr. 1. c. 3, n. 21, pag. 256, cap. 4, n. 1, pag. 258, e cap. 6, n. 1 e seq. pag. 262.

Bemaventurança, ha duas para o justo; huma começada; e ou-

tra consummada, l. I, c. 15, n. 21, pag. 233. Não consiste esta na presente vida em deleites sensiveis; mas nos bens espirituáes, e invisiveis, c. 28, n. 22, pag. 449. Só aquelle he bemaventurado, que possûe a Deos : e quem he, que está mais perto de o ser, n. 21, pag. 448. Tres cousas juntas, *possessão*, *amor*, e *Summo Bem*, fazem a hum bemaventurado, n. 23, pag. 450.

Bens temporáes; recebem-se da mão de Deos para remedio dos necessitados, e não para instrumento de má vida, l. II, c. 5, n. 8, pag. 27.

Bispos; veja-se *Estados*, e *Prelados*.

C

Caens, são mais amorosos, agradecidos, e serviçáes, que muitos homens, l. I, c. 3, n. 7, pag. 74. O que hum cão fez contra quem lhe matou a seu senhor, ibid.

Caminho de Deos, e da Virtude; he mais deleitavel que o dos vicios, c. 15, n. 3, pag. 217.

Caridade, faz facil o caminho da virtude, c. 27, n. 11, pag. 415. Quando he perfeita não só vence os trabalhos, que se lhe offerecem, mas tambem os busca, n. 12, pag. 416. Os que não a tem, não amão os trabalhos; mas sim os que a tem, n. 13, ibid. Dos officios da Caridade, l. II, c. 16, n. 4, etc., pag. 120. A Caridade para com o proximo, para ser verdadeira, deve ajuntar-se com as obras, ibid. A verdadeira tem seis cousas : e quáes sejão, ibid. De sete se deve abster, o que ama ao proximo verdadeiramente e quáes sejão, n. 5, pag. 121. Isto se praticará com o proximo, tendo para com elle coração de mãy, n. 6, ibid. Motivos para ter caridade, n. 8 e 9, pag. 123 e seq. Veja-se *Amor de Deos*.

Carta de Santo Eucherio; no fim do 2 liv., pag. 201 e seq.

Castidade; hum santo moço pela não perder cortou a si mesmo a lingua, l. II, c. 3, n. 5, pag. 9. Hum de seus mayores contrarios, he o vinho immoderado, c. 15, n. 16, pag. 94.

Christão, o seu principal officio he, andar governando as suas paixões, c. 15, n. 34, page 102.

Christo; porque se chama *Salvador do mundo*, l. I, c. 22, n. 1, pag. 317. Effeitos que causou no mundo, c. 18, n. 23, pag. 276 e seq.

Ceo; há onze com o Empyreo, c. 1, n. 10, pag. 56. Sua gran-

deza, ibid. Deos fez o Ceo para manifestar sua gloria, c. 9, n. 2, pag. 136. Da grandeza do Empyreo se infere a Omnipotencia de Deos, n. 3, pag. 137. Quem o formou, foi a Santissima Trinidade, ibid. pag. 138.

Composição exterior. Da refórma do corpo se trata, l. II, c. 15, n. 2, pag. 86. A composição do exterior serve principalmente para a refórma do corpo, ibid. Tres fructos desta composição, e quáes sejão, n. 2, 3, 4, pag. 86 e seq. A falta desta he sinal de leviandade, n. 5, pag. 88. Não se ha de deixar por medo, que digão que são hypocritas, n. 6, ibid. O trato rigoroso do corpo serve tambem para o reformar, e compôr, n. 7, pag. 89.

Communhão; preparação que lhe deve preceder, Ap. tr. 2, c. 1, n. 1, pag. 343. Conforme he a disposição, assim he a graça, que nella se recebe, n. 1 e 2, pag. 343 e seq. Explica-se com hum exemplo o dano, que incorre a alma, que chega mal disposta, n. 3 e 4 pag. 344. Disposição para dignamente commungar, n. 5, pag. 345. A primeira cousa que se requer, he a pureza de consciencia, c. 2, n. 2, pag. 348. Para esta disposição se ha de purificar a alma de peccado mortal, ibid. A quem são semelhantes, os que commungão em peccado, ibid. O odio, e deshonestidade repugnão com especialidade á Communhão, n. 4, pag. 350. O ornato para o convîte da Communhão, e a Caridade, n. 5, pag. 350. Quando a pollução nocturna seja impedimento para a receber, n. 6, 351. A segunda cousa para a digna recepção da Communhão, he a pureza de intenção, c. 3, n. 1. pag. 352. Fins, com que muitos chegão a commungar, ibid., até ao n. 5. Beata intenção, com que commungárão os Santos, n. 6 e 7, pag. 354. A terceira, he a actual devoção, c. 4, n. 1, pag. 356. Temor, e reverencia, com que se ha de chegar a commungar, n. 5, pag. 358. A Communhão póde ser occasionalmente castigo, de quem a recebe indignamente, n. 6, 359. Amor, e confiança, com que se ha de chegar a commungar, n. 8, pag. 361. Doutrina, e remedios para os demasiadamente timidos em chegar-se á Communhão com tanta frequencia, como lhes convinha, ibid. Reposta aos tibios em chegar-se á Communhão, n. 13, pag. 365. Considerações, com que se despérta a fóme de commungar, n. 14, ibid. Tempo, que se ha de tomar para preparar-se para a Communhão, c. 5, n. 1, etc., pag. 369, e seq. O que ha de fazer o peccador depois de confessado, para

haver de commungar, n. 4, pag. 371. A razão, porque os homens sensuáes querem commungar logo que se confessão, n. 6, pag. 372 e seq. O que se deve fazer antes de commungar, c. 6, pag. 372. Que ha de meditar a alma, quando se dispõem para a Communhão, n. 3, pag. 375. Que se ha de fazer á noite antes, n. 7 e 8, pag. 377 e seq. E o que em particular ao tempo da Communhão, e depois della, c. 7, pag. 379. Palavras, que se hão de dizer, quando se communga, n. 2, p. 379. O que se ha de fazer em particular depois de ter commungado, n. 4, pag. 381. Do uso dos Sacramentos, e do proveito, que se recebe da sua frequencia, c. 8, pag. 385. Effeitos da Communhão, n. 7, pag. 387. Necessidade da Communhão depois da Confissão, n. 10, pag. 389. Por serem tão poucos, os que se aproveitão da Communhão, ha tantos peccados; e está tão resfriada a Caridade, n. 11, pag. 389. Para reparo desta instituhio Christo a Communhão, ibid. Com a sua continua, e digna recepção os primitivos Christãos tinhão fortaleza para dar a vida por Christo, n. 12, pag. 391. Males, que occasiôna a larga cilação em commungar, n. 15, pag. 393. Qual seja a causa do pouco gosto, e devoção, que alguns sentem, quando commungão, c. 9. pag. 399. Se he bom commungar muito a miûdo, c. 10, pag. 403 e seq. O que frequentando a Communhão sente melhorîa, deve contînuar: e o que não, deve dispôr-se melhor; ou commungar mais tarde, n. 7, pag. 406. Explica-se, em que se conhecerá, se se melhóra com a Communhão, ibid. A quem pertence determinar se a alma aproveita com a Communhão, para que a frequente, ou dilate, n. 8, pag. 407. Determinação dos dias, em que hão de commungar as pessoas, que querem frequentar a Communhão, n, 11 et 12, pag. 408 e seq. Oração de Santo Thomás para antes da Communhão, c. 11, pag. 413. Meditação devota para despertar na alma antes da Communhão o temor, e amor, com que se deve chegar a commungar, n. 1, pag. 414 e seq. Considerações para despertar o amor á Sagrada Communhão, n. 9 e seq., pag. 419 e seq. Oração de S. Thomás para depois da Communhão, cap. 12, pag. 422. Meditação para depois da Communhão, pag. 423. Outra muy devota, para se occupar nella o dia da Sagrada Communhão, c. 13, pag. 427 e seq. Veja-se *Eucharistia.*

Consciencia. A alegria da boa consciencia, de que gozão os bons, l. 1, c. 16, pag. 234. Sua dignidade, e privilegio, n. 1,

ibid. Seus officios, n. 2, pag. 235. He a consciencia ayo, e mestres dos bons; e verdugo, e açoute dos máos, n. 3, pag. 236 e seq. Tormentos, com que affligе a má consciencia, ibid., pag. 238. He o tormento desta, huma das grandes miserias, que nesta vída padecem os máos, n. 6, pag. 240. Goza de hum paraiso terreál, o que tem boa conscíencia, n. 8, pag. 241. Com esta se adóção as amarguras desta vida. ibid., pag. 242. A boa consciencia carece de medos, e faz animosos aos que a tem, n. 9, p. 243. O temor do que tem boa consciencía não desanîma, antes esfôrça maravilhosamente, ibid., pag. 244.

Condenação. São muitos, os que se condenão; e poucos os que se salvão, l. I, c. 26, n. 18, pag. 398, e n. 21, pag. 400.

Confissão; a graça que causa, he como medicina; e assim ainda que tira a culpa, nem sempre tira toda a pena. Ap. tr. 1, c. 15, n. 3 e seq., pag. 311. Tem tres partes : e quáes são, Prol. de Ap., n. 3, pag. 232. Da *Contrição* se trata por toda a 1 part. do tr. 1, p. 233 e seq. Da *Confissão*, pag. 277, por toda a 2 part. Da *Satisfação*, por toda a 3, pag. 239 e seq. Muitos não se dispõem, como convem, para a Confissão : e o que resulta daqui, Prol. n. 1, pag. 231. A dor precisa para a Confissão, não he necessario, que seja sensivel, tr. 1, c. 1, n. 4, pag. 235. Para que a Confissão seja verdadeira, he necessario apartar-se dos peccados mortáes presentes, n. 6, 236. Sete cousas deve observar o que quer fazer huma Confissão bem feita; e quáes sejão, c. 8, per tot., pag. 277 e seq. Seis casos, em que a Confissão não he válida, e se deve reiterar, e quáes sejão, c. 9, n. 1, pag. 289. Que se deve fazer, quando depois da Confissão lembrão alguns peccados, que se deixárão de confessar, n. 2, p. 289. He muy saudavel conselho fazer huma vez na vida Confissão geral de todos os peccados, n. 3, 290. Põem-se para este effeito hum Memorial muy copioso, por todo o cap. 10 e 11, 12 et 13, com seus §§, pag. 291 e seq. Accusações para o principio da Confissão, c. 10, § 1, ibid. Outras accusações mais particulares, c. 13, pag. 307. Breve methodo de confessar-se para as pessoas, que se confessão a miûdo, c. 18, n. 8 e seq., pag. 335 e seq. Memorial dos peccados para os que se confessão a miûdo, n. 4 e seq., pag. 337 e seq. Effeitos da verdadeira Confissão, c. 16, n. 3, pag. 315. Affectos que causa o amor de Deos, que se dá pela Confissão, n. 4, ibid. A Confissão ajuda muito para alimpar

a alma, tr. 2. c. 8, n. 4, pag. 386. Exemplos para explicar a sua necessidade n. 5 e 6, pag. 386. Por se aproveitarem tão poucos da Confissão, ha no mundo tantos peccados mortaes, e está tão resfriada a Caridade, n. 11, pag. 389. Responde-se ás objecções dos que por negligencia dilatão muito a Confissão, n. 13, pag. 391 e seq. Males, que occasiôna na alma o não confessar-se a miûdo, n. 15, pag, 393.

Confessor. Os bons Confessores experimentão cada dia, como Deos por meyo da sua graça muda os peccadores, l. I, c. 27, n. 21, p. 422. Paga-lhes Deos parte de seu trabalho nesta vida, com verem maravilhas da Divina graça nos peccadores, n. 22, pag. 423.

Confiança em Deos, l. II, c. 17, n. 9, pag. 129. Os muitos peccados passados, e poucos serviços presentes não devem ser causa para desconfiar de Deos, tendo-o por nosso Redemptor, ibid. O que deve considerar a alma, quando se acha pusillanime, e desconfiada, ibid. Ha muitos servos de Deos cheyos de muitas virtudes; porem poucos, que tenhão a confiança de Susanna, n. 10, pag. 130. Veja-se *Esperança.*

Conhecimento sobrenatural. Veja-se *Graça.*

Conversação com mulheres. Declara-se com hum exemplo, como sempre se ha de fugir a sua demasiada conversação para conseguir a gloria, l. II, c. 6, n. 14, pag. 39. Outro singular exemplo para explicar o perigo, que ha na sua demasiada conversação, ainda que sejão virtuôsas, n. 15, pag. 40.

Conversão, he a do peccador mayor obra, que a creação do mundo, Ap. tr. 1, c. 2, n. 2, pag. 240. Modo, com que commummente costuma Deos converter as almas, c. 7, n. 6 e 8, pag. 273 e seq. Veja-se *Penitencia.*

Conselhos; o que despreza os de Deos em vida, não lhe hirá bem na morte, l. I, c. 25, n. 21, pag. 378. A observancia dos conselhos divinos ajuda para a dos mandamentos; sem a qual muitas vezes corre perigo de os não observar, l. II, c. 17, n. 18, pag. 136.

Consideração, profunda das penas do inferno, he grande estimulo para praticar a virtude, l. I, c. 8, n. 6, pag. 131. Consideração muy gostosa de todas as cousas deste mundo, especialmente das obras da natureza, c. 9, n. 9, pag. 141. Veja-se *Oração.*

Consolações do Espirito Santo, que se dão aos bons, l. I, c. 15, pag. 216 e seq. He tão grande a suavidade da virtude, que ás

vezes não basta a capacidade da alma para a soffrer, n. 7, pag. 220. Effeitos que causa na alma esta espiritual alegria, n. 8, pag. 221 e seq. Não se podem comparar os deleites grandes, e gostos que Deos communica á alma, com os que o mundo dá aos seus amadores, n. 10, pag. 224. Na oração consóla Deos os virtuosos mais particularmente, n. 11. pag. 225. As cousas desta vida são pesadas a quem tem chegado a gostar as consolações, que Deos dá aos seus, n. 11, p. 228. A razão porque Deos dá consolações aos que começão a servil-o; e quáes sejão, n. 14 e 15, pag. 228 e seq. Algumas vezes não se sentem estas doçuras aos principios, até que se purgue a alma com a penitencia, n. 20, pag. 233. Deos não dá grandes consolações, senão aos que deixárão as do mundo, l. II, c. 23, n. 5, pag. 190. Veja-se *Espirito Santo*.

Contrição. Da contrição, e meyos por onde se alcança. Ap. tr. I, c. 1, pag. 233, e seq. Principáes meyos, por onde se alcança; e especialmente a dôr dos peccados, c. 2, n. 2, e seq., pag. 240, e seq. Os grandes fructos, e proveitos, que se seguem da verdadeira contrição, c. 7, pag. 271, e seq. A mayor contrição, e humildade he disposição para mayor graça, e mayores misericordias, n. 4, pag. 273. Considerações que podem ajudar a conceber dôr, e odio dos peccados. c. 3, pag. 242, e seq. Oração para despertar na alma a compunção, e dor dos peccados, c. 4, pag. 258. Outra para pedir perdão dos peccados, c. 5, pag. 260. Outra muy especial, e efficaz para o mesmo effeito, c. 6, pag. 266.

Cruz. Em governar bem as paixões consiste a Cruz, e abnegação propria, l. 2, c. 15, n. 36, pag. 103.

D

Demonio, quão cruel executor seja da Divina Justiça; mostra-se com o que fez em hum Monge negligente, l. I, c. 10, n. 11, pag. 159. Propõem gostos fantasticos aos seus; e Deos os dá verdadeiros, c. II, n. 6, pag. 185. Se Deos nos abrira os ólhos, veriamos mais demonios que átomos, c. 28, n. 13, pag. 441. O demonio ficou vencido por Christo, e feito escravo, assim como nos tinha a todos: o que foi figurado na morte de Adonibezech, c. 18, n. 22, pag. 275, e seq.

Devoção, para a alcançar, e conservar, he necessaria a guarda de si mesmo, l. II, c. 19, n. 8 e 9, pag. 159, e seq.

Dignidades; as Cadeiras, honras, e dignidades mostrão-se alegres; mas logo se descóbre ser falta, e enganosa a sua alegria, l. I, c. 28, n. 15, pag. 444. Hum Emperador não quiz o Imperio pelos espinhos, que trazia comsigo a sua Corôa, n. 26, pag. 454. Danos das dignidades. Cart. n. 4, pag. 206, e seq.

Deos. Vinte e tres titulos, que nos obrigão á virtude, e serviço de Deos, l. I, c. 1, até ao 23, pag. 45, e seq. Quáes sejão as perfeições de Deos, c. 1, n. 2, e 5, pag. 46, e seq. Qual he o seu *Ser*, táes são as suas perfeições, n. 11, pag. 57. Huma só perfeição de Deos não se póde explicar como em si he etc, n. 2, pag. 46. O culto, e veneração de Deos, ainda os mesmos Gentios confessão dever-se lhe, n. 3. 47, O ser Deos quem he, he o titulo, que mais deve obrigar ao homem a que o sirva; e he o que menos move aos imperfeitos, n. 4, pag. 48. Explicação do *Ser* Divino, segundo S. Dyonisio, ibid. pag. 49. Differença que ha entre o *Ser* Divino, e o Creado, n. 5, ibid. Deos com nenhum entendimento creado se póde comprehender, ainda que póde ser visto, n. 5, e 6, pag. 49, e seq. O que mais tem conhecido de Deos, lhe fica infinitamente que conhecer, n. 7, pag. 53. Quando o homem admirado cala as obras de Deos, então mais conveniente as louva, ibid. Deos deve ser buscado sobre todas as creaturas, para achar-se, ibid. Alguma cousa da grandeza de Deos se explica com a obra da creação, n. 8, pag. 54, e seq. Deos he liberalissimo em fazer mercês; e pontual em pedir o agradecimento etc., c. 2, n. 3, pag. 62. Creou Deos o homem pobre, e imperfeito, para que o servisse; e assim conseguisse a sua perfeição, n. 6, pag. 65. O que tem a Deos, he muy rico, ainda que lhe falte tudo, n. 7, pag. 67. Deos primeiro ameaça, e logo castiga, c. 8, n. 8, pag. 132. A grandeza do poder de Deos se conhece na facilidade com que obra, c. 9, n. 3, pag. 137. Deos paga como Deos a Abrahão, e a David, n. 5, e 6, pag. 139, e seq. Deos sendo huma simplicissima substancia, encerra em si com eminencia as perfeições de todas as creaturas, c. 9, n. 12, e 13, pag. 144. Deos na gloria será todas as cousas para os bemaventurados, ibid. Todas as cousas se achão em Deos sem imperfeição, n. 14, pag. 146. He tão grande bem vêr a Deos, e seus escolhidos na Gloria, que por conseguil-o se podião padecer as penas do Inferno por algum tempo, ibid., pag. 147. Deos dá gostos verdadei-

ros aos que o servem; e o demonio fantásticos, c. 11, n. 6, pag. 172. Grande gloria he, ter a Deos por Mestre; e devem-se passar muitos trabalhos por não perdel-o, c. 14, n. 8, pag. 211. Como concorre Deos com as creaturas para as obras, se explica com hum exemplo, c. 27, n. 9, pag. 413, Só em Deos se acha verdadeiro descanço, e felicidade, c. 28. n. 19, pag. 446. Excellencia da doutrina de Deos; e que effeitos causa no justo, c. 14, n. 9, pag. 211. Effeitos que causava em Santo Agostinho, n. 11, pag. 213. Nada se póde comparar com a sabedoria de Deos, ibid., pag. 214. Esta sabedoria he o temor de Deos, ibid. Deos fazendo-se homem remedêa a natureza humana com grandes dôres, para mostrar-lhe a grandeza de seu amor, e bondade, c. 4, n. 3, e 6, pag. 34, e 80. Padece por todos, e por cada hum de nós, n. 9, pag. 85. Em mais ha de estimar a alma a amizade de Deos, que todos os thesouros do mundo, l. II, c. 3, n. 6, pag. 10. Em que consiste perder a Deos pelo peccado mortal. Ap. tr. I, c. 3, n. 10, pag. 247. Magestade, e perfeições de Deos, n. 12, pag. 249. A bondade de Deos se conhece principalmente por sua Incarnação etc., n. 13, pag. 250.

Deos homem. Veja-se *Christo, e servir a Deos.*

Discrição; o seu officio he escolher, e apartar o bom do máo pensamento, l. II, c. 15, n. 44, pag. 108. Que cousa seja esta discrição, e outros officios seus, n. 46, e seq. pag. 109, e seq.

S. Domingos, e S. Francisco mandão em suas Regras, que se não prégue mais que vicios, e virtudes, pena, e gloria. l. I, c. 7, n. 1, pag. 112. S. Domingos já mais pedio a Deos cousa, que não alcançasse, c. 20, n. 7, pag. 303. Sua confiança, e consolação á hora da morte, c. 23, n. 6, pag. 331.

Dons do Espirito Santo, o que obra o Espirito Santo na alma com os dons de sabedoria, sciencia, entendimento, e conselho, c. 14, n. 1, pag. 204.

Doçuras espirituaes. Veja-se *Consolações.*

E

Entendimento; não acha este verdadeira quietação, senão só em Deos, c. 28, n. 20, pag. 446. Da reforma do entendimento, para que seja adornado com a prudencia, e discrição: l. II, c. 15, n. 46, e seq., pag. 109.

Escravidão, em que vivem os máos; quão miseravel seja, l. I, c. 18, n. 4, pag. 260. Pelo peccado se faz o homem escravo do mundo, demonio, e carne, n. 5, ibid. O demonio, e o mundo se servem da carne para captivar o homem com engano, n. 6, ibid. Não ha escravidão mais dura, e digna de sentir-se, que a que tem a razão ao appetîte, e ao peccado, n. 8, pag. 262. Exemplo para explicar, como pelo peccado a alma se faz escrava da carne, e da sensualidade, n. 9, pag. 262. O peccado faz que a alma seja escrava da carne, que lhe foi dada por captiva etc., n. 10, pag. 264. Dito notavel de Seneca, ibid. pag. 265. Ninguem se admira de vêr, que a alma sirva á carne, por serem tantos, os que o fazem, n. 11, ibid. Ainda os Gentios conhecêrão a torpeza desta escravidão, n. 12, pag. 266. Exemplo do a que se expõem a mulher adultera, para obedecer ao tyranno de seu appetîte etc., ibid., pag. 267. Cegueira, trévas, e prisões, em que vivem os máos, n. 13, ibid. O que se deixa vencer da ambição, e vangloria fica seu escravo, n. 16, pag. 270. E tambem o que se deixa vencer da avareza, n. 17, pag. 271. Mais cativo está o homem com os vicios, que o encarcerado com suas prisões, n. 18, ibid. Todas as affeições desordenadas são cadêas, que prisionão a alma, n. 19, pag. 272.

Esmola. Seus effeitos. Ap. tr. I, c. 17, n. 5, pag. 329. Como se ha de praticar para alcançar misericordia de Deos, n. 6, pag. 332. Veja-se *Misericordia*.

Esperança, a tem boa em Deos, quem se aparta do mal, e obra bem, l. I, c. 26, n. 25, pag. 404. Firmeza da Esperança na Divina misericordia, de que gozão os bons, c. 17, n. 1, pag. 245. Assim como ha Fé viva, e morta, assim ha Esperança viva, e morta; explica-se em que se distinguem, n. 2, 246. Os seus muitos, e admiraveis effeitos. I. esforçar ao homem no caminho da virtude para conseguir a gloria, n. 3, pag. 246. II. he esforçal-o para conseguir os meyos para alcançal-a, n. 4, pag. 247. III. dispol-o para dar a Deos graças, ibid. pag. 188. Diversos effeitos da esperança viva, n. 5, pag. 250. A misericordia de Deos he a fonte dos remedios; e a esperança o vaso, que os recebe, ibid. A Omnipotencia de Deos se declara em fazer em hum certo modo omnipotentes aos que esperão nelle, ibid. He vãa a esperança dos máos, n. 6, pag. 252. He preju-

dicial, e enganosa, n. 7. A Esperança dos máos he *carne*, e *homem*; a dos bons, *espirito*, e *Deos*, n. 8, pag. 253. Como edifica o máo com sua vãa esperança, e o justo com a sua, n. 9, pag. 254. O que confia nas cousas deste mundo experimentará, que ellas lhe serão causa de sua quéda, e destruição, n. 8, pag. 253. O privilegio da esperança he distincto do da Providencia como effeito seu, n. 13, pag. 258. Veja-se *Confiança em Deos*.

Espirito Santo. Os remedios, que nos trouxe Christo os applica o Espirito santificando ao homem, l. I, c. 5, n. 1, pag. 90. A primeira cousa que obra no peccador, he chamal-o, e justifical-o, n. 2, pag. 91. Bens que se seguem a alma da justificação, que nella causa o Espirito Santo, I. he reconciliado o homem com Deos, n. 4, pag. 92. II. he livre das penas do inferno, n. 5, pag. 94. III. he reformado interiormente, n. 6, pag. 94. IV. he assistido deste Divino Espirito, n. 8, pag. 97. V. fica feito membro vivo de Christo, n. 9, pag. 98. VI. fica com direito á vida eterna, n. 10, pag. 99. Outros effeitos, que causa o Espirito Santo com a graça justificante, n. 7, pag. 95. Os officios que este Divino Espirito exercita na alma justificada, de Pay, Mestre etc., n. 13, pag. 100. A elle devemos todos os nossos bens, e aproveitamento, n. 14, pag. 102. O fim para que vêm sobre a alma, c. 27, n. 3, pag. 407. Veja-se *Consolações*.

Estados, e suas obrigações, l. II, c. 18, pag. 150. Do Prelado, n. 2, ibid. Do Subdito, n. 3, 4, e 5, pag. 151, e seq. Das mulheres casadas, n. 6, pag. 152. Dos pays para com os filhos, n. 7, ibid. Dos Senhores de familias para com os criados, e escravos, n. 8, pag. 153.

Estrellas, ha algumas oitenta vezes mayores que a terra, e agua, juntas, l. I, c. 1, n. 8, pag. 54.

Eucharistia, seus diversos nomes, l. I, c. 5, n. 16, pag. 103. Ap. tr. II, c. 13, n. 6. He muy grande beneficio, pelo qual devemos dar a Deos muitas graças, l. I, c. 5, n. 18, pag. 104. Seus effeitos. Ap. tr. II, c. 4, n. 1, pag. 358, e n. 15, pag. 366, e c. 13, n. 6, pag. 365. He commum remedio de justos, e peccadores, c. 4, n. 9, pag. 362. He hum hospital real da Divina misericordia, n. 10, 363. Quanto mais enfermo se acha o homem, tanto mais necessita de chegar-se a este Sacramento, n. 11, ibid. Modo, com que Christo vêm á alma neste Sacramento, e o que esta ha de ter para recebel-o,

c. 7, n. 1, e seq., pag. 378, e seq. Sentença do Cardeal Caetano ácerca da virtude deste Sacramento, n. 8, pag. 382. Veja-se *Communhão*.

Exame de consciencia. Veja-se *Exercicios de virtude.* Veja-se *Confissão*, *Communhão*, e *Consideração*.

F

Favores de Deos. Veja-se *Consolações*; e *Deos*.

Felicidade, não a póde haver verdadeira nesta vida; declara-se com o exemplo de Aman, l. I, c. 28, n. 24, pag. 451. Esta só se acha em Deos; prova-se com o exemplo de Salomão, n. 25, pag. 452.

Filho; obras de hum bom filho para com seu pay, l. II, c. 17, n. 3, pag. 25. Deve o filho ter por hum grande beneficio o castigo de seu pay, n. 29, pag. 144.

Fortaleza, qual se requer para alcançar as virtudes, l. II, c. 23, pag. 188. Sem esta fica imperfeito o negocio da virtude, n. 1, ibid. Não he esta huma das virtudes Cardeáes, mas huma fortaleza géral etc., n. 2, ibid. Os que não se armarem della, não alcançarão a virtude, n. 6, pag. 191. Dos meyos por onde se alcança, n. 7, etc., pag. 191.

S. Francisco, não tendo nada, era muy rico; porque tinha a Deos, l. I, c. 2, n. 7, pag. 67. Manda em sua Regra o mesmo que S. Domingos, quanto á pregação, c. 7, n. 1, pag. 112.

Furtar. Veja-se *Restituição*.

G

Gloria, sua formosura, e excellencia, l. I, c. 9, n. 1, pag. 135. Fez Deos o Ceo para manifestação de sua gloria, n. 2, 136. Donde se collige a grandeza da gloria, n. 2, até 8, pag. 136, e seq. Em que consiste a gloria essencial dos bemaventurados, n. 12, pag. 144. Todas as cousas, que se buscão no mundo, se achão na gloria sem imperfeição, n. 14, pag. 146, e seq. He tão grande bem vêr a Deos, e seus escolhidos na gloria, que pelo conseguir se podião padecer por algum tempo as penas do inferno, ibid. A gloria dos bemaventurados he bem universal, ibid., pag. 147. Da gloria se trata, l. I, c. 9, pag. 135.

Gozo espiritual. Veja-se *Consolações*: e *Espirito Santo*.

Graça, sem esta ninguem póde sahir por si do peccado, l. I, c. 5, n. 2, pag. 91. Effeitos que causa na alma, n. 7, pag. 95, e c. 13, n. 4, até ao fim do cap. pag. 201, e seq. Formosura da alma que está em graça, c. 5, n. 7, pag. 95. O que está em graça, pede com grande confiança mercês a Deos, n. 9, pag. 98. Graça do Espirito Santo, que se dá aos virtuosos, c. 13, pag. 199, e seq. A graça deste Santo Espirito he o primeiro entre os habitos infusos, n. 1, pag. 199. He a graça huma participação da Divina natureza, ibid. O que causa na alma, explica-se com o exemplo do ferro em braza, ibid. He huma fórma sobrenatural, e divina, com que o homem vive vida sobrenatural, e divina, n. 2. 200. He hum adôrno espiritual da alma, n. 3, pag. 201. Da graça procede a luz, e conhecimento sobrenatural que Deos dá aos virtuosos, c. 14, n. 1, pag. 204, e n. 5, pag. 209. Por esta he allumiado o entendimento com o habito da fé, e prudencia infusa, e outros dons : explica-se o que obrão estes dons, n. 1, pag. 204. Chama-se *Unção* ; e porque, ibid., pag. 205. O conhecimento que a graça causa não he tanto especulativa, quanto pratico, n. 4, pag. 208. A graça conformando-se com os naturaes, causa a diversidade de virtudes, que ha na Igreja, l. II, c. 21 n. 8, pag. 179. A variedade, que Deos pôz nas obras da natureza, pôz nas da graça, n. 11, pag. 181, e seq. A ordem commúa para a mudança de vida, se guarda para subir de huma graça menor a outra mayor. Ap. tr. I, c. 7, n. 10, pag. 276. Quando Deos dá ás almas mayores graças, costuma dar-lhes mayores afflicções, ibid. Veja-se *Espirito Santo*, e *Justificação*.

Guerra interior dos máos. A causa desta, he por lhes faltar a Divina graça. l. I, c. 19, n. 2, pag. 283. Declara-se isto com a historia do Prodigo, n. 3, pag. 285. E tambem ás vezes por se não alcançar o que se deseja, n. 6, pag. 288. Basta para o desassocégo dos máos o não conseguirem qualquer honrinha, ainda que lhes pareça terem tudo para esta vida, n. 7, pag. 289. Os que tem o que desejão, sem Deos, tem guerra interior, e os que o não tem, a padecem terrivel, n. 8, pag. 291. Costumão nos máos serem os appetîtes encontrados, e por isso he mais terrivel a sua guerra, ibid.

Gula, que cousa seja, l. II, c. 8, n. 1, pag. 48. He hypocrisîa do ventre, c. 15, n. 12, pag. 92. He a primeira batalha dos Christãos, c. 8, n. 2, pag. 43. Oito remedios contra a gula,

c. 8, per tot. pag. 48. Em que podemos offender a Deos com a gula. Ap. tr. I, c. 11, n. 4, pag. 305.

H

Hypocrisia, dous generos della, l. II, c. 20, n. 10, pag. 169. No tempo de Christo havião hypocritas; e em todos os tempos não faltão, n. 13, e 14, pag. 172, e seq.

Homem, que não levanta os ólhos da consideração a Deos para lhe agradecer os beneficios, he semelhante aos animáes immundos, l. I, c. 3, n. 6, pag. 72. Ainda as bestas fazem muitas vezes ventagem ao homem no amor, etc., n. 7, pag. 74. O homem, que offende a Deos com seus beneficios, ajunta aos tres gráos de ingratidão, que pôz Seneca, o quarto, n. 8, pag. 76. Pelo peccado lançou Deos fóra do Paraiso ao homem, c. 4, n. 2, pag. 79. Todas as cousas são do homem: e porque, n. 12, pag. 87. Simil de Santo Thomás para explicar a inclinação, que o homem tem ao peccado, c. 5, n. 2, pag. 91. O homem tem tres lugares; e quaes sejão, c. 9, n. 10, pag. 143. Que cousa seja porção superior, e inferior do homem; e como se distinguem, c. 18, n. 9, pag. 262. A vida do homem he huma perpetua batalha, l. I, c. 20, n. 3, pag. 300. Quão pobre ficou pela quéda de Adão, e como se remedea, n. 4, pag. 300, e seq. Differença, que ha entre os homens carnáes, e os espirituáes, l. II, c. 15, n. 35, pag. 103. Cumpre o homem com as obrigações de Christão, tendo para com Deos coração de filho; para com, o proximo de mãy; e para comsigo de Juiz, c. 14, n. 2, pag. 84. O que deve fazer para comsigo mesmo, c. 15, pag. 85. Para com o proximo, c. 16, pag. 118. Para com Deos, c. 17, pag. 125. Para cumprir com o que deve a Deos, serve a Fé, Esperança, Caridade, e Religião, n. 1, ibid. Cumpre com esta obrigação, tendo para com Deos coração de bom filho, n. 2, ibid. Para ter este coração, se requerem nove virtudes: e quáes sejão, n. 4, e seq., pag. 126, e seq. Deve o homem pelêjar especialmente contra os desejos de honra, deleites, e bens temporáes, l. II, c. 15, n. 37, pag. 103. Deve tratar sua carne, como a besta mal domada, n. 41, pag. 106. He grande loucura reger-se o homem pelo vulgo, n. 57, pag. 112. Quáes sejão as suas obrigações para com Deos, Cart. n. 2, pag. 202 e seq. A quem deve olhar o ho-

mem para o imitar. Cart. n. 8, etc., pag. 213, e seq. Fim para que Deos creou o homem; e os meyos, que lhe dêo para o conseguir. Ap. tr. I, c. 3, n. 1, pag. 242. O mal que o homem póde ter cumprido com suas obrigações, n. 21, e seq., pag. 253, e seq.

Humildade, faz de homens Anjos, l. II, c. 4, n. 4, pag. 15. O seu principal fundamento, he o conhecimento proprio, n. 11, pag. 20. Que cousa seja a humildade; e quáes seus effeitos, c. 15, n. 38, pag. 104. A humildade não se rende a todos os pareceres, n. 65, pag. 116.

I

Jejum, obriga o seu preceito de vinte hum annos para cima; e quáes sejão, os que estão delle desobrigados, l. II, c. 11, n. 17, pag. 71. O jejum que agrada a Deos, he o que nos diz por Isaias; e qual seja, c. 16, n. 1, pag. 118. Serve para muitas cousas, c. 19, n. 6, pag. 157. Seus maravilhosos effeitos. Ap. tr. I, c. 17, n. 3, pag. 327.

Jesus, que significa este dulcissimo Nome, l. I, c. 27, n. 3, pag. 407.

Imaginação, sua reformá, l. II, c. 15, n. 42, pag. 107. He a que mais desordenada ficou pelo peccado, e menos sujeita á razão, ibid. Suas más manhas, ibid. Convêm atal-a de modo, que não tenha senão bons, e santos pensamentos, n. 43, ibid. Para isto, e para não perder a devoção, e o fervor da caridade, ha de haver grande discrição, e vigilancia no admittir dos pensamentos, n. 44, pag. 108.

Inferno. Quáes forem as offensas feitas contra Deos, táes serão as penas do Inferno, l. I, c. 10, n. 8, pag. 156. Recopilação dos motivos para não peccar; donde se infere a grandeza das penas dos condenados, n. 13, pag. 161. O máo modo de esperar em vida, e o desesperar na morte, leva os homens ao inferno, l. I, c. 26, n. 27, pag. 405. Das penas do Inferno se trata, l. I, c. 10, pag. 149, e seq. Veja-se *Penas do Inferno*.

Ingratidão. Quatro gráos de ingratidão, l. I, c. 3, n. 8, pag. 76.

Inimisades. O que deve fazer o que está inimigo com outro, para confessar-se bem. Ap. tr. 1, c. 1, n. 6, pag. 236. E que, para commungar bem. Ap. tr. 2, c. 2, n. 4, pag. 241.

Inspirações Divinas, regra para conhecer quando são de Deos. l. 2, c. 17, n. 19, pag. 137.

Inveja, he huma tristeza do bem alhêo, l. II, c. 9, n. 1 pag. 52, Quando seja no mundo o seu imporio, e seus estragos, n. 2, 54. He seu proprio officio, atirar settas contra os bons, ibid. pag. 54. Os remedios contra este vicio, são varias considerações. I. Considerar, que os invejosos são semelhantes aos demonios, n. 4, pag. 54. II. Que abrasa o coração etc. n. 5, pag. 55. III. Que a inveja he contraria a Deos, e ao bem commum. n. 6, 56. IV. Amar a humildade, e aborrecer a soberba, mãy da inveja, n. 7, idid. V. Apartar o coração do amor desordenado dos bens do mundo, ibid. pag. 57. VI. Não só não ter pesar dos bens do proximo, mas procurar fazer-lhe o bem, que se possa, n. 8, ibid. Outro remedio contra a inveja, l. II, c. 13, n. 6, pag. 76. Em que podemos offender a Deos com a inveja. Ap. tr. 1, c. 11, n. 5, pag. 306.

Ira, he hum appetîte de vingança, contra quem imaginamos que nos offendêo, l. II, c. 7, n. 1, pag. 43. Porque Deos quiz que o homem vivesse em paz, por isso quiz que nascesse desarmado, n. 2 pag. 43. Que deve fazer o homem, quando se acha irado, n. 6, pag. 46. Oito remedios contra a ira, n. 2, até n. 8, pag. 43, e seq. Grande ira he a de Deos, não irar-se contra os peccadores, deixando-os continuar em seus peccados, c. 17, n. 33, pag. 145. Em que podemos offender a Deos com a ira. Ap. tr. 1, c. 11, n. 3, pag. 305.

Juizo final; quão rigoroso seja este á hora da morte, l. I, c. 7, n. 2, pag. 113. A mudança, que causou em hum Monge a sua consideração, ibid. He grande meyo para não peccar, o trazer nelle fixo o pensamento, ibid. Quão terriveis sejão as cousas, que passão á hora da morte, e quão para temer-se, n. 7, pag. 119. Exemplos de Santos, que temêrão esta hora do juizo, n. 8, pag. 119. Exemplo raro, com que se declara quanto seja para temer a hora da conta, ibid. Espantosas cousas passão nesta hora; e ainda que a vida seja a mais ajustada não se póde inteiramente satisfazer aos cargos, que allî se põem, ibid. pag. 120. Temião ainda os Santos a hora da conta, por ser Deos quem a ha de tomar, n. 9, 122. Ao sahir a alma do corpo he combatida de mayores temores, ibid. pag. 123. Ainda o justo teme á hora da morte; e assim com mais razão deve temer o peccador, n. 10, ibid. Será a alma julgada, como se achar no juizo de Deos, ibid. pag. 124. He muito para sentir a conta, que Deos nos ha de pedir, e a severidade de sua justiça; e assim o sentia o Santo Job, c.

8, n. 2, pag. 125. Não se dissimúla neste juizo nem huma palavra ociosa, nem hum instante de tempo mal empregado, ibid, pag 126. Quanta será a vergonha dos máos, quando então se descobrirem todas as suas maldades, n. 3, 127. Sentimento dos máos ao ouvir o rayo da divina sentença. n. 4, pag. 128. Á voz desta se abrirá a terra, e os máos se sumirão nos abysmos, ibid. Ninguem rogará então pelos condenados, n. 8, pag. 132. No juizo universal não se mudará, o que no particular se determinar c. 25, n. 23, pag. 382. As cousas, que se podem considerar do Juizo final, se tratão, l. I, c. 8, pag. 125. Veja-se *Morte*.

Julgar aos outros. Advertencia para não julgar huns aos outros no modo de vida, que cada hum tem, l. II, c. 21, n. 1 pag. 176. Donde nasce o julgar as vidas alhêas, as divisões, e cismas espirituáes. n. 6, pag. 178. Remedio para não julgar as vidas alhêas, n. 7, ibid. He grande erro condenar a outro, porque não tem, ou não faz, o que eu faço, n. 15, pag. 182. Só os Juizes da Igreja podem examinar, e julgar as vidas alhêas, n. 17, pag. 184.

Jurar, o que o faz em vão commette mais grave peccado, que qualquer outro contra o proximo, l. II, c. 11, n. 1, pag. 63. Qualquer juramento com mentira, he peccado mortal, ibid. Não he mortal, quando foi sem advertencia, e sem ter costume de jurar, n. 2 ibid. O remedio para evitar este costume, n. 3, pag. 64.

Justiça Divina, os castigos que della se referem na Sagrada Escriptura, l. I, c. 26, n. 7, até 12, pag. 390, e seq. Obras da divina Justiça, que se estão vendo neste mundo, n. 13, pag. 394.

Justificação, deste beneficio, e dos bens, e effeitos, que causa na alma o Espirito Santo, c. 5, pag. 90, e seq. Na justificação se communica á alma o Espirito Santo, e seus dons, n. 8, pag. 97. He esta mayor obra, que a creação, n. 11, pag. 99. Qual seja a conjectura, de que o homem esteja justificado, n. 12, ibid. Veja-se *Espirito Santo*.

Justo, a este chama Deos filho mimoso, e regalado, l. I, c. 12. n. 10, pag. 187. Nos justos ha luz, e nos máos horriveis trévas, c 14, n. 13, pag. 214. Mas nem por isso hão de deixar de sujeitar-se ao parecer dos mayores, n. 14, pag. 215. Os favores, que se lem na Escriptura, pertencem especialmente aos justos, c. 26, n. 24, pag, 402. No justo ficão as paixões

moderadas, para seu bem, c. 27, n. 6, pag. 411. Para o justo são abominações todas as estimações, e vaidades do mundo, n. 13, pag. 417.

L

Leões, são mais agradecidos que muitos homens, l. I, c. 3, n. 7, pag. 74.

Ley de Deos. Veja-se *Mandamentos de Deos.*

Liberdade de que gozão os bons. A verdadeira liberdade, de que gozão os bons, l. I, c. 18, n. 1, pag. 258. A verdadeira he a da alma, que está livre de peccados, ainda que o corpo esteja em cadêas; e pelo contrario a falsa, n. 2, pag. 259. A liberdade, que os homens conseguem por Christo, n. 21, pag. 274, e seq. Ficou vencido Satanás por Christo, como está figurado na morte de Adonibezec, n. 22, pag. 275. A I. causa da liberdade dos bons, depois de Deos, he a Divina graça, n. 23, pag. 276. A II. he a alegria, que por meyo desta lhe communica o Espirito Santo, n. 25, pag. 278. A III. he a diligencia, que os justos põem em sujeitar a carne ao espirito e as paixões á razão, n. 26, pag. 279 Quáes sejão os effeitos da liberdade dos justos, n. 28, pag. 281.

Livros devotos; com que intenção se hão de ler os do Veneravel P. M. Fr. Luiz de Granada. Prol. do liv. I, n. 6. O ler livros devotos he acto de Religião, e estimulo de devoção etc., l. II, c. 19, n. 6, pag. 157.

Lição. Veja-se *Livros devotos.*

Lingua. Sua guarda, l. II, c. 15, n. 25, pag. 99, e seq. Todo o bem, ou mal do homem está na lingua, ibid. Ha de guardar-se segredo, n. 26, pag. 99. Quatro cousas, a que se ha de attender para fallar acertadamente: e quáes sejão, n. 25, e seq., pag. 99, e seq.

Luxuria, que cousa seja, l. II, c. 6, n. 1, pag. 31. Males, que traz comsigo, n. 4, pag. 33. Effeitos, que causou em Amnon o affecto deshonesto a sua irmãa Thamar, l. I, c. 18, n. 14, pag. 268. Não se cura este vicio com darse-lhe, o que deseja, ibid. Seus effeitos, n. 15, pag. 268, e seq.; e l. II, c. 6, n. 4, pag. 33. Os deleites carnáes mostrão-se ao lascivo alegres, mas logo se descobre ser falsa, e enganosa sua alegria, l. I. c. 28, n. 14, pag. 442, e seq. Os que estão em communicação deshonesta, não cumprem com apartar do coração o peccado,

se não se aparta a occasião delle. Ap. tr. 1, c. 1, n. 9, pag. 237. Mayor maravilha he morar com huma mulher, e não cahir, que resuscitar hum morto, ibid., pag. 238. Hão de tirar-se todas as occasiões dos peccados, ainda que a pessoa faça falta, ou lhe tenha obrigação, n. 10, ibid. Seis remedios contra a luxuria, l. II, c. 6, até ao n. 13, pag. 31, e seq. Outros dous remedios, hum no liv. II, c. 10, n. 9, pag. 62, e outro no mesmo liv., c. 13, n. 4, pag. 76.

Luz de Deos, a que nos dá Deos se a de empregar na consideração das cousas divinas, e rectificação das boas obras, l, II, c. 22, n. 7, pag. 187. Veja-se *Graça*.

M

Mestres espirituáes. Veja-se *Confessor* : e *Pays*.

Máos, ha nelles terriveis trévas, e nos justos, luz, l. I, c. 14, n. 13, pag. 214. Veja-se *Escravidão, em que vivem os máos*.

Mandamentos de Deos, e da Igreja. Para tudo, o que manda Deos, promette elle sua ajuda, l. I, c. 27, n. 10, pag. 414. He o jugo de Deos (isto de seus mandamentos) suave : e porque, ibid. Porque se faz difficil aos homens a observancia dos mandamentos, ibid. Explica-se como são jugo, e suaves, n. 19, pag. 421. Dos peccados, que contra elles se podem haver commettido. Ap. tr. 1, c. 10, n. 1, e seq. pag. 291, e seq.

Meditação. Veja-se *Consideração. Exercicios de virtude : e Oração*.

Missa ; o que se hade fazer para cumprir com o seu preceito, l. II, c. 11, n. 18 pag. 72. Os Superiores devem procurar, que seus subditos a oução nos dias de festa : e quando estes estão escusados, n. 19, ibid.

Miseria desta vida, e do homem. Dous diluvios universáes tem havido no mundo ; quáes forão ; e porque causa. l. I, c. 20, n. 1, pag. 298. Do espiritual, que começou em Adão, procedêrão as innumeraveis miserias do homem, n. 2, 299. Das miserias desta vida se trata, l. I, c. 28, pag. 429, e seq.

Misericordia. Em que podemos offender a Deos por não guardar as obras de misericordia. Ap. tr. 1, c. 12, n. 1, pag. 307, O perdão das injurias he a mayor obra de misericordia para

alcançar perdão dos peccados. Ap. tr. 1, c. 17, n. 7, pag. 332, e seq. Veja-se *Esmola.*

Morte. Desta se trata, l. I, c. 7, pag. 112. He incerta a sua hora, n. 4, pag. 115. O que passa antes della, ibid., pag. 116. As angustias desta hora, n. 5, ibid. Paga o homem com as angustias da hora da morte, as que sua mãy teve á hora do parto, ibid. O que se representa á hora da morte; e o que se conhece, n. 6, pag. 116. Desconsolações que accompanhão aos moribundos, ibid. As cousas que mais se amão, mais atormentão nesta hora, n. 7, pag. 119. Que cousa seja pôr-se o Sol, ao que está neste trance, n. 6, pag. 116. Que cousa he converter-se aos moribundos a luz em trevas, n. 7, pag. 119. Angustias dos máos ao tempo de morrer; e o que dirão, n. 10, pag. 123. Tres pontos, que se hão de ter sempre na memoria, para se dispôr a morrer bem, n. 11, pag. 124. A virtude faz alegre a hora da morte, c. 23, pag. 326, e seq. He desgraçada, e miseravel a morte dos máos, n. 1, pag. 326. Muitas cousas affligem os mãos nesta hora, ibid. E o que mais os affligе he a má consciencia, e o temor da divina justiça, n. 2, pag. 327. Nesta hora desapparecem todos os cuidados desta vida, e só fica o da conta, ibid., pag. 328. Quão forte accusador será a propria consciencia, ibid. As considerações que faz o peccador, e o affligem nesta hora, n. 3, ibid. Precursores, e mensageiros da morte, ibid., pag. 329. Affligе aos máos nesta hora a companhia dos demonios, ibid. Só a virtude, e a innocencia, e não as cousas desta vida, he a que ajuda nesta hora, n. 4, pag. 330. A morte dos justos he alegre, e queta n. 5, pag. 330. Confiança de S. Martinho, e S. Domingos á hora da morte, n. 6, pag. 331. Morrem os bons sem temor, com alegria, e gozo; e porque, n. 7, pag. 332. Ao que teme a Deos, não lhe ficaqu e temer; e porque, ibid., pag. 332. Porque não desmaya o bom pelos accidentes, e companheiros da morte, n. 8, pag. 333. O ultimo dia julga todos os outros dias, ibid., pag. 333. Que importa saber viver, ao que não sabe morrer, ibid. Morte Alegre de *Galla*, Religiosa Romana, n. 10, pag. 334. A de *Sérvulo*, pobre, e paralitico, n. 11, pag. 336. A de *Tarsilla*, e *Emiliana*, tias de S. Gregorio; e o feyo fim de *Gordiana*, n. 12, pag. 337, e seq. A de *Romula*, Religiosa Romana, etc., n. 13, pag. 340, e seq. Na morte dos justos sempre assiste Deos no seu interior com singulares favores, n. 14, pag. 342. Turbação grande, que

a certa pessoa virtuosa causou a noticia de sua morte, c. 25, n. 13, pag. 374. As dores da morte não dão ás vezes lugar para fallar devotamente com Deos, n. 14, ibid. Geralmente fallando, tal he a morte, qual a vida, n. 26, pag. 382. Da morte, e das suas considerações, l. I, c. 7, pag. 119, e seq. Veja-se *Juizo final*.

Mortificação, a do corpo convêm, a quem conhece, que o regalo lhe impede servir a Deos, l. II, c. 17, n. 21, pag. 139. Em que se ha de pôr os ólhos para acertar a escolher os exercicios de mortificação, n. 22, ibid. Regra que se ha de guardar nos exercicios voluntarios da mortificação, n. 23, pag. 140. Veja-se *Exercicios de Virtude*.

Mulheres; estas, e o vinho roubão os corações dos Sábios, l. I, c. 18, n. 15, pag. 268. As obrigações das casadas, l. II, c. 18, n. 6, pag. 152. Mayor maravilha he resuscitar hum morto, que morar com huma mulher, e não cahir, Ap. tr. I, c. 1, n. 9, pag. 237. Qual deve ser o recolhimento das donzellas, Ap. tr. 2, c. 10, n. 6, pag. 406.

Mundo, todo elle he hum mar de justiça; e porque, l. I, c. 26, n. 16, pag. 397. Está semeado de laços, e ardendo em vivas chammas, em que periga o espirito; e são poucos os que escapão de tantos riscos, c. 28, n. 9, pag. 436 e seq. O mundo adora o dinheiro; e por elle atropella a justiça, as leys, e a razão, n. 11, pag. 439. Hade fugir-se do mundo, pelos muitos males que tem, n. 12, pag. 440. Aos que buscão a gloria do mundo, esta lhes parece alegre, e gostosa; mas logo se descobre outra, n. 14, pag. 442. Explica-se qual seja a sua gloria, n. 16, pag. 364. Sua definição, ibid. He semelhante ao inferno, n. 18, pag. 444. He impossivel achar-se no mundo a verdadeira felicidade, e descanço, n. 19, pag. 366. He hypocrita, porque finge felicidades, estando cheyo de miserias, n. 26, p. 454. He cousa lastimosa servir ao mundo, especialmente nestes tempos, Cart. n. 13, pag. 221.

Murmuração, acha-se em todos geralmente; porem em alguns de tal sorte que só achão gosto em murmurar, l. II, c. 11, n. 4, pag. 65. Tres cousas, a que se compara a murmuração, n. 7, pag. 66. Alguns murmuradores são como o sangrador, n. 10, pag. 68. Não se ha de murmurar, nem ainda de quem nos offendêo, n. 11, ibid. A murmuração contra os bons he mais grave, e mais culpavel, n. 14, pag. 70. O mofar dos outros he mais grave peccado que o murmurar, n. 15, ibid.

N

Negar-se a si mesmo, que cousa seja, l. II, c. 15, n. 36, pag. 103.
Novissimos. Veja-se *Homem*, *Morte*, *Juizo*, *Inferno*, e *Gloria*.

O

Obediencia; com mais luz, e sabedoria do Espirito Santo que se ache o justo, nem por isso ha de deixar de sujeitar-se ao parecer dos mayores, etc., l. I, c. 14, n. 14, pag. 215. E porque, ibid. Em faltando a obediencia a Deos, falta a paz da alma, como se vio em Adão, e no Anjo, c. 16, n. 5, pag. 239 e seq. O varão obediente cantará victorias. Faz Deos a sua vontade; porque elle faz a de Deos, c. 20, n. 7, pag. 303. Tres gráos de obediencia; e quáes sejão, l. II, c. 17, n. 18 e seq., pag. 136 e seq. O que os tiver, terá alcançado a resignação, n. 26, pag. 141. Mais tres gráos de obediencia; e quáes sejão, etc., c. 18, n. 4, pag. 151. Os Prelados hão de ser obedecidos com todo o cuidado; e não se ha de murmurar delles, etc.. n. 5, pag. 152.
Obras exteriores. Veja-se *Exercicios de Virtude*.
Ociosidade. Veja-se *Preguiça*.
Odio santo de si mesmo; que cousa seja, l. II, c. 15, n. 40, pag. 105. Veja-se *Aborrecimento* : e *Ira*.
Oração. As pessoas que tratão de oração, devem reformar os óllhos, abstendo-se de ver não só o que lhes póde fazer mal, mas tambem edificios curiosos, etc., l. II, c. 15, n. 22, pag. 97. E os ouvidos, apartando-os não só de ouvir cousas más, mas tambem as curiosas, etc., n. 23, pag. 98. E o sentido do olfato, não trazendo cheiros, nem sendo amigo delles, n. 24, ibid. O pedir a Deos na oração, he o meyo universal, por onde se alcança o allivio de todas as nossas necessidades, l. I, c. 20, n. 5, pag. 301. Este exercicio he necessario para melhor cumprir com as obrigações de justiça, l. II, c. 17, n. 20, pag. 138. Effeitos, e fructo da Oração mental, Ap. tr. 1, c. 17, n. 11, pag. 334. Deos ouve aos bons em suas orações para remedio de suas miserias, l. I, c. 20, n. 1, pag. 298. Deos ouve as orações dos bons; os quáes alcanção com ellas tudo, o que lhes convêm para seu bem, n. 6, pag. 302. Quantas cousas acabárão os Santos com a oração, n. 7, pag.

303. Ouve Deos os bons como filhos; e commummente despede os máos como inimigos, n. 9, p. 305. Algumas vezes ouve Deos as orações dos máos; e porque, ibid. Oração, que o homem deve fazer a Deos, para ter para com elle coração de filho, l. II, c. 17, n. 16. pag. 134. Para que esta suba a Deos, necessita de azas, que são o jejum, e esmola, Ap. tr. 1. c. 17, n. 9, pag. 333. Veja-se *Consideração* : e *Exercicios de Virtude.*

Orações muy devotas para varios propositos : Para despertar a alma á compunção, e dôr dos peccados. Ap. tr. I, c. 4, n. 1 e seq., pag. 258. n. 1 e seq. Outra para pedir perdão dos peccados, c. 5, p. 260. Outra muy especial, e efficaz para o mesmo, c. 6, n. 1 e seq., pag. 262. Oração do Angelico Doutor S. Thomás, para antes da Communhão, Tr. 2. c. 11, n. 1 e seq., pag. 413. Outra do mesmo Santo para depois, c. 12 e seq. 422.

P

Paciencia, nos trabalhos, l. II, c. 17, n. 28, pag. 143. Aproveita nos trabalhos para alcançar a resignação, n. 29, pag. 144. Tres gráos de paciencia; e quáes sejão, n. 37, pag. 148. O I. remedio para soffrer com paciencia os trabalhos desta vida, qual seja, n. 31, pag. 145. O II, n. 32, ibid. O III, n. 33, pag. 145. O IV, 34, pag. 146. O V, e mais efficaz, n. 35, ibid. Veja-se *Trabalhos.*

Pays, com os livros dó Veneravel P. M. Fr. Luiz de Granada hão de criar os pays seus filhos, Prol. do I liv., n. 10. Quão grande seja o poder dos pays sobre os filhos, l. I, c. 2, n. 2, pag. 60. O officio de pay he castigar os filhos, para emendal-os, l. II, c. 17, n. 29, pag. 144. Obrigações dos pays para com os filhos, c. 18, n. 7, pag. 152.

Paixão de Christo. Veja-se *Christo.*

Paixões, sua mortificação, l. II, c. 15, n. 31, pag. 101. Para sua reforma ajuda grandemente a da vontade, n. 38, pag. 104.

Paz da alma, razão porque o peccado a tira, l. I, c. 16, n. 5, pag. 239. Em faltando a obediencia a Deos, falta a paz da alma, ibid., pag. 239. Prova-se com os exemplos de Adão, e dos Anjos rebeldes, ibid. A bemaventurada paz, e quietação interior, de que gozão os bons, c. 10, n. 1, pag. 149. Tres generos de paz; e quáes sejão, ibid. A felicidade, e conten-

tamento do coração só Deos a dá, e não os bens deste mundo, n. 7, pag. 155 e seq. A causa da paz, e socêgo, em que vivem os bons, he terem a Deos, e em ordem a elle governarem todas as suas acções, n. 9, pag. 158. Os bons gozão de socêgo, e quietação sem soçobro que os perturbe, ibid. Vive o justo com paz, e socêgo, rodeado de trabalhos, porque lhe assiste o Espirito Santo, n. 11, pag. 159 e seq. Esta paz interior procede, I de todos os privilegios da virtude referidos nos Capitulos antecedentes, n. 13, pag. 161. II procede da liberdade, e domînio das paixões, n. 14, pag. 162. III das consolações espirituáes, n. 15, pag. 164. IV da boa consciencia, n. 16, ibid. V da confiança, que os bons tem em Deos, n. 17, ibid. A paz interior he huma das tres cousas, em que S. Paulo ad Rom., 14, diz consiste o Reyno de Deos, n. 13, pag. 161.

Peccado. Effeito do peccado original, Prol. do liv. I, n. 3. O que se perde, e ganha pelo peccado mortal, Ap. tr. 1, c. 3, n. 8 e seq., pag. 246 e seq. Recopilação do que o homem era pela graça, e do que perdêo pelo peccado, n. 11, pag. 248. A gravidade do peccado mortal he infinita, n. 12, pag. 249. Em que consiste o peccado mortal; e a injuria, que se faz com elle a Deos, n. 15 e 16, pag. 251. Odio que Deos lhe tem; e os castigos espantosos, que por elle tem feito, n. 17 e 18, pag. 253 e seq. Avisos geráes para conhecer que cousa seja peccado mortal, Ap. tr. 1, c. 14, n. 2 e seq., pag. 309. Por não peccar mortalmente, padecêrão os Martyres horriveis tormentos, l. II, c. 3, n. 3 e seq., pag. 8 e seq. Em mais se ha de estimar não peccar mortalmente, que todos os thesouros do mundo, n. 6, pag. 10. Simil para explicar, como de todas as cousas se ha de tirar hum firme proposito de não peccar mortalmente, n. 7, ibid. Mayor mal he hum só peccado mortal, que todas as calamidades do mundo, e penas do inferno juntas, n. 8, ibid. Tendo Christo posto as mãos em a Cruz por nós, não as haviamos nós ter para peccar, l. I, c. 4, n. 12, pag. 87. O que peccou, deve indignar-se contra seus peccados, que matárão a Deos: imitando nisto o que fez hum cão contra o homicida de seu Senhor, n. 13, pag. 88. Ninguem por si póde sahir do peccado, sem a graça de Deos, c. 5, n. 2, pag. 91. Explica-se com hum simil a inclinação do homem ao peccado, ibid. Danos que o peccado causa na alma, n. 6, pag. 94. Quatro espinhos, que comsigo traz o peccado:

e quáes sejão, c. 16, n. 3, pag. 236 e seq. Estes atormentão o coração dos máos, como disse hum dos amigos de Job, n. 4, pag. 238. Em poucas palavras comprehende Santo Agostinho a razão, porque o peccado punge, e tira a paz da alma, n. 5, pag. 239. Pelo peccado se faz o homem escravo do demonio, mundo, e carne, c. 18, n. 5, pag. 260. Em que consiste o *somes peccati*, isto he, o pasto, e nutrimento do peccado, n. 6, 261. Os peccados são causa da perdição dos Reynos, e de que os subjuguem os Barbaros, c. 22, n. 8, pag. 325. Dous diluvios universaes tem havido no mundo; e ambos pelo peccado; e quáes forão, c. 20, n. 1, pag. 298. Rigor da divina justiça; e odio que tem ao peccado, c. 22, n. 6, pag. 323 e seq. O peccado de muitos dias he muy difficil de curar; e pelo contrario, o de poucos, c. 24, n. 11, pag. 356. Castiga Deos os peccados, permittindo que elles mesmos sejão nossos verdugos, n. 19, pag. 360. He tão grande a satisfação, que Deos pede pelos peccados, que apenas póde o mesmo dia descarregar-se a si mesmo, n. 20, pag. 360. Sempre o homem deve viver temeroso dos peccados, ainda que sejão passados, c. 26, n. 24, pag. 402. O peccado traz comsigo o castigo de Deos ainda nesta vida, c. 28, n. 6, pag. 434. Se Deos nos abrira os olhos, veriamos mais demonios, que atomos, n. 13, pag. 441. Qual seja a principal arma para pelejar contra o peccado, l. II, c. 3, n. 11, pag. 12. Quando são mortáes, os peccados capitáes, n. 9, pag. 11. Todos os peccados nascem do amor proprio, c. 4, n. 2, pag. 14. Considerações para aborrecer o peccado, Ap. tr. 1, c. 3 e §§ seq., pag. 242 e seq. Quáes sejão os peccados de omissão, e commissão, Ap. tr. 1, c. 18, n. n. 2, pag. 336 e seq. Vivem em grande perigo de commetterem cousas grâves, os que lhes parecem ligeiros os peccados veniáes, e que muitos não fazem hum mortal, l. II, c. 12, n. 1, pag. 73. Em parte he mayor o perigo de cahir nas culpas ligeiras, que nas graves. Explica-se como se entende isto, ibid. Os peccados veniáes, por pequenos que sejão, causão sete males na alma e quáes sejão, n. 2, pag. 74. Estes se commettem por muy ligeiras causas, n. 3, ibid. Avisos geráes para conhecer que cousa seja peccado venial, Ap. tr. 1, c. 14, n. 2 e seq., pag. 309 e seq.

Peccador, he habitação de viboras, dragões, etc., que são os espiritos malignos, l. I, c. 5, n. 8, pag. 97. Desengano do peccador adormecido, e esquecido da ultima conta, c. 7, n. 4,

pag. 115. Grande perigo, e miseria he, viver o peccador destituido da paternal providencia de Deos, c. 12, n. 20, pag. 196. Ira, e castigos, com que Deos ameaça o peccador, n. 22, pag. 197. Hum dos mayores males, com que Deos costuma ameaçar, e castigar os peccadores, he levantar delles a mão da sua paternal providencia, n. 23, pag. 198. Similes para explicar como fica a alma sem Deos pelo peccado, ibid., pag. 198. Por haver Deos deixado os peccadores, andão estes sempre percecendo de fome, e sede, c. 19, n. 5, pag. 287. Quando Deos abre os ólhos ao peccador, todas as cousas lhe parecem muy diversas. c. 11, n. 9, pag. 175. Declara Deos o que fará com o peccador, com o que diz por Isaias, cap. v, c. 12, n. 19, p. 195. Miserias, e calamidades, com que Deos ameaça os peccadores, e a tudo o que lhes toca, c. 22, n. 6, pag. 322. Calamidades que succedêrão ao pôvo de Israel, porque offendêo a Deos, n. 7, pag. 324. As que este povo padecêo por seus peccados, são geráes a todos os povos, que os commêttem. Mostra-se com a Escriptura, e Historia, n. 8, pag. 325 e seq. Não faltão á malicia humana escusas, e apparentes razões, com que se defenda, e console em seus peccados, c. 24, n. 1, pag. 349. Communs enganos, com que o demonio perverte os entendimentos humanos, para os ter cativos em seus peccados, ibid., pag. 349. Dizem alguns, que ao presente não podem servir a Deos; que para o diante o farão mais facilmente, e melhor, n. 2, 350. A conversão do peccado ha de ser logo, n. 3, ibid. Pelo não fazerem assim se condenárão muitos, como o Rico do Evangelho, n. 4, pag. 351. A I causa, porque o peccador dilata o converter-se a Deos, he, pelo costume de peccar, que he como outra natureza, n. 6, pag. 352. A II pelo domînio, que o demonio tem sobre o peccador, n. 7, pag. 353. A III porque Deos está apartado do peccador, ibid. A IV pela corrupção das potencias da alma, n. 8, ibid. Quanto mais o peccador dilata a conversão, tanto esta se lhe faz mais difficil, n. 9, pag. 354. He engano do demonio, entender o peccador, que para o diante lhe será mais facil servir a Deos, n. 10, pag. 355. Explica-se com hum exemplo a loucura dos peccadores, que não podendo com a carga de hum peccado, lhes parece poderão com a de muitos, n. 12, ibid. O poder só do mão costume he grande para deter ao homem em seus peccados, n. 13, pag. 356. Dos enfermos, que estavão junto á piscina, saráva

o primeiro que chegava: que significava isto, n. 26, pag. 365. Deos castiga os peccadores, permittindo que cayão em outros peccados, c. 26, n. 15, pag. 396. O que está em peccado, está debaixo da justiça Divina, n. 17, p. 397. O amor proprio engana ao peccador, para que confiando falsamente na divina misericordia, persevére em seus peccados, n. 20, pag. 400. Razões efficazes para que o peccador não persevere em seus peccados com a vãa esperança da misericordia divina, n. 22, pag. 401. Não he verdadeira esperança, mas presumpção, e peccado contra o Espirito Santo, entender, que sem mudança de vida, perseverando nas culpas, se salvará o peccador, n. 23, pag. 401. As maldições, que se referem na Escritura, são contra os peccadores, n. 24, pag. 402. He grande blasfemia perseverar nos peccados, porque Deos he misericordioso, n. 1. pag. 387. Cousa antiga he no demonio persuadir esta confiança aos peccadores, n. 2, pag. 313. Grande beneficio faz Deos ao homem em apartal-o dos peccados; e grande final de ira, e castigo, deixal-o cahir nelles, n. 15, pag. 396. Faz grande injuria a Deos, o que diz serem grandes os seus peccados, e que por elles lhe será negada a graça; e por esta causa differe sua conversão, c. 27, n. 8, pag. 412. Muda Deos os peccadores por meyo da sua graça, de sorte, que lhes faz amar o que d'antes aborrecião, etc., o que experimentão cada dia os bons Confessores, n. 21, pag. 422. Os peccados, em quem está acostumado a elles, pedem como de direito, que os não deixe, quem quer melhorar de vida, n. 24, pag. 424. Andão os peccadores como encantados, e cegos, não vendo os males, que comsigo traz a má vida, c. 28, n. 10, pag. 437. Excede toda a admiração, que crendo os homens o que ensina a Fé, offendão a Deos, c. 10, n. 17, pag. 165. Veja-se *Máos. Providencia: e escravidão, em que vivem os máos.*

Penas do inferno; são muitas, e differentes as penas dos condenados no inferno, l. I, c. 8, n. 5, pag. 129. O não poder soffrer pequenas penas nesta vida, nos devia mover a obrar para livrar-nos das eternas, n. 8, pag. 132. Quando os máos forem condenados, verão seus erros, servindo-lhes de mayor pena, por ver que não tem remedio, n. 9, pag. 134. Se hum condenado derramára de mil em mil annos huma só lagrima, ainda que com ella se chegasse a encher de agua todo o mundo, estaria a duração da eternidade no mesmo ser que no principio; do que se rastejará alguma cousa

da duração destas penas, c. 10, n. 14, pag. 162. A consideração da duração destas penas foi bastante para reformar a vida, e ser Santo hum homem mundano, ibid. Veja-se *Inferno*.

Penitencia, chama-se *Resurreição*, porque he imitação da futura resurreição, c. 5, n. 7, pag. 95. O que aqui não quer fazer penitencia, a fará no inferno para sempre sem remedio. Declara-se com o fogo da fornalha de Babylónia, c. 10, n. 16, pag. 164. Muitas almas se condenão por differir a penitencia até a hora da morte, c. 25, n. 1, pag. 366. Deos a póde inspirar quando quizer; e em qualquer tempo que a inspire, he poderosa para salvar: porem rara vez a inspira ao que a guarda para a hora da morte, n. 2, pag. 367. Sentença de Santo Agostinho sobre esta dilação, ibid. Singular dito de Santo Ambrosio á cerca do que differe a penitencia até o fim da vida, n. 3, pag. 368. O que faz penitencia ao tempo que está são, vai bem encaminhado, ibid. Palavras muy temerosas, que S. Jerónymo disse á hora da morte, n. 5, 369. Diz Eusebio, que por maravilha terá bom fim aquelle, cuja vida foi sempre má, ibid. pag. 369. O mesmo diz S. Gregorio, n. 6, 371. Escoto, diz, que a penitencia da hora da morte apenas he verdadeira, n. 10, até 20, pag. 372, e seq. A que fez Semey por necessidade, não lhe aproveitou; e o mesmo succede a muitos Christãos, por querer fazel-a á hora da morte, n. 16, pag. 375. S. Gregorio diz que permitte Deos, que o peccador se esqueça de sua Divina Magestade na morte, porque se esquecêo delle em vida, n. 18, pag. 376. Escoto diz, que o Christão, que com deliberação determina guardar a penitencia para a hora da morte, pecca mortalmente, n. 20, pag. 377. Authoridades da Escritura á cerca da penitencia final, n. 21, e seq., pag. 378, e seq. Não he seguro, e certo dizer: O bom ladrão convertêo-se á hora da morte, pois eu tambem me converterei, n. 24, pag. 381. Não he acertado differir a conversão para esta hora com a esperança, de que se receberão os Sacramentos, ao menos com attrição, n. 27, pag. 384. Tão pouco he bom consolar-se com os Ninivitas, se não se muda a vida, como elles fizerão, n. 29, pag. 384. Exemplos de peccadores, que buscando a penitencia á hora da morte, não a achárão, n. 30, pag. 385, e seq. A verdadeira penitencia causa na alma o

justissimo desejo de castigar sua carne. Dá-se a razão porque alguns penitentes ao principio de sua conversão costumão fazer raras penitencias. Ap. tr. I, c. 16, n. 4, 5, 6, pag. 316, e seq. Exemplo, e historia do rigor, e aspereza admiravel, que S. João Climaco vio em hum Mosteiro chamado *Carcere*, n. 8, até 18, pag. 317, e seq. Petições, que fazem a Deos os verdadeiros penitentes, n. 17, pag. 318. Sentença de S. João Climaco para consolação dos verdadeiros penitentes, n. 18, pag. 318. Das tres principáes obras, com que satisfazemos a Deos. Ap. tr. I, c. 17, e §§, seq., pag. 326, e seq. Veja-se *Conversão.*

Penitencia Sacramento. Veja-se *Confissão.*

Perfeição. Veja-se *Virtude.*

Perfeições Divinas. Veja-se *Deos.*

Piedade; esta e a verdadeira sciencia, e amor divino só se acha na lição da Doutrina de Christo. Cart. 14, e seq., pag. 182, e seq.

Pobreza, não he virtude, se não o amor a ella, l. II, c. 5, n. 8, pag. 27. Que cousa seja pobreza de espirito; e que effeito causa, c. 15, n. 39, pag. 105.

Predestinação; o beneficio da predestinação he a graça das graças, l. I, c. 6, n. 1, pag. 106. He beneficio dos beneficios, n. 2, ibid. He final de predestinação, o perseverar largo tempo na boa vida, n. 3, pag. 107. Ninguem por esta perseverança se póde ter por seguro de conseguir a gloria, em quanto vive neste mundo, n. 4, pag. 108. O commum he, que o que he virtuoso quando moço, o será tambem quando velho, ibid., pag. 108. Circunstancias, que se devem attender no beneficio da predestinação para o agradecer, n. 6, pag. 109. He esta hum singularissimo beneficio, e motiva singularissimo agradecimento ao predestinado, ibid., pag. 110. Ninguem se ha de ter por exclûso delle, fazendo o que deve da sua parte, n. 10, pag. 111. Deos obra cousas admiraveis por seus predestinados, e escolhidos na vida, e na morte, c. 9, n. 4, pag. 137. São estes significados na visão de Jeremias Cap. XXIV, nos cestos de figos, c. 10, n. 1, pag. 149.

Prégador. A doutrina do I e II Livro da Guia, serve especialmente para os Prégadores. Prol. do I liv., n. 11. S. Francisco, e S. Domingos mandão em suas Regras, que se não prégue outra cousa mais que vicios, e virtudes; pena, e gloria, l. I, c. 7, n. 1, pag. 112. A quem se ha de prégar a Misericordia, e

a quem a Justiça, c. 26, n. 26, pag. 404. Tem pouca razão os Prégadores, que com demasiado zelo pregão contra as pessoas, que frequentão os Sacramentos. Ap. tr. 2, c. 10, n. 13, pag. 411. O que deve prégar, o que tem verdadeiro zelo, n. 13, pag. 411.

Preguiça; que cousa seja, l. II, c. 10, n. 1, pag. 58. Dez remedios contra a preguiça, n. 2, até 9, pag. 58, e seq. Outro remedio, c. 13, n. 8, pag. 76. Em que podemos offender a Deos com a preguiça. Ap. tr. I, c. 11, n. 6, pag. 306.

Prelado; suas obrigações, l. II, c. 18, n. 2, pag. 150. O que devem prudentemente avisar em seus Capitulos. c. 20, n. 3, pag. 163. Hão de dispensar em tudo, o que for impedimento da caridade, n. 4, pag. 165.

Providencia de Deos, a que tem Deos que o servem, conhecerá quem tiver lido as Escrituras, l. I, c. 12, n. 2, pag. 180. Razão porque a Providencia de Deos he mayor para com os bons, que a de qualquer pay para com seus filhos, ibid., pag. 180. A mayor riqueza do Christão he a providencia, que Deos tem delle e qual seja esta se declara com muitos testemunhos da Escriptura, n. 3 e 4, pag. 182, e seq. Tem Deos providencia do justo, não só por si, mas tambem por ministerio dos Anjos, n. 4, 183. He tão grande esta providencia, que ainda o peccado faz, que seja para seu bem, n. 5, pag. 184. Tem Deos providencia do justo, e por elle de seus filhos, descendentes, e criados; e pelos criados bons, dos senhores máos, n. 6, pag. 185. Nomes, ou titulos, que se attribuem a Deos na Sagrada Escritura, por causa da Providencia, que tem dos justos: e os officios que exercita para com elles, n. 7, até 14, pag. 186, e seq. He grande consolação do justo ter a Deos tão officioso em seu bem, n. 16, pag. 192. Providencia para com os máos, para castigo de suas maldades, n. 17, pag. 194. Esquece-se Deos dos máos; e assim estão como fazenda sem dono; escóla sem mestre etc., n. 18, pag. 195. A providencia de Deos procura, e negocêa aos peccadores os males, n. 21, pag. 196. Iras, e castigos, que Deos ameaça aos que lhe voltão as costas, n. 22, pag. 197. Hum dos mayores males, com que Deos costuma castigar, e ameaçar os máos, he com levantar delles a mão de sua paternal providencia, n. 23, pag. 198.

Proxima. O homem com seus proximos deve exercitar a caridade,

e misericordia, l. II, c. 16, n. 1, pag. 118. Veja-se *Caridade. Esmóla*, e *Misericordia.*

Prudencia; que cousa seja, e seus officios, l. II, c. 15, n. 46, pag. 109. A prudencia he virtude geral n. 47. ibid. He acto de prudencia; I dirigir todas as obras a Deos, ibid. II saber tratar com proveito os proximos, n. 48, pag. 110. III soffrer seus deffeitos, e dar passagem ás fraquezas alhêas, n. 49, pag. 110. IV conhecer-se a si mesmo, n. 50, ibid. V saber governar a lingua, n. 51, ibid. VI não se fiar de todos, n. 52, pag. 111. VII prevenir-se antes dos perigos, n. 53, ibid. VIII saber tratar o corpo com discrição, e temperança, n. 54, ibid. IX saber tomar as occupações com temperança, n. 55. ibid. X entender as artes, e ciladas do inimigo, n. 56, pag. 112. XI saber temer, e acometer, n. 57, ibid. Cinco cousas ha de fazer o verdadeiro prudente, antes que determine os negocios; e quaes sejão, n. 59, pag. 113. Para acertar nos negocios pela prudencia, se fóge de dous extremos, n. 60, pag. 114. A prudencia ensina a não olhar á antiguidade, ou novidade das cousas, mas aos seus meritos, para acertar nos negocios, e provisões dos cargos, n. 61, pag. 115. Tambem ensina a não reger-se pela apparencia das cousas, n. 62, ibid. Ensina finalmente a não ser facil em seis cousas o verdadeiro prudente e quáes sejão, n. 63, pag. 115. O I meyo por onde se alcança a prudencia, he a experiença, ibid. n. 64, pag. 116 O II humildade de coração, sendo a soberba, a que mais a impede. n. 65, pag. 116. O III a humilde, e devota oração, n. 66, pag. 117.

Pureza de intenção; nas obras, l. II, c. 17. pag. 135. Muitos ha, que obrão bem só por seu proprio interêsse, e gloria; e estas obras diante de Deos são fumo, e sombra de justiça, n. 13, pag. 132. Christo nos amou de pura graça, sem nenhum interêsse; e tal deve ser o nosso amor, n. 14, pag. 133. Devemos pedir a Deos esta pureza de intenção instantemente; e para que, n. 15, ibid.

Purgatorio; as suas penas sobrepujão a todas, que se padecêrão, e podem pàdecer neste mundo, l. I, c. 25, n. 2, pag. 367.

R

Religiões, ha nellas, e nos seus sujeitos grande diversidade, para a formosura da Igreja, l. II, c. 21, n. 12 e 13, pag. 181.

Remedios contra o peccado, apontão-se nove, l. I, c. 10, n. 1, até 114, pag. 149 e seq. Recopilação dos motivos, para não peccar, e temer a justiça divina, n. 13, pag. 161.

Reprobação, he sinal della, o dar Deos muito a quem usa mal delle, l. I, c. 3, pag. 68.

Resignação, que cousa seja; e porque se chama assim, l. II, c. 17, n. 26, pag. 141. Que se requer para ser verdadeira, ibid., pag. 142. A verdadeira resignação he o mayor dos sacrificios, que o homem póde fazer a Deos; e porque, n. 17, pag. 135.

Restituição, apontão-se tres razões para convencer, que se deve restituir o alhêo, l. II, c. 5, n. 10, 11 e 12, pag. 29 e seq. O que póde, deve restituir logo. Apr. tr. 1, c. 1, n. 7, pag. 236. Quem são os que tem obrigação de restituir, ibid. Ha obrigação de restituir a fama, e a honra; e como se ha de fazer, n. 8, pag. 237.

Ricos. O rico regularmente ou he máo, ou herdeiro de máo l. II, c. 5, n. 4, pag. 25. Os ricos achão a Christo, quando lhe offerecem seus thesouros, n. 9, pag. 28. O rico, que nesta vida guarda seus thesouros, não os achará nos Ceos. ibid.

Riquezas; as verdadeiras são piedade, e contentamento com a sorte, que Deos nos dêo, l. II, c. 5, n. 14, pag. 31. Danos das riquezas. Cart. n. 4, pag. 206 e seq.

S

Sacerdotes, os máos no Altar desprezão a Christo, l. I, c. 5, n. 17, pag. 104. Porque se achão muitos sacerdotes pouco aproveitados, celebrando todos os dias. Ap. tr. 2, c. 5, n. 1, pag. 369.

Sacramento do Altar. Veja-se *Communhão*: e *Eucharistia*.

Sacramentos, seu uso; e do proveito, que se recebe com sua frequencia. Ap. tr. 2, c. 8, per tot. pag. 385 e seq. Que cousa sejão os Sacramentos. n. 2, ibid. Porque são muitos, ibid, pag. 385.

Salvação. Poucos são os que se salvão, e muitos os que se condenão, l. I, c. 26, n. 18, pag. 398 e n. 21, pag. 400.

Satisfação das culpas; terceira parte da confissão. Ap. tr. 1, c. 15, 16, 17, pag. 323 e seq. Da necessidade, que temos de satisfação, ibid. Seu proprio officio, n. 1. As obras penosas para

a carne, servem especialmente para a satisfação, c. 15, n. 5, pag. 313. Da origem, e causa da satisfacão, c. 16, pag. 323. A verdadeira penitencia causa na alma o justissimo desejo de castigar sua carne, n. 3 e 4, pag. 315.

Senhores, a obrigação que tem para com sua familia, escravos, e criados, l. II, c. 18, n. 8, pag. 153.

Sentidos, sua guarda, l. II, c. 12, n. 22, pag. 81.

Servir a Deos. Ainda que ao peccador lhe fôra mais facil, o servir a Deos para o diante, não o havia dilatar, I pelo muito que perde pelo não fazer logo, l. I, c. 24, n. 16, pag. 358. Logo sem dilação se ha de servir a Deos, por evitar os males, que entre tanto se fazem, n. 17, pag. 359. Deve o homem desde logo, servír a Deos, por não ter de derramar tantas lagrimas por seus peccados, como David, n. 18, ibid. II não se deve dilatar, para que não haja tantas difficuldades para a boa vida, n. 19, pag. 360. III por não deixar para a velhîce a penitencia, n. 20, ibid. IV pela grandeza dos beneficios recebidos, e da gloria promettida, n. 21, pag. 362. V porque *ab æterno* Deos o amou para a gloria, n. 22, pag. 362. VI porque Deos lhe dêo seu Filho, para que o remisse com sua vida, n. 23, pag. 363. O homem deve servir a Deos desde sua mocidade, n. 24, ibid. Serviços de obrigação para com Deos, l. II, c. 17, n. 20, pag. 138. O que começa a servir a Deos, deve estimar em muito a emprêza, que toma, c. 1, n. 1, pag. 3. Todas as creaturas nos convidão, a que sirvamos a Deos, n. 2, pag. 4. O que começa a servir a Deos ha de ter hum coração esforçado, para vencer todas as difficuldades, que se offereção, c. 2, n. 1, pag. 4. e n. 2, pag. 5. Contra o que trata de servir a Deos, se conjura todo o mundo, demonio, e carne, n. 1, pag. 5. O que começa a servir a Deos, ha de entender, que começa huma batalha, n. 2, pag. 5. e cap. 23, n. 4, pag. 190. Mais poderosos oppositores estão da parte da virtude, que do peccado, l. II, c. 2, n. 2, pag. 5. O que quer servir a Deos, ante todas as cousas, deve plantar em sua alma hum firme proposito de nunca fazer cousa, que seja peccado mortal, c. 3, n. 1, pag. 7. Do cuidado, e vigilancia, com que deve viver o varão virtuoso, c. 22, n. 1 e seq, pag. 184. e seq. Deve o servo de Deos ter grande cuidado, e vigilancia para acertar em suas obras, n. 2, pag. 184. Exemplos para explicar o cuidado, que se deve ter nesta vigilancia, n. 5, pag. 186. O I remedio para ter cuidado, e vigilancia nas obras

he, considerar a multidão de perigos de peccar; e a alteza, e delicadeza do negocio de servir a Deos, n. 4, pag. 186. II considerar, que não tem o homem mais, que aquelle dia de vida, n. 6, pag. 187. III e mais excellente, he andar, quanto seja possivel, na presença de Deos, etc., n. 7, ibid. De como nos devem mover ao serviço de Deos as promessas divinas. Cart. n. 10, pag. 217. Veja-se *Deos*; e *Prégador*.

Silencio, para que ajuda, l. II, c. 19, n. 6, pag. 157. Veja-se *Lingua*.

Soberba, consiste no appetîte desordenado da propria excellencia, l. II, c. 4, n. 3, pag. 14. He mãy, e rainha de todos os vicios, ibid. Grande mal he o da soberba, pois necessitou para sua cura, que Christo fosse tão abatido etc., n. 5, pag. 15. Doze remedios contra a soberba, n. 4 até 17, pag. 15. e seq. Outros cinco remedios, n. 17, pag. 22. A soberba faz de Anjos demonios, n. 4, pag. 15. O seu principal fundamento he a ignorancia de si mesmo, n. 11, pag. 20. Dos peccados, que se podem commetter por soberba, Ap. tr. 1, c. 11, n. 1, e seq., pag. 302 e seq.

Solidão; para que serve a solidão, e o retiro, l. II, c. 19, n. 6, pag. 157.

Solicitude, e cuidado do servo de Deos. Veja-se *Servir a Deos.*

Subdito, ha de olhar ao Prelado, não como a homem, mas como a Deos, l. II, c. 18, n. 3, pag. 151. Tres gráos de obediencia; e quáes sejão, n. 4, ibid.

T

Temor de Deos. Todos devem viver com temor na casa de Deos, l. I, c. 26, n. 5, pag. 389. Este se conserva com a consideração das obras da Divina Justiça, n. 6, ibid. He guarda da innocencia, l. II, c. 17, n. 6, pag. 127. Ao temor de Deos pertence temer as obras boas, e más, n. 7, ibid. Tambem o estar com reverencia nas Igrejas, ibid. pag. 128. O temor de Deos procede de seu amor, e do temor servil, n. 8, ibid. Considerações que servem para o temor de Deos, ibid. Pelo temor costuma Deos a entrar na alma. Ap. tr. 1, c. 7, n. 6, pag. 273. Que deve fazer a alma, quando se acha com grande temor, e dôr de seus peccados; e porque lho dá Deos, n. 7, pag. 274.

Temperança. Veja-se *Abstinencia.*

Tentação. A mayor força da tentação consiste, em se nos propôr muy confórme á razão, o que he mais contra ella, l. II, c. 3, n. 11, pag. 12. Tentação da soberba, e reposta da humildade, c. 13, n. 10, pag. 77. Da Hypocrisîa, e reposta da verdadeira Religião, n. 12, pag. 77. Da desobediencia, e reposta da sujeição, e obediencia, n. 13, pag. 78. Da inveja, e reposta da concordia, n. 14, pag. 78. Do odio, e reposta do verdadeiro amor, n. 15, pag. 79. Da murmuração, e reposta da correção caritativa, n. 16, pag. 79. Da ira, e reposta da paciencia, n. 17, pag. 80. Da dureza de coração, e reposta da mansidão, n. 18, ibid. Da presumpção, e temeridade, e reposta da devida satisfação, n. 19, pag. 80. Da preguiça, e frôxidão, e reposta da diligencia, e trabalho, n. 20, pag. 81. Da escasseza, e avareza, e reposta da misericordia, n. 21, ibid. Da gula, e reposta da temperança, n. 22, ibid. Da vãa alegria, e reposta da moderada tristeza, n. 23, pag. 82. Da loquacidade, e reposta do discreto silencio, n. 24, ibid. Da luxuria, e reposta da castidade, n. 25, pag. 82.

Testamento, se ha de cumprir logo; e o que o póde cumprir em vida, não o deve deixar a outro que o faça, l. 2. c. 5, n. 13, pag. 30.

Trabalhos. Duas cousas especialmente movem a vontade dos homens a qualquer honesto trabalho, l. I, c. 1, n. 1, pag. 45, Os trabalhos soffridos por Deos causão cem vezes mais alegria, que os gostos do mundo, c. 11, n. 9, pag. 175. Os que padecêo o povo de Israel por seus peccados, são geráes a todos os pôvos, e Reynos, que offendem a Deos, c. 22, n. 8, pag. 325. Com a virtude se alcanção forças para passar alegremente pelos trabalhos, e miserias desta vida, c. 21, n. 1, pag. 306. Considerações, com que os justos se animão a soffrer os trabalhos, ibid. Com o favor da divina graça soffrem os justos os trabalhos, n. 2 e 3, pag. 307 e seq. O justo soffre os trabalhos com o soccorro das virtudes, exercitando seus proprios officios, n. 4 e 5, pag. 309 e seq. Os justos soffrem os trabalhos, porque a esperança viva os ajuda, n. 6, pag. 311. Quando não bastão todas estas cousas, tornão os justos sobre si com outras considerações, com que soffrem os trabalhos, n. 7, ibid. A virtude, e temor de Deos foi causa da paciencia nos trabalhos do Santo Tobias, ibid., pag. 312. A causa da impaciencia, e furor dos máos em seus trabalhos he por falta das virtudes, n. 8, pag. 313, Diversos effeitos, que os trabalhos

causão nos justos, e nos peocadores, n. 8, pag. 313, Effeitos lastimosos, que causão os trabalhos nas mulheres, quando lhes faltão as virtudes, n, 9, pag. 314. Os máos parecem ter aqui com os trabalhos hum inferno começado; e porque, n. 10, pag. 314. Padecem os máos trabalhos sem ganancia; o que he grande lastima, n. 11, pag. 315. Por lhes faltar nos trabalhos a paciencia, estes lhes são mais pesados, ibid. Padecem os bons as tribulações com paz, e alegria; e pelo contraria os máos. Declara-se com o que succedêo no Egypto, e na terra de Jessé, n. 12, ibid. Os justos tirão muito proveito dos trabalhos; e os máos muito damno. Explica-se com dous similes, n. 13, pag. 315. Envia Deos trabalhos aos seus para os purificar, c. 23, n. 13, pag. 340. A perfeita caridade vence os trabalhos, que se offerecem, e com ella se buscão por amor daquelle, que se ama, c. 27, n. 12, pag. 416. Os que não tem caridade, não podem entender como se possão amar os trabalhos, n. 13, pag. 417. Muitos mais trabalhos padecem, os que seguem o vicio, que os que seguem a virtude, n. 16, pag. 419. Tem os justos em seus trabalhos muitas ajudas de custo, com que se lhes allivião, e diminuêm, n. 17, pag. 420. Trabalhos, que nesta vida vêm aos máos, por parte de Deos, c. 28, n. 6, pag. 434. Por parte dos seus Vigarios, n. 7, pag. 435. Por parte de seus appetîtes, e paixões desordenadas, n. 8, ibid. No tempo dos trabalhos se conhece a verdadeira conformidade com a vontade de Deos, l. II, c. 17, n. 30, pag. 144. Nem em todos os trabalhos se ha de alegrar o varão perfeito, n. 38, pag. 149. Quanto mayores são as graças, que Deos communica a alma, tanto costumão ser mayores os trabalhos, em que a põem, Ap. tr. 1, c. 7, n, 10, pag. 276.

V

Vangloria, o seu remedio he humilhar-se em todas as cousas, l. II, c. 10, n. 9, pag. 62.

Vicio. Para vencer hum vicio confirmado, he necessario quasi milagroso socorro da graça, l. I, c. 24, n. 6 pag. 352.

Vida. O firme proposito de não pecar mortalmente, he a substancia da vida virtuosa, l. II, c. 3 n. 1 e 2 pag. 7.

Vinho. O vinho, e as mulheres roubão o coração dos Sábios l. I, c. 18 n. 15, pag. 268. Effeitos, que procedem do demasiado vinho, l. II, c. 15, n. 17, pag. 94.

Virgindade, sua dignidade, e estimação : e seus effeitos, l. II, c. 6, n. 6 e 7, pag. 34 e seq.

Virtude, o seu partido se ha de seguir, ainda que seja muy difficil e trabalhoso, por escapar das penas do inferno, l. I, c. 10, n. 15. pag. 164. Huma das principaes causas porque se não segue, he, por parecer aos homens, que de presente não interessão cousa alguma, c. 11, n. 2, pag. 168. Deve chorar-se, o não conhecerem muitos os bens, que de presente traz comsigo a virtude, n. 3, pag. 169. A virtude no exterior parece vil, e tosca. No interior he grande senhora e joya ricamente lavrada n. 4, pag. 171. Não se deve fugir da virtude por aspera e difficultosa ; pois Deos socorre com grandes ajudas de custo, n. 5 pag. 171. O demonio propõem gostos fantasticos e Deos os da verdadeiros, n. 6, pag. 172. Gôzo, alegria, paz, abundancia de bens, e suavidades são as gáges da virtude, n. 7, pag. 173. As riquezas, que communica a virtude, são muy superiores ás do mundo, n. 8, pag. 174. Prová-se com authoridade da Escritura ser mais deleitavel o caminho da virtude, que o dos vicios, l. 1, c. 15, n. 4, pag. 344. Os máos, por não conhecerem a virtude, não a seguem ; os bons porque a conhecem vivem gostosos, e guardão o seu thesouro, c 23, n. 16. pag. 344. Só a experiencia, e uso da virtude, póde declarar o que ella he n. 17. pag. 275. Atemoriza a virtude vista de longe ; porem experimentada e alegre, he suave, ibid. pag. 344. Muitos imaginão, que a virtude se vende cara ; e he por não conhecer o muito que vale, e aproveita, ibid. Muy depréssa se acha o thesouro da virtude por quem de véras o busca, pag. 345. Doze privilegios da virtude, l. I, c. 12, até 23, pag. 180. e seq. Estes doze privilegios são como os doze fructos daquella formosissima arvore, que S. João vîo no Apocalypse, c. 23, n. 15, pag. 343. A aspereza, e difficuldade da virtude não nasce della, mas da má inclinação da nossa carne, e appetîte, c. 27, n. 1. pag. 405. Parece aos homens difficultosa a virtude, porque não põem os olhos nos soccôrros, que da parte de Deos se lhes offerece, n. 2 pag. 406. He a virtude doce, suave, e facil com as ajudas, que nos merecêo Christo. E isso significa o Nome de Jesus, e a vinda do Espirito Santo, n. 3, pag. 407. A difficuldade da virtude consiste nas más inclinações, etc. Deos promette tirar estas difficuldades, com o que fica facil, n. 4, pag. 409.

Deos dá virtude para vencer as más inclinações, com o que se faz facil, o servil-o, n. 5, pag. 410. As paixões moderadas, que ficão nos justos, não impedem a virtude, n. 6. pag. 411. A caridade faz facil o caminho da virtude, n. 11, pag 415. Ainda que no caminho da virtude haja trabalhos não se deve deixar, por ser bem da alma ; pois não se deixão os que são bem do corpo, n. 14, pag. 418. Muitos mais trabalhos padecem os que seguem o vicio, que os que seguem a virtude, n. 16, pag. 419. Considerada a difficuldade da virtude, e ajudada da divina graça, se entenderá a Sagrada Escritura, que humas vezes faz aspero, e outras suave o caminho da virtude, n. 18, pag. 420. A S. Cypriano antes de emprender o caminho da virtude, se lhe fazia difficil ; e recebida a Divina graça se lhe fez muy facil, n. 24, pag. 424 e seq. O mesmo succedeo a Santo Agostinho, n. 26, e seq. pag. 426 e seq. Logo que o homem começa a servir a Deos, o sahe a receber, como fez com o filho Prodigo, n. 29, pag. 428. Não se deve deixar a virtude por amor deste mundo ; pois he tão enganoso, c. 28, n. 1, pag. 429. A virtude he hum tão grande, e universal bem, que só com Deos se póde comparar, c. 29, n. 1, pag. 456. Na virtude se achão todas as causas, porque deve ser amada, ibid. A virtude he aquelle bem, que por todas as partes o he ; e assim ao justo todas as cousas lhe succedem bem, n. 2, pag. 457. Não ha razão, pela qual o homem não deva abraçar a virtude etc., n. 5, pag. 459. Louvores da virtude, n. 6, pag. 460. O fundamento principal da virtude, he o firme proposito de não peccar mortalmente, l. II, c. 3, n. 1, pag. 7. Este firme proposito he a substancia da vida virtuosa, n. 2, ibid. Ha tres generos de virtudes : e quaes sejão, c. 14. n. 1, pag. 84. Virtudes que o homem deve praticar para com sigo mesmo, c. 15, n. 1 e seq. pag. 85 e seq. Virtudes, que o homem deve praticar para com o proximo, c. 16, n. 1 e seq. pag. 118 e seq. Virtudes, que o homem deve praticar para com Deos, c. 17, n. 1, e seq. pag. 125 e seq. Todas as virtudes se podem reduzir a espirituáes, e visiveis, c. 19, n. 2, pag. 155. Virtudes espirituáes, ibid. Virtudes exteriores, e visiveis, n. 3, pag. 155. Entre as virtudes visiveis, e espirituáes, as espirituáes são mais excellentes, e necessarias, n. 4, 5, pag. 156 e seq. As virtudes corporáes, e visiveis, aindaque são menos no-

bres, são importantes para alcançar, e conservar as espirituáes, n. 6, pag. 157. Diversas comparações para explicar a differença, que ha entre as virtudes corporáes, e espirituáes, n. 10, pag. 160. Tendo a estimação dita das virtudes, não se cahirá nos erros dos Phariseus, nem herejes destes tempos, n. 11, pag. 161. Não agrada a Deos a virtude exterior sem a interior, c. 20. n. 6, 7, e 8, pag. 167. Causas, pelas quáes Deos aborece o exterior sem o interior, n. 9, pag. 168. Os que buscão só o exterior da virtude, vêm a dar em huma hypocrîsia muy perigosa de duas que ha, n. 10, pag. 169. Como se entende o que disse S. João em seu Apocalypse ; Que no caminho da virtude he melhor, o que está frio, que o que esta tibio n. 11, pag. 170. Aos que amão mais o interior da virtude, sem fazer tanto caso do exterior, convêm recomandar-lhes o exterior. E o mesmo se ha de fazer com os que amão mais o exterior, n. 17. pag. 175. A summa do caminho da virtude he, ter tão grande temor de Deos que só o ouvir o nome do peccado, nos faça tremer, n. 18, ibid. Commum engano entre pessoas virtuosas he, parecer-lhes que só se póde aproveitar na virtude, por onde elles aproveitárão, c. 21, n. 3, pag. 176. O louvarem alguns as virtudes, com que a aproveitão, desfazendo nas outras se origina de huma tacita soberba de louvar-se a si mesmos, n. 4, pag. 177.

Virtuoso, O premio da virtude do justo, he toda universidade de bens, que o coração humano póde desejar. Prol. do l. 1, n. 1. Duas cousas são necessarias para fazer ao homem virtuoso ; e quáes sejão, ibid. n. 2. Mais facil he que o homem queira ser verdadeiramente virtuoso que o conhecer como o ha de ser. Explica-se donde nasce esta difficuldade, ibid. n. 3. O commum he, que o virtuoso quando moço, o será quando velho l. 1, c. 6, n. 4. pag. 108. Deos dá ao virtuoso cento por hum nesta vida ; e depois a gloria. Explica-se como se entende isto, c. 11, n. 9, pag. 175, e seq. Exemplo de hum Religioso da Ordem de Cister em confirmação disto, ibid. pag. 177, e seq. A verdadeira virtude, e constancia acha-se entre os Discipulos de Christo, c. 21, n. 14, pag. 316. O virtuoso terá bens eternos de gloria ; e temporáes assegurados com a palavra de Deos, c. 22. n. 2, e seq. pag. 317 e seq. Tem Deos grande cuidado, de que não falte o temporal aos justos, n. 3. pag. 318. Dá

Deos aos bons prosperidades temporáes, sem que lhes fação dano etc. n. 4. pag. 319. Dá Deos aos justos os bens desta vida em ouro ; e assim não pesão, e enriquecem, pag. 320. Todos os bens se logrão com servir a Deos, n. 5, ibid. São necessarios muitos ólhos para viver virtuosamente, l. 2. c. 3, n. 12, pag 13. I, documento para viver virtuosamente o servo de Deos, e he, que para o ser verdadeiro, ha de buscar as virtudes espirituáes, e corporáes, c. 20, n. 1 e 2. pag. 162, e seq. II, pôr-se mais cuidado em buscar as virtudes espirituáes, que as corporáes, n. 3, pag. 163, e seq. III, quando concorrem juntamente virtudes corporáes, e espirituáes, primeiro se hão de pôr em execução as espirituáes, n. 4, pag. 165 IV, o verdadeiro servo de Deos procure ajuntar com as virtudes exteriores as espirituáes, que de outro modo não agrada a Deos n. 5, pag. 166. A I, causa porque na Igreja ha tanta diversidade de virtudes, em que tantos aproveitão, he a diversidade dos naturaes, c. 21. n. 8, pag. 179. A II. he a Divina graca, com que o Espirito Santo causa esta variedade, para mayor perfeição, e formosura da Igreja, n. 9. pag. 180. Veja-se *Servir a Deos*.

Vontade, esta não acha verdadeira quietação, senão só em Deos, l. 1, c. 28, n. 20, pag. 446. Da reforma da vontade se trata, l. 2. c. 15, n. 38, e seq. pag. 104 e seq. A vontade se reforma com humildade de coração, pobreza de espirito, e ódio santo de si mesmo, n. 38, e seq. pag. 104 e seq.

Z

Zelo, da gloria, e honra de Deos se trata, l. 2, c. 17. n. 11, pag. 131.

† Livros Católicos para Download

INDICE

DOS CAPITULOS QUE SE CONTEM NO SEGUNDO LIVRO

	Paginas
CAP. I. Da primeira cousa, que ha de presuppôr, o que quer servir a Deos, e dar-se á virtude	3
CAP. II. Da segunda cousa, que ha de presuppôr, o que quer servir a N. Senhor	4
CAP. III. Do firme proposito, que o bom Christão deve ter nunca fazer cousa, que seja peccado mortal	7
CAP. IV. Remedios contra a soberba	13
§ De outros remedios mais particulares contra a soberba.	20
CAP. V. Dos remedios contra a avareza	23
§ De como não deve ninguem reter o alheyo	29
CAP. VI. Dos remedios contra a luxuria	31
§ De outro genero de remedios mais particulares contra a luxuria	36
CAP. VII. Dos remedios contra a ira, e contra os odios, e inimisades, que della nascem	43
CAP. VIII. Dos remedios contra a gula	48
CAP. IX. Dos remedios contra a inveja	52
CAP. X. Dos remedios contra a preguiça	58
CAP. XI. De outro genero de peccados, de que deve procurar fugir o bom Christão	63
§ Do vicio da murmuração; escarnecer, e julgar temerariamente	65

Paginas

§ II. Dos juizos temerarios, e da observancia dos Mandamentos da Igreja 71
CAP. XII. Dos peccados veniáes 73
CAP. XIII. De outros remedios mais breves, e fáceis contra todo o genero de peccados; e espécialmente contra os sete, chamados capitáes 75
§ I. De outros remedios mais breves que Santo Agostinho dá contra todos os vicios. 76
CAP. XIV. De tres generos de virtudes, nos quáes se comprehende a summa de toda a justiça 84
CAP. XV. Do que deve fazer o homem para comsigo mesmo 85
§ I. Da reforma do corpo 86
§ II. Da virtude da abstinencia 89
§ III. Da guarda dos sentidos 97
§ IV. Da guarda da lingua 99
§ V. Da mortificação das paixões 101
§ VI. Da reforma da vontade 104
§ VII. Da reforma da imaginação 107
§ VIII. Da reforma do entendimento 109
§ IX. Da prudencia, que se deve guardar nos negocios. 113
§ X. De alguns meyos, pelos quáes se alcança esta virtude da prudencia. 116
CAP. XVI. Do que deve fazer o homem para com o proximo 118
§ Dos officios da caridade 120
CAP. XVII. Do que deve fazer o homem para com Deos 125
§ I. Do amor, que devemos a Deos 126
§ II. Do temor, que devemos ter a Deos. 127
§ III. Da confiança, que devemos ter em Deos 129
§ IV. Do zelo, que devemos ter da honra de Deos 131
§ V. Da pureza de intenção, que devemos ter nas nossas obras 132
§ VI. Da oração, com que devemos recorrer a Deos... 134
§ VII. Da acção de graças pelos beneficios recebidos.... 135
§ VIII. Da obediencia, que devemos a Deos : e de quatro gráos de obediencia 136
§ IX. Da paciencia nos trabalhos 143
CAP. XVIII. Das obrigações dos estados 150

Paginas

CAP. XIX. Primeira advertencia da estimação das virtudes, para mayor intelligencia desta regra 154
CAP. XX. De quatro documentos muito importantes, que se seguem da sobredita doutrina 162
§ I. Segundo documento 163
§ II. Terceiro documento 165
§ III. Quarto documento 166
CAP. XXI. Segunda advertencia, á cerca dos diversos modos de vidas, que ha na Igreja 176
CAP. XXII. Terceira advertencia, do cuidado, e vigilancia, com que deve viver o varão virtuoso 184
CAP. XXIII. Quarta advertencia, da fortaleza que se requer para alcançar as virtudes 188
§ Dos meyos, por onde se alcança esta fortaleza 191
Carta de Santo Eucherio Bispo de Leão de França, Discipulo de Santo Agostinho, a Valeriano seu parente, varão illustre; na qual o exhorta ao desprezo do mundo, e desejo da verdadeira bemaventurança 201
§ II. Dos danos do estado prospero 208

APPENDIX

TRATADO I

CAP. I. Da primeira parte do Sacramento da Penitencia, que he a contrição; e dos meyos por onde esta se alcança 233
CAP. II. Dos principáes meyos, por onde se alcança a contrição, e especialmente a dôr dos peccados 239
CAP. III. Das considerações, que nos podem ajudar a ter dôr dos peccados; e primeiramente a sua multidão 242
§ I. Segunda consideração, do que se perde pelo peccado 246
§ II. Terceira consideração da Magestade, e Bondade de Deos, contra quem peccamos 249

Paginas

§ III. Quarta consideração, da injuria, que se faz a Deos com o peccado 251
§ IV. Quinta consideração, do ódio, que Deos tem contra o peccado 253
§ V. Sexta consideração, da morte, e do que depois della se hade seguir 255
§ VI. Setima consideração, procedida dos beneficios Divinos 256
CAP. IV. Oração para despertar na alma a compunção, e dôr dos peccados 258
CAP. V. Segue-se outra oração para pedir a Deos perdão dos peccados 260
CAP. VI. Outra oração para pedir a Deos perdão dos peccados 262
CAP. VII. Dos grandes fructos, e proveitos, que se seguem da verdadeira contrição 371
CAP. VIII. Da segunda parte do Sacramento da Penitencia, que he a confissão : e de sete cousas, que se devem observar nella 277
§ I. Primeira advertencia para a verdadeira confissão, que he o exame da consciencia 277
§ II. Segunda advertencia, de como se deve confessar o numero de peccados 279
§ III. Terceira advertencia, de como se devem confessar as circunstancias dos peccados 280
§ IV. Quarta advertencia, de como confessado o numero, e as circunstancias sobreditas, não se ha de confessar mais, que a especie do peccado 283
§ V. Quinta advertencia, de como se hão de confessar os peccados de pensamento 285
§ VI. Sexta advertencia, de como, quando se confessão os peccados proprios, se deve guardar a fama do proximo 287
§ VII. Septima advertencia, de como se deve procurar bom Confessor 288
CAP. IX. Dos casos, em que a confissão he nulla, e se deve repetir 289

Memorial dos Peccados

Paginas

CAP. X. De algumas accusações para o principio da confissão 291
§ II. Primeiro Mandamento 292
§ III. Segundo Mandamento 293
§ IV. Terceiro Mandamento 294
§ V. Quarto Mandamento 295
§ VI. Quinto Mandamento 297
§ VII. Sexto Mandamento 298
§ VIII. Septimo Mandamento 299
§ IX. Oitavo Mandamento 301
CAP. XI. Dos sete peccados capitáes, ou mortáes 302
§ I. Da soberba 302
§ II. Da Avareza 304
§ III. Da Luxuria 304
§ IV. Da Ira 305
§ V. Da Gula 305
§ VI. Da Inveja 306
§ VII. Da Preguiça 306
CAP. XII. Das obras de misericordia 307
CAP. XIII. De outras accusações mais particulares 307
CAP. XIV. Avisos geráes para conhecer, qual seja peccado mortal, e o que venial 308
CAP. XV. Da terceira parte do Sacramento da Penitencia, que he a satisfação 310
CAP. XVI. Da origem, e causa da satisfação. 314
CAP. XVII. Das tres principaes obras, com que satisfazemos a Deos 326
§ I. Da primeira obra satisfactoria, que he o jejum 327
§ II. Da segunda obra satisfactoria, que he a esmóla 329
§ III. Da terceira obra satisfactoria, que he a Oração 333
CAP. XVIII. Segue-se hum breve méthodo de confessar-se, para as pessoas que se confessão a miúdo 335
§ I. Memorial dos peccados para as pessoas, que se confessão a miúdo 337
§ II. Dos peccados, que se podem ter commettido por omissão 338

Paginas

§ III. Dos peccados, que se podem ter commettido por omissão para comsigo mesmo 340
§ IV. Dos peccados, que se podem ter commettido por omissão contra o proximo 341
§ V. Dos peccados de commissão 341

TRATADO II

CAP. I. Da preparação para receber a Sagrada Communhão 343
CAP. II. Da primeira cousa, que se requer para commungar bem, que he a pureza de consciencia 348
CAP. III. Da segunda cousa, que se requer para commungar, que he a pureza de intenção 352
CAP. IV. Da terceira cousa, que se requer para receber este Sacramento, que he a actual devoção 356
§ I. Do temor, e reverencia, com que se ha de chegar a este Sacramento 358
§ II. Do amor, e confiança, com que se ha de chegar a este Sacramento; e dá-se doutrina especialmente para os pusillánimes 361
§ III. Da fome, e desejo do Pão Celestial deste Sacramento 365
CAP. V. De como se deve tomar tempo, para entender nesta preparação 369
CAP. VI. Do que em particular se deve fazer antes da Communhão 374
CAP. VII. Do que em particular se deve fazer ao tempo da Communhão, e depois della 378
§ Do que em particular se deve fazer, depois de ter commungado 381
CAP. VIII. Do uso dos Sacramentos, e do proveito, que se recebe com a sua frequencia 385
§ I. Dos effeitos do Sacramento da Communhão 387
§ II. Responde-se a algumas objecções de alguns, que por negligencia dilatão muito tempo a confissão, e a Communhão 391
CAP. IX. Qual seja a causa do pouco gosto, e devoção, que alguns sentem, quando celebrão, ou commungão .. 399

Paginas

CAP. X. Se he bom commungar muito a miudo 403
CAP. XI. Põem-se algumas Orações, e Meditação para antes da Sagrada Communhão 413
Oração do Angelico Doutor Sancto Thomás para antes da Sagrada Communhão 413
§ I. Meditação devota para antes da Sagrada Communhão despertar na alma o temor, e amor deste Santissimo Sacramento 414
§ II. Segunda parte desta Meditação, em que se põem algumas considerações para despertar o amor a este Divino Sacramento 419
CAP. XII. Põem-se algumas devotas Orações, e Meditações, nos quaes se poderá occupar o Christão depois da Sagrada Communhão 422
Oração de Santo Thomás de Aquino para dar graças depois da Sagrada Communhão 422
§ Meditação para depois de haver commungado 423
CAP. XIII. Outra muy devota Meditação, para se occupar nella no dia da Sagrada Communhão, considerando na grandeza do beneficio recebido, e dando por elle graças a Nosso Senhor 427
§ Segunda parte desta Meditação 432

† Livros Católicos para Download